

Â n g e l o   L u í s   C o s t a   S i l v e i r a

**A casa-pátio de Goa - um estudo para a sua recuperação**

D i s s e r t a ç ã o   d e   M e s t r a d o   e m  
Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

U N I V E R S I D A D E   D E   É V O R A . 1 9 9 7

Â n g e l o   L u í s   C o s t a   S i l v e i r a

88 803

**A casa-pátio de Goa - um estudo para a sua recuperação**

D i s s e r t a ç ã o   d e   M e s t r a d o   e m  
Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

U N I V E R S I D A D E   D E   É V O R A . 1 9 9 7

Aos meus avós

# ÍNDICE

Nota introdutória .....	4
Introdução.....	5
I. - Metodologia.....	6
II. - O Território.....	38
1. Caracterização Física.....	39
1.1. A geomorfologia.....	39
1.2. Clima .....	40
1.2.1. A chuva.....	40
1.2.2. A temperatura .....	41
1.2.3. A humidade .....	41
1.2.4. O vento .....	41
2. Caracterização Histórica.....	42
2.1. Notas históricas sobre a Índia.....	42
2.2. Goa pré-portuguesa .....	48
2.3. O domínio português em Goa .....	54
III. - A Casa-pátio .....	58
1. O Conceito.....	59
2. A História .....	59
3. A Casa-pátio de Goa.....	74
IV. - A Casa-pátio Hindu.....	76
1. Princípios.....	77
2. Estrutura Familiar .....	82
3. Enquadramento.....	83
4. Caracterização Morfológica .....	83
5. Caracterização Construtiva.....	86
5.1. Cobertura .....	86
5.2. Paredes.....	87
5.3. Fundações e Pisos.....	87
5.4. Vãos.....	88
5.5. Elementos Complementares .....	89
5.6. Os Pátio .....	90
6. Diagnóstico.....	92

V. - A Casa-pátio Cristã .....	94
1. Princípios.....	95
2. A Estrutura Familiar .....	95
3. Enquadramento.....	96
4. Caracterização Morfológica .....	98
5. Caracterização Construtiva.....	99
5.1. Coberturas .....	100
5.2. Paredes.....	101
5.3. Fundações e Pisos.....	102
5.4. Vãos.....	103
5.5. Elementos Complementares .....	104
5.6. Os Pátios.....	105
6. Diagnóstico.....	109
VI. - Análise Comparativa.....	111
VII. - Materiais .....	114
1. Rochas .....	116
1.1. - A laterite .....	117
2. Argamassas.....	121
2.1. - A cal (o ligante).....	124
2.1.1. - os pigmentos .....	124
2.2. - As areias (os inertes) .....	125
2.3. - Os aditivos (o <i>padkalí</i> , a goma, as fibras, a jagra, ...)	126
2.4. - Os estuques .....	127
3. Madeiras .....	128
4. Carepas .....	133
5. Telhas .....	134
VIII. - Elementos Arquitectónicos Singulares.....	137
1. Telhados de Tesouro(a).....	138
2. Alpendres.....	140
3. Varandas.....	141
IX. - Recuperação das casas-pátio de Goa.....	144
1. Contexto .....	145
2. Método.....	146
3. A casa Lima Fernandes: uma proposta de recuperação.....	148
3.1. - Levantamento fotográfico .....	152
3.2. - Programa de intenções .....	153
3.3. - Levantamento gráfico.....	156

Conclusões.....	157
Agradecimentos.....	159
Bibliografia.....	160
Índice de figuras .....	164

#### ANEXOS (em volume separado)

Anexo I: fichas das casas-pátio de Goa.....	1
Anexo II: as <i>comunidades</i> .....	2
Anexo III: Tulsi - a planta sagrada .....	6
Anexo IV: similitude de termos construtivos em concani e português .....	12
Anexo V: experiências sobre as potencialidades da laterite como pedra de construção .	14
Anexo VI: análises laboratoriais de amostras de materiais .....	18

## NOTA INTRODUTÓRIA

Este trabalho foi realizado entre 1995 e 1997, desenvolvendo-se em duas fases a que corresponderam duas viagens à Índia.

A primeira realizou-se entre Novembro de 1995 e Janeiro de 1996 com o objectivo de identificar o universo de estudo, de seleccionar as casas e de estabelecer os contactos em ordem ao seu conhecimento e registo (gráfico e fotográfico).

A segunda efectuou-se em Setembro de 1996 e visou sobretudo, em período de fim de monções, avaliar os seus efeitos e as mais correntes vulnerabilidades das casas. Pretendia-se também seleccionar uma casa para um estudo pormenorizado, fazer uma incursão sobre os diferentes materiais utilizados, procurando conhecer a sua origem, características e potencialidades.

Ali, tantas vezes condicionados por um quotidiano adverso, por um ritmo e uma lógica incontornável, confirmámos o afecto, a sensibilidade e a criatividade que prevalece e distingue a sua gente.

# INTRODUÇÃO

A cultura de Goa caracteriza-se pela sua singular capacidade aglutinadora, onde a par de percursos mais estritos, coexistem outros mais permeáveis, onde por meio de expressões populares, eruditas, religiosas ou pagãs se encontram e se manifestam condições e formas de vida.

A arquitectura como as artes plásticas e decorativas, a música, a culinária, foram e são ainda hoje testemunho vivo dessas realidades pelo que importa animar em permanência todos os seus dinamismos. Animar significa aqui, identificar as suas características e actualizá-las para que sirvam e representem a consciência individual e colectiva da sua comunidade.

A arquitectura é em qualquer lugar, a expressão concentrada dos três vectores essenciais de uma sociedade: o religioso, o socio-político e o económico. Do palácio à cabana, a localização, o programa, os materiais, as tecnologias, a ocupação são sinais indeléveis e inequívocos de quem os usufrua.

Incidimos o nosso estudo sobre a arquitectura doméstica. Onde radicam os valores das pessoas, onde “... se concentra e afirma muita da expressão “*íntima*” e do entendimento profundo do espaço pela comunidade, ou seja, de como esse colectivo “*sente*” que deve usar o espaço.”<sup>1</sup>, onde se cruzam espontaneamente as influências da arquitectura popular com a erudita e por consequência de valores e de técnicas que se aceitam como complementares ao mesmo tempo que se expressam as vicissitudes das épocas e dos poderes.

Acreditamos na arquitectura doméstica de Goa como um elemento integrante da sua paisagem sujeita a acelerados processos de descaracterização, pelo que se considera imperativo o seu registo, reconhecimento e divulgação.

Detivemo-nos nas casa-pátio pelo seu carácter universalista, transcivilizacional, mas também pela sua persistência como modelo de charneira e pela sua capacidade de marcar as habitações dos cristãos, abrindo caminho a um modelo autenticamente miscégeno.

A esta escolha não foi naturalmente alheia a exequibilidade do trabalho, tendo em conta a limitação das visitas e o facto de não existirem registos, documentação ou levantamentos gráficos das casas.

Um estudo sobre as casas de Goa será sempre incompleto enquanto não houver um inventário oficial, rigoroso na informação, credível e abrangente em termos tipológicos e geográficos. Procurando suprir esta lacuna definimos um universo de estudo e elaborámos o nosso próprio inventário, que apresentamos como ANEXO I, privilegiando a análise morfológica e construtiva das casas.

Entendendo as casas como o resultado de relações sociais, complexas e ambíguas, quantas vezes inter-culturais e a respectiva recuperação como a sua interpretação, pelo que era imperativo fazer uma aproximação histórica-geográfica-arquitectónica do modelo.

---

<sup>1</sup> José Manuel Fernandes, *A Arquitectura*, Lisboa, col. Sínteses da Cultura Portuguesa - Europália 91, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1991, p.84.



## **I - METODOLOGIA**

# I - METODOLOGIA

Na impossibilidade de acedermos a todas as casas do território, considerámos como suporte inicial de trabalho uma listagem que consta de um Relatório do Governo<sup>2</sup> e ao qual fomos sucessivamente acrescentando ou retirando elementos, em função do nosso objecto de estudo.

Neste Relatório solicitado em 1984 pelo Governo do então “Union Territory”<sup>3</sup> de Goa, Damão e Diu<sup>4</sup> pretendia-se que fossem dadas recomendações para a conservação de imóveis e sítios com valor estético, histórico ou ambiental e adiantavam-se os termos das intenções: primeiro uma listagem dos imóveis e lugares de inequívoco interesse, seguida das medidas de salvaguarda tendo em conta as especificidades inerentes a cada caso.

A Comissão era coordenada por um “Development Commissioner” e composta pelo Director do Turismo (Goa), o Director dos Arquivos, Arqueologia e Museu (Goa), o Vice-Presidente e Secretário do Indian Heritage Society (Goa) e por dois técnicos da Direcção do Town and Country Planning Dpt.(Goa).

O mérito deste trabalho reside no facto de pela primeira vez se ter considerado e enaltecido a importância das casas particulares, a par dos monumentos, como elementos singulares e essenciais para preservar a identidade do território. Dizia-se então: - “*What contributes more to the character of the territory and what is much more in danger of loss or destruction, is a very large number of churches, chapels, temples, houses and other buildings or structures scattered throughout the territory which are individually no doubt of secondary importance but which cumulatively are of comparable or perhaps even of greater value and importance than a few famous monuments.*” e advertia-se face ao crescimento galopante de novas construções, em particular nas cidades: - “*New houses of entirely the same type can no longer be constructed. The conservation of this heritage is, therefore a matter of overriding concern.*”

De entre todas as casas particulares visitadas, a Comissão agrupou-as em três níveis para os quais preconizou acções distintas:

- nível 1 -conservação da casa com o seu recheio;
- nível 2 -conservação das fachadas da casa;
- nível 3 -registo fotográfico/ documental.

Para o primeiro grupo seleccionou oito casas, rejeitando todas as que foram alvo de intervenções descaracterizadoras. Para elas recomenda algumas medidas de apoio que passam:

- (i) pela descrição e registo fotográfico pormenorizado da casa e do seu recheio;
- (ii) pela preparação de um folheto-guia da casa;
- (iii) pela abertura da casa ao público sob os auspícios do governo e com horário determinado;
- (iv) pela vigilância e arranjo da envolvente;
- (v) pelo apoio do governo a eventuais reparações da casa, considerando que os lucros deveriam ser partilhados proporcionalmente tendo em conta os gastos de investimento inicial e os calculados para a manutenção anual.

<sup>2</sup> Gvt. Dep., *Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance*, Panjim, Government of Goa, 1991.

<sup>3</sup> Ver caracterização histórica

<sup>4</sup> order No. 4/64/82- LAWD -21.1 84

Entendia-se então como essencial o compromisso com sectores do governo, nomeadamente com o Tourism Development Corporation e/ou com instituições nacionais de mérito que acima de tudo veiculassem e prestigiassem o projecto. Por exemplo, o Indian National Trust for Art and Cultural Heritage.

Para o segundo grupo de casas, mais abrangente, preconiza:

- (i) que a manutenção e a reparação das fachadas exteriores seja garantida pelo governo desde que o proprietário não pretenda alterá-la, podendo fixar-se um tecto financeiro, excedível excepcionalmente;
- (ii) que a assistência do governo abranja as reparações estruturais quando estas afectem a imagem externa da casa, podendo atingir 25% do custo total;
- (iii) que o governo providencie um incentivo ao proprietário que mantenha a estrutura antiga da casa em lugar de a substituir por outra de betão.

Para estas casas a Comissão propõe ainda no seu relatório um esquema de “turismo de habitação” de média e alta categoria, desde que sejam observadas algumas regras a sancionar por uma entidade competente e para o efeito designada. Destaca-se a prescrição de índices sanitários e de higiene compatíveis, a satisfação de índices de conforto, de qualidade estética e de segurança, a satisfação de índices de qualidade nos serviços a fornecer aos hóspedes e a regulamentação das tarifas a implementar.

Para o terceiro grupo e como se disse, a Comissão sugere apenas o registo fotográfico/documental.

Não deixa de ser curioso notar o facto de relacionarem a manutenção das casas a departamentos ou entidades relacionadas com o turismo, em lugar dos serviços que já dão apoio aos monumentos nacionais e estaduais.

Com efeito, Goa tem 18 imóveis e sítios protegidos<sup>5</sup>, reconhecidos como “Monumentos de Importância Nacional”, cuja manutenção cabe ao Archaeological Survey of India e 44 outros sob a tutela estadual<sup>6</sup>, a cargo da Direcção dos Arquivos, Arqueologia e Museu de Goa. Pode, pois, dizer-se que, independentemente da sua eficácia e das suas qualidades interventoras, existe uma estrutura que tutela os imóveis classificados.

Sobrepor o vector económico ao cultural, induziu alguns proprietários a uma certa suspeição e distanciamento relativamente a este processo, o que fragilizou a sua abrangência e representatividade.

Considerámos, pois, a listagem efectuada pela Comissão como um importante ponto de partida. Nela se referenciam 82 casas dispersas por todas as talukas<sup>7</sup> do território, ainda que com maior incidência nas velhas conquistas.

Para cada caso procurámos (i) reconhecer e registar o imóvel, (ii) recolher documentação (material gráfico, fotográfico, bibliográfico...) e (iii) inquirir acerca dele, dos seus aspectos vivenciais, como abordagem de complemento.

O reconhecimento e o registo efectuou-se com base em uma ou mais visitas à casa, identificando e seleccionando as casa-pátio -nosso objecto de estudo e coligindo a informação possível;

<sup>5</sup> ao abrigo da “*Ancient Monuments and Archaeological Sites and Remains Act*” - 1958 (Central Act).

<sup>6</sup> ao abrigo da “*Goa, Daman and Diu Ancient Monuments and Archaeological Sites and Remains Act*” - 1978.

<sup>7</sup> Divisão administrativa do tempo dos portugueses e que corresponde a concelhos.

-(i) Para a sistematização de informação criaram-se fichas síntese: -duas folhas A<sub>4</sub> frente e verso, sendo a primeira descritiva e a segunda de registos gráficos e fotográficos. Na frente da primeira identifica-se, caracteriza-se e analisa-se a casa em geral, enquanto no verso se pormenorizam componentes da casa como o(s) pátio(s), a(s) varanda(s) ou o(s) alpendre(s).

Na frente da segunda folha assinala-se a povoação no mapa oro-hidrográfico de Goa e no rodoviário da taluka com uma fotografia do exterior da casa, enquanto no verso se representa a planta do piso térreo (sempre que possível) e uma fotografia do pátio interior.

Quando não se trata de uma casa-pátio, ou quando a casa não é relevante para o estudo, a ficha resume-se a uma folha composta com a frente das duas, isto é, omitem-se os respectivos versos.

Ainda assim pareceu-nos importante, registar as diferentes tipologias para melhor criteriar e distinguir o que havíamos seleccionado.

-(ii) A recolha do material bibliográfico sobre as casas revelou-se uma tarefa pouco frutífera, na medida em que pouco existe publicado acerca das casas e das famílias. Encontrámos algumas monografias de aldeias com referências genealógicas, uma e outra brochura alusiva ou comemorativa do(s) feito(s) do(s) notáveis oriundos de determinada casa e um ou outro trabalho académico pontuado por alguma investigação.

-(iii) A mais expectante fonte consistia na inquirição aos proprietários das casas, contudo, poucos conheciam com rigor e com provas (documentação) os percursos da sua ascendência, o que muitas vezes surpreendia em face do orgulho que ostentavam. As gerações masculinas, mais idosas, sendo escassas eram as mais conhecedoras e entusiastas.

Com uma esperança de vida superior, as mulheres, pela sua própria condição, descansavam este saber nos maridos entretanto desaparecidos.

Uma casa é, por definição, um reduto, um espaço privado pelo que o acesso às casas nem sempre foi facilitado, sendo necessário optar frequentemente por uma recomendação local.

O assédio de que algumas casas têm vindo a ser vítimas por estrangeiros, o clima de desconfiança instaurado, a que não é alheia uma certa demagogia de património e a insegurança crescente do território, justificavam os receios.

Acresce a estes factos o pudor da degeneração, a incapacidade de sustentação das casas e a própria decadência da economia e da estrutura familiar.

É interessante a referência que o relatório da Comissão, então fazia a uma certa indisponibilidade por parte de alguns proprietários em participarem naquela classificação e naquele programa. Lembravam a propósito, que ao abrigo do “*Goa, Daman and Diu Ancient Monuments and Archaeological Remains Act*” de 1978, uma casa secular, com valor histórico e arquitectónico pode ser notificada, a fim de que se chegue a um compromisso para a sua classificação e rematavam em tom pouco cordato:

“*It may not be proper to adopt coercive measures in their regard, if the owner is reluctant to enter into any agreement voluntarily.*”

Esta rejeição não é infundada ou esporádica, conhecendo-se o poder dos *lobbies* da construção, a necessidade de uma política popular e de massas contra uma elitista<sup>8</sup> ou mesmo a falta de um certo corporativismo por parte dos proprietários das casas. Assiste-lhes, por um lado, a suspeita das contrapartidas, tendo ainda bem presente a posse dos terrenos de cultivo das comunidades pelos seus arrendatários e a venda a preços simbólicos das propriedades a famílias de poucos recursos<sup>9</sup>. Por outro acresce como vimos, a subversão da tão acalentada privacidade do lar e nalguns casos o desgosto da “entrega” a um povo que ainda sentem não ser o seu.

Com o decurso do trabalho apercebemo-nos que seria necessário incluir outras casas de que íamos encontrando referências, por similitude tipológica ou de algum elemento de composição, pela construção insólita, pela localização, por ser estruturante, por ser pertença de outro ramo familiar, por se tratar da casa ascendente ou descendente, por ser um paradigma, por encerrar um facto histórico... por tantas razões quantos os parâmetros que procurámos sistematizar na matriz da ficha.

Acresce o facto da lista oficial, como nos viemos paulatinamente a aperceber, não corresponder a critérios uniformes de qualidade e carácter arquitectónico, histórico e artístico dos imóveis; de não ser suficientemente abrangente da arquitectura doméstica de Goa; de não ser suficientemente heterogénea privilegiando o elenco de casas cristãs, face às hindus. Foram os próprios responsáveis daquele projecto, de que tentámos em vão explorar o fio, quem no-lo confirmou.

Persiste, ainda assim, o mérito do trabalho desencadeado em prol de um património que se esvanece de dia para dia, sem conhecer direitos.

A nossa lista base foi sendo progressivamente filtrada, até obtermos uma rede, um universo que considerássemos representativo das casas-pátio, com os registos técnicos susceptíveis de serem analisados, para que se pudesse ponderar a sua conservação.

Nada se conserva, ou se preserva, sem que se conheça.

Apresentamos, de seguida a ficha “Casas de Goa” com a sua matriz de leitura, bem como a lista de casas fornecida no relatório do governo e aquela que constituímos como nosso universo de trabalho. Por fim damos conta dos quadros-síntese contendo e sistematizando a informação recolhida.

---

<sup>8</sup> Recorde-se que de acordo com o *Statistical Pocket Book of Goa, 1991-93*, a população duplicou de 600 000 hab. em 1960 para os 1 200 000 hab em 1991, com uma forte componente de imigração a partir dos vizinhos estados do Maharashtra e Karnataka, logo de população hindu e muçulmana.

<sup>9</sup> Ver Teotónio R. de Souza, *Goa - Roteiro Histórico-Cultural*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1996, p.40.

## I -IDENTIFICAÇÃO

1. Família/Proprietário:.....  
 2. Endereço:.....  
 3. Local (estado/taluka/aldeia):.....

## II -DESIGNAÇÃO

4. Casa cristã/hindu.  
 5. Casa (não) incluída no Relatório "Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance"-Gvt. Goa (1986).  
 6. Tipologia: -casa-pátio ; -casa sobradada com/sem capela lateral/fronteira; -outra

## III -ENQUADRAMENTO

7. Paisagem: -várzea.....; -árida.....; -plantação específica.....; -mata.....; -outra:.....  
 8. Relevo: -planície.....; -encosta.....; -vale.....; -outro:.....; -cota média aprox.:.....  
 9. Ambiente: -litoral.....; -interior.....; -urbano.....; -rural.....; -outro:.....  
 10. Implantação: -não/camuflada.....; -semi/isolada.....; -em núcleo.....; -preponderante.....; interactiva.....  
 11. Acesso: -por via pública.....; -por caminho privado.....; -com/sem asfalto; -próximo de via fluvial/ferroviária/outra.....  
 12. Frente: -não/murada; -com/sem pórtico; -com/sem jardim; -vegetação rasteira/arbustiva/arbórea; -com/sem poço.....  
 -entrada ao centro/excêntrica/de lado.....; -com/sem varanda/sacadas; -com/sem alpendre.....; -com/sem sobre-elevação;  
 13. Traseiras: -não/murada; -com/sem anexos; -com/sem poço; -com/sem alpendre; obs.:.....  
 14. Orientação predominante: frente ; -cozinha(s) ; quarto(s) ; poço(s) ; -obs.:

## IV -CARACTERIZAÇÃO

15. Cronologia/Genealogia:..... Número de ocupantes:.....  
 16. Morfologia/Programa(a)  
 -um/dois/três pátios.....; -hierarquia/anarquia de funções.....  
 -planta regular/irregular; -oratório/puja.....; com/sem piso superior.....  
 Obs.:.....  
 17. Alterações: -divisórias interiores.....; -ampliações p/ cozinha(i)..... sanitários(ii)..... outra(iii).....  
 -fachadas alteradas(i)..... (ii)..... (iii).....; Obs.:.....  
 18. Técnica/Construção (b)  
 -Cobertura: -telhado.....; -estrut. madeira/outra.....; -com/sem beirado simples/duplo/triplo.....; -com/sem cornija;  
 -chaminé(s).....; -tecto(s) liso/trabalhado/masseira/outro(s).....; -madeira/outra matéria.....  
 Obs.:.....  
 -Alvenarias: -aparelho de laterite.....; -terra.....; -mista.....; -tijolo.....; -outro.....  
 -reboco caiado/pintado; Obs.:.....  
 -Fundações:.....  
 -Pavimentos: -bosta+cal+(cinza).....; -cal+cairo+jagra.....  
 -embutidos vidrados.....; -tijoleira.....  
 -mosaico hidráulico.....; -betonilha.....  
 -mistos.....; -outros.....  
 Obs.:.....  
 -Vãos: -janelas de guilhotina/pivotante/translação.....com vidro/carepas/misto.....  
 -janelas de sacada.....com vidro/carepas/misto.....  
 -grades(balaústres/prumos quadrangulares/outros).....  
 Obs.:.....  
 Ver IV.1 -REFERÊNCIAS (Pátio/Varanda/Alpendre) no verso da folha.

## V -ANÁLISE

19. Aspectos Interactivos (elementos singulares e de relevo susceptíveis de ter em conta numa análise global)

20. Diagnóstico Patológico (identificação e interpretação de anomalias/deficiências/desvios do sistema)

#### IV.1 REFERÊNCIAS

Pátio I (a numeração corresponde ao percurso da frente para o tardo da casa)

localização:.....

(a) - gênese (de origem/por cumulação):.....

- forma (quadrado/rectangular/fechado/aberto);.....

- utilização (sagrada/doméstica/jardim/poço de ar);.....

- dimensões (m)(.....x.....) ; desnível(m) (.....);

- acesso:.....

(b) - guarda:.....

- colunas:.....

- cobertura:.....

- pavimentos:.....

- drenagem:.....

Obs.:.....

Pátio II

localização:.....

(a) - gênese (de origem/por cumulação):.....

- forma (quadrado/rectangular/fechado/aberto);.....

- utilização (sagrada/doméstica/jardim/poço de ar);.....

- dimensões (m)(.....x.....) ; desnível(m) (.....);

- acesso:.....

(b) - guarda:.....

- colunas:.....

- cobertura:.....

- pavimentos:.....

- drenagem:.....

Obs.:.....

Pátio III

localização:.....

(a) - gênese (de origem/por cumulação):.....

- forma (quadrado/rectangular/fechado/aberto);.....

- utilização (sagrada/doméstica/jardim/poço de ar);.....

- dimensões (m)(.....x.....) ; desnível(m) (.....);

- acesso:.....

(b) - guarda:.....

- colunas:.....

- cobertura:.....

- pavimentos:.....

- drenagem:.....

Obs.:.....

Varanda/Sacadas/Galerias (considera-se as que existem sobre a fachada principal)

(a) - gênese/composição:.....

- largura ( ..... m);.....

(b) - guarda:.....

- pavimento:.....

- cobertura:.....

Obs.:.....

Alpendre

(a) - gênese:.....

- dimensões (m)( .....x.....)(cxi sendo c o afastamento em relação à fachada e l a largura medidos pelo exterior);

- escadaria:.....

- bancos:.....

(b) - telhado (uma/duas/três/quatro águas);.....

- colunas (circular/quadrangular/outras);.....

- laterais (abertos/fechados em sistema de(guilhotina/pivotante/outro)com(carepas/vidros/outro);.....

- pavimento:.....

Obs.:.....

.....

.....

.....

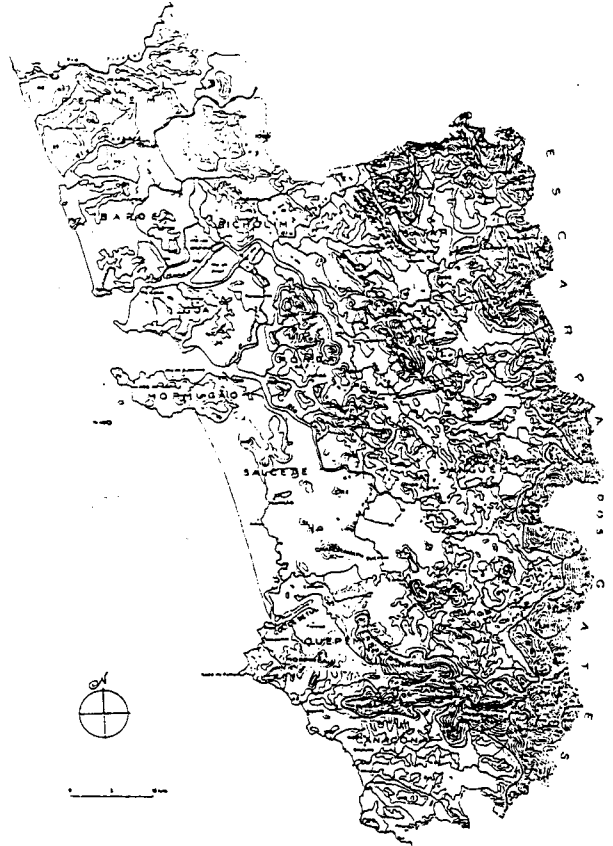
.....

.....

21. Documentação gráfica:.....  
22. Documentação fotográfica:.....  
23. Documentação administrativa/bibliográfica:.....  
24. Observações:.....  
25. Data de visita:.....

VII -APROXIMAÇÃO

26. Mapa de localização



27. Ilustração exterior



28. Planta do piso principal

29. Ilustração interior

## MATRIZ DA FICHA “CASAS DE GOA”

Código: estado/ taluka/ povoação/ casa (P)

Assim, temos - **estado** de Goa : GA;

- **taluka** de: -Bardez (BA); -Bicholim (BI); -Canácona (CA); -Ilhas Tiswadi (IT);  
-Mormugão (MO); -Pondá (PO); -Pernem (PE); -Quepém (QP);  
- Salcete(SA); -Sanguém (SG); -Satari (ST);

- a cada **povoação** corresponde um número atribuído por ordem alfabética em cada taluka de acordo com o mapa oficial do estado;

- a cada **casa** corresponde um número atribuído por ordem de visita em cada povoação sendo acrescentado um (P) às casas com pátio.

I -Identificação: nome da família ou entidade proprietária (endereço/ contacto);

II -Designação: triagem face às restantes casas que constam no relatório do Governo e que foram o nosso ponto de partida. Identificação do credo (hindu ou cristão) e da tipologia da casa, considerando como referências englobantes e autónomas a casa-pátio (com pátio fechado, em “U” ou em “L”, a casa sobradada (com sobrado) e a casa-torre (com vestígios de um volume proeminente estrutural ou formal). Qualquer destes modelos se interrelacionam com frequência, seja por razões topográficas, seja por razões de afirmação socio-política inerente a uma certa actualização do programa, pelo que podem ter uma designação múltipla.

III -Enquadramento: aspectos da envolvente que condicionaram ou podem condicionar a casa. Caracteriza-se primeiro os aspectos físicos; a paisagem, o relevo e o ambiente com recorrência aos tipos mais frequentes no estado de Goa e procurando precisar a cota média da construção.

Na implantação pretende-se distinguir e interpretar o papel social da casa, entenda-se da família e do grupo que representa, na comunidade. Considera-se que a mesma pode estar à margem ou no cerne da povoação, pode estruturar uma área ou pode ainda interagir com algum elemento da paisagem ou do horizonte. O acesso, a frente e as traseiras são alguns dos elementos imediatos de significação.

A orgânica do jardim, a sua relação com a casa, com a fachada e a sua utilização é outro ponto de análise e informação, tanto mais que é distinta nas culturas em causa.

IV -Caracterização: com base na informação disponível (documentada, deduzida a partir da genealogia, a partir de materiais ou da gramática da arquitectura) procura-se situar cronologicamente, registando por um lado as características do programa e por outro as da(s) tecnologia(s) utilizada(s).

Ressaltam as **referências** (no verso da folha), essenciais para o estudo e sobre os quais é requerida uma análise mais detalhada do ponto de vista morfológico(a) e tecnológico(b). São o pátio, a varanda e o alpendre. Em ambos os casos procura-se caracterizar em termos de forma, de dimensões, de utilização, de materiais e sistemas construtivos, considerando para o caso do pátio, a sua multiplicidade e para os restantes a sua presença no corpo principal.

V -Análise: nos aspectos interactivos destacam-se os aspectos mais relevantes da casa, passíveis de estabelecerem relações e permitirem comparações entre casos de estudo.

Em ordem à fase final do trabalho elenca-se as patologias detectadas para verificar se existe ou não uma certa uniformidade de efeitos e de causas, sejam físicos ou humanos.

VI -Suporte: registo da documentação disponível consultada e produzida para aquele caso específico.

VII -Aproximação: localização do sítio (cidade/vila/povoação) no mapa de Goa (com escala gráfica) e fotografia do exterior da casa.

VIII -Levantamento gráfico: apresenta-se o levantamento efectuado (desenhado em CAD) e uma fotografia do interior, com incidência sobre o pátio.

## Lista de casas apresentadas no relatório do Governo de Goa:

-“*Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance*”, Gvt. Goa -1986.

### **BARDEZ**

1. Mr. Auspício Rodrigues, Aldoná;
2. Mr. Fernando Rebelo, Anjuna;
3. Mr. Joe Albuquerque, Anjuna;
4. Mr. João Xavier Pinto, Arporá;
5. Mr. Sertório Frias, Arporá;
6. Dr. Aleixo Gomes, Calangute;
7. Mr. Miguel Mascarenhas, Baga -Calangute;
8. Mr. Aleixo Proença, Calangute;
9. Mr. Matias Lemos, Candolim;
10. Dr. Gustavo Monteiro, Candolim;
11. Dr. José Frias Costa, Candolim;
12. Mr. Pedrinho Gonçalves, Guirim;
13. Mr. Mário Frias Pinto, Socorro;

### **BICHOLIM**

1. Dessai of Lamgaon, Lamgaon;

### **CANÁCONA**

1. M. M. P. Boruskar Dessai, Borus, Poinguinim;

### **ILHAS TISWADI**

1. Mr. Valadares, Altinho -Panjim;
2. Mr. Pascoal Menezes, Altinho -Panjim;
3. Mr. Vieira Velho, Portais -Panjim;
4. Mr. Mário Ribeiro de Santana, Fontainhas -Panjim;
5. Mr. Lima Fernandes, Fontainhas -Panjim;
6. Mr. Cristóvão Nazareth, Fontainhas -Panjim;
7. Mr. Diogo Fonseca, Fontainhas -Panjim;
8. Mr. Rodrigues, Portais -Panjim;
9. Mr. Ivo Andrade, Fontainhas -Panjim;
10. Mr. Victor Dias, Panjim;
11. Residence of Superintendent of the Post Office, Panjim;

## ILHAS TISWADI (continuação)

12. Hotel República, Panjim;
13. Mr. Paulo Mesquita, Campal -Panjim;
14. Prof. Leão Fernandes, Campal -Panjim;
15. Mr. Camilo Palha, Agassaim;
16. Mr. Einstein Cota Menezes, Agassaim;
17. Mr. Lima Fernandes, Chorão;
18. Mr. Abel Pereira e Silveira, Naroá -Divar;
19. Mr. Teófilo Pinto, Santa Cruz;
20. Mr. Dempo's, Santa Cruz;
21. Mr. Máximo Menezes, Goa Velha;
22. Fr. Conceição Rosa, Santo Estevão;
23. Mr. Aires Abílio Noronha, Neurá;
24. Mr. Rómulo Noronha, Neurá;
25. Conde de Brucellos, Ribandar;
26. Mr. Alberto Colaço, Ribandar;

## MORMUGÃO

1. Mr. Walfred Antão, Arossim;
2. Mr. Bossuet Barros Pereira, Cansaulim;
3. Dr. Tristão Bragança da Cunha, Cuelim;
4. Mr. Barbuno de Menezes, Cuelim;
5. Mr. Marçal Barreto, Velsão;
6. Mr. Benício Rebelo, Velsão;
7. Dr. Blásio de Sousa, Velsão;
8. Mr. Eleutério de Sousa, Velsão;
9. Mr. Francisco Maria de Sousa, Velsão;

## PERNÉM

1. Rau Raje Deshprabhu, Perném;

## PONDÁ

1. Savai Sadashiv Basaling Raje Vader, Sundém -Bandorá;

## SALCETE

1. Dr. Eurico Silva, Margão;
2. Mr. Aires da Costa, Margão;
3. Mr. Aureleano Miranda, Margão;
4. Mr. Kashinath Damodar Naik, Margão;
5. Dr. Tito Vaz, Assolná;
6. Mr. Correia Afonso, Benaulim;
7. Mr. Armando Lima Pereira, Benaulim;
8. Mr. Eucher Pereira, Benaulim;
9. Mr. Joaquim Pereira, Benaulim;
10. Mr. António Rosário Rodrigues, Benaulim;
11. Prof. Teotónio Alemão, Betalbatim;
12. Mr. Zacarias Antão, Betalbatim;
13. Prof. Julia Godinho Gonçalves, Calata;
14. Mr. Menezes Bragança, Chandor;
15. Mr. Vicente Paulo Fernandes, Chandor;
16. Dr. Álvaro Loyola Furtado, Chinchinim;
17. Dr. José Silva Pereira, Colvá;
18. Mrs. Olga Costa, Curtorim;
19. Mr. Sarto Menezes, Curtorim;
20. Mr. Adélia Costa, Loutolim;
21. Mr. Mário Miranda, Loutolim;
22. Mr. Trifónio Jaques, Majordá;
23. Mr. Cosme Cabral, Nagoá;
24. Mr. Francisco Gama, Nagoá;
25. Mr. José Paulo da Costa Morgado, Utordá;
26. Mr. Filipe Abranches, Verná;
27. Mr. Cosme Araújo, Verná;
28. Mr. Grisóleo da Gama, Verná;
29. Mr. Caetano Salvador Vaz, Carmona;

## SATARI

1. house of Ranes, Sanquelim;

**Nota:** Desta lista só não se visitaram as casas cuja entrada não foi permitida, ou foi muito condicionada; as casas cujos proprietários não foi possível identificar e fazer corresponder (note-se que os nomes referem-se a proprietários de 1984, muitos deles entretanto falecidos), apesar do auxílio de locais; as casas que para além de não possuírem pátio eram de implantação e construção contemporânea -séc.XX.

# Lista de Casas Visitadas e Registadas em Ficha (universo de estudo)

## BARDEZ (BA)

- 01 -Aldoná
  - . 01 casa Rodrigues (P) (1)
- 02 -Anjuna
  - . 01 casa Albuquerque (!) (1)
  - . 02 casa Mascarenhas, Armando (P) (2)
  - . 03 casa Rebelo (P) (1) (2)
  - . 04 casa Souza (!) (P)
  - . 05 casa Gama Pinto (P) (2)
- 03 -Arporá
  - . 01 casa Pinto, Xavier (!) (1)
  - . 02 casa Frias, Sertório (!) (1)
- 06 -Baga
  - . 01 casa Mascarenhas, Miguel (P) (1)
- 08 -Calangute
  - . 01 casa Proença (P) (1) (2)
  - . 02 casa Pinto (Gama Menezes) (P) (2)
  - . 03 casa Pinto, Lira (P) (2)
  - . 04 casa Gomes, Aleixo (!) (1)
- 10 -Candolim
  - . 01 casa Monteiro (P) (1)
  - . 02 casa Costa Frias (P) (1) (2)
  - . 03 casa Pinto (Bosio Hospital) (!)
- 12 -Guirim
  - . 01 casa Gonçalves (P) (1) (2)
- 13 -Mapuçá
  - . 01 casa Saldanha (P) (2)
  - . **02 casa Bhobe, Hiranath (P) (2)**
  - . **03 casa Bhobe, Upendra (P) (2)**
- 14 -Moirá
  - . 01 casa Gama (P)
- 18 -Parra
  - . 01 casa Costa Graça (P) (!)
- 21 -Porvorim
  - . 01 casa Ribeiro (P)
  - . 02 casa Ribeiro de Santana
- 23 -Sinquerim
  - . 01 casa Lemos (P) (1)
- 25 -Socorro
  - . 01 casa Frias Pinto (P) (1) (2)

NOTAS: (04 -Assagão; 05 -Assonorá; 07 -Bastorá; 09 -Camorlim; 11 -Colvale; 15 -Nerul; 16 -Oxel; 17 -Pirna; 19 -Pilerne; 20 -Pomburpá; 22 -Saligão; 24 -Siolim; 26 -Tivim; 27 -Vagator);  
-casa cristã/ -casa hindú; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório  
"Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance", Gvt. de Goa -1986; (2) -casa  
cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.

## CANÁCONA (CA)

02 -Borus

. 01 casa Boruskar Dessai (P)(1)

NOTAS: ( 01-Agonda; 03 -Butpal; 04 -Canacona island; 05 -Chauri; 06 -Cola; 07 -Cotigão; 08 -Loliem; 09 -Nagorcem; 10 -Palolem; 11 -Poinguinim; 12 -Polem);  
-casa cristã/ -**casa hindú**; (P) -casa com pátio; (1) -casa que consta do relatório "Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance", Gvt. de Goa -1986.

## ILHAS TISWADI (IT)

01 -Agassaím

. 01 casa Camilo Palha (1)(1)

. 02 casa Cota (1)

05 -Chorão

. 01 casa Lima Fernandes (P)(1)(2)

09 -Goa Velha

. 01 casa Menezes, Máximo (1)(1)

10 -Juá (de Santo Estevão)

. 01 casa Conceição Rosa (1)(1)

11 -Mandur

. 01 casa Abílio Noronha (P)(1)(2)

. 02 casa Rómulo Noronha (P)(1)(2)

13 -Naroá

. 01 casa Pereira e Silveira (P)(1)

14 -Neurá

. 01 casa Castilho Noronha

15 -Panjim

. 01 casa Mesquita (P)(1)

. 02 casa Leão Fernandes (1)

. 03 Hotel República (1)

. 04 casa do Superintendente dos Correios (1)(1)

. 05 casa Valadares (1)(1)

. 06 casa Ribeiro Santana, Mário (1)

. 07 casa Andrade (1)

. 08 casa Lima Fernandes (1)

. 09 casa Sequeira Nazareth (P)(1)(2)

. 10 casa Vieira Velho (1)(1)

. 11 casa Loundó (P)(2)

. 12 casa Kowalkar (P)(2)

. 13 casa Mamai Kamat (P)(2)

. 14 casa Shankwalker (P)(2)

. 15 casa Dempó (P)

. 16 casa Dias (1)

. 17 casa Fonseca/ Fundação Oriente (1)

## ILHAS TISWADI (IT) (continuação)

16 -Ribandar

. 01 casa Kamat (P)

. 02 casa Colaço (!) (1)

17 -Santa Cruz

. 01 casa Pinto, Renato (!)

. 02 casa Dempó (!) (1)

. 03 casa Kenkre (P)

NOTAS: (02 -Bambolim; 03 -Cabo; 04 -Carambolim; 06 -Corlim; 07 -Combarjua; 08 -Divar; 12 -Mercurim; 18 -Siridão; 19 -Velha Goa); casa cristã/ casa hindú; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório "Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance", Gvt. de Goa -1986; (2) -casa cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.

## MORMUGÃO (MO)

01 -Arossim

. 01 casa Antão, Walfrido (P)(1)

02 -Cansaulim

. 01 casa Barros Pereira (1)

05 - Cuelim

. 01 casa Bragança da Cunha (!) (1)

. 02 casa Menezes, Barbuno (!) (1)

. 03 casa Cunha, Alberto (!)

. 04 casa Costa, Heliodoro (P)

. 05 casa Correia (P)

11 -Velsão

. 01 casa Rebelo, Benício (1)

. 02 casa Barreto, Jaime (!)

. 03 casa Sousa, Blásio (1)

. 04 casa Barreto, Marçal (1)

. 05 casa Sousa, Francisco Maria (P)(1)

. 06 casa Roldão de Sousa (!) (1)

NOTAS: (01 -Cambariem; 03 -Chicalim; 04 -Cortalim; 06 -Dabolim; 07 -Issorcim; 08 -Mormugão; 09 -Sancoale; 10 -Vasco da Gama); casa cristã/ casa hindú; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório "Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance", Gvt. de Goa -1986; (2) -casa cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.



## PERNÉM (PE)

09 -Perném

. 01 casa Deshprabhu (P) (!) (1)

NOTAS: (01 -Arambol; 02 -Corgal; 03 -Dangalim; 04 -Mandrem; 05 -Morgim; 06 -Paliem; 07 -Parcem; 08 -Patravedi; -10 -Querim; 11 -Varconda); casa cristã/ **casa hindú**; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório "*Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance*", Gvt. of Goa -1986;

## PONDÁ (PO)

02 -Bandorá

. 01 casa dos Reis de Sundém (P) (!) (1)

03 -Borim

. 01 casa Saukar (P)

06 -Cundaím

. 01 casa Kundaikar (P)

14 -Savoi Verém

. 01 casa Poi Raikar (P) (!)

. 02 casa Sardessai (P)

NOTAS: (01 -Banastarim; 04 -Candepar; 05 -Candola; 07 -Gangem; 08 -Queulá; 09 -Orgao; 10 -Ponchavadi; 11 -Pondá; 12 -Priol; 13 -Querim); casa cristã/ **casa hindú**; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório "*Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance*", Gvt. of Goa -1986; (2) -casa cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.

## QUEPÉM (QP)

01 -Xeldem

. 11 casa Sheldenkar (P)

NOTAS: (01 -Bali; 02 -Barcem; 03 -Cacora; 04 -Fatorpa; 05 -Gocddem; 06 -Maina; 07 -Quedem; 08 -Quepém; 09 -Quisconda; 10 -Sirvoi); casa cristã/ **casa hindú**; (P) -casa com pátio;

## SALCETE (SA)

- 02 -Assolná
- . 01 casa Costa Martins (P)(1)(2)
  - . 02 casa Monteiro (P)
  - . 03 casa Monteiro Menezes (1)
  - . 04 casa Vaz (P)(1)(1)(2)
- 03 -Benaulim
- . 01 casa Lima Pereira (P)(1)(2)
  - . 02 casa Teófilo Vaz (P)(2)
  - . 03 casa Pereira, Joaquim (P)(1)(2)
  - . 04 casa Flores (P)
  - . 05 casa Eucher Pereira (P)(1)(2)
  - . 06 casa Correia Afonso (1)(1)
  - . 07 casa Velho Pereira (P)
- 04 -Betalbatim
- . 01 casa Alemão (P)(1)(2)
  - . 02 casa Antão (P)(1)(2)
- 05 -Calata
- . 01 casa Godinho Gonçalves (1)
- 07 -Chandor
- . 01 casa Menezes Bragança/ Bragança Pereira (P)(1)(2)
  - . 02 casa Fernandes (P)(1)(2)
  - . 03 casa Carvalho (P)
  - . 04 casa Carvalho II (P)(2)
  - . 05 casa Fernandes, Peraly (P)(2)
- 09 -Chinchinim
- . 01 casa Loyola Furtado (P)(1)
- 10 -Colvá
- . 01 casa Silva Pereira (1)(1)
- 12 -Curtorim
- . 01 casa Menezes, Sarto (P)(1)
  - . 02 casa Costa, Olga (1)(1)
- 13 -Guirdolim
- . 01 casa Gomes (P)(2)
- 14 -Loutolim
- . 01 casa Quadros (1)
  - . 02 casa Quadros e Costa (P)(1)
  - . 03 casa Miranda, Mário (1)(1)
  - . 04 casa Figueiredo (P)(1)(2)
  - . **05 casa Kuwelkar (P)(2)**
  - . 06 casa Miranda, Francisco (P)(2)

## SALCETE (SA) (continuação)

### 15 -Majorda

- . 01 casa Jaques (!)
- . 02 casa Godinho (P) (2)

### 16 -Margão

- . 01 casa Miranda, Aureleano (1)
- . 02 casa Colaço (P)
- . 03 casa Álvares (P) (1)
- . 04 casa Eurico Silva / Albuquerque (P) (1) (2)
- . 05 casa Damodar Naik (!) (1)

### 18 -Nagoá

- . 01 casa Cabral Furtado (P) (2)
- . 02 casa Gama (!) (1)
- . 03 casa Machado (!)
- . 04 casa Cabral (!) (1)

### 19 -Orlim

- . 01 casa Loyola (P) (2)

### 21 -Utorda

- . 01 casa Piedade Costa (P) (1)

### 24 -Verná

- . 01 casa Araújo (P) (1)
- . 02 casa Gama, Grisóleo (P) (1)
- . 03 casa Abranches, Filipe (P) (1) (2)

NOTAS: (01 -Ambelim; 06 -Carmona; 08 -Chandranath Hill; 11 -Cuncolim; 17 -Mobar; 20 -Raia; 22 -Varca; 23 -Velim); casa cristã/ casa hindú; (P) -casa com pátio; (!) -visita condicionada; (1) -casa que consta do relatório "Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance", Gvt. of Goa -1986; (2) -casa cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.

## SANGUÉM (SG)

### 17 -Sanvordém

- . 01 casa Sawardekar (P) (2)

NOTAS: (01-Bati; 02 -Camarconda; 03 -Codil; 04 -Colem; 05 -Colomba; 06 -Curdi; 07 -Curpem; 08 -Darbandorá; 09 -Naiquinim; 10 -Netorli; 11 -Nundem; 12 -Rivona; 13 -Salauli; 14 -Salginim; 15 -Sancordem; 18 -Sigão; 19 -Surla; 20 -Tambdi; 21 -Viliena); casa cristã/ casa hindú; (P) -casa com pátio; (2) -casa cuja ficha inclui o levantamento gráfico do piso principal.

## **Quadros-síntese de análise**

Nestes quadros sintetizamos toda a informação recolhida nas fichas “casas de Goa”, que apresentamos como ANEXO I. Organizando-a por talukas (concelhos) e em função dos seus parâmetros (enquadramento, caracterização morfológica e construtiva, pátios, varandas e alpendres). neles se reproduz também, a análise de outras tipologias de casas visitadas, por as considerarmos importantes como conhecimento comparativo. Por uma leitura geográfica ou por uma leitura temática, considera-mo-los um suporte essencial do nosso trabalho. A ordem de apresentação é uma vez mais a alfabética das talukas.



CARACTERIZAÇÃO

PROGRAMA

CONSTRUÇÃO

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	OCUPAÇÃO												CONSTRUÇÃO																																															
		PROGRAMA												CONSTRUÇÃO																																															
		OCUPAÇÃO												CONSTRUÇÃO																																															
		CROMOLOGIA						PRESENCIA PERMANENTE						PAISOS				PLANTA METRICA				CORPO PROJETIVITE				ORGANIZACAO DO TERRENO				CIRCULACAO INTERIORES				AMPLIACOES/ALTERACOES				TELHADO				TECTO				ALTERNATIVAS				PAVIMENTOS				VIGAS				DETALEHES			
		PROGRAMA												CONSTRUÇÃO																																															
		PROGRAMA												CONSTRUÇÃO																																															
CROMOLOGIA	anterior a 1750	[Grid]												[Grid]																																															
	de 1750 a 1850	[Grid]												[Grid]																																															
	de 1850 a 1900	[Grid]												[Grid]																																															
PRESENCIA PERMANENTE	geração pais	[Grid]												[Grid]																																															
	geração filhos	[Grid]												[Grid]																																															
	geração netos	[Grid]												[Grid]																																															
	outros	[Grid]												[Grid]																																															
	inferior ou igual a duas pessoas entre duas e cinco pessoas igual ou superior a cinco pessoas	[Grid]												[Grid]																																															
PAISOS	casa abandonada	[Grid]												[Grid]																																															
	casa dividida	[Grid]												[Grid]																																															
	um dois três ou mais	[Grid]												[Grid]																																															
PLANTA METRICA	localizada	[Grid]												[Grid]																																															
	correspondente à inferior	[Grid]												[Grid]																																															
CORPO PROJETIVITE	salas/ frente	[Grid]												[Grid]																																															
	casa "monobloco"	[Grid]												[Grid]																																															
	alpendre / varanda	[Grid]												[Grid]																																															
ORGANIZACAO DO TERRENO	hall - salas (s. de refeições) - quartos - serviços	[Grid]												[Grid]																																															
	hall - pátio - quartos - s. de refeições - serviços	[Grid]												[Grid]																																															
	outra	[Grid]												[Grid]																																															
CIRCULACAO INTERIORES	com entrada autónoma	[Grid]												[Grid]																																															
	relacionado com o hall	[Grid]												[Grid]																																															
	relacionado com a sala de refeições	[Grid]												[Grid]																																															
AMPLIACOES/ALTERACOES	para cozinha	[Grid]												[Grid]																																															
	para instalações sanitárias	[Grid]												[Grid]																																															
	outras	[Grid]												[Grid]																																															
TELHADO	telhas	[Grid]												[Grid]																																															
	outro revestimento	[Grid]												[Grid]																																															
	estrutura de madeira	[Grid]												[Grid]																																															
	beirado simples	[Grid]												[Grid]																																															
	beirado múltiplo com cornija sem cornija	[Grid]												[Grid]																																															
TECTO	liso	[Grid]												[Grid]																																															
	decorativo/ perfurado	[Grid]												[Grid]																																															
	mossais estrutura à vista	[Grid]												[Grid]																																															
ALTERNATIVAS	aparelho de latérite	[Grid]												[Grid]																																															
	construção em terra	[Grid]												[Grid]																																															
	reboco caído	[Grid]												[Grid]																																															
	reboco pintado pilastras na fachada principal	[Grid]												[Grid]																																															
PAVIMENTOS	fundações em laterite	[Grid]												[Grid]																																															
	bosta	[Grid]												[Grid]																																															
	embutidos vitrados	[Grid]												[Grid]																																															
	mosaico hidráulico	[Grid]												[Grid]																																															
	"argamassa" (cal + cimento + grãos)	[Grid]												[Grid]																																															
	tijolão	[Grid]												[Grid]																																															
	betonilha	[Grid]												[Grid]																																															
	pedra	[Grid]												[Grid]																																															
	madeira	[Grid]												[Grid]																																															
	VIGAS	janelas pivotantes com vidro	[Grid]												[Grid]																																														
		janelas pivotantes com carapas	[Grid]												[Grid]																																														
		janelas de guilhotina com carapas	[Grid]												[Grid]																																														
		janelas pivotantes com carapas e vidro	[Grid]												[Grid]																																														
janelas de correr com carapas		[Grid]												[Grid]																																															
janelas de sacada com vidro		[Grid]												[Grid]																																															
DETALEHES	janelas de sacada com carapas/ vidro	[Grid]												[Grid]																																															
	balaustrões	[Grid]												[Grid]																																															
	prumos quadrangulares	[Grid]												[Grid]																																															
	módulos decorativos de madeira ferro forjado/ fundido outros (porcelana/ carapas...)	[Grid]												[Grid]																																															

B A R D E Z

CANACONA

Rodrigues  
Albuquerque  
Mascarenhas, Armando  
Rebello  
Sousa  
Gama Pinto  
Pinto, Xavier  
Frias, Servílio  
Mascarenhas, Miguel  
Pimenta, Africo  
Pinto (Gama Meneses)  
Pinto, Lina  
Gomes, Avelino  
Monteiro  
Costa Frias  
Pinto, Boao Hospital  
Gonçalves  
Silveira  
Bibb, Hiranah  
Bibb, Upender  
Gama  
Costa, Graça  
Ribeiro, Roque  
Lemos  
Frias Pinto

Benhur Desai









ILHAS TISWADI

OCUPAÇÃO	PROGRAMA		CROMOLOGIA	PRESENCIA PERMANENTE	PÁTIOS	PLANTA ATERRADA	CORPO PRINCIPAL	ORGANIZAÇÃO PRO TERRELO	QUARTO/PUA ROOM	AMPLIAÇÃO/ALTERAÇÃO	TELHADO	TETO	ALVENARIAS	PAVIMENTOS	VÁOS	GRADIENTES
	ORGANIZAÇÃO PRO TERRELO	QUARTO/PUA ROOM														
antecedente a 1750																
de 1750 a 1850																
de 1850 a 1900																
posterior a 1900																
geração pai																
geração filhos																
geração netos																
personal auxiliar																
inferior a duas pessoas																
entre duas e cinco pessoas																
superior a cinco pessoas																
caso abandonado																
caso dividido																
um																
dois																
três ou mais																
localizada																
correspondente à inferior																
salas																
caso "membrado"																
alpendre / varanda																
hall - salas (s. de refeições) - quartos - serviços																
hall - pátio - quartos - s. de refeições - serviços																
outra																
com entrada autónoma																
relacionado com o hall																
relacionado com a sala de refeições																
outra																
para cozinha																
para instalações sanitárias																
outras																
telhado																
outro revestimento																
estrutura de madeira																
beirado simples																
beirado múltiplo																
com cornija																
sem cornija																
liso																
perfurado / decorativo																
massiça																
estrutura à vista																
aparelho de laterite																
construção em terra																
reboco caiado																
reboco pintado																
pilóstris na fachada principal																
fundações em laterite																
bosta																
embutidos vidrados																
mosaico hidráulico																
"argamassa" (cal + cimento + jagra)																
tijoleira																
betonilha																
pedra																
madeira																
janelas pivotantes com vidro																
janelas pivotantes com carepas																
janelas de guilhotina com carepas																
janelas pivotantes com carepas e vidro																
janelas de correr com carepas																
janelas de sacada com vidro																
janelas de sacada com carepas / carepas + vidro																
balaústres																
prumos quadrangulares																
móveis decorativos de madeira																
ferro fundido / forjado																
outras (peneiras / carepas / ...)																

CARACTERIZAÇÃO





M O R M U G Ã O

P O N D Ã

PERNÉM

QUEPÉM

SANGUÉM

DESIGNAÇÃO

ENQUADRAMENTO

UTILIZAÇÃO

PAISAGEM

RELEVO

AMBIENTE

IMPLANTAÇÃO

ACESSO

FRENTE

ORIENTAÇÃO

TRASEIRAS

	Anão, Walfredo	Barros Pereira	Bragança da Cunha	Menezes, Barbuno	Cunha, Alberto	Costa, Heliodoro	Correia	Rebello, Benício	Barreto, Jaime	Sousa, Blásio	Barreto, Marçal	Souza, Francisco Maria	Roldão de Sousa
Casa cristã	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Casa hindu													
Inclusa no relatório do Gvt. Goa	●	●	●	●				●		●	●	●	
Não incluída no relatório do Gvt. Goa					●	●	●		●				●
Casa - pátio	●		●	●		●	●					●	
Casa - sobradada		●			●			●		●	●		
Como habitação	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Outra													
Mista													
Várzea			●	●									
Árida													
Plantação específica	●		●	●								●	
Plantação mista/ mata		●			●	●	●	●	●	●	●	●	
Planície	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Encosta													
Vale													
Cota < 20 m.	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Cota entre os 20 e os 50 m.													
Litoral	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Interior													
Urbano													
Rural	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Camuflada			●	●									
Isolada												●	
Semi-isolada	●	●	●	●	●	●		●		●	●	●	
Em núcleo								●		●	●	●	
Preponderante													
Interactiva				●									
Via pública	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●
Via privada			●	●	●								
Com asfalto	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●
Proximidade de via fluvial													
Proximidade de via ferroviária	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Murada	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com pórtico			●	●	●						●		
Com jardim	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com vegetação herbácea		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com vegetação arbustiva	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com vegetação arbórea	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com poço													
Entrada centrada	●		●	●	●	●		●		●	●	●	
Entrada excêntrica						●	●		●			●	
Entrada lateral		●									●		
com varanda		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com sacadas	●												
Com alpendre	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sobreelevada	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Norte	●												
Nordeste		●	●	●		●							
Este													
Sudeste								●				●	
Sul													
Sudoeste													
Oeste													
Noroeste					●			●	●	●	●	●	
Murada	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com anexos	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Com poço													
Com alpendre	●	●	●						●				

Reis de Sundém  
 Saukar  
 Kundaikar  
 Raikar  
 Sardessai

Deshprabhu

Sheldemkar

Sawardakar

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	OCUPAÇÃO										PROGRAMA	CONSTRUÇÃO		
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10				
CRONOLOGIA	anterior a 1750														
	de 1750 a 1850														
	de 1850 a 1900														
	posterior a 1900														
PRESENCIA PERMANENTE	geração pais														
	geração filhos														
	geração netos														
	outros														
	inferior a duas pessoas														
FATORES	entre duas e cinco pessoas														
	superior a cinco pessoas														
PLANTA SUPERIOR	casas abandonadas														
	casas divididas														
CORPO PROMINENTE	um														
	dois														
ORGANIZAÇÃO PRO TÍPICO	três ou mais														
	localizada														
CORPO PROMINENTE	correspondente à inferior														
	salas														
ORGANIZAÇÃO PRO TÍPICO	casas "membrilho"														
	alpendre / varanda														
ORGANIZAÇÃO PRO TÍPICO	hall - salas (s. de refeições) - quartos - serviços														
	hall - pátio - quartos - s. de refeições - serviços														
ORGANIZAÇÃO PRO TÍPICO	outra														
	com entrada autônoma														
ORGANIZAÇÃO PRO TÍPICO	relacionado com o hall														
	relacionado com a sala de refeições														
AMPLIAÇÕES/ALTERAÇÕES	outra														
	para cozinha														
TELAÇO	para instalações sanitárias														
	outras														
TELAÇO	telhas														
	outro revestimento														
TELAÇO	estrutura de madeira														
	beirado simples														
TELAÇO	beirado múltiplo														
	com cornija														
TELAÇO	sem cornija														
	liso														
TELAÇO	perfurado/decorativo														
	masseira/caixotão														
TELAÇO	estruturas à vista														
	aparelho de laterite														
ALVENARIA	construção em terra														
	reboco caiado														
ALVENARIA	reboco pintado														
	pilastres na fachada principal														
ALVENARIA	fundações em laterite														
	hoda														
PAVIMENTOS	embutidos vidrados														
	mosaico hidráulico														
PAVIMENTOS	"argamassa" (cal + cimento + jagra)														
	tijoleira														
PAVIMENTOS	betonilha														
	pedra														
PAVIMENTOS	madeira														
	janelas pivotantes com vidro														
VIGAS	janelas pivotantes com carepas														
	janelas de guilhotina com carepas														
VIGAS	janelas pivotantes com carepas e vidro														
	janelas de correr com carepas														
VIGAS	janelas de sacada com vidro														
	janelas de sacada com carepas + vidro														
DECORAÇÕES	balaustras														
	prumos quadrangulares														
DECORAÇÕES	móveis decorativos de madeira														
	ferro fundido/forjado														
DECORAÇÕES	outras (balaustras de cimento...)														

MORMUGAÇO

PONDA

PERNEM

QUEPÉM

SANGUÉM

Atala, Walfrido  
Barro, Ferreira  
Bragança de Cunha  
Menezes, Barbeiro  
Cunha, Alberto  
Costa, Heliodoro  
Correia  
Ribeiro, Benício  
Barreto, Jaime  
Souza, Biliato  
Barreto, Margal  
Souza, Francisco Maria  
Rodrigues de Sousa

Ros de Soudém  
Sakur  
Kandakar  
Rakar  
Sakelani

Desprezablu

Stelienkar

Sawedkar

PÁTIO

		M O R M U G A O										P O N D A					PERNEM	OURPEM	SANGUEM				
		Anta, Walfrido	Barros Pereira	Bragança de Cunha	Menezes, Barbosa	Cunha, Alberto	Costa, Heliodoro	Correia	Rebello, Benício	Barreto, Jaime	Sousa, Bllasio	Barreto, Marçal	Souza, Francisco Maria	Rodolfo de Sousa	Reis de Sândem	Souzar	Kandukar	Reitor	Sardesai		Deshpandhu	Sheldankar	Sevanbkar
LOCALI- ZACAO	centro da casa	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	traseiras	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
GENESE	de origem	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	por cumulação (serviços)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
FORMA	quadrado/rectangular fechado	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	aberto em "U"	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
UTILIZACAO	aberto em "L"	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	enquadramento de corpo saliente	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	como acesso (escadaria principal)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	sagrada (com tulsis) e comunitária	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
DIMENSÕES APROXIMADAS	como jardim	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	doméstica (secagem de frutos, de roupa...)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	como poço de ar/ saguão	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
DRENAGEM	com poço de água salubre	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	< 6.0x6.0 (m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	entre 6.0x6.0(m) e 11.0x11.0(m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
DRENAGEM	entre 11.0x11.0 (m) e 16.0x16.0(m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	largura inferior a 1/2 comprimento	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	< 0.50 (m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
PERIMETRO	entre 0.50 (m) e 1.10 (m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	> 1.10 (m)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	níveis distintos (encosta)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
ACESSO	por fachadas com circulação interior contígua	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	por fachadas sem circulação interior contígua	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	por galeria/ colunas	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	por dupla colunata	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
PRO- ETO	com saderi (para audiências)	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	frunco	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
DRENAGEM	condicionado/ localizado	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	impermeável	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
DRENAGEM	permeável	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	natural	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
COBER- TURA	canalizada para o exterior	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	no prolongamento da dos corpos contíguos	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				
	autónoma	[Grid with dots]										[Grid with dots]					[Grid with dots]	[Grid with dots]	[Grid with dots]				

VARANDA/GALERIA/CASA DE FRESCO (FRENTE)

SACADAS

ALPENDRE

GÊNESE LARGURA QUADRA PAVIMENTO COBERTURA GÊNESE LARGURA QUADRA PAVIMENTO PROTEÇÃO GÊNESE DIMENSÕES ESCADARIA BANCOS PLANOS LATIBAS COBERTURA COLUNAS PAVIMENTOS

M O R M U G Ã O

P O N D Á

PERNEM

QUEPÉM

SANGUÉM

Antônio, Walfrido Barros Pereira Bragança da Cunha Menezes, Barbano Cunha, Alberto Costa, Heliodoro Correia Rebelo, Benício Barreto, Jaime Sousa, Bláscio Barreto, Marcel Souza, Francisco Maria Roldão de Sousa

Reis de Sundem Saubar Kundankar Rahbar Sarikessari

Dechipabbu

Sheldankar

Savvndakar

Table with columns for GÊNESE, LARGURA, QUADRA, PAVIMENTO, COBERTURA, GÊNESE, LARGURA, QUADRA, PAVIMENTO, PROTEÇÃO, GÊNESE, DIMENSÕES, ESCADARIA, BANCOS, PLANOS LATIBAS, COBERTURA, COLUNAS, PAVIMENTOS. Rows include categories like 'de origem alterada', 'balaustrades de madeira', 'mosaico hidráulico', 'cobertura autónoma', 'proteção autónoma', 'escadaria', 'bancos', 'cobertura', 'colunas', 'pavimentos'.





CARACTERIZAÇÃO

PROGRAMA	OCUPAÇÃO		CROMOLOGIA	FENOMENA FENOMENITE		FATOS	PLANTA SUPERIOR	CORPO PROEMINENTE	ORGANIZAÇÃO PUA ROOM	AMPLIAÇÕES/ALTERAÇÕES	TELHADO	TETO	ALVENARIAS	PAVIMENTOS	VÍAS	CERAMAMENTOS
	PROGRAMA	OCUPAÇÃO														
hall - salas (s. de refeições) - quartos - serviços	hall - salas (s. de refeições) - quartos - serviços															
	hall - pátio - quartos - s. de refeições - serviços															
outra	outra															
	outra															
com entrada autônoma	relacionado com o hall															
	relacionado com a sala de refeições															
outra	outra															
	outra															
para cozinha	para cozinha															
	para instalações sanitárias															
outras	outras															
	outras															
telhas	telhas															
	outro revestimento															
estrutura de madeira	estrutura de madeira															
	beirado simples															
beirado múltiplo	beirado múltiplo															
	com cornija															
sem cornija	sem cornija															
	sem cornija															
liso	liso															
	perfurado/ decorativo															
massiça	massiça															
	estrutura à vista															
aparinho de laterite	aparinho de laterite															
	construção em terra															
reboco caiado	reboco caiado															
	reboco pintado															
pilastras na fachada principal	pilastras na fachada principal															
	pilastras na fachada principal															
fundações em laterite	fundações em laterite															
	fundações em laterite															
bosta	bosta															
	ambúduas vidradas															
mosaico hidráulico	mosaico hidráulico															
	"argamassa" (cal + curo + jagra)															
tijoleira	tijoleira															
	tijoleira															
betonilha	betonilha															
	betonilha															
pedra	pedra															
	pedra															
madeira	madeira															
	madeira															
janelas pivotantes com vidro	janelas pivotantes com vidro															
	janelas pivotantes com carapas															
janelas de guilhotina com carapas	janelas de guilhotina com carapas															
	janelas pivotantes com carapas e vidro															
janelas de correr com carapas/ carapas + vidro	janelas de correr com carapas/ carapas + vidro															
	janelas de sacada com vidro															
janelas de sacada com carapas/ carapas + vidro	janelas de sacada com carapas/ carapas + vidro															
	janelas de sacada com carapas/ carapas + vidro															
halóides	halóides															
	halóides															
primos quadrangulares	primos quadrangulares															
	primos quadrangulares															
módulos decorativos de madeira	módulos decorativos de madeira															
	módulos decorativos de madeira															
ferro fundido	ferro fundido															
	ferro fundido															
outros (módulos prefab. de betão, de metal...)	outros (módulos prefab. de betão, de metal...)															
	outros (módulos prefab. de betão, de metal...)															

S A L C B T B

- Costa Martins
- Monteiro
- Monteiro Almeida
- Vaz, Tito
- Lima Pereira
- Vaz, Teófilo
- Pereira, Joaquim
- Flores da Silva
- Pereira, Eusebio
- Correia-Alfonso
- Velho Pereira
- Almeida, Teodoro
- Julio, Zaccaria
- Godinho Gonçalves
- Menezes Bragança - Brag. Pereira
- Fernandes, Sara
- Cavallejo
- Cavallejo II
- Fernandes, Fany
- Loyola Fernando
- Silva Pereira
- Menezes, Sarto
- Costa, Olga
- Gomes, José
- Quares
- Quares e Costa
- Miranda, Mafco
- Figueredo
- Kuvelker
- Miranda, Francisco
- Joaquim
- Godinho, Emilia
- Miranda, Jurdiano
- Colpo, Custao
- Alvarez
- Silva, Eurico / Albuquerque
- Nick, Damodar
- Cabral, Fernando
- Gomes, Francisco
- Michalido
- Cabral, Oreste
- Loyola
- Piedade Costa
- Amaljo
- Gomes, Grilo
- Abraçador, Filipe

PÁTIO

LOCALI- ZAÇÃO GÊNESE FORMA UTILIZAÇÃO DIMENSÕES APROXIMADAS DENÍVEL PERÍMETRO ACESSO PISO EXISTENTE DRENAGEM COBERTURA

LOCALI- ZAÇÃO	GÊNESE	FORMA	UTILIZAÇÃO	DIMENSÕES APROXIMADAS	DENÍVEL	PERÍMETRO	ACCESSO	PISO EXISTENTE	DRENAGEM	COBERTURA
centro da casa										
trascinas										
de origem										
por acumulação (serviços)										
construção de nova frente										
quadrado/rectangular fechado										
aberto em "U"										
aberto em "L"										
enquadramento de corpo saliente (capela)										
como acesso (escadaria principal)										
sagrada (com tústis) e comunitária										
como jardim										
doméstica (socagem de frutos, de roupa...)										
como poço de ar/ saguão										
com poço de água solibre										
< 6,0x6,0 (m)										
entre 6,0x6,0 (m) e 11,0x11,0 (m)										
entre 11,0x11,0(m) e 16,0x16,0(m)										
largura inferior a 1/2 comprimento										
< 0,50 (m)										
entre 0,50 (m) e 1,10 (m)										
> 1,10 (m)										
níveis distintos (encosta)										
por fachadas com circulação interior contigua										
por fachadas sem circulação interior contigua										
por colunas/ colunas										
por dupla columnata										
com saderi (para audiências)										
franco										
condicionado/ localizado										
inexistente										
impermeável										
permeável										
natural										
catalizada para o exterior										
no prolongamento da dos corpos contiguos										
autónoma										

- S A L C I P A D
- Costa Marins
  - Monteiro
  - Monteiro Meneses
  - Vaz, Tito
  - Lima Pereira
  - Vaz, Teófilo
  - Pereira, Joaquim
  - Flores da Silva
  - Pereira, Eucher
  - Correia Afonso
  - Velho Pereira
  - Alvim, Teófilo
  - Antão, Zaccarias
  - Godinho Gonçalves
  - Menezes Bragança / Bragança Pereira
  - Fernandes, Sara
  - Cavalho
  - Cavalho II
  - Fernandes, Perly
  - Loyola Furtado
  - Silva Pereira
  - Menezes, Sarto
  - Costa, Olga
  - Gomes, José
  - Quadas
  - Queiroz e Costa
  - Miranda, Mécio
  - Figueredo
  - Kunellar
  - Miranda, Francisco
  - Jacques
  - Godinho, Emília
  - Miranda, Aureliano
  - Colaco, Cetano
  - Alvares
  - Silva, Eurico / Albuquerque
  - Nalk, Damodar
  - Cabral Furtado
  - Gama, Francisco
  - Machado
  - Cabral, Comte
  - Loyola
  - Protásio Costa
  - Araujo
  - Gama, Grísideo
  - Albrauchen, Filipe

# VARANDA/GALERIA/CASA DE FRESCO (FRENTE)

# SACADAS

# ALPENDRE

# SALCETE

	GÊNERO	LARGURA	GUARDA	PAVIMENTO	COBERTURA	GÊNERO	LARGURA	GUARDA	PAVIMENTO	PROTEÇÃO	GÊNERO	DIMENSÕES	ESQUADRIA	BANCOS	PLANGS LATERAIS	COBERTURA	COLUNAS EM LATERAL	PAVIMENTOS
de origem																		
alterada																		
< 0,40 (m)																		
entre 0,40 e 1,00 (m)																		
entre 1,00 e 1,60 (m)																		
entre 1,60(m) e 3,00(m)																		
balaústres de madeira																		
prumos de madeira																		
módulos decorativos de madeira																		
ferro fundido																		
alvenaria rebocada / betão prefab.																		
mosaico hidráulico																		
tijoleira																		
betonilha																		
embutidos vidrados																		
madeira																		
no prolongamento do corpo da fachada																		
autónoma (estrutura de madeira + telhado)																		
autónoma (chapa ondulada amovível)																		
outras																		
de origem																		
alterada																		
à face																		
< 0,50 (m)																		
entre 0,50 e 1,00 (m)																		
módulos de porcelana																		
módulos decorativos de madeira																		
ferro fundido / ferro forjado																		
balaústres / prumos de madeira																		
outros (alvenaria...)																		
similar ao da sala adjacente																		
outro																		
cornija / beirado da fachada apenas																		
autónoma (estrutura de madeira + telhado)																		
autónoma (chapa ondulada amovível ou não)																		
de origem																		
reformulada																		
com piso superior																		
< 4,00 x 4,00 (m)																		
entre 4,00 x 4,00 e 6,00 x 6,00 (m)																		
> 6,00 x 6,00 (m)																		
em forma de "sino"																		
ortogonal em relação à fachada																		
lateral																		
outra																		
inferior a 5 graus																		
entre 5 e 10 graus																		
entre 10 e 15 graus																		
superior a 15 graus																		
laterais corridos																		
laterais individuais / duplos																		
abertos																		
fechados com carepas																		
fechados com vidro																		
telhado de uma água																		
telhado de duas águas																		
telhado de três águas																		
telhado de quatro águas																		
outro																		
circulares																		
quadrangulares																		
poligonais																		
em gota																		
outras																		
mosaico hidráulico																		
betonilha																		
embutidos vidrados																		
outros																		

- Costa Martins  
Monteiro  
Monteiro Meneses  
Vaz, Tito  
Lima Pereira  
Vaz, Teófilo  
Pereira, Joaquim  
Flore da Silva  
Pereira, Eusebio  
Correia Afonso  
Velho Pereira  
Alencar, Teófilo  
Antão, Zaccarias  
Godinho Gonçalves  
Menezes Baganço / Brag Pereira  
Fernandes, Sam  
Carvalho  
Carvalho II  
Fernandes, Peny  
Loyola Furtado  
Silva Pereira  
Menezes, Suro  
Costa, Olga  
Gomes, José  
Quadros  
Quadros e Costa  
Miranda, Miro  
Figueiredo  
Kuvelkar  
Miranda, Francisco  
Jacques  
Godinho, Emilia  
Miranda, Ameliano  
Colapo, Ceetano  
Alvares  
Silva, Eurico / Albuquerque  
Naik, Damodar  
Cabral Furtado  
Gama, Francisco  
Machado  
Cabral, Cosme  
Loyola  
Piedade Costa  
Amaljo  
Gama, Gonçalo  
Abranches, Filipe

## **II - TERRITÓRIO**

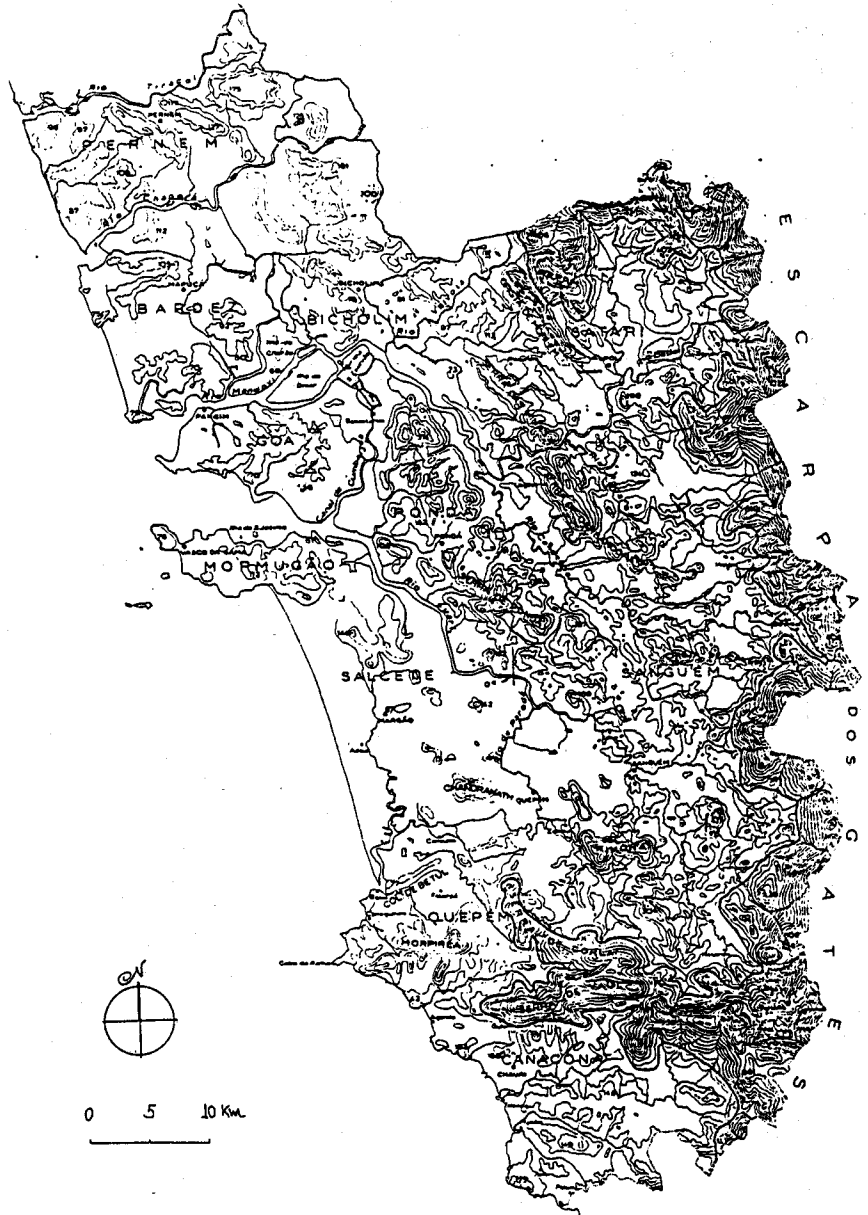
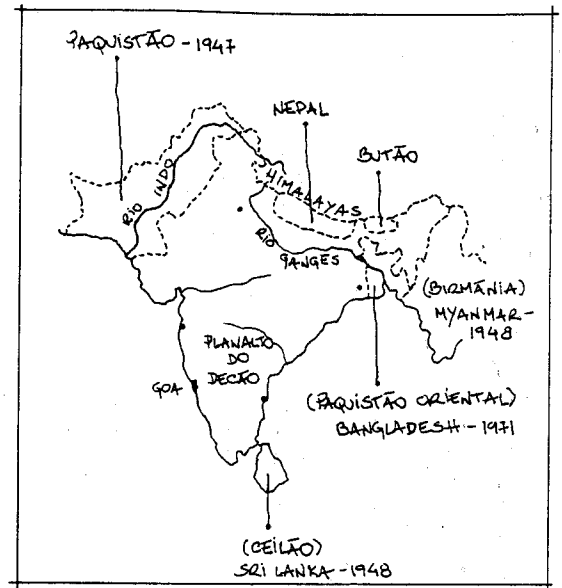


Fig. 1 - Identificação das três principais regiões geográficas do sub-continente indiano (em cima) e mapa oroidrográfico de Goa (1) onde é visível a alteração do relevo com a aproximação da cordilheira dos Gattes. Ao interior corresponde também uma densidade populacional inferior à do litoral.

## II - TERRITÓRIO

### 1. - Caracterização Física

#### 1.1. a geomorfologia

O território de Goa situa-se na costa ocidental da península do Decão (vulgarmente designada por costa do Concão e do Malabar) que, com o arco himalaiano e a bacia indo-gangética, constituem as três grandes regiões geográficas da Índia.

Goa explana-se-se por cerca de 3 600 Km<sup>2</sup>, sendo o comprimento maior de 105 Km (entre Patradevi e Polém) e a largura maior de 60 Km (entre os Gattes e Mormugão), medidos linearmente de Norte a Sul e de Leste a Oeste, respectivamente.

A fronteira terrestre tem aproximadamente 156 Km, enquanto que a orla marítima se estende por 133 Km.

O território pode dividir-se em “três faixas morfológicas distintas”<sup>1</sup>, paralelas à linha de costa:

-(i) “uma zona litoral limitada a oeste por extensos cordões de dunas, constituída por um planalto laterítico de impressionante regularidade que, mesmo junto à costa, comanda de uns 50m os largos fundos planos, geralmente aluvionais, dos numerosos vales que o entalham”;

-(ii) “uma faixa intermédia onde estes vales se estreitam rapidamente entre troços de planaltos mais elevados ou entre alinhamentos de relevo de dureza”;

-(iii) “o rebordo vigoroso do planalto do Decão, que ora se apresenta como uma escarpa simples de 600m a 800m de desnível, ora se complica “por inúmeros contrafortes que o transformam em larga faixa montanhosa, a ponto de se perder de vista a orientação de conjunto”.”<sup>2</sup>

Na faixa litoral alternam as carapaças lateríticas que podem atingir os 120m do nível do mar, com os extensos areais que não ultrapassam os 10m. Para o primeiro caso, mais frequente em Bardez e em torno do cabo da Rama (Canácona), é escassa a vegetação de recobrimento, correpondendo a sementeiras e pasto de circunstância. No caso dos areais, aglutinam-se alguns coqueirais que antecipam vales largos onde se pratica uma cultura intensiva de arroz.

Na faixa intermédia, encontram-se os planaltos entre os rios que irrigam grande parte do território. Neles se praticam culturas itinerantes (*cumerins*) de fraco rendimento, dependentes da água das monções e com necessidade de um dilatado pousio. A criação de gado é condicionada pelas pastagens insuficientes. Nesta faixa encontram-se grande parte das explorações mineiras, que se concentram no território de Bicholim.

As escarpas que se avistam à distância e que podem atingir os 1000m, correpondem ao rebordo do planalto do Decão. Inicialmente tratava-se de uma “planície de fim de ciclo de erosão”<sup>3</sup>, que fracturou em degraus do lado ocidental e ganhou pendente para nascente, orientando nesse sentido a drenagem dos cursos de água.

<sup>1</sup> Raquel Soeiro de Brito, *Goa e as Praças do Norte*, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1966, p.11.

<sup>2</sup> Ibidem

<sup>3</sup> Mariano Feio, “Problemas da Geomorfologia de Goa” in *Garcia de Orta*, Lisboa, 1956, nº. especial, p.43.

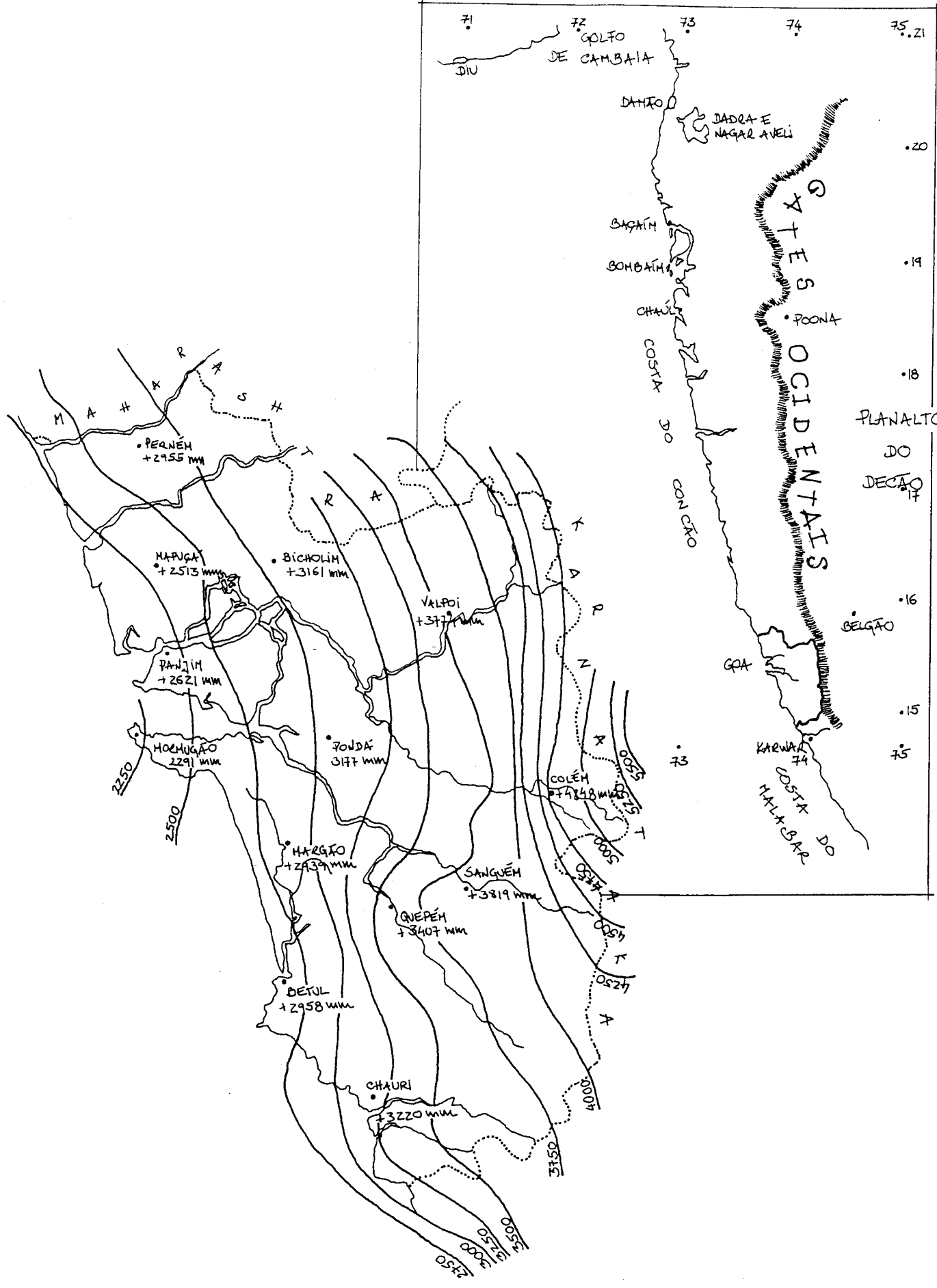


Fig. 2 -Perfil da costa ocidental da Índia (em cima) e esboço (2) das linhas isoieticas no território de Goa.



O lado ocidental da península ficou estável mas sujeito a uma erosão impiedosa. O desnível, a proximidade do mar e as chuvas concentradas moldaram ao longo do tempo esta franja litoral.

O rebordo, que define hoje parte da fronteira do território de Goa, é muito declivoso, com vegetação densa e pontualmente habitado por quem ainda se dedica à pastorícia, vindo vender os seus derivados às vilas dos sopés.

## 1.2. - clima<sup>4</sup>

O território de Goa situa-se entre o trópico de Câncer e o Equador, mais precisamente entre os paralelos 14° 53' 57'' e os 15° 47' 59'' Norte e entre os meridianos 73° 43' 54'' e 74° 20' 11'' Este de Greenwich. Fica compreendido entre o mar arábico a ocidente e a cordilheira dos Gattes ocidentais a oriente que o separam do vasto planalto do Decão.

Uma das advertências correntes para quem visita Goa pela primeira vez é a de evitar determinadas épocas do ano caracterizadas por climas extremos. Com efeito, toda a vida em Goa decorre e organiza-se em função das monções de Sudoeste que abrangem três meses de chuvas ininterruptas e ventos fortes que levam à suspensão de toda a actividade directamente relacionada com a costa, enquanto nos campos se atinge o pico de trabalho, com o início das sementeiras.

Pelo contrário, entre Março e Maio a população recolhe-se junto à orla ou em zonas de brisa, transfere a sua vida quotidiana para os exteriores, para os pátios, alpendres e varandas. Pela noite ou pela fresca encontram-se os vizinhos e os amigos, ensaiam-se as danças e os cantos para as festas, ganha-se enfim o tempo que a sesta consumiu, embriagada pelo calor. Os meses secos e quentes correspondem ao pico de faina para os pescadores e toda a zona costeira duplica a sua densidade. É o período das férias escolares e outrora a altura escolhida para os casamentos e para os encontros das famílias. Hoje, devido ao forte índice de emigração, é no mês do Natal que, num compromisso de participações dos quatro cantos do mundo, de festas e de clima, se regista maior número de matrimónios.

É esta alternância de expressão tão violenta a condicionante maior de toda a actividade da população e dos seus modos de vida.

### 1.2.1. - a chuva

Mais de 90% das chuvas ocorrem durante o período das monções (Junho a Setembro), sendo a precipitação média anual da ordem dos 350cm e sendo Julho o mês de maior precipitação, com cerca de 36% do total.

A sua distribuição no território é variável e determinada pela orografia. Assim, temos junto ao litoral valores da ordem dos 250 a 300 cm e, próximo dos Gattes, valores da ordem dos 400cm, o que se compreende pela barreira que aquela cordilheira impõe às massas de ar húmidas vindas de sudoeste -da orla marítima.

---

<sup>4</sup> A análise baseou-se nos dados fornecidos pelo Gazetteer Department, *Gazetteer of the Union Territory Goa, Daman and Diu - Part I* (Goa), Panjim, 1979 e referem-se à análise de dados recolhidos em estações dispersas pelo território entre 1931 e 1960.

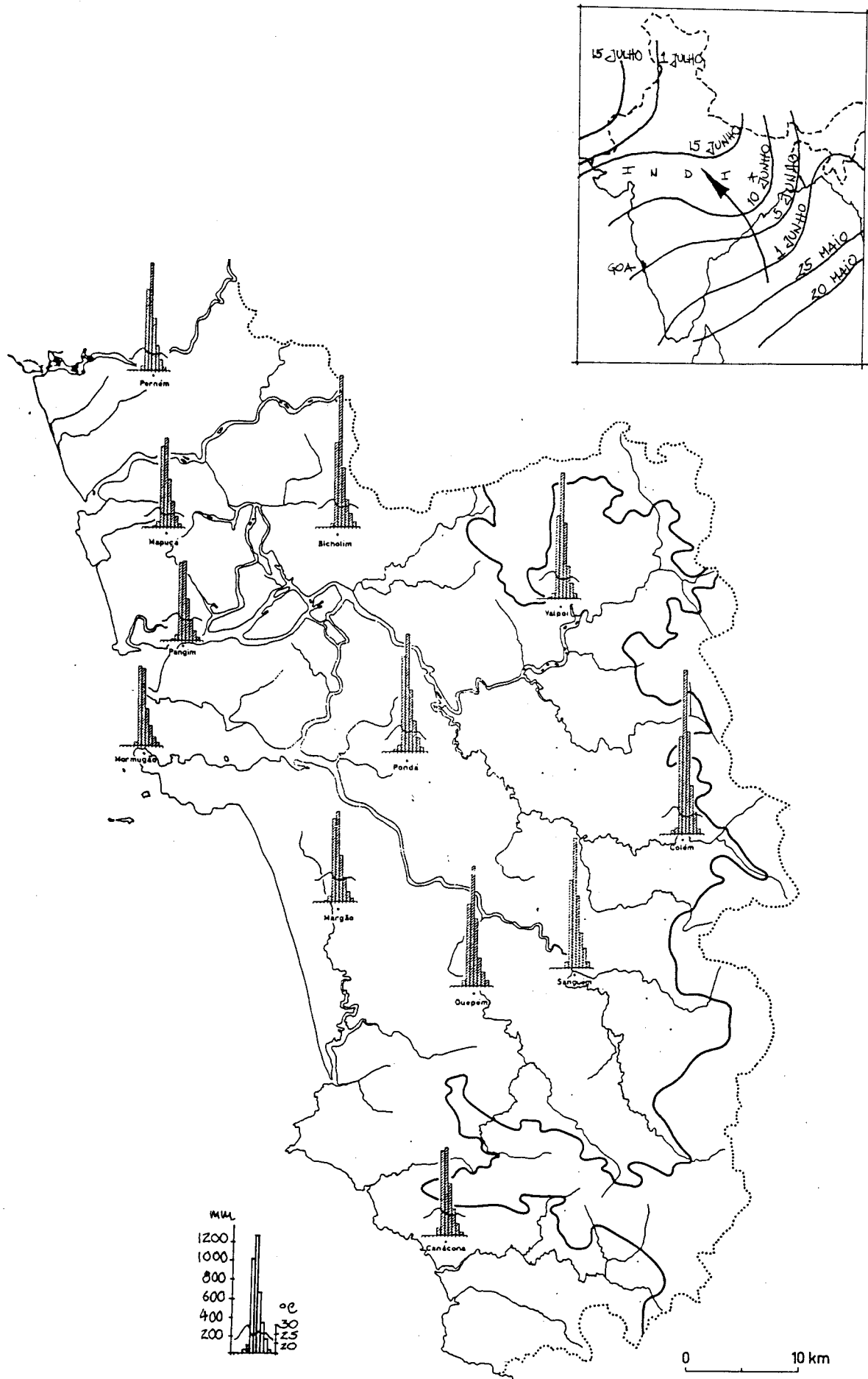


Fig. 3 -Aproximação das monções de SO ao sub-continente indiano (3) (em cima) e mapa de Goa com os diagramas termopluviométricos (4) (médias de 1921-1950) em que é visível o acréscimo de precipitação com a proximidade dos Gattes (em baixo). Frequência dos ventos (5) registrada em Mormugão em Julho e Janeiro (ao lado).

Segundo os dados publicados, Goa tem 70 a 100 dias do ano com precipitação igual ou superior a 10mm e 100 a 125 dias por ano com precipitação igual ou superior a 2.5mm, considerando-se estes últimos como os dias chuvosos.

Podem ainda ocorrer, ocasionalmente durante o período das monções, perturbações ciclónicas formadas no golfo de Bengala ou no mar arábico. Entre 1891 e 1960 Goa foi afectada oito vezes por tempestades deste tipo.

### 1.2.2. - a temperatura

Devido à proximidade do mar, as temperaturas durante o dia não atingem valores muito elevados. As temperaturas mais baixas durante o dia não descem abaixo dos 15°C e verificam-se nos meses de Dezembro e Janeiro (Inverno).

Os meses que antecedem o período das monções são, em geral, muito quentes e secos. Maio é o mês mais quente com uma temperatura média a rondar os 32°C.

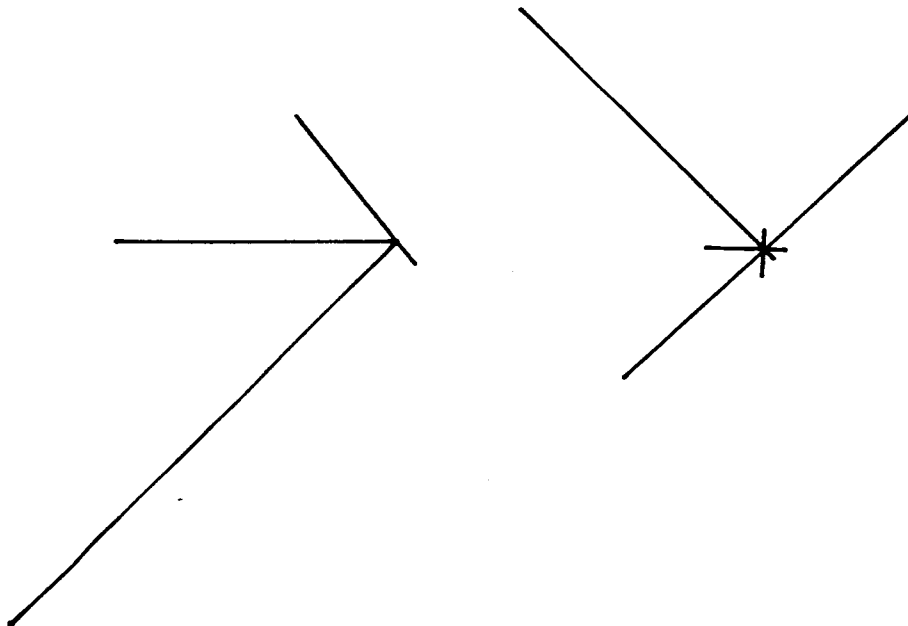
Durante o Inverno o ar continental frio e seco do Norte é barrado pela cordilheira dos Gattes, não permitindo que as temperaturas do território baixem significativamente, ao contrário do que acontece mais a Norte da costa ou mesmo a oriente da cordilheira. Podemos, assim, concluir que Goa beneficia, por um lado, da proximidade marítima que lhe atenua as temperaturas elevadas (e note-se que o território tem na sua máxima largura 60 Km até à cordilheira, sem relevos significativos) e, por outro lado, do declive entre a planície e o planalto (cordilheira dos Gattes ocidentais) que constitui uma barreira ao ar frio que sopra do Norte durante o Inverno.

### 1.2.3 - a humidade

Dada a proximidade do mar e a latitude a que se encontra, Goa é um território bastante húmido com valores de humidade relativa superiores a 60% nos meses mais quentes e em torno dos 90% nos meses de monção.

### 1.2.4 - o vento

De Outubro a Abril os ventos sopram do quadrante Nordeste durante as manhãs, podendo soprar de Noroeste durante a tarde por acção da brisa marítima. Em geral sopram moderados, com excepção para o período das monções, em que sopram de forte a muito forte e do quadrante Sudoeste.



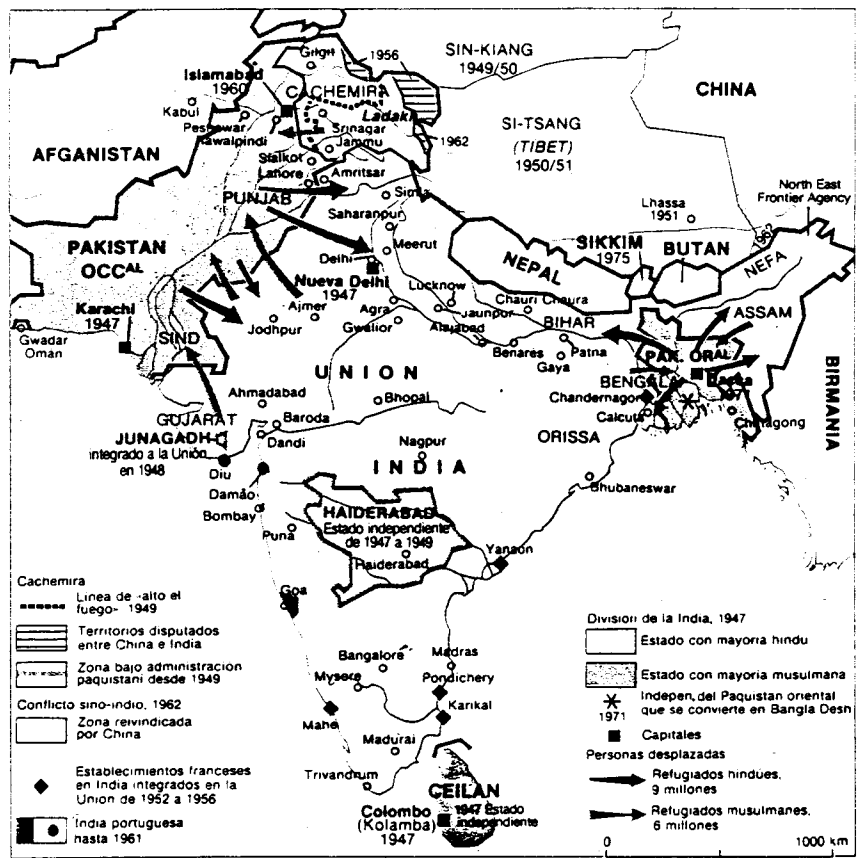


Fig. 4 -A independéncia e a partilha da Índia entre hindus e muçulmanos (6).

## 2. - Caracterização Histórica

O estado de Goa é, desde 1987, o 25º estado da União Indiana. Durante os 26 anos que sucederam a tomada dos territórios portugueses (19.Dez.1961), Goa, Damão e Diu constituíram um “Union Territory” administrados a partir de Nova Delhi.

A tomada de Goa pelas tropas da União Indiana pôs fim a cerca de 450 anos de presença e administração portuguesa, naquela que é considerada a mais longa presença estrangeira em território Indiano.

A História da Índia, desmultiplica-se infidavelmente pelas histórias e pelas Índias.

### 2.1. notas históricas sobre a Índia

Berço de uma próspera Civilização, conheceu desde cedo os conceitos de sociedade, de economia e de política alicerçados num profundo sentido espiritual, que lhe terá porventura conferido a dimensão real da tolerância. Conviveu indistintamente com raças, credos e religiões numa permuta nem sempre pacífica mas profundamente enriquecedora. Dela resultaram as cerca de 17 línguas reconhecidas pela Constituição e os mais de 700 dialectos falados pelos cerca de 850 milhões de pessoas recenseadas em 1991.

Um país que se fez independente em 1947, com um parto sangrento que a história não esquecerá. Um país que, por isso, ainda hoje jorra sangue, que concentra o seu melhor e o seu pior no transcendente, que olha impotente para o crescimento da sua população, mas que compete em áreas de ponta e se afirma orgulhosamente como a maior democracia do mundo.

A Índia não deixa ninguém indiferente, remete-nos para as escolhas antagónicas da nossa existência, fascina-nos pela capacidade de integrar e reabilitar conceitos, formas, ou tecnologias.

Península dos Himalaias ao Índico, com apenas um acesso menos difícil a NO, por onde entraram todos os que marcaram profundamente a Índia e que se deixaram impregnar por ela. Foram os Arianos, os Gregos ou os Muçulmanos, foi quem queria expandir para dominar.

A estratégia portuguesa foi outra e o nosso domínio era o mar; -“*À maneira dos fenícios e dos Gregos da Antiguidade, interessava-lhes mais tecer uma vasta rede de colónias urbanas, espalhadas ao longo da costa, do que conquistar impérios territoriais.*”<sup>5</sup>

Por outro lado pela primeira vez, como gostam de lembrar os autores indianos, os Portugueses depararam-se com uma sociedade superiormente desenvolvida, com uma estrutura socio-política clara (definida pelas castas), com uma economia agrícola organizada - as comunidades<sup>6</sup>, com uma religião ancestral a encorpar os actos do quotidiano.

Por tudo isto importa percorrer sucintamente os passos mais significativos da sua história que, acima de tudo, confirmam o domínio de uma organização social, política e religiosa com fundamentos ancestrais e que ainda hoje caracteriza a personalidade do indiano.

<sup>5</sup> A. H. Oliveira Marques, *Breve História de Portugal*, Lisboa, editorial Presença, 1995, p.228

<sup>6</sup> ver ANEXO II.

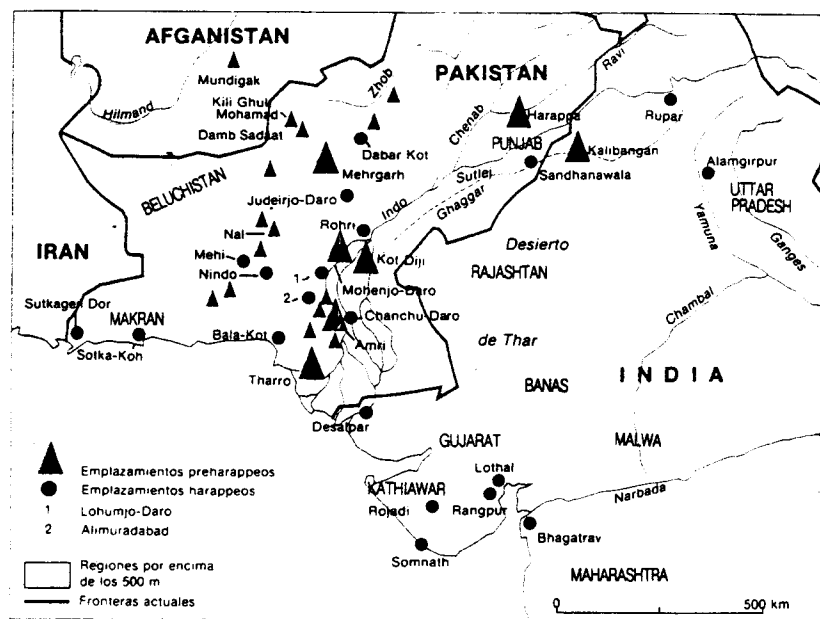


Fig. 5 -A civilização do vale do Indo (7), onde ao longo deste século se têm vindo a descobrir paulatinamente eficientes sistemas de habitação e de planeamento urbano.

### ...da civilização do vale do Indo (2500 a.C.)

Escavações realizadas em Mohenjodaro, Chanchudaro, Harappa e Lothal (as três primeiras no Paquistão e a quarta perto de Ahmedabad, na Índia) dão-nos conta de uma civilização complexa e rica onde assentam os princípios do hinduísmo.

Para Georges Duby, esta civilização que se estendeu pela bacia do rio Indo “*corresponde al período protohistórico y se caracteriza por la difusión del cobre (hacia 2500 hacia 1500 a.C.)*.”<sup>7</sup> A bacia do rio Indo era uma região fértil, o que naturalmente alimentou um comércio distante como provam a descoberta de selos na Mesopotâmia.

As escavações que se fizeram puseram à vista “*vestigios de ciudades que comportan una ciudadela y ciudades dormitorio*”<sup>8</sup>. Cidades de traçado ortogonal, onde eram patentes pioneiros sistemas de drenagem de águas e de recolha de lixos que se compreendem numa sociedade, génese da hindu, com preocupações ecológicas e de harmonia com a natureza.

O termo repentino desta civilização, corresponde à chegada “*de jinetes armados con hierro, los Arios (indo-europeos procedentes de Irán)*.”<sup>9</sup>

### ...dos Arianos (2500-1500 a.C.)

Oriundos da Ásia Central, entraram na península pela região do vale do Indo, dominando-a e obrigando os nativos *drávidas* -povos de pele mais escura, a deslocarem-se para o Sul.

De pouco contacto com outros povos e habituados a uma relação estreita com a natureza, trouxeram consigo o culto das forças naturais e cósmicas, bem como a prática da pastorícia, introduzindo a carne numa alimentação essencialmente vegetariana. Um costume que perdurou e que caracteriza as regiões do Norte.

Orgulhosos da sua compleição física, cultivavam a endogamia. Estruturaram e doutrinaram uma sociedade fragmentada em castas, divulgaram os Vedas (sagradas escrituras hindus) e consolidaram a posição dos sacerdotes como governantes espirituais e temporais.

A teoria dos historiadores modernos de que os Arianos vieram do Sul da Rússia, cerca de 2000 a.C., trazendo os rituais e os costumes védicos, não oferece muita consistência, na medida em que a cultura do vale do Indo floresceu antes, entre 3500 e 2500 a.C. Muitos dos aspectos do Hinduísmo, prescrições dos Vedas já eram seguidas pelas culturas do Indo.<sup>10</sup>

A civilização do vale do Indo entrou em colapso com a chegada dos povos do Norte e a introdução de novos sistemas de economia e produção.

### ...do império de Alexandre (séc.I a.C.)

Do Ocidente vieram as invasões persas, com Darius em 521-486 a.C., que conseguiu anexar para o seu império as províncias do Punjab e de Sind. Em 326 a.C., é a vez de Alexandre - o Grande, alcançar a Índia desde a Macedónia, arrasando parte do império persa.

O esgotamento das tropas e a morte do líder foram as principais razões do recuo. A sua presença no oriente constituiu um marco pioneiro e estimulante de diálogo notável entre manifestações artísticas de culturas tão distintas quanto ricas.

<sup>7</sup> Georges Duby, *Atlas Histórico Mundial*, Barcelona, editorial debate, 1987, p.242.

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> Ibidem

<sup>10</sup> D. Muralidhar Rao, *Hidden Treasure of Vaastu Shilpa Shaastra and Indian Traditions*, Bangalore, SBS Pub. Dist. p.4

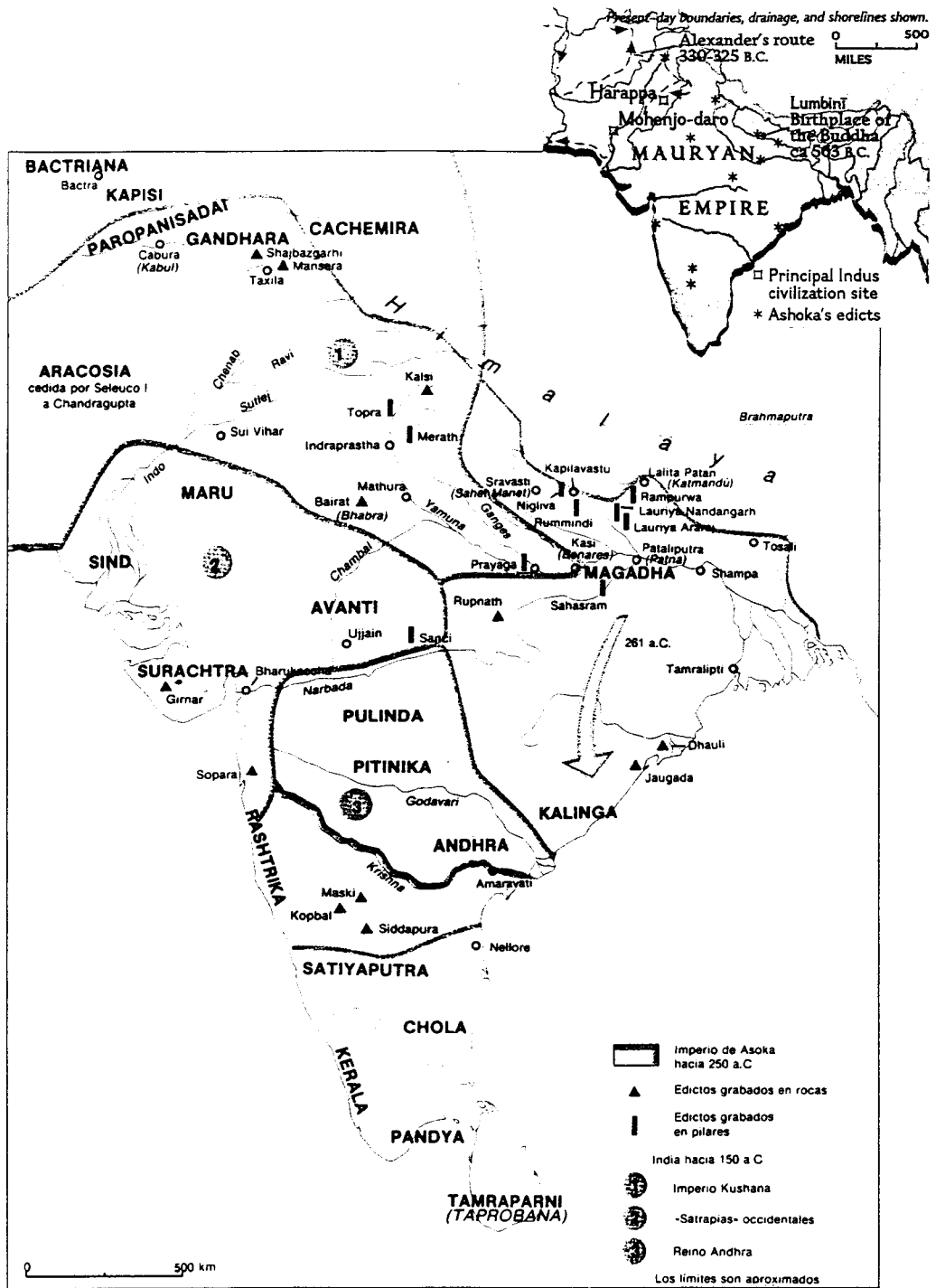


Fig. 6 -O desmembramento do Império de Ashoka (8), que com a sua conversão ao Budismo, contribui para a sua divulgação massiva na Índia.



A presença dos Gregos é assinalada por diferentes autores que identificam mesmo várias cidades do Sul da Índia com designações de Ptolomeu.

De acordo com Mc Crinde: -“*The peninsula of Chandramandal in the neighbourhood of Goa was probably Known during Ptolemy's times (1<sup>st</sup> century) as Khersonesoa. Goa had been described by him as Kowa.*”<sup>11</sup>

De fazer notar, por outro lado, as manifestações artísticas dos Ghandara, no norte da Índia, que mistura os ideais artísticos da Grécia com os princípios do Budismo, que então se começara a implantar (500 a.C.).

### **...do Império Maurya e Ashoka aos Gupta (séc. IV a.C. ao séc. VII)**

Com o recuo de Alexandre -o Grande, alastra um novo império que há muito germinava nas margens do rio Ganges e com a capital em Pataliputra (actual Patna). Um império com uma força militar bem organizada, um governo religioso, uma estrutura económica e social estável e mista -“*al fondo indio se añaden influencias iraníes y griegas...*”.<sup>12</sup>

De início com Chandragupta Maurya (321 a.C.) e mais tarde com Ashoka, cuja conversão ao budismo (262 a.C.) constituiu o maior revés para o hinduismo, o império alastra por todo o Norte da Índia, constituindo a sua primeira unificação;

-“*...comprendia las cuencas del Indo y el Ganges, el noroeste de la India e Afganistán oriental; alcanzaba los limites de la actual India, a excepción del Assam y del sur del Decán.*”<sup>13</sup>

Da sua vastidão dão-nos conta os marcos com os éditos gravados em pedra e decorados com esculturas em época de vigoroso florescimento artístico e profusa construção de templos budistas.

A desintegração do império fica a dever-se a uma política de não violência, a uma provável reacção dos Brahmanes hindus contra o budismo e à excessiva pressão económica exercida pelo estado. A morte de Ashoka, em 184 a.C. terá dado o golpe de misericórdia.

Com a desintegração dos Mauryas sucedem-se, entre outros reinos menores, os Kushana a Noroeste, os Satrapias na região do Gujarate e os Andhras na região centro, provenientes da costa oriental desde 70 a.C.

O budismo continua a sua expansão. Os templos-cave do centro da península começam a ser escavados/ esculpados.

Em 319 Chandragupta II funda o império Gupta, refundando a capital dos Ashoka - Pataliputra e expandindo-se por todo o vale do rio Ganges.

Com o fim dos Guptas em 606, o budismo e o jainismo perdem a sua popularidade em favor do hinduismo. O Norte divide-se numa série de pequenos reinos hindus e não voltaria a ser reunificado até às invasões muçulmanas.

### **...dos reinos do sul (até ao séc. XII)**

Enquanto o budismo e o jainismo floresciam no Norte, o Sul mantinha-se fiel ao hinduismo.

Em plena região peninsular, a economia baseava-se em relações comerciais de há muito estabelecidas com outras civilizações. Egípcios, romanos mas também povos do

<sup>11</sup> Gazetteer of India - Gvt. Dpt., *Gazetteer of the Union Territory of Goa, Daman and Diu* - part I, 1979, Panjim, p. 69.

<sup>12</sup> Georges Duby, in op. cit., p. 242.

<sup>13</sup> Ibidem

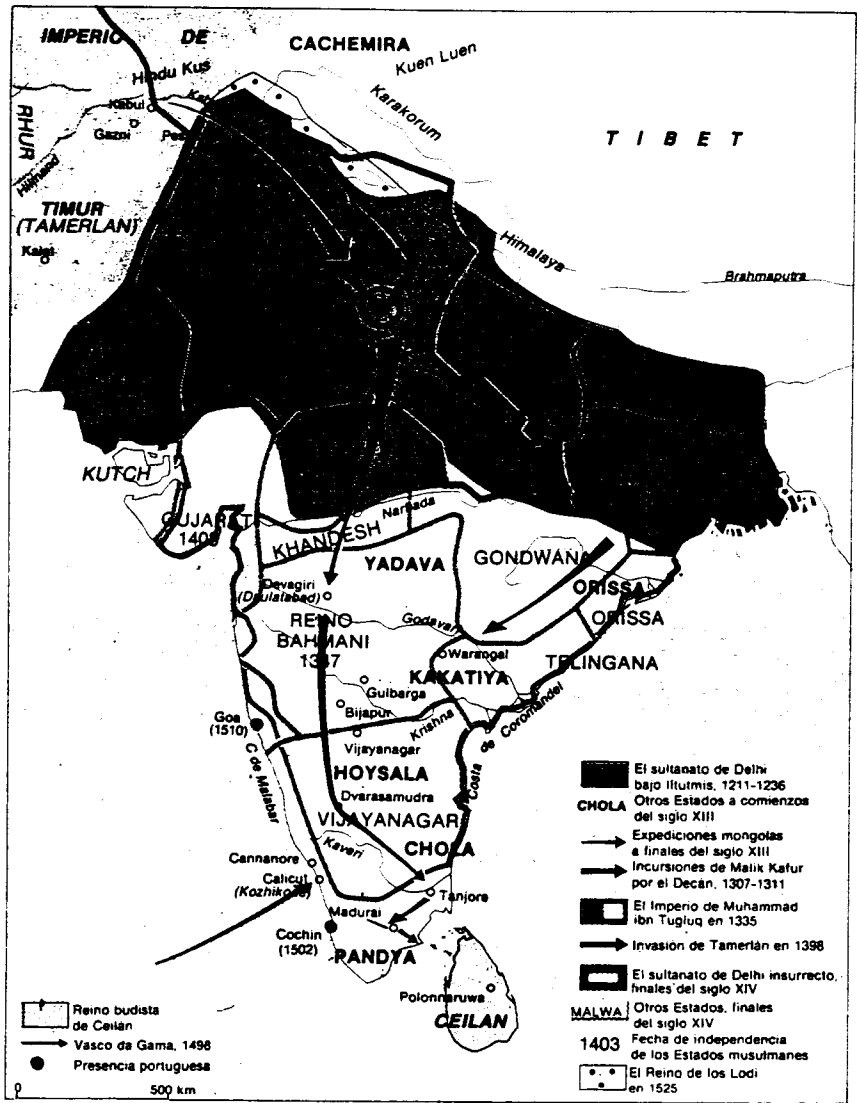


Fig. 7 -As invasões muçulmanas -o Sultanato de Delhi (9).

Sudeste asiático como atesta a presença do budismo e do hinduísmo, posteriormente adulterados, em ilhas daquela região.

Ao Sul, pelo ano 52, chegavam as primeiras sementes do cristianismo com o desembarque em Kerala do apóstolo S. Tomé.

Entre 550 e 1190 os Chalukyas dominaram o planalto do Decão a partir de Badami (250 km a Este de Goa). O seu governo seria interrompido entre 753 e 972 pelos Rashtrakutas.

Mais a Sul, os Pallavas sucederam os Drávidas, reconhecidos pela sua exuberante arquitectura. Em 850 são derrotados pelos Cholas, que detinham fortes relações com o Sudeste asiático, promovendo o intercâmbio de influências e chegando mesmo a implantar domínios.

### **...das invasões muçulmanas (séc. XI ao séc. XVI)**

Enquanto no Sul os reinos hindus não encontravam resistência significativa ao seu governo, a Norte o budismo diluía-se e criavam-se condições para o avanço do islamismo.

A partir do Afeganistão e do Gujarat, em menos de um século após a morte do profeta Maomé, são perpetrados violentos ataques destruindo templos infieis e saqueando bens móveis. A partir de 1192 os muçulmanos estabelecem-se no Punjab, em Varanasi e em Delhi, controlam todo o vale do rio Ganges e, em 1297, alargam a sua influência desde o Gujarat, chegando mesmo a fixar capital em Darlatabad, no estado do Maharastra.

O sultanato de Delhi, sujeito a partir de 1206 às dinastias turcas, estende o seu domínio desde o delta do Indo ao delta do Ganges e "*en los inicios de siglo XIV, a casi todos los reinos hindúes del Decán, a excepción del extremo sur, Tamul.*"<sup>14</sup>

Contudo, não era com facilidade que o islamismo se impunha ao hinduísmo. A resistência organizada começa a surgir com a formação de estados que lutam contra o sultanato. Estão, entre estes, a confederação dos Rajhputs, Orissa da dinastia dos Ganga, Pandya mas principalmente o império de Vijayanagar, a partir de próximo de Goa.

O reino hindu de Vijayanagar, fundado em 1336 e com a capital em Hampi, tomou em 1520 Bijapur -um dos cinco reinos a que o reino muçulmano de Bahmani tinha dado origem<sup>15</sup>. Contudo, estes aliaram-se e destruíram Vijayanagar na célebre batalha de Talikota em 1565, reinando no Decão até à anexação dos Moghuls.

Entretanto, a Norte, no alvor do séc XIV, o sultanato de Delhi apresenta-se debilitado, permeável às incursões e à cobiça, pelo que se compreende a facilidade com que o príncipe timurí Baber (1483-1530) constituiu o Império Moghul.

Com os Moghuls a Índia conheceu a sua segunda grande unificação.

### **...dos Moghuls (séc. XV ao séc. XVIII)**

Personagens e histórias lendárias, ilustradas pelo magnífico legado artístico (da arquitectura à literatura), os Moghuls criaram em torno das suas cortes uma verdadeira áurea de grandeza e sumptuosidade.

Oriundos do Afeganistão, perante uma mole imensa de hindus, cedo perceberam que não os converteriam, optando por integrá-los, fazendo uso das suas capacidades como

<sup>14</sup> Georges Duby, in op. cit., p.244.

<sup>15</sup> Os outros foram os reinos de Berar, Ahmednagar, Golconda e Bidar.

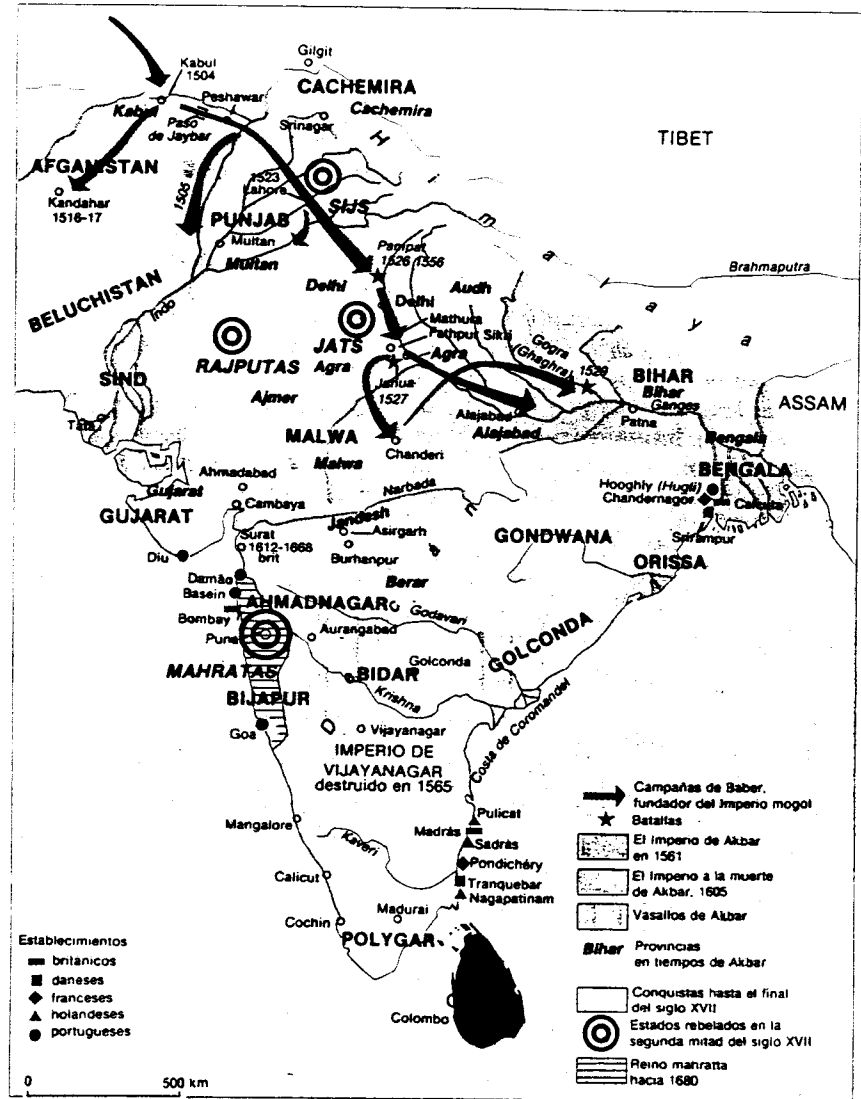


Fig. 8 -O império dos Moghuls e do Decão (10).

conselheiros, administradores e generais, em particular durante o período de Akbar. Governaram entre 1525 e 1757. Marcados ora por um espírito tolerante, ora fundamentalista, ora de grandes empresas e de conquistas, as suas políticas nem sempre foram populares.

Quando Aurangzeb (1658-1707) anexa os reinos do Decão, que, apesar de muçulmanos, correspondiam às regiões de predominância hindu, implanta uma política reaccionária, destruindo templos para a construção de mesquitas e criando taxas punitivas. Suscita naturalmente um clima de grande revolta, de onde sobressaem como frente declarada os Rajhputs e os Marathas. Perdera-se a astúcia com que tinham seduzido a Índia.

A debilidade do grande império não será perdoada pelos europeus, que aproveitam para reforçar as suas posições nas costas da Índia e cativar os hindus, em maioria e menos belicosos, contra os muçulmanos.

### **...dos Rajputs**

Sendo hindus e de casta guerreira, bem constituídos, possuíam uma fraca capacidade administrativa e organizativa que frequentemente degenerava em conflitos internos.

A atenção dos Moghuls ia para o seu recrutamento como meio de os enfraquecer como eventuais adversários e de garantir a distinção dos seus exércitos, tal a reputação e o temor de que gozavam.

### **...dos Marathas (séc. XVII ao séc. XIX)**

Mais a Sul (no Maharashtra), um povo hindu se distinguia, especialmente a partir de 1674, face ao predomínio islâmico do Norte.

Sob o comando de Shivaji, fosse por fornecimento de tropas ou por conquista de território, os Marathas foram-se sobrepondo aos Moghuls. A sua expansão estaria comprometida com o avanço dos Afegãos que, em 1761, lhes infringem uma valente derrota em Panipat (próximo de Nova Delhi), curiosamente o local onde 200 anos antes se instaurara o império Moghul. Daqui em diante, até princípios do séc. XIX (1803 -derrotados pelos Ingleses), seria a regressão de um exército que já não se apresentava como uma força conjunta, mas como o somatório de reinos locais.

Shivaji era oriundo de uma casta inferior, a quem estavam votados os trabalhos mais sujos. É insólito o seu percurso, tendo em conta que quem chefiava o povo provinha habitualmente da casta brâmane (sacerdotes) ou dos Kshatriyas (guerreiros).

### **Os Europeus (séc. XVI ao séc. XX)**

*“El debilitamiento del poderio mogol es aprovechado por los europeos para reforzar sus posiciones en las costas.”<sup>16</sup>*

Os territórios de Goa, Damão e Diu eram os únicos de europeus à data da independência da Índia (1947) e assim se mantiveram até Dezembro de 1961.

Para além destes domínios os **Portugueses** estabeleceram-se inicialmente na costa do Malabar -Calecute, Cranganor, Cananor, Cochim e na costa oriental da Índia, mais precisamente em Negapatão, S. Tomé de Meliapor, Pulicat (próximo de Madras) e na cidade de Hooghly (a norte de Calcutá).

---

<sup>16</sup> Georges Duby, op. cit., p.245.

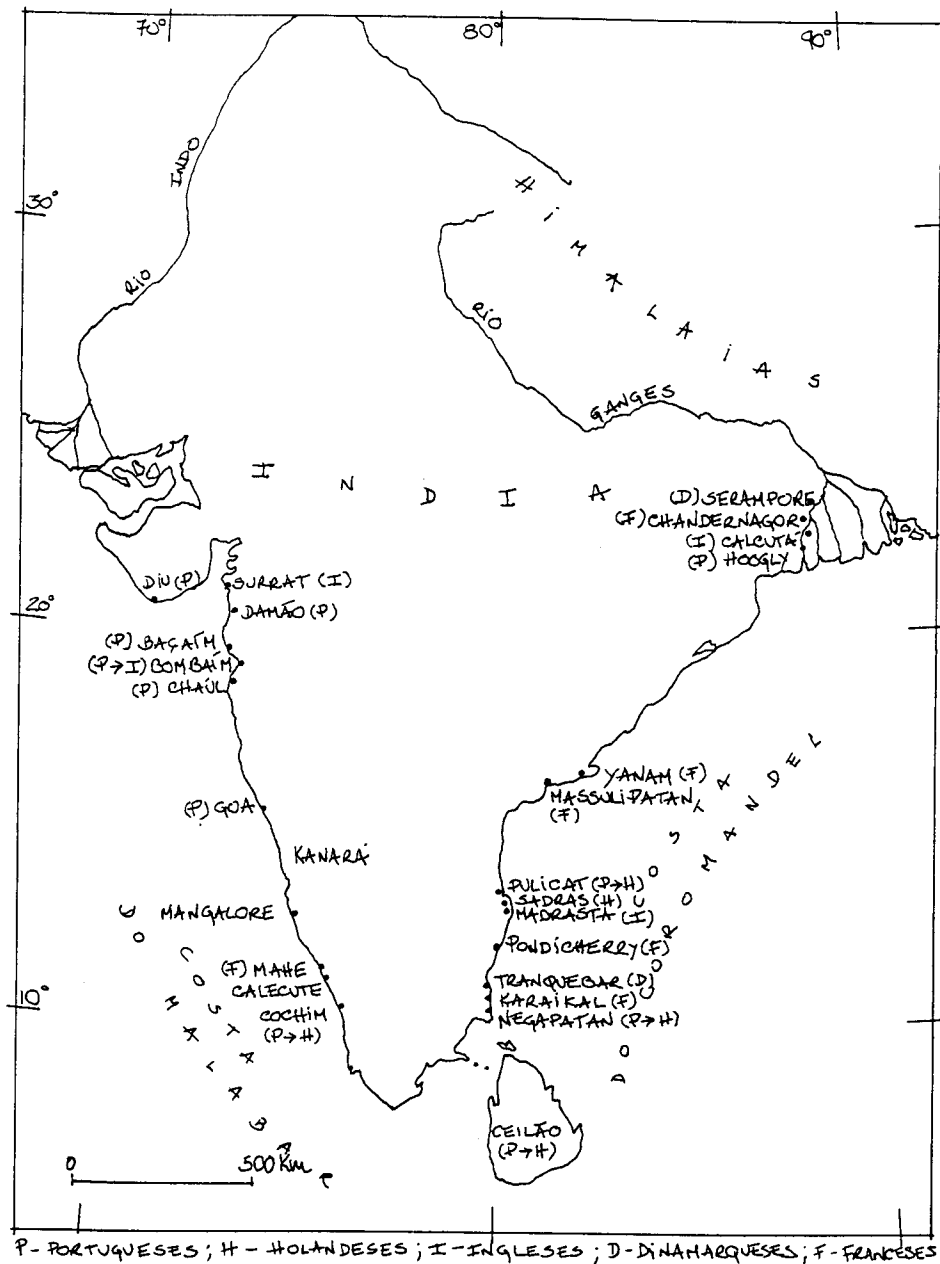


Fig. 9 - Os entrepostos europeus ao longo da costa indiana.

De acordo com o tratado de Bassaím, o Sultão de Gujarat cedeu em 1534, à Coroa Portuguesa, sete ilhas, desde Colava a Sul até Mahim ao norte ocupadas por pescadores Kolis. Entre elas encontrava-se Mumbadevi (Bombaím) -a maior do grupo, entregue aos ingleses em 1661. Muito próximo destas ficava Bassaím e Chaúl. A primeira tomada em simultâneo com Damão, ficou conhecida como a “Côrte do Norte”, tal o seu esplendor e dinâmica, acabando por se render aos Marathas, que a cercaram em 1739.

Igual destino teve Chaúl, ainda que de menor projecção, depois de ter sido tomada pelos Portugueses em 1522.

Hooghly fora um importante porto português desde 1537. Os Portugueses foram forçados a abandoná-lo em 1632. No entanto e beneficiando das boas relações que cultivavam com os imperadores Moghuls, voltariam um ano depois, já não com o mesmo estatuto autonómico, o que levou a que gradualmente se desinteressassem da possessão.

Em 1600, a Rainha Isabel I concedeu o monopólio comercial com a Índia a uma companhia de comércio de Londres, a futura companhia das Índias Orientais, que se estabeleceria em Surat (Gujarat) pelo ano de 1612, exercendo durante mais de duzentos anos a sua influência no governo daquela colónia.

Para além de Surat, os **Ingleses** criaram entrepostos em Madras (1640), Bombaím (1668) e Calcutá (1690). Recorde-se que Bombaím fizera, com Tânger, parte do dote de D. Catarina de Bragança no casamento com Carlos II de Inglaterra (1661).

Em 1672, os **Franceses** estabeleceram-se em Pondicherry (Tamil Nadu), disputaram aguerridamente o comércio com os Ingleses e tomaram-lhes Madras em 1746, durante três anos. De então em diante a situação agudizou-se e os franceses passaram a constituir a rectaguarda da oposição nativa aos ingleses. Assim aconteceu quando o Nawab de Bengala atacou Calcutá, ou nas guerras de Mysore.

Com a vitória de Plassey em 1757, os Ingleses consolidavam a sua posição em Bengala e beneficiavam indirectamente da derrota que os Afegãos infligiam aos Mahratas e ao que restava do império Moghul em torno de Delhi. Estava criado um vazio que os ingleses souberam preencher.

A companhia inglesa das Índias Orientais “...*arrebata a su rival francesa la supremacia sobre la India (tratado de Paris, 1763)*” e até 1840 controla a Índia na totalidade “...*bien directamente (India Británica), bien indirectamente (estados principescos)*.”

Era o princípio do grande império britânico -a terceira unificação da Índia, sustentada com muita diplomacia junto dos principados e protegida por um conjunto de aliados ao longo das fronteiras (Nepal aliado desde 1816, Birmânia anexada desde 1886 e Afeganistão neutralizado entre a Rússia e a Inglaterra em 1895).

Contudo, a progressiva destruição da economia tradicional suscita uma violenta onda nacionalista, que degenera num sangrento conflito religioso e conduz à criação de um estado para os hindus e outro para os muçulmanos. O Paquistão (ocidental e oriental -Bangla Desh desde 1971) e a Índia a partir de 1947.

Com a crescente importância dos Ingleses, os franceses foram gradualmente perdendo a sua influência, até que se retiram pacificamente dos seus territórios (1951). Estes passaram a constituir o “Union Territory” de Pondicherry e como tal administrado por Nova Delhi. Nele se incluem até hoje os enclaves de Karaikal (Tamil Nadu), Mahé (Kerala) e Yanam (Andhra Pradesh).

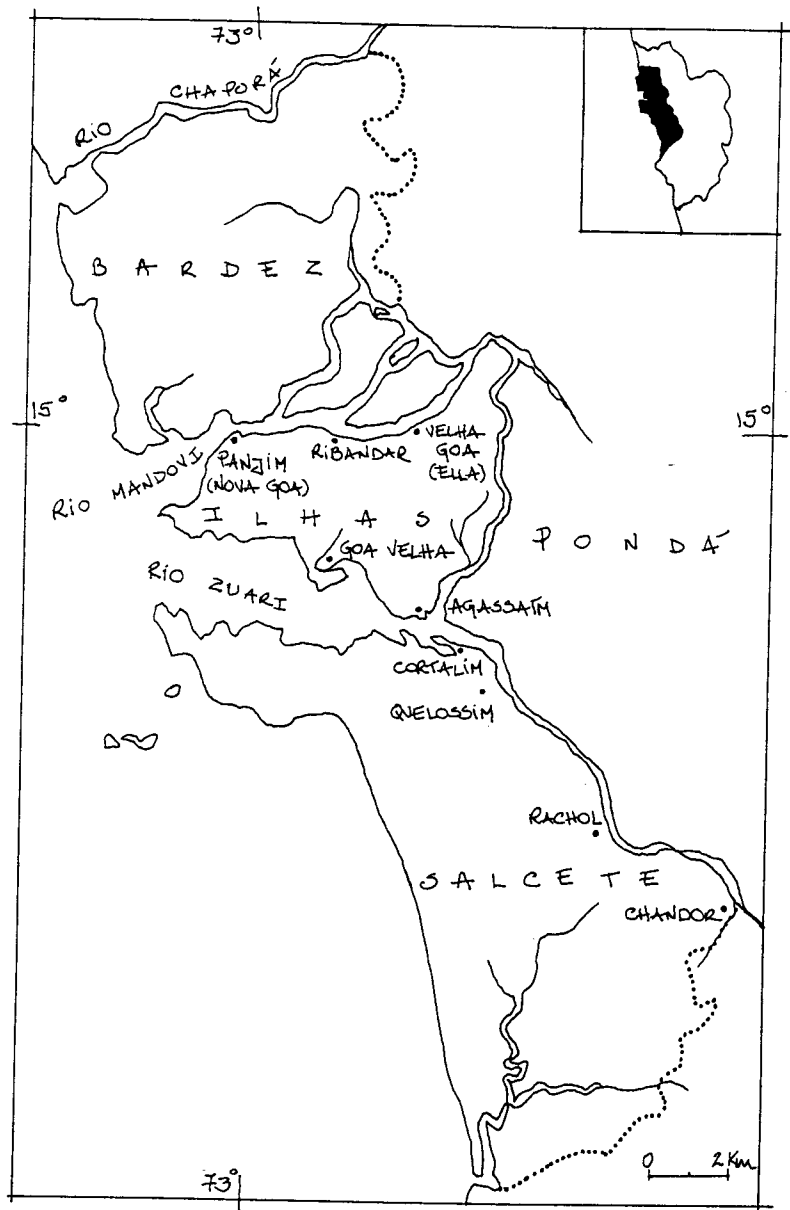


Fig. 10 -Os principais núcleos urbanos de Goa: Chandaura (Chandor), Govakapattana (Goa-Velha) e Ella (cidade de Goa, hoje Velha Goa).



Chandernagore, ao Norte de Calcutá, fora outro dos entrepostos franceses (1673). Contudo, por se situar num dos principais redutos do império e dada a proximidade daquela que foi a capital da Índia Inglesa até 1912, cedo perdera a sua importância comercial, acabando por ser entregue ao mesmo tempo que Pondicherry, mas integrando-se no estado de Bengala.

A presença dos **Dinamarqueses** fez-se também sentir na costa oriental da península, com a fundação em 1614 de uma companhia para a exploração do comércio oriental. Serampore (Calcutá) e Tranquebar (Tamil Nadu) foram os seus entrepostos (séc. XVIII), que se extinguíram com falta de capitais e os seus negócios transferidos para East India Company em 1845.<sup>17</sup>

Em 1602 era criada a Companhia Holandesa da Índias Orientais (VOC) “*que obteve dos Estados Gerais Holandeses o monopólio da navegação para a Ásia pela rota do cabo e do estreito de Magalhães.*”<sup>18</sup>

Sadras, Negapatnam e Pulicat ambas no estado de Tamil Nadu foram os três entrepostos que os **Holandeses** estabeleceram na Índia, os dois últimos conquistados aos Portugueses e que acabaram por cair mais tarde nas mãos dos ingleses.

Chinsura, próximo de Calcutá, também fora um entreposto holandês até 1825, altura em que foi entregue aos Ingleses em troca pela ilha Indonésia de Sumatra.

## 2.2. Goa pré-portuguesa

Segundo a lenda, Goa<sup>19</sup> começou a ser habitada, quando Parashurama, uma encarnação do Deus Vishnu, lançou a partir dos Gattes uma seta direita ao mar e esta caiu na costa do Concão. Qual terra prometida, para a povoar trouxe de Bihar 96 famílias Saraswat<sup>20</sup> Brahmanes e espalhou-as pela mais fértil das regiões do Concão -Gomantak (Goa).

A análise histórica não confirma este pioneirismo e dá como provável a sua vinda para o Concão pelo ano 1000. Certo é, contudo, que foram eles que trouxeram os Deuses Shri Mangesh e Shanta Durga, que se adoravam inicialmente em Quelosim e Cortalim, mas que foram, com a chegada dos Portugueses, removidos para Pondá.

Mas, historicamente, Goa também suscitou, desde sempre, a cobiça, configurando-se num importante entreposto entre o planalto e a costa. Por ela passaram muitos povos, credos e

<sup>17</sup> G. Crowther et al, *India -Travel Survival Kit*, 5<sup>th</sup> ed., Hong-Kong, Lonely Planet pub. 1993, p.466.

<sup>18</sup> Willem Morzer Bryuns, “A Época de Ouro das Descobertas Holandesas: 1594 - 1694” in *Oceanos*, Abril-Junho, 1994, nº 22, p.62.

<sup>19</sup> -“*Goa is properly known as Gowa or Gova, in marathi Goven and in Konkani Goen*”

Goa deriva muito provavelmente da palavra *Gomantaka* -nome pelo qual se designava a região do Concão. No Harivamsha Purana (um dos contos sagrados dos hindus) aparecem referências a uma montanha denominada *Gomanchal* onde se teria travado uma grande batalha entre Krishna (Deus hindu associado à cultura do gado, habitualmente representado com vacas em redor) e o Rei de Magadha (região do Maharashtra) em que este saiu derrotado.

No Mahabharata -o grande épico indiano há referências a Goparashtra como terra de gado e tribos nómadas. Por outro lado e de acordo com registos históricos, a primeira referência que se conhece da palavra *Gomant* é pelos Shilaharas. Tratava-se de um território referenciado numa carta dos Shilaharas da região de Kolhapur como Gomantha Durga.

<sup>20</sup> Saraswat era um personagem do Mahabharata que morava nas margens do rio Saraswati -Punjab(?) e deu abrigo a mais de 6000 Brahmanes arianos quando houve uma grande fome durante 12 anos consecutivos, alimentando-os apenas de peixe do rio.



Map of Java. From Lavánha's map in Vol. IV of the *Decadas* of J. de Barros, Madrid, 1615, p. 39.

Fig. 11 -Mapa da ilha de Java (11) (Indonésia) em 1615 onde são visíveis nomes de povoações de Goa tais com *Margam* (Margão), *Agasai* (Agassaim), *Sunda* (Sundém) ou mesmo *Madura* (Madurai) no actual estado do Tamil Nadu que se deve à presença de colonos de Goa e do sul da Índia e a uma estreita actividade comercial entre os dois territórios

interesses. Uns, que fizeram dela protagonista, projectando-a, outros, que a consideraram mais uma terra de conquista em função das suas opções culturais.

*“At times, it was part of other neighbouring kingdoms. Later on, it was practically divided into two or three regions under different rulers.”<sup>21</sup>*

Habitaram-na inicialmente **tribos pré-dravídicas**, que foram sendo sucessivamente empurradas para o interior e para Sul com a chegada dos Arianos à costa do Concão (séc.VII a.C.), procurando, assim, escapar a uma condição de jugo.

*“The language, customs, and the worship prevailed mainly of the Aryans, though slowly they got mixed up with the rituals of that aborigenes. Poligamy practised by the Aryans must have further accelerated mixed marriages.”<sup>22</sup>*

Pouco se sabe, com propriedade, acerca da história de Goa anterior ao séc. III, altura em que os **Bhojas** governaram a partir de Chandaura (actual Chandor), como feudatários dos Mauryas do Norte da Índia. É a este período que remontam as grutas budistas de Goa com as de Rivona e de Arvalém, ainda que progressivamente este povo tenha aderido ao culto de Deuses do panteão hindú. Do seu governo há a reter um profundo sentido de organização administrativa espelhado numa constituição própria<sup>23</sup> e o lançamento de uma actividade comercial de envergadura. Com efeito, ainda que prevalecesse uma economia agrícola, há notícia de colónias Bhojas nas ilhas de Sumatra, Java e Bali e de um comércio próspero com os romanos.

*“From the beginning of the 6<sup>th</sup> century, the persians interrupted the Indo-roman trade, which was later on revived under the Badami Chalukyas during the 7<sup>th</sup> century.”<sup>24</sup>*

*“ In A.D. 673, the Chinese traveller I. Tsing noticed Indian Colonies of Shri Bhojas in Sumatra, Kalingas in Java and Bhojasparas in Bali. It seems in some cases the emigrants named their colonies after the place names from where they migrated from the west coast such as bali, Banda, Sunda, Gowa,etc. As late as 17<sup>th</sup> century, there was in the island Macassar, a kingdom by name Gowa, ruled by a Sultan with whom the Portuguese in Goa had trade relations.”<sup>25</sup>*

Durante os séculos VI e VII governaram os **Mauryas** do Concão, com base em Chandrapura -então uma ilha muralhada, até serem depostos pelos Kadamba. Estes, inicialmente condicionados pelos Silaharas (770-1020), que dominavam a partir de Gopakapattana, na foz do rio Zuari que lhes dava acesso, não perderam a oportunidade de tomarem aquele estratégico porto<sup>26</sup> mal despontaram desavenças entre o reino do Norte e do Sul.

Os **Kadambas**, descendentes de reais famílias do Karnataka e cuja origem remonta ao séc. IV, viram-se assim na posse das duas principais cidades e a sua política foi de manifesta expansão, chegando a ser senhores de todo o Concão.

---

<sup>21</sup> Gerald Pereira, *An Outline of Pre-Portuguese History of Goa*, Vasco da Gama, 1973, p.13.

<sup>22</sup> Idem, p.14.

<sup>23</sup> Gvt. Dpt. - Gazetteer of India, in op.cit. part I, p. 69.

<sup>24</sup> Idem, p.70.

<sup>25</sup> Ibidem

<sup>26</sup> recentemente foram descobertas as ruínas do porto e uma parte do pavimento laterítico da estrada que ligava o porto a Ella - (cf. Teotónio R. de Sousa, in op. cit., p.23.)



-“The city of Gopakapattana must have assumed greater importance under his rule. There were gardens on every side, and also plastered houses, alleys, horse-stables, flower gardens, agreeably connected bazars, harlots, quarters and tanks charming the eye. We may assume that the city was a cosmopolitan centre with people flocked from different countries and of different races.”<sup>27</sup>

Para além de relações comerciais com toda a costa da Índia, Gopakapattana tinha transacções com Zungavar (Zanzibar) e Khyata (Kuwait)<sup>28</sup>. Os seus governos pautaram-se por políticas de pendor social, nomeadamente a construção de casas para os mais pobres, subsidiada com a taxa das carreiras comerciais marítimas, pela construção de depósitos para o armazenamento de água durante as estações secas e pela multiplicação de escolas e templos<sup>29</sup>.

-“With the help of her husband (Permadi-Deva(1147-1181)) she established agraharas (schools) throughout the Kadambas empire. Learned men taught in these institutions, Vedas, Vedangas, Nyaya, Mimansa, Sankhya, Yoga, Vedanta, Smriti, Itihasas, Astronomy and Puranas. She also constructed temples for public worship while at the same time patronising art and architecture.”

Os Kadambas foram-se mantendo vulneráveis aos reinos vizinhos, ora dilatando, ora minguando o território, mas procurando não perder o controlo sobre ambas as cidades (Govakapattana e Chandrapura). O carisma do governante, sua influência, capacidade negocial e prioridades, a situação política da região, a estabilidade dos feudos e dos impérios, as oscilações do comércio marítimo, são apenas algumas das variáveis que afectaram trezentos anos de poder.

Os Kadambas acabariam por não resistir, já no séc. XIV, às investidas do Sultanato Delhi, com a destruição plena das suas principais cidades que não mais renasceriam.

Face à expansão muçulmana para Sul, reforçaram-se os reinos hindus, destacando-se o império de Vijayanagar, fundado em 1336.

Como se disse, Goa era um importante porto por onde escoava todo o comércio do interior, dominado quase na íntegra por muçulmanos. Do Médio Oriente provinha um dos produtos essenciais à vitalidade do Islão na Índia -os cavalos. Obstruir este fornecimento significava enfraquecer os exércitos do Sultão Bahmani, o que Vijayanagar não hesitou em fazer. Astutamente, Vijayanagar incitou à revolta o povo de Goa, alimentando o regresso dos Kadambas e o possível estabelecimento de um feudo, como forma de conseguir aliados para derrotar os Muçulmanos. Conseguido o intento, o poderoso império de **Vijayanagar** anexou Goa como sua província <sup>30</sup>(Rajya), designando um governador de entre a família real, mas deixando atrás de si um rasto de insatisfação.

-“This caused disappointment among the population who had not expected such a treatment from a Hindu Kingdom.”<sup>31</sup>

Entretanto, durante o reinado de Tughlak Shah, Imperador de Nova Delhi (1325-1357), face à sua incapacidade de governo, era grande o descontentamento da corte, que se agravou com a mudança da capital para Dewgur no sul<sup>32</sup>. Alguns dos seus governadores

<sup>27</sup> AAVV, *Epigraphia Indica: Archeological Survey of India*, Calcutta, vol. XIII, pp. 309 - 310.

<sup>28</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.49.

<sup>29</sup> idem, p. 57.

<sup>30</sup> (Vijayanagar compunha-se então a grosso modo por quatro *Rajyas*; (i) *Mangaluru Rajya* (sul do Canará do sul), (ii) *Barakuru Rajya* (norte do Canará do sul), (iii) *Haive Rajya* (sul do norte Canará), (iiii) *Konkana Rajya* (norte do norte Canará e Goa) cf. Gerald Pereira in op. cit., p.74.

<sup>31</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.73.

<sup>32</sup> Mohamed K. Fehrista's, *History of the Rise of the Mahomedan Power in India*, (translated from the original Persian by John Briggs), Calcutta, 1909, vol.I, p.347.

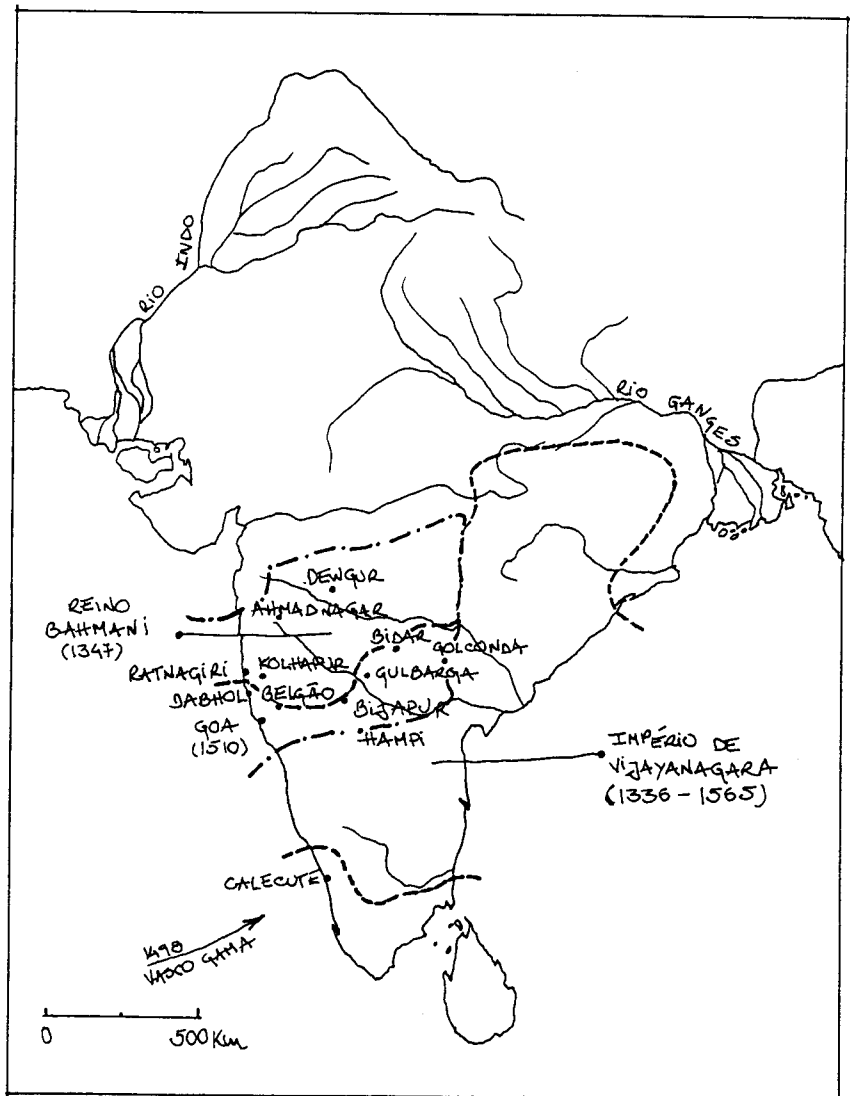


Fig. 12 -Os reinos de Bahmani e de Vijayanagara que afectaram directamente o território de Goa.

rebelaram-se e declararam a independência dos reinos que administravam. Zefir Khan foi um deles, tendo estabelecido o seu reino muçulmano<sup>33</sup> a partir de Gulbarga, por volta de 1347 (500Km a NE de Goa)<sup>34</sup>. O seu reino depressa se dilatou até à costa tida como essencial em termos económicos e, conseqüentemente, trunfo político para desencorajar o ímpeto de qualquer poder adormecido. Conquistou Goa, que reagiu com o apoio de Vijayanagar, dando origem a feudos Bahmani como feudos de Hindus. As guerras sucedem-se em sucessivas danças de poder.

A Zefir Khan seguiram-se onze reinados até 1463, altura em que o império Bahmani passa para os **muçulmanos** pelas mãos de Muhammad Shah II.

Por volta de 1470 o Rajá de Belgão (Parkatapah), que devia obediência ao Rei Bahmani, toma inesperadamente de assalto as ilhas de Goa e jura lealdade ao reino de Vijayanagar. A resposta dos Bahmani não se faz esperar pela espada do seu regente<sup>35</sup>. Tomado Belgão, que ainda ofereceu alguma resistência, em 1472 foi a vez de Goa, por terra e por mar com uma armada de 120 navios<sup>36</sup>.

Com a captura de Goa, estava de novo franqueado o acesso do interior à costa e ao ocidente em termos comerciais mas também religiosos, tendo em conta o afluxo de peregrinos para Meca. Goa passou então a dispor de fortes e fortalezas com guarnições permanentes para uma boa defesa da costa.

Aproveitando algumas convulsões internas, como a morte do Sultão, a posse do filho (Mahmud Shah) então menor, a nomeação de um regente (Nizam-ool-Moolk), as ameaças hindus de Vijayanagar e o próprio distanciamento da capital do império -Bidar, levou a que quando um dos seus oficiais (Bahadur Khan Gilani) foi nomeado para Goa, se autoproclamasse independente.

Por volta de 1493 dominava, não apenas Goa, mas também Dabhol, Kolhapur, Kolhar, Punala Sirala e Belgão. Estavam nas suas mãos todos os portos principais do Decão e não se coibia de praticar apreensões de carga, saques e pirataria.

Em 1443 nascia Yusuf Adil Shah, filho mais novo do Sultão de Constantinopla e que, portanto, deveria ter sido morto à nascença de acordo com a tradição que concede a vida apenas a um filho varão. Foi trocado por sua mãe e levado por um mercador para a Pérsia, mais precisamente para Sava, onde cresceu e foi educado<sup>37</sup>. Por volta de 1461 foi vendido na Índia como escravo a Mahmud Gawan, o regente do Sultão Muhammad Shah II, que reconquistara Goa ao Rajá de Belgão. Dotado de muitas qualidades, não tardou a ascender a cargos de chefia e, com a morte do seu tutor em 1481, é feito governador de Bijapur.

À semelhança de Gilani, mas com maior astúcia, declara-se independente dos Bahmani em 1489. Derrota as suas incursões (bem como as de Vijayanagar) e providencialmente casa a sua filha com a filha do Sultão Mahmud Shah.

---

<sup>33</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.81.

<sup>34</sup> "Sultan Ala-Ud-Din Hasan Shah Gangu, I Bahmani also known as Zefir Khan was one of the general's who revolted and established an independent kingdom with is capital at Gulbarga (...) (1347)" cf. Mohamed K. Fehrista's in op.cit. vol.I, pp. 291, 345.

<sup>35</sup> (Mahmud Gawan) uma vez que o Sultão (Muhammad Shah) não havia ainda atingido a maioria. "With your Majesty's permission, I will go and put down this rebellion and chastise that accursed one, conquer the whole country of Kanara and Vijayanagara and annex them to the dominions of Islam."(cf. Indian Antiquary, vol. XVIII, p. 285)

<sup>36</sup> Mohamed K. Fehrista's, in op. cit., vol.III, p. 485.

<sup>37</sup> Gvt. Dep. Gazetteer of the Bombay Presidency, Bijapur, vol. XXIII, p. 404.





Em 1498, o reino Bahmani desagrega-se e dá origem aos cinco estados a que já aludimos (Ahmednagar, Berar, Bidar, Bijapur e Golconda) e, em 1501, Adil Shah funda oficialmente a sua dinastia com capital em Bijapur, que se transforma numa das mais esplêndidas cidades do Decão<sup>38</sup>.

A propósito da cidade de Bisnagua, como então era conhecida pelos Portugueses, diz-nos Duarte Barbosa “...he has great and fair Palaces, in which he always lodges, with many enclosed courts and great houses very well built, and within them are wide open spaces, with water tanks in great numbers, in which is reared abundance of fish. He also has gardens full of trees and sweet-scented herbs. In the city as well there are Palaces (...) the other houses of the people are thatched but none the less are very well built and arranged according to occupations, in long streets with many open places.”<sup>39</sup> ( )

Dado o seu poder, com facilidade Adil Shah expandia o seu reino. O governador Bahmani de Goa depressa se submeteu ao seu jugo e a cidade de Ella conheceu um franco incremento, afirmando-se como a cidade do estado.

Depois de Chandrapura e Govakapattana, Ella aparece como uma cidade florescente, muito ligada à precedente. Já no séc. XIV (1342-1349), Ibn Battuta -um viajante árabe menciona-as nos seus escritos<sup>40</sup>:

“... we arrived after three days at the island of Sandabur (Goa) on which there are thirty six villages. It is surrounded by a gulf, the waters of which are sweet and agreeable at low tide. In the centre of the island are two cities, an ancient one built by the infidels and one built by the muslims when they first captured the island.” Este viajante refere-se provavelmente às cidades de Goa-Velha e de Ella que, de acordo com Gerald Pereira, teria sido fundada pelos muçulmanos depois da sua primeira conquista de Goa, em 1313.

- “...Ella was well fortified with a strong wall constructed around it. The main road led from the jetty of the river Mandovi right up to the Palace of Adil Shah. He also constructed beautiful edifices.”<sup>41</sup>

- “The buildings were single-storeyed and spacious; there were houses set apart for recreation; there were shops of different citizens; the gold-smiths of Goa had the high reputation of being the best in India.”<sup>42</sup>

A tolerância era uma das bandeiras do seu regime e, na generalidade, os Hindus participavam da hierarquia civil e militar, sendo conferidas terras e títulos àqueles que se destacavam pelos serviços prestados e pela lealdade demonstrada. Em geral correspondiam às castas mais altas, Brahmanes e Marathas -em geral reconhecidos pelos seus méritos de guerra, prováveis Xátrias, donde teriam derivado os Chardós de Goa<sup>43</sup>.

Os títulos seriam de Dessai e Sardessai para os proprietários e de Rajab, Naik e Rao<sup>44</sup> para os leais servos.

Estas atribuições não eram pacíficas e não tardou a que, dentro da própria sociedade hindu, crescesse alguma desconfiança e animosidade, que conduziu a uma guerra surda a que os Portugueses não se fizeram desentendidos.

<sup>38</sup> Ludovico di Varthema, *Travels* (translation Hakluyt Society), London, 1863.

<sup>39</sup> Mansel Longworth Dames, *The Book of Duarte Barbosa*, New Delhi, A.E.S., 1989, vol. I, p.202.

<sup>40</sup> José Nicolau da Fonseca, “*An Historical and Archeological sketch of the city of Goa*”, New Delhi, A.E.S., 1994, p.125.

<sup>41</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.86

<sup>42</sup> Ibidem.

<sup>43</sup> Maria de Jesus dos Mártires Lopes, *Goa Setecentista: tradição e modernidade*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1996, p.103.

<sup>44</sup> Gvt. Dep., *Gazetteer of the Bombay Presidency*, Bijapur, vol XXIII, pp. 409-410.

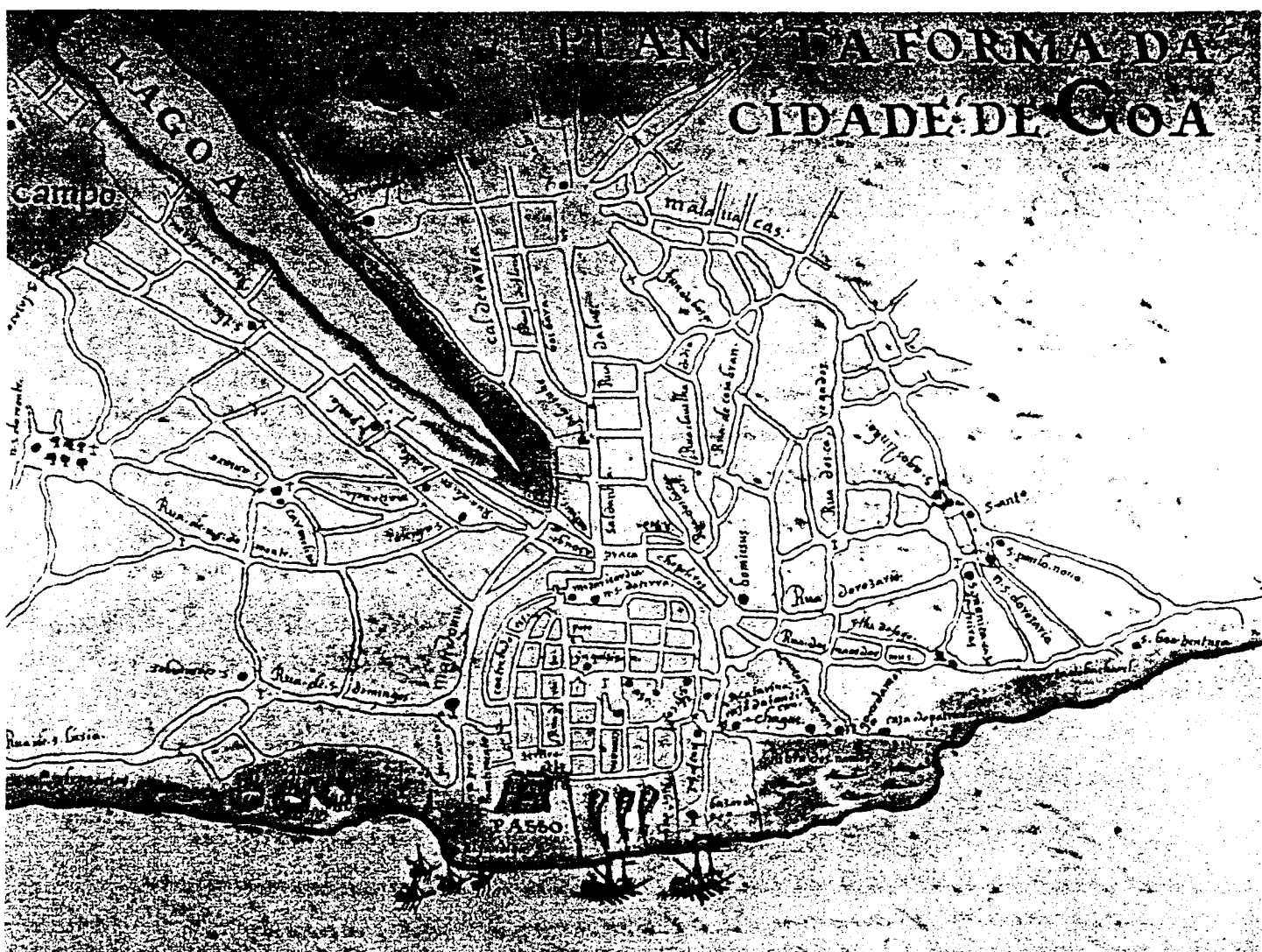


Fig. 13 -Desenhos da cidade de Goa, que alguns autores chegaram a comparar a Antuérpia e a Londres, já que ao longo dos sécs. XVI e XVII terá atingido os 250 000 habitantes e um portentoso domínio comercial. A imagem superior refere-se ao ano de 1636 (12) e a inferior ao de 1620 (13).

*-“The Desais started the oppression of the other Hindu landlords which led to the discontentment. It was this disgruntled Hindu landlords who later on incited the local Hindu population to aid the Portuguese against the Mahomedan rulers.”<sup>45</sup>*

Podemos então apresentar um quadro síntese dos principais povos que marcaram o território de Goa, considerando-os num domínio e contexto mais alargado de que em geral eram feudatários ou relacionados por razões étnicas, políticas ou de credo.

Pretendemos identificar o período de jugo estimado, a sua religião e a sua principal cidade no território do actual estado de Goa. Sem surpresas parece evidente que o primeiro núcleo se estabelece na actual Chandor, então ilha e com uma forte componente defensiva.

Evolui depois para Goa-Velha, nas margens do rio Zuari, a partir do momento que se estabelecem as primeiras relações comerciais com alcance e culmina em Ella, actual Velha Goa.

As duas últimas já terão funcionado em sintonia, contudo, o crescente açoreamento do Zuari, aliado ao aumento de calado dos navios exigindo águas mais profundas, não deixaram alternativa aos muçulmanos, comerciantes natos e pujantes.

A segurança e a acessibilidade do porto de Velha Goa foram ainda razões de peso, se tivermos em conta que o principal produto de então eram os cavalos que alimentavam os exércitos do planalto e que escoavam pelo vale do rio Mandovi em direcção aos Gattes.

É neste contexto que os portugueses implantam a sua cidade dourada.

Quadro síntese com os sucessivos domínios sobre o território de Goa:

	DOMÍNIO	RELIGIÃO	CAPITAL
Bhojas e Satavahanas	(200-500)	budistas	Chandaura (Chandor)
Chalukyas de Badami	(500-750)	hindus	integrada na actual provincia de Ratnagiri
Silahas	(750-1000)	hindus	Goa Velha
Kadambas	(1000-1360)	hindús	Goa Velha e Chandrapura (Chandor)
Vijayanagar	(1360-1470)	hindús	Hampi
Sultanato de Bijapur	(1470-1510)	muçulmanos	Ella (Goa) e Vengurla como portos
Portugueses	(1510-1961)	crístãos	Goa (Ella)

<sup>45</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.89.



Fig. 14 - Aspecto de um leilão na rua direita de Goa (14). Ainda que estes desenhos apelem a alguma fantasia, do autor e do leitor, destacamos o desenho dos telhados das casas (forma e material), do aparato do trajar e da locomoção.

### 2.3. o domínio português em Goa

Com a chegada dos Portugueses, Goa inaugura um período que a transforma numa das cidades mais célebres do mundo de então, com uma população superior a 200 000 habitantes, comparável aos principais entrepostos da Europa e conhecida como a “Roma do Oriente”, tal a densidade de edifícios religiosos e de clero.

Quando Afonso de Albuquerque a conquistou definitivamente, em 1510, o Sultão Adil Shah tentou negociar a sua troca por uns arrabaldes, o que, para além de não surtir efeito, levou a que em 1543 fossem cedidas as províncias de Bardez e de Salcete.

Goa firmava o seu primeiro anel, conhecido como as Velhas Conquistas e que se manteria até á anexação de novos territórios na segunda metade do séc. XVIII.

Em busca de cristãos e especiarias, Portugal, quando chega ao Índico, depara com um comércio estabelecido, organizado e monopolizado pelos árabes que procura a todo o custo dissipar com as conquistas de Malaca em 1511 e de Ormuz em 1515.

Na posse dos pontos chave do comércio do Índico, Portugal apresenta Goa, a partir de 1530, como a capital do império no Oriente. Em 1557 eleva-a à categoria de arcebispado com jurisdição desde a África Oriental à China.

Em 1570 Goa já tinha superado militarmente o Decão, Ahmednagar, Calecute e o seu comércio florescia com um movimento anual superior a mil navios, o que a fazia alvo de crescente cobiça, nomeadamente de outros europeus.

A Holanda, a quem haviam sido vedados os portos nacionais desde 1594<sup>46</sup>, por ordem de Filipe I com quem estavam em guerra, procura estabelecer um comércio directo com as fontes no oriente, que dispense os portugueses como intermediários. O monopólio da navegação portuguesa termina, os holandeses conquistam algumas posições comerciais no sudeste asiático e aproximam-se compulsivamente da Índia à espera da melhor oportunidade. Entre 1602 e 1634 Goa é por diversas vezes bloqueada, com graves consequências e prejuízos para o território, mas sem render.

Se da parte da coroa portuguesa, mais atenta ao Brasil, começa a faltar apoio, Goa tira partido da conjuntura dos seus reinos vizinhos hindus, profundamente debilitados com as pressões dos Moghuls, para conjugar forças e subsistir.

A decadência dos Marathas<sup>47</sup>, a quem os pequenos reinos da região habitualmente se aliavam para combaterem os povos do norte, não lhes deixa alternativa, senão a de pedir o auxílio aos Portugueses, sempre seduzidos pela possibilidade de negociarem terras.<sup>48</sup>

É assim que, ao longo da segunda metade do séc. XVIII, se assiste a uma sucessão de tratados com o Rei de Sundém, com os Bhonsles de Sawantwadi e mesmo com os Ranes feudatários dos segundos e muito activos ao longo de todo o séc. XIX.

Os Dessais de Satari e de Perném optam também pela jugo Português e anexam-se às velhas, as Novas Conquistas que definem até hoje as fronteiras do estado de Goa.

Ao invés da segunda metade do séc. XVII, o séc. XVIII faz emergir uma nova economia, alicerçada numa grande mole de Hindús que seduzida por um novo clima de confiança, se estabelece e se relaciona com os Portugueses em zonas que habitualmente lhes eram hostis.

<sup>46</sup> Carlos Alexandre de Moraes, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa*, Macau, I.C.M/ Instituto Rainha D. Leonor, 1993, p.109.

<sup>47</sup> Os Marathas eram então os únicos hindus com estatuto para fazer frente aos muçulmanos.

<sup>48</sup> Teotónio R. de Souza, in op. cit. p.24.

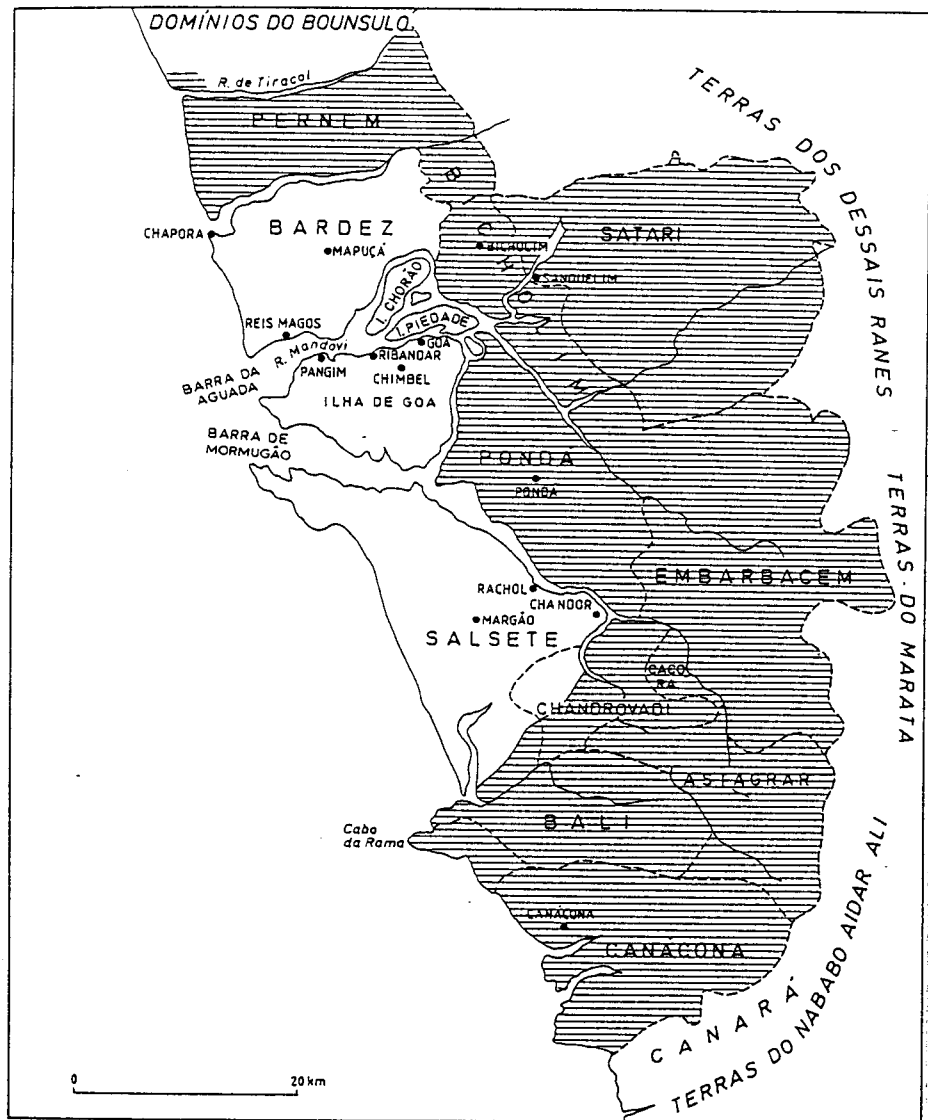


Fig. 15 -O território de Goa, distinguindo as novas das velhas conquistas e onde ainda se assinalam as antigas divisões administrativas do território (15).

-“The banning and expulsion of the Jesuits at the end of the eighteenth century had a salutary effect on the Hindu-Portuguese relations, and several Hindu families returned to Tiswadi, Salcete and Bardez districts and recommenced their business activities. The social status of the Hindus had improved but they still did not enjoy full political rights.”<sup>49</sup>

Vale a pena determo-nos um pouco sobre a(s) revolta(s) dos Ranes, na medida em que elas foram a razão de certos requisitos de defesa que encontrámos em muitas das casas que visitámos nas províncias de Salcete e Bardez.

A sua fama transformou-os em “bode expiatório” de todo e qualquer ataque infringido às aldeias, pelo que todas as casas dispunham de meios de defesa, ainda que arcaicos e ineficazes. É importante dizer-se que nem todos os ataques perpetrados eram de sua autoria, antes logrados com objectivos políticos de intimidação da população e de descrédito nos intentos daquele grupo.

Os Ranes de Satari prestavam vassalagem aos Bhonsles de Sawantwadi (norte de Goa) e foram incitados pelos Portugueses a trocarem de soberanos, no intuito de constituírem um tampão face às frequentes incursões inimigas em territórios das velhas conquistas. Insatisfeitos com a mera soberania, em breve os Portugueses tentaram anexar o território o que, depois de várias tentativas frustradas, seria finalmente conseguido em 1782. Contudo, os Ranes não se dariam por vencidos e durante 14 anos perpetraram revoltas a um ritmo anual, até que lhes foi concedido o direito sobre as receitas das suas aldeias.

Em 1827 o mesmo direito é retirado, os Ranes recorrem ao tribunal, ganham as causas, mas a sentença final é anulada pelo Vice-Rei. Inconformados com a justiça Portuguesa, iniciam um processo de guerrilha, que se agrava com a extinção de privilégios aos Dessais de Bicholim e Satari (1852) e que conduz à tomada de Combarjua, Sanguém e Quepém.

-“Era impossível continuar a lutar contra um inimigo que, sendo tenaz nos seus ataques, era invisível para ser punido.”<sup>50</sup>

Os privilégios foram devolvidos alguns anos depois, mas as exigências não pararam e, no final do séc. XIX, aliaram-se aos Marathas (do Maharashtra), entretanto restabelecidos, e volveram sobre Panjim.

Com avanços e recuos, com cedências e reforços da metrópole, foram-se aguentando as fronteiras até às últimas batalhas travadas já durante a primeira década deste século.

Com a chegada da República, o clero perde a sua posição privilegiada perante o estado, os Hindús ganham o direito de voto e assumem em plenitude a sua cidadania, integrando-se de uma forma regular nos serviços de administração e governo. Os conflitos adormecem.

Em termos territoriais, Goa manifesta as vicissitudes da sua história. Durante o período Pré-Português era mais abrangente, ainda que sujeito à força dominante e à sua área de influência. Incluía a Norte parte dos distritos de Ratnagiri (Kudal), a Sul até Karwar e, a nascente, parte do actual distrito de Belgão.

<sup>49</sup> Keshav Bhembró, “The Hindus of Goa and the Portuguese” in *International Seminar on Indo-Portuguese History*, Bombay, Examiner Press, 1978.

<sup>50</sup> Pe. M. J. Gabriel Saldanha, *História de Goa*, Nova Goa, 1926, vol.II, p.123.

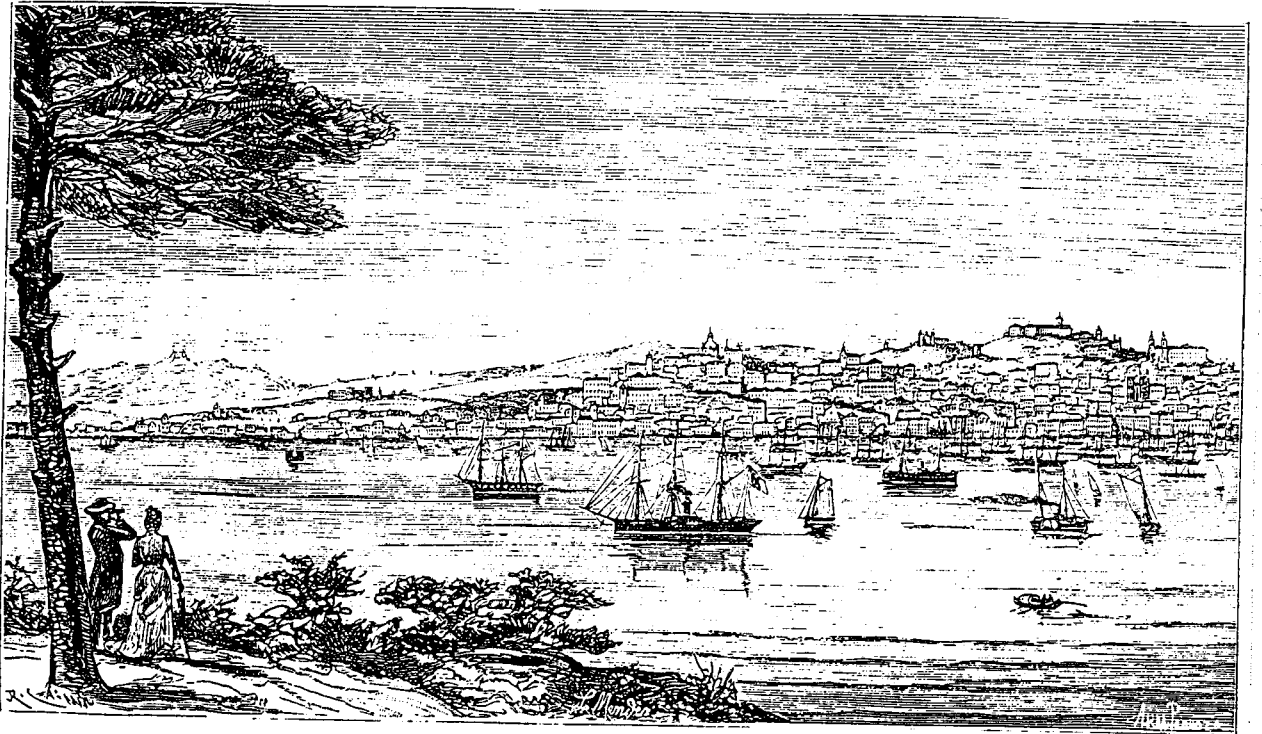
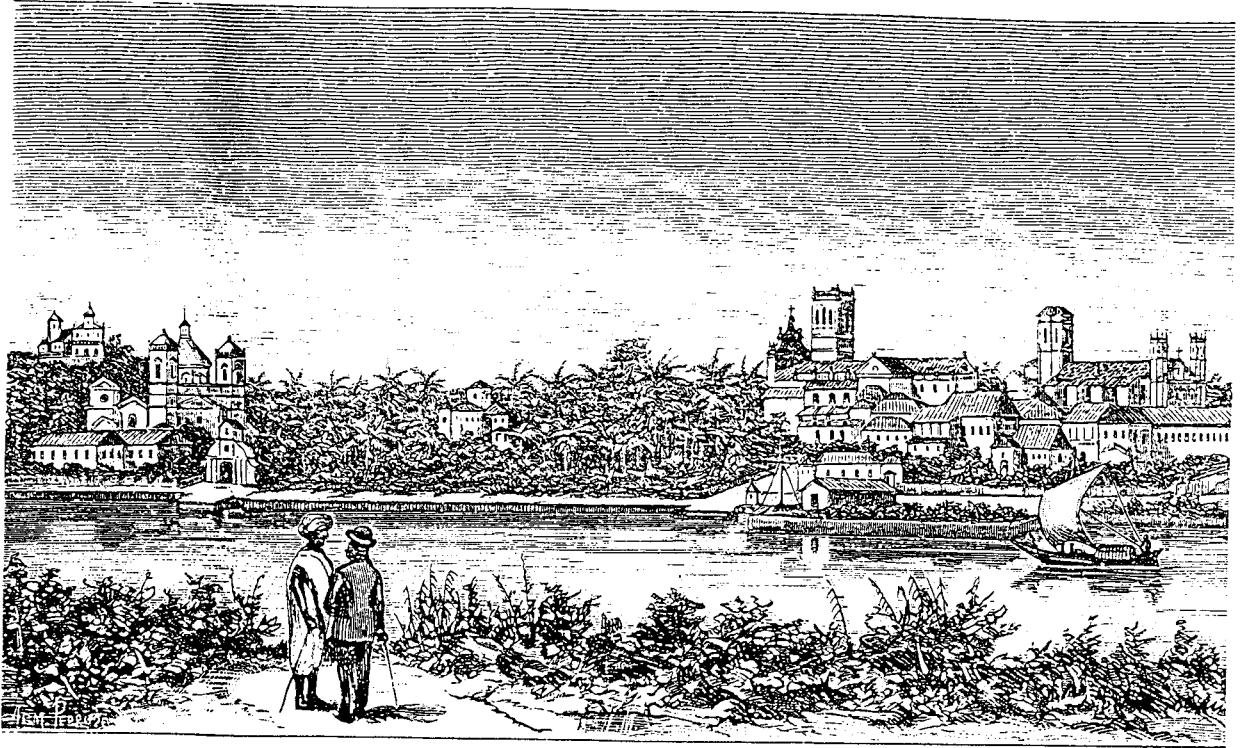


Fig. 16 -Aspectos de Goa e de Lisboa (em baixo) (16).



Em 1881, por conveniência administrativa, o distrito que então já se compunha com as velhas e as novas conquistas, é dividido oficialmente em nove concelhos (talukas): Ilhas Tiswadi, Salcete, Bardez, Perném, Sanquelim, Pondá, Sanguém, Quepém e Canácona. O concelho de Sanquelim compreendia as províncias de Satari e Bicholim, que se autonomizariam em 1897 e 1947, respectivamente.

Em 1917, dada a sua pujança económica e o seu interesse estratégico, Mormugão tornou-se concelho, separando-se assim de Salcete.

Embora Panjim -Nova Goa, só tenha sido elevada a cidade em 1843, desde finais do séc. XVII que a Velha Cidade entra em irreversível abandono, assolada por diversas pestes e epidemias. Em termos comerciais e económicos, a cidade tinha perdido o seu primado em favor de outras feitorias, nomeadamente inglesas e holandesas.

Em termos políticos o poder aproximava-se da foz do rio mandovi<sup>51</sup>, o que era logisticamente mais eficaz, arrastando consigo uma boa parte da população, que nesta altura também se dispersa pelas ilhas e pelas regiões costeiras de Bardez.

Com alternativa para nova capital, surge da administração central, a ideia de Mormugão -então um porto promissor<sup>52</sup> por não se sujeitar à barra, onde já se havia recolhido no seu forte a população indefesa de Goa -cidade, quando esta foi, em 1685, ameaçada pelos maratas<sup>53</sup>.

Embora as obras tenham começado sob a direcção do conde de Alvor (1681-1686)<sup>54</sup> e a população sido incentivada a mudar-se, as afinidades culturais e religiosas com a velha cidade, a difícil acessibilidade e a rudeza da paisagem que a envolve, fazem com que o processo se arraste durante um século.

Confrontado com o impasse, o Marquês de Pombal ainda procura, em vão, reabilitar a Velha Cidade em finais do séc.XVIII, mas a pressão dos governantes, comerciantes e população, que entretanto se radicara em Panjim<sup>55</sup> ou nos seus arredores, fazem com que esta venha a ser a opção definitiva.

Será, contudo, só nas primeiras décadas de oitocentos, pela mão do Vice-Rei D. Manuel de Portugal e Castro (1827-1835) e dos seus sucessores, que Panjim adquirirá a fisionomia e as infraestruturas de cidade, cumuladas em 1843 com a atribuição do título.

Mormugão/Vasco da Gama afirma-se progressivamente como o porto de Goa, adquirindo nas primeiras décadas deste século uma dinâmica acrescida com a linha férrea de ligação ao interior da Índia, em torno da qual se desenvolveram muitos núcleos urbanos e se fixaram diversas famílias.

Algumas das casas que visitámos da taluka de Mormugão, próximo de Velsão, inverteram a sua frente ou implantaram-se em função da linha férrea. Margão e Mapuçá,

---

<sup>51</sup> -“*Em 1695, o Vice-rei, Conde de Vila Verde, abandona a cidade e fixa residência em Panelim, nos arredores, seguido pelo arcebispo e por grande parte da nobreza.*” Cf. Hélder Carita, in op. cit., p.72.

<sup>52</sup> actualmente o principal porto do estado de Goa e por onde se escoia o minério bruto (ferro e manganés) que representa cerca de 10% das receitas e que as barcaças ou o comboio fazem chegar a Mormugão.

<sup>53</sup> David Abram, *Goa -The Rough Guide*, London, Rough Guides Ltd., 1995, p.142.

<sup>54</sup> A nova cidade é mesmo baptizada com o nome de Vasco da Gama e para ela se constrói o Palácio do Governo, o Hospital, a Alfândega, as Casas da Pólvora e da Moeda e o tribunal da Relação.

<sup>55</sup> Uma inscrição de 1107 refer-se a “*Pahajani Kali*”, sendo *Kali* baía e *Pahajani* o nome dado à zona este; outra pista diz que deriva da expressão “*Panch yma ajsungary*” referente aos cinco castelos encantados que Adil Shah -o sabaio, teria na região; por fim outra opinião diz tratar-se de uma corrupção de *panzó* em *concani*, que significa a casa de um real antepassado.

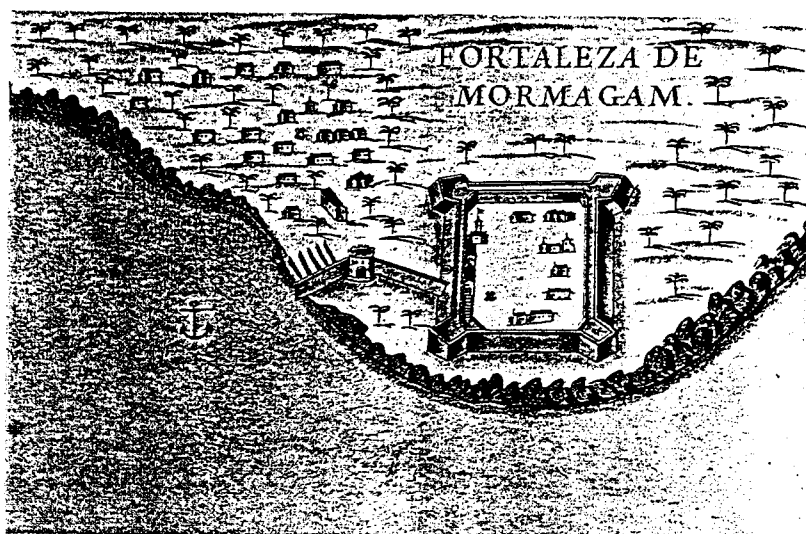
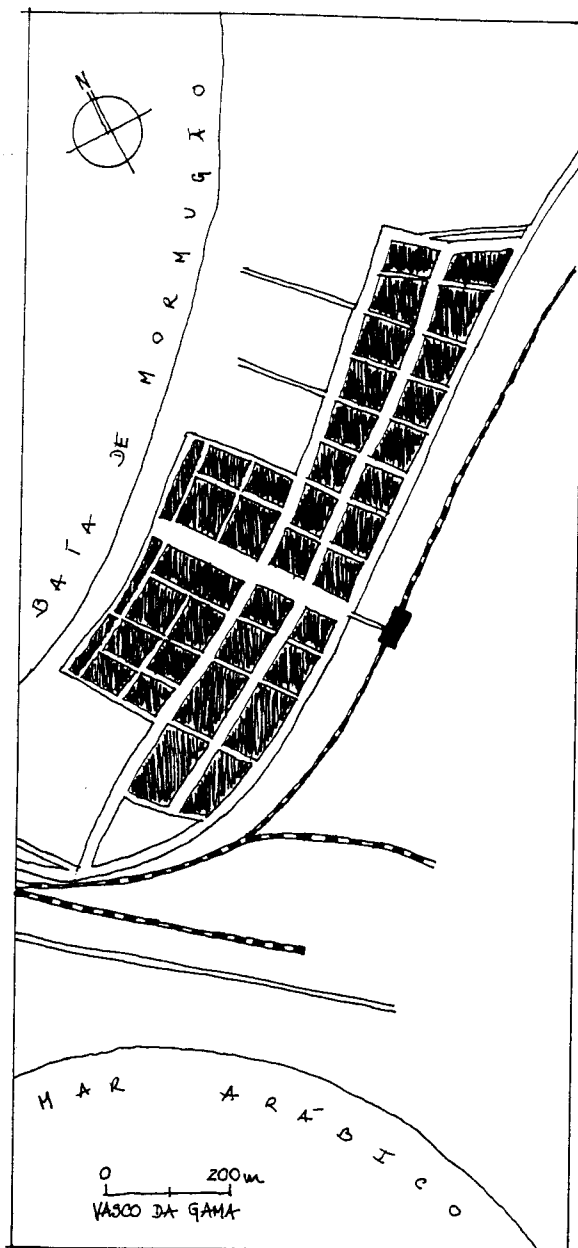


Fig. 17 - Plano da nova cidade de Mormugão -Vasco da Gama (17) (em cima) e desenho da fortaleza de Mormugão (18), onde se abrigou a população feminina e infantil de Goa, quando esta foi ameaçada pelos Maratas.

respectivamente as cidades de Salcete e Bardez, são-no desde 1933, ainda que a primeira tivesse sido elevada a vila em 1778 e a segunda apenas em 1858. Corresponderam, progressivamente, a grandes centros comerciais polarizadores, baseados na economia agrícola das suas férteis terras. Margão beneficiou ainda do comércio por via férrea.

Todas as outras cidades, pertencentes aos territórios das novas conquistas e predominantemente hindus, foram até ao princípio deste século essencialmente agrícolas, manifestando-se desde então, particularmente em Pondá, uma potencial aptidão para indústrias e serviços.

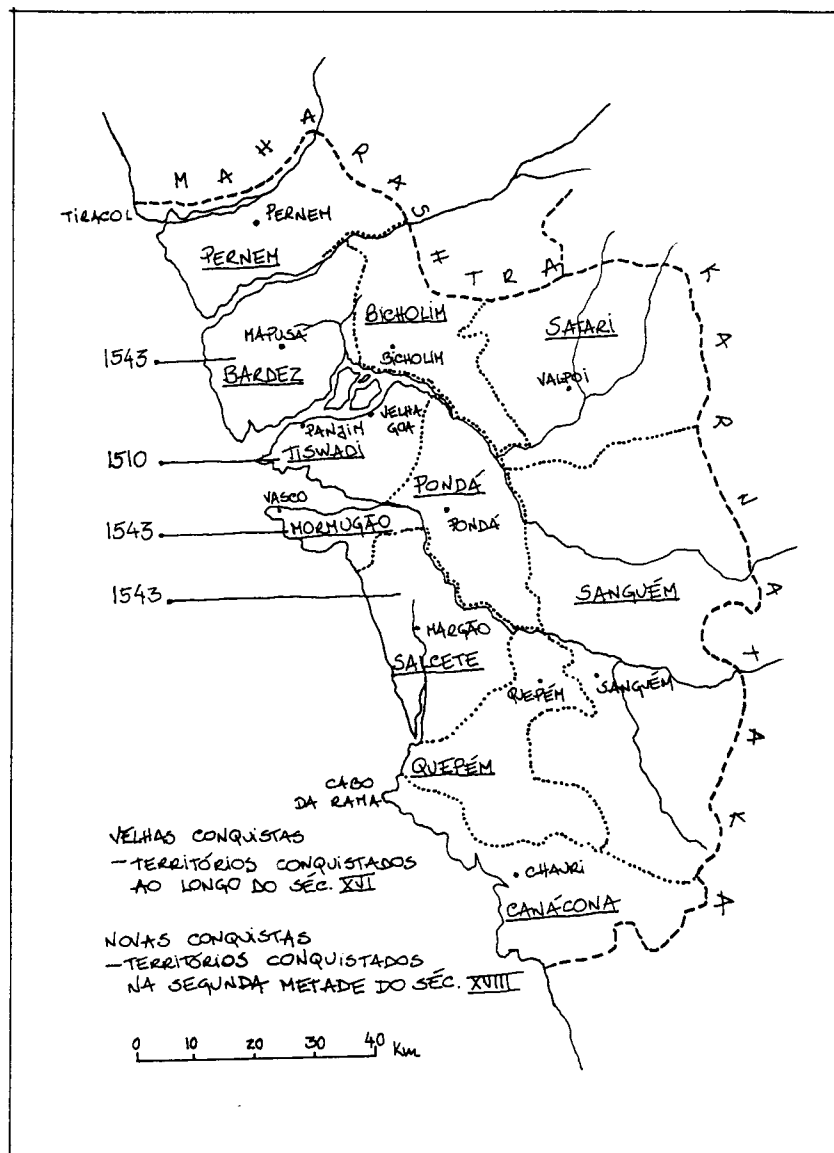


Fig. 18 -O estado de Goa com as suas 11 talukas e as respectivas cidades (19).

### **III -A CASA-PÁTIO**

### III. -A CASA-PÁTIO

*“La maison est une institution créée dans toute une série d'intentions complexes, et n'est pas simplement une structure. Comme la construction d'une maison est un phénomène culturel, sa forme et son aménagement sont fortement influencés par le milieu culturel à laquelle elle appartient.”<sup>1</sup>*

#### 1 -O Conceito

A casa-pátio encerra em si, logo á partida pressupostos morfológicos, sociológicos e geográficos. Com efeito ninguém a concebe com uma planta circular, adstrita a uma pessoa, característica de povos nómadas ou implantada em climas frios.

É usual pensar a casa-pátio em climas meridionais e a casa com lareira para os setentrionais, no entanto estes conceitos não são estanques. Na mesma região encontramos mais que um tipo de casa que nem sempre é o mais adequado para o clima em causa ou que sofreu mutações com o tempo. Neste sentido e como lembra Rapoport há outros interesses ou motivações.

*“Dans les sociétés primitives et agraires les bâtisseurs sont soumis à des nécessités et à des lignes de conduite qui sont “irrationnelles” du point de vue du climat. Par exemple des croyances religieuses et des exigences rituelles, des questions de prestige, de rang social, et bien d'autres.”<sup>2</sup>*

Para este autor é clara a influência da religião na forma, no plano , na organização espacial, na orientação de uma casa, daí que a ausência de casas circulares numa região possa ser devida exclusivamente à necessidade de uma orientação cósmica, já que uma casa circular não é por si só orientável.

Donde se pode concluir que não são apenas o sítio, o clima ou os materiais que determinam o modo de vida ou de habitação, mas também os factores sócio-culturais.

#### 2 -A História

A casa-pátio como tipologia de habitação encontra referências tão antigas como a própria origem da actividade urbana, plenas de significados e correspondendo a diferentes apropriações e utilizações.

Das grandes civilizações egípcia, mesopotâmica e hindustânica, têm-se encontrado paulatinamente vestígios de núcleos urbanos em que se identifica claramente esta tipologia com casas de forma regular e orientada.

Escavações realizadas este século no vale do Indo revelaram cidades como Harappa e Mohenjodaro<sup>3</sup> no actual Paquistão, que remontam ao séc. V a.C. e onde se registam casas com pátios, pisos superiores e sistemas de drenagem.<sup>4</sup> Também em Jéricho, Çatal Huyuk ou Ur, Rapoport<sup>5</sup> identifica este modelo, admirando a sua perenidade transsecular.

<sup>1</sup> Amos Rapoport, *Pour une Anthropologie de la Maison*, Paris, ed. Dunod, 1972, p. 65.

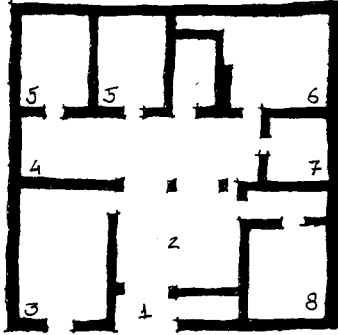
<sup>2</sup> Amos Rapoport, in op. cit. p.30.

<sup>3</sup> Georges Duby, in op. cit. p. 242.

<sup>4</sup> Gerald Pereira, in op. cit., p.7.

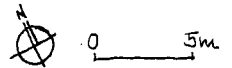
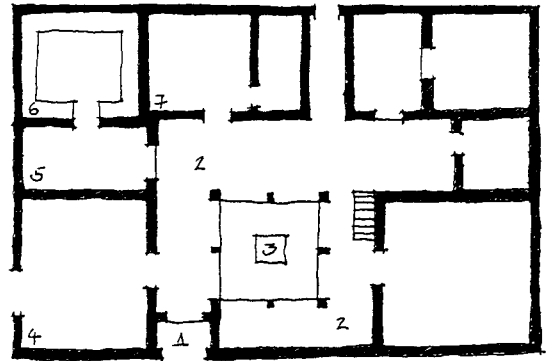
<sup>5</sup> ver Amos Rapoport, in op. cit. p.20.

CASA-PÁTIO - SÉC. III a.C.  
 OLINTO - GRÉCIA  
 IN "A IDADE GREGA 550-270 a.C."



LEGENDA: 1. VESTÍBULO; 2. PÁTIO;  
 3. OFICINA; 4. PÓRTICO; 5. QUARTO;  
 6. SANITÁRIOS/COZINHA; 7. EXORT.  
 8. RECEPÇÃO/AUDIÊNCIAS

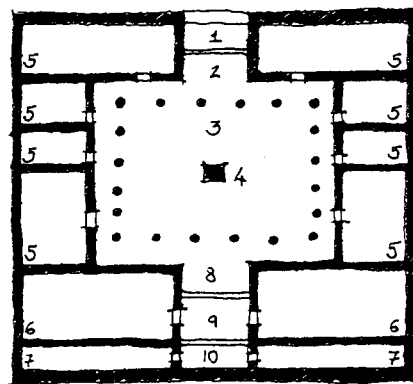
CASA DE OLINTO - GRÉCIA (SÉC. III a.C.)  
 IN ATLAS CULTURALES DEL MUNDO - GRÉCIA -



LEGENDA: 1. VESTÍBULO; 2. GALERIA; 3. ALTAR  
 4. DESPESA; 5. ANTECÂMARA; 6. SALA REFEIÇÕES  
 7. COZINHA;

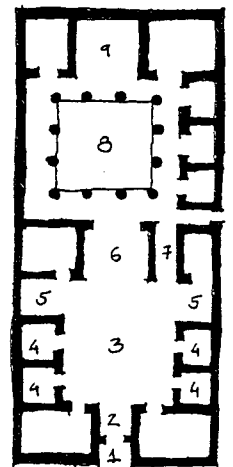


CASA GREGA (SÉC. I a.C.)  
 IN "The Greek House", B.C. RIDERS  
 - CAMBRIDGE UNIV. PRESS.



LEGENDA: 1. PÓRTICO; 2. ENTRADA  
 3. PÁTIO; 4. ALTAR; 5. QUARTOS/DEPS  
 SITOS; 6. APOSENTOS DE HOMENS;  
 7. APOSENTOS DE MULHERES; 8. 9. POR  
 TAS DO PÁTIO; 10. VESTÍBULO

CASA-PÁTIO - SÉC. I  
 OLINTO - GRÉCIA



IN "VIVIENDAS UNIFAMILIARES CON PÁTIO."  
 LEGENDA: 1. VESTÍBULO; 2. ATEIO  
 3. PÁTIO; 4. CELA; 5. ALA  
 6. TABLINUM; 7. ANDRON; 8. PERÍSTILO

Fig. 19 -Plantas de casas-pátio da Grécia antiga (20).

Também em Kahun no Egito Chueca Goitia refere a descoberta de “*pequenas casas, ou células, constituídas por habitações minúsculas à volta de um pátio fechado*”<sup>6</sup> de dimensões variáveis em função da hierarquia dos ocupantes e construídas para alojar os trabalhadores da pirâmide de Sesóstris II (1897-1879 a.C.).

Mas, as referências a este modelo não se esgotam nas grandes civilizações pré-clássicas, transpondo-se para as clássicas, para a islâmica, até aos nossos dias ainda que residualmente.

Tanto a casa grega como a casa romana caracterizavam-se pela sua organização em torno de um pátio sobre o qual se abriam os aposentos restringindo as aberturas para o exterior. Este efeito além de conferir privacidade e uma dimensão transcendente de abertura ao divino, permitia rentabilizar os espaços urbanos (ao encostar as empenas). A mesma razão que leva a que no nosso século, entre as grandes guerras, a tipologia da casa-pátio surja como a melhor resposta à procura de “*viviendas individuales en contacto con el suelo de rápida construcción y de bajo costo (incluso con elementos prefabricados)*”<sup>7</sup>.

Assente em factores diversos a que parcialmente já aludimos, a casa-pátio difunde-se numa faixa geográfica vasta, que abrange principalmente áreas meridionais e subtropicais da China às Américas. Impõe-se por isso como um dos modelos mais persistentes e transcivilizacionais. Definido, conotado, permeável também, a sua matriz corresponde sobretudo a culturas sobrepovoadas e hierarquizadas<sup>8</sup>.

Longe de podermos proceder a um estudo vasto e comparativo entre todas, deixamos aqui algumas pistas de análise de casas-pátio, marcos característicos de regiões e tempos distintos, pistas introductórias ao nosso objecto de estudo.

### A Casa-pátio da Grécia antiga

A casa homérica (séc.IX a.C) compunha-se pelo *mêgaron* (sala de estar, de refeições, com cozinha e lareira ao centro, ainda que de precária exaustão) seguido do *prôdromos* (uma ante-câmara) e do *aulé* (o pátio), rodeado por armazéns e estábulos e ocupado parcialmente por um depósito de esterco para fins agrícolas.

O *thálamos* era o aposento interno ocupado pelas mulheres e usado para a guarda de bens valiosos que por vezes se situava num piso superior.

A casa urbana dos sécs. V e IV a.C era uma versão modificada da casa homérica. A casa típica de um ateniense abastado tinha uma galeria (*prôthyron*) sobre a rua, que comunicava por uma porta com o pátio (*aulé*). Este era porticado nas extremidades e encerrava diversos aposentos de cada lado (cozinha, armazéns, quartos de hóspedes e dos jovens). Ao centro um altar de Zeus Herkeios.

Posterior ao pátio tinhamos a construção principal, composta pelo salão com lareira (*andron*) e pelos aposentos femininos por trás ou por cima, conferindo-lhes maior privacidade.

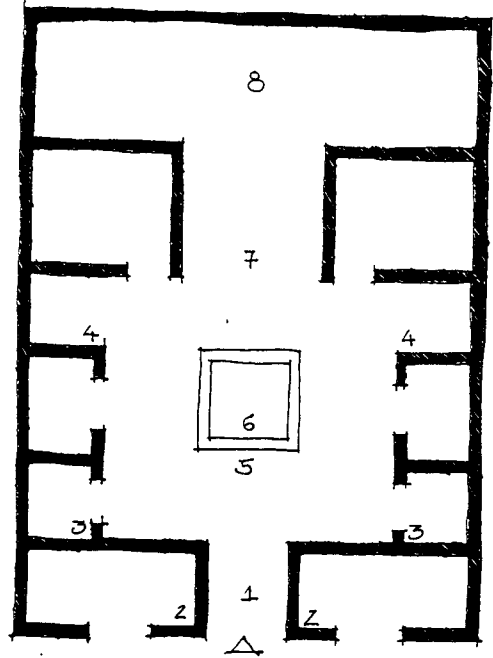
A decoração das casas cingia-se a algumas pinturas de parede e tapeçarias. O piso era de terra batida e os móveis simples e austeros. Não havia dispositivos de aquecimento nem drenagem de águas.

<sup>6</sup> Chueca Goitia, *Breve História do Urbanismo*, 2ª ed., Lisboa, ed. Presença, 1989, p.41.

<sup>7</sup> Cambi, Di Cristina, Steiner, *Viviendas Unifamiliares con Patio*, Mexico, ed. Gustavo Gili, p. 4.

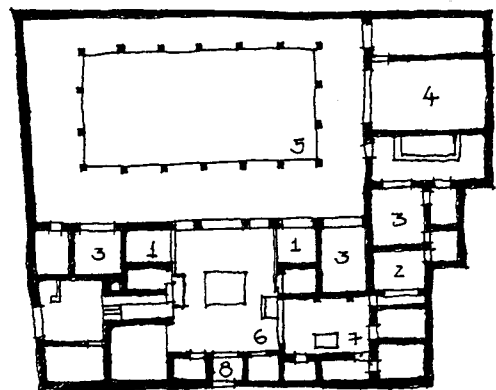
<sup>8</sup> ver Amos Rapoport in op. cit. p.113.

CASA ROMANA URBANA (PRIMITIVA)  
 M<sup>a</sup> A VIDA EM ROMA NA ANTIGUIDADE.



LEGENDA: 1. VESTIBULO; 2. LOJA; 3. QUARTO  
 4. ALA; 5. IMPLUVIO; 6. ÁTRIO; 7. TABLINUM;  
 8. JARDIM;

CASA ROMANA DE POMPEIA  
 in "Pompeii, its life and art", A. HALLS  
 (trad. inglesa) - MACMILLAN, CO Lda. Fig. 158



LEGENDA; 1. APOSENTOS SAGRADOS;  
 2. COZINHA; 3. SALAS DE REFEIÇÕES;  
 4. SALA CONVÍVIO; 5. PÁTIO AJARDINADO;  
 6. ÁTRIO DA CASA; 7. ÁTRIO DOS CRI-  
 ADOS/ACESSO AOS QUARTOS DOS CRIADOS  
 8. ENTRADA PARA O ÁTRIO/PARA AS RE-  
 CEIÇÕES PÚBLICAS.

Fig. 20 -Plantas de casas-pátio de Roma antiga (21).



## A Casa-pátio de Roma

Abandonada a cabana redonda dos pastores latinos surge a casa rectangular da família nuclear em torno da qual se organizam várias outras correspondentes aos filhos casados, aos criados ou a actividades do recinto. A habitação compunha-se então a partir de células elementares, segundo um plano fixo:

“no eixo da entrada abre-se, para lá do pátio central, o *tablinum*, onde, no *lectus genialis*, dormem o senhor e a senhora. Este compartimento é particularmente sagrado, porquanto é dele que emanam toda a fecundidade e toda a autoridade. É nele que se celebra o culto doméstico e que os Deuses familiares -o *Lar* e os dois *Penates*, têm o seu santuário, na maior parte das vezes uma espécie de armário, um nicho metido na parede e fechado por dois batentes. É aí que reside o *Genius* do senhor, a sua divindade protectora e também a personificação do seu ser místico. De um lado e do outro do *tablinum*, um corredor dá acesso ao terreno familiar, o *hortus*, onde a própria dona de casa cultiva os seus legumes. Ao longo das paliçadas ou dos muros que limitam o resto do recinto distribuem-se outras cabanas, de modo a deixar livre uma área central, que é o pátio destinado às necessidades da exploração agrícola.”<sup>9</sup>

Este modelo, de carácter patriarcal, persistirá no campo com a designação de *uillae rusticae*, enquanto que na cidade tende a fechar-se, por economia de espaço, dando origem à tradicional *domus* romana antes de evoluir para a *insula*.

No âmbito das casas com átrio, alguns autores referem-se ainda, em certas regiões itálicas, a um tipo de habitação rectangular -*dirium*, cujo telhado seria rasgado ao centro para entrar a luz, a água e sair o fumo da lareira que faziam para se aquecerem. O tamanho da abertura estava condicionado ao comprimento das vigas de madeira que só apoiavam nas extremidades mas pode bem ser considerado um embrião do pátio romano.

Resultado da retracção da *uillae rusticae* ou da expansão do *dirium* o que é certo é que o pátio ou *atrium* tornou-se um elemento emblemático da habitação romana, em torno do qual se organizam todos os outros aposentos.

“O espaço deixado a descoberto toma o nome de *compluuium*, porque deixa passagem livre às águas da chuva. Estas eram recolhidas num tanque central, ou *impluuium*, geralmente em comunicação com uma cisterna subterrânea. O *impluuium*, tornado necessário pela abertura do tecto, também não é menos o herdeiro e sucessor longínquo do tanque aonde, na quinta primitiva, o gado vinha beber. A parte do *atrium* que não estava ocupada pelo *impluuium* formava quatro corredores lajeados, para os quais se abriam os diversos compartimentos de habitação e de serviço. Perto da porta de entrada ficavam os quartos dos criados, as grandes despensas a seguir os quartos dos membros mais jovens da família, por fim, imutável, no lugar de honra, o *tablinum*.”<sup>10</sup>

O *atrium* para além de ponto de encontro da casa, de colector de águas e de pasto para fogueiras, também tinha outras funções. Nele ficavam expostos os defuntos da família, “no meio de flores e grinaldas”<sup>11</sup> antes de serem conduzidos para fora das muralhas da cidade a fim de serem cremados. Nele ainda se comprimiam os *clientes* que vinham saudar e solicitar o patrono de quem dependiam ou por quem eram protegidos e representados em caso de julgamento. Para o *atrium* também, deslocavam-se os leitos nas noites de calor intenso<sup>12</sup> já que o mobiliário era parco mas de grande mobilidade e polivalência.

<sup>9</sup> Pierre Grimal, *A Vida em Roma na Antiguidade*, Lisboa, pub. Europa-America, s.d., p.23.

<sup>10</sup> Idem, p.24.

<sup>11</sup> Idem, p.38.

<sup>12</sup> Idem, p.50

Num outro estádio, ainda anterior ao Império, surge um novo conceito de vida que realça a descoberta desinteressada da cultura e das disciplinas do espírito, o que se repercute na tipologia das habitações. Com base nos mais antigos testemunhos das casas de Pompeios, o *atrium* deixa de estar sujeito ao comprimento das *quatro vigas de madeira* e é ampliado. Inicialmente o *compluuium* fica delimitado por quatro colunas (*atrium tetrastilo*), mas rapidamente estas se multiplicam (*atrium corintio*) até ao *atrium rodio*, em que um dos lados menores (o do sul) é elevado a dois pisos por forma a protegê-lo do sol.

Para Pierre Grimal o *atrium* romano foi assim substituído por um *peristilo* do tipo dos das casas de Delos na Grécia. E acrescenta que a única diferença entre eles “*não reside na sua disposição, mas nas funções que lhe estão consignadas. Como os costumes gregos não comportam a visita matinal dos clientes, nem as grandes recepções oficiais que marcam o dia do magistrado romano, o peristilo conserva um carácter essencialmente privado. É o centro da vida doméstica. É lá que podem permanecer as mulheres. Entre os romanos pelo contrário, o atrium permanece o local da “representação” por excelência e a vida privada deve refugiar-se noutra lugar.*”

Por esta razão estas casas se desenvolvem para lá do *tablinum* assumindo uma representação dupla de casa oficial e de casa privada.

Estas casas “duplas” surgem antes de Pompeios ser colónia de Roma e caracterizam-se por uma série de transformações ou evoluções da casa tradicional. No lugar do jardim (*hortus*) passamos a ter um segundo *atrium* (*peristilo*) e no lugar do *tablinum*, um grande salão (*oecus*), centro da vida familiar e em torno do qual se localizam agora a cozinha e a sala de jantar (*triclinium*). Neste segundo *atrium* existe habitualmente um tanque, rodeado de plantas, num ambiente evocativo do imaginário campestre. O jardim, esse persiste ao fundo da casa, separado do *oecus* por uma latada, plantado com árvores dispostas em bosque (aloendros, loureiros, plátanos, ciprestes<sup>13</sup>), semeado de estátuas e mesmo algumas vezes dando abrigo ao altar doméstico (*lararium*). Uma concepção nova de jardim, aliando ao espaço de produção e de lazer, a dimensão simbólica e sagrada, amplamente difundida durante o Império (30 a.C. - séc. IV). Quando não há espaço para os jardins, as paredes interiores, decoradas com mármore de África ou da Ásia, dão lugar a pinturas que imitam ou simulam vãos através dos quais se desenham paisagens.

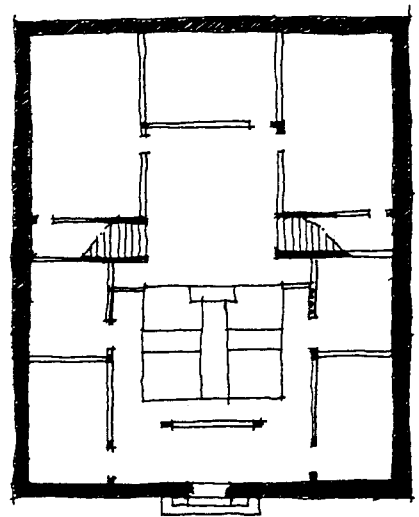
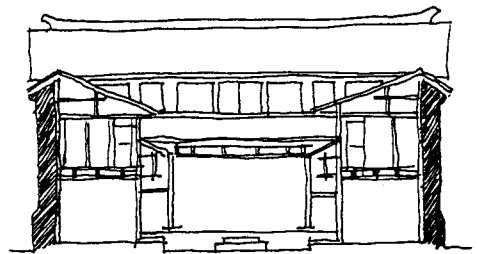
Uma nota final sobre os materiais de construção que se resumiam à madeira, ao aglutinante<sup>14</sup> que resistia à água e à acção atmosférica, ao tijolo que se generaliza dada a sua resistência ao fogo e ao gesso e cal utilizados nos estuques e na caiação. Estes últimos são especialmente mencionados pela existência dos *dealbatores*, uma corporação especialmente criada para estucar os interiores, mas sobretudo para apagar com cal os graffiti que os rebeldes espalhavam pelas paredes das cidades<sup>15</sup>.

A partir do séc. I as *uillae* instalam-se nos terraços das colinas e abrem-se ao exterior, dividindo-se numa infinidade de elementos fáceis de integrar na paisagem. O *atrium* praticamente desaparece, dá lugar a uma fonte e quase todas as divisões dão para um pórtico que contorna a casa e comunica com o exterior.

<sup>13</sup> Os loureiros e os ciprestes por serem árvores de folha caduca estão ligadas à longevidade e imortalidade. O loureiro tinha para os antigos a reputação de proteger do raio, representa a imortalidade adquirida pela vitória o que fez com que os romanos a adoptassem como símbolo da glória. O cipreste por ter raízes profundas liga-se ao Deus dos infernos -Plutão e talvez por isso seja considerada uma árvore funerária na cultura mediterrânica. Por outro lado e dado o seu bom odor, Orígenes faz dele um símbolo de virtudes espirituais, da santidade.

<sup>14</sup> cal e pozolana - argila cozida pelo calor do vulcão, oriunda de Pozzuoli cf. Maria Helena da Rocha Pereira. *Estudos de História da Cultura Clássica*, 5ª ed., Lisboa, F.C.G., 1980, vol. II, p.434.

<sup>15</sup> Piere Grimal in op. cit., p.124.



S. ESC.

CASA-PÁTIO CHINESA  
in "VIVIENDAS UNIFAMILIARES COM PÁTIO"

Fig. 21 -Planta e corte de casa-pátio chinesa (22).

### A Casa-pátio da China

A casa tradicional chinesa (*Ming-t'ang*) é quadrada, abre-se para nascente e o dono volta-se para sul como o imperador no seu palácio. A implantação central da construção faz-se segundo as regras da geomancia. A casa tem um pátio por onde sai o fumo e o pavimento um depósito para recolher as águas da chuva. A casa é atravessada ao centro pelo eixo que une os três mundos (a terra, a atmosfera e o céu).

O *ming-t'ang* tem quatro lados orientados para as quatro estações, sendo cada um aberto por três portas (num total de doze portas que correspondem aos doze meses e aos doze signos do Zodíaco, como na Jerusalém celeste). A circulação do Imperador no *Ming-t'ang* determina as divisões do tempo e assegura a ordem do Império colocando-o de acordo com a ordem celeste.

A geomancia, que adivinha através dos sinais da terra, é uma ciência simbólica tradicional, herdada do neolítico e conhecida dos Celtas, de Roma ou de Bizâncio mas também primitivamente utilizada na China como *hing-fa* (arte das formas e das situações<sup>16</sup>). Ela procura tirar partido das energias vitais subterrâneas procurando harmonizá-las com a disposição dos astros no céu, com a paisagem, com as características do operador e de quem vai usufruir do local. Para muitos povos só com a consulta do geomante se pode começar uma construção.

### A Casa-pátio Islâmica

*-"O interior da tua casa é um santuário: os que o violem chamando-te quando estás lá dentro, faltam ao respeito que devem ao intérprete do céu. Devem esperar que saias dali: exige-o a decência."*<sup>17</sup>

A casa islâmica assume-se como uma casa fechada em volta de um claustro, com um jardim ou uma fonte ao centro numa evocação do éden. As prescrições do Corão acerca da reclusão das mulheres e da importância da família corporizaram um tipo de casa padrão com funções similares que radicam na casa pré islâmica embora se possam diferenciar pelas economias regionais, pelos climas, pelos materiais ou tecnologias de construção.

*-"La casa musulmana es ante todo un espacio privado en el que la familia puede trabajar y descansar. Revela su carácter a los que están dentro y bien poco es lo que permite barruntar a los de fuera, ya que su fachada ofrece un aspecto cerrado y severo. Puede tratarse de un muro completamente blanco. Se tiene ventanas a ras del suelo, éstas serán pequeñas, tendrán celosías y situadas lo bastante altas como para impedir que los viandantes puedan husmear lo que pasa dentro."*<sup>18</sup>

Se as janelas se encontrarem em pisos mais elevados então serão mais espaçosas, protegidas por gelosias sobre a rua, não permitindo nunca que dela se vislumbre o interior.

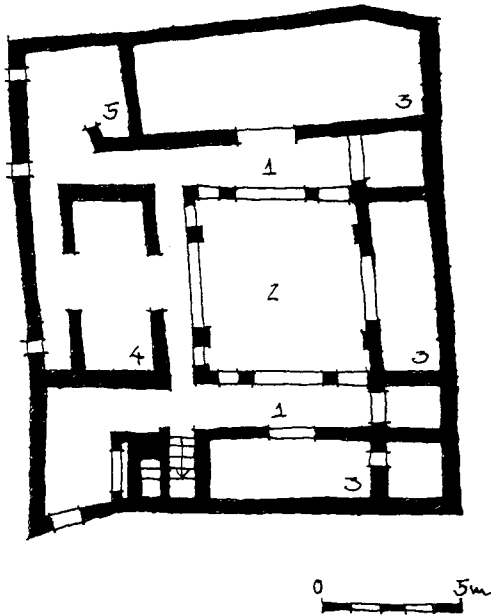
A entrada é ampla por vezes monumental, com côres e símbolos assinalando a passagem do público ao privado. Junto da entrada situa-se uma sala para os homens onde a decoração expressa o nível económico da família e onde estes matam o tempo falando de poesia ou de religião.

<sup>16</sup> J. Lionnet, *Les Origines de la Civilisation Chinoise*, Paris, nº334, 1958.

<sup>17</sup> *Corão*, vers. 4 e 5 do cap. XLIX.

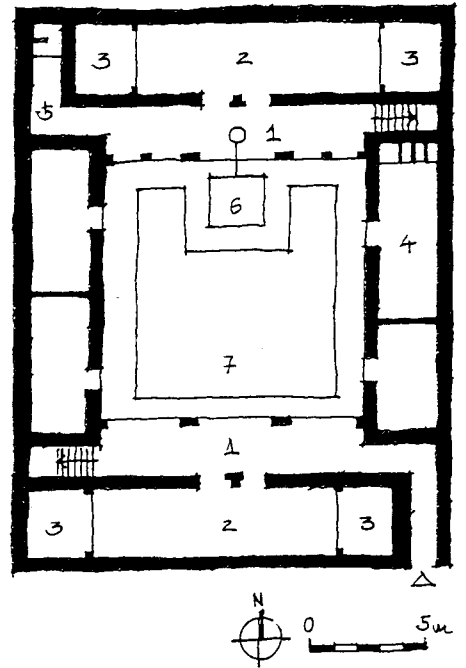
<sup>18</sup> Julian Viñuales, Juan Maria Martinez (dir.) *Atlas Culturales del Mundo: El Mundo Islámico*, Madrid, ed. Folio e del Prado, 1992, vol.II, p.218.

CASA ISLÂMICA DE CORDOVA  
LEV. BUREAU TOWNSON

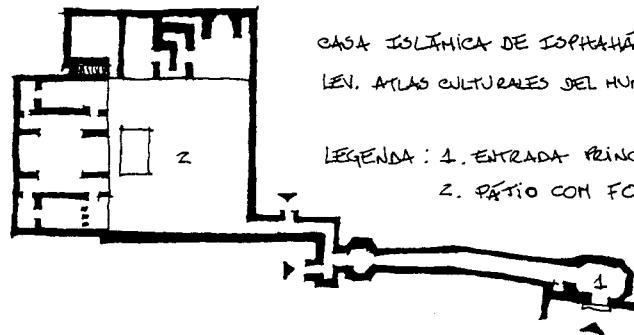


LEGENDA: 1. GALERIA; 2. PÁTIO;  
3. SALÃO; 4. COZINHA; 5. LATRINA.

CASA ISLÂMICA EM MÚRCIA (SÉC. XIII)  
LEV. JÚLIO NAVARRO PALAZÓN



LEGENDA: 1. PÓRICO; 2. SALÃO;  
3. ALCOVA; 4. COZINHA; 5. LATRINA  
6. FONTE DE ÁGUA; 7. ZARDIM.



CASA ISLÂMICA DE ISFAHÂN (IRÃO)  
LEV. ATLAS CULTURAIS DEL MUNDO

LEGENDA: 1. ENTRADA PRINCIPAL  
2. PÁTIO COM FONTE

Fig. 22 -Plantas de casas-pátio muçulmanas em Espanha e no Irão (23).

-“La parte mayor de la casa es la reservada a las mujeres. Conocida en árabe como *harim*, la palabra se relaciona con *haram* que es el “área sagrada”; es un lugar de la vivienda prohibida a todos los varones, exceptuados los maridos y aquellos con los que los lazos de consanguinidad hacen imposible el matrimonio. Casi siempre, ese área se planifica alrededor de un patio en el que las mujeres pasan gran parte de su vida.”<sup>19</sup>

Na sequência das escavações realizadas em Múrcia<sup>20</sup>, sob a direcção de Navarro Palazón, foi possível reconstituir uma casa tipo hispano-árabe, datada do séc. XII-XII, altura em que aquela cidade era capital do “al Andaluz”. Como características principais destaca-se:

-(i) o acesso a partir da rua por uma porta estreita seguida de um corredor cego em “L” até ao pátio;

-(ii) o pátio, com galeria circundante, onde habitualmente “*los moradores de la casa y sus invitados podían disfrutar del jardín y de la refrescante agua de la alberca sin padecer las altas temperaturas y la fuerte luminosidad del verano.*”<sup>21</sup>;

-(iii) os salões estreitos e longos, contíguos à galeria e que sendo os aposentos mais nobres da casa se apresentam com uma decoração profusa e tectos de madeira, encerrando múltiplas funções (dormitório com alcovas nas extremidades, sala de refeições, sala de jogo,...).

Tratando-se de uma casa complexa, o pátio compunha-se por um jardim com um ponto de água (alberca), adossado a um dos lados e dispunha de um poço a NO, como outros dezassete casos de casas andaluzas estudadas por Navarro e caracterizado pela equipa como sendo a fossa séptica ou o poço negro da casa. De acordo com aquele autor, as latrinas do meio urbano andaluz comunicavam com poços, onde se acumulavam os excrementos sólidos enquanto os líquidos eram absorvidos pelo terreno (razão pela qual os ladrilhos dos pavimentos dessas áreas não eram argamassadas). A sua localização relacionava-se com os meios de vazamento sem incómodo para os moradores.

O mobiliário era escasso uma vez que as pessoas se sentavam em almofadas sobre o chão coberto de “alfombras” e as refeições eram servidas em mesas baixas.

Para Navarro este modelo caracteriza-se por uma clara hierarquização e especialização de espaços que se evidencia sobretudo em três aspectos:

-(i) a distribuição quantitativa do espaço em razão da sua funcionalidade;

-(ii) a existência de morfologias específicas para cada espaço;

-(iii) o desenvolvimento peculiar da decoração arquitectónica.

Outros autores fazem referência a casas com pátio e com a “alberca” adossada a um dos seus lados menores. Jiménez refere-se a uma em Madinat al-Zahra, Ewert menciona-as na Aljaferia de Zaragoza e Meunié lembra-nos o palácio almorávida de Marrakesh<sup>22</sup>, já do séc. XII. Mas ainda assim, confirma Palazón -“*es en la arquitectura doméstica de los siglos XII e XIII en donde encontramos los mejores paralelismos*”<sup>23</sup>.

A partir do séc. XIII, este modelo de casa com pátio sofre algumas alterações sendo reduzida ou mesmo eliminada a zona do jardim o que se verifica antecipadamente nas regiões do Magreb (palácio de El-Eubbad (Tremecén) e casas de Qasr Seghir) e de Valência.

<sup>19</sup> Idem, p.219.

<sup>20</sup> Julio Navarro Palazón, *Una casa islámica en Múrcia -estudio de su ajuar (séc. XIII)*, Múrcia, Centro de Estudios árabes e arqueológicos “Ibn Arabi”, sd. Ayuntamiento de Murcia.

<sup>21</sup> Idem, p.25.

<sup>22</sup> Nos Palácios é frequente que o leito da “alberca” se apresenta cruciforme como no pátio de Contratación (parte dos Reales Alcázares de Sevilla).

<sup>23</sup> Julio Navarro Palazón, in op. cit., p.27.



Fig. 23 - Planta de uma fortaleza islâmica na província da Andaluzia (Espanha) segundo Navarro Palazón (24).  
Legenda: 1. rua; 2. pátio; 3. salão; 4. cozinha; 5. latrinas; 6. alcinhas; 7. estábulo; 8. adegã; 9. cisterna; 10. Vestíbulo.

Duncan Townson, referindo-se às casas muçulmanas de Córdova assinala a ausência de fenestração exteriores, o facto de as visitas ou os clientes poderem ser recebidos numa galeria sobranceira ao pátio e ainda a existência em casas mais abastadas de dois pátios, sendo o segundo reservado à vida doméstica feminina. Em ambos considera uma fonte ao centro e plantações ortogonais de citrinos. Ao contrário do caso de Múrcia, Townson refere-se a retretes providas de água e drenadas pelo menos até à via.

### A Casa-pátio do Brasil

Sobre a casa-pátio no Brasil as referências que encontramos, baseiam-se no Inventário de Protecção do Acervo Cultural que nos remete para o séc. XVIII e para a região do Nordeste, como redutos de um modelo que denuncia erudição de projecto, conhecimento, regra e proporção de clara influência europeia, por via colonizadora.

*“O pátio surge na arquitectura civil brasileira no final do séc. XVIII. (...) a sua introdução parece ter-se processado, ainda que tardiamente, através dos livros de Tratadistas do Renascimento. Em Salvador há alguns exemplos deste partido, da segunda metade do séc. XVII, como o Paço Municipal, Solar Berquó e Casa das Sete Mortes e outros do séc. seguinte, como o Paço Arquiepiscopal e Solar Boa Vista. No recôncavo, excluindo as Casas de Câmara e Cadeia, só se conhecem residências com pátio na região de Matoim, todas do início e meados do séc. XVIII (...).”<sup>24</sup>*

A casa do Engenho em Matoim, município de Candeias, estado da Bahia é considerada no referido inventário como o mais antigo exemplo de casas-pátio na região e modelo para as demais.

A sua descrição considera-a de *“...grande de engenho, de elevado valor monumental, desenvolvida em torno a um patio retangular. Dos três níveis que possui o edifício, o primeiro é praticamente um porão; o segundo abriga o saguão que é ladeado por grandes salões com janelas conversadeiras e onde existia, até o final do século passado, sete quartos de hóspedes; o terceiro pavimento com janelas do tipo tribuna, salões, capela, quartos e cozinha servia a família. Recobre o edifício telhado de oito águas com terminações do tipo beira-seveira. O pátio corresponde ao terceiro nível e é contornado em três lados por uma galeria de arcos plenos”* A este propósito acrescentam que *“ao contrário dos exemplos urbanos onde os pátios não possuem galerias, a solução adotada nesta casa-grande parece ter se inspirado directamente nos claustros conventuais com suas arcadas e colunas toscanas de seção quadrada.”<sup>25</sup>*

Em relação à construção *“as paredes são autoportantes de alvenaria mista de pedra e tijolo que suportam as tesouras do telhado”<sup>26</sup>*, aludindo assim a um tipo de telhado muito característico das regiões coloniais, particularmente de Goa e de que falaremos em capítulo próprio. - *“Sobre as vergas retas de janelas existem arcos de descarga em tijolo chato, material que é também utilizado nos arcos da galeria do pátio.”<sup>27</sup>*

<sup>24</sup> Secretaria da Indústria e do Comércio - Convênio SPHAN/ Estado da Bahia, *Inventário de Protecção do Acervo Cultural da Bahia (Monumentos e Sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina)*, Salvador, 1980, pp.29, 30.

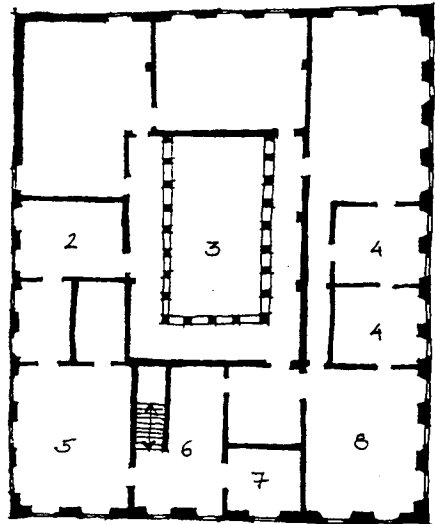
<sup>25</sup> Ibidem

<sup>26</sup> Ibidem

<sup>27</sup> Ibidem



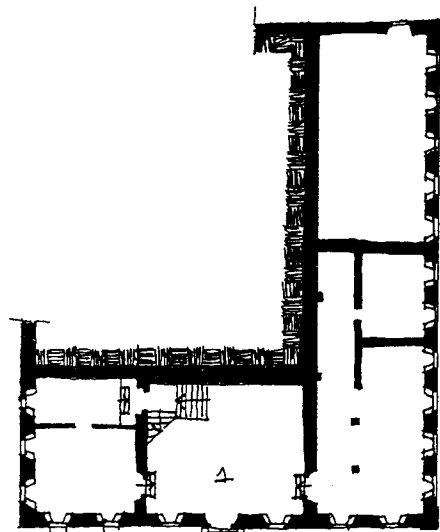
CASA-PÁTIO DE ENGENHO (SÉC XVIII)  
 MATOIM - BAHIA - BRASIL  
 LEN. IN. PROT. ACERVO CULTURAL



Piso 1



Piso -1



Piso Térreo

LEGENDA: 1. SALÃO; 2. COZINHA; 3. PÁTIO; 4. QUARTO  
 5. SALA DE REFEIÇÕES; 6. VESTÍBULO; 7. CAPELA; 8. SALÃO



Fig. 24 -Planta de casa-pátio no Brasil (25).

A propósito do mesmo local poder conhecer diferentes formas de habitação ao longo do tempo, com modelos adaptados à especificidade do clima e geografia locais, Amos Rapoport cita o caso da América latina “*où des régions sont passé de la maison indienne à la maison à patio à l’arrivée des Espagnols*”<sup>28</sup>.

Esta análise de Rapoport se é linear e de matriz vernacular para a América de conquista espanhola não o é para a América de conquista portuguesa como prova a casa de engenho de Matoím, onde se manifesta inequivocamente uma influência erudita.

### A Casa-pátio na Índia

*“The Indian house is an art product of the Indian mind. Man’s mind is a part of Nature. And when it works naturally, it works as Nature does.”*<sup>29</sup>

Como verificámos na análise histórica, a Índia corresponde a um caldeamento de culturas, de religiões, de raças que resultam de uma interpenetração assídua de povos da Europa, do Próximo Oriente, da África, da China e do Pacífico que nenhuma das três unificações (Mauryas, Muçulmanos e Britânicos) soube, quis, ou conseguiu estancar. Se estas influências se expressam ao nível da arquitectura religiosa e civil com carácter público, já ao nível da arquitectura doméstica elas são mais ténues, materializando-se em aspectos secundários, como os decorativos e não tanto nos estruturais.

O facto de haver um suporte místico de construção presente desde a civilização do Indo, que induz claramente para um modelo -a casa-pátio, dá-nos um importante registo de homogeneidade para o espaço doméstico naquele subcontinente. Todas as outras religiões que coexistem no espaço indiano, partilham os princípios dos Vedas, coincidem nos seus objectivos relativamente à vida familiar, como no caso islâmico, ou são-lhes indiferentes como o budismo e o jainismo, onde é mais importante e prevalece o respeito por todos os outros povos e credos.

Daí que possamos dizer que se há modelo de habitação sedentária e abrangente na Índia, é seguramente o da casa-pátio<sup>30</sup> ainda que em cada região<sup>31</sup>, em função das castas (determinante social e política) e do poder económico das famílias, as casas apresentem *nuances* ao nível formal e construtivo.

A referência mais antiga da casa-pátio na Índia é a do vale do Indo, cerca de 2500 a. C. onde se concentram os primeiros ritos Védicos, suporte do Hinduísmo<sup>32</sup>. Se ainda não fora corrente a utilização deste modelo na Índia, conjugam-se nesta altura dois argumentos cruciais para a sua proliferação. Por um lado o carácter espiritual de que os Vedas investem a casa e por outro a projecção económica e social que aquela civilização então protagoniza<sup>33</sup> e que subitamente se dissolve com a chegada de “*jinetes armados con hierro, los arios*”<sup>34</sup>.

<sup>28</sup> Amos Rapoport, in op. cit. p.43.

<sup>29</sup> V. Ayyar, *Town Planning in Ancient Dekkan*, New Delhi , A.E.S. 1994, p.128.

<sup>30</sup> Idem, p.130.

<sup>31</sup> Falamos de um país com uma abrangência em termos de paralelos equivalente à do sul de Portugal até à Guiné, marcada por acidentes geográficos como os Himalaias ou o planalto do Decão e por condicionamentos climáticos característicos como as monções.

<sup>32</sup> Alguns autores divergem relativamente a esta matéria, não sendo consensual se as bases do Hinduísmo nascem com esta civilização ou se são trazidas do norte do Irão pelos Arianos. Ver Muralidhar Rao in op. cit., p.4.

<sup>33</sup> A difusão do cobre, a intensa actividade agrícola aliada a um próspero comércio marítimo e terrestre, são alguns dos vectores essenciais da sua economia, aliada a uma sociedade bem estabelecida e organizada, como documentam amplamente as escavações que ali têm vindo a ser realizadas. As cidades eram planeadas segundo



Fig. 25 -Mapa da União Indiana com os 25 estados que a constituem (26).

## A Casa-pátio no sul e costa oriental da Índia

Incidimos a nossa pesquisa na costa do Malabar e nas regiões vizinhas de Goa, nomeadamente o reino de Vijayanagar (actuais estados do Karnataka e Andhra Pradesh) e os reinos do antigo Decão (actuais estados do Tamil Nadu e Kerala).

Esta aproximação alicerçada em trabalhos académicos e em descrições de viajantes (do séc. XIV ao XVIII) permite-nos identificar e reconhecer quais os tipos e características de habitação naquela zona particular da Índia, bem como os da própria cidade de Goa e assim consolidar o ponto de partida da nossa abordagem.

### **...da costa do Malabar**

Ben Batuta, um viajante árabe do séc. XIV, regista assim a sua passagem pela costa de Goa:

-“...No paiz do Malabar he costume nao entrar o Mosselmano nas suas casas, nem comer na sua louça, e se come nella a quebrão e a dão aos Mosselmanos (...) Em todas as posadas neste caminho ha casas dos Mosselmanos onde se hospedão outros (...) e cada individuo tem o seu pomar no seu limite, e a sua casa no meio dele; e sobre tudo (ou em roda de tudo) huma parede de madeira.”<sup>35</sup>

Duarte Barbosa, oficial português ao serviço do Governo, viajou pela Índia nas primeiras duas décadas de quinhentos e sobre a gente do Malabar dizia:

-“... *They live in earthen houses and seat themselves on high platforms made very smooth and plastered daily with cowdung,*”<sup>36</sup> e sobre a cidade de Goa acrescentava “*The city is very great, with good houses, well girt about, with strong walls, with towers and bastions. Around it are many vegetable and fruit gardens, with fine trees and tanks of sweet water, with mosques and heathen temples.*”<sup>37</sup>

Fernão Lopes de Castanheda que viveu na Índia muitos anos e conhecia bem os lugares, descreve Calecut no séc. XVI como “*muito grande e espalhada, e toda de casas palhaças: se não as casas dos ídolos, mesquitas e casas del-rei que são de pedra e cal e telhadas: porque por lei outrem as não pode ter desta maneira.*” O mesmo cronista refere-se ainda a “*grandes e formosas casas de pedra e cal na cidade de Bisnegar (leia-se Vijayanagar).*” Em relação a Goa diz ser “*...bem arruada e de boas casas altas de sobrados de pedra e cal e cerrada de muros baixos.*”<sup>38</sup>

Em contraponto, Ludovico de Varthema, um viajante italiano que esteve na Índia no início do séc. XVI refere-se a Tormapatini (entre Cananor e Calecut) dizendo que “*...as casas não são grande coisa, tendo os muros tão alto como um homem a cavalo, e sendo quase na totalidade cobertas com folhas e sem sobrados.*”<sup>39</sup>

---

malhas ortogonais e providas de redes de abastecimento e drenagem de águas que continuam a surpreender os investigadores.

<sup>34</sup> Georges Duby, in op. cit., p.242.

<sup>35</sup> José de Santo António Moura, *Viagens Extensas e Dilatadas do Célebre Árabe Abu-Abdallah mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1840, vol.II, p.240.

<sup>36</sup> Mansel Longworth Dames, in op. cit., vol..II, 1989, p.8.

<sup>37</sup> Idem, vol. I, p.175.

<sup>38</sup> Orlando Ribeiro, *Geografia e Civilização -Temas Portugueses*, Lisboa, livros Horizonte, s.d., p.116.

<sup>39</sup> Ludovico De Varthema, *Itinerário*, trad. de V. Spinelli, Lisboa, s.d., p.140.

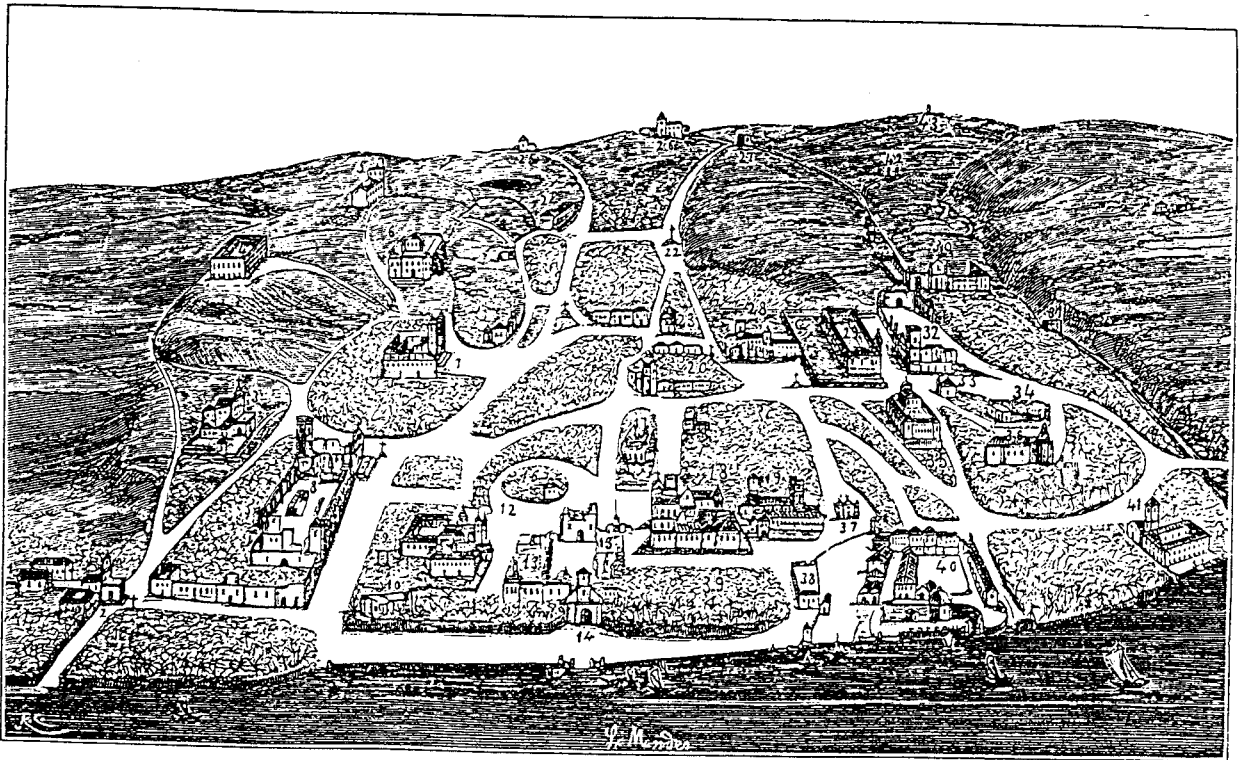


Fig. 26 -Vista Panorâmica da Velha Cidade de Goa, desenhada por Lopes Mendes por volta de 1870 (27).

Pyrard de Laval em princípios do séc. XVII, detem-se sobre os aspectos da arquitectura de Goa e escreve:

*“Os edificios da cidade são bons, grandes e convenientemente dispostos, na maior parte, para se beneficiarem com o vento e ar fresco que é muito necessário por causa dos grandes calores e também das grandes chuvas dos três meses de Pansecal, que são os de Junho, Julho e Agosto, período que, não pelo calor (embora forte nesses meses e excessivo em Maio) mas pelas chuvas torrenciais, os Portugueses denominam o inverno da terra. Os edificios, contudo, não têm muita ornamentação, nem perfeição artística, antes são simples e quasi todos sem adornos. Os melhores são as igrejas...”*<sup>40</sup>

E sobre o seu carácter construtivo o mesmo autor dá-nos por certo a mais pormenorizada descrição:

*–“Os edificios destas igrejas e palácios, assim públicos como particulares, são mui sumptuosos e magníficos e feitos por canarins, tanto gentios, como principalmente cristãos. As casas são fabricadas de cal e areia. A cal faz-se de conchas, de ostras e outros mariscos; a areia é de terra e não de rio. Cobrem as casas de telhas, não usam de vidraças, mas em vez delas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira, e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho, porque não são transparentes como o vidro. Tiram a pedra de cantaria na ilha, mas a de que fazem colunas e outras obras primorosas mandam vir de Baçaim, onde saem muito compridas e rijas; assemelha-se ao granito e é ainda melhor; e não vi nestas terras de cá colunas de pedra de uma só peça tão grandes e compridas como lá vi. Os edificios são muito amplos, mas com poucos andares e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fora como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra e em parte de terra vermelha como bolo arménio, que lhes serve de cimento. Quase todos têm jardins e quintais, mas não grandes, com poços dentro.*

*Quanto aos arrabaldes da cidade, há sete ou oito mui grandes e todos os seus edificios, e de todo o resto da ilha, são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são magníficas e soberbas como as outras. Usam carretas puxadas a búfalos ou bois para conduzir materiais para edificios, e estas carretas não são calçadas de ferro. No que toca às calçadas das ruas da cidade, são feitas de belas pedras largas e andam limpas, isto é, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove vêm-se regueiros por toda a cidade e a água corre por canais grandes, profundos, côncavos e calçados, de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sítios, mas os regueiros das ruas são tão grandes, que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, donde vem que em muitos lugares há pequenas pontes e passadeiras, porque aliás seria impossivel atravessar a rua.”*<sup>41</sup>

John Fryer, viajante inglês de finais do séc. XVIII, descreve assim uma cidade ao sul de Goa:

*–“The high streets are broad, set forth with high and lofty buildings, the materials wood and plaster, beautified without with folding windows, made of wood, and lattised with Rattans, entring into balconies shaded by large sheds covered with tiles within a square court, to which a stately gatehouse makes a passage in the middle whereof a tank vaulted, with a flat roof above, and on it terras walks are framed, the one to wash in, in the heat of the day; the other to take the air in the cool of the day;”*<sup>42</sup>

<sup>40</sup> J. A. Ismael Gracias (comp.), *A India em 1623-24. Excertos das Memórias do Viajante Pietro Della Valle*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1945, p.25.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> John Fryer, *A New Account of East India and Persia*, Madras, A.E.S., 1992. vol.I, p.80.

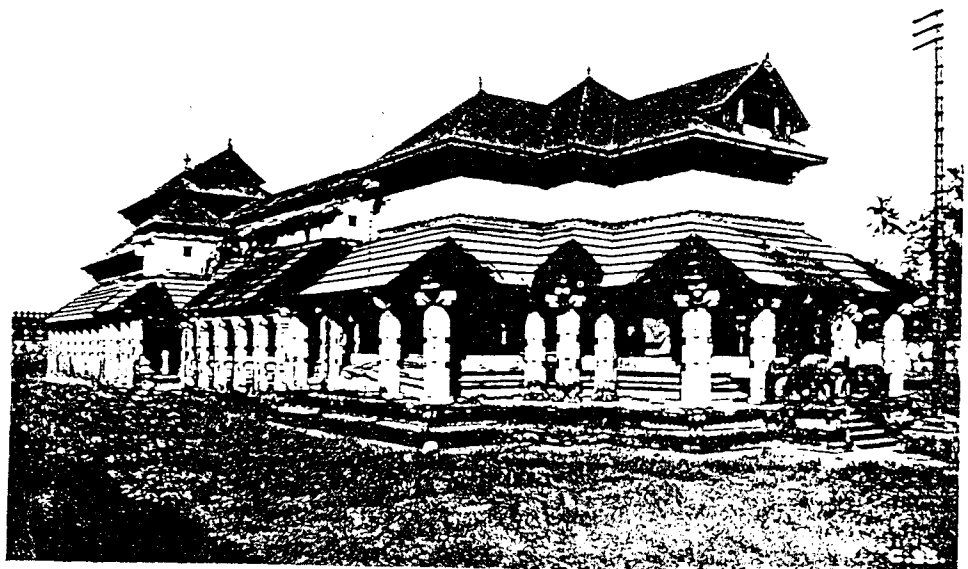


Foto 1 -Templo jaina de Chandranatha em Mudabidri, próximo de Mangalore, aproximadamente 250 km a sul de Goa.

É notória a polarização das religiões e dos hábitos, criando solidariedades peculiares como a dos Muçulmanos. Distingue-se desde logo uma paisagem urbana e rural, ou mais correctamente agregada (em particular em torno da cidade de Goa) e dispersa. Para a primeira construções de maior solidez e aparato, ainda que com contenção e para a segunda construções em terra ou em madeira fazendo uso de outros produtos vegetais como as folhas das palmeiras. Uma referência constante aos jardins, fonte de alimento e prazer, estímulo da própria religião e aos tanques de água, fonte de vida e de purificação essencial.

### **...do antigo reino de Vijayanagar**

Ao redor de Goa o reino hindu de Vijayanagar, representava uma fonte artística inesgotável, não apenas por dar continuidade à actividade dos povos que abrangeu, mas também por fundir conhecimentos e expressões que marcaram a região e seguramente a actividade artística da Índia dos séculos XIV ao XVII.

A sua arquitectura, religiosa, civil ou militar, não traz inovações estruturais ou de materiais relativamente ao que a Índia então já conhecia, mas refina e acentua a composição dos elementos construtivos.

Entre o que apurámos, destacamos alguns aspectos que nos pareceram significativos para o nosso estudo, nomeadamente ao nível da arquitectura doméstica. Por um lado o planeamento das cidades e a sua organização e gestão, por outro todo o tratamento decorativo, que abrange a matéria simbólica e simultaneamente a de suporte, sendo particularmente explícita no caso dos templos.

É de realçar ainda o registo de alguns telhados proeminentes e dissonantes, assunto que trataremos em capítulo próprio, embora aqui deixemos já, algumas notas de enquadramento.

De acordo com as regras de planeamento, as cidades de Vijayanagar deviam dispor-se ao longo dos cardeais, ter entre uma a doze ruas, serem construídas em elevações, possuírem bons contactos comerciais, serem muradas, fortificadas, com fosso e casas para visitantes.

Abdur Razzak, que visitou Belur em 1443, equipara as casas a palácios, enquanto Varthema de passagem por Bhatkal em 1507 a considera uma cidade muito nobre e murada. Já Sewell Paes em 1520 qualifica o reino de muito povoado, fazendo notar que as cidades do interior eram muradas com terra, enquanto as da periferia eram com pedra. As casas das dançarinas são especialmente referidas por terem frescos pintados nas fachadas.

É comum ainda a alusão dos viajantes ao sistema de drenagem de águas, à existência de grandes tanques para o armazenamento de água e canais de irrigação, a que Estrabão já no séc. II aludia<sup>43</sup>, bem como de jardins e árvores que ladeavam os tanques e os cursos de água para os purificarem<sup>44</sup>.

Nos templos, os pilares em blocos de pedra talhada (templo de Hemakuta Hill-1346), tornam-se progressivamente elaborados, seccionados, esculpidos em formas poligonais ou mais raramente, circulares. Torna-se comum a aplicação de estuques sobre alvenarias de pedra ou tijolo, facilitando a decoração de panos de paredes com baixos relevos ou com frescos de que aliás se tornarão mestres, fazendo uso de *trompe 'oeil* (templo jaina de Mudubidri em Tuluva).

<sup>43</sup> R.N.Saletore, *Vijayanagara Art*, Bombay, A.E.S., 1981, p.84.

<sup>44</sup> V. Ayyar in op. cit. p. 184.



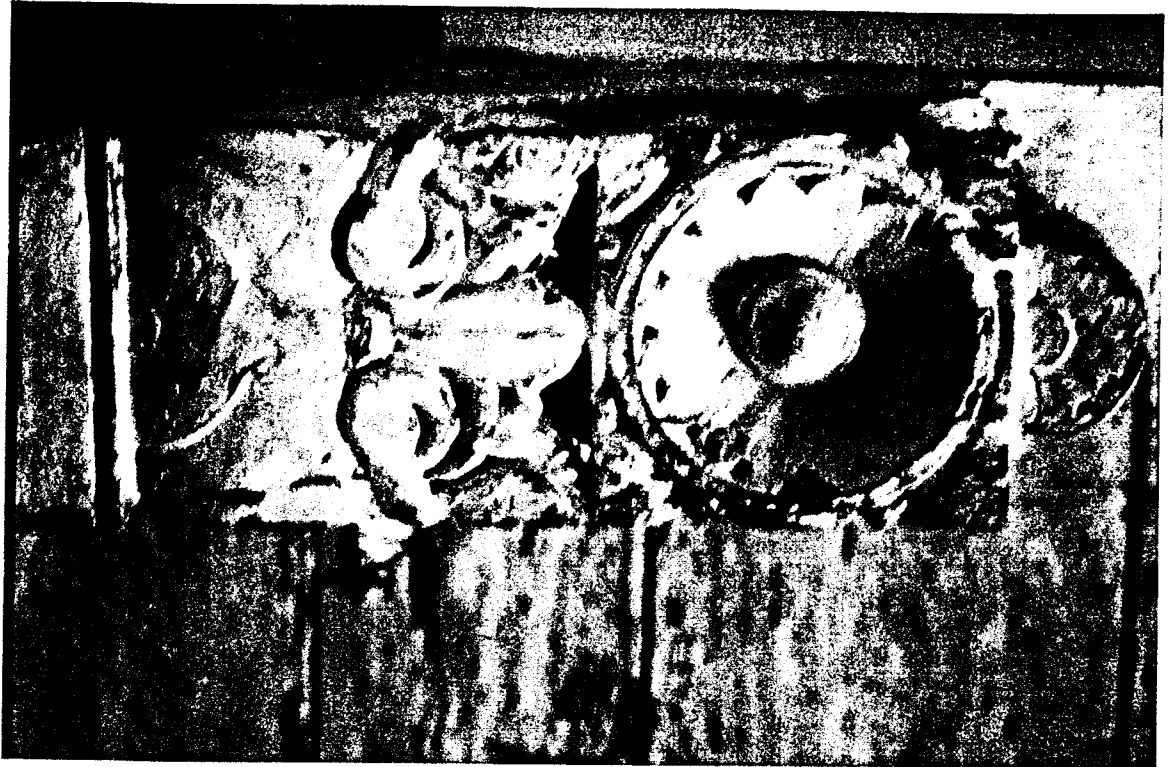


Foto 2 -Dois exemplos de representações de flor de lótus. Em cima os apoios das vigas de um pátio hindu.  
Em baixo um lambri de uma casa cristã, outrora esgrafitado e hoje pintado com tinta de esmalte.

Nota-se também que ao contrário do que era usual no sul da Índia, mas de acordo com a tradição dos Pandyas e dos Kadambas, os templos passaram a utilizar plintos para os “dignificar” (templo de Jambuskevara em Tiruvannamalai)<sup>45</sup> cujos lados eram preenchidos não apenas com motivos simbólicos relacionados com as divindades mas com factos contemporâneos; - “...in the finest shrine of Vijayanagara age, the Vitthalasvami temple this space is filled not with the series of the usual elephants but of Portuguese fidalgos leading their horses from Ormuz in a sedate procession.”<sup>46</sup>

A flor de lótus, representação comum na Índia desde os princípios desta era será proveniente do Egipto, embora com larga representação védica e é identificada com a água - fonte e revelação de vida, o que justifica a sua localização em bases de colunas e de plataformas tão comum em Vijayanagar <sup>47</sup>. Outros símbolos como o boi -víril, a cobra -fértil, o crocodilo, o leão, o cavalo, a vaca, a águia, ou mesmo desenhos geométricos, mais para o final do império, constituem parte da gramática decorativa da arte deste reino. Os elefantes e os crocodilos apareciam muito a franquear as entradas para as salas dos templos onde estavam as Divindades em atitude singela de guardiães.

Em alguns templos Jainas (Bhatkal e Mudubidri) encontram-se também telhados piramidais de base quadrangular em estrutura sobreposta, lembrando as coberturas nepalesas de madeira e colmo. O argumento climatérico continua a ser o mais aludido mas naturalmente insuficiente, tanto mais que não se generalizou, restringe-se aos lugares sagrados e não é seguramente a única solução formal para o problema. Em certos centros Jainistas de Karkala, referem-se ainda a coberturas cujo beirado é revirado sobre as varandas que lhes dão acesso, protegendo-as; uma solução identificada com certas construções autóctones.

O telhado inclinado e o beirado afirmam-se pois como características da arquitectura de Vijayanagara e em particular da sua arquitectura religiosa, Jaina.

-“these slabs were flanked on all sides by a sloping roof (kodungai) which was a peculiarity of Vijayanagara school of architecture. In the preceding currents of south Indian architecture the roof being rather closed, it had not the lip-like projection which became a speciality in the Vijayanagara period.”<sup>48</sup>

Já as coberturas das casas, consideradas elaboradas e de boa construção, dispostas na cidade de acordo com a ocupação da família, seriam de colmo ou em terraço, sendo este aproveitado para acumular água durante a época seca<sup>49</sup>. Os telhados de colmo seriam mais vulgares entre as famílias pobres, correspondiam a casas pequenas, de entradas estreitas e baixas, onde se dormia sobre esteiras e se guardavam cereais em buracos cavados no chão.

Os outros telhados seriam mais generalizados e de acordo com uma inscrição datada de 1328, em que são dadas as medidas habituais, podemos avaliar as casas como estreitas e compridas, mas dispendo de espaços livres.

---

<sup>45</sup> R.N Saletore, in op. cit., p. 58.

<sup>46</sup> Ibidem

<sup>47</sup> Idem, p.59.

<sup>48</sup> Idem, p.66.

<sup>49</sup> Recorde-se que Vijayanagara abrange uma parte considerável do planalto do Decão com características climatéricas mais secas que o litoral.

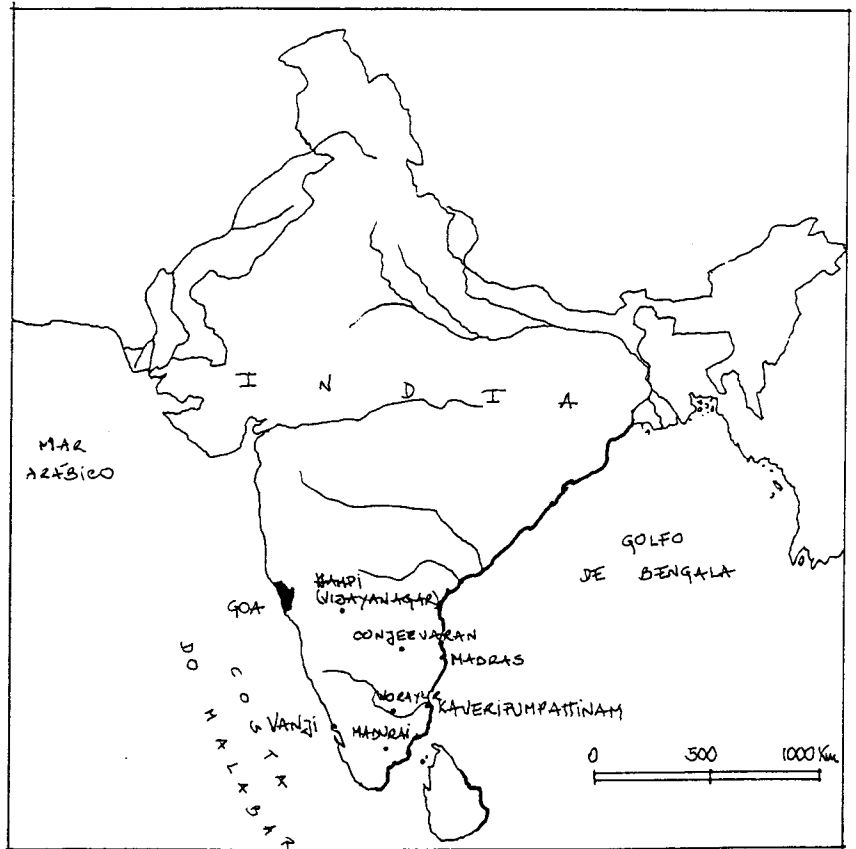


Fig. 27 -Mapa da Índia com os principais cidades do sul do Decão (28).

### ...das antigas cidades do Decão

Apesar de alguma fantasia descritiva inerente aos textos e mesmo de uma certa indefinição cronológica, a pesquisa literária sobre as antigas cidades do Decão, não deixa de ser um dado precioso e que nos ajuda a compreender a dinâmica da cidade hindú naquela zona da Índia, próximo de Goa e assente fundamentalmente em três pilares:

- (i) o núcleo sagrado -o templo;
- (ii) o interesse comercial;
- (iii) o valor estratégico e defensivo;

O estudo a que nos referimos, foi realizado por um professor de Filologia Dravídica da Universidade de Madras e concentrou-se nas cidades de Madurai (ainda cidade), Vanji (uma aldeia próximo de Cochim), Conjeevaram (uma das sete cidades sagradas da Índia), Kaveripumpattinam (na foz do rio Kaveri, próximo de Karaikal) e Woraiyur (cidade construída pelos Cholas a partir do séc. IX) nos actuais estados de Tamil Nadu e Kerala. O autor justifica a sua escolha:

*“Thus these great cities are pointed out again and again in ancient Tamil classics as model cities worth our attention -Madura for its lofty mansions and high buildings; Woraiyur for superb excellence in everything that contributes to healthy civic life; Vanji for its commercial prosperity; and Pukar or Kaveripumpattinam at the mouth of the Kavery for its excellent natural harbour which secured safe anchorage for merchant vessels.”*<sup>50</sup>

Sobre toda a sua pesquisa ressaltam alguns aspectos como (i) o cumprimento dos Saastras -preceitos védicos referentes à arquitectura; (ii) o conceito higiénico; (iii) a razão hierárquica; (iv) a referência ao pátio na dinâmica da casa; (v) a utilização dos materiais, que destacamos, pelo seu interesse para o nosso estudo. Particularizando, temos:

- (i) o cumprimento dos Saastras;

Ainda que em escalas distintas que podem ir do desenho urbano ao da própria casa, temos a prática de uma cidade intelegível, que se orienta segundo os pontos cardeais, que se esvanece centrifugamente atribuindo importância não apenas económica à sua cintura rural mas também social e sanitária.

- (ii) o conceito higiénico;

Este aspecto é importante na medida em que o conceito está profundamente sacralizado, associado ao acto de purificação, presente em quase todos os actos quotidianos e por maioria de razão na casa e na cidade. Na habitação os sanitários, distintos das zonas de lavagem, são distanciados do espaço de convívio. Na cidade frequentemente se alude ao fosso que para além da qualidade defensiva, funciona como dreno de águas residuais. Caricatura curiosa é o registo de cidades com caixotes de lixo. E esclarecem: *“such dust receptacles were generally built of bricks plastered over with white lime, and were well maintained at either end of each street.”*<sup>51</sup>

- (iii) o conceito hierárquico e ocupacional;

As diferentes castas a que correspondem diferentes ocupações organizam-se hierárquicamente em torno do palácio<sup>52</sup> da mesma forma que lhes corresponde um tipo de casa distinto conforme sejam Brahmanes, agricultores, pastores ou caçadores. Enquanto que para os primeiros os requisitos de sacerdotes exigem um espaço de oração, de rituais, de ensino, para os segundos é necessário espaço no topo para o armazenamento de cereais e é conveniente que o comprimento da casa seja superior à largura para que em fila se possa

<sup>50</sup> V. Ayyar in op. cit. p.16.

<sup>51</sup> V. Ayyar in op. cit. p.42.

<sup>52</sup> Ibidem



Foto 3 -O Tulsi -a planta sagrada no seu pedestal localizado no pátio interior ou em frente das casas menos abastadas.

proceder ao aparelhamento do gado. Já as casas dos pastores são baixas e cobertas de colmo e como as dos caçadores ou dos pescadores agregadas.

Já Coroline Ifeka, citando Hocart refere -“ *the Indian cities were often planned so that one main street ran from north to south while the other street ran from east to west. The streets formed a cross, a gate marking each cardinal point. The King's palace usually faced east, as should the residence of a god, while the four major varnas were assigned as follows: the Kshatriyas to the east, the Vaishyas to the south, the Sudras and artisan to the west, and the Brahmans to the north.*”

-(iv) a referência do pátio;

-“*The central courtyard is in the nature of a big lung for the house.*”<sup>53</sup>

O espaço aberto nas casas é uma constante que se expressa em geral sobre a forma de pátio. Contudo este *pulmão* é interpretado distintamente em cada uma das casas a que já fizemos alusão. Pode ser um pátio sagrado com o tulsi<sup>54</sup> -a planta sagrada, ao centro ou pode ser um espaço de actividade doméstica, da mesma forma que pode ser central, dianteiro ou posterior, de circulação, de apoio à cozinha, ou para guardar o gado, cercado por casas, por sebes ou simplesmente murado.

Como princípio uma casa não deve ser muito grande para que possa ser mantida e deve prever a sua expansão, sinal de prosperidade familiar, de fertilidade.

Sobre os pátios das casas urbanas, V. Ayyar dá-nos conta da sua luminosidade e do seu aproveitamento como zonas de estar ou mesmo de brincar, para o caso das crianças:

-“*There was ample provision for light and air, a kind of trellis work in the walls providing sufficient ventilation. The courtyards of such houses (casas do Madurai) had a sunny aspect, and the residents sometimes basked in the sunshine in the early morning sitting in such open spaces.*”<sup>55</sup>

-“*these houses (de Madurai e Kaverippumpattinam) had spacious courtyards which provided ample light and air. There were courtyards in each compartment of the house and also in the kitchen...*”<sup>56</sup>

-“*This open space would be useful to the children who play here.*”<sup>57</sup>

Sobre os pátios das casas dos trabalhadores rurais o referido autor distingue-os em função das suas ocupações, revelando uma conseqüente adequação funcional conforme se trate de um agricultor, de um pastor, ou de um pescador:

-“*These modest dwellings (casas dos agricultores) had courtyards or open spaces in the middle where a mortar was fixed in the ground. Here the food grains were husked by the peasant's wife. In a corner of the courtyard the pigs were kept in a small sty(...)*”<sup>58</sup>

-“*In the low roofed cottages of the Kuravars, the Vengai tree was planted in the courtyards and often the Kuravars used to dance round this tree in the courtyard.(...) Hence the courtyard is kept clean as the Vengai tree is considered sacred. In this way the sanitary condition of the central open space of these huts was ensured.*”<sup>59</sup>

---

<sup>53</sup> V. Ayyar in op. cit. p.107.

<sup>54</sup> ver ANEXO III

<sup>55</sup> V. Ayyar in op. cit. p.52.

<sup>56</sup> V. Ayyar in op. cit. p.111.

<sup>57</sup> V. Ayyar in op. cit. p.192.

<sup>58</sup> V. Ayyar in op. cit. p.103.

<sup>59</sup> V. Ayyar in op. cit. p.137.

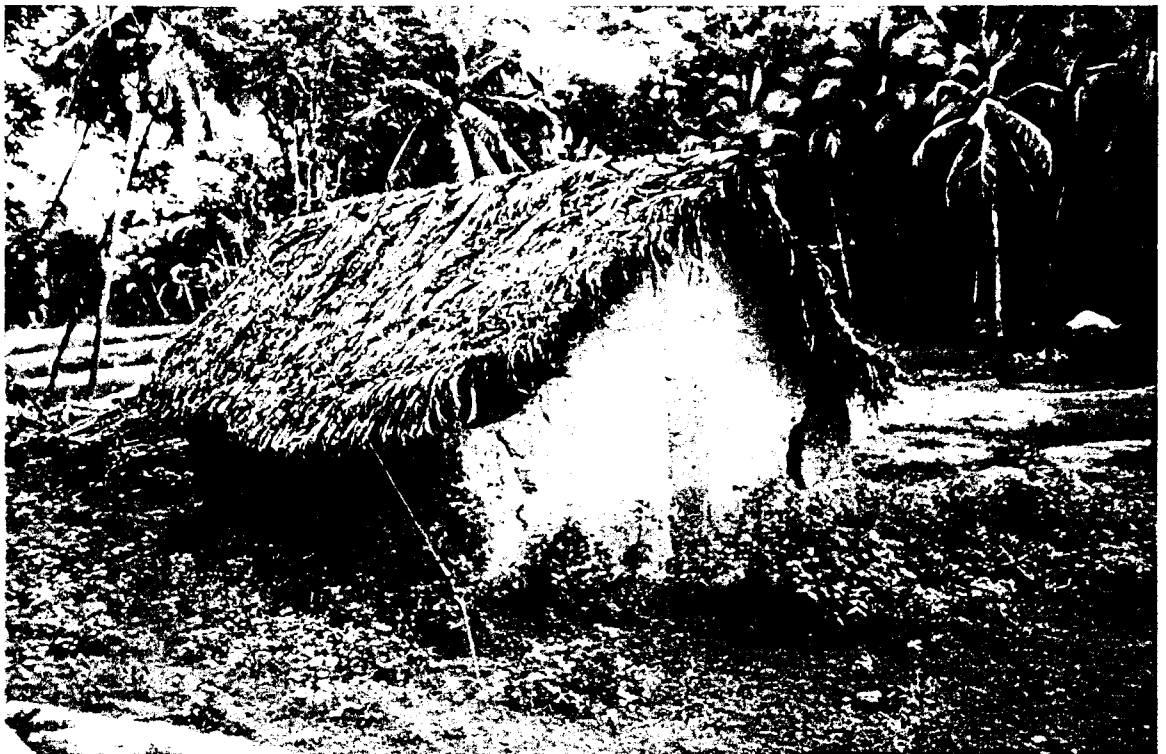


Foto 4 -Aspectos de uma casa de agricultores de Salcete, em terra, com cobertura em cana de bambú e folhas de palmeira.

*“The courtyards of the houses (dos pastores) were spacious. Small pegs were driven into the ground into the courtyards and the lambs were yoked to long cords fastened to the pegs.”<sup>60</sup>*

*“The fishermen sat in the courtyard with his children and family for his meal. The Pari, or the basket for catching fish was kept in a corner of the courtyard.”<sup>61</sup>*

*“In the courtyards in the center of fishermen’s huts, the surai or Indian bottle-gourd creeper is planted. The fisherwomen worship the plant and consider it sacred as it gives them vegetables. When thus the plant is invested with a sacred character, the courtyard of sand where is it planted in the cottages near the sea-shore, is kept neat and tidy, and rubbish and dirt are not allowed to accumulate near the precincts.”<sup>62</sup>*

O pátio identificado como “open space” aparece em quase todos os tipos de casas independentemente da ocupação do proprietário ou da sua condição económica sendo de realçar a sua dimensão sagrada ao dar abrigo a uma planta com reconhecidos atributos metafísicos.

*“In order that the value of the fresh air provided by the open spaces in a house may be enhanced in utility, medicinal herbs and flower creepers used to be cultivated in the courtyards. In the central courtyard in the houses of the Hindus it is usual to plant the tulassi...”<sup>63</sup>*

Em relação aos materiais de construção não somos surpreendidos por matérias desconhecidas, nem somos confrontados com formas de utilização inovadoras. A pedra, o tijolo, o estuque, o colmo valem por si, são um produto do ambiente e são mencionados tanto pelo seu valor morfológico como construtivo fazendo juz a uma certa economia de construção:

*“the walls of the palace were generally plastered with white lime...”<sup>64</sup>*

*“Red bricks were used in the building of the houses.”<sup>65</sup>*

*“Leaves were suspended from these short pillars (...). Bamboo was used for the rafters and the roof was of the dry straw of the millet.”<sup>66</sup>*

*“From the ordinary date palm leaves and straw, and from cheap thatch to terrace plastering, there are any variety...”<sup>67</sup>*

*“In the courtyard of these huts a mortar was placed in which corn was husked.”<sup>68</sup>*

A água, elemento essencial de vida, é fornecida por poços de que quase todas as casas ou comunidades dispõem:

*“Drinking water was supplied to the whole group from wells formed of earthen rings placed one over another.”<sup>69</sup>*

Decorrente do pátio, é frequente a alusão a jardins como espaços naturais que intimizam a relação do homem com os Deuses num original senso de fruição.

<sup>60</sup> V. Ayyar in op. cit. p.104.

<sup>61</sup> V. Ayyar in op. cit. p.107.

<sup>62</sup> V. Ayyar in op. cit. p.138.

<sup>63</sup> V. Ayyar in op. cit. p.133.

<sup>64</sup> V. Ayyar in op. cit. p.95.

<sup>65</sup> V. Ayyar in op. cit. p.73.

<sup>66</sup> V. Ayyar in op. cit. p.104.

<sup>67</sup> V. Ayyar in op. cit. p.113.

<sup>68</sup> V. Ayyar in op. cit. p.106.

<sup>69</sup> V. Ayyar in op. cit. p.109.



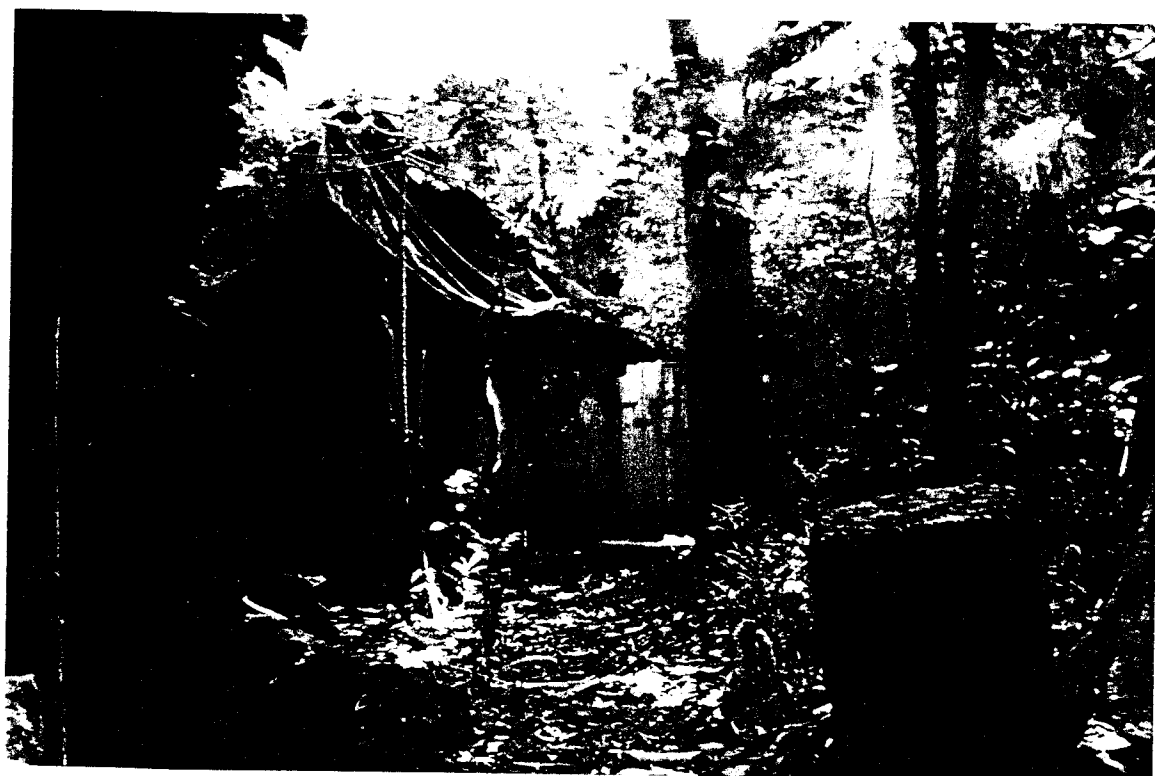


Foto 5 -Aspectos de dois pátios de casas hindus em que se sente a natureza como integrante da casa.

O homem deleita-se com o jardim na medida em que ele agrada e serve os Deuses, produz elementos de oblação:

*“There were many fruit trees in the gardens of private residences inside the city. The plantain, the mango, and the jack trees known as the three principal fruit trees were mostly cultivated in private gardens. Outside the city (Conjeeveram) there were some fine gardens.”*<sup>70</sup>

*“The houses in the principal streets were mostly terraced and the ladies enjoyed fresh air on those terrace flats.”*<sup>71</sup>

*“In these courtyards also some plant or herb was cultivated...”*<sup>72</sup>

*“Elsewhere there were many tanks with high embankments and trees all around...”*<sup>73</sup>

*“Its front was beautified by a kitchen garden where turmeric and brinjal plants were planted.”*<sup>74</sup>

*“Very often the frontage of bigger houses and mansions were beautified by growing the fragrant red mullai flower creeper over arches made of bamboo twigs. These afforded good breeze and ensured the sanitation of the front of houses.”*<sup>75</sup>

*“The manram was originally the name given to a platform and a fruit or flower tree grown over it, in order that the people may go and sit there and have a talk.”*<sup>76</sup>

O instinto inato do homem de apreciar a natureza é fortalecido pela religião que incrimina quem a destrua. Uma maneira de desagravo perante os deuses é a de ter um jardim para permanentemente lhes poder oferecer flores.

Este gesto é exponenciado com a criação das chamadas cidades-jardim, que se desenvolvem em torno de um templo, de um tanque e de um jardim, símbolos respectivamente da divindade, da água e do solo, os três elementos santificadores do espaço sagrado.

Em forma conclusiva podemos pois dizer que existe uma tradição de casas-pátio generalizada no sul da Índia e no Decão a que Goa não será alheia. Existe tradição de planeamento urbano, de utilização de materiais e tecnologias diversas em templos e casas, de capacidade de adaptação, de adequação, de recuperação e de síntese de elementos em desuso, novos, ou mesmo estranhos provenientes das culturas que estes reinos aglutinam ou tocam.

### 3 -A Casa-pátio de Goa

Apesar de algumas diferenças geográficas na mancha dos reinos abordados, havia uma identificação étnica e sociológica e uma forte interpenetração económica que se repercute no tipo de vida e de habitação.

Não possuindo cidades planeadas, à escala dos impérios vizinhos, Goa funcionava como entreposto entre o mar e o interior. Chandor, Goa velha e Ella tinham sido até à chegada dos Portugueses os seus principais núcleos, em épocas diferentes, de perímetro condicionado e sempre nas margens de rios, veios de comunicação. O primeiro tinha características

<sup>70</sup> V. Ayyar in op. cit. p.72.

<sup>71</sup> V. Ayyar in op. cit. p.73.

<sup>72</sup> V. Ayyar in op. cit. p.135.

<sup>73</sup> V. Ayyar in op. cit. p.95.

<sup>74</sup> V. Ayyar in op. cit. p.109.

<sup>75</sup> V. Ayyar in op. cit. p.137.

<sup>76</sup> V. Ayyar in op. cit. p.139.

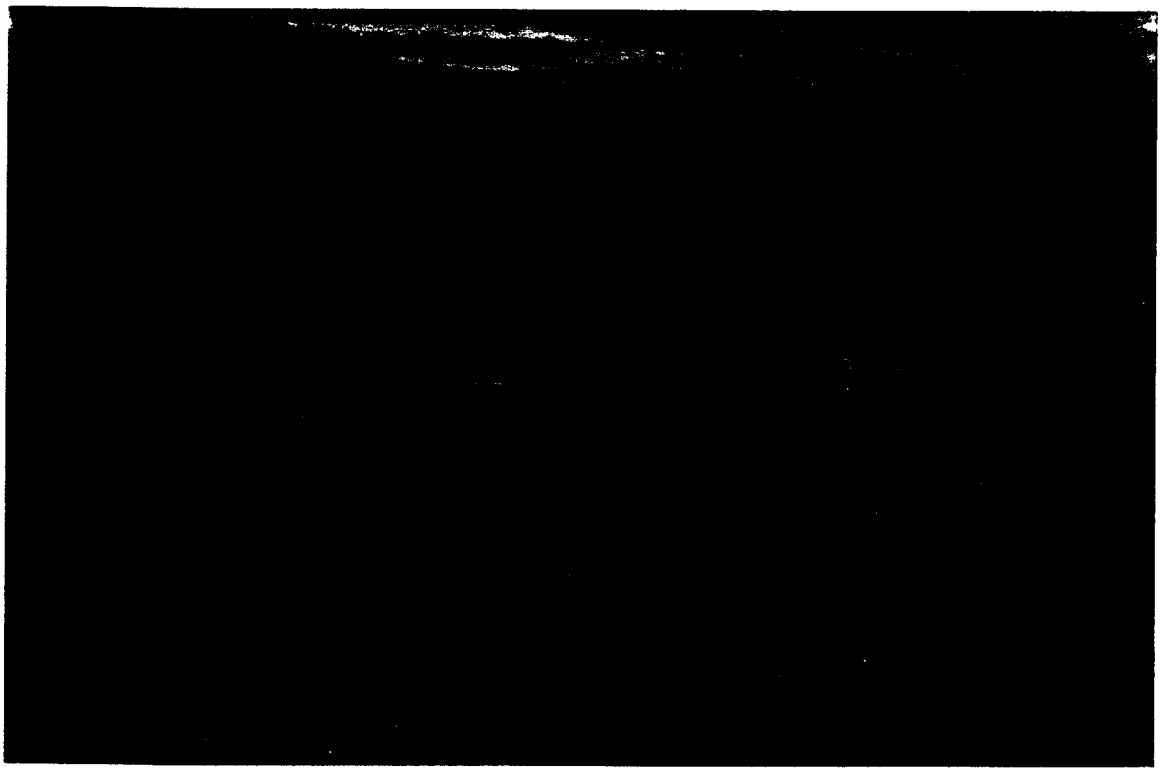


Foto 6 -A Velha Cidade de Goa, vista do rio Mandovi e em que já só se avistam os monumentos religiosos -património mundial.

marcadamente defensivas, tendo sido murada e com fosso, o segundo uma forte dinâmica comercial e o terceiro, nascido à sombra do anterior, adquire com os muçulmanos e com os Portugueses o brilho que conhecemos.

Ao contrário da arquitectura religiosa, preservada pela população devido ao seu carácter sacro, a arquitectura civil que floresceu com a chegada dos Portugueses, é muito escassa não tendo resistido à violência do clima.

No espaço Português, isto é, nos territórios das velhas conquistas, podemos identificar dois ciclos de construção, que têm o séc. XVIII por charneira e que correspondem respectivamente ao auge e ao declínio da presença portuguesa. Para o primeiro “*afirma-se dominante uma estética colonial, construída sobretudo pelos portugueses radicados na Índia*” e para o segundo “*afirmam-se com maior à vontade os padrões estéticos Hindus a par das influências portuguesas.*”<sup>77</sup>

São pois da segunda metade do séc. XVIII<sup>78</sup> e do séc. XIX a maioria da arquitectura civil que testemunhamos em Goa, bem como uma parte significativa da arquitectura doméstica, ainda que com diversas alterações, acrescentos e operações de manutenção.

Nas Novas Conquistas, manteve-se sob a protecção de alguns reinos poderosos, como os de Sundém, a tradição da construção Hindu, com a agravante de que nestas áreas se refugiaram muitas gentios fugidos das pressões das conversões. Por outro lado este fenómeno gerou em Bardez e Salcete casos dúbios em que as famílias aparentemente convertidas, para salvarem a sua vida e a sua actividade mantinham na sua intimidade os cultos e as dinâmicas domésticas hindus, o que explica certas similitudes na orgânica das casas.

As conversões passaram a fazer-se por castas<sup>79</sup>, que apesar de se subdividirem bastante, perduraram simplificadas entre os cristãos reduzidas a Brâmanes, Chardós, Sudras e outras inferiores<sup>80</sup>, associando-se cada uma a actividades específicas.

A casa-pátio é um dos modelos de arquitectura doméstica de Goa, porventura o mais representativo da história do território. Associado a uma situação económica e social de privilégio, este modelo é facilmente detectável e de expressão mais regular entre os Hindus do que entre os cristãos.

Enquanto nos primeiros dá corpo a prescrições sagradas, nos segundos disposta por razões estritamente físicas, de composição ou de função.

---

<sup>77</sup> Hélder Carita e Nicolas Sapiéha, *Palácios de Goa*, Lisboa, ed. Quetzal, 1995, p.11.

<sup>78</sup> A segunda metade do séc. XVIII corresponde à anexação dos territórios das novas conquistas de maioria hindu que obrigou a uma política de tolerância, a que não será alheio o espírito iluminista que imbuía as cortes europeias. A expulsão dos Jesuítas e a preocupação com o Brasil implicam um novo sistema de administração em que os gentios são chamados a participar. Ver M. de Jesus dos Mártires Lopes in op. cit, p.143.

<sup>79</sup> Ver A. Bragança Pereira in *Etnografia da Índia Portuguesa*, A.E.S., New Delhi, 1991, vol I, cap. IX.

<sup>80</sup> Ver M. de Jesus dos Mártires Lopes. in op. cit. p.101.

#### **IV -A CASA-PÁTIO HINDU**

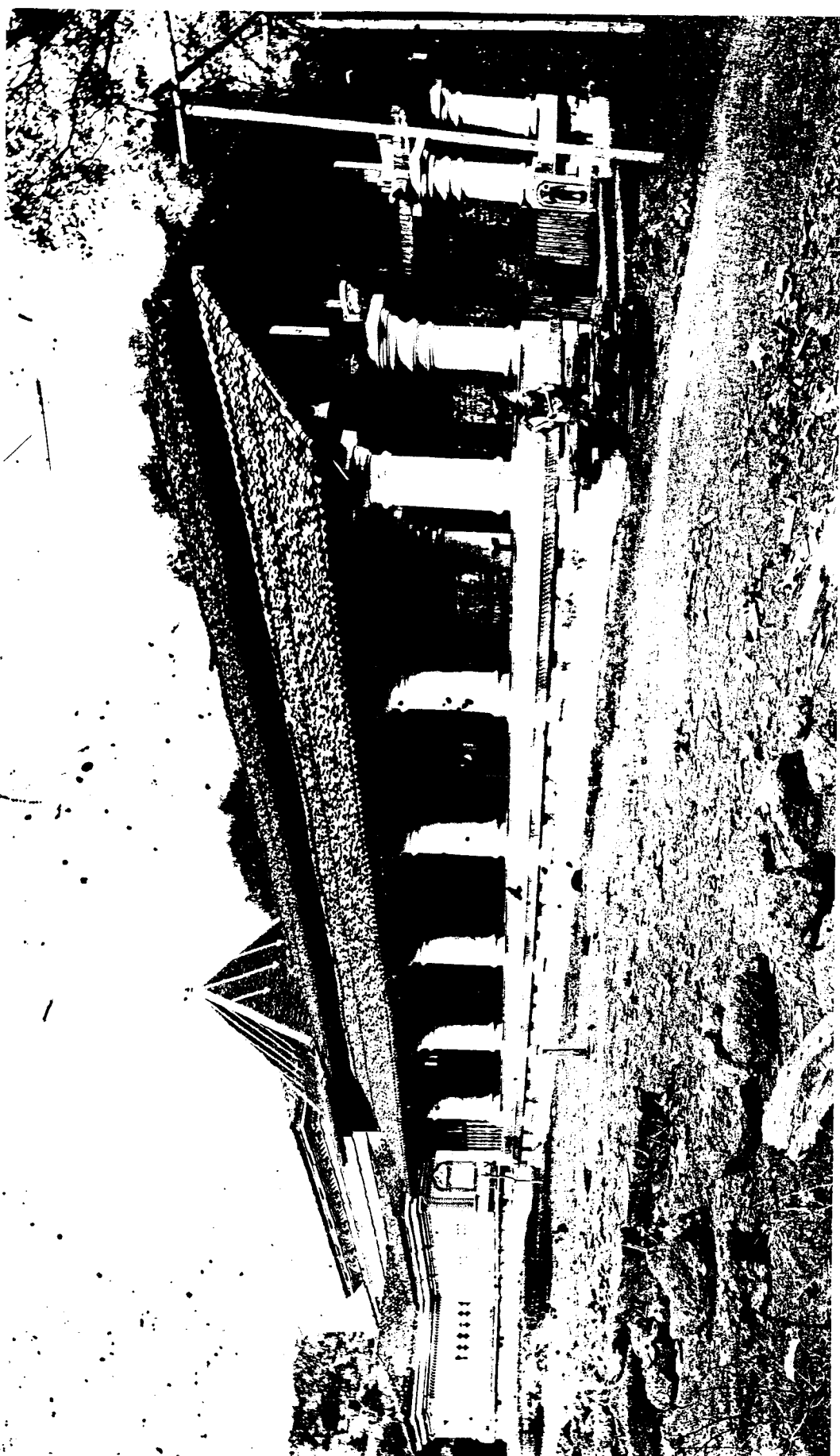


Foto 7 -Templo hindu das novas conquistas, onde é visível ao fundo a torre branca sob a qual está a divindade, a sala que a antecede e o átrio porticado. De notar ainda o plinto ou o embasamento em que se dispõe o templo. (foto do final do século XIX -arquivo Paul and De Souza -Panjim).

## IV. A CASA-PÁTIO HINDU

### 1 -Princípios

As casas hindus correspondem a um enunciado de princípios prescritos nos Vedas.

Estes textos que a tradição indiana considera sagrados e de origem divina, foram transmitidos desde sempre<sup>81</sup> e subdividem-se em quatro partes das quais a última -*Atharvana Veda*, síntese das primeiras três, dedica uma parte à arquitectura -a *Stapatya Veda*.

O nome de *Vaastu Shilpa Shaastra* é a designação da ciência mística que se desenvolve a partir desses textos doutrinários, combinando-os com a astrologia e consequentemente com a astronomia:

*“Man is a microcosm (pindanda) corresponding with the universe or macrocosm (brahmanda) and therefore we must expect to find that the vicissitudes of humanity correspond with the changes which take place on the earth and in the heavens. Earth travelling in it's orbit round the sun produces a disturbance in the gravitational field of the Sun and this disturbance is propagated in the form of wave. Similar effect is produced by other planets and the Moon too. Human eyes are probably entirely blind to these. If planets can affect a body of the size of Sun, it's effects upon a mechanism as delicate and small as human form can be tremendous.”*<sup>82</sup>

A partir do estudo de um horóscopo, determinado pela confluência singular de átomos, forças e campos magnéticos, pretende-se seleccionar um local, defenir a implantação e determinar a data mais conveniente para o início dos trabalhos de construção, o fixar da porta principal e a inauguração -*Grahapravesha*. Pretende-se enfim, identificar cada ser com o lugar ideal, aonde ele possa beneficiar o mais possível dos campos magnéticos que envolvem a terra e da combinação dos cinco elementos que a constituem -os *Panchabhutas* ; - *Aakaasha* -o espaço; *Vaayu* -o ar, *Agni* -o fogo; *Jala* -a água; *Bhuumi* -a terra.

*“The scientific use of the elements creates a perfectly balanced environment which ensures enhanced health, wealth and prosperity.”*<sup>83</sup>

*Vastu Shilpa Shaastra* define as regras para execução da arquitectura e pode dividir-se em: *Deva Shilpa* e *Maanava Shilpa*. O primeiro diz respeito aos templos e a locais de culto, enquanto o segundo diz respeito às casas, residências e edifícios públicos.

Básicamente a construção dum templo ou devalaia é baseada num desenho simétrico em que o elemento fulcral é o *Santum Sanctorum*, onde está a divindade e por isso a parte mais elevada, contornada por um corredor/deambulatório com um grande átrio rectangular porticado em frente. O templo é concebido como um corpo -o de Deus.

Já as casas são entendidas para além das funções que encerram, procurando conferir a quem a habite a plenitude da vida, ou do prazer de viver. Bem ao jeito das grandes civilizações, o Homem é olhado no seu todo físico e transcendente, daí que se exija a quem concebe a casa, ao “arquitecto”, o domínio e conhecimento profundo do homem;

*“Besides technical studies, Architect should be proficient in the knowledge of religion and philosophy, science and technology, customs and traditions, music, dance, drama and other arts and sports.”*<sup>84</sup>

<sup>81</sup> por sábios e místicos que cumpriam o voto de castidade para podê-los reter nas suas memórias.

<sup>82</sup> D. Muralidhar Rao, in op. cit. p.10.

<sup>83</sup> Idem, p.20.

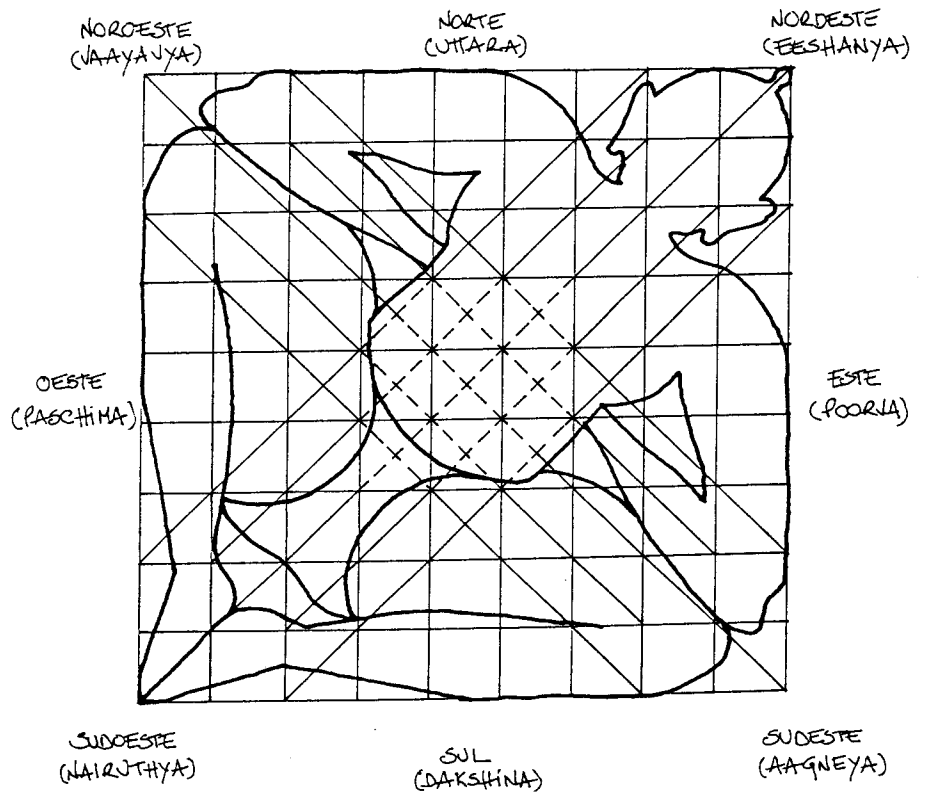


Fig. 28 -Diagrama do Vaastu Purusha (29).



A actividade construtiva, de acordo com os textos antigos, pode dividir-se entre o que tem directamente a ver com a técnica da construção e os preceitos rituais que a acompanham e que a inspiram.

De entre os primeiros há cinco princípios fundamentais sobre os quais assentam os princípios Védicos para a arquitectura:

- *Diknirnaya*; a doutrina sobre orientação.
- *Vaastu-Pada-Vinyaasa*; o plano da construção com base no Vaastu Purusha Mandala.
- *Maana. Hastalakshana*; a escala e a proporção.
- *Aayaadi-Sadvarga*; os seis cânones da arquitectura Védica.
- *Pataakaadi-Sadschandas*; o carácter da construção.

I. *Diknirnaya*; a doutrina sobre orientação.

Consiste em fixar os pontos cardeais com recurso a um gnómon e orientar o terreno procurando tirar o máximo benefício do Sol, considerado “...*the giver of all life.*”

II. *Vaastu-Pada-Vinyaasa*; o plano da construção com base no Vaastu Purusha Mandala.

Trata-se de um diagrama que representa a carta astrológica e é orientada por forma a captar a melhor energia do ambiente envolvente. Tem a forma quadrada, determinada pelos eixos da vida E-O e N-S, dividindo-se em partes iguais (*pada*) a que corresponde sempre uma divindade do Panteão Hindu. Pode ter 9, 25, 49 ou 81 divisões, variando a extensão atribuída a cada divindade mas não a sua posição no plano. Sobre o diagrama está representado *Purusha* -o homem celestial, simbolizando-se com esta sobreposição a adequação do Universo ao Homem, do macro ao microcosmos e vice-versa. A cabeça está orientada para Nordeste.

A casa é assim identificada com o corpo humano em que o pátio central é *Brahma* -a alma eterna, o criador e Deus do Universo. O Norte é atribuído ao Deus da saúde e do bem estar -*Kubera*, o Sul ao Deus da morte -*Yama*, Este ao Deus da luz -*Indra* e Oeste ao deus das chuvas -*Varuna*.

O Vaastu Purusha deve ser lembrado em três ocasiões distintas da construção e para as quais se deve consultar o astrólogo e o sacerdote. São elas o início das fundações (*Aadi*), a colocação da porta principal (*Madhya*), sensivelmente a meio dos trabalhos e a consagração da casa (*Grahapravesha*), no final dos trabalhos.

De acordo com os textos sagrados o início da construção da casa tem meses e dias mais propícios com repercussões no bem-estar familiar.

Assim temos que:

- Março-Abril induzem a medos e perdas financeiras.
- Abril-Maio induzem a bons resultados.
- Maio-Junho induzem ao medo da morte.
- Junho-Julho induzem à perda de saúde do gado.
- Julho-Agosto induzem ao bem-estar familiar.
- Agosto-Setembro induzem a doenças.
- Setembro-Outubro induzem a desnecessárias inimizades.
- Outubro-Novembro induzem ao ganho de saúde.
- Novembro-Dezembro induzem a medos.
- Dezembro-Janeiro induzem a medo do fogo.

---

<sup>84</sup> Idem, p.29.

- Janeiro-Fevereiro induzem a bem-estar para toda a família.
- Fevereiro-Março induzem a bem-estar, riqueza e prosperidade.

O sábado e a terça feira são considerados os piores dias da semana para iniciar trabalhos ou projectos. No Assam<sup>85</sup>, por exemplo, não se corta bambu nestes dias, na certeza que os espíritos que habitam os canaviais actuariam maléficamente<sup>86</sup>.

Consideram-se entre os rituais prévios de construção, cinco fundamentais:

-*Vaastupuja*: segundo este rito o terreno é assinalado como parte do Universo. A cerimónia deve ter lugar a NE do terreno e em dia auspicioso.

-*Balidaana*: todo o terreno é purificado, renovados os espíritos e as forças do lugar.

-*Halakarshana*: prevê que a terra seja arada para o início de um ciclo novo e auspicioso.

-*Ankuraaroopana*: são lançadas sementes em memória dos que deixaram o lugar e como primeira oferta à terra.

-*Shilaanyaasa*: trata-se do lançamento da primeira pedra consagrada no Vaastupuja e colocada no canto SO da construção.

Por último considera-se a apresentação mútua de todos os que irão contribuir para a obra.

### III. *Maana. Hastalakshana*; a escala e a proporção.

São considerados factores essenciais para que haja perfeição na obra e para que ela se possa tornar morada de deuses, subdividindo-se em designações conforme se trate de altura, largura, espessura, diâmetro ou comprimento. Encontram-se referências a medidas em antigos textos védicos (*Brahmaanda-Puraana*, cap.VII)<sup>87</sup>, nomeadamente ao *Angula* (aprox. 1,92cm) e ao *Hasta* (aprox. 46,08cm).

Nos mesmos textos considera-se que a proporção é *apaziguadora* quando a altura (h) é igual à largura (l), *eminente e perfeita* quando  $h=1.25 l$ , *fonte de alegria* quando  $h=1.5 l$ , *fonte de saúde* quando  $h=1.75 l$  e *maravilhosa* quando  $h=2 l$ .

### IV. *Aayaadi-Sadvarga*; os seis cânones da arquitectura Védica.

Trata-se de um grupo de seis fórmulas a que o perímetro da estrutura deve corresponder. Considerava-se então que se multiplicássemos a área de um edifício, (compreendendo a base, as colunas, o entablamento, as alas, o telhado e a cúpula) por 9 (nove) e a dividíssemos por 8, caso o resultado fosse ímpar era bom presságio, caso fosse par, era mau.

### V. *Pataakaadi-Sadschandaa*; o carácter da construção.

Resulta de uma relação profunda com a construção para a qual muito conta o empenho e a arte do trabalhador. Este dá a forma e a alma à peça que vai fazer parte do todo, do corpo. Ele confere-lhe o ritmo e o carácter.

<sup>85</sup> estado indiano entre o Nepal, o Bangladesh e o Butão.

<sup>86</sup> AAVV, *Países e Povos do Mundo -India* Librairie Larousse, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1993, p. 80.

<sup>87</sup> D. Muralidhar Rao, in op. cit., p.39.

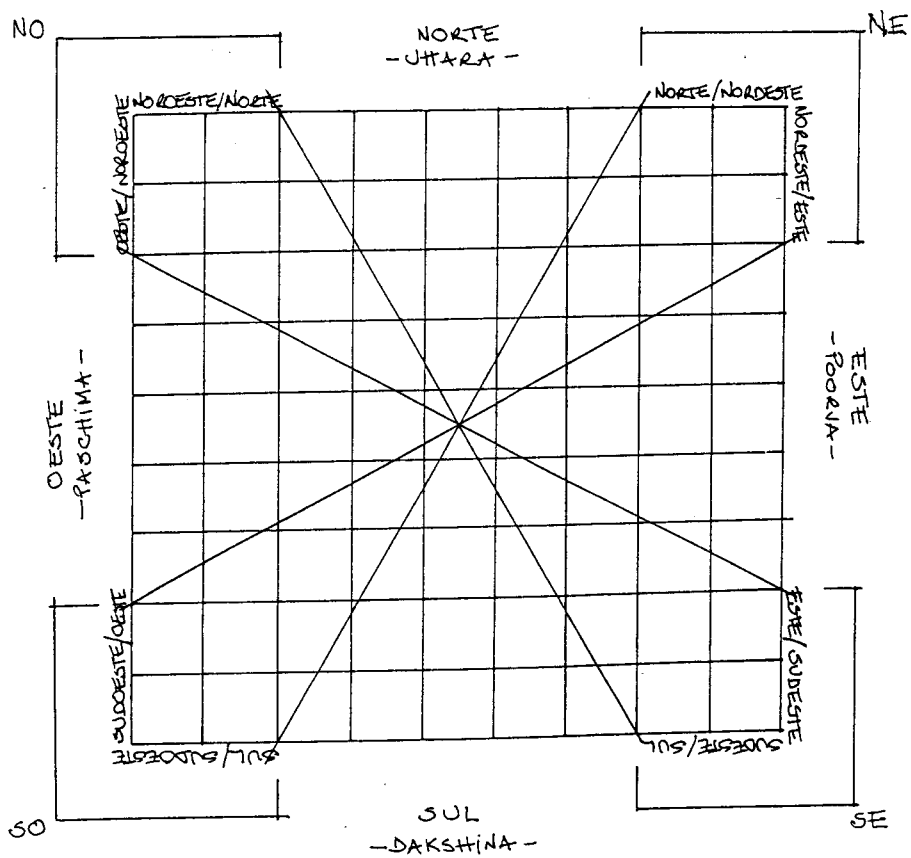


Fig. 29 -Diagrama de zonas de orientação (30).

## O Lugar

Para a selecção do lugar deve considerar-se:

-(i) o tipo de solo: não deve ser negro e argiloso, em risco de aluimento, ou onde há memória de enterramentos. Também não deve ser salino, com odores desagradáveis, pantanoso, ou ter sido usado para fogueiras, como pasto. Deve ser verificada previamente a sua capacidade de carga.

-(ii) o ambiente: tanto quanto possível o seu maior declive deve ser a SO, não deve possuir árvores com raízes extensas que possam perturbar a construção, deve ter água próximo e possuir terra fértil. Não deve estar encostado a templos ou a escolas e colégios.

-(iii) o terreno: deve cumprir os preceitos do Vaastu. Deve ser um quadrado ou rectângulo cuja relação entre os lados não seja superior a um para dois e em que as medidas dos lados E e O superiores às dos lados N e S. Não são aconselhadas as formas triangulares, redondas ou poligonais pois são criadoras de instabilidade. Na impossibilidade de todos os ângulos terem 90°, o ângulo de SO e o NE podem ser menores ou iguais mas nunca maiores, enquanto o de NO pode ser maior ou igual mas nunca inferior. Portanto a distância entre as esquinas NE e SO deve ser sempre superior à das esquinas NO e SE.

## A Orientação

De acordo com os textos sagrados o eixo de orientação mais importante é o Nascente (*Poorva* ou *Puurab*)-Poente (*Paschima*), por ser o eixo da vida e os quadrantes secundários (NE, SE, SO, NO) ganham um significado acrescido por combinarem as forças de duas direcções.

Para cada orientação as escrituras conferem um significado:

-Este é a fonte masculina, corresponde a mais luz, menos calor, raios u.v. (fonte de vitamina D -vital à vida), pelo que não deve ser bloqueada;

-Sudeste (*Aagneya*) é a fonte da saúde e do bem estar (ligada à cozinha, ao fogo);

-Sul (*Dakshina*) a fonte da riqueza, da abundância e da felicidade (ligada às colheitas);

-Sudoeste (*Nairuthya*) é fonte de carácter e de comportamento, causa de longevidade e morte;

-Oeste é a fonte do nome, da fama e da prosperidade, corresponde a mais calor, a raios i.v. que podem ser prejudiciais;

-Noroeste (*Vaavyavya*) a fonte das oscilações do negócio, das amizades e das inimizades;

-Norte (*Uttara*) a fonte feminina, pelo que também não deve ser bloqueada;

-Nordeste (*Eeshanya*) é ainda a fonte masculina mas também a fonte da saúde, da riqueza e da prosperidade.

Por estas razões preconiza-se que a construção seja mais aberta a nascente e a norte do que a poente e a sul, bem como pouco afastada do solo, por forma a captar as energias da terra.

“...it is explicitly laid down in Vaastu Shaastra that more open space should be left, more windows and doors fixed, more balconies and verandahs provided towards East and North than towards West and South. It is also prescribed to have ground level lower and to avoid any kind of obstacles like big boulders, mounds, tall buildings, high compound wall etc., on the Eastern and Northern sides.”<sup>88</sup>

<sup>88</sup> Idem, p.25.

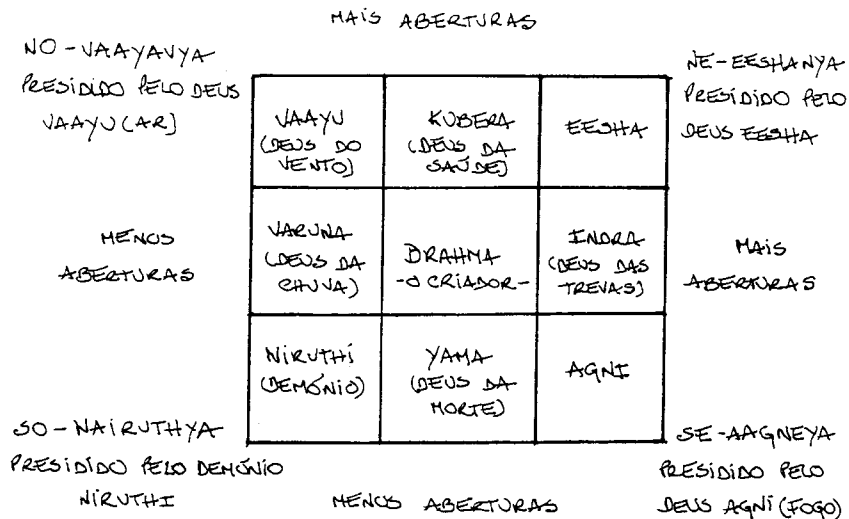


Fig. 30 -Diagrama com as oito orientações do universo e as correspondentes divindades (31).

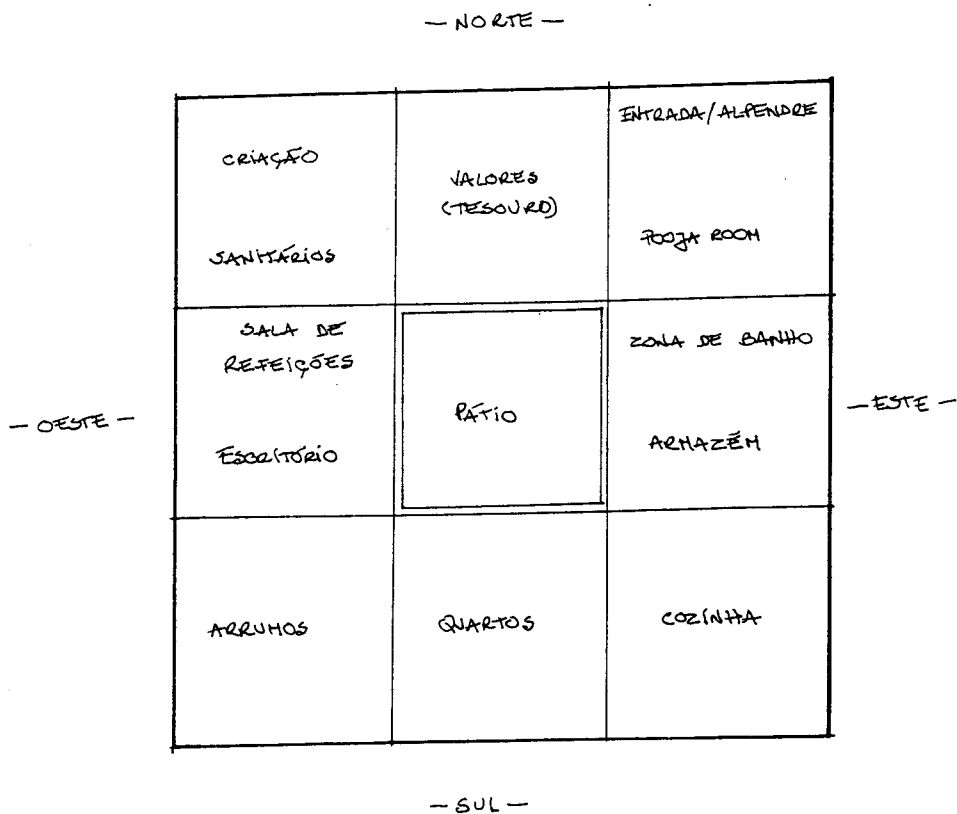


Fig. 31 -Diagrama com a disposição ideal de uma casa hindu (32).

Assim sendo, as árvores devem existir apenas a poente e a sul para que os moradores tirem o máximo partido dos raios da manhã, do oxigénio das árvores e usufruam ainda da protecção do calor e dos raios prejudiciais da tarde. Os raios da manhã -lembram os textos sagrados, destroem os germes e as bactérias pelo que o tanque/poço de água para o banho deve ficar localizado a Nordeste.

De acordo com o diagrama de Vastu Purusha, ficam definidas as oito direcções do Universo a que correspondem oito Divindades conotadas com os diferentes aposentos conforme o diagrama que se apresenta. Assim e caracterizando cada um dos espaços que compoem, ou podem compôr, uma casa hindu, temos que:

-o *pooja-room* deve situar-se a NE e em nenhum caso a Divindade deve estar orientada a poente ou S e o adorador a nascente ou N. Já a Divindade voltada a N ou E e os adoradores a S ou O respectivamente, é aceitável. Em casas com dois pisos deve situar-se sempre no piso inferior;

-nos quartos, as portas, as janelas e os armários dependerão da posição de dormida que nunca deverá ser com a cabeça direccionada a N pois os polos do macro e do microcosmos repelir-se-ão<sup>89</sup>. Antes deverá ser direccionada para E ou S. Em redor da cama deverá haver mais espaço a E e a N para que ao acordar seja o pé direito o primeiro a tocar o chão e se caminhe em direcção a E.

-os sanitários, quando dentro da casa devem situar-se a E ou a N. Se fora devem situar-se a NE da casa, ser distanciados e convenientemente drenados.

-a cozinha deve situar-se na esquina SE com a bancada de trabalho a E sem nunca tocar a parede N. Quando fora de casa deve ser na esquina NO ou SE e o chão deve ser sobre-elevado em relação à casa.

-as escadas, quando as há, devem localizar-se a S ou SO e nunca a NE. Não devem aliás tocar as paredes N ou E e devem começar sempre de E para O ou de N para S. Os níveis da casa devem ser crescentes a partir da entrada.

-o poço deve localizar-se a NE, não deve tocar a casa, nem estar dentro dela. Pode estar a E ou a N mas não a SE ou a NO. A sua forma deve ser circular e deve poder ficar exposto ao sol seis horas depois da aurora. A casa deveria ser construída com a água do poço que depois a abasteceria.

Também os vãos -portas e janelas, devem corresponder a um conjunto de preceitos: O número de janelas e de portas deve ser diferente de piso para piso, sendo conveniente o seu alinhamento.

O número total de portas e de janelas/frestas deve ser sempre par, devem distanciar-se das paredes que lhes são ortogonais pelo menos 8 a 10cm e nos quartos devem posicionar-se frente-a-frente e medirem a mesma largura.

A porta principal deve ficar a N ou a E e nunca ao centro, pondo neste caso em causa, a felicidade da família. Uma porta a sul deve ser compensada com uma outra a N ou a E. As posições das portas deverão ser em função do horóscopo do proprietário, contudo SO será sempre uma má opção<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> De acordo com o Vaastu Shastra, o campo magnético da terra exerce uma influência considerável sobre o corpo humano que actua como um ímã; a cabeça é o polo norte, pelo que se estiver orientada a norte, durante o sono, serão criadas forças de repulsão capazes de afectar a circulação sanguínea, causar insónias e outros problemas afins (ver D. Muralidhar Rao, in op. cit., p.27).

<sup>90</sup> D. Muralidhar Rao, in op. cit., p.127.

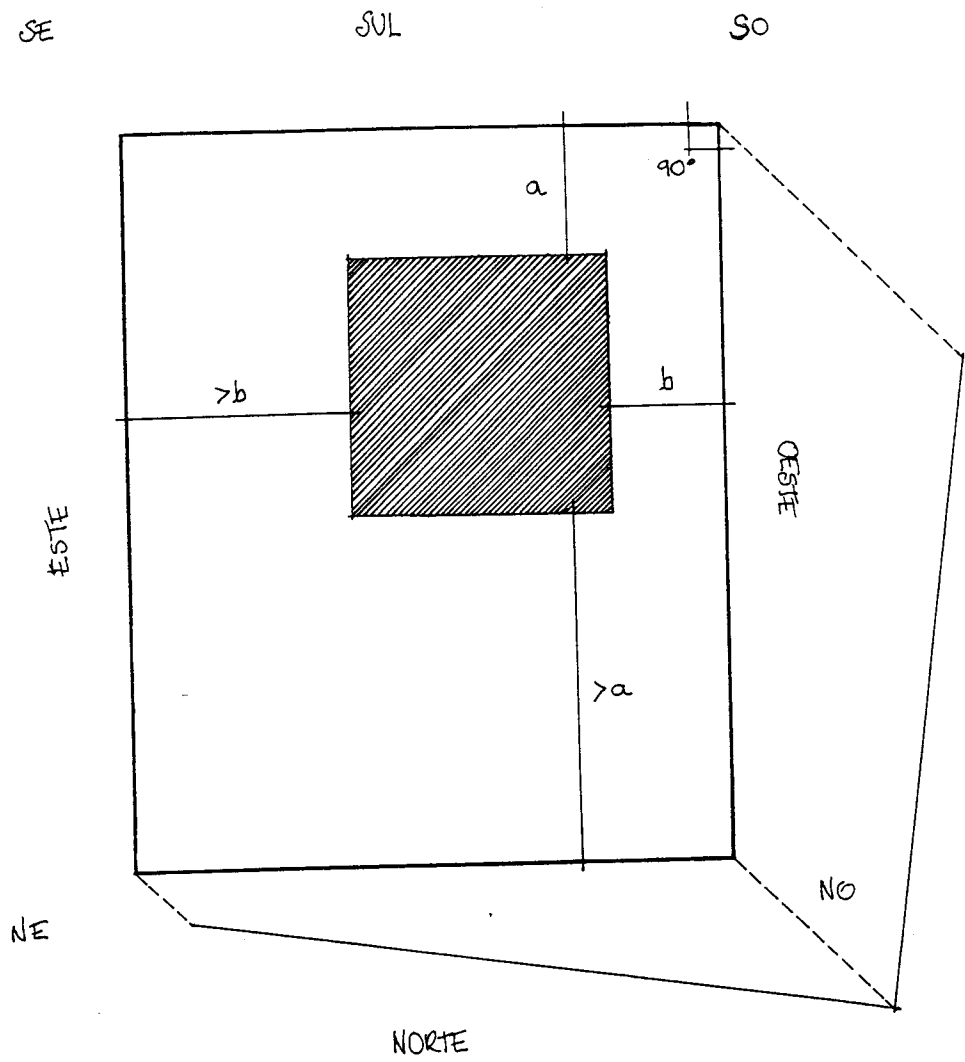


Fig. 32 -Diagrama de síntese com a implantação ideal de uma casa hindu num terreno (33). O terreno deve ser regular em que pelo menos o ângulo SO seja recto; as aproximações devem fazer-se por N ou E, evitando as esquinas; o declive deve existir de SO para NE pelo que quaisquer plantações de árvores deverão efectuar-se a SO, deixando desimpedida a zona mais baixa.

Em termos de proporção todas as portas e em particular as externas e a do *Pooja-room*, devem ter h= 3l, ainda que seja admissível h=2l e devem ter verga, ombreiras e soleira de madeira<sup>91</sup>. Nas janelas as portadas devem ser de folha única e abrir para o exterior.

As colunas a NE não deverão ser circulares ou poligonais e no conjunto da casa deverão ser em número par, da mesma forma que árvores plantadas na propriedade.

## 2 -Estrutura Familiar

O casamento é ainda hoje o pilar essencial da sociedade hindu, “*um dever prescripto pela religião...*” ao contrário do celibato “...*que é um estado deshonesto e infame, contrario ás leis da natureza e ás vistas da Providencia.*”<sup>92</sup> Todo o hindu nasce para casar, mas enquanto que para os homens era permitido fazê-lo em qualquer idade, já as mulheres só o podiam fazer depois da puberdade conforme o artº. 3º do Código dos Usos e Costumes dos Habitantes das Novas Conquistas<sup>93</sup> (1853). O acontecimento era de tal forma importante, de tão grande fausto e dispêndio que em 1681 é publicado um alvará proibindo os excessos nas comemorações.

Pelo casamento a esposa pertence ao marido “*É como uma escrava, sem consciência da sua individualidade e sem opinião própria.*”<sup>94</sup> e sem adquirir instrução para que não se afaste da simplicidade necessária à felicidade doméstica.

- “*Segundo as leis de Manú, depende (a mulher gentia) de seu pae durante a infancia; de seu marido desde que se sujeita ás leis do matrimônio; e de seus filhos masculinos logo que lhe morre o marido.*”<sup>95</sup> Sempre dependente do homem, a mulher hindu sujeita-se à vida prescrita e aceita-a como dom divino.

Ao homem pelo contrário, porque está sempre em posição dominante, com a faculdade de optar, não são impostos comportamentos rigorosos neste plano, sendo mesmo “*permitted a polygamia aos gentios ricos.*”<sup>96</sup>

Nas casa Saukar (Borim -Pondá) um armário falso que esconde um túnel com o exterior e na casa Boruskar (Borus -Canácona) um corpo independente, profusamente decorado, corporizam uma intenção clara de adultério sobreposta à de fidelidade ao compromisso e muito pouco, para não dizermos nada, escamoteada.

A família hindu estrutura-se de uma forma hierárquica e aglutinadora em que as famílias dos filhos varões se agregam subordinadas ao elemento mais velho, “*the head of the house*”- o *maori*<sup>97</sup>, constituindo o “*joint family system*”. As famílias crescem associadas, concentram e solidificam o seu poder, manifestam a sua influência e isto repercute-se naturalmente no desenvolvimento da casa.

---

<sup>91</sup> Toda a madeira utilizada para a construção de uma casa deve ser cuidadosamente seleccionada, recusando-se toda aquela que provenha de abate por tempestade ou de um terreno de cremação.

<sup>92</sup> Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, (facsimilada da ed. de 1886), Lisboa, ed. Fundação Oriente, 1992, vol.I, p.241.

<sup>93</sup> Lopes Mendes in op. cit., vol.I, pp. 128, 242.

<sup>94</sup> Idem, p.243.

<sup>95</sup> Ibidem

<sup>96</sup> Idem, p.242.

<sup>97</sup> Cf. a tese de licenciatura do arq.º Jim Manjooran do Goa Architecture College, a propósito da casa Shankwalker (Panjim -Ilhas Tiswadi).





Foto 8 -Aspecto do pavilhão de prazer e divertimento, exclusivo dos homens, da casa Boruskar (Borus -Canácona). De notar o exterior esgrafitado e com pontuais imitações de pedra cinzenta e o interior com as paredes integralmente revestidas com frescos intensos de cenas mitológicas hindus.

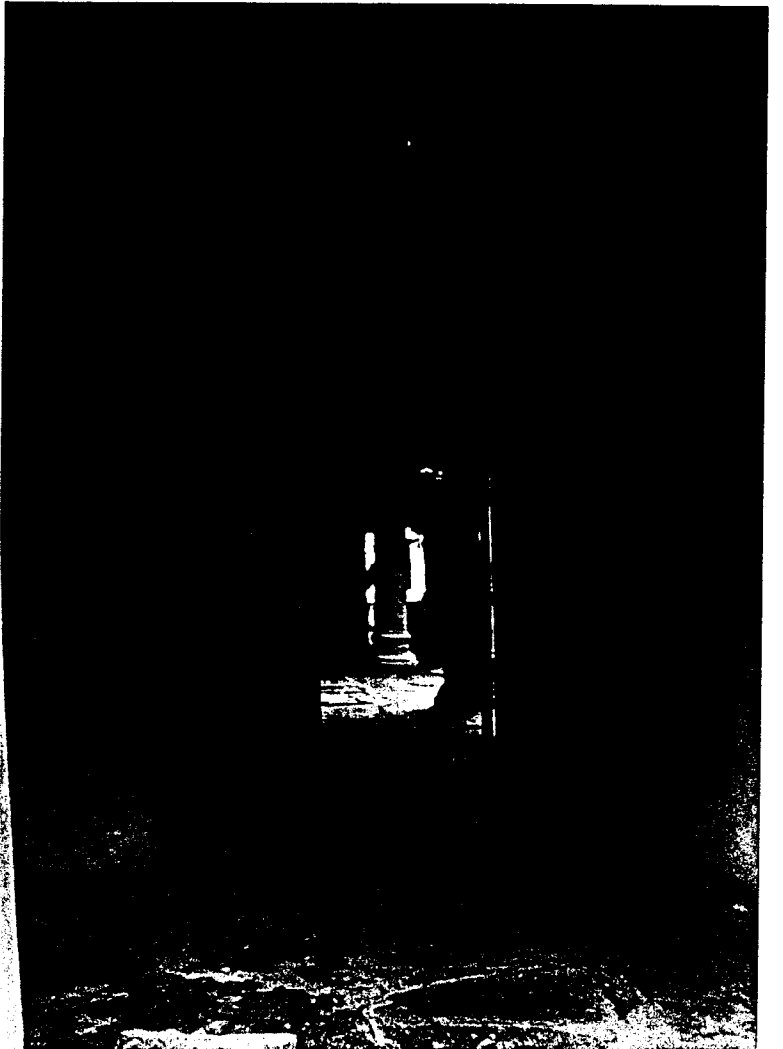


Foto 9 -Preparação dos alimentos,  
no pátio da casa Kamat (Panjim) (em cima).  
Aspecto de uma ante-câmara  
de espera e atendimento  
-casa Shankwalker (Panjim) (em baixo).

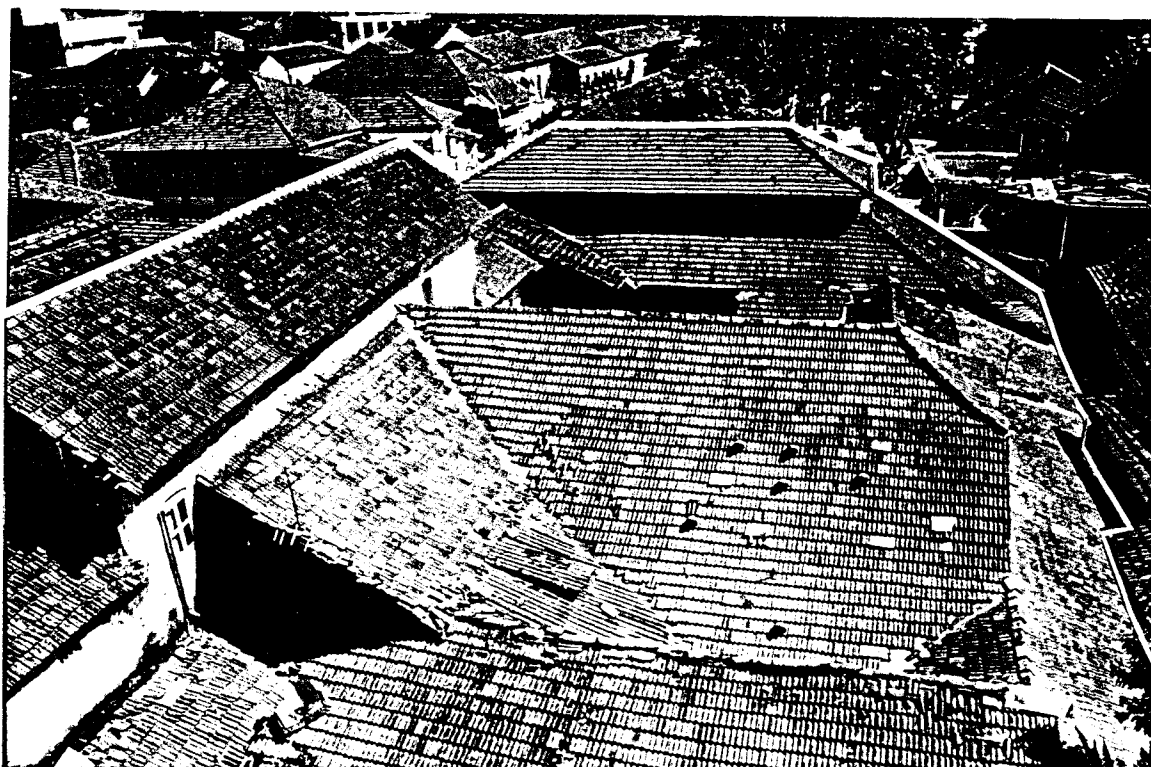


Foto 10 -Aspecto da integração camuflada da casa hindu -casa Kuwelkar (Loutolim -Salcete)- (em cima).  
Vista superior do desenvolvimento longitudinal de uma casa hindu -casa Loundó (Panjim)- (em baixo).

Ao núcleo inicial, rectangular, de um ou dois pátios são acrescentados outros de igual ou superior dimensão, que dando autonomia ao novo agregado possibilitam a sua conexão em momentos importantes como as refeições e as celebrações. A uma necessidade orgânica sobrepõe-se um método, a um impulso a razão prescrita.

Identifica-se claramente nas estruturas das casas a separação de domínios -público e privado, a que em geral corresponde um pátio, quando não exista uma ante-câmara de atendimento/espera.

Para o primeiro pátio, justaposto à entrada, uma área discreta e silenciosa onde habitualmente se encontra o *tulssi*. Para o segundo pátio temos a zona doméstica, privada e íntima da casa, que se articula com as zonas de água e fogo. A separar estes dois mundos um conjunto de quartos e/ou a sala de refeições -*vasari*, com o *Pooja-room* numa das paredes de topo.

Grande parte das famílias hindus tem o seu nome associado à aldeia de que são oriundos e a cuja comunidade estiveram ligados com um estatuto relevante. É assim que se entendem os nomes de Raikar de Raia (Salcete), de Kuwelkar de Cuelim (Mormugão), de Shankwalker de Sancoale (Mormugão), de Kundaikar de Cundaím (Pondá), de Sheldenkar de Xeldém (Quepém), de Sawardekar de Sanvordém (Sanguém), de Boruskar de Borus (Canácona) ou mesmo outros que foram entretanto alterados por conveniência como os Mhamai que eram Guirdolkar de Guirdolim (Salcete).

A mudança de aldeia deve-se a factores de segurança, de procura de maior estabilidade agregando-se a famílias hindus mais poderosas, a factores económicos, sujeitos a alteração do ramo de negócios ou mesmo a factores higiénicos, como devastadoras epidemias que obrigaram a migrações massivas<sup>98</sup>.

### 3 -Enquadramento

As casas-mãe (de origem) das famílias hindus, com excepção para a casa Mhamai Kamat em Panjim, situam-se fora dos grandes centros (Panjim, Margão e Mapuçá) e fora das velhas conquistas. As casas urbanas, de menores dimensões, encontram-se agrupadas, muitas vezes por castas, dentro das próprias cidades, como forma de se solidarizarem e fortalecerem num espaço marcado por cristãos. Veja-se o caso das casas Loundó e Kuwelkar em Panjim, dos Bholes em Mapuçá ou mesmo do Naik de Margão, neste caso articulada com o templo da sua divindade como acontece também em Savoiverém.

Nos meios rurais as casas hindus encontram-se mais dispersas, isoladas ou camufladas, afastadas da linha de costa, predominantemente em zonas interiores baixas, próximas de vias fluviais, outrora meios de comunicação. Em geral a envolvente não se apresenta tratada, o caminho é de terra e a propriedade é porticada ou murada apenas quando se incere num agregado, quando se vislumbra um gesto urbano.

As construções têm uma frente estreita em comparação com os lados, em geral aproveitados para localizar os drenos e a haver sobrelevação ela é crescente e gradual da frente para trás acompanhando o terreno. O corpo da frente sobressai em relação aos restantes que se desenvolvem na rectaguarda e que apresentam não apenas uma escala menor como

---

<sup>98</sup> Recorde-se que a cidade de Goa, na segunda metade do séc. XVII, esteve sujeita a diversas epidemias, pestes que ajudaram à sua desertificação e conduziram muitas famílias para o litoral de Bardez e Salcete.

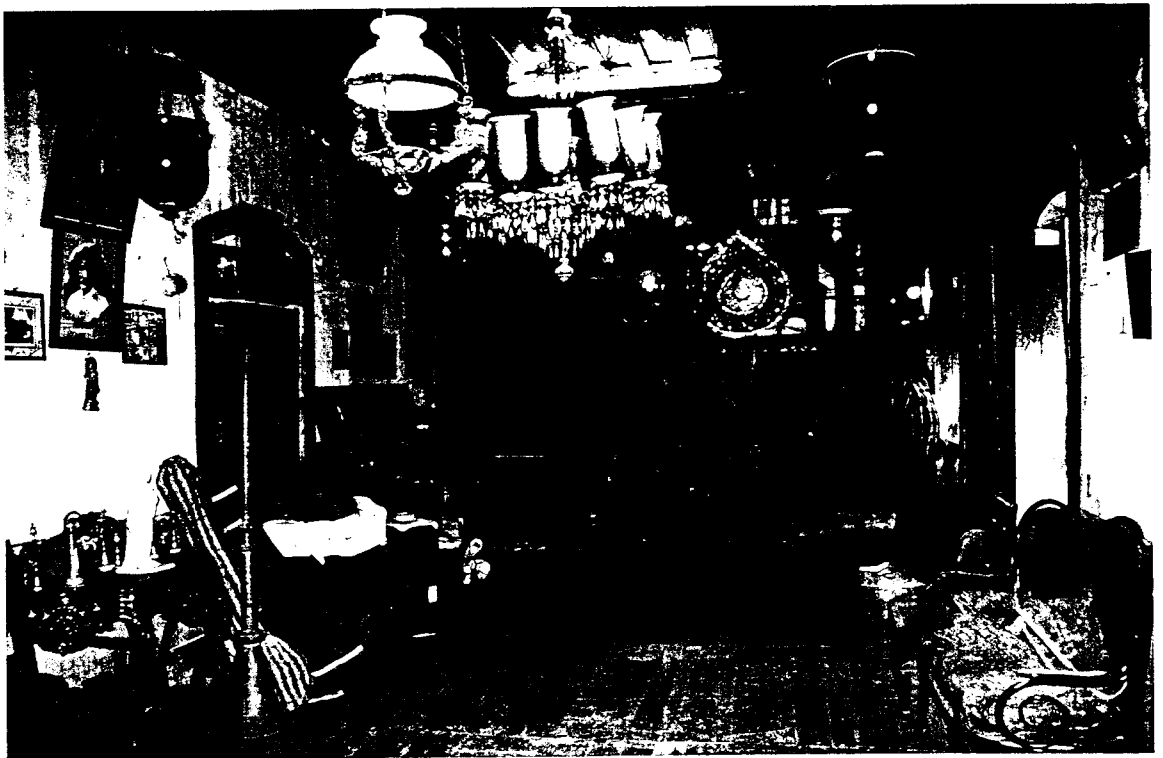


Foto 11 -Frente agregada da casa Sardesai (Savoiverem -Pondá). Trata-se de uma família de reputados musicólogos indianos. A sala do piso superior (em baixo) apresenta um côro sobre-elevado para as representações.

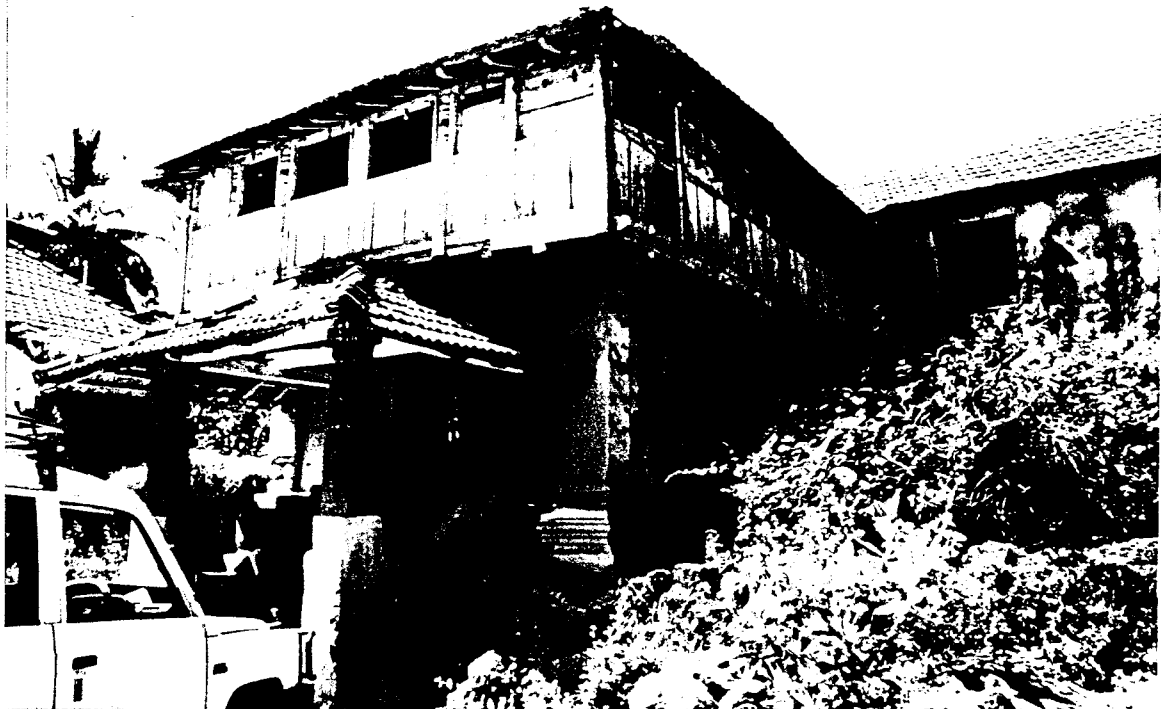


Foto 12 -Aspecto da entrada da casa Sawardekar (Sanvordém -Quepém) de que se salienta o alpendre com ante-câmara de espera e piso superior (em cima ). Traseiras da casa Shankwalker (Panjim) por onde eram recolhidos os dejectos.

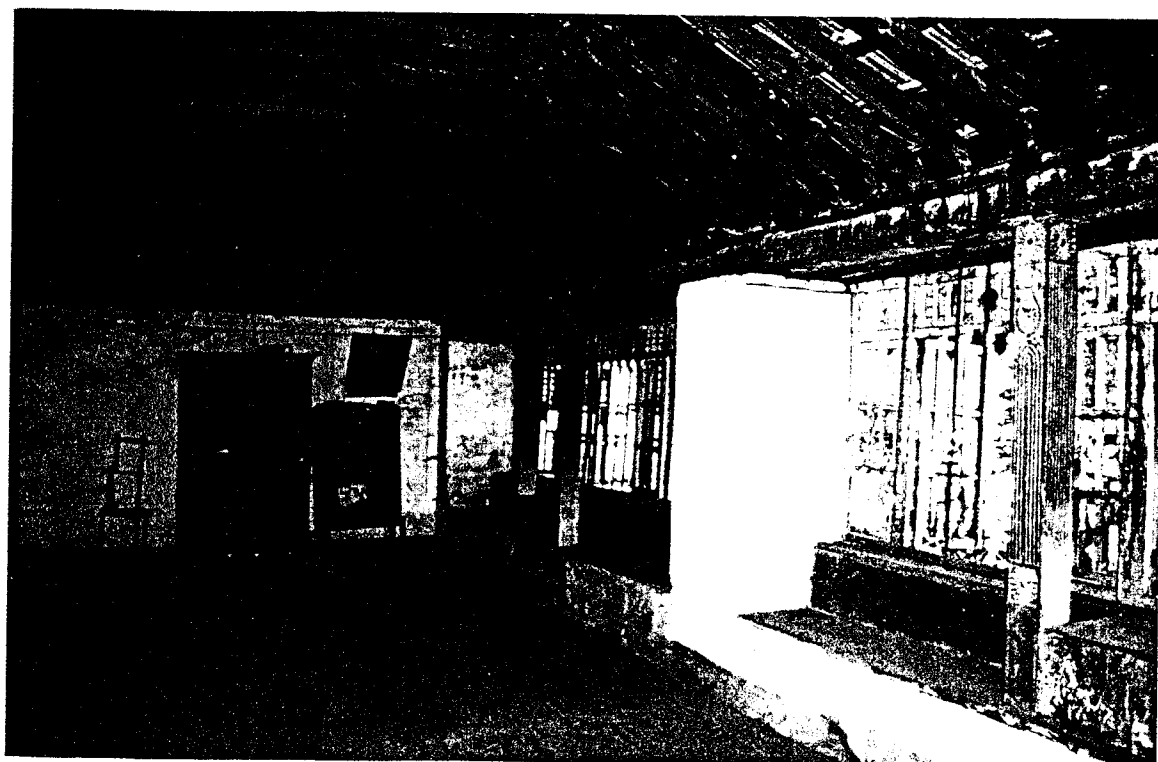
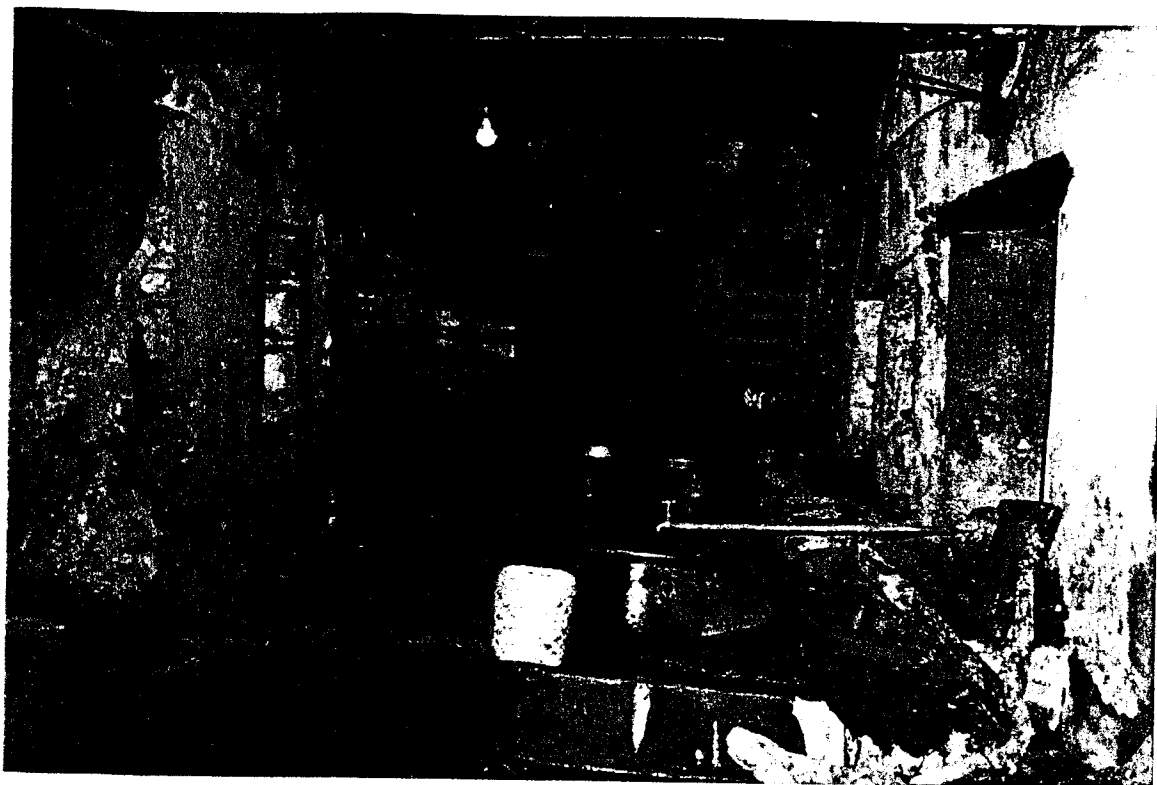


Foto 13 -Aspecto da cozinha de uma casa hindu em que é visível, ao fundo à esquerda, o poço.  
Em baixo, aspecto de uma sala superior utilizada para recepções e para o ensino de crianças.

também uma linguagem mais pobre no tratamento de cornijas, beirados e pilastras, vãos menores e mais escassos.

Este facto além de estar relacionado com os pátios sugere que a frente tenha sido em muitos casos um requisito social, posterior ao entendimento com os portugueses, tanto mais que encerram fundamentalmente espaços lúdicos como grandes salões no piso superior. Veja-se a casa dos Kowelkar em Panjim, a casa dos Kundaikar com tribuna para as mulheres ou para os músicos em Cundaím como a casa dos Sardessai, tradicional família de músicos em Savoiverém.

Na fachada principal os vãos dos dois pisos estão alinhados subsiste a marcação de pilastras, da cornija e do beirado. A entrada é discreta e quase sempre excêntrica e indiciada pelo alpendre, na maioria dos casos muito adulterado (em consonância com a frente) com excepção para a casa dos Sawardenkar em Sanvordém.

Entre todas as casas hindus que visitámos é predominante a orientação da frente para nascente, seguindo-se a de norte, sul e sudeste. A orientação noroeste é a menos comum.

As traseiras das casas correspondem em meios urbanos, à “zona suja”, por onde é feita a remoção dos dejectos das sentinas. Nestes casos são muradas, ao contrário das casas no campo que inicialmente não possuíam sanitários, mas apenas zonas de lavagem, para que não fossem maculadas. Aquelas funções eram remetidas para as matas ao redor das casas, sem prejuízo para a vizinhança, quando não para fora das aldeias, salvaguardando a pureza da mesma.

Habitualmente cada uma das casas dispunha de um ou mais poços de onde garantia o abastecimento<sup>99</sup>. Estes situavam-se nas traseiras, nos pátios secundários e até como no caso dos Saukar de Borim entre a cozinha e a zona de lavagem podendo servir ambas.

Na casa hindu o jardim é o espaço verde que a natureza lhes concedeu e que as próprias escrituras védicas consagram. Mais associado ao simbólico do que ao efeito, trata-se de um espaço adaptado e integrado na casa.

#### **4 -Caracterização Morfológica**

O programa da casa hindu organiza-se em torno do(s) pátio(s) e preferencialmente de uma forma longitudinal, como que propondo diferentes (desnivelados) estádios a quem os percorra. Enquanto que as casa urbanas se ficam pelos dois (com excepção para a casa Mhamai Kamat), as rurais podem atingir os seis correspondentes ao somatório de casas ou de acrescentos.

A maior parte das casas visitadas apresenta-se com piso superior correspondente parcial ou totalmente ao inferior e apenas no respeitante ao primeiro pátio.

O piso superior, reservado para quartos, outrora de hóspedes, hoje da própria família, quando não, armazém de cereais, apresenta-se com galerias e gelosias sobre o pátio. Os espaços úteis são amplos e divididos por tabiques de madeira decorados.

Praticamente não existe mobiliário e era hábito dormir-se em esteiras corridas lado a lado. Tratando-se de áreas exclusivas para dormir, o tratamento é tosco, o pé direito não é alto, a estrutura do telhado está à vista e a ventilação é assegurada e eficaz.

---

<sup>99</sup> Hoje a maioria das casas dispõe de depósitos, sistemas de bombagem eléctrica ou mesmo de água da rede pública.



Foto 14  
-Aspecto de *vasaris* -salas de refeições,  
com o altar num dos topos.  
Em cima celebração da festa  
da casa Kamat em Panjim  
e para a qual  
é convocada toda a família.  
Em baixo o *vaseri*  
da casa Saukar (Borim -Pondá)  
onde ainda são visíveis  
as marcações dos lugares nas paredes.  
O altar encontra-se ao fundo  
entre dois nichos para lamparinas.



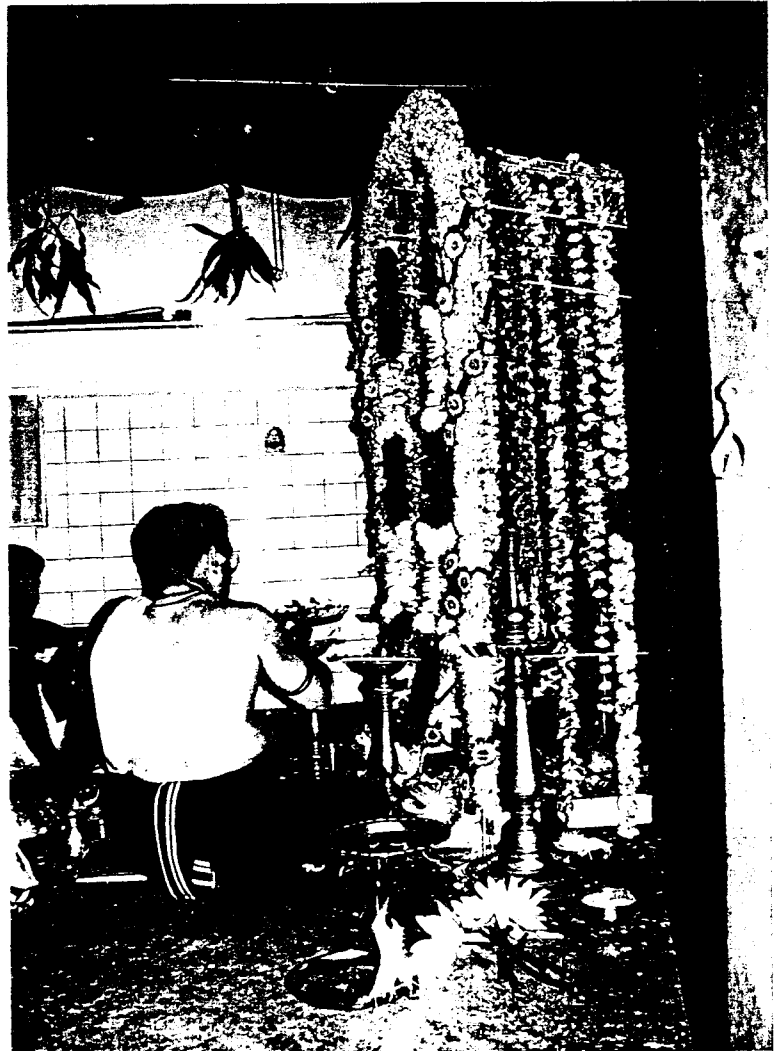
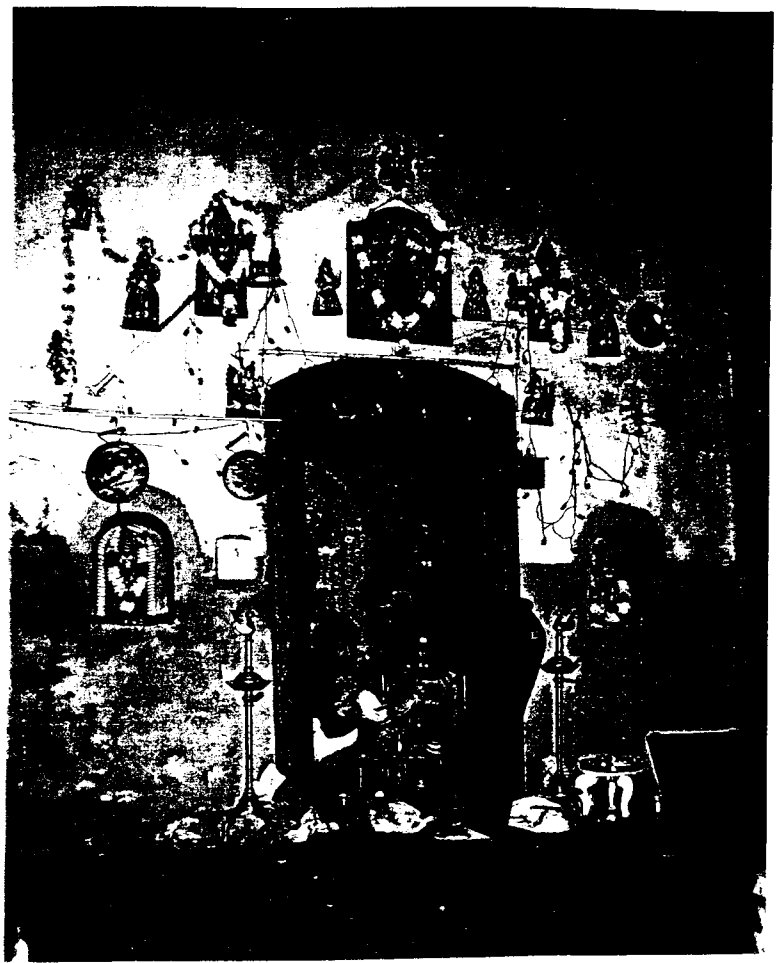


Foto 15  
-Aspecto do Pooja-room  
(casa Kamat -Panjim),  
que nas grandes casas  
é um quarto autónomo,  
onde nas celebrações  
permanece o sacerdote,  
recebendo as oferendas  
e fazendo as oblações aos deuses.



Foto 16  
-Aspecto de outros Pooja-rooms,  
considerados o núcleo da casa hindu.  
Em cima de salientar a moldura da porta  
(casa Sawardekar, Sanvordém -Quepém)  
e em baixo a divisória de madeira  
muito comum nos longos compartimentos  
das casas hindus (casa Shankwalker -Panjim).

No conjunto das casas hindus abrangidas pelo nosso estudo identificámos um programa de piso térreo comum à maioria e que se pode sintetizar no seguinte esquema: hall - pátio - quartos - sala de refeições - área de serviços.

A sala de refeições é estreita e longa de acordo com o hábito de se comer em fila e em hierarquia etária a partir do *Pooja-room*, ou de um oratório, associado em geral ao topo da sala mas que também se pode encontrar lateralmente, ainda que sempre interior. Nas paredes, encontram-se por vezes assinalados os lugares dos comensais, que dispunham apenas de uma tábua para se assentarem, comendo primeiro os homens e depois as mulheres<sup>100</sup>. No plano da casa este corpo é determinante, contudo nem sempre se apresenta com a mesma orientação podendo desenvolver-se em paralelo ou na perpendicular à frente da casa.

O *Pooja-room* pode também aparecer individualizado com acesso directo a partir do pátio o que não invalida a existência de um outro altar na sala de refeições.

Esta sucessão de espaços organiza-se sempre de uma forma regular, ortogonal, rejeita as curvas e define um perímetro rectangular. Reconhecemos nestas casas uma simetria aparente que se traduz no equilíbrio do plano, na geometria periférica mas que não tem correspondência com o conteúdo, com as funções, com os percursos, mais sinuosos que lineares.

Qualquer acrescento ao plano inicial funciona com uma excrescência, um elemento dissonante.

As alterações que constatámos referem-se sobretudo a actualizações, a adequações de funções que transgridem de certa forma as prescrições sagradas. Com efeito a inclusão de instalações sanitárias e de cozinhas nas zonas dos quartos é uma das situações mais comuns e que se incere no esforço que mencionámos de aproximar os espaços da casa ou simplesmente de a condensar.

É progressivo o esvaziamento que seca as franjas, cingindo o espaço de utilização ao que os proprietários verdadeiramente usufruem. O abandono compulsivo das casas de família onde outrora viviam dezenas de pessoas radica em vários factores combinados como a crescente autonomia dos jovens casais, a incidência da vida urbana, a profissionalização feminina ou mesmo um certo desconforto subjacente às características das construções antigas e com que os novos modos de vida já não se compadecem.

Foi frequente encontrarmos casas em que há medida que a percorriamos se sentia o desleixo, o abandono, mas fundamentalmente a ausência. Toda a sua vida ficou restrita à presença contínua de meia dúzia de pessoas, dos criados e só sazonalmente da demais família.

Ficaram os mais condicionados, os mais velhos e os debilitados que não necessitem de cuidados médicos especiais, os inadaptados aos ritmos urbanos ou aqueles que profundamente arreigados aos valores da terra e às suas origens preferem sucumbir com eles.

Mais raros são os casos em que os filhos ficam com os avós enquanto os pais se deslocam para o trabalho, ou aqueles casos em que persistem todas as gerações -a memória do clã.

---

<sup>100</sup> Muitas vezes faziam-no no mesmo prato, sendo sinal de estima e apreço pelo repasto o homem não deixar o prato vazio.



Foto 17  
-Aspecto de um vaseri,  
com o altar ao fundo à esquerda,  
em que são visíveis os saris suspensos  
na estrutura da cobertura (em cima).  
Vista de uma galeria superior  
sobre o pátio,  
com o tecto forrado,  
e com um rasgo para ventilação.



## 5 -Caracterização Construtiva

Em termos construtivos não há uma variação significativa nas casas originais, senão as impostas pela utilização, por vezes abusiva, de novos e dissonantes materiais.

### 5.1 -Cobertura

Goa e os territórios vizinhos dispõem de florestas com madeira de excelente qualidade a que os nativos nunca foram indiferentes, habilitando-se com mestria quer ao nível da execução estrutural, quer ao nível de elementos decorativos.

Não é pois de estranhar que todas as casas visitadas dispusessem de uma estrutura de cobertura em madeira, com asnas ou vigas e ripado sobre o qual assentava a telha inicialmente de canudo, hoje plana. Esta estrutura era em geral deixada à vista, conferindo-lhes maior altura logo maior eficácia de ventilação e servindo em certos compartimentos de serviços de armação para a secagem dos grandes panos do trajar feminino -os *saris*.

Os tectos forrados, referem-se sobretudo a espaços sociais, como os salões e são planos do tipo camisa-saia, com roda-tecto.

Os telhados não eram muito proeminentes entre as casas hindus, contudo registam-se casos singulares e de excepção como a casa dos Reis de Sundém em Bandorá (Pondá), intacta ainda no final do século passado como documentamos.

É certo que se trata de uma família poderosa sob cuja protecção muitas famílias hindus se estabeleceram e a quem se deve a dinâmica e a concentração hindu de Pondá. O Rajá Sadavissa que detinha o poder de parte do reino de Vijayanagar até ao cabo da Rama (Pondá, Quepém, Sanguém e Canácona), atacado em 1764 pelo reino de Mysore no sul, viu-se obrigado a pedir auxílio aos Portugueses que o alojaram numa quinta que era propriedade dos Jesuitas em Moulá<sup>101</sup>. Em 1774 o Rajá terminou o exílio, compensou os Portugueses com a entrega das suas soberanias<sup>102</sup> e instalou-se com a permissão do Governador Geral D. João José de Melo em Bandorá onde procedeu à reformulação da casa.

O telhado inclinado, vulgarmente designado de “tesoura(o)” encontra-se muito divulgado na arquitectura que os Portugueses cultivaram em Goa pelo que as boas relações da família com os Portugueses pode explicar a proximidade do traço que se repercute noutros elementos de construção como os gradeamentos ou as sacadas.

A estrutura do telhado apoiava nas paredes através de um frechal e por entalhamento.

Os beirados registados em construções prévias como as de Vijayanagar, ainda que restrita aos templos, divulga-se no intuito de minorar a agressividade das monções. Sem efusivos ou delicados perfis procuram projectar as águas, distanciando-as das paredes e dos vãos, evitando o escurrimto superficial, o efeito de refluxo ou mesmo a deposição e absorção pelas paredes.

Materializam-se pela sobreposição de fiadas de telhas em que a inferior sustem e projecta a superior, pela projecção do telhado para além do plano da fachada, com auxílio da cornija, ou ainda pela composição de ambas as soluções. Em qualquer dos casos o efeito corresponde muitas vezes apenas ao corpo ou à fachada principal da casa, numa atitude inequívoca de simulação, de afirmação e projecção social.

<sup>101</sup> Ver artigo do Dr. Carmo Azevedo, “Goan Aristocratic Houses II” in *Navind Times*, Goa, 11 Out. 1970.

<sup>102</sup> Ver Alexandre Lobato, “Notas sobre a Índia Portuguesa”, in *Panorama*, 2ª série, nº. 13/14, Lisboa, 1965.

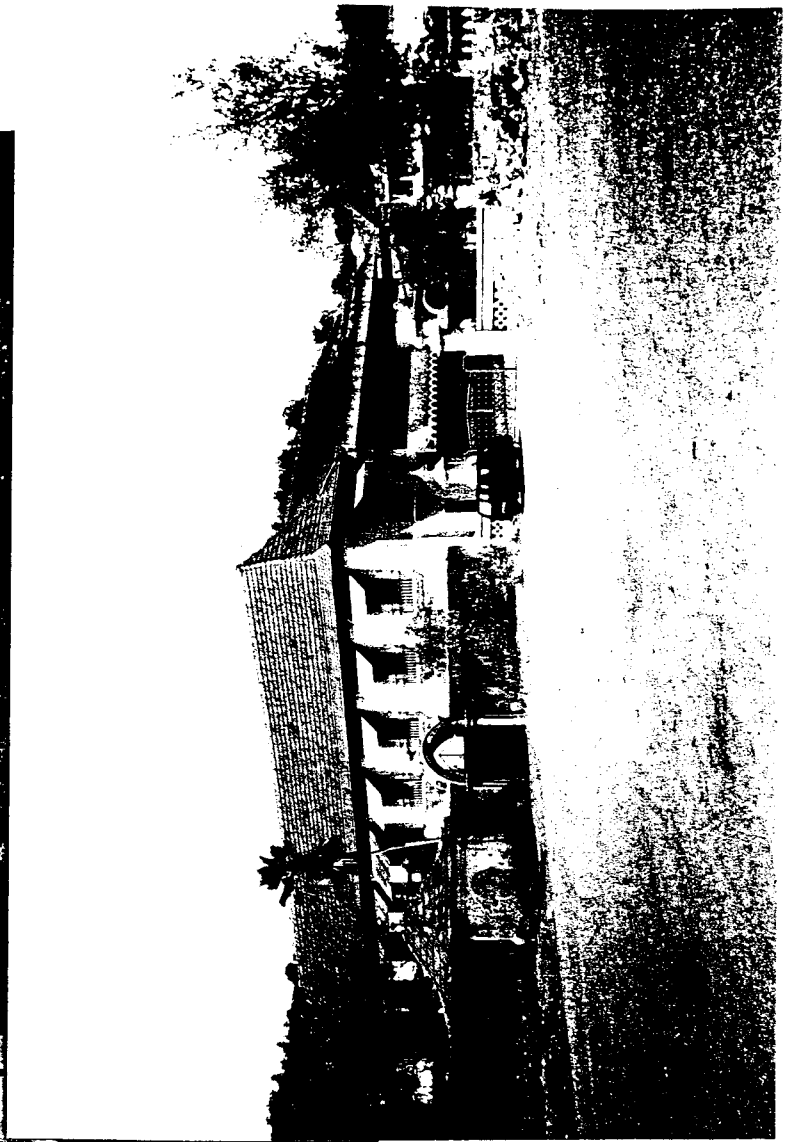
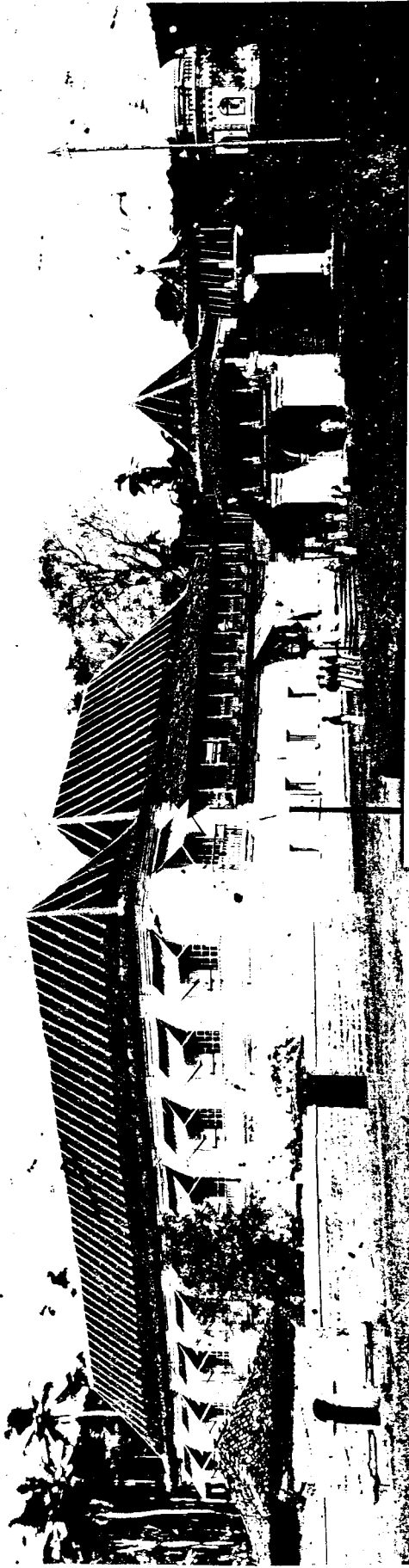


Foto 18 - Vista da casa dos Reis de Sundém (Bandorá -Pondá).

A foto maior refere-se ao final do século passado  
(arquivo Paul and De Souza -Panjim)  
e a outra à actualidade.

É notória a alteração de todo o corpo de entrada  
que se repercute também ao nível do seu interior, nomeadamente do pátio.

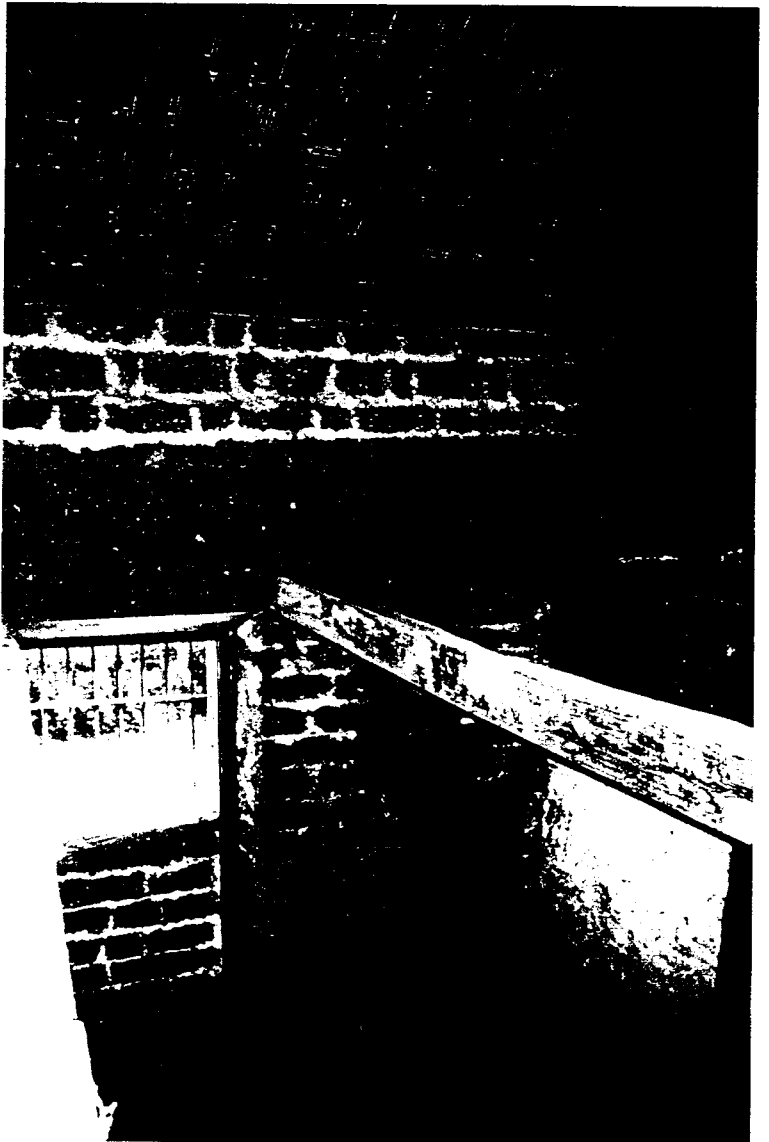
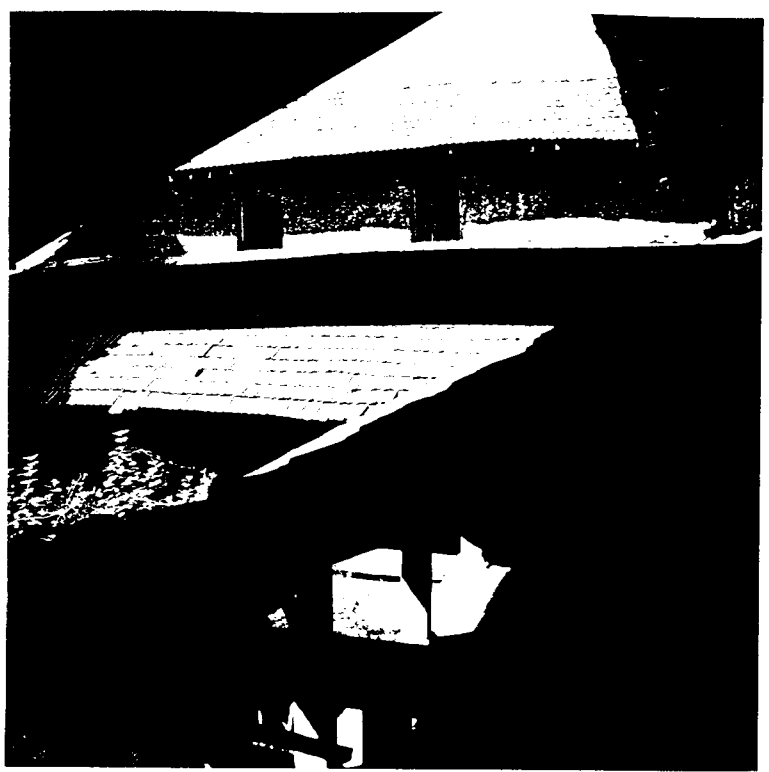


Foto 19  
-Construção de taipa (em cima)  
(casa Sheldenkar, paroda -Quepém)  
e construção em alvenaria de laterite  
em zona mais recente da mesma casa.



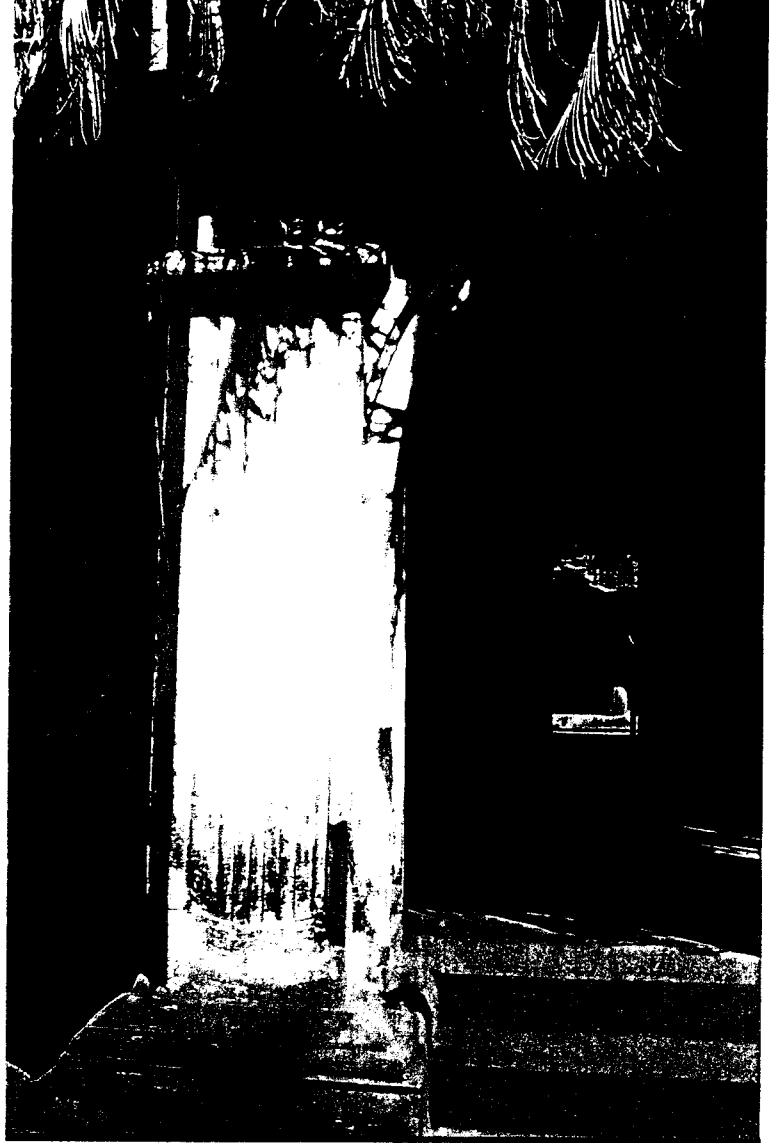


Foto 20  
-Pormenor da pilastra do alpendre da casa Saukar  
(Borim -Pondá) (em cima).  
Aspecto geral da casa Loundó (Panjim)  
onde é notória a diferença de escalas  
entre o corpo de entrada  
e o seguinte de origem primitiva.  
Todo o desenvolvimento da casa  
é feito num plano que progressivamente se enterra  
para que o desnível se vença de uma vez só,  
no acesso ao pátio traseiro.



## 5.2 -Paredes

As paredes eram de terra, de laterite ou mistas, matérias abundantes como mostra a geologia do território e tecnologias experimentadas como atestam os templos e outras obras públicas como as fortalezas, os poços, ou os drenos. As paredes de terra erguiam-se com recurso a taipais e podiam atingir os dois pisos como verificamos à vista desarmada na casa Sheldenkar em Paroda (Quepém). Nenhuma das técnicas era exclusiva do meio rural ou urbano uma vez que as detectamos em ambos, contudo a construção em terra corresponde com frequência ao reduto mais ancestral da casa, o que sugere uma primitiva banalização entre a construção doméstica.

As paredes eram rebocadas de ambos os lados com argamassas de cal e terra e posteriormente caiadas. O plano externo era inicialmente liso, tendo adquirido a partir do séc. XVIII um vocabulário de reentrâncias e saliências com a utilização de cornijas, de pilastras e de socos que lhe conferiu uma identidade nova, menos humilde e pro-europeia.

A casa dos Saukar em Borim ilustra este espírito, veiculado pelos portugueses com pilastras caneladas e capitéis maneiristas.

A caiação era frequente, na maioria dos casos após as monções, optando-se pelo branco, pelo ocre e pelo tom da laterite, com predominância para o primeiro e segundo.

O terceiro era corrente para os esgrafitados como denota a casa Boruskar ou a casa Kuwelkar. Estes tons embora não correspondam à paleta que agora se afirma e que se baseia em pigmentos artificiais como o azul turquesa ou o verde água, podem ser ainda detectáveis através do levantamento das películas sobrepostas de cal.

## 5.3 -Fundações e Pisos

Não sendo aconselhado pelos princípios do Vaastu Shaastra que as habitações se sobreelevassem do solo, por forma a captarem melhor as forças da terra, temos que a maioria se implanta ao nível chão, apenas com a altura suficiente para não terem inundações durante as monções. As suas fundações são em laterite, independentemente do sistema de construção, grosseiramente aparelhada no perímetro do plano da casa, para definir a caixa e mais roliça no enchimento que posteriormente é bem compactado. Ambos são executados a partir da rocha natural, quase sempre laterítica e em Goa sempre muito próxima da superfície, conferindo a necessária estabilidade aos alicerces.

Quando o terreno é desnivelado este embasamento procura acompanhar suavemente o declive evoluindo de cota desde a entrada, em sentido ascendente.

Como se pode ilustrar com as casas Loundó e Kowalkar, ambas no outeiro de Panjim, em situação de encosta, desenvolvem-se no plano da rua e o desnível acumulado é vencido de uma só vez, no primeiro caso, com recurso a um muro de suporte que se distancia da casa com uma galeria de circulação ou como no segundo caso dissipado em pátios, hoje praticamente em ruína.

O enchimento da caixa de fundações a que aludimos, é feito com laterite de granulometrias diversas e dispostas gradualmente com as maiores em baixo e as mais finas em cima. O mesmo sistema é o adoptado ainda hoje para a execução das estradas, como enrocamento, antes da colocação do tapete asfáltico. A laterite funciona assim como uma brita, que para as casas serve de massame, com interstícios para ser ventilada, não acumular nem veicular humidades e com a inércia necessária à estabilidade.

Sobre esta base se dispõem directamente os pavimentos térreos; a pedra e a madeira para situações mais delicadas ou nobres como as soleiras, os remates periféricos dos pátios,



Foto 21  
-Superfície de uma coluna  
caída de verde,  
onde ainda é possível detectar  
os esgrafitados precedentes que a ornavam.  
Em baixo, aspecto do pavimento embostado  
de uma cozinha hindu.





Foto 22 -Aspecto do pátio com tulsi nas traseiras da casa Kowelkar (Panjim), onde são visíveis os desniveis face à encosta e o embasamento em laterite (em cima). *Vaseri* remodelado da casa Deshprabhu (Perném).

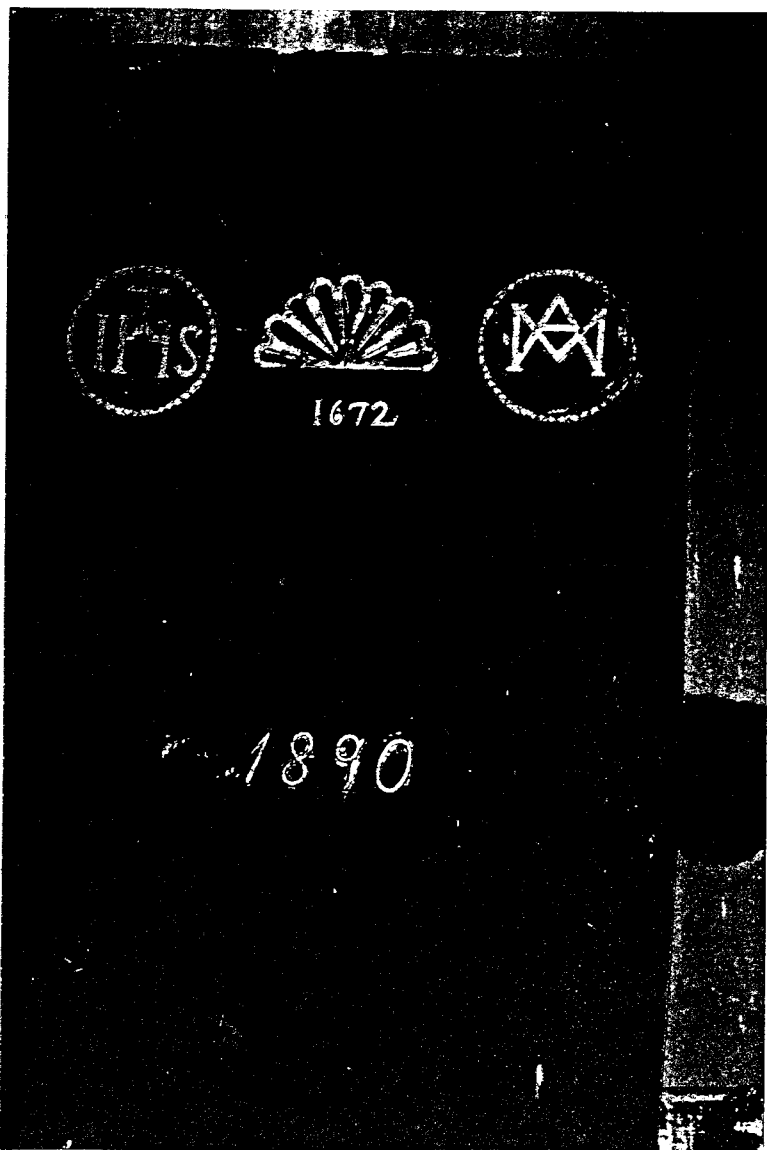
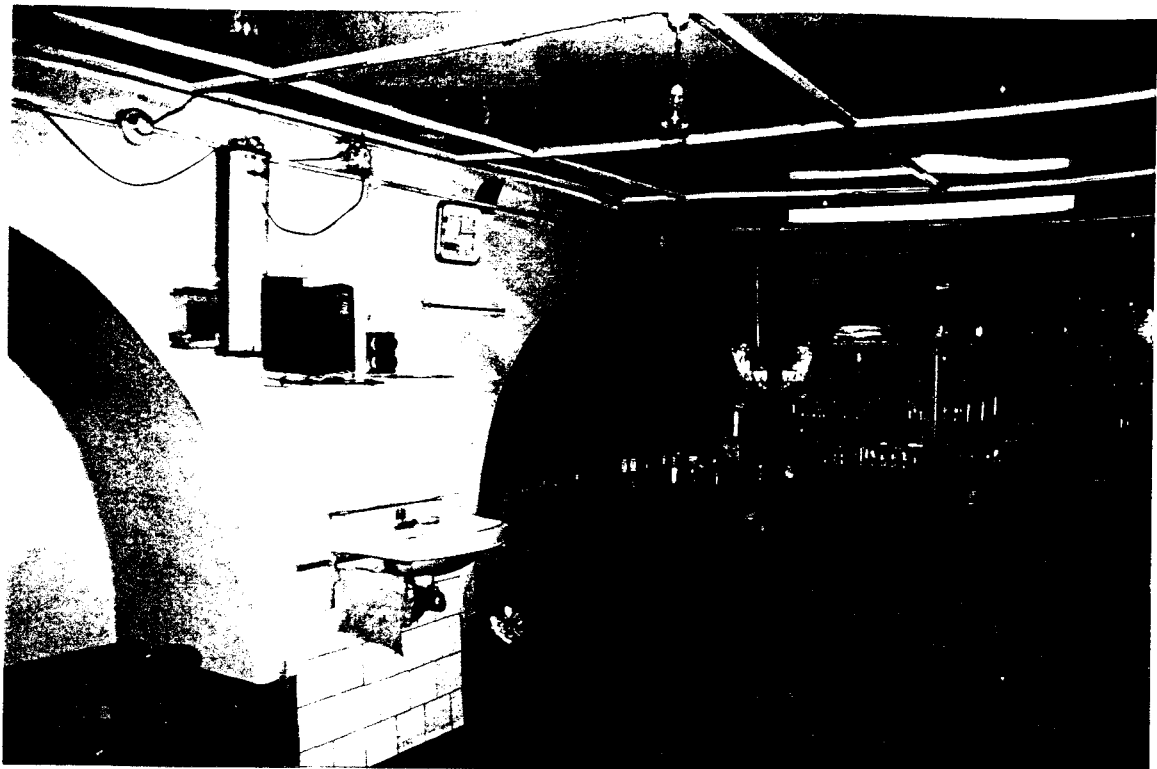


Foto 23  
-Piso térreo da casa Kamat  
(Ribandar -Ilhas),  
onde são visíveis  
os arcos de fundação.  
Em baixo, a porta  
da antiga casa dos Gomes  
(Guirdolim -Salcete).

os plintos de colunas ou o *Pooja-room*, entradas e escadas e a bosta para as situações mais comuns. Neste caso existem mesmo prescrições, provindo ela de um animal sagrado.

Assim, para que seja removida dever-se-ão consultar previamente os sacerdotes para ver se as divindades são ou não favoráveis à sua substituição e se isso irá trazer benefícios ou danos à família.

Note-se que nas casas hindus os sapatos são deixados à entrada, pelo que se todas as actividades são realizadas com os pés descalços é absolutamente necessário que o piso seja confortável e higiénico, requisitos que o embostado satisfaz.

Hoje, embora ainda abundem ambas as soluções, de pedra, madeira e bosta, é frequente encontrarem-se pavimentos com mosaico hidráulico, ou com betonilha que como então acontecia depressa se divulgam, só que desta vez com o estigma da produção industrial.

Com fundações distintas das descritas detectámos um caso em Ribandar. Ali, próximo da Velha cidade, a 20m do rio encontrámos na casa Kamat um sistema de arcarias de pedra, muito comum em núcleos ribeirinhos portuários da costa portuguesa e que concentra as cargas nos pilares que vão até à rocha. Este sistema defende-se também contra a ameaça das inundações, não constituindo barreira à água e permitindo que ela se espraie nos seus subterrâneos hoje perfeitamente secos e adaptados a novos modos de vida.

#### 5.4 -Vãos

Se observarmos atentamente os núcleos mais antigos das casas encontramos alguns dos vãos originais, caracterizados pela sua reduzida escala. Entre os espaços de circulação habitualmente não existem portas, como nos outros aposentos, embora se assinalem as soleiras, ombreiras e padieiras quase sempre em madeira. As portas são compostas por uma ou duas pranchas de madeira, ligadas por encaixe do tipo macho-fêmea e aparelhadas com toscas ferragens de ferro pregadas. Podem ter um ornato, símbolo da família, ou estarem datadas como a porta que se encontra na casa dos Gomes de Guirdolim.

Esta família, ramo convertido dos Guirdolkar (actual Mhamai Kamat) ostenta no interior da sua casa uma porta da casa primitiva numa aldeia próxima, com a data de 1672 e onde se vê um símbolo dos cristãos (JHS) e um símbolo hindu separados por um leque alusivo à concha do baptismo, do renascimento mas também à cauda do pavão, símbolo hindu do antitérmico da água -do fogo, da imortalidade<sup>103</sup>.

As portas em alguns casos anulam-se, como acontece nos *Pooja-room*. Nestes aposentos sagrados, cubículos vedados à circulação comum, onde se infunde em permanência o incenso e arde a lamparina, os guarnecimentos das portas ganham expressões decorativas minunciosas e efusivas como na casa dos Sawardekar em Sanvordém.

As janelas são em geral de reduzidas dimensões vincando a velatura e o recolhimento do interior. Com os aros em madeira são por vezes vedadas por balaústres mais ou menos exuberantes e por portadas com os pivots encaixados em concavidades nas padieiras e nos peitoris. Podem também ter um caixilho e serem preenchidas com *carepas* (conchas de ostras) como na casa dos Kowalkar em Panjim quer para os vãos exteriores quer para os interiores sobre o pátio.

Neste caso dispensam-se os balaústres e a janela pode ser pivotante ou de guilhotina.

---

<sup>103</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Diccionario dos Símbolos*, (trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra), Lisboa, ed. Teorema, 1994, p.507.

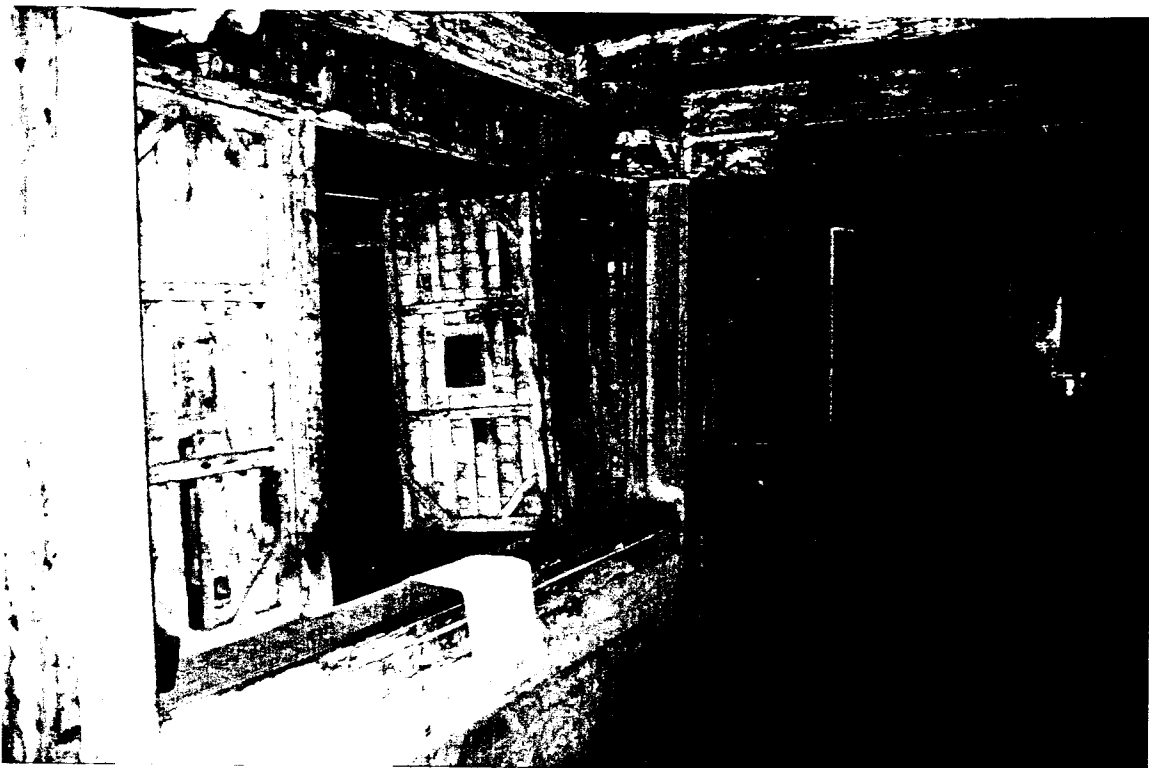


Foto 24 -Galeria superior, sobre o pátio da casa Kowelkar (Panjim) com janelas de carepas.  
Em baixo vãos com balaústres da casa Sawardekar (Sanvordém -Quepém).

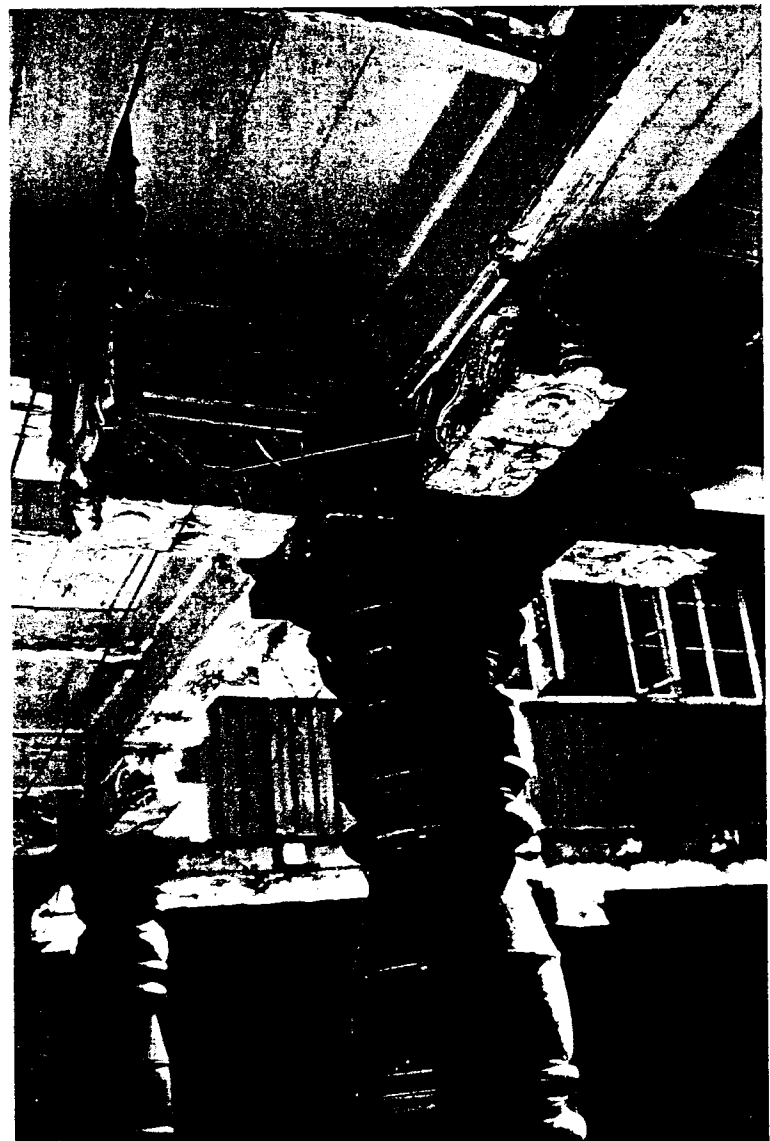


Foto 25  
- Grade de madeira na casa Kamat  
(Ribandar -Ilhas)  
(em cima), coluna e  
estrutura de apoio do sobrado  
(casa Poi Raikar, Savoiverém -Pondá).



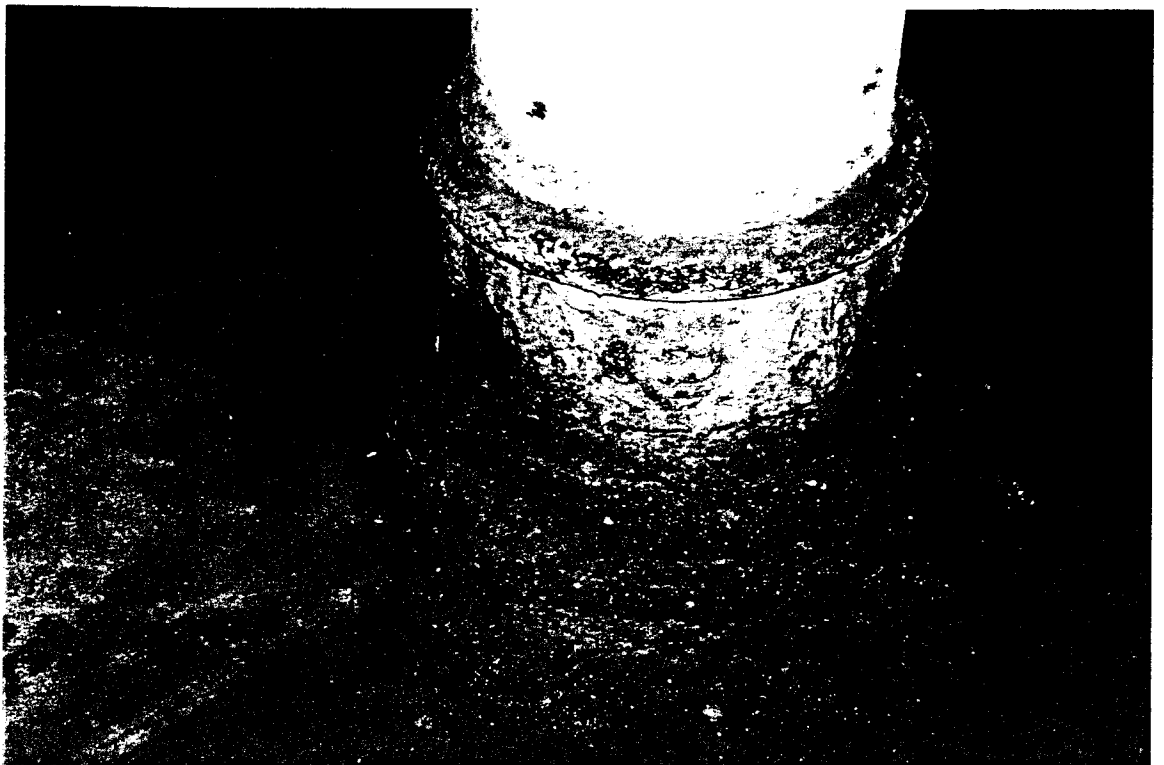
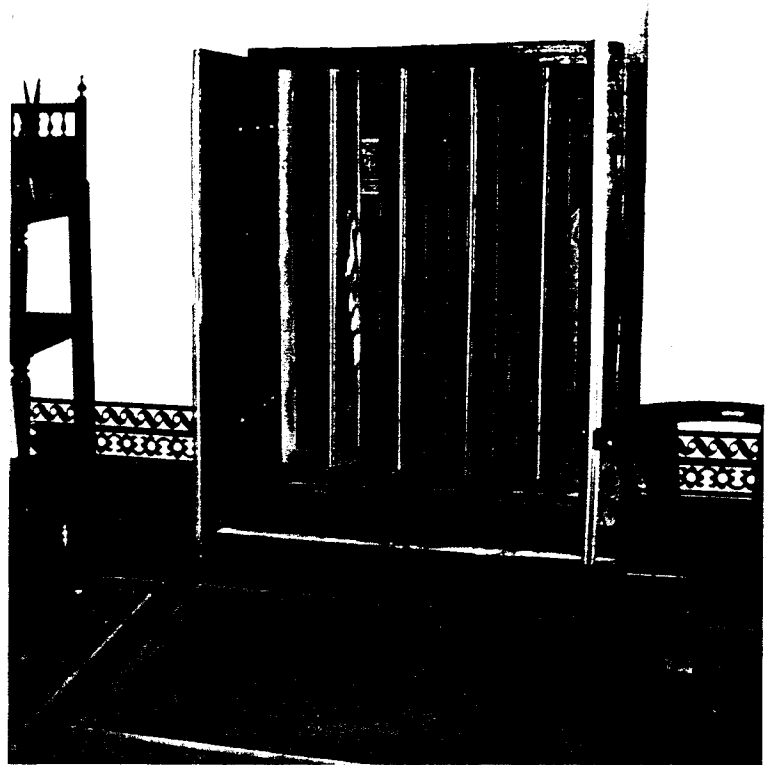
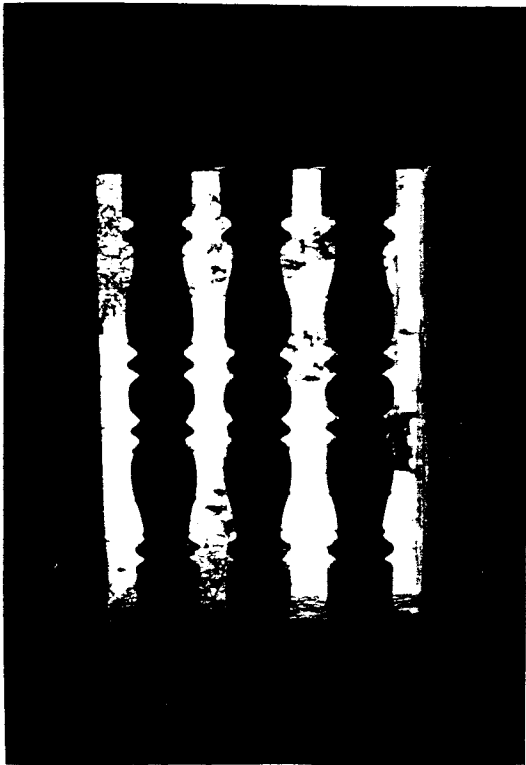
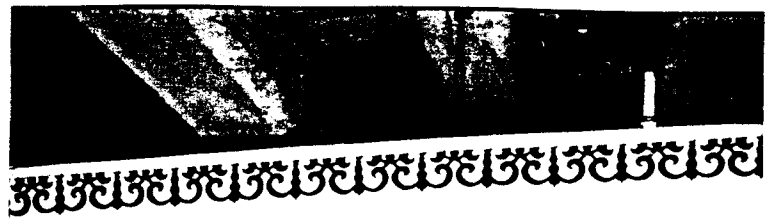


Foto 26 - Balaústres de casas hindus. Em cima à esquerda da casa Sawardekar, à direita da casa Deshprabhu (Perném) e em baixo base em pedra de coluna do pátio da casa Mhamai Kamat (Panjim) em que são visíveis elementos hindus como flores de lótus.

Os desenhos mais antigos apontam para uma geometria de vão ortogonal e simples, sendo de finais do século passado a introdução de remates curvilíneos.

Actualmente é frequente a substituição dos balaústres e das caixilharias de carepas por grades de ferro e janelas de vidro por razões de segurança e de manutenção.

Antes todos os vãos eram entendidos como portas, uma vez que facultavam acessos, eram passagens e não havia a destrinça de janela.

A este propósito é curioso referir que o concani adoptou a palavra “*zanel*”<sup>104</sup> de janela em português, a partir de *ianuella*<sup>105</sup>, diminutivo de *ianua* em latim arcaico e que significa porta pequena. Da mesma forma que na Índia se utilizava a palavra hindi “*dar*” do sânscrito “*dvara*” para designar porta e “*kiddki*” do sânscrito “*katakika*” que significa porta pequena para designar janela.

### 5.5 -Elementos Complementares

Nas casas que visitámos encontrámos visíveis resíduos de vãos com balaústres e com prumos quadrangulares aplicados com a base diagonal. Presentes nos conjuntos de construção mais recente, os módulos decorativos de madeira correspondem a uma interpretação de modelos de gradeamentos de ferro fundido, que por ser muito dispendioso e facilmente oxidável naquele clima, a arquitectura erudita dispensou. Por outro lado podendo dispor de cópias irrepreensíveis a partir de uma matéria prima abundante como era a madeira, de grande qualidade e com mestres dotados de saber e sensibilidade, não foi difícil divulgar-se o hábito e vulgarizar-se a prática da sua utilização.

Embora mais evidente nas casas cristãs, porque com maior campo de exposição, estes módulos têm uma expressão peculiar nas galerias interiores das casas hindus, sobre os pátios, remetendo-nos para a gramática decorativa islâmica, ou neste caso Moghul. As gelosias, as grelhas, os rendilhados eram algumas dessas materializações a partir dos módulos e muitas vezes acentuadas pela caixilharia com carepas, todas elas profundamente adulteradas nos nossos dias.

O côro, hoje remodelado, da casa dos Sardessai em Savoiverém e as galerias das casas Saukar e Kuwelkar são algumas das ilustrações possíveis.

Associados a estas galerias que correspondem no piso térreo ao espaço que circunda o pátio aberto, aparecem-nos as colunas como elementos estruturais de articulação entre pisos numa franja de construção integral em madeira. As colunas que podem ser lisas ou esculpidas adoptam formas quadrangulares, poligonais ou circulares e assiste-lhes a possibilidade de substituição em caso de deterioração, conforme atestámos em muitas das casas que visitámos.

Verificámos alguns dos casos mais significativos na casa Loundó em Panjim, na casa Sheldenkar em Paroda e na casa Sawardekar em Sanvordém. No primeiro caso tratava-se das últimas amostras, ainda da construção da casa. Eram poligonais e esculpidas com motivos hindus tais como a flor de lótus, elementos vegetalistas e figurativos com cachorros no topo, com a cabeça de uma cobra esculpida, para apoio das vigas do telhado. Este mesmo elemento e motivo encontrámos na casa Kuwelkar em Loutolim mas apoiado numa coluna de alvenaria esgrafitada e na casa Poi Raikar em Savoiverém ainda que sobre uma coluna substituída.

<sup>104</sup> noutras línguas da Índia diz-se “*zanel*” - ver ANEXO IV.

<sup>105</sup> A palavra latina para janela é “*fenestra*” donde deriva *fenêtre* (francês), *finestra* (italiano) e *fresta* (português).



Foto 27 - O pátio sagrado com o tulsi que recebe dois poojas diários e o pátio doméstico, próximo da cozinha.

É admissível a afinidade entre a casta e as divindades destas famílias.

No segundo caso trata-se de uma construção mais recente, provavelmente do século passado, em que as colunas são quadrangulares, chanfradas apenas na parte superior e coloradas integralmente.

No terceiro caso encontramos colunas de todos os tipos sendo de realçar as que agora ocupam o alpendre da entrada, circulares de tão facetadas e escalonadas com elementos vegetalistas que sugerem desabrochar de bolbos. É interessante a entrada desta casa uma vez que atravessando o alpendre somos remetidos para uma galeria de espera, anterior ao primeiro pátio, que tem dois longos vãos de ambos os lados preenchidos com balaústres justapostos, simulando uma galeria.

Todos estes elementos surgem como complemento de uma construção tradicional condicionada ou mesmo pouco inovadora, de onde se destaca o trabalho em madeira, estrutural ou decorativo, profuso ou localizado, ancestral ou contemporizado.

Por este seu carácter de adaptação, de caducidade e de renovação os designámos de complementares.

## 5.6 -Os Pátios

Os pátios são espaços de cultura privilegiados em sentido lato. Quando falamos do pátio hindu evocamos prioritariamente o seu aspecto sagrado inerente por um lado à sua construção e por outro ao ritual do tulssi -a planta sagrada. Em redor deste aspecto criaram-se outros hábitos e vivências pagãs que podem coexistir com a primeira quando as casas são mais pequenas e só existe um pátio ou podem desmultiplicar-se e até mesmo repetirem funções quando as casas são grandes e existem vários pátios.

A secagem de roupa ou de frutos são algumas das funções que se verificam no pátio com tulssi.

O pátio da casa hindu compõe-se por uma zona central -*rajangoon*, sem cobertura, por isso mesmo desnivelada inferiormente até 1.10m e por uma galeria circundante com colunas -*chowki* e na maioria dos casos sem guarda. As únicas que encontramos são já de betão pré-fabricado como na casa dos Kundaikar, dos Kuwelkar e dos Reis de Sundém ou incompletas em madeira como na casa de Panjim dos Dempó, ou dos Sawardekar em Sanvordém.

Na maioria dos casos visitados verificámos que o pátio com tulssi é o primeiro na casa, logo após a entrada, é a afirmação nuclear e polarizadora da habitação. As excepções que registámos justificam-se por serem situações urbanas<sup>106</sup> ou por terem justaposto novas frentes e consequentemente terem definido e sobreposto novos pátios<sup>107</sup>.

O que separa este primeiro pátio do exterior é em alguns casos um corpo de salas, com uma ante-câmara de espera ou pode ser apenas a fachada da casa, como acontece na casa Kuwelkar em Loutolim ou na casa Boruskar em Borus.

---

<sup>106</sup> Na cidade as casas estavam mais vulneráveis, obrigando a remeter o culto para espaços mais reservados e protegidos dos olhares dos transeuntes, como acontece na casa Mhamai Kamat e Kowelkar em Panjim. Por outro lado encontramos casos urbanos em que o pátio com tulsi é o primeiro da casa. Estes referem-se a construções recentes como a casa Shankwalker em Panjim (1880), a casas com a frente distanciada da rua e murada como a casa Loundó em Panjim, ou a casas cuja organização interna não é a comum, como na casa Dempó também em Panjim em que é sinuoso o percurso até ao pátio. Estes argumentos e contra-argumentos concorrem para a consideração de que é comum o lugar primordial, primeiro e prioritário do pátio sagrado com tulsi na casa hindu.

<sup>107</sup> Como acontece na casa Saukar em Borim e na casa Deshprabhu em Perném.



Foto 28 - Vista do pátio da casa Kowelkar (Panjim) com um desnível de 0.80 cm e com piso impermeável (em cima).  
Aspecto do espaço que permeia o exterior (à esquerda) do pátio (à direita) da casa Boruskar (Borus -Canácona).

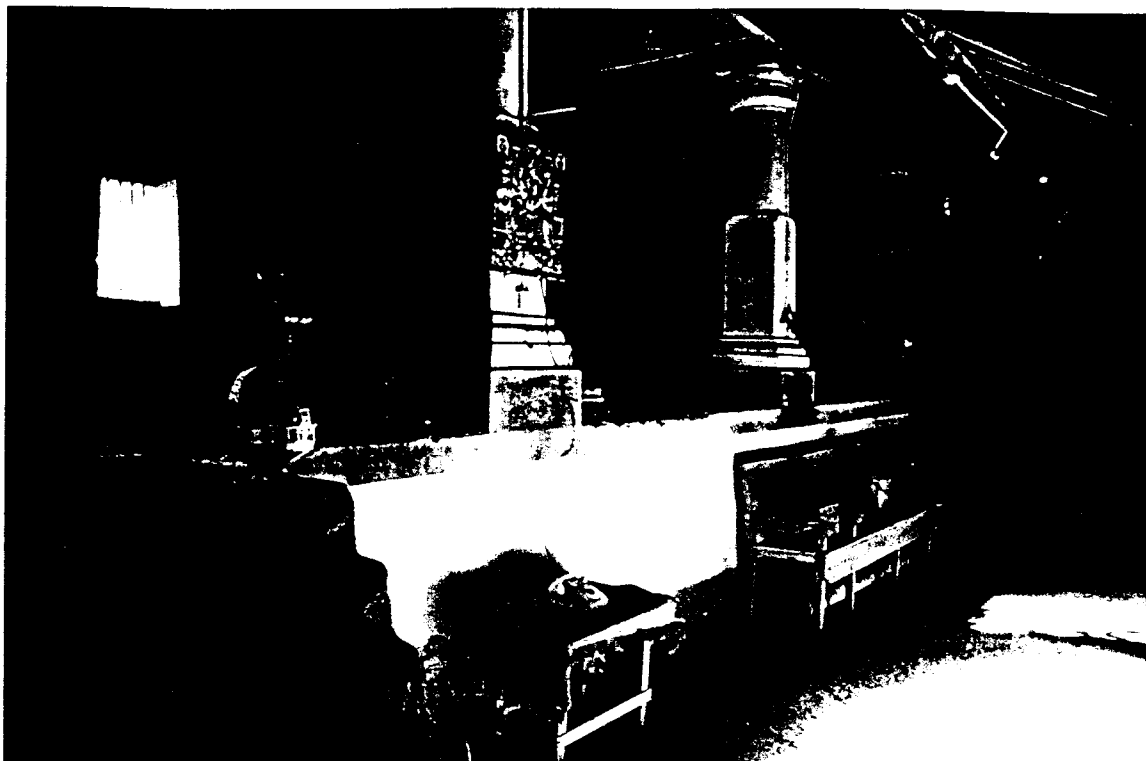


Foto 29 -Saderi -sala de audiências da casa Sardessai (Savoiverém -Pondá).  
Em baixo, aspecto do pátio de dupla colunata da casa Mhamai Kamat (Panjim), até onde chegou, em tempos, o rio  
(à direita da fotografia).



Foto 30 -Vista do pátio principal da casa Mhamai Kamat, com vegetação espontânea ao centro. No pavimento são visíveis as marcas que indicam as zonas em que as pessoas se devem sentar durante as grandes celebrações. Encostadas à colunas podem-se também ver as tábuas de assento. Em baixo, o pátio secundário da casa Saukar (Borim -Pondá), que liga com a cozinha de alimentação não vegetariana.

A este pátio pode estar associada a zona de audiências - *saderi*, em particular nas casas dos grandes senhores e proprietários, utilizada também como zona de altar durante as festas das divindades. Esta zona distingue-se pela sua sobrelevação em relação ao pátio, como na casa dos Reis de Sundém ou dos Sardessai em que forma mesmo um pódio, ou pelo duplicação da galeria ao nível do piso do pátio, num dos seus lados, como na casa dos Boruskar, dos Sawardekar, dos Mhamai Kamat ou dos Saukar, por vezes demarcada por um degrau ou por um pavimento diferenciado.

Na casa Sheldenkar a galeria do pátio duplica-se num dos lados, mas dá lugar a um espaço circunscrito por uma grade baixa de madeira onde se ensinava, tarefa que era vulgarmente remetida para os templos. -“*Uma das curiosidades que, no átrio do pagode, excitou a atenção do italiano foi a escola primária.*”<sup>108</sup>

Esta utilização do pátio é-nos referida também por Lopes Mendes; -“*Alguns particulares têm em suas casas mestres que dão lições de língua maratha a seus filhos e aos mancebos que ali concorrem da vizinhança.*”<sup>109</sup> e explica-se pela necessidade de preservar a sua identidade.

Na zona central do pátio o terreno pode ser permeável e nesse caso é utilizado para pequenas culturas de utilização doméstica semeadas ou espontâneas, sem uma preocupação de “fazer jardim” mas com a percepção de integrar um espaço natural. Quando é permeável, como vem acontecendo mais amiúde, fazem-no com betonilha, considerando um ponto de água para a rega diária da planta e algumas purificações e a drenagem conveniente.

A drenagem é aliás um dos aspectos sempre muito cuidados das casas hindus.

O pátio, como a cozinha, como a zona de lavagens é drenada directamente para o exterior, para o mesmo lado da casa, onde corre um dreno aberto que de acordo com a pendente do terreno leva as águas para fora da propriedade. Nas casas de planta mais simples esta função é remetida para a fachada lateral direita, se não houver prejuízo para os vizinhos.

O pavimento da galeria circundante era como na maioria dos compartimentos da casa, em bosta, ainda que hoje muitos já a tenham substituído por betonilha colorada ou por mosaico hidráulico.

Ao pátio primordial e nuclear corresponde uma construção original de base contemporizada, ainda que com alguns acrescentos, ao contrário dos restantes pátios onde se sucedem construções faseadas, que podem ou não circuncrevê-los na totalidade. Por esta razão os pátios secundários têm formas menos regulares, menos planeadas, que podem conduzir a situações inacabadas em “L” como na casa Kowelkar ou em “U” como na casa Shankwalker ambas em Panjim, ainda que sempre muradas para garantia da privacidade.

Aos pátios secundários, (designação por nós usada para distinção) em contraponto com os primeiros, corresponde a actividade informal e espontânea. Neles palpita a vida doméstica, que vai desde o tratamento e armazenamento das colheitas, aos preparativos dos alimentos para a cozinha, à conversa solta das mulheres ou às brincadeiras das crianças.

É a ludicidade do trabalho consumida horas a fio, é a consolidação das relações geracionais, é o prespassar dos conhecimentos e para isso contribui naturalmente o descomprometimento dos acabamentos; as colunas da galeria, se de madeira, não são trabalhadas, se de laterite, não são rebocadas e caiadas e o pavimento persiste na maioria dos casos embostado.

<sup>108</sup> J. A. Ismael Gracias, (comp), in op. cit., p.75.

<sup>109</sup> Lopes Mendes in op. cit., vol.I, p.107.





Foto 31  
-Uma das zona de lavagens  
da casa Mhamai Kamat,  
com o dreno a correr  
à esquerda da fotografia (em cima).  
Em baixo o dreno exterior  
da casa Kuwelkar (Loutolim -Salcete)  
por onde correm  
as águas da cozinha e dos banhos.

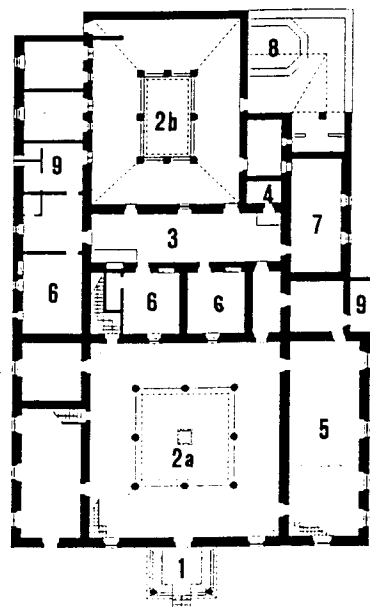
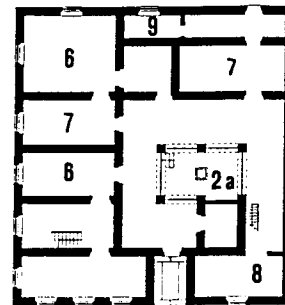
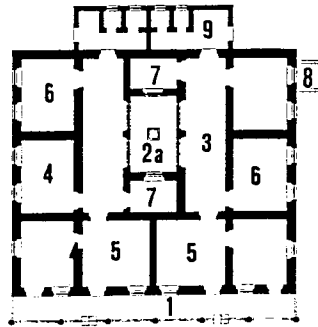


Fig. 33 -Plantas das casas Hiranath Bhohe (Mapuçá -Salcete) (34)/  
 Upendra Bhohe (Mapuçá -Salcete)(35)/  
 Kuwelkar (Loutolim -Salcete) (de cima para baixo) (36).  
 As duas primeiras encontram-se divididas em dois. Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. alpendre/hall; 2a. pátio com tulusi;  
 2b. pátio doméstico; 3. sala de refeições (vaseri);  
 4. Pooja-room; 5. zona de estar; 6. habitações,  
 7. cozinha, 8. poço/ zona de banho; 9. sanitários.

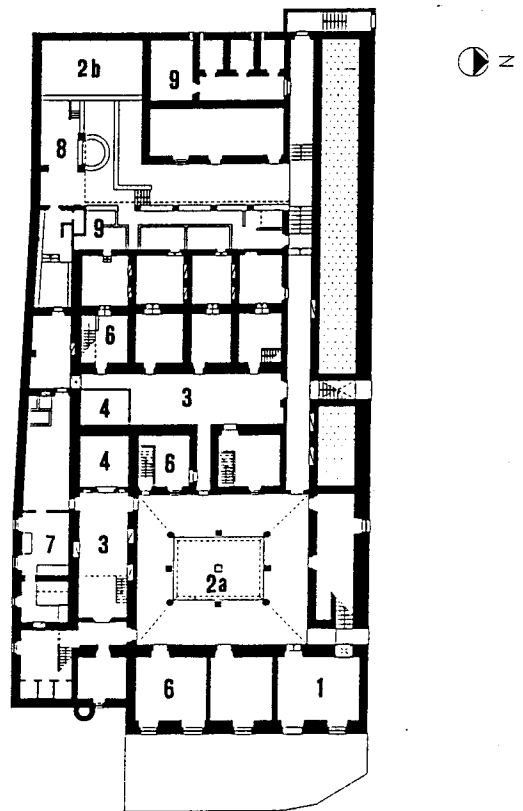
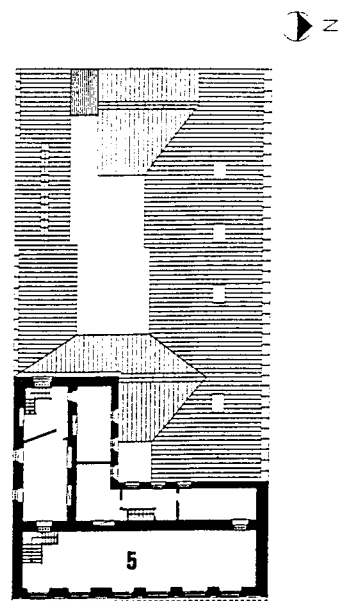
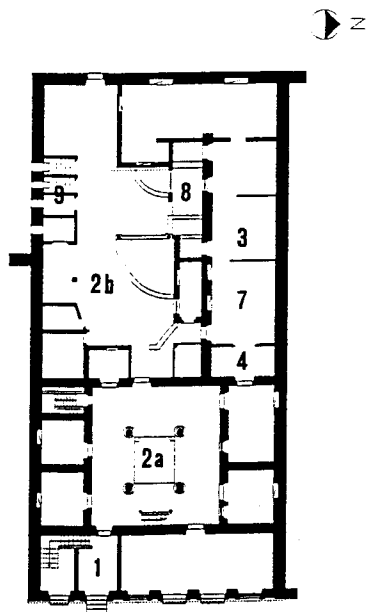
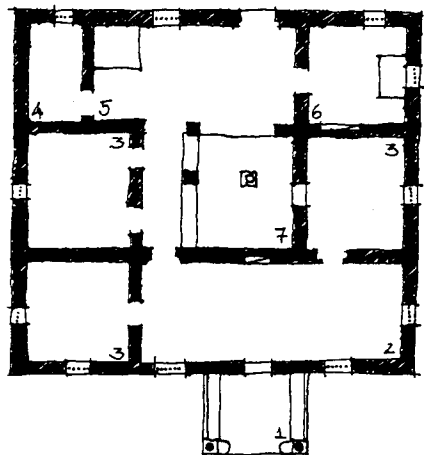


Fig. 34 -Casas Shankwalker (37)(em cima)  
e Loundó (38)(em baixo), em Panjim. Escala 1:500.

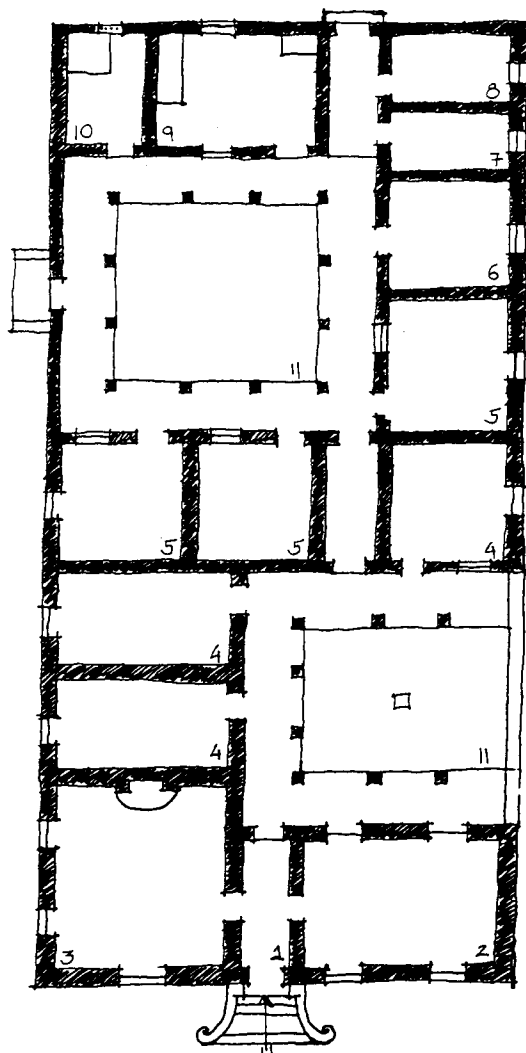
LEGENDA: 1. hall; 2a. pátio com tulsi;  
2b. pátio doméstico; 3. sala de refeições (vaseri);  
4. Pooja-room; 5. zona de estar; 6. habitações,  
7. cozinha, 8. poço/ zona de banho; 9. sanitários.

CASA DE JOALHEIRO - MARGÃO  
1901. LEV. A.B. ALMEIDA



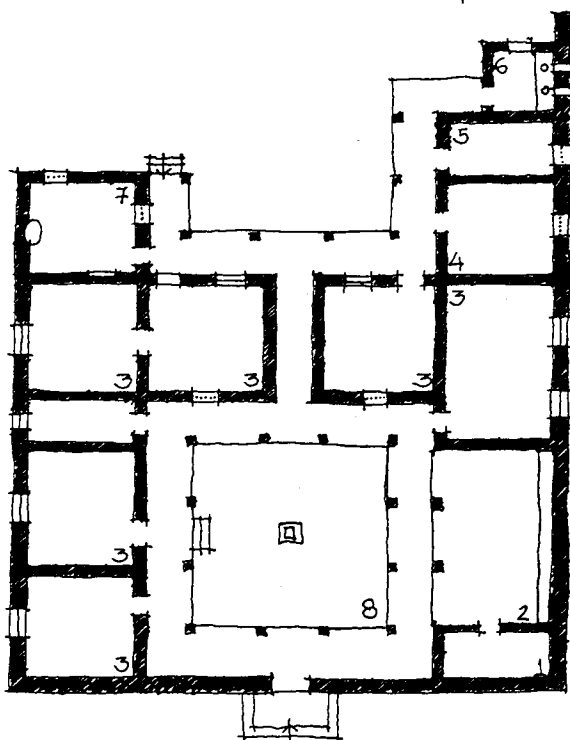
LEGENDA: 1. ALPENDRE; 2. SALA TRAB.  
3. QUARTO; 4. ARMAZÉM; 5. S. REFEIÇÕES;  
6. COZINHA; 7. PÁTIO COM TULSI.

CASA DE SACERDOTES - AQUÊM  
1870 - LEV. A.B. ALMEIDA



- LEGENDA: 1. HALL; 2. SALA ATENDIMENTO  
3. SALA DA DIVINDADE; 4. QUARTO; 5. QUARTO  
DE DORMIR; 6. SALA DE REFEIÇÕES; 7. ARMA  
ZÉM; 8. GUARDA LENHA; 9. COZINHA; 10.  
INST. SANITÁRIA; 11. PÁTIO

CASA DE COMERCIANTES - MARGÃO  
1890. LEV. A.B. ALMEIDA



LEGENDA: 1. ARRUMOS; 2. ZONA DE ESTAR  
3. QUARTO; 4. ARMAZÉM; 5. ZONA DE BANHO  
6. I. SANITÁRIA; 7. COZINHA; 8. PÁTIO

Fig. 35 - Casas hindus de Margão e Aquêm (Salcete) (39). Sem escala.

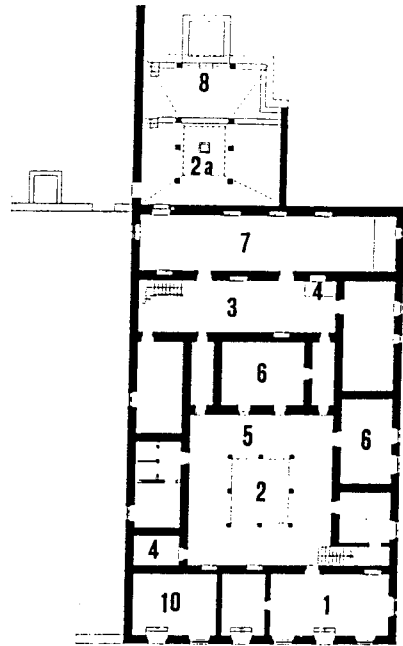


Fig. 36 -Casas Kowalkar (40) e Mhamai Kamat (41)  
em Panjim (de cima para baixo). Escala 1:500.  
LEGENDA: 1. hall; 2a. pátio com tulsi;  
2b. pátio doméstico; 3. sala de refeições (vaseri);  
4. Pooja-room; 5. zona de estar; 6. habitações,  
7. cozinha, 8. poço/ zona de banho; 9. sanitários; 10. loja.

O espaço aberto do pátio é quase sempre permeável, contém pequenas culturas alimentadas pela água sujas da cozinha de que estão sempre próximos, pelas chuvas e a roupa estendida dá o tom anárquico ao cenário.

Podemos dizer que estes são os padrões do pátio hindu, existentes numa casa comum.

Por um lado o pátio sagrado e por outro o pátio doméstico. A partir desta matriz acontecem variações que justificadas pelo agregado ou por preceitos da casta, podem conduzir à reprodução daqueles modelos. Aparecem então mais pátios com tulsí ou mais pátios domésticos para apoio à cozinha vegetariana e à não vegetariana, como na casa Boruskar ou Saukar.

À excepção da casa Mhamai Kamat, que sempre gozou de um estatuto privilegiado junto dos Portugueses, todas as casas que têm para cima de dois pátios se situam fora dos centros urbanos e podemos mesmo dizer fora das velhas conquistas, em zonas desde sempre predominantemente hindus.

É nestas casas que se verificam também os pátios de maiores dimensões de área aberta que agrupámos entre os 6.00m<sup>2</sup> e os 11.00m<sup>2</sup> enquanto os urbanos se ficam por áreas inferiores ou iguais a 6.00m<sup>2</sup>. Com medidas superiores registámos o primeiro pátio (posterior à construção da casa) dos Saukar em Borim, a situar-se entre acima dos 16.00m<sup>2</sup>.

Todos os pátios preponderantes destas casas se organizam ortogonalmente aproximando-se muito do quadrado perfeito.

## 6 -Diagnóstico

Nas asnas da casa Kuwelkar em Loutolim encontramos duas inscrições de datas; uma no pátio doméstico de 1845 com números árabes e outra no pátio com tulsí de 1884 em números marathís. Este facto é importante porque ilustra a necessidade de uma manutenção periódica e neste particular a autoria dessas intervenções.

Com efeito é a cobertura o elemento que mais sofreu modificações, desde a substituição das telhas de canudo pelas planas, à introdução da chapa ondulada ou de forros nos tectos. Justificam-se as intenções tendo em conta o rigor e a violência das monções, mas são susceptíveis de crítica as suas formulações. A cobertura da mesma casa pode aparecer com telhados diversos.

Neste parâmetro pretendemos dar conta das evoluções que a casa hindu manifesta e que nos podem deixar antever as tendências em relação a um futuro não muito distante.

A redução drástica dos agregados, a forte migração do interior para as cidades e para a costa e o esvanecer de alguns costumes e tradições fazem com que as casas hindus, mormente as grandes, situadas em meios rurais, entrem num processo de decadência e de retracção de difícil retorno.

A tendência das famílias é díspare mas reveladora de inépcia para defrontar a questão. Eis as que constatámos:

- tentar sustentar um dos núcleos da casa, em geral o sistema que envolve o que designámos por pátio sagrado e doméstico, fazendo algumas adaptações e votando o resto ao abandono ou a outras ocupações (Sardessai, Poi Raikar, Sawardekar...);

- fechar a casa e frequentá-la sazonalmente (Reis de Sundém, Sheldenkar);

Em ambos os casos pretendem continuar a celebrar as festas dos seus deuses na que designam de casa-mãe, com toda a família e com algum do esplendor de então, como



Foto 32  
-Entrada principal da casa Deshprabhu (Perném).  
Aspecto do abandono progressivo  
que muitas casas hindus manifestam  
(casa Sawardekar, Sanvordém -Quepém)



testemunham as grandes celebrações como os casamentos ou a festa do Ganesh em Setembro. Não pretendem voltar a viver naquelas casas, preferindo investir em apartamentos nas cidades como acontece com a família Sawardekar.

- arranjar quem cuide da casa, geralmente os que sempre a serviram, permitindo que a cultivem. No fundo corresponde ao adiar do problema, já que investem pouco porque não a usufruem e quem lá fica não tem capacidade de investimento;

- adaptá-las, dar-lhes conforto e habitá-las (Boruskar, Kuwelkar, Kundaikar);

- transformá-las em instituições, ganhar tempo para as repensar (Deshprabhu);

- nos casos urbanos, registámos a subdivisão da casa, aniquilando a sua estrutura e o seu entendimento, como atestam com fervor as casas Loundó e Hiranath Bhohe.

Dissecadas, espoliadas, definhadas, todas elas retêm a memória das *joint-family*, revivem-na temporariamente quando as festas justificam, mantêm-se como referências locais senão regionais, exibem singulares conjuntos e programas inspirados pelas escrituras, projectaram a prosperidade mas enfermaram decadentes.



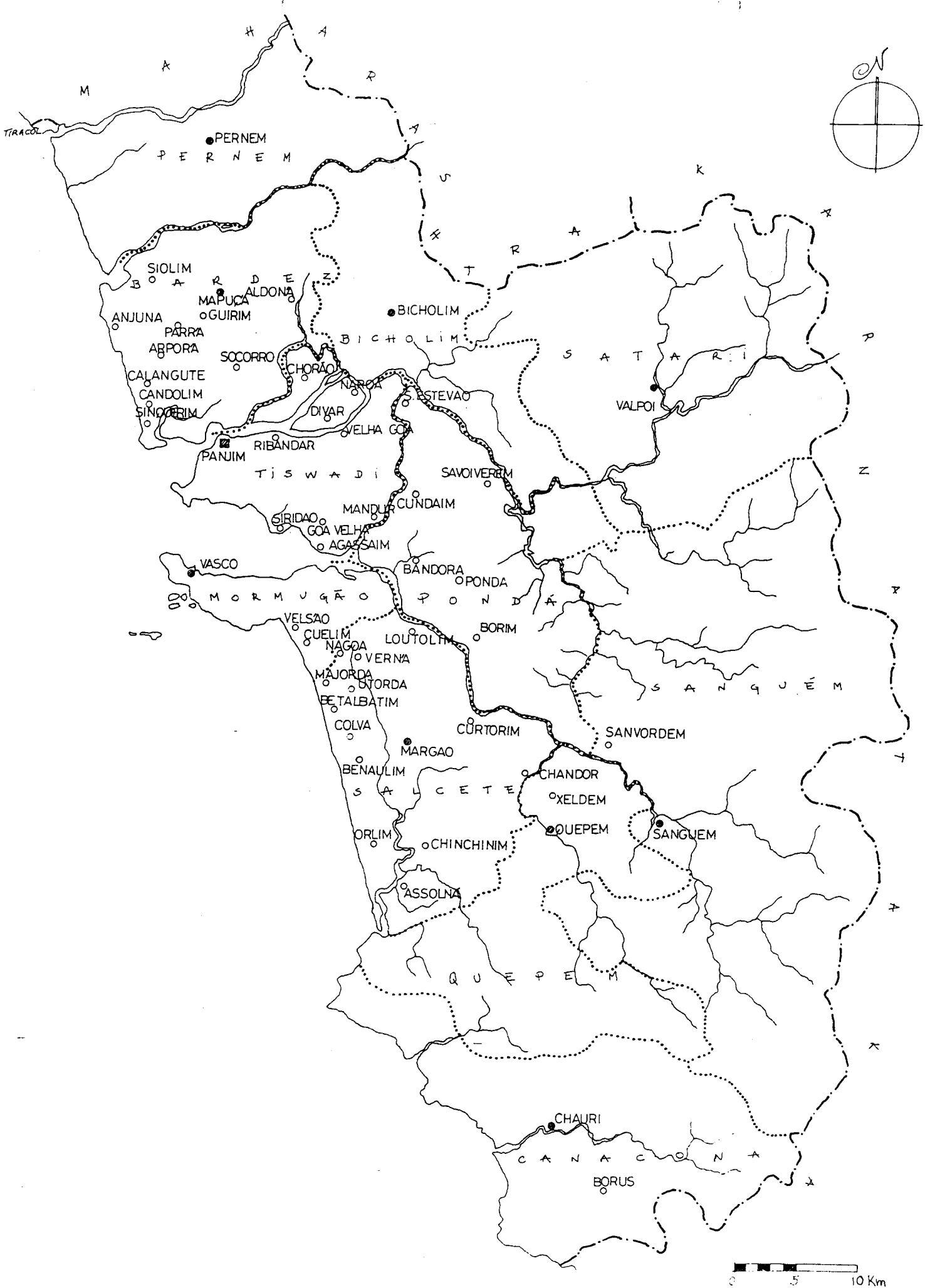


Fig. 37 -Mapa de Goa com a identificação das talukas, respectivas cidades e todas as povoações em que foram efectuados registos de casas para este estudo (42).

## V -A CASA-PÁTIO CRISTÃ

## V. A CASA-PÁTIO CRISTÃ

### 1 -Princípios

A casa cristã não dispõe à partida do manancial de princípios e regras a que se sujeita a casa hindu. Se elas existem são afirmadas pelo estilo que por sua vez é condicionado pela época, pelos autores e construtores, pela região e geografia.

Em todo o caso existe uma componente religiosa muito forte tendo em conta que uma casa é o invólucro da constituição familiar, devendo-se benzer o espaço antes da construção e consagrar a casa depois de pronta, bem como todos os seus ocupantes.

Pode circunstancialmente acontecer, caso os operários sejam hindus e assim o entendam, que se satisfaçam determinados princípios das suas construções, desde que não colidam com os interesses e valores do proprietário cristão.

Na Índia é mais forte o entendimento do sagrado do que o de religião, facto que leva a que muitos hindus e muçulmanos venerem S. Francisco Xavier, juntamente com os cristãos. Não é pois de estranhar alguma interpenetração de hábitos, preceitos, tradições que contribuem em si para uma boa convivência.

### 2 -A Estrutura Familiar

Na velha tradição judaico-cristã o casamento é mais do que uma instituição, um sacramento. Ou seja, um passo possível para a santificação dos Homens e que os liga para sempre ao mistério de Deus. Um passo seguido por milhares de convertidos desde que chegaram à Índia os primeiros apóstolos, para o que os Portugueses foram decisivos, ou não iam eles *“em busca de cristãos e especiarias”*.

Consagrado na Bíblia -*“Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.”*(Gn.1,28), é ainda hoje grande a preocupação de, mal os filhos atingem a idade adulta, os pais diligenciarem, de acordo com o seu estatuto, já não tanto da casta, no sentido de arranjar um genro ou nora. Esta tarefa é em geral da responsabilidade das esposas, com anuência dos maridos e é tanto mais ansiosa quanto se trata de filhos únicos ou exclusivamente de filhas.

Os pais cumprem a criação dos filhos quando os entregam ou se associam a outra casa e este aspecto assumiu muitas vezes um carácter estratégico, ligando por sangue famílias eruditas, influentes, poderosas, adquirindo rosto de alianças.

Realizado o matrimónio, vocação alternizada apenas com a da vida religiosa, o filho mais velho constitui família em casa dos pais e assegura por competência a descendência. Isto inclui cuidar das propriedades e negócios, manter a casa da família, atender aos pais e sogros, assegurar o bem estar da sua e da família da esposa. O segundo varão poderá entrar para o seminário e garantir assim a assistência espiritual à família e o culto na capela da casa, quando exista. Quando há raparigas, desde que não seja a mais velha de entre os filhos, poderá uma ficar solteira para ajudar o irmão a manter a estrutura erguida pelos antepassados, ainda que seja sempre desejável que constitua família.

Casos há em que por razões estritamente patrimoniais os filhos, nomeadamente raparigas, sacrificaram a sua vida, prescindindo de constituir família.

Os filhos que ficarem solteiros, formam naturalmente a casa dos que se esposaram.



Foto 33  
-Frente da casa F. Maria de Sousa  
(Velsão -Mormugão),  
voltada sobre a linha férrea (em cima)  
e um dos expoentes de entrada  
das casas de Goa -o pântico de entrada  
da casa Costa Frias (Candolim -Bardez).

Este sistema atravessou gerações e assimilou filtradamente alguma da metodologia hindu para o efeito o que lhe confere múltiplos pontos de contacto e uma certa cumplicidade.

Contactámos diversas “matchmakers”- assim se designam as casamenteiras, que orgulhosas elencam e arrogam a felicidade que “distribuíram”.

### 3 -Enquadramento

É notória a localização das casas em zonas baixas -planícies, vales, linha de costa, em terrenos arborizados que contornam as várzeas, que a defeso das águas ligam os aglomerados e que em média não excedem os 20m de cota.

A maioria das casas cristãs que visitámos fora dos núcleos urbanos, para além de se circunscreverem às velhas conquistas, por razões óbvias, acompanham por um lado a linha de costa, nomeadamente as de Bardez e Salcete e por outro as principais linhas de água do interior. A grosso modo podemos dizer que o circuito pelo interior se inicia em Aldoná, passa por Chorão, Juá, Neurá, Nagoá, Loutolim, Curtorim, Guirdolim até Chandor.

Em ambos os casos, da costa e do interior, se encontram exemplos de casas anteriores ao séc. XVIII, pelo que não podemos falar de fases distintas de construção para uma e outra faixa, mas antes contemporizadas.

Quer o rio Mandovi, quer o Zuari e os respectivos afluentes ofereciam uma rede de canais navegáveis essenciais para o contacto entre províncias e que justifica a existência de casas em Chandor com a frente para o rio, antes da actual sobre a estrada.

A procura da costa, nomeadamente da de Bardez, surge em consequência das sucessivas pestes que derrocaram a velha cidade de Goa e arredores. Candolim, Parra, Anjuna receberam famílias de Chorão e Ella, desde finais do séc. XVII. Já a costa de Salcete vem a sofrer maior incremento com o desenvolvimento de Margão e em particular da linha ferroviária que rasga o território para aproximar o sempre condicionado planalto do Decão.

Através do porto de Mormugão, a cidade de Vasco da Gama, pensada e começada para suceder Goa conhece um franco incremento, que por arrastamento se estende aos arredores.

Não é pois de espantar que se encontrem casas em Cansaulim e Velsão voltadas sobre a linha férrea, como as de Barros Pereira ou de Francisco Maria de Sousa respectivamente.

Antes em ambiente rural muitas destas casas emergem hoje a custo por entre construções e projectos turísticos que activados de Outubro a Maio transformam a vida, os hábitos e a economia dos seus habitantes.

As casas pátio cristãs são facilmente assinaláveis, reconhecíveis pelo tratamento da fachada principal, do jardim que a antecede, ou do pórtico que lhe dá acesso. Quase todas procuram orientar a frente para norte, nordeste ou noroeste, mas quando se sobrepoem à implantação condicionantes de relevo, de acesso, de limite de propriedade ou de paisagem, sujeitam-se ao possível.

As propriedades são muradas, com portão ou pórtico a eixo da entrada da casa e com um jardim de permeio, onde houve plantação e selecção de espécies. A vegetação é arbórea e arbustiva, contando-se mais esporadicamente com a herbácea.

A distância entre a frente da casa e o muro é muito variável, não sendo regra geral inferior a 6m. À data da construção o terreno envolvente era necessariamente maior englobando em muitos casos o poço e a capela, estandartes da aldeia.

Na casa Xavier Pinto em Arporá, detectam-se estes dois elementos ainda que separados da casa por uma estrada. Já na casa Piedade Costa em Utordá a capela está separada



Foto 34  
-Frente da casa Monteiro (Assolná -Salcete)  
de onde se realça o seu enquadramento  
entre as árvores esguias -"Ashoka trees"  
e o aproveitamento comum do espaço  
entre a escadaria do alpendre e a fachada  
para área de jardim (em cima).  
Em baixo o caminho privado de aproximação  
à casa Mascarenhas (Anjuna -Bardez).



Foto 35 -Relação entre a capela e a casa Pinto (Arporá -Bardez)  
com o poço comunitário de permeio (em cima).  
A casa Piedade Costa, a capela de N. Sra. da Piedade de que a família leva a evocação,  
separada da casa por um pátio murado e o poço em frente.



Foto 36

-A Igreja de N. Sra. da Esperança que se avista da frente da casa Lemos (Sinquerim -Bardez)  
e a que a casa é consagrada (em cima).

Aspecto das traseiras da casa Sousa (Anjuna -Bardez) em que o aparelho de laterite  
não foi nem rebocado nem caiado, por não ser uma superfície visível.



da casa por um pátio murado e o poço fora, fronteiro à capela. Ao contrário na casa Monteiro em Candolim está separada da casa mas dentro da sua propriedade.

Estas capelas mandadas edificar pelas famílias conferem-lhes o nome do seu orago.

Muito posterior, mas sintomático do que afirmamos é a casa dos Lemos de Sinquerim, privilegiadamente localizada, isolada e com a frente direccionada ao que se reconhece apenas como uma ponto branco na paisagem -a igreja de N. Sra. da Esperança em Candolim. A casa recebe a dedicação da Igreja, como atesta a inscrição sobre a porta.

Salvo excepções que se mantêm retiradas, a maioria dos terrenos onde se implantam as casas foi-se redimensionando com o tempo através das partilhas, da venda de propriedades e dos novos acessos decorrentes dos novos meios de locomoção.

O jardim que hoje vemos fronteiro às casas é fruto desse percurso, mas guarda a memória do seu gosto, do seu interesse e da sua presença a que tantos viajantes do séc. XVII e XVIII fizeram referência nas casas da velha cidade; -“*vendo-se duma e doutra banda do rio edificios e casas, palmares e apraziveis jardins.*”<sup>110</sup>

A frente das casas é simétrica, a entrada ao centro, com uma escadaria para vencer a sobrelevação em que se desenvolve o piso térreo. Esta sobrelevação visa sobretudo, expôr a casa à brisa fresca, conferir protecção física relativamente às fortes chuvadas das monções, à entrada de animais rasteiros, de lixos e poeiras arrastados e ainda à ascensão de humidades por capilaridade, aumentando a inércia térmica.

À maneira do plinto introduzido nos templos de Vijayanagara, possui também um significado social, numa sociedade fortemente hierarquizada pelo sistema de castas. Assinala ou pretende assinalar<sup>111</sup> as diferenças económicas e sociais entre famílias e que sustenta encenações faustosas e de aparato que perduraram desde o tempo da “Goa Dourada”<sup>112</sup>.

Quando a entrada é excêntrica, significa em regra geral que houve alterações, acrescentos face ao desenho primitivo e isso detecta-se pela espessura das paredes, pela costura do telhado ou, caso existam, pelas entregas das varandas ou dos alpendres.

A varanda, ou as sacadas autónomas, aliadas ao alpendre contituem elementos singulares comuns à maioria das casas cristãs e por isso objecto de uma análise posterior mais detalhada.

A profusão decorativa da fachada principal decresce à medida que contornamos a casa.

Com efeito as varandas, as sacadas, as pilastras, por vezes dobram para os alçados laterais mas raramente se prolongam até aos ângulos com as traseiras. A casa Loyola Furtado de Chinchinim é um dos bons exemplos em que esta situação se verifica.

Em geral a fachada é enaltecida até onde chegam os olhos do visitante o que abrange as esquinas e resulta por vezes em aspectos insólitos como um *trompe l'oeil* de janelas laterais, como a casa Eucher Pereira em Benaulim (Salcete) ou bem mais especulante, com o abrupto escuro das restantes superfícies exteriores ao ponto de aparecer o aparelho de laterite à vista como na casa Sousa em Anjuna (Bardez).

<sup>110</sup> J. A. Ismael Gracias, (comp), in op. cit., p.176.

<sup>111</sup> Pietro Della Valle no livro a que nos referimos na nota anterior refere: -“...*Vivem contudo com grande aparência exterior de suficiente grandeza (...); particularmente experimentam, porém, muitas privações, e tais há que, não querendo entregar-se a profissões que reputam inconvenientes à sua posição, pois todos desejam aqui ser tartados como fidalgos, levam uma vida infeliz, suportando penúrias e vendo-se obrigados a esmolar cada dia à noite.*”

<sup>112</sup> Pietro Della Valle no livro a que nos referimos na nota anterior acrescenta: -“...*porque o Vice-Rei nunca sai sem que no dia antecedente mande os tambores pela cidade, e com isso avisar toda a nobreza para vir no outro dia pela manhã cedo àquele lugar a cavalo, e ali esperam até que o Vice-Rei saia, todos o melhor paramentados e ordenados que podem.*”

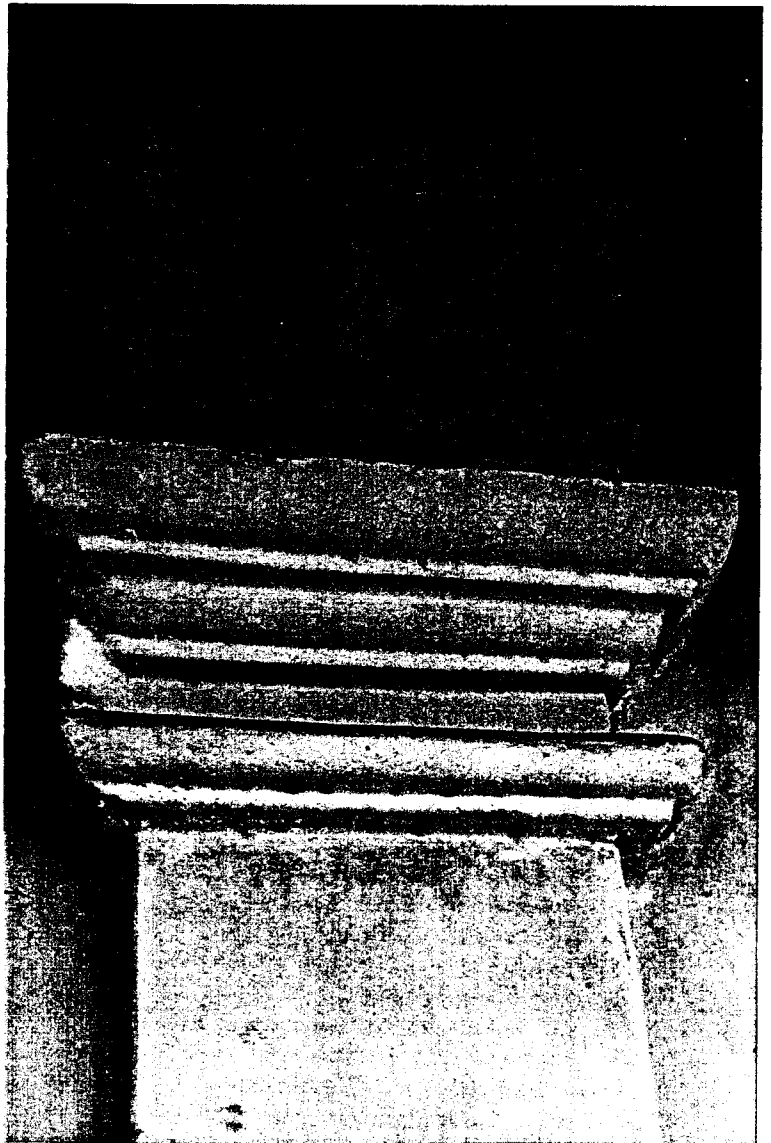


Foto 37

-Vista do corpo tardez da casa Costa Martins  
(Assolná -Salcete)

e pormenor maneirista de uma das suas pilastras,  
que comprova ter sido aquele o corpo da frente da casa,  
como testemunham alguns dos antigos acessos.



Foto 38 -Corpo da frente (casa Fernandes, Chandor -Salcete), acrescentado no século passado, aquando da construção do caminho. Até então a frente da casa era o actual tardo voltado sobre um afluente do rio Zuari por onde se faziam as comunicações.  
Aspecto do seu interior (em baixo).

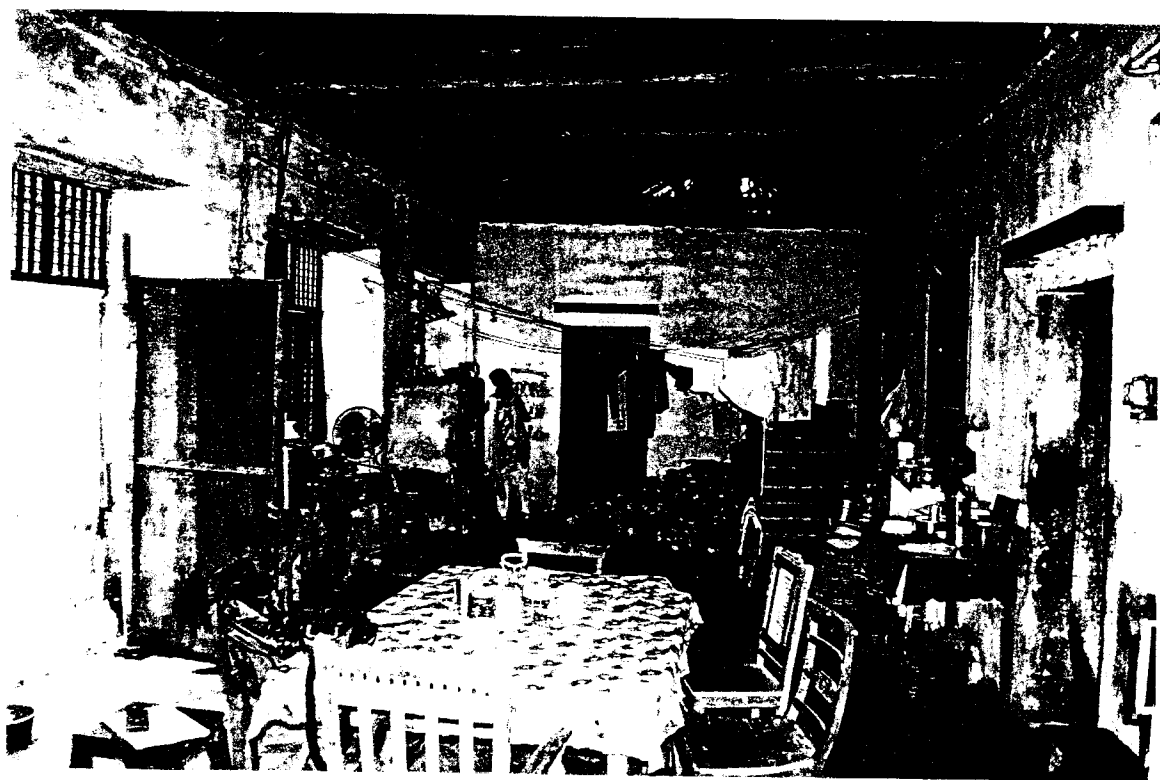


Foto 39 -Corpo das traseiras, reservado ao pessoal e aos serviços domésticos  
(casa Godinho, Majordá -Salcete)  
Vista do exterior com os sanitários e o poço e do respectivo interior -zona de refeições mais íntima.

As zonas posteriores da casa, tratando-se de zonas de serviço e de frequência menor não manifestavam qualquer nota de erudição, de conforto ou mesmo de rudimentar acabamento a menos que tivessem tido, noutros tempos, uma preponderância diferente da actual. Por exemplo terem sido a frente da casa como acontece com a dos Costa Martins em Assolná (Salcete).

Habitualmente as traseiras eram muradas, tinham o poço que alimentava a casa e algumas árvores de fruta. Por elas entravam os vendedores e artesãos quando eram requeridos os seus serviços, porque por tradição eram de castas inferiores, logo sem direito à entrada principal. Desta forma se pretendia preservar purificado o espaço por onde circulavam os de castas mais elevadas.

Encaravam-se na mesma casa dois mundos distintos: o dos proprietários e o dos que lhes serviam.

#### 4 -Caracterização Morfológica

O programa da casa-pátio cristã desenvolve-se em torno do pátio que, ainda que não seja utilizado, polariza, organiza e distribui as funções, gerando uma simetria que de rigorosa na frente se esvanece para as traseiras. Todo a orgânica da casa se sujeita, ou se sujeitou à evolução do edificado, correspondendo muitas das casas visitadas, a extensões das precedentes, realizadas por razões funcionais, aliadas a uma forte afirmação social e marcadas pela vivência da época.

A partir da segunda metade do séc. XVIII assiste-se à construção das grandes salas e salões de baile, de ostensiva decoração, patenteando a propriedade e disputando a supremacia. Trata-se para a maioria dos casos de novas frentes que reestabelecem o programa da casa, anulando, criando ou substituindo pré-existências.

Identificam-se embora com algumas *nuances* de casa para casa e apesar da situação anteriormente descrita, três zonas características e distintas na casa-pátio cristã:

- (i) o corpo de projecção social, na frente;
- (ii) o corpo de serviços e do pessoal, nas traseiras;
- (iii) os quartos ao longo das alas laterais.

O corpo da frente, da entrada, persiste como o mais cuidado e elaborado, enaltecido frequentemente pela varanda, pelo alpendre ou mesmo pelo tratamento plástico da fachada.

A eixo, alinhado com o alpendre, a escadaria e o pórtico, está o hall que separa as duas salas de cerimónia -de visitas e de jantar e comunica com a grande sala interior da casa, contígua ao pátio. Se é nas salas que se exhibe todo o esplendor das casas, no tratamento dos tectos, das paredes e do chão, bem como na selecção do mobiliário, pelo que só se abrem para as ocasiões, é na sala que lhes é posterior que se centra toda a actividade familiar, afirmando-se também como zona de passagem. Nela a família passa a maior parte do tempo, recebe os mais íntimos e toma as refeições em privado. Nela se sente já a dimensão doméstica e a vivência quotidiana. A sua forma longa, rematada nos topos por duas salas das quais numa se encerra o oratório leva a assemelhá-la com o *vasari* das casas hindus, ainda que com um efeito mais efusivo, porque mais luminosa e tirando partido cenográfico do pátio.

Pensamos contudo na sua forma como uma consequência, por um lado construtiva e por outro de programa. No primeiro caso porque ao procurar dotar as salas (salões) de maior largura a parede para apoio da cumeeira é recuada, estreitando naturalmente a sala posterior. No segundo caso porque a distância entre a cozinha e a sala de jantar obrigava a uma zona de copa, para o que esta sala se habilitava com aptidão.



Foto 40  
-Aspecto das alas laterais dos quartos.  
Vista da fachada lateral esquerda  
da casa Monteiro (Assolná -Salcete)  
onde são perceptíveis os dois corpos  
(social e de serviços) (em cima)  
e vista do interior de uma ala da casa Gama Pinto  
(Anjuna -Bardez) com os quartos à esquerda  
e o pátio à direita (em baixo).

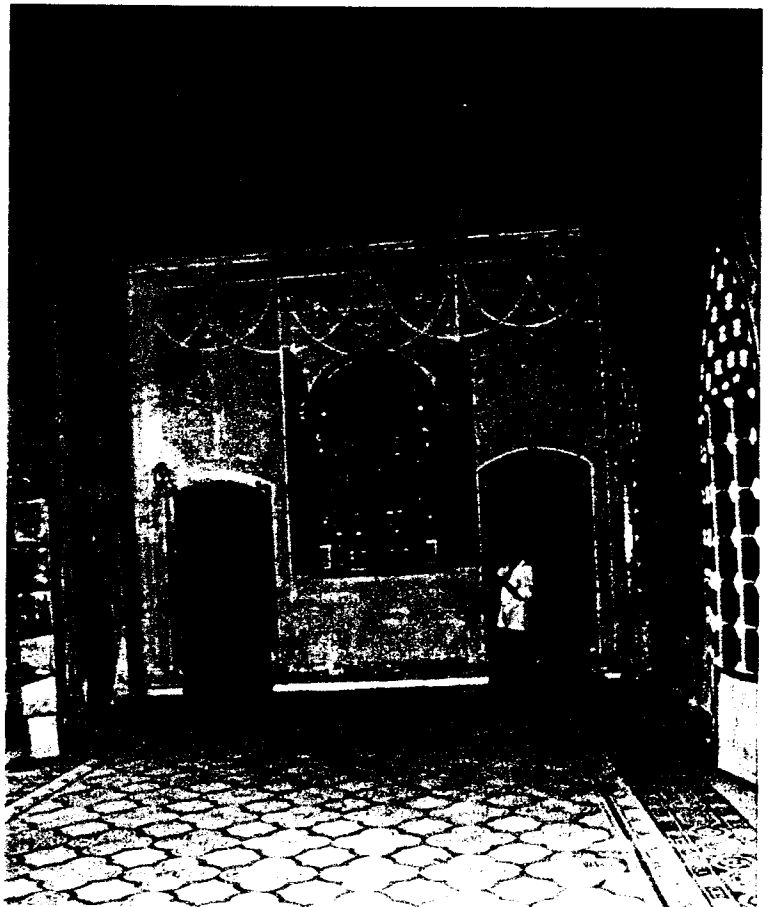
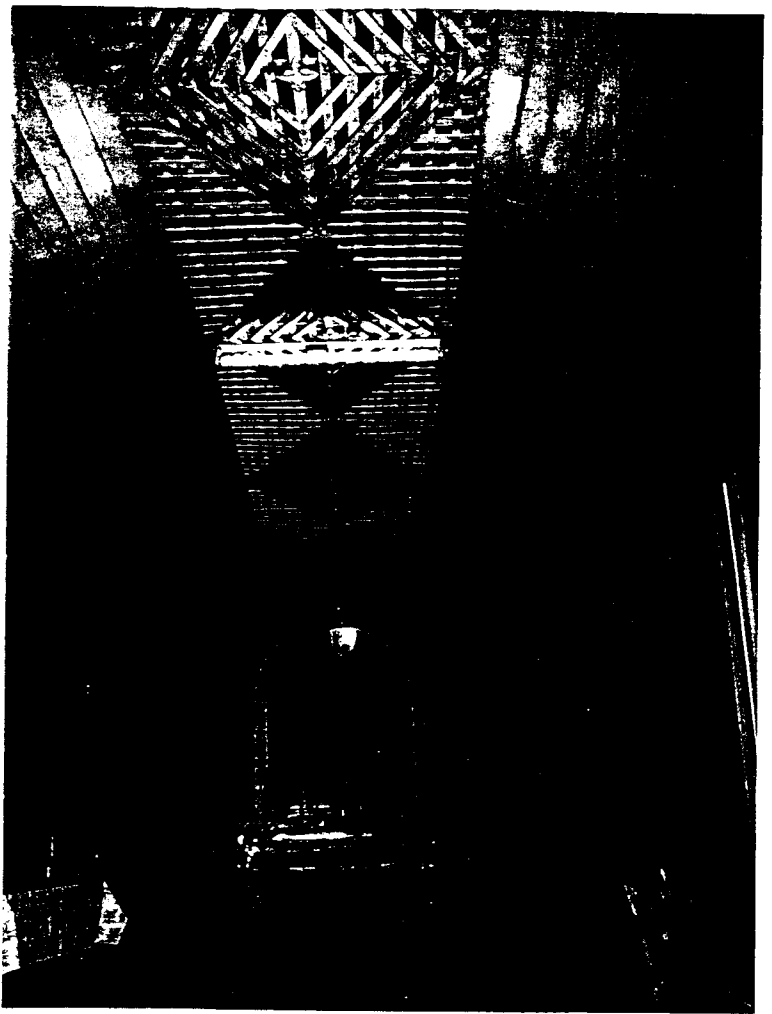
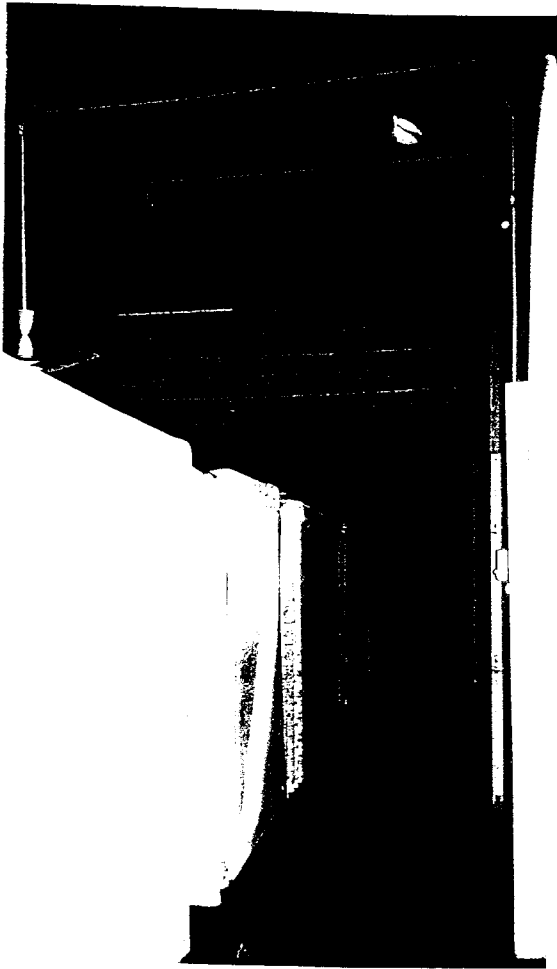


Foto 41

-Aspectos de salas de refeições de casas cristãs  
com o oratório no topo,  
à maneira dos altares dos deuses  
nas casas hindus.  
Em cima a casa F. Abranches (Verna -Salcete),  
em baixo uma casa de Loutolim em recuperação  
e ao lado a casa Cabral Furtado  
-hoje lar de idosos (Nagoá -Salcete).

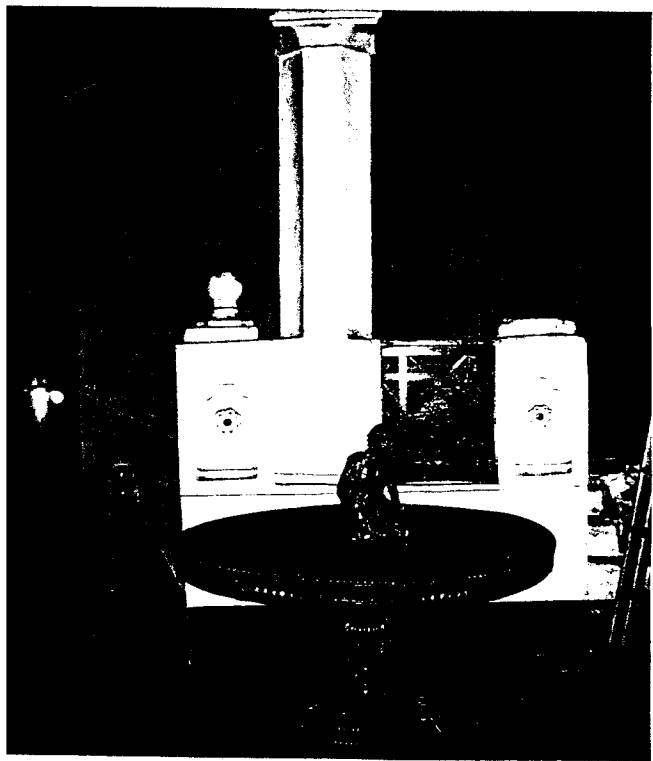


Foto 42 -Em cima e em baixo  
o coreto da casa Gama Pinto  
(Anjuna -Salcete),  
sobre o hall de entrada,  
com acesso por uma escada amovível,  
de madeira e com aberturas  
para ambas as salas.  
Através do hall as duas saias  
podem comunicar,  
multiplicando o espaço  
até ao comprimento total da frente da casa.  
Ao lado esquerdo  
o coreto da casa Rodrigues (Aldoná -Bardez).



Nalgumas casas as salas que ladeavam o hall eram exclusivamente de estar ou de baile, complementando-se e multiplicando o espaço em dias de festa através da abertura das portas, sempre a eixo e intercomunicantes. Nestes casos podia haver um coreto para os músicos sobre o hall, com aberturas para cada um dos lados, como se pode ver na casa Gama Pinto em Anjuna ou na casa Monteiro em Assolná e a sala posterior passava a funcionar como sala de jantar, sendo cuidada para o efeito.

Todo o corpo da frente se situa a um nível distinto do das alas laterias e das traseiras, que pode ser sobreelevado ou subelevado se bem que quando se verifica o primeiro caso o desnível não ultrapasse um degrau e no segundo caso possa atingir os 0.80m.

O corpo das traseiras é muito vulnerável e sujeitou-se sempre à actualização das práticas como a recollecção da água do poço, a utilização de sanitários, o próprio acto de cozinhar ou de armazenamento de alimentos. É frequente ali encontrar-se a cozinha antiga e a moderna, o cumão -sanitários ligados ao curral e a instalação sanitária, o poço e o depósito de água, o que se por um lado corresponde a alguma anarquia, por outro preserva a(s) memória(s) da casa.

Também neste corpo se identifica uma sala/corredor que corresponde formalmente à do corpo da frente, ainda que se situe noutro plano e tenha um carácter muito mais íntimo, informal e reservado, por onde circulam os criados e se preparam as refeições. É por aqui que se encontram ainda os pavimentos embostados, as paredes sem reboco ou a estrutura dos telhados à vista. É por aqui que se explicitam as duas faces da mesma casa.

As alas dos quartos fazem a ligação entre os corpos anteriormente descritos e são compostos por corredores com vãos sobre o pátio e pelos quartos que podem comunicar entre si.

Por norma a casa-pátio não tem piso superior, é uma casa térrea sobrelevada, com excepção para os casos em que o pátio corresponde à caixa de escada como na casa Menezes Bragança em Chandor e na casa Proença em Calangute, em que há um desnível significativo de terreno como na casa Gama de Verná ou em que há um programa complexo como na casa Gonçalves em Guirim.

A maioria das casas cristãs visitadas apresentam um agregado francamente diminuto face ao que já conheceram, da ordem das duas a cinco pessoas em permanência e abrangendo algum elemento das gerações mais velhas.

É comum as casas terem sido divididas ou encontrarem-se abandonadas entrando em processo de decadência.

## **5 -Caracterização Construtiva**

O conjunto das casas visitadas não apresenta grande diversidade de sistemas construtivos, em especial ao nível estrutural, o que confirma uma certa homogeneidade na prática construtiva, na utilização das matérias e tecnologias por parte de um pessoal, nem sempre da mesma etnia.

É significativo que de acordo com o levantamento de pequenas e médias indústrias apresentado por Alexandre Lobato<sup>113</sup>, se registem em Goa pela década de sessenta cerca de 93

---

<sup>113</sup> Alexandre Lobato in op. cit.

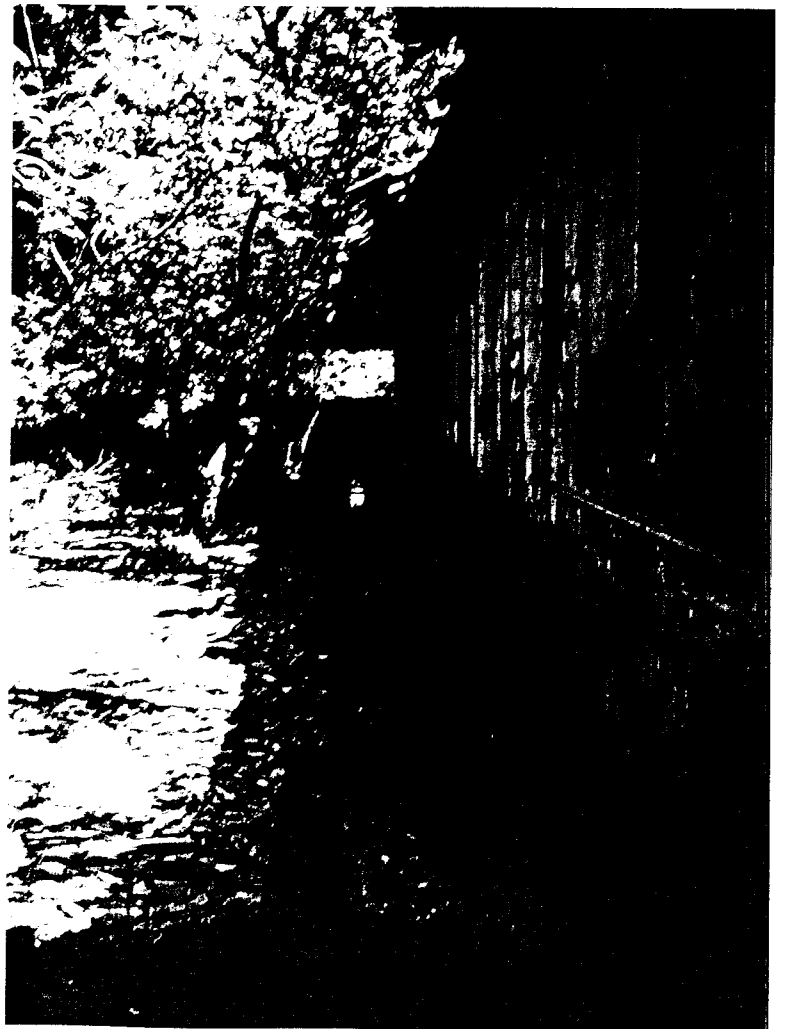


Foto 43 -  
Aspecto dos sanitários antigos (cumão)  
e das saídas para o exterior,  
com ou sem canal de drenagem,  
aonde os porcos vinham-se alimentar.

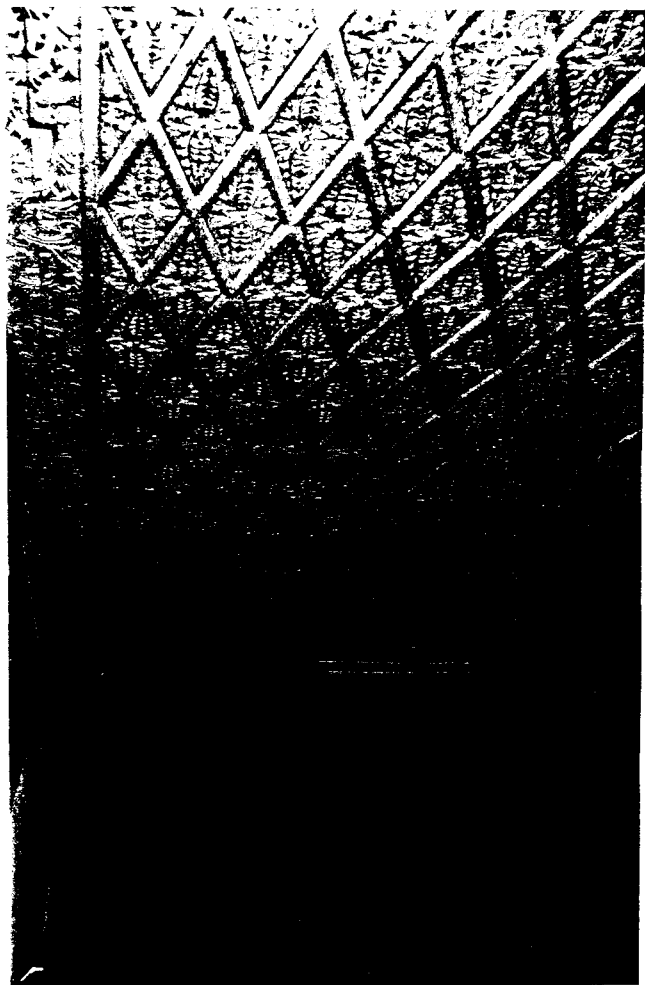


Foto 44  
-aspecto dos tectos decorativos de madeira,  
com aberturas para a ventilação.  
Do lado direito a casa Castilho Noronha (Neura -Ilhas)  
e do esquerdo a casa Cabral Furtado (Nagoá -Salcete).



Foto 45  
-Em cima estrutura à vista de madeira,  
caída para prevenir do bicho,  
da casa Carvalho II (Chandor -Salcete).  
Em baixo, o tecto em caixotão da sala  
da casa Fernandes (Chandor -Salcete).



carpintarias e marcenarias, 62 estâncias de madeira, 19 serralharias, que à excepção destas últimas têm a sua maior representação nas velhas conquistas; 13 cerâmicas, 3 fábricas de telhas e tijolos, 4 olarias, todas em territórios das novas conquistas e 45 fábricas de cal maioritárias também nas velhas conquistas.

Trata-se de um registo isolado, contudo dá-nos uma aproximação da produção a poucos anos da anexação (1961), logo no declínio de muitas actividades, o que nos faz supôr o vigor antecedente.

Além de pujante, a sua grandeza e a sua dispersão levam-nos a admitir um mercado de construção e manutenção muito para além das igrejas, que se concentravam nas velhas conquistas, abrangendo os templos hindus e as habitações em geral.

### 5.1 -Cobertura

Fazendo jus à madeira de que dispunham e cultivavam no interior do território, temos que praticamente todas as estruturas da cobertura eram de madeira, em particular Quinzol (*Terminalia Paniculata*) e Mareta (*Terminalia Tormentosa*), consideradas muito fortes e resistentes e muito comuns nas florestas de Goa<sup>114</sup>.

As vigas eram dispostos na perpendicular às paredes, descarregando nos frechais, colocados sobre as alvenarias. Pontualmente, especialmente para os pátios e zonas interiores, recorria-se a asnas ou a meias-asnas. Sobre esta estrutura, superiormente era aplicado o ripado, de madeira mais macia e assente o telhado em telha de canudo para o canal e para a coberta, que por obrigar a uma manutenção/ limpeza sistemática, levou em muitos casos à sua substituição por uma telha plana<sup>115</sup>.

Inferiormente procedia-se à instalação de um tecto, sempre em madeira que podia ganhar distintas expressões. Esta prática, que podia não ser contemporânea da construção, era mais comum nas salas e quartos enquanto os restantes espaços se mantinham com a estrutura à vista. Encontramos tectos em caixotão ou de masseira<sup>116</sup>, em módulos esculpidos e agregados, simplesmente lisos ou perfurados com efeitos decorativos e também em ripado cruzado produzindo desenhos geométricos.

De uma forma subtil ou mais explícita havia a intenção de recircular o ar, fazendo com que ao subir para o tecto ele pudesse esvair-se pela cobertura, para o que a telha de canudo em muito contribuía. A utilização da telha de Mangalore ao diminuir esta capacidade levou a que se utilizassem telhas de ventilação facilmente detectáveis a partir do exterior e naturalmente de resultados menos proficientes porque menos abrangentes.

Em alguns casos como na casa Mascarenhas em Anjuna, verifica-se uma outra situação alternativa, com uma sequência de orifícios de ventilação sobre a cornija.

A substituição das telhas de canudo pelas de Mangalore justifica-se fundamentalmente pela facilidade da sua manutenção. Com efeito se nas primeiras as frestas eram mais dilatadas, permitiam também a intrusão de insectos ou de outros animais indesejáveis de pequeno porte para além da acumulação de poeiras e de lixos que obrigava a trabalhos periódicos de desmantelação e limpeza das telhas.

<sup>114</sup> D.G. Dalgado, *Flora de Goa e Savantvadi - Catalogo Methodico das Plantas Medicinaes, Alimentares e Industriaes*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, p.72.

<sup>115</sup> Trata-se de uma telha plana do tipo da que entre nós designamos “de Marselha”, mas que por ser produzida em Mangalore, cidade 300 Km. ao sul de Goa, ganha a sua evocação.

<sup>116</sup> Designação usada pela similitude da forma com o tabuleiro de amassadura do pão.

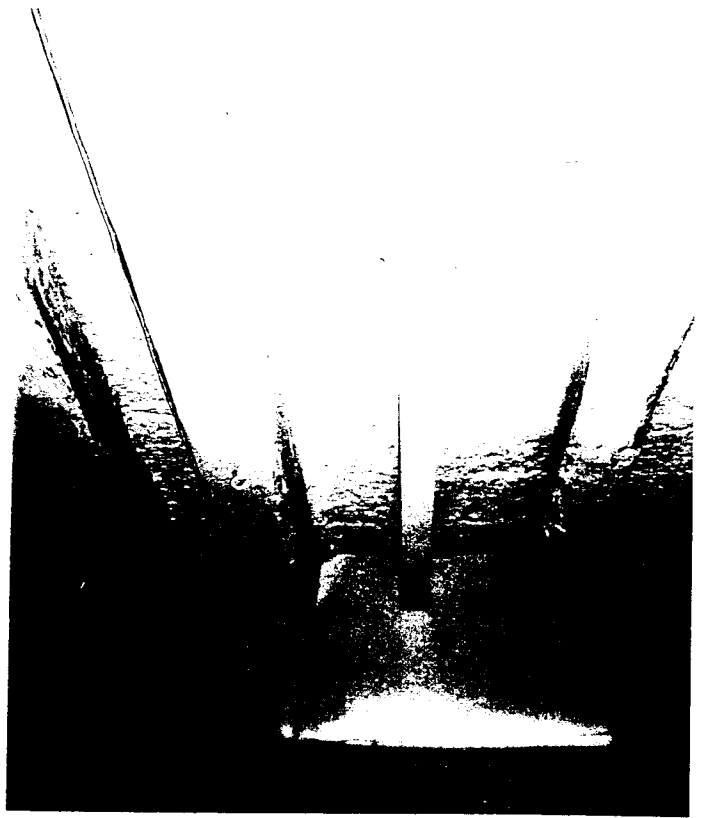


Foto 46  
-Sobrado da casa Gonçalves (Guirim -Bardez)  
com vigamento de madeira  
a suportar o lajedo de laterite.  
Em baixo o tecto  
de grande efeito decorativo  
das escadas principais da mesma casa.

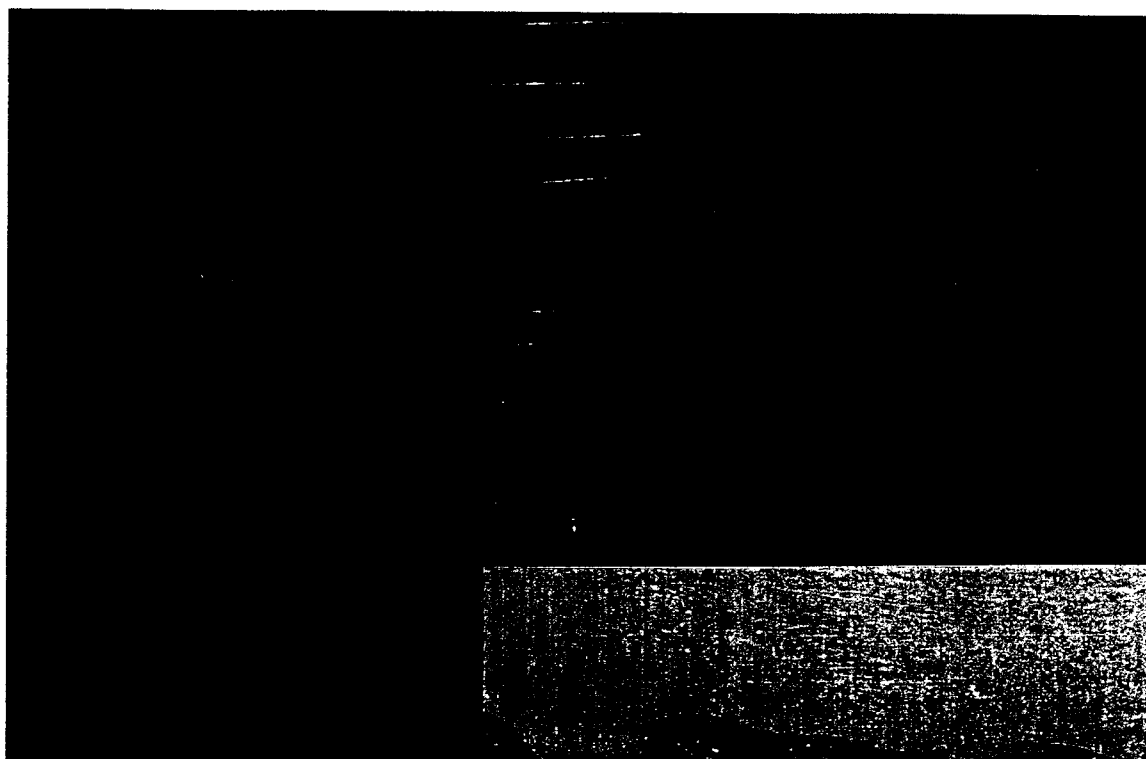
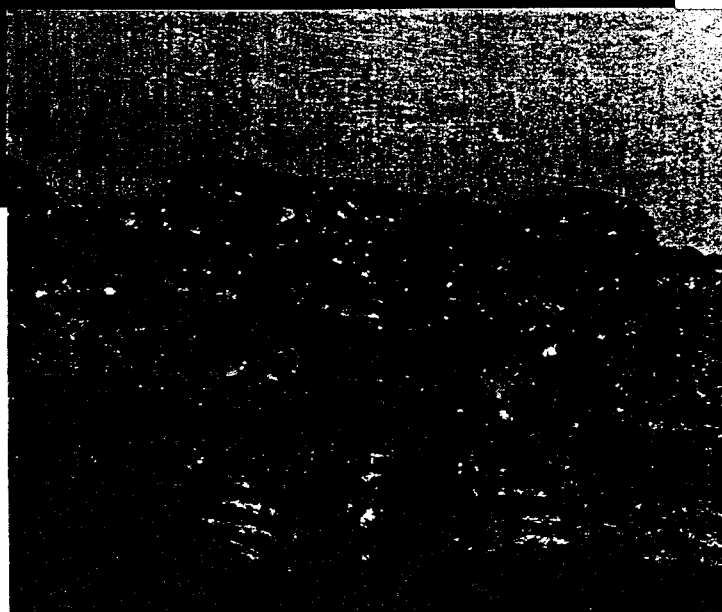


Foto 47

Sob a cornija são visíveis os orifícios de ventilação dos telhados da casa Mascarenhas (Anjuna -Bardez).  
Em baixo o tecto de uma sala da casa Monteiro (Candolim -Bardez) de que se destacam as vigas de travamento dos cantos, profusamente esculpidas com motivos religiosos indo-porugueses (anjo, cachos de uvas, flores de lótus).



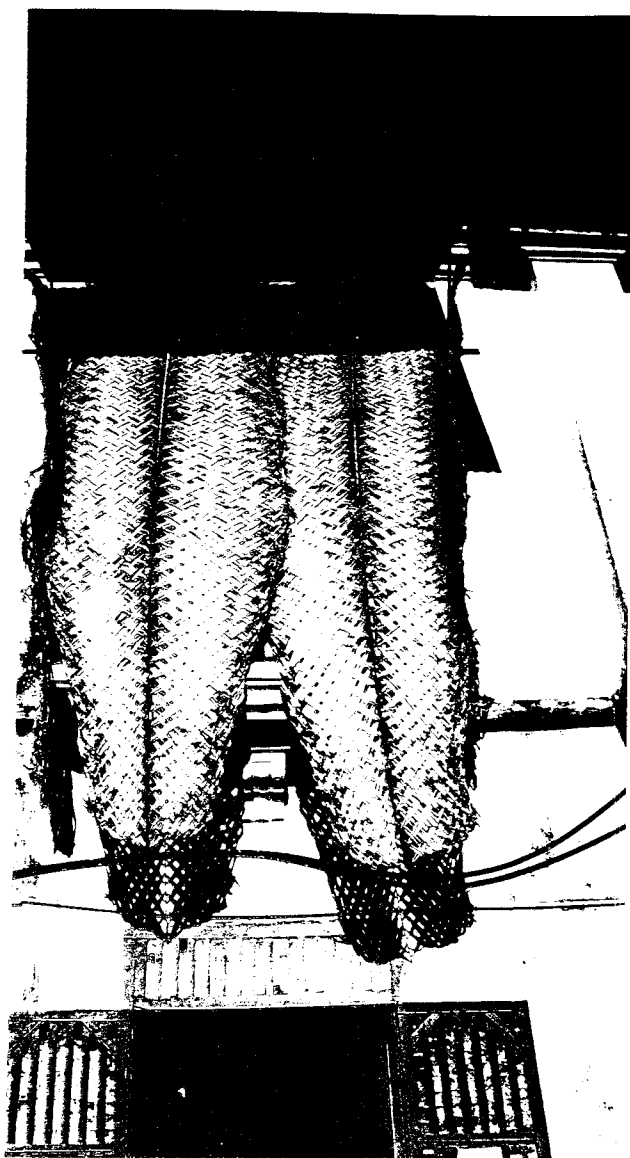
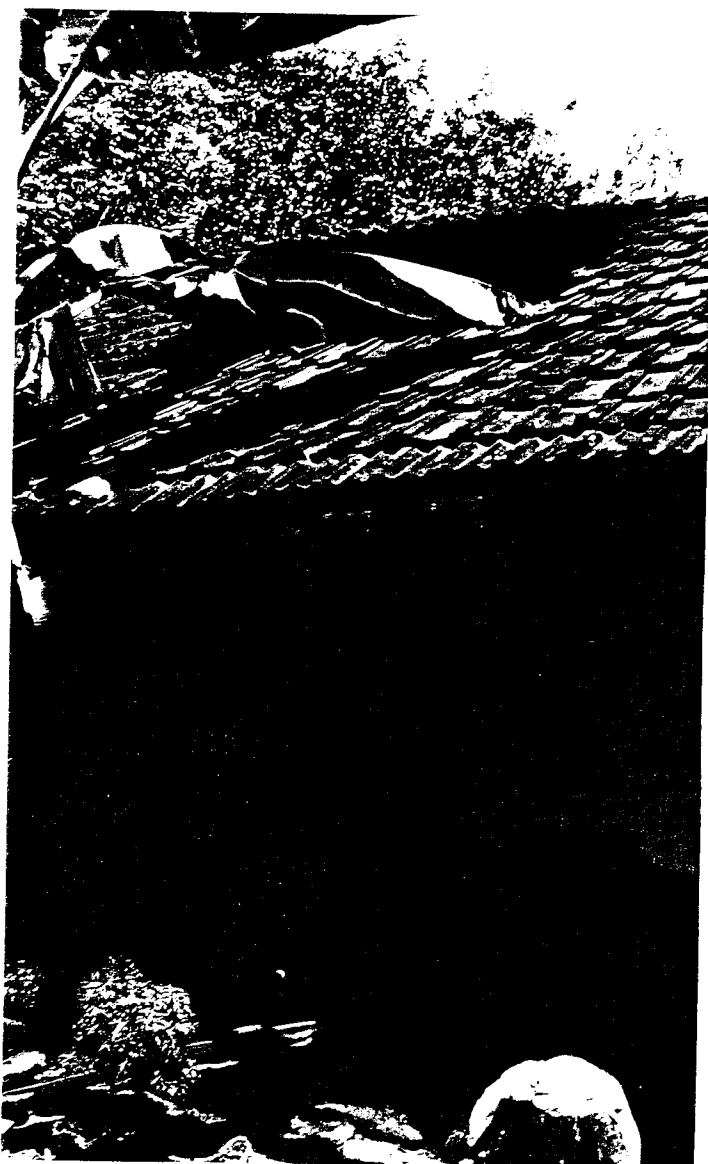


Foto 48

-Abertura do telhado por onde se facilita a extracção de fumos da cozinha.

Esta abertura pode localizar-se em uma das águas ou em ambas, abrangendo ou não a cumeeira (à esquerda).

Por forma a proteger os vãos das violentas chuvas das monções, as casas adoptaram cornijas e beirados salientes, podendo atingir 1.00m como na casa Costa Martins (Assolná -Salcete) (em baixo), ou ainda soluções reversíveis e sazonais como o recurso a chapas onduladas amovíveis ou a olas (folhas de palmeira entrelaçadas) como na casa Piedade Costa (Majordá -Salcete).





A proeminência dos telhados do corpo da frente alia ao efeito de ventilação, o de enaltecimento da casa, dispensado para os restantes corpos. Quer os quartos, quer as zonas de serviço, são zonas francas e permeáveis, raramente encerradas e sem a pretensão de iludirem.

Nelas se sente uma relação directa com o pátio que faculta acima de tudo circuitos de ventilação transversal, para além da eventual ventilação vertical, dependente do tipo de tectos.

Na cozinha, particularmente, onde em muitos casos persiste a telha de canudo à vista (telha-vã), o telhado é ligeiramente levantado por uma armação de madeira, apenas na zona que corresponde ao fogo, promovendo a evacuação dos fumos, insuficiente tal a foligem que as paredes acumulam e apresentam.

Todos os corpos que fecham posteriormente o pátio apresentam assim uma escala reduzida comparados ao corpo principal, evidenciando não apenas a sua unidade de rectguarda, mas a sua identidade face às funções que assimilam.

O beirado e a cornija são outros dos elementos de composição dos telhados das casas-pátio cristãs de Goa, se bem que ao segundo esteja mais associado um efeito decorativo.

Surgem como elementos fundamentais de remate, conferindo aos telhados o desenho de acabamento e contribuindo para proteger da *intemperie* as paredes exteriores.

Em face da proliferação de vãos, simples ou de sacada, à face ou salientes, com molduras e efusivos trabalhos em estuque ou madeira, pressupostos de uma lógica de sedução, advém como primária a necessidade de prover a sua protecção das fortes chuvas das monções e de recatar o interior do sol forte. O alongamento do beirado, duplo ou triplo, com ou sem o auxílio da cornija, pode atingir projecções da ordem de 1.00m, como na casa Costa Martins em Assolná, o que, ainda que dependa da altura de parede, acima das vergas dos vãos, é um contributo assinalável.

Mas a prova da sua insuficiência é-nos manifesta na utilização progressiva de novos sistemas de protecção dos vãos que começam na utilização de olas, passam pela aplicação das chapas metálicas onduladas e culminam na construção de telheiros.

Esta evolução não deixa de ser curiosa na medida em que podemos dizer, pronuncia o estabelecimento da varanda, inicialmente com um telhado autónomo e posteriormente na continuidade da própria casa, como desenvolveremos em capítulo próprio.

## 5.2 -Paredes

É nos resíduos mais antigos ou menos importantes das casas que nos é possível detectar construções em terra, segundo o sistema de taipal como denunciam as juntas dos troços e as marcas das tábuas.

Por indisponibilidade de mão de obra, de recursos, de matéria, por eficiência construtiva, preconceito, moda, é certo que a laterite de há muito conhecida, banalizou-se com a garantia de uma construção mais rápida o que de certa forma justifica a sua farta utilização na Velha Cidade<sup>117</sup>. A maioria das casas adoptou-a para as paredes exteriores e interiores, aparelhada e rebocada com argamassa composta pela própria terra laterítica moída, cal, areia de rio e água.

Os blocos são regulares, conferindo panos uniformes, o que leva a que por vezes não se paramentem superfícies secundárias como as das zonas de serviços, o que também não traz

---

<sup>117</sup> Designação utilizada para a cidade de Goa por oposição à nova cidade - Panjim, que desde finais do séc. XIX se tornou a capital do estado.



Foto 49

-Aspectos diversos de tratamentos plásticos de fachadas, de muros e de guarnecimentos de vãos.

À esquerda a casa Álvares (Margão -Salcete), à direita a casa W. Antão (Arossim -Mormugão) e em baixo a casa Z. Antão (Betalbatim -Salcete).



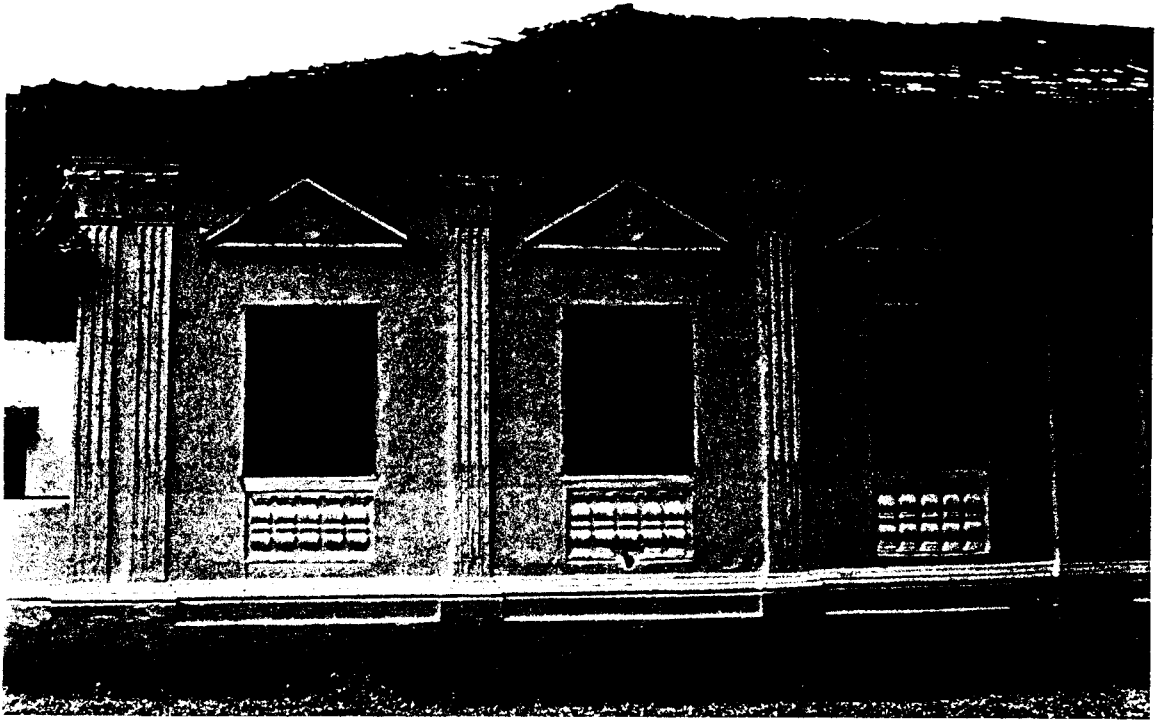


Foto 50  
-Fachada principal da casa Monteiro, datada do séc. XVII,  
exemplo precioso de arquitectura maneirista no panorama das casas de Goa (em cima).  
Em baixo fachada lateral da casa Alemão (Betalbatim -Salcete),  
onde os vãos largos de carepas alternam com pilastras  
que simulam cantaria cinzenta.

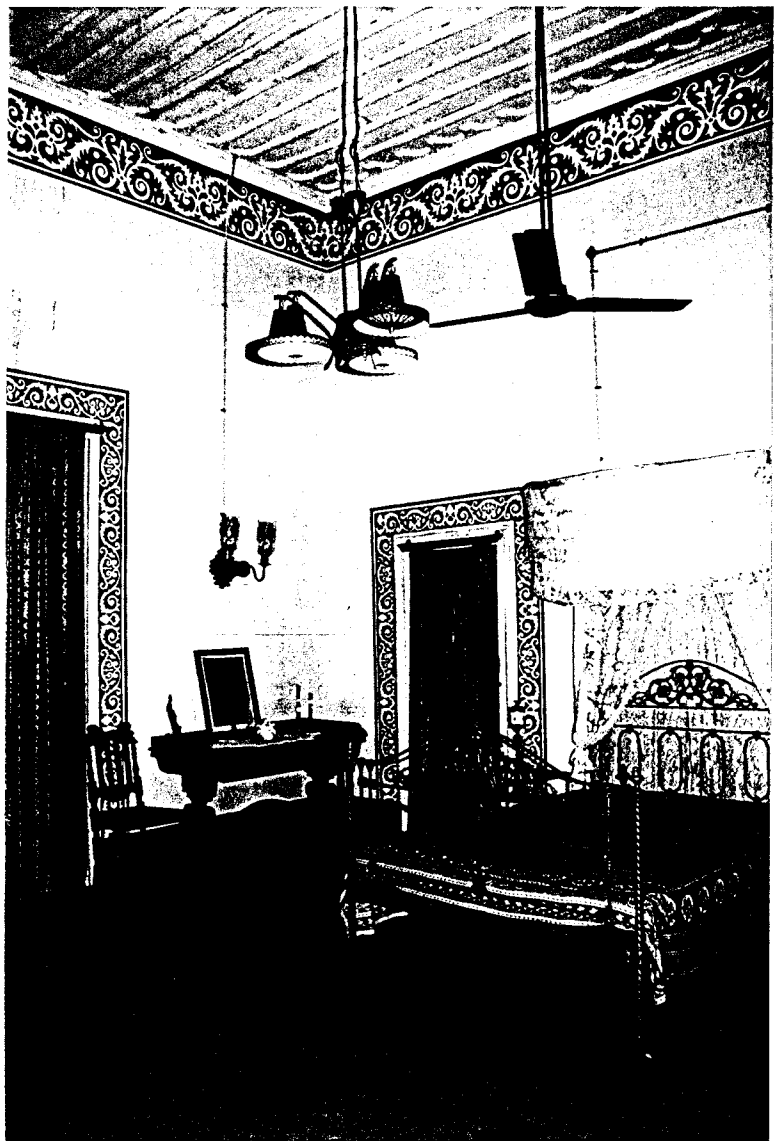


Foto 51  
-Interior da casa Eurico Silva  
(Margão -Salcete).  
As paredes pintadas da sala de visitas  
e do quarto  
simulam o revestimento  
a papel de parede.

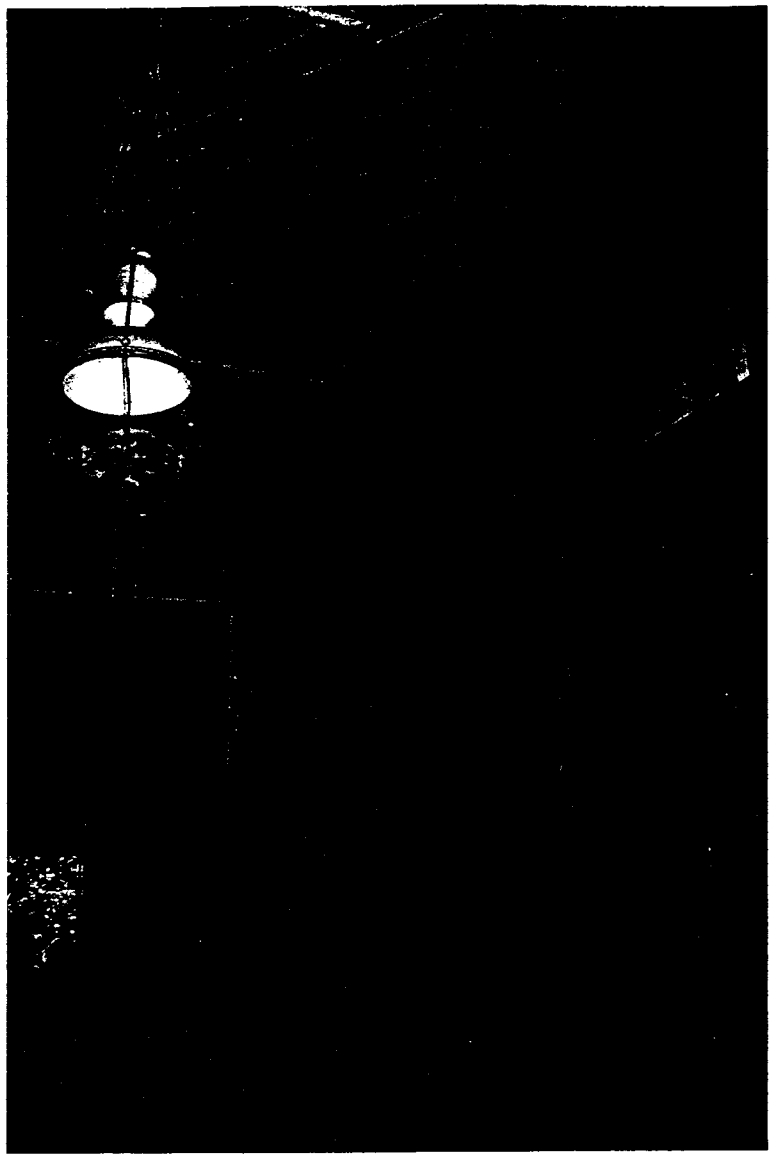


Foto 52  
- Hall de entrada da casa Antão  
(Arossim - Mormugão)  
e salão de baile da casa Menezes Bragança  
(Chandor - Salcete)  
com as paredes marmoreadas.

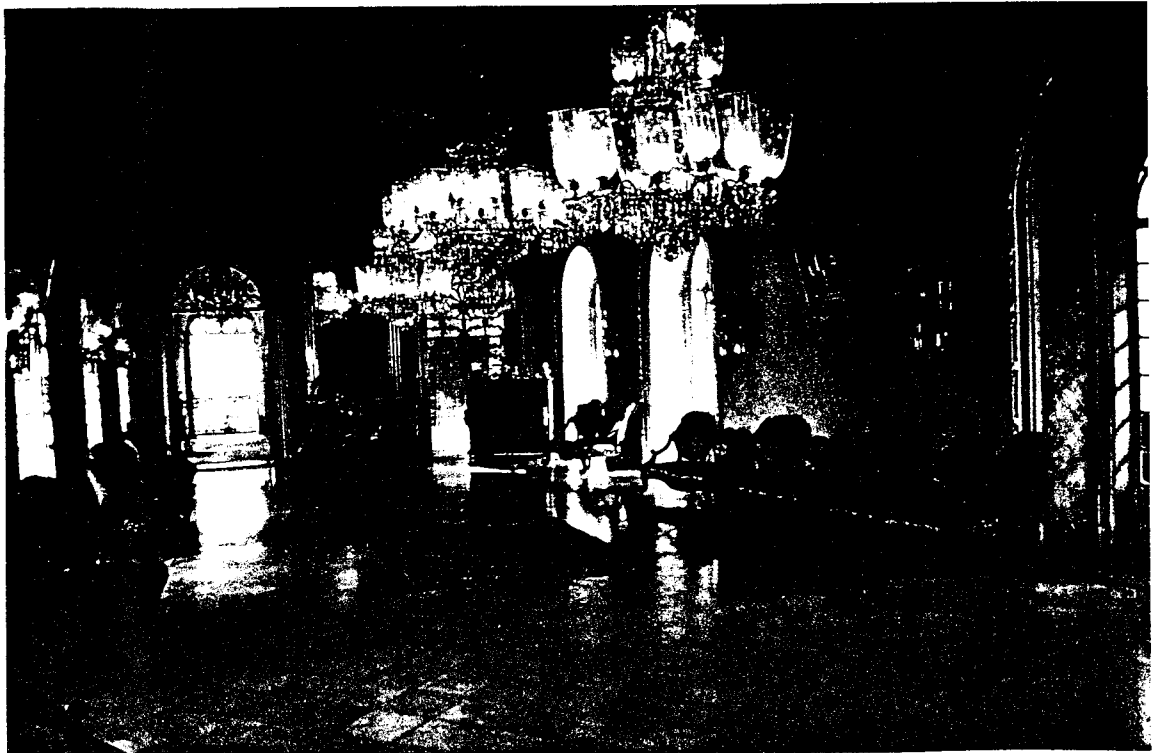




Foto 53  
-Escadaria de acesso  
ao palácio dos Arcebispos  
com lambri de esgrafitados  
(em cima)  
e pormenor de pano de peito  
da fachada lateral direita  
da primitiva casa Figueiredo  
(Loutolim -Salcete).



inconvenientes, já que com a água a laterite tem a capacidade de se tornar ainda mais resistente, libertando-se dos componentes solúveis.

A parede exterior, com realce para a da frente, apresenta-se em regra geral exuberante por meio de uma gramática inédita e diversa que recorre a elementos de composição maneirista (séc. XVII-XVIII) com a alternância janela/pilastra, mas que se pode expressar também com elementos naturalistas, de evocação rocaille (séc. XVIII-XIX) com recurso a grinaldas e folhas a contornarem os vãos ou a envolverem as colunas. Em ambos os casos a presença implícita da temática decorativa das Igrejas e em ambos os casos também o estuque a matéria de suporte integrando-se na composição unicolor ou a tirar partido do contraste que estabelece com um fundo cromatizado, em geral ocre ou ferroso.

Mas enquanto que no exterior o dinamismo das paredes é impresso pelo relevo, ainda que sem recurso a jogos volumétricos, já no interior deparamos com simulações de tecidos, de padrões florais e côres diversas. Na impossibilidade de se forrarem as paredes com tecidos, devido ao rigor do clima, ainda que os houvesse de boa qualidade, optou-se pela sua imitação com a técnica dos frescos e com um molde-padrão de madeira, infinitamente repetido.

Outra técnica decorativa, mais raramente detectável foi a dos esgrafitados. Sobre uma camada de estuque branco é aplicada uma outra com pigmento laterítico e defenido com um estilete o desenho pretendido. Retirada a camada pigmentada excedentária salienta-se a anterior e obtem-se a composição bicromática<sup>118</sup>.

Há em todos os casos observados uma certa similitude compositiva com a azulejaria que radica fundamentalmente no efeito produzido para o que muito contribui o local do suporte. A escadaria do Palácio dos Arcebispos na Velha Cidade, o lambri da sala da casa dos Monteiro em Candolim, os exteriores da casa Boruskar em Borus ou as sacadas da primitiva casa dos Figueiredo em Loutolim são suportes interiores e exteriores onde encontramos esgrafitados de temas distintos mas que se concentram na primeira metade do séc. XVII. Se nos dois primeiros casos deparamos com motivos vegetalistas estilizados, nos restantes assinalam-se elementos figurativos e mesmo emblemáticos, como no caso da casa dos Figueiredo.

É provável que esta técnica tivesse sido profusamente usada nas casas cristãs, mas sempre que a manutenção das superfícies não se tenha feito apenas através da caiação, procedia-se ainda que inocentemente, ao seu sacrifício.

Interiormente também e na tradição das casas hindus recorre-se com frequência a divisórias de madeira, encimadas por alguns elementos decorativos, que não atingem o tecto, particularmente em compartimentos longos.

### **5.3 -Fundações e Pisos**

As fundações são em termos construtivos idênticas às descritas para as casas hindus, com a diferença que a plataforma não é significativamente sobre-elevada.

Encontrada a rocha laterítica do solo, procede-se à construção de uma plataforma de regularização delimitada por blocos de laterite aparelhada e enchida com laterite bruta de granulometria díspare e terra compactada.

---

<sup>118</sup> Ver José Pereira in *Baroque Goa - The Architecture of Portuguese India*, New Delhi, ed. Books and Books, 1995, p.120.



Foto 54

-Três expressões frequentes de embasamentos das casas de Goa:  
janela falsa do piso térreo da casa Menezes Bragança/ Bragança Pereira (à esquerda),  
soco decorativo camuflado pelo jardim na casa Abílio Noronha. (Neurá -Ilhas) (à direita)  
e socio com expressão tridimensional da casa Loyola Furtado (Chinchinim -Salcete).





Foto 55  
-Pavimentos de madeira:  
soalho aplicado em ponto da Hungria  
(casa Eurico Silva, Margão)  
e soalho pintado simulando *parquet* (em baixo)  
com diferentes tonalidades de madeira  
(casa Menezes Bragança, Chandor).

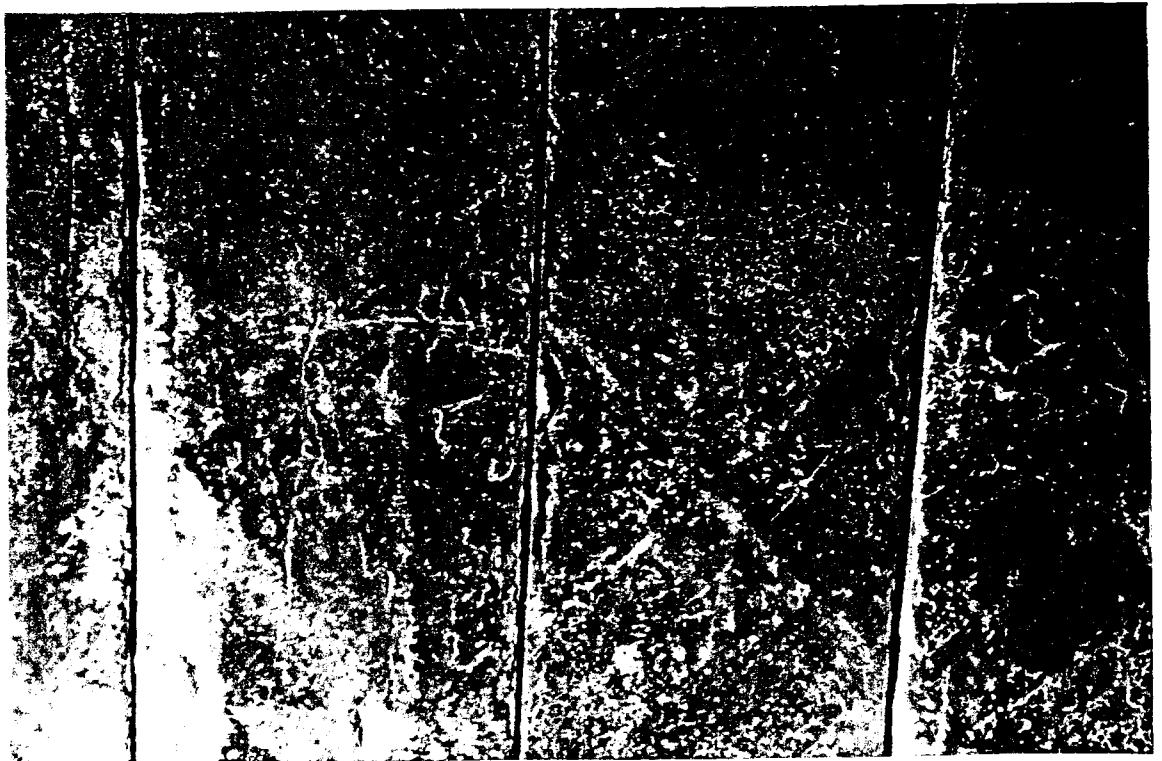




Foto 56  
-Pavimentos de *argamassa*  
(composição à base de cal, jagra de cana e cairo)  
pigmentada.  
Casa Costa Martins  
(Assolná -Salcete) (em cima)  
e casa Heliodoro Costa (Cuelim -Mormugão).



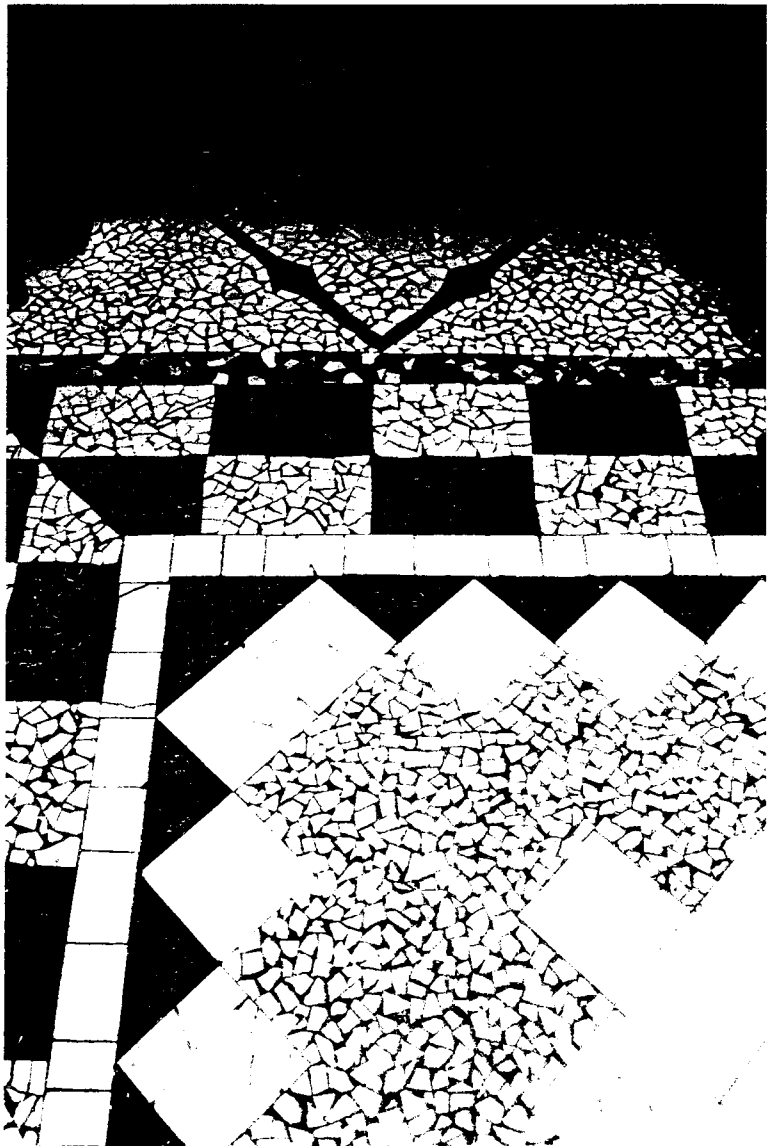


Foto 57  
-Pavimento  
em lajedo regular de pedra  
nos corredores  
e inédita composição  
de embrechado e azulejo  
na sala de refeições  
da casa Velho Pereira  
(Benaulim -Salcete).



Fig. 38 -Interior de uma casa goesa de acordo com uma iluminura do séc. XVIII (43).

Ainda que o terreno seja plano é requerida sempre a instalação da plataforma que pode atingir cotas próximas dos 2.00m. Ficando à vista este soco será objecto de um tratamento plástico diferenciado para cada caso mas que podemos agrupar em três formas tipo:

-(i) liso ou com baixo-relevo, caiado com um contínuo de arbustos que atenuam e preenchem a sua nudez (ex: casas Noronha em Neurá -Ilhas);

-(ii) marcado por vãos falsos que simulam um andar térreo e são essenciais para a composição da fachada. Caso frequente nas casas-pátio sobradadas em que a entrada se faz pelo piso inferior. (ex: Casa Menezes Bragança em Chandor -Salcete);

-(iii) elaborado a três dimensões, com efeitos decorativos -saliências e reentrâncias ou com colunelos sobrepostos a uma parede lisa, projectando nela as suas sombras e apurando uma interessante dinâmica de contrastes (ex: casa Loyola Furtado em Chinchinim -Salcete).

Se hoje somos confrontados com pavimentos de produção industrial ou semi-industrial como atestam os mosaicos hidráulicos, alguma sorte de tijoleiras ou as próprias betonilhas coloradas e esquarteladas, é facto que não eram estes os materiais de revestimento tradicionais. Então eram comuns:

-(i) os soalhos de madeira com estereotomias e execuções primorosas de bemteka (*L. Parviflora*) ou teca (*Tectona Grandis*), de que ainda se podem ver interessantes amostras nas salas das casas Silva de Margão (ponto da Hungria) ou Figueiredo de Loutolim.

A casa Menezes Bragança apresenta ainda um pavimento insólito em que sobre o soalho de madeira corrida, são simulados módulos de “parquet”, em que se assinalam pela tonalidade diferentes qualidades de madeiras;

-(ii) os pavimentos de *argamassa* -termo utilizado para designar uma mistura de cal, areia, cal, jagra de cana e ovos, de grande uniformidade e com elementos decorativos colorados, como ilustram ainda as casas Costa Martins em Assolná e Correia em Cuelim;

-(iii) os embrechados -cacos cerâmicos embebidos em argamassa e comendo desenhos de grande efeito decorativo. A origem da sua prática não é clara. É provável que a sua utilização tenha começado por aproveitar os restos da louça partida durante as viagens náuticas, que se tenha estabelecido um mercado próprio e que implicava também os outros navegadores europeus. Vários proprietários nos deram como certa a origem europeia dos cacos, não sendo também de excluir a proveniência da China por via de Macau. No livro “Palácios de Goa”<sup>119</sup>, o autor reproduz uma iluminura da Escola do Decão, datada do séc. XVIII, com o interior de uma casa goesa onde são evidentes os embrechados e os marmoreados nas paredes e a “argamassa” no pavimento;

-(iv) a tijoleira cerâmica tradicional de forma quadrada e usada especialmente em zonas semi-interiores;

-(v) os pavimentos de bosta, cinza de casca de côco e água renovados periodicamente e utilizados nas zonas de serviços ou de armazenamento de colheitas. Para além de serem confortáveis ao descalço andar dos criados e frescos, a estes pavimentos era incorporado fenol ou cal que lhes conferia propriedades desinfectantes.

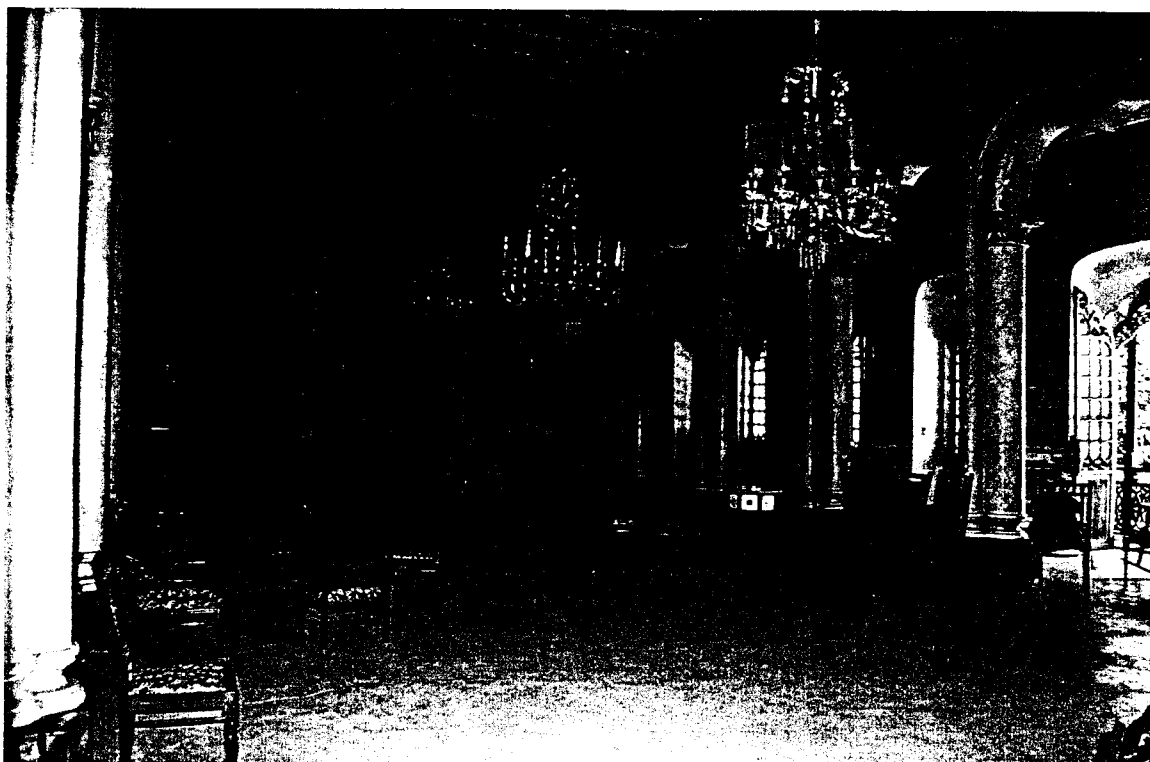
#### 5.4 -Vãos

Amplamente rasgados, os vãos das casas cristãs assumem-se como elementos decorativos susceptíveis de enaltecer a habitação tanto do exterior como do interior. São mais exuberantes os vãos da frente, quase sempre de sacada, decrescendo a sua importância e

<sup>119</sup> Helder Carita, in op. cit. p.153.



Foto 58  
-Aspecto da galeria  
e da sala que lhe é contígua  
-casa Loyola Furtado  
(Chinchinim -Salcete).



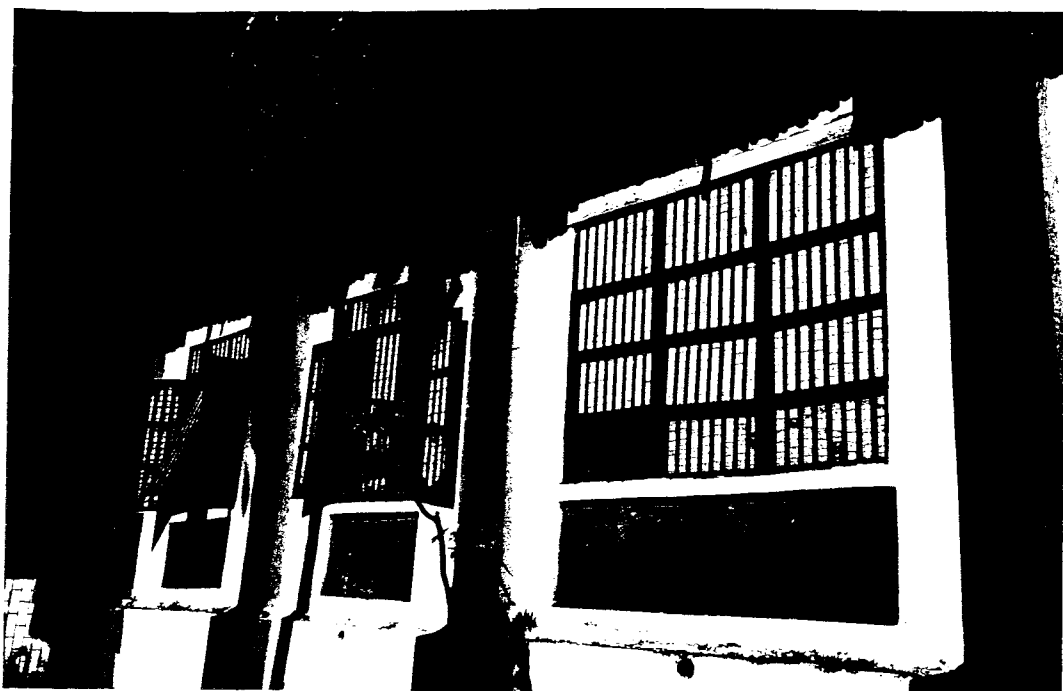


Foto 59  
-Janelas de carepas: em cima sistema de guilhotina,  
pivotante e basculante na casa Costa Martins  
(Assolná -Salcete)  
e em baixo sistema de correr  
na casa Costa Frias (Candolim -Bardez).

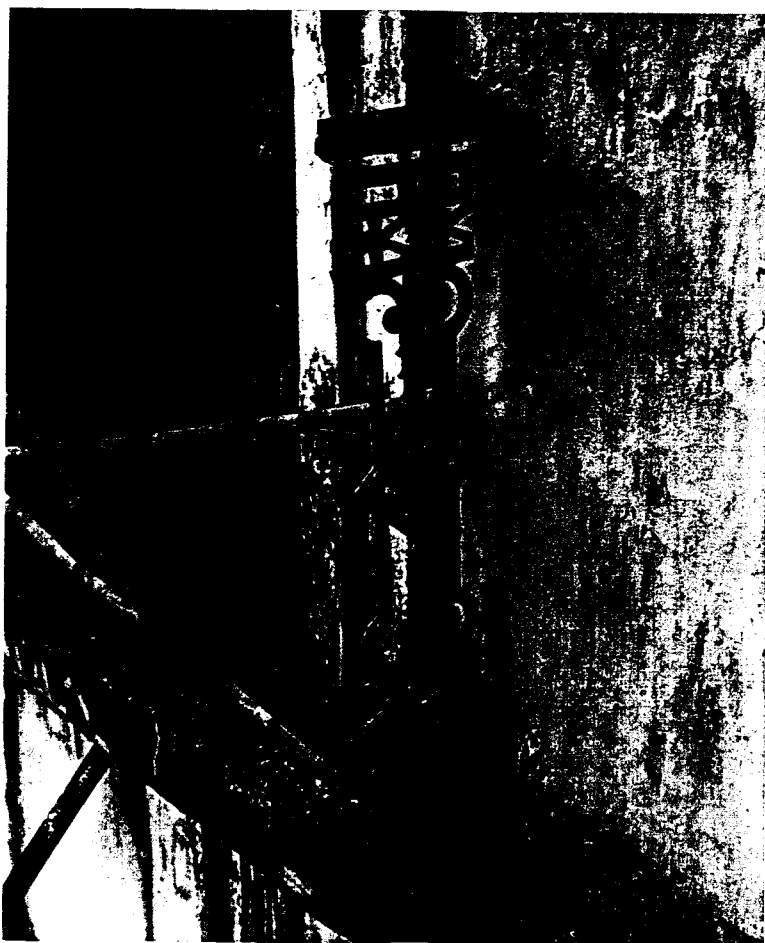


Foto 60  
-Tranca de madeira  
que corre no interior da parede  
(casa Lima Fernandes, Chorão -Ilhas).  
Em baixo,  
vestígio de gradeamento de ferro fundido  
em varanda de sacada  
no Palácio dos Arcebispos (Velha Cidade -Ilhas).



dimensão até às traseiras onde podemos encontrar pequenas janelas com portadas ou apenas com grades. Este facto compreende-se pelas funções de cada uma das áreas mas também pela utilização dos mesmos por culturas distintas - cristã e hindu respectivamente.

O seu efeito interior atinge especial relevância nas casas Menezes Bragança/Bragança Pereira (Chandor -Salcete) e Loyola Furtado (Chinchinim -Salcete). Em ambas uma galeria filtra a luz em antecipação às salas, constituindo uma cintura luminosa que potencia o espaço interior para além de o beneficiar termicamente.

As janelas de sacada apresentam-se sob diversas formas para além da ortogonal simples e mais antiga, podendo conter arcos *quebrados*, *de volta perfeita*, *contracurvados*, *trilobados* ou mesmo *ultrapassados*, que encontram referências em estéticas revivalistas do séc. XIX.

Acompanha estes efeitos a extrema fracção do vidro ou mesmo a utilização de vidro de côr que imprime um carácter que desvincula a construção a qualquer referência na medida em que a submete a todas.

As janelas são na sua maioria pivotantes simples ou de sacada, sendo detectáveis em conjuntos mais antigos ainda as formas de guilhotina ou de correr estritamente ligadas à utilização de carepas. A casa Costa Martins (Assolná -Salcete) e a casa Rodrigues (Aldoná -Bardez) apresentam ainda janelas de guilhotina enquanto a casa Costa Frias (Candolim -Bardez) apresenta as de correr.

Toda a estrutura dos vãos (soleira, ombreiras e padieira) é de madeira e encontra-se embebida na alvenaria com as reentrâncias necessárias aos *pivots* das portadas. Também o caixilho, o aro e as portadas são vulgarmente em madeira de teca, podendo a janela, ou as portadas, quando de sacada dividirem-se no peito e funcionarem autónomamente, conferindo maior protecção.

As janelas foram desde sempre um dos elementos construtivos que impressionavam os viajantes europeus pela sua originalidade e efeito decorativo. Apesar da maioria dos vãos das casas visitadas ter hoje vidro, anteriormente este material era substituído por carepas (madrepérola) que cortadas à dimensão média de 60mmx50mm eram enfiadas em escama entre régua de madeira que compunham o caixilho. O rendilhado exterior ou a luz difusa e amarela do interior são memórias que as casas guardam nas poucas janelas que ainda restam com este sistema. De manutenção difícil a substituição de uma peça é sempre dificultada pela necessidade de remover todas as que a antecedem.

As portas são de dois batentes em tábuas de madeira de bemteka (*L. Parviflora*), aparada e ligada por encaixe do tipo macho-fêmea, com fechos e dobradiças em ferro.

Todas as portas e janelas de sacada possuem uma tranca que consiste num paralelepípedo de madeira maciça com uma secção média de 0.10m que é recolhida dentro da parede.

## **5.5 -Elementos Complementares**

Os gradeamentos são porventura os elementos decorativos mais preponderantes de uma fachada, atendendo ao espaço que ocupam. Encontram-se elementos que evocam as casas hindus como balaústres, prumos quadrangulares aplicados na diagonal mas são os módulos decorativos de madeira que surpreendem pelas suas capacidades e divulgação.

Como forma de simular os gradeamentos em ferro fundido, de que aliás ainda encontramos vestígios no Palácio dos Arcebispos em Velha Goa, eles aparecem reproduzidos à dimensão desejada e em função do plano de vedação.

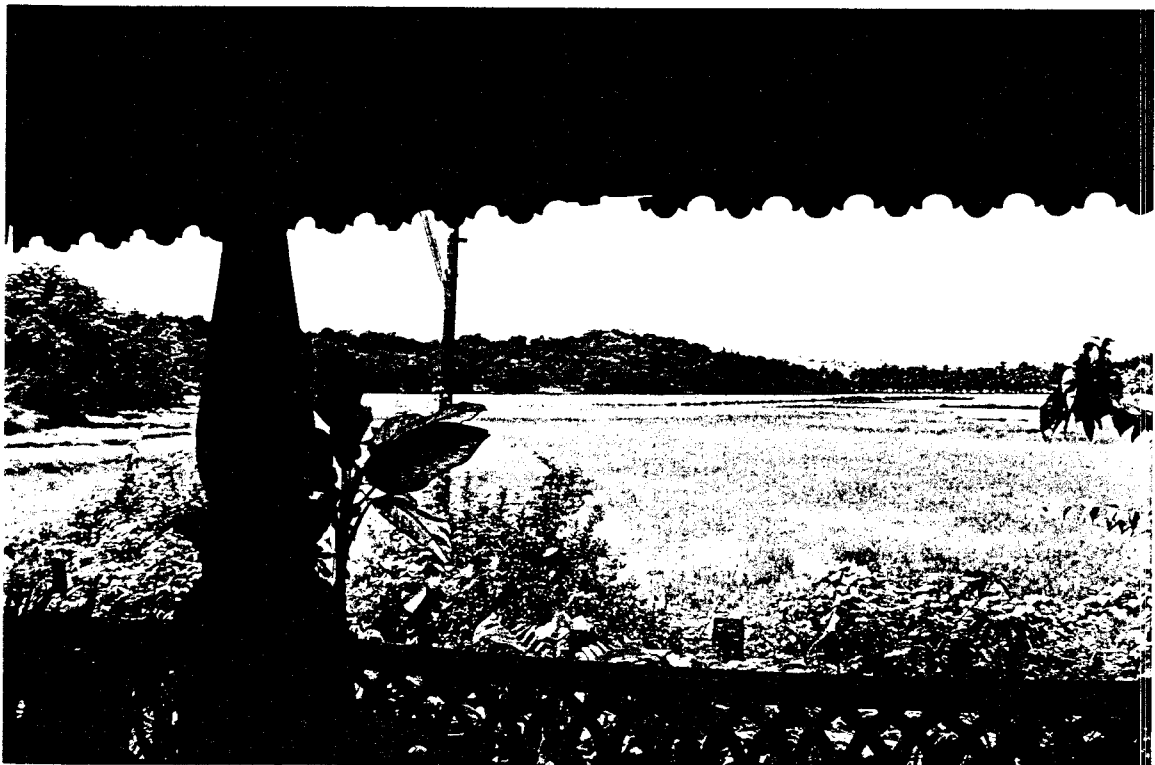


Foto 61 -Guardas com módulos decorativos de madeira e elementos de cerâmica vidrada. Em baixo friso decorativo de madeira para remate dos topos das vigas do telhado (casa Lima Fernandes, Chorão -Ilhas).

Os módulos apresentam-se com medidas médias da ordem dos 0.85mx0.30mx0.04m, ficavam presos ao pavimento por uma calha em madeira cujas arestas eram rematadas por ripas em meia-cana. Superiormente o corrimão assegurava o alinhamento.

Os motivos eram diversos concentrando-se sobretudo em temas vegetalistas e geométricos, a que podiam ser apensos elementos soltos, como pequenos florões, evidenciados com a pintura.

Em Anjuna e Chandor, respectivamente Bardez e Salcete, podemos constatar a utilização de tijolos quadrados em cerâmica vidrada (0.20mx0.20mx0.08m) para agregados preencherem vãos de sacada ou de muros. A presença de temas chineses como o dragão levamos uma vez mais a remeter a sua origem para Macau, com que Goa sempre teve relações estreitas.

A fim de que o topo do vigamento das varandas não ficasse à vista utilizava-se frequentemente uma tábua de madeira recortada com efeitos decorativos, que com a sua silhueta promovia o enquadramento da paisagem a partir do interior, como atesta a casa Lima Fernandes em Chorão.

## 5.6 -Os Pátios

Encaravam-se na mesma casa -já o dissemos, dois mundos distintos: o dos proprietários e o dos que os serviam.

Esta dicotomia manifesta-se no tratamento volumétrico da frente e das traseiras, nas coberturas e tectos, nas alvenarias, nos pavimentos, nos vãos, mas permanece alheia ao pátio -núcleo da casa, que não perde por isso a sua unidade.

Com utilizações distintas o pátio surge na casa cristã associado a uma necessidade climática, a uma conveniência de programa no respeito por um tipo de construção com que os hindus estavam particularmente familiarizados e como resultado da agregação de edifícios ao longo do tempo, no que designamos de pátio cumulativo em contraponto com uma concepção de origem.

Procuramos aqui agrupar, enunciar e caracterizar os modelos mais comuns como forma de conhecimento e meio de análise identificando-os segundo a forma e a função.

Considerando o pátio um “*recinto murado e descoberto no interior de um edifício ou rodeado por vários edifícios*”<sup>120</sup> temos no nosso caso, que nem sempre os edifícios o contornam na íntegra, deixando que um muro o faça, ou abrindo-se simplesmente para o restante terreno da propriedade.

Nestes particulares temos em vez de um pátio fechado, um pátio que designaremos de aberto, em “L” ou em “U”, que pode corresponder ou não a um estádio evolutivo.

Considerem-se assim as seguintes designações e os respectivos exemplos relativamente à forma:

- **Pátios em “L”** -os pátios em que o construído se dispõe em dois corpos perpendiculares a partir de uma das extremidades de ambos: casa Mascarenhas (Baga - Bardez); casa Costa Frias (Candolim -Bardez); casa F. Miranda (Loutolim -Salcete); casa Monteiro (Candolim -Bardez);

<sup>120</sup> Maria João Madeira Rodrigues, Pedro Fialho de Sousa, e Horácio M. P. Bonifácio, *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra, ed. Quimera, 1990. p.209.



Foto 62 -Pátios em “U” com uma ala proeminente.  
Casas Lima Pereira (Benaulim -Salcete) (em cima) e Monteiro (Assolná -Salcete) (em baixo).  
Nesta última realçe para a varanda do alçado tardoz, a lembrar as galerias hindus sobre os pátios.

- **Pátios em “U” com uma ala proeminente** -os pátios em que o construído primitivo se dispõe em três corpos, dois dos quais perpendiculares ao primeiro nas suas extremidades. A um destes é agregado um corpo de serviços, distinto em escala e tratamento, que prolonga a sua ala: casa Lima Pereira (Benaulim -Salcete); casa Monteiro (Assolná -Salcete)

- **Pátios em “U”** -os pátios em que o construído primitivo se dispõe em três corpos, dois dos quais perpendiculares ao primeiro nas suas extremidades: (a) casa Gonçalves (Guirim -Bardez); (b) casa Mesquita (Panjim -Ilhas); (c) casa Francisco Maria de Sousa (Velsão -Mormugão); (c) casa Sequeira Nazareth Fernandes (Panjim -Ilhas); (e) casa Pereira e Silveira (Naroá -Ilhas); (f) casa Filipe Abranches (Verná -Salcete); (g) casa Gomes (Guirdolim -Salcete); Em (a), (b) e (c) a frente da casa corresponde ao troço central do “U”, enquanto que nos restantes casos corresponde a uma das abas da letra.

- **Pátios fechados (em □) de origem** -os pátios em que há coerência de desenho e de construção pelo que corespondem à origem da casa, a uma intenção ou projecto inicial:

(i) com galeria circundante aberta, quando na galeria é maior a superfície de vãos do que de nembos: casa Saldanha (Mapuçá -Bardez); casa Ribeiro (Porvorim -Bardez); casa Frias Pinto (Socorro -Bardez); casa Lima Fernandes (Chorão -Ilhas); casa Teófilo Vaz (Benaulim -Salcete); casa Alemão (Betalbatim -Salcete); casa Fernandes (Chandor -Salcete); casa Menezes Bragança/ Bragança Pereira (Chandor -Salcete); casa Colaço (Margão -Salcete); casa Loyola (Orlim -Salcete);

(ii) com galeria circundante fechada, quando na galeria é maior a superfície de nembos do que de vãos: casa Rebelo, casa Sousa, casa Gama Pinto (Anjuna -Bardez); casa Gama (Moirá -Bardez); casa H. Costa, casa Correia (Cuelim -Mormugão); casa Antão (Arossim -Mormugão); casa Carvalho II (Chandor -Salcete); casa Godinho (Majordá -Salcete); casa Eurico Silva (Margão -Salcete); casa Furtado Cabral (Nagoá -Salcete);

(iii) com aposentos sobre o pátio, quando as alas, transversais à frente da casa, não são apenas de circulação mas de permanência: casa Mascarenhas (Anjuna -Bardez); casa A. Proença (Calangute -Bardez); casa Lemos (Sinquerim -Bardez); casa E. Pereira, casa Pereira (Benaulim -Salcete); casa Figueiredo (Loutolim -Salcete).

- **Pátios fechados (em □) por cumulação** - os pátios em que é evidente a agregação de *edifícios* diferenciados pelo tipo de construção e pelo desenho da planta): (a) casa A. Pinto (Calangute -Bardez); (b) casa A. Noronha, (c) casa R. Noronha (Neurá -Ilhas); (d) casa Menezes (Curtorim -Salcete); (e) casa Velho Pereira (Benaulim -Salcete). As casas (c) e (e) apresentam-se com galeria na maioria do troço circundante enquanto as restantes têm os aposentos sobre o pátio.

- **Pátios que resultaram da reformulação da casa, da construção de uma nova frente** -os pátios em que em face de uma casa modesta ou exígua e de acordo com a disposição social e económica da família em determinada época procedeu-se à construção de um novo bloco que com excepção para o caso (a) se reduz ao corpo da frente e encerra pátios estreitos com o eixo maior paralelo à fachada. Correspondem em regra geral a ampliações da primeira metade do séc.XIX: (a) casa Gama Menezes (Calangute -Bardez); (b) casa P. Fernandes (Chandor -Salcete); (c) casa Costa Martins, (d) casa Vaz (Assolná -Salcete); (e) casa Antão (Betalbatim -Salcete); Se em (a) os aposentos dão sobre o pátio em (b) e (c) existe uma galeria circundante fechada e em (d) e (e) uma galeria circundante aberta.

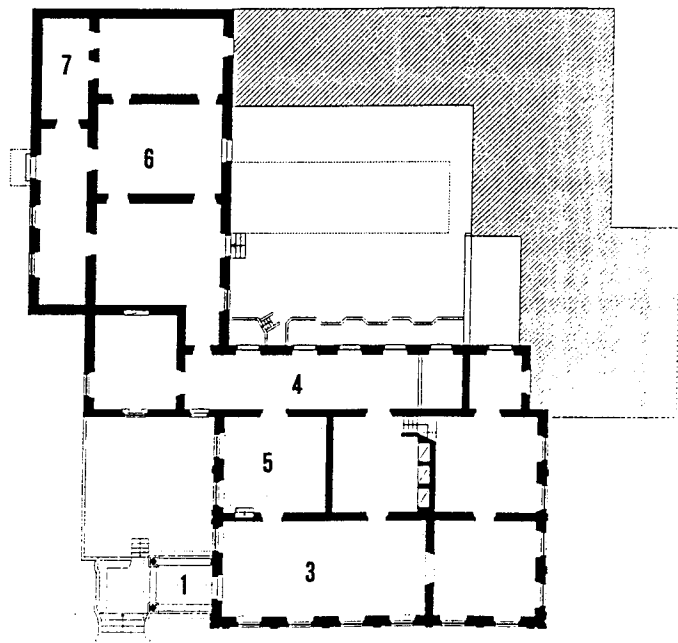
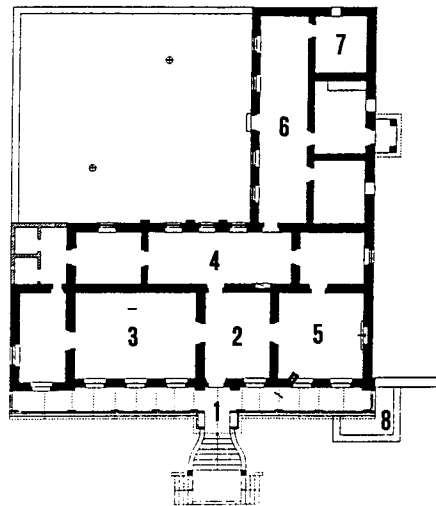
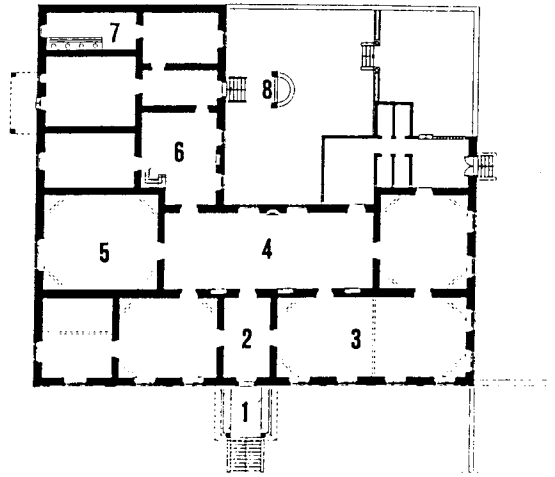


Fig. 39  
 -Plantas de casas-pátio com pátios em "L".  
 De cima para baixo: casas Costa Frias  
 (Candolim -Bardez) (44),  
 F. Miranda (Loutolim -Salcete) (45),  
 G. Monteiro (Candolim -Bardez) (46). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall;  
 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela;  
 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

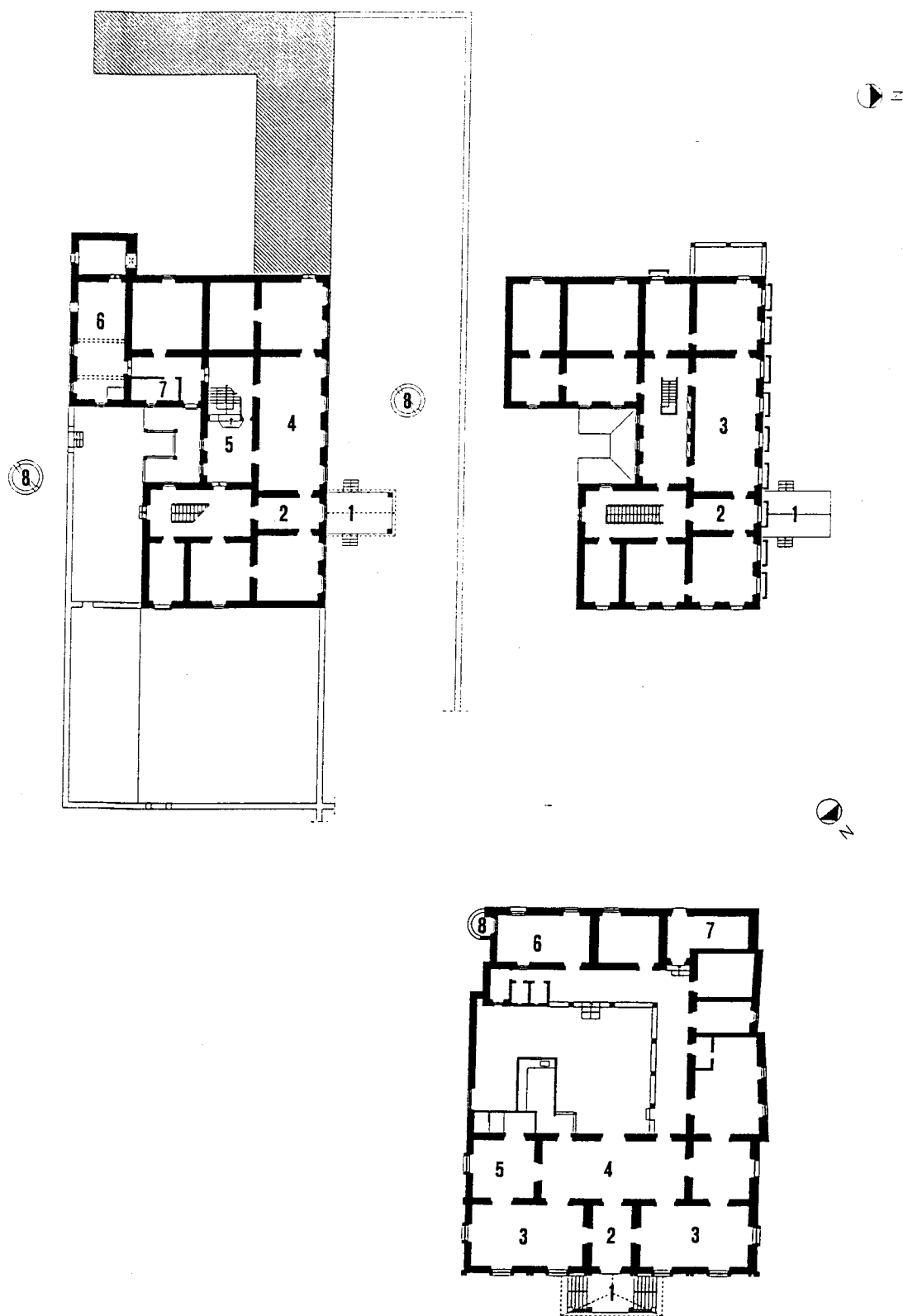


Fig. 40 -Plantas de casas-pátio com pátios em "U". De cima para baixo: casas Gonçalves (Guirim -Bardez) (pisos 0 e 1) (47) e Sequeira Nazareth (Panjim -Ilhas) (48). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

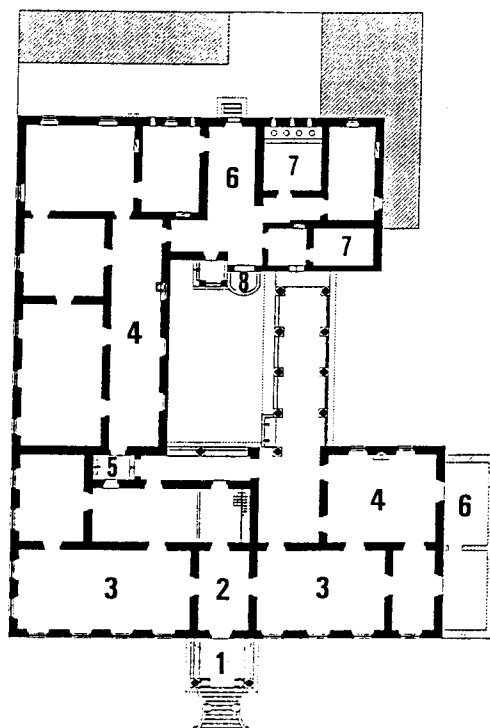
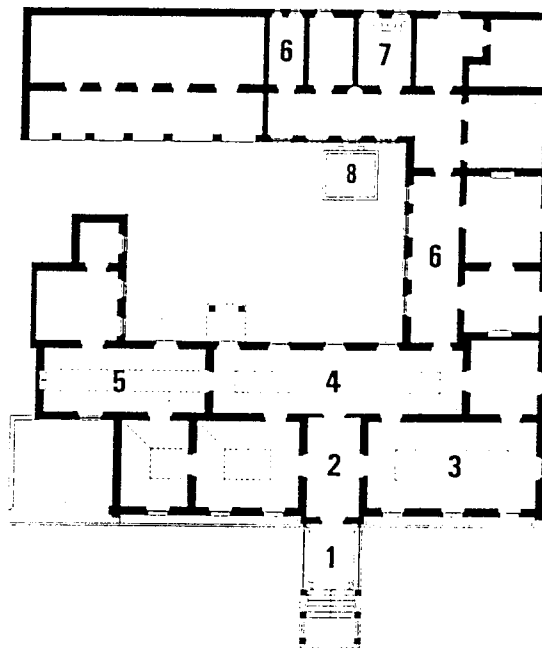


Fig. 41 -Plantas de casas-pátio com pátios em "U". De cima para baixo:  
 -casas Filipe Abranches (Verná -Salcete) (49) e Gomes (Guirdolim -Salcete) (50). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela;  
 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.



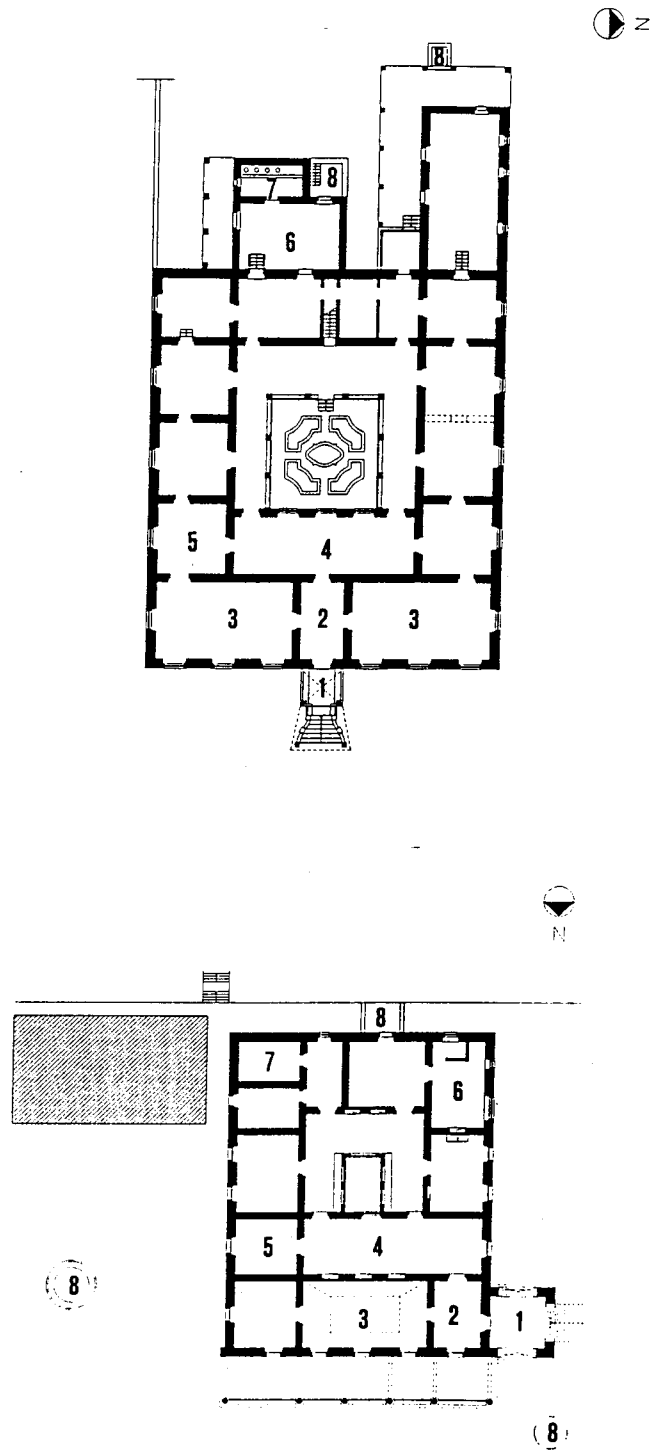


Fig. 42 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante aberta. De cima para baixo: casas Frias Pinto (Socorro -Bardez) (51) e Lima Fernandes (Chorão -Ilhas) (52). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

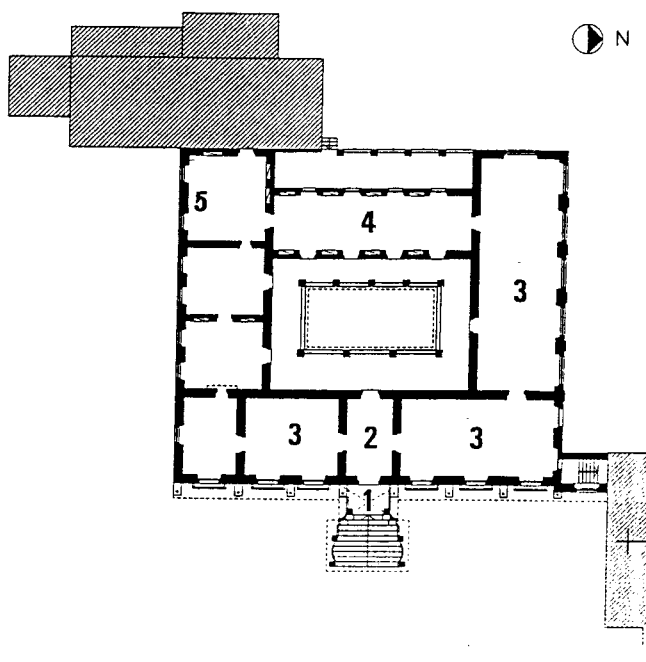
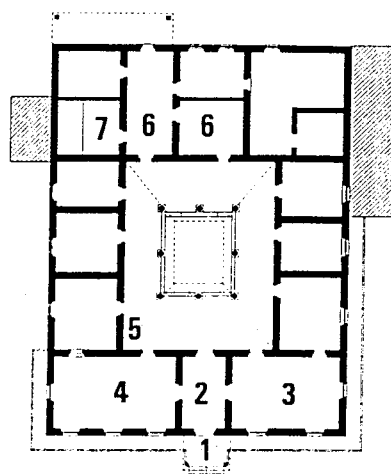


Fig. 43 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante aberta. De cima para baixo: casas Teófilo Vaz (Benaulim -Salcete) (53) e Teotónio Alemão (Betalbatim -Salcete) (54). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

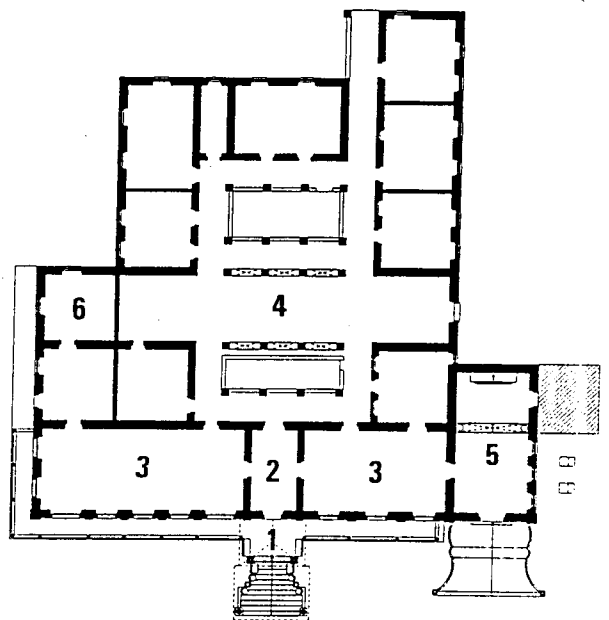
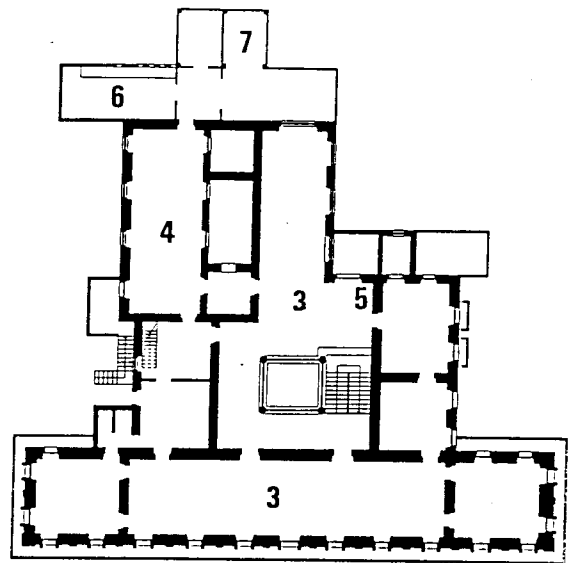
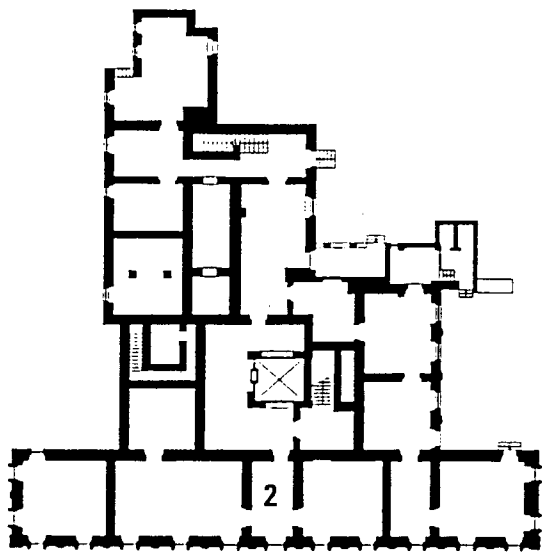


Fig. 44 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante aberta. De cima para baixo: -casas Fernandes (Chandor -Salcete) (pisos 0 e 1) (55) e Loyola (Orlim -Salcete) (56). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

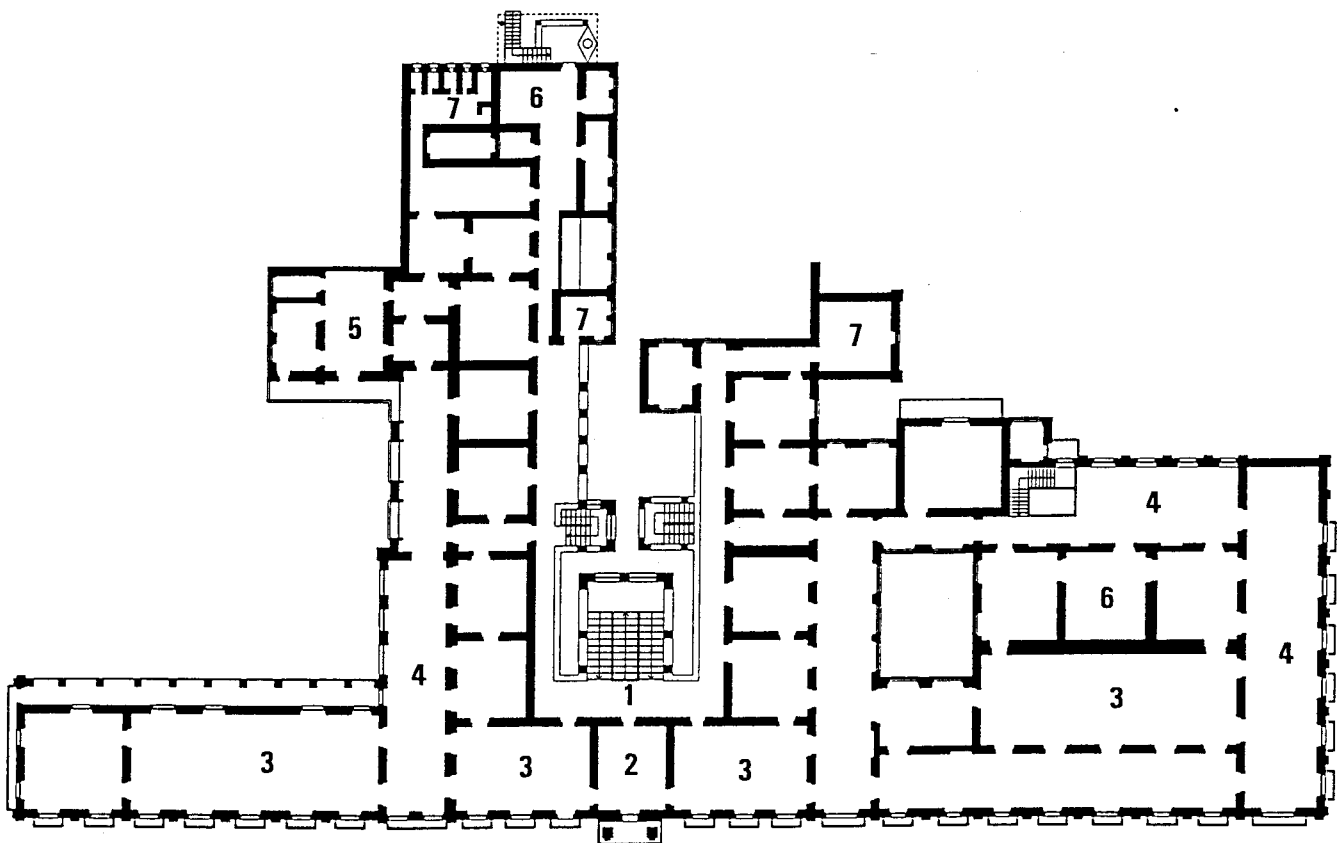
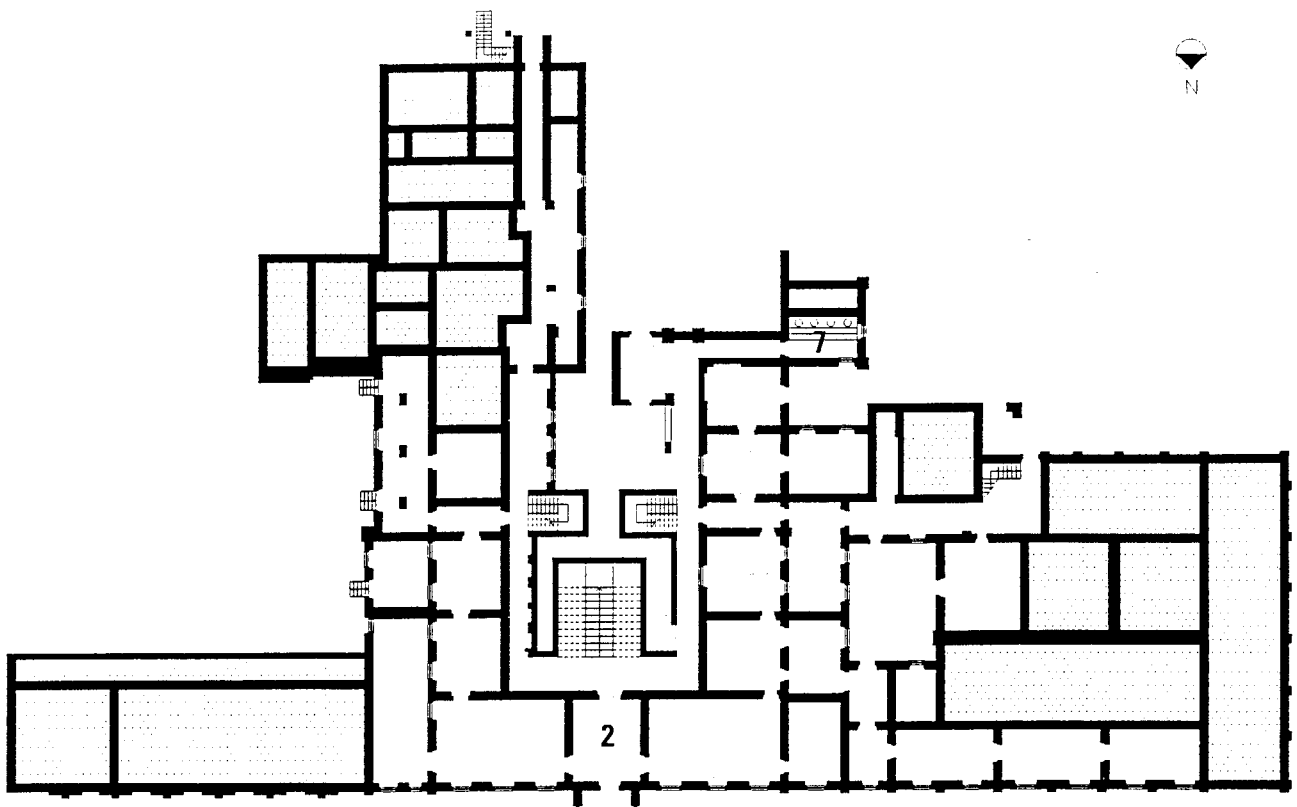


Fig. 45 - Plantas de casa-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante aberta.  
 Casa Menezes Bragança / Bragança Pereira (Chandor -Salcete) (57). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

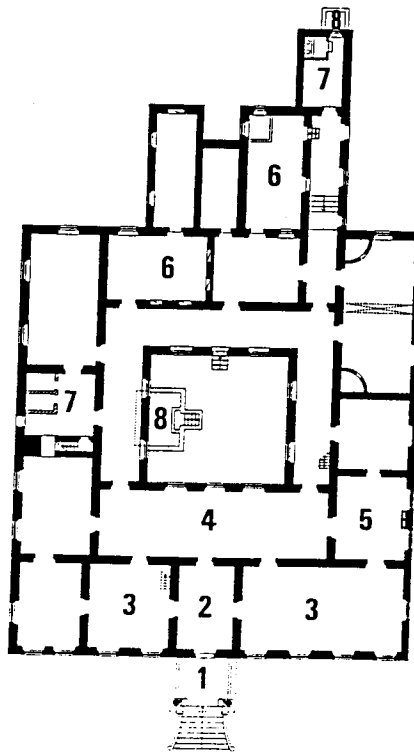
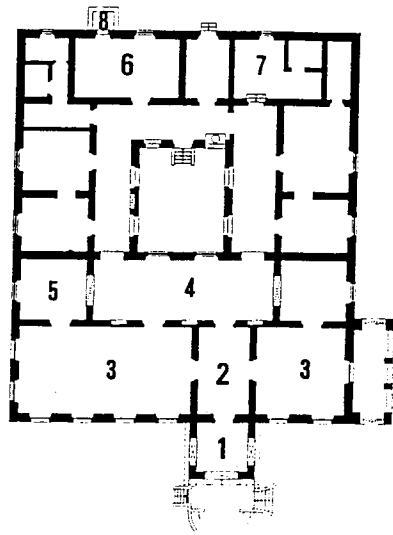
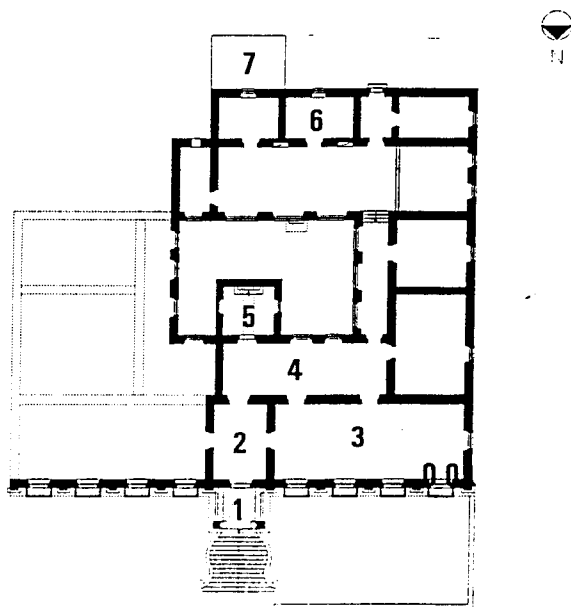
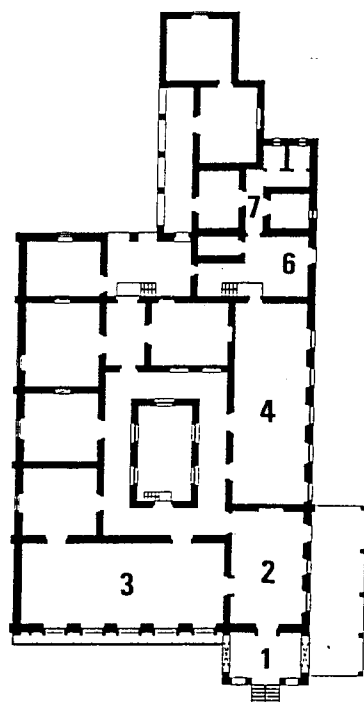


Fig. 46 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante fechada.  
De cima para baixo: casas Rebelo (58) e Gama Pinto (59) (Anjuna -Bardez). Escala 1:500.  
LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.



8

Fig. 47 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante fechada.  
 e cima para baixo: casas Carvalho II (Chandor -Salcete) (60) e Godinho (Majordá -Salcete) (61). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

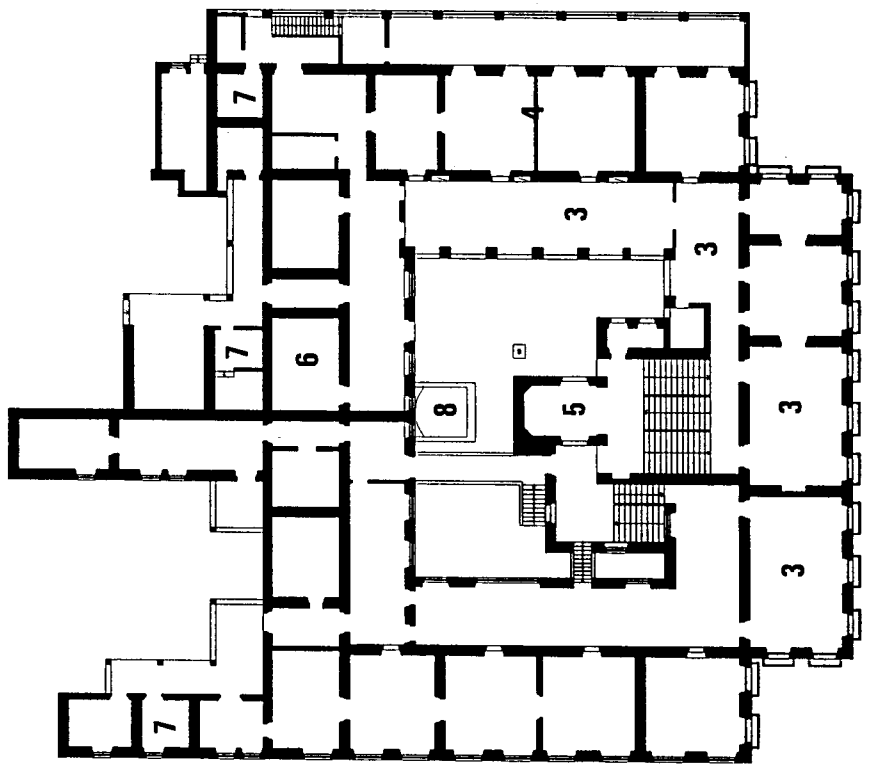
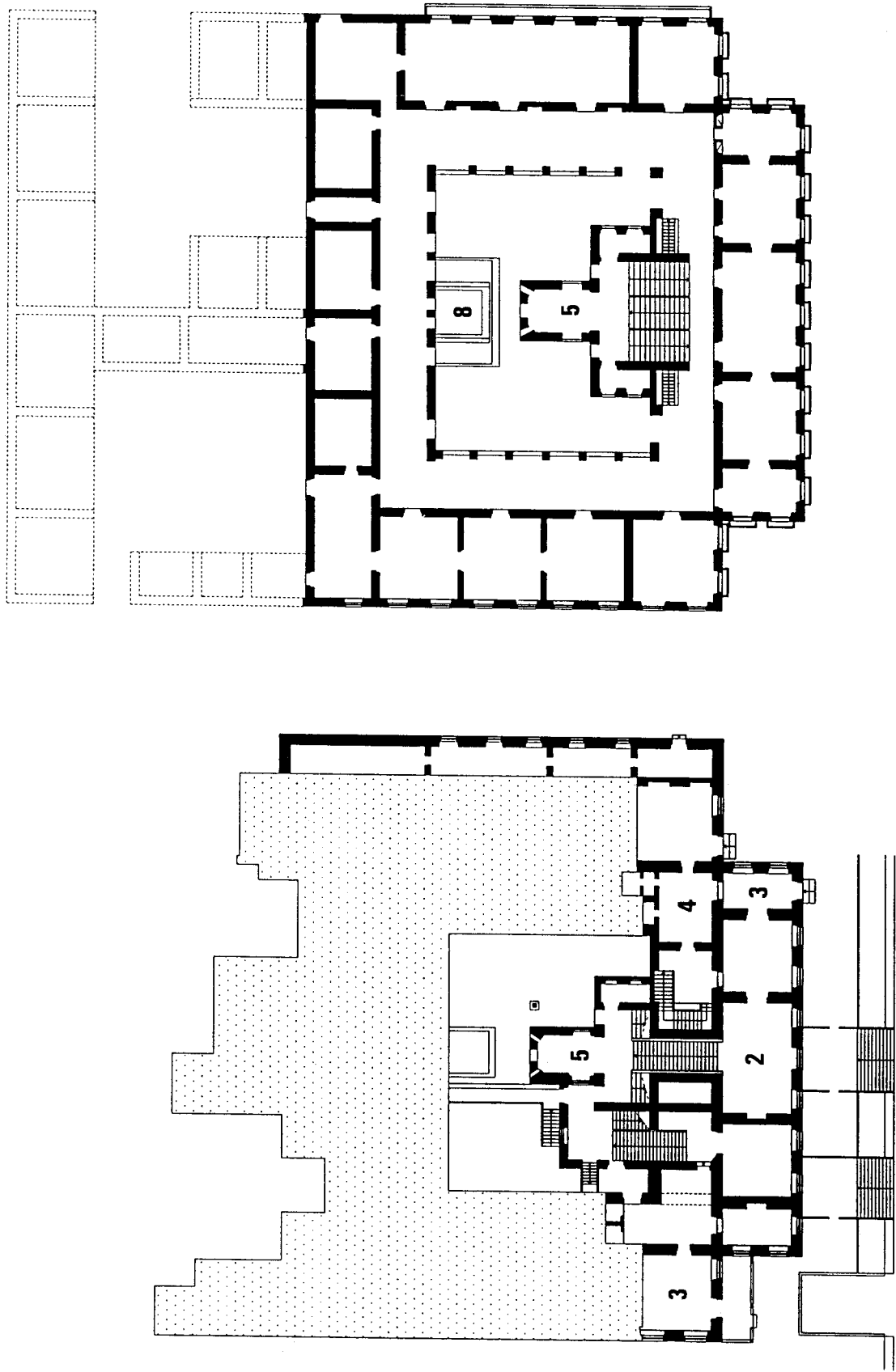


Fig. 48 - Plantas de casa-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante fechada.  
 Casa Eurico Silva (Margão -Salcete) (pisos 0, 1 e 2) (62). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

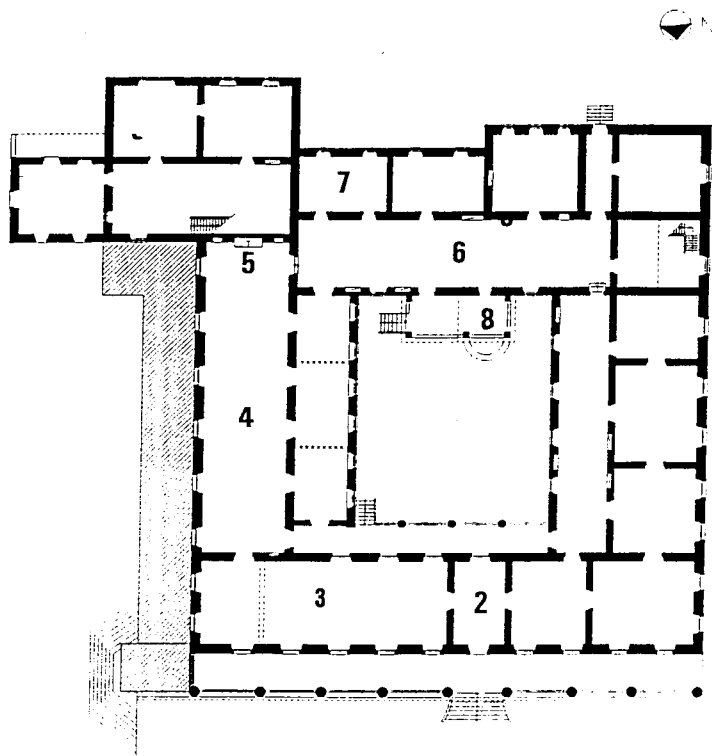


Fig. 49 - Planta de casa-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com a galeria circundante fechada.  
 Casa Furtado Cabral (Nagoá -Salcete) (63). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar;  
 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.



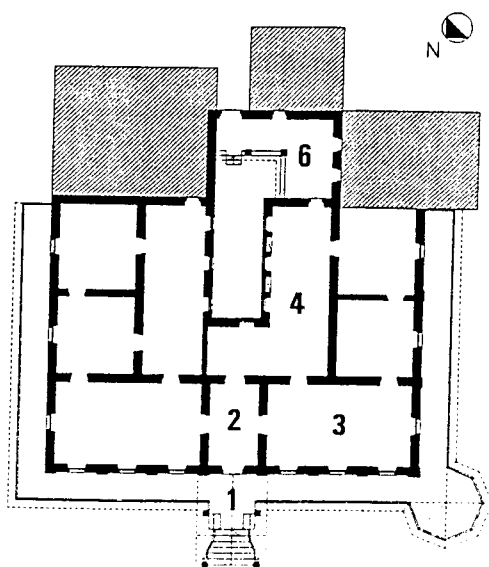
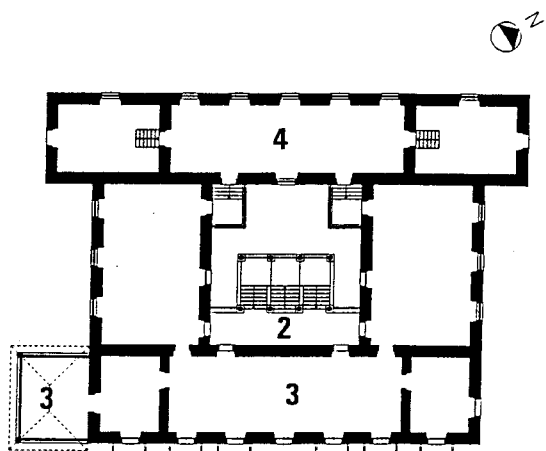
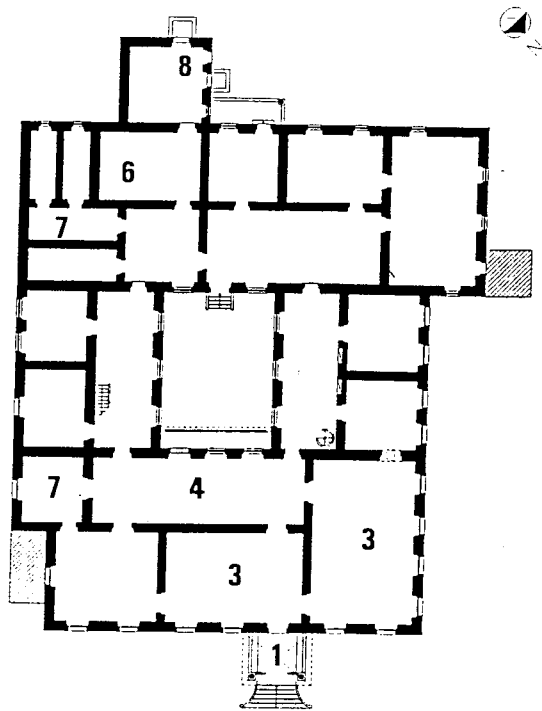


Fig. 50 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com aposentos sobre o pátio. De cima para baixo: casa Mascarenhas (Anjuna -Bardez) (64), A. Proença (Calangute -Bardez) (65) e Pereira (Benaulim -Salcete) (66). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

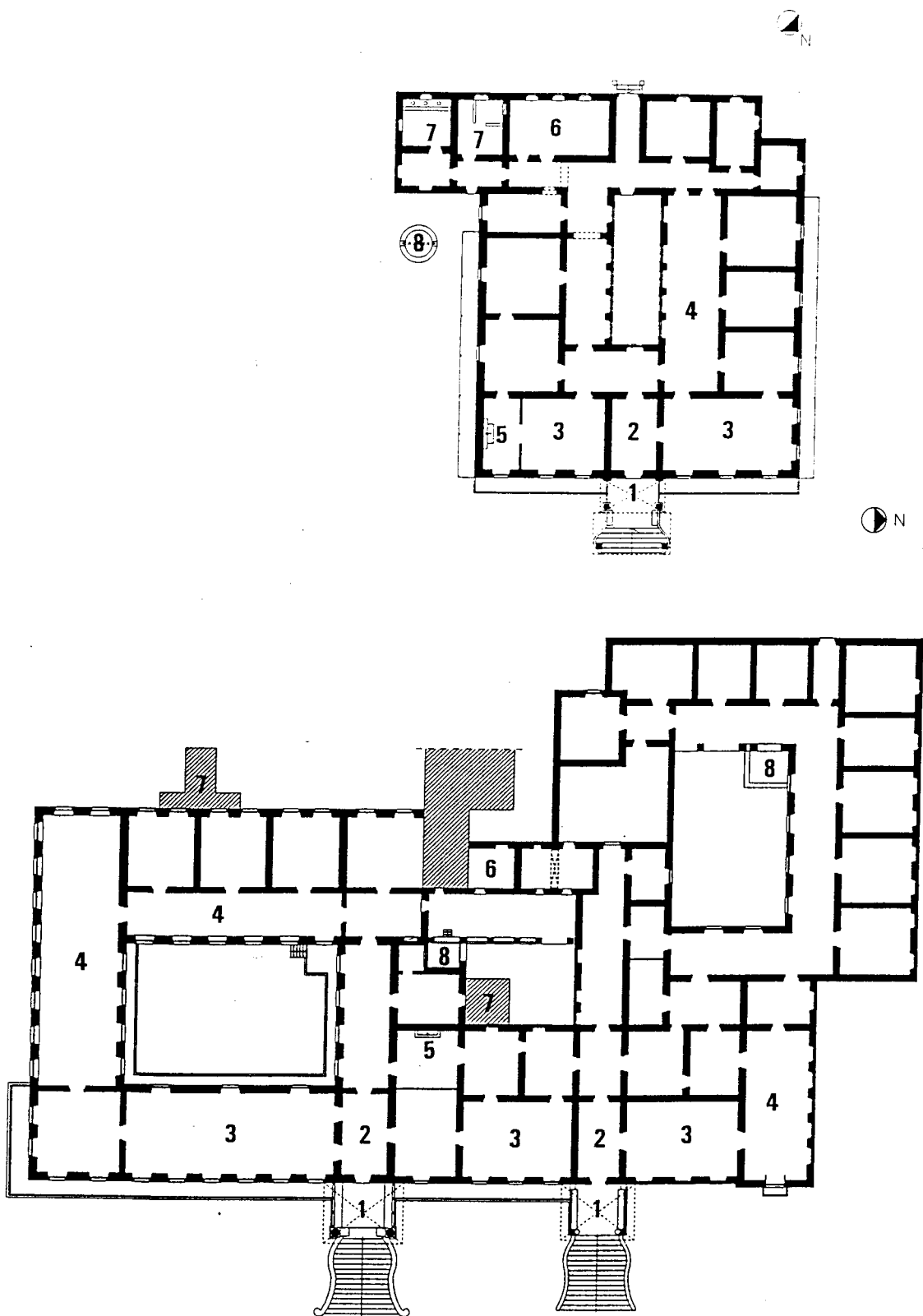


Fig. 51 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) de origem e com aposentos sobre o pátio.  
 De cima para baixo: casa E. Pereira (Benaulim -Salcete) (66), Figueiredo (Loutolim -Salcete) (67).  
 Escala 1:500. LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

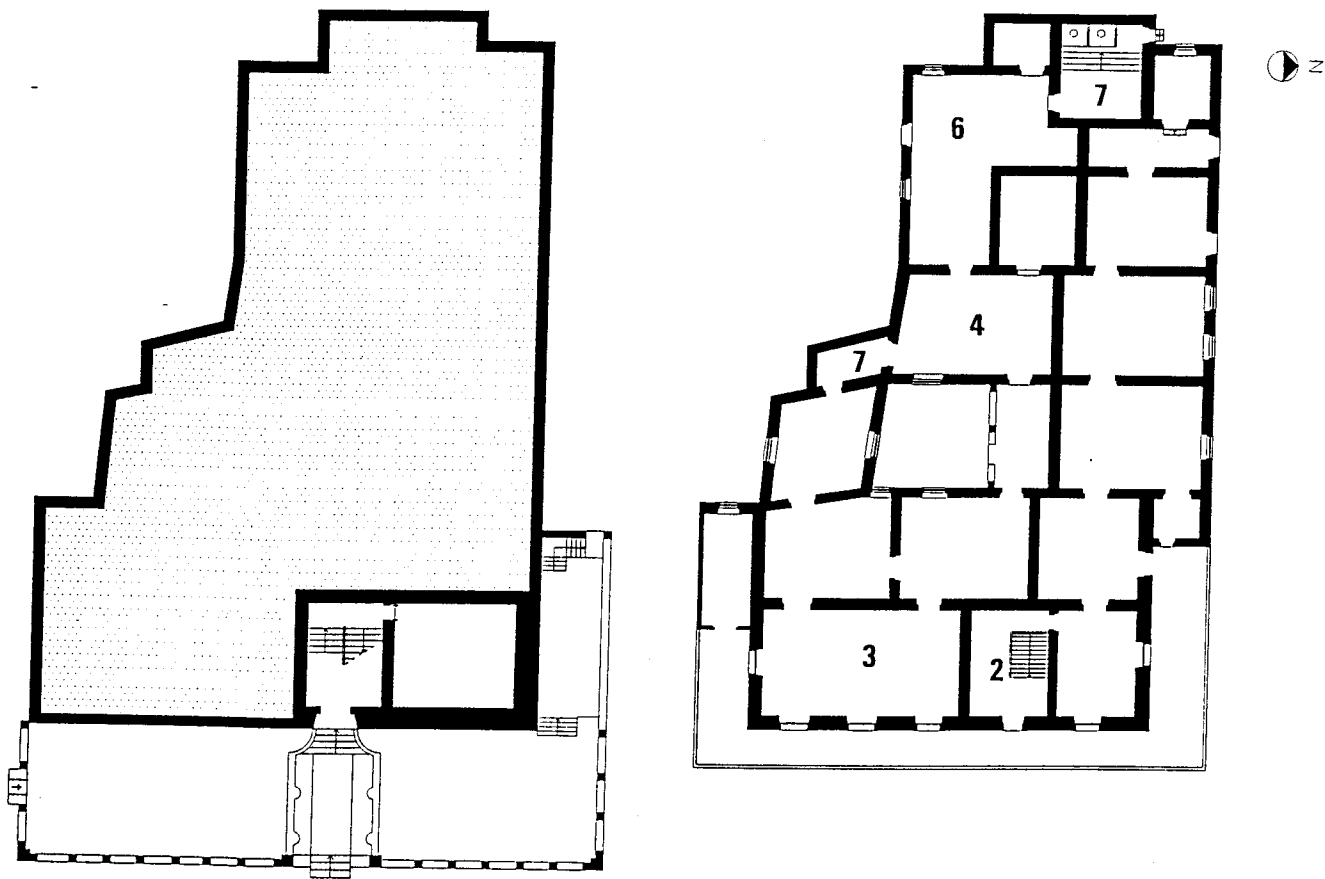


Fig. 52 - Plantas de casa-pátio com pátios fechados (em □) por cumulação.  
 Casa Abílio Noronha (Neurá -Ilhas Tiswadi) (pisos 0 e 1) (68). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

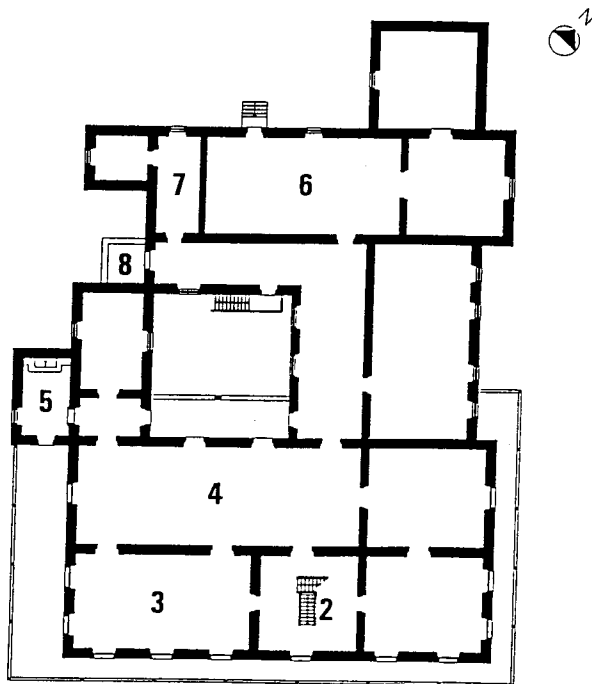
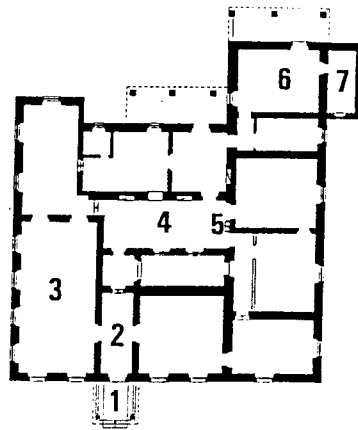


Fig. 53 - Plantas de casas-pátio com pátios fechados (em □) por cumulação.  
 De cima para baixo: casas Pinto (Calangute -Bardez) (69) e Rómulo Noronha (Neurá -Ilhas Tiswadi) (70).  
 Escala 1:500. LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

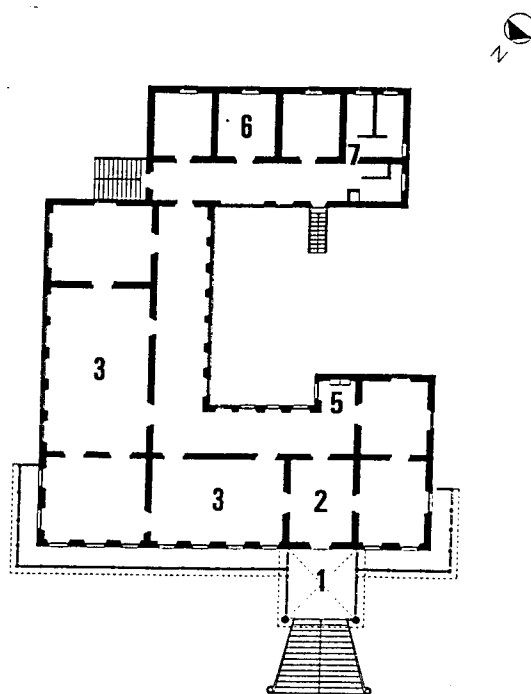
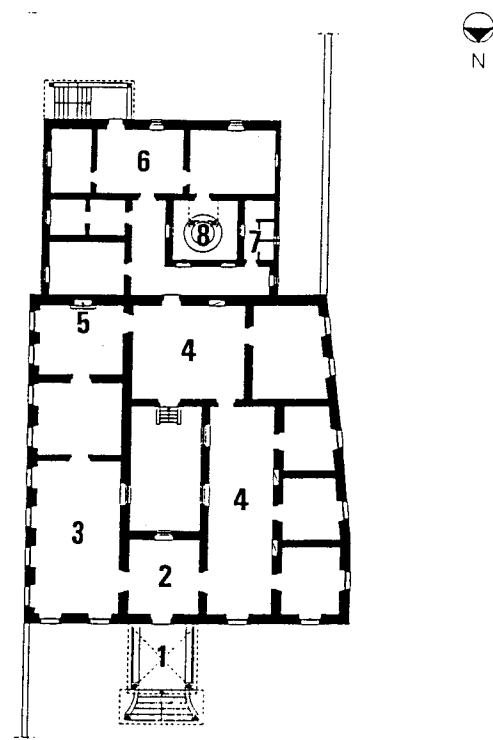


Fig. 54 - Plantas de casas-pátio cujo pátio resultou da construção de uma nova frente.  
 De cima para baixo: casas Pinto (Gama Menezes) (Calangute -Bardez) (71)  
 e Peraly Fernandes (Chandor -Salcete) (72). Escala 1:500.  
 LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar; 4. Sala de refeições;  
 5. Oratório/ capela; 6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

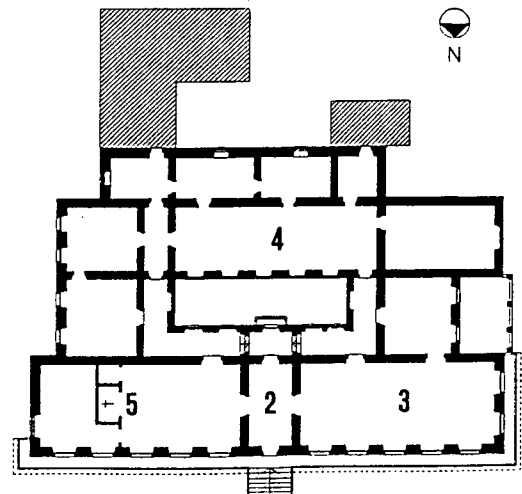
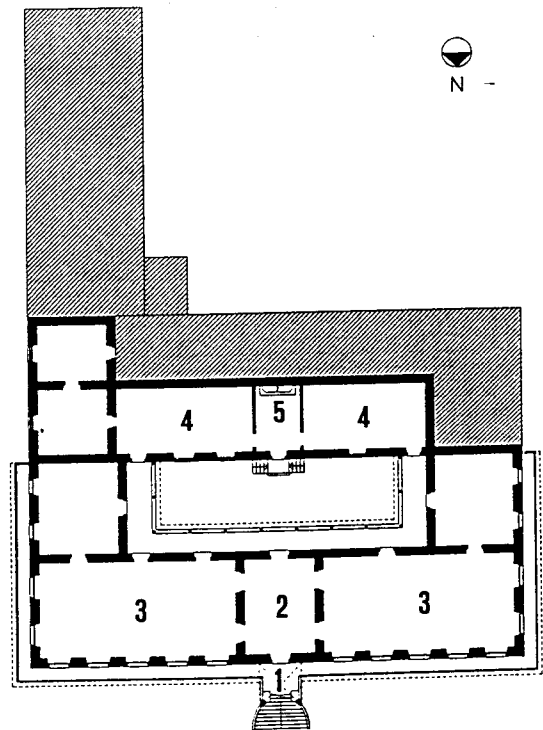
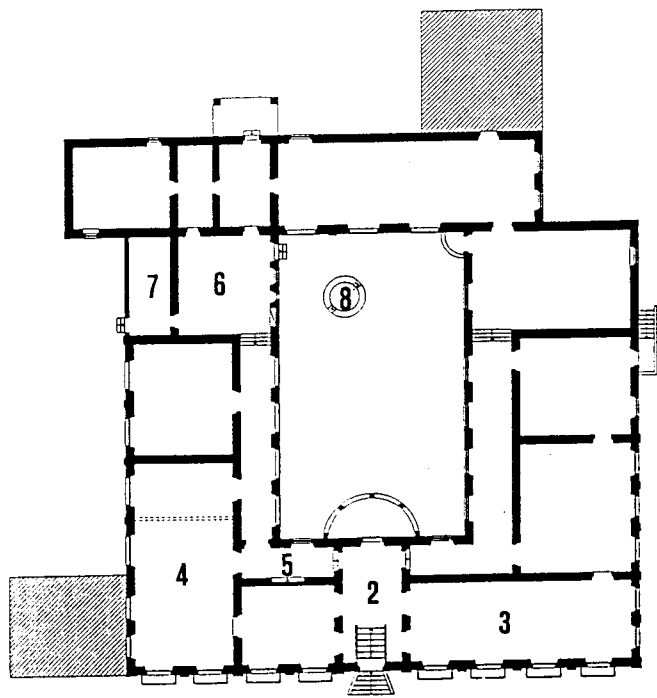


Fig. 55 - Plantas de casas-pátio cujo pátio resultou da construção de uma nova frente.

De cima para baixo:  
casas Costa Martins (Assolná -Salcete) (73),  
Tito Vaz (Assolná -Salcete) (74)  
e Zacarias Antão (Betalbatim -Salcete) (75).

Escala 1:500.

LEGENDA: 1. Alpendre; 2. Hall; 3. Sala de estar;  
4. Sala de refeições; 5. Oratório/ capela;  
6. Cozinha; 7. Sanitários; 8. Poço.

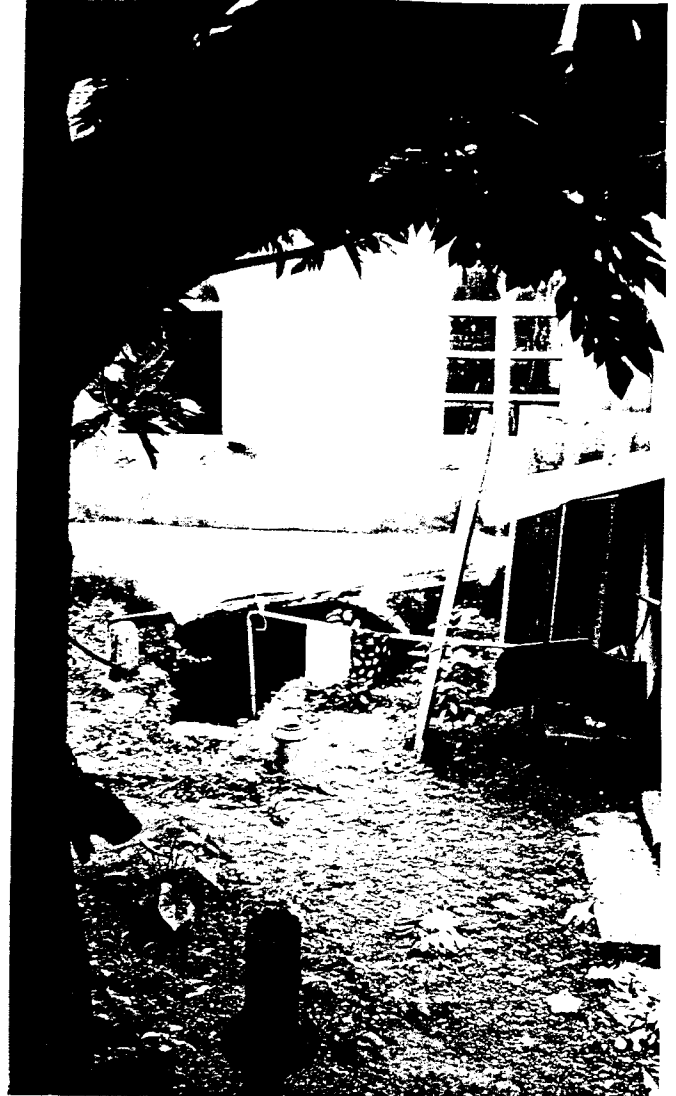
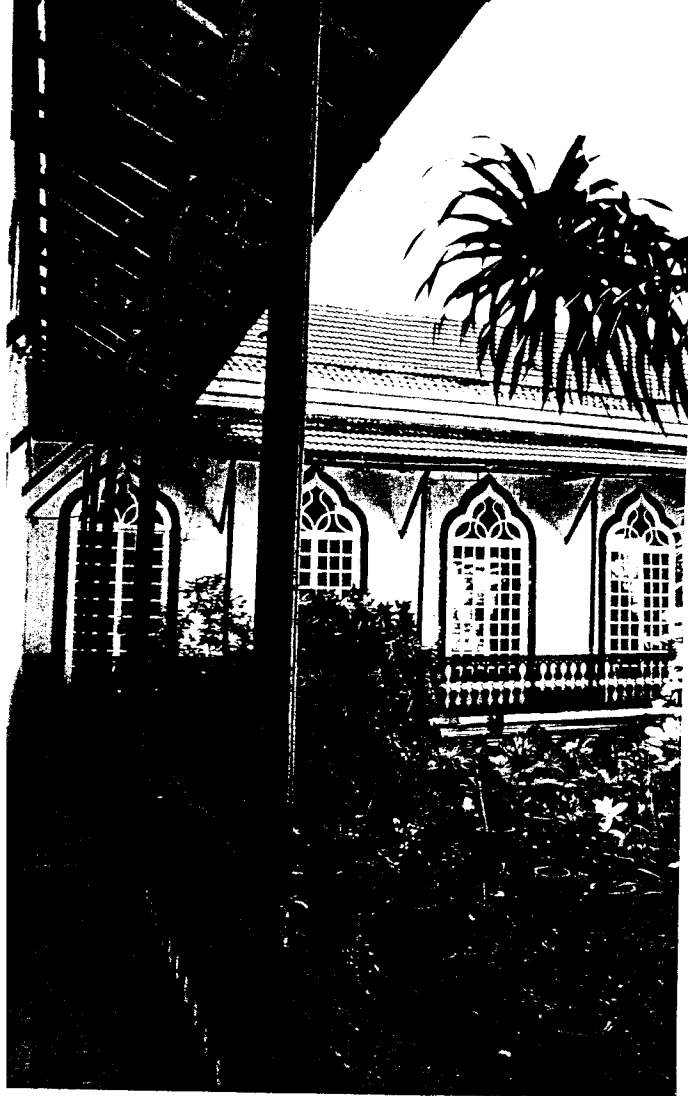


Foto 63  
-Da esquerda para a direita e de cima para baixo:  
pátio-jardim da casa Figueiredo (Loutolim -Salcete),  
pátio com poço da casa Gama Pinto (Anjuna -Bardez)  
e pátio-saguão da casa Pinto (Calangute -Bardez).



A casa Fernandes (Chandor -Salcete), ainda que apresente uma frente nova, o pátio não resulta da sua construção, mas é precedente.

Em termos de função/utilização podemos agrupar assim os pátios supramencionados das casas-pátio cristãs de Goa, exemplificados apenas com os casos mais paradigmáticos e cientes de que a sua utilização principal não é redutora de outras:

**-Pátios jardim** -consideramos os pátios em que há uma intenção inequívoca de plantar espécies úteis ou recreativas de acordo com a própria definição de jardim<sup>121</sup>. Se na casa Frias Pinto (Socorro -Bardez) temos ainda assinalados os canteiros, em composição barroca, na casa Figueiredo (Loutolim -Salcete) temos o esplendor do seu efeito no pátio da ampliação da casa (1810) rodeado de salas com desempenho social, aludindo ao seu intento cenográfico.

O jardim sendo um dos sinais mais vivos da utilização e empenho dos usufrutuários das casas é um indicador muito válido de intenções e de desígnios, pelo que o seu abandono, quando não compensado, é pronúncio do começo da decadência.

Para fazer frente ao trabalho que um terreno permeável exige começa a ser assinalável a impermeabilização de pátios, ou de terreiros fronteiros com betonilha como é exemplo o pátio da casa Sousa (Anjuna -Bardez), anulando-se um elo essencial destas casas que é o da sua relação com a envolvente.

**-Pátios com poço (doméstico)** -trata-se de uma adequação prática, que concentra toda a actividade da casa no seu interior evitando que se saia de portas para ir buscar água.

Funcionando como reduto, esta solução pode estar associada a períodos de crise ou de ameaça, se bem que quer a idade das casas em causa quer a sua distribuição geográfica não sejam indicativos liminares. O poço nas casas que mencionamos encontra-se directamente relacionado com a zona de serviços a que corresponde a cozinha e a zona do cumão, sendo a sua água utilizada ainda para a rega no pátio o que pressupõe algumas culturas. São exemplos deste sistema as casas Costa Frias (Candolim -Bardez), Gama Menezes (Calangute -Bardez), Gama Pinto (Anjuna -Bardez), Álvares (Margão -Salcete), Cabral Furtado (Nagoá -Salcete), E. Silva (Margão -Salcete), Menezes (Curtorim -Salcete), Quadros e Costa (Loutolim -Salcete) e Figueiredo (Loutolim -Salcete).

**-Pátios-saguão** -identifica-se pela sua escala reduzida e funciona como um poço de ar e de luz, de descompressão para a casa, pelo que por vezes nem sequer tem acesso convencional. Não tem dimensão para que haja algo, que não o próprio espaço e por isso são vazios, impermeabilizados com laterite, com pendente assinalável e dreno para o exterior. A casa Lima Fernandes (Chorão -Ilhas) e a casa A. Pinto (Calangute -Bardez) são dois casos típicos em que as áreas não ultrapassam respectivamente os 8.05m<sup>2</sup> (2.30mx3.50m) e os 11.00m<sup>2</sup> (5.50mx2.00m).

**-Pátios agrícolas** -a casa F. Abranches (Verná -Salcete) tipifica este modelo que não aparece entre os mais comuns. Designamos assim o pátio em que se implantam casas rurais, que encerram instrumentos e produtos ligados à lavoura e que por arrastamento experimentam uma actividade que antecede ou sucede ao trabalho de campo, das propriedades. Ao contrário de todos os outros não pode ser fechado porque vive dessa relação permanente com o exterior.

---

<sup>121</sup> Idem, p.164.





Foto 64  
-Pátio de apoio à actividade agrícola  
da casa Filipe Abranches  
(Verná -Salcete) (em cima)  
e o pátio da casa Godinho  
com o corpo da capela saliente  
(em baixo).



**-Pátios com capela** -o pátio, quando um vazio de dimensões apreciáveis pode amparar uma excrescência da casa -um elemento de distinção, mas inusitado ao programa. É o que se passa com a capela, quando suplanta o oratório e emerge como elemento de sobrevalorização consagrado por uma devoção especial, por uma tradição clérica ou pelo enaltecimento, projecção da casa e consequentemente da família. Perfila-se no alinhamento da entrada para que esteja também ao dispôr da comunidade e identifica-se como um corpo modesto e independente onde o recheio confere a distinção.

De entre as visitadas é sem dúvida a casa E. Silva (Margão -Salcete) a que detém a mais sumptuosa, a meio do patamar da escada império de acesso à casa e ao longo da qual se dispunham hierarquicamente os fiéis que participassem nas cerimónias; A casa Carvalho I (Chandor -Salcete) e a casa Godinho (Majordá -Salcete), ambos em estado de pré-abandono são outros dos casos, embora mais modestos, que registámos<sup>122</sup>.

**-Pátio de aparato** -a capela que ladeia a casa, guarda entre ambos um pátio murado por onde se processa a entrada.

*“Era neste local que as senhoras da casa desciam -em Portugal das suas liteiras, em Goa -das machilas sem serem vistas do exterior.”*<sup>123</sup>

Referimo-nos à casa Piedade Costa (Utordá -Salcete).

**-Pátios com escadaria de acesso à casa** -corresponde em regra a casas sobradadas, cuja entrada se faz pelo centro do piso inferior, por uma circumspecta galeria até ao pátio onde se desenvolve imponente a escadaria. O lance central desdobra-se em dois laterais contrários, após um patamar, culminando num varandim para onde dão as portas das salas. As casas Proença (Calangute -Bardez) e Menezes Bragança/Bragança Pereira (Chandor -Salcete) são exemplares. A casa E. Silva (Margão -Salcete) apresentando o mesmo modelo de acesso, dadas as dimensões da casa, absorve-o pelo seu corpo principal.

A leitura conjunta dos pátios dá-nos conta de que a maioria tem piso permeável, drenagem natural, sem canalização e acesso condicionado e localizado a eixo com a entrada, no corpo posterior. A dimensão comum dos pátios é, considerando apenas a área aberta, de ordem inferior a 36m<sup>2</sup> (<6.00mx6.00m), verificando-se em menor número os que se situam entre os 36m<sup>2</sup> e os 121m<sup>2</sup> (11.00mx11.00m) e mais raramente ainda os superiores a 121m<sup>2</sup>. Não há nenhuma relação directa entre a dimensão dos pátios e as talukas, pelo que é heterogénea a sua distribuição.

Já relativamente à forma, em particular aqueles cuja largura é inferior a metade do comprimento, detecta-se um índice superior de casos em Salcete.

Os desníveis relativamente ao piso respeitam a diferença do soco imposta pela entrada, a menos que a modulação do terreno imprima alterações e situam-se maioritariamente na ordem inferior a 0.50m ou entre os 0.50m e os 1.10m. É em Salcete que se verifica um maior número de casos superior a 1.10m.

---

<sup>122</sup> A par destes casos encontrámos também capelas a ladear as casas (casa Quadros em Loutolim -Salcete; casa Cunha em Cuelim - Mormugão) ou com elas relacionadas por meio de um terreiro (casa Pinto em Arporá - Bardez; casa Machado em Nagoá - Salcete).

<sup>123</sup> Hélder Carita, in op. cit., p.85.

Foto 65  
Pátio de aparato  
entre a capela e a casa  
da família Piedade Costa  
(Utordá -Salcete)(em cima)  
e pátio  
para o desenvolvimento  
das escadas de acesso  
ao piso nobre,  
como na casa A. Proença  
(Calangute -Bardez).



## 6 -Diagnóstico

O estado de conservação das casas é na generalidade insatisfatório e manifesta-se particularmente:

- (i) no envelhecimento/degradação das estruturas e conseqüente substituição por novos materiais incompatíveis do ponto de vista ético, técnico e estético, que denotam ausência de critério de intervenção;

Assistimos e registamos:

- a construção de volumetrias dissonantes (garagens, casas para alugar, construções públicas) em áreas contíguas às casas.

- a introdução de estruturas de betão, de gradeamentos metálicos e de caixilharia de vidro para substituir estruturas de madeira e janelas com carepas respectivamente.

- a ocupação de espaços residuais como pátios ou jardins para a implantação de instalações sanitárias e cozinhas.

- a eliminação dos materiais decorativos dos pavimentos e paredes e a sua substituição por mosaicos hidráulicos, betonilha e pintura corrente das superfícies.

- a substituição dos tectos em colapso por tabuado corrido ou por nada, deixando a estrutura à vista e esquecendo a memória da masseira, do “tesouro” ou tão só dos rendilhados.

- (ii) no abandono compulsivo das casas motivado por fenómenos de ordem diversa:

- a falta de descendência;

Na ausência por emigração ou por falta de descendência directa, são feitas doações, que se por um lado asseguram a manutenção do corpo exterior, nem sempre garantem a adequada utilização interna ou a integração pacífica com possíveis extensões/ampliações<sup>124</sup>.

- as migrações para as cidades e para o golfo pérsico;

Motivados por razões económicas mas também por razões de ordem política, isto é por desagrado relativamente ao rumo que o território tomava depois da anexação, muitos goeses partiram para fora da Índia (Portugal, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Canadá) mas também para outras cidades daquele subcontinente (Bombaím, Bangalore, Poona, Nova Delhi) onde se fixaram, abandonando o seu património.

Mais recente, menos qualificada e com efeitos sobre os hábitos socio-religiosos, ainda que a médio/longo prazo, é a emigração sazonal para o golfo pérsico.

- a dispersão dos agregados familiares;

- as partilhas;

A partilha das casas por diferentes proprietários induziu ao desvirtuamento dos programas de base, obrigando a que cada uma das partes se autonomizasse, recriando os espaços de que fora privada em favor da outra, com graves repercussões tanto sobre os interiores como sobre os exteriores. Não apenas se perdeu a unidade como se desfizeram programas. A duplicação de elementos, como os alpendres da casa Lemos (Sinquerim - Bardez), é bem exemplo da caricatura possível e foi uma das conseqüências.

- o acréscimo de insegurança;

Por razões de segurança aplicaram-se grades mas também se suprimiram as zonas inferiores das sacadas, com panos de alvenaria ou se construíram casas novas no terreno da antiga, ou ainda se prolongou esta conferindo-lhe agora os atributos dispensados durante séculos.

- a procura de padrões de conforto;

---

<sup>124</sup> ver casa Loyola (Orlim -Salcete).

Em especial para os mais novos, sem memória que os enraize, a água canalizada, a instalação sanitária e a própria dimensão mais controlável das “urban flats” são atractivos ponderáveis e mais fáceis, num quotidiano exponencialmente exigente.

Na ausência por emigração ou por falta de descendência directa, são feitas por vezes doações, que se por um lado asseguram a manutenção do corpo exterior, nem sempre garantem a adequada utilização interna ou a integração pacífica com possíveis extensões/ampliações, muito pouco fiscalizadas.

- (iii) na inaptidão e falta de recursos para desenvolver projectos de reconversão autónomos ou conjuntos. Persiste uma desconfiança relativamente ao governo instaurado ligado à incapacidade de algumas famílias, culturalmente portuguesas, se reverem nas suas políticas e atitudes. Aliado a estes factos emerge uma crescente falta de iniciativa dos proprietários em se associarem e constituírem meio de pressão em defesa deste património invulgar, porque multicultural e vasto, que sucumbe aceleradamente.

Das casas cristãs que visitámos em Janeiro e revisitámos em Setembro de 1996, três viram a morte dos seus proprietários, duas foram literalmente abandonadas, uma foi vendida a um industrial hindu e outra doada a uma ordem religiosa. Diversas tiveram alterações “de pormenor” (substituição de telhados, tectos, pavimentos, caixilharias), viram os seus agregados ainda mais reduzidos e acrescida a falta de pessoal doméstico -importante elemento de prevenção e manutenção.

Em contrapartida apenas metade de uma, já que se trata de uma casa dividida por partilhas, foi recuperada com critério, sem construções anexas, procurando reencontrar quanto possível o seu carácter e outras duas geminadas preparam um projecto integrado similar aos de turismo de habitação.

## **VI -ANÁLISE COMPARATIVA**

## VI. -ANÁLISE COMPARATIVA

Da abordagem que fizemos aos modelos de casa-pátio hindu e cristã em Goa, emergem alguns aspectos de distinção, que importa realçar sucintamente:

- A casa-pátio cristã é decorrente da casa-pátio hindu. É um modelo sustido pelo promissor contexto político, social e económico do império colonial, que prescreve modelos de importação durante todo o período de perseguições e conversões.

Contudo a partir do momento em que esse contexto se fragiliza, devido a questões internas, pressões estrangeiras e a um Brasil progressivamente mais rentável (séc. XVIII), torna-se vulnerável ao autóctone, até porque passa a contar com um manancial humano maioritariamente hindu, que se manifesta e intervém progressivamente na construção, na cultura, na política, ...na sociedade.

As casas-pátio cristãs anteriores a esse período são escassas e correspondem a conversões aparentes em que na vida privada as famílias mantinham e cultivavam os hábitos hindus, numa dualidade que conduziu à distinção de castas também entre os convertidos.

- Ambas atendem a uma relação com a natureza, que na casa hindu é espontânea enquanto que na casa cristã é elaborada ao ponto das aproximações e das relações visuais, dos enquadramentos, para o que cria espaços semi-exteiores, como as varandas.

A casa-pátio cristã subverte e inverte a atitude da casa-pátio hindu ao lhe conferir a dimensão de horizonte exterior até então desconhecido ou condicionado e fazendo jus ao ditado -“o indiano faz da casa o seu mundo, enquanto o goês faz do mundo a sua casa.”

- As casas corporizam duas concepções de vida: uma mais estrutural, linear, regrada, modesta, reversível (a hindu) e outra encenada, de articulações, permeável, dispersa, pretensiosa e hierarquizada (a cristã).

A casa hindu, ao contrário da cristã, nasce de uma análise profunda da existência do homem e da sua articulação com a natureza e através dela com os deuses. Da boa conjugação de factores dependerá o sucesso daquela casa em termos físicos e familiares.

- Os programas são distintos, no entanto em ambos os casos ao corpo da frente ou ao piso superior correspondiam os espaços sociais enquanto que às traseiras ou ao piso inferior os espaços de serviços. Em ambos os sanitários eram separados das zonas de lavagens, se bem que na casa hindu aqueles sejam mesmo remetidos para o exterior da casa, antigamente, até da aldeia.

- Há correspondência entre as salas de refeições hindus -*vasari* e as cristãs, consequência da própria apropriação do modelo. Ela expressa-se não apenas em termos de forma, estreita e longa, mas também pela composição de um altar/oratório num dos deus topos e pela inclusão de um lavabo/pia de purificação para ser usado antes de qualquer refeição<sup>125</sup>. Dispõe ainda de armários embutidos nas paredes, na tradição hindu de dispensa de mobiliário.

<sup>125</sup> Registámo-lo na casa Gomes (Guirdolim -Salcete), na casa Costa Frias (Candolim -Bardez) e curiosamente demos com um elemento idêntico na sala de jantar de uma casa de Gramaços (próximo de Oliveira do Hospital - Portugal) datada de 1789, e propriedade da família Vaz Pato.

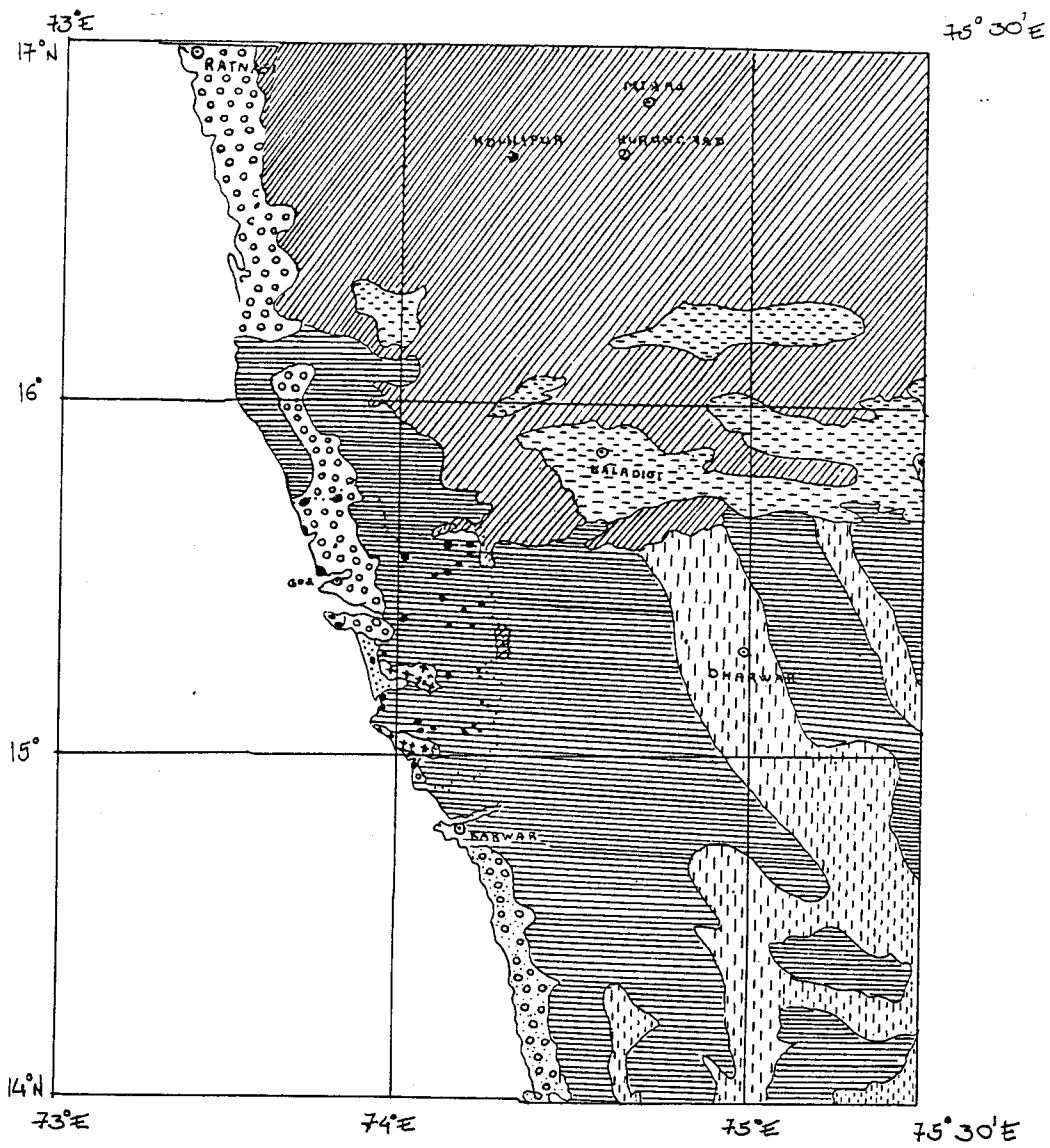
- A volumetria da casa cristã sobrepõe-se à da casa hindu, ainda que mais tarde esta a adopte parcialmente, em função do estatuto, do papel social da família e apenas sobre o corpo principal. Já não podemos dizer o mesmo da área de ocupação que resulta de sucessivas agregações, atingindo múltiplos significativos das casas cristãs;

- Os materiais e os sistemas construtivos não diferem significativamente, correspondendo as diferenças a formas de desenho, de expressão e apropriação de cada uma das culturas, a correntes de determinada época ou a condicionalismos geográficos.

Este facto confirma a persistência da construção a cargo dos hindus, até mesmo aos nossos dias. A adopção vulgarizada da laterite face à taipa corresponde não a uma diferença entre as duas culturas mas antes a uma evolução natural de exploração e rentabilização de recursos.



## **VII -MATERIAIS**









LEGENDA:  QUATERNÁRIO E RECENTE;  TRAP DO DECCÃO;  SISTEMA GHATAPATTI;  
 SISTEMA DHARWAR;  INTRUSÕES ÍGNEAS (GRANITOS, DIORITOS, DIORITOS...)  
 SOCO FUNDAMENTAL (XISTOS, GNEISSES,)

Fig. 56 -Esboço do enquadramento geológico do território de Goa (76).

## VII. - MATERIAIS

*“Os edifícios destas igrejas e palácios, assim públicos como particulares, são mui sumptuosos e magníficos e feitos por canarins, tanto gentios, como principalmente cristãos.*

*As casas são fabricadas de cal e areia. A cal faz-se de conchas, de ostras e outros mariscos; a areia é de terra e não de rio. Cobrem as casas de telhas, não usam de vidraças, mas em vez delas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira, e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho, porque não são transparentes como o vidro. Tiram a pedra de cantaria na ilha, mas a de que fazem colunas e outras obras primorosas mandam vir de Baçaim, onde saem muito compridas e rijas; assemelha-se ao granito e é ainda melhor; e não vi nestas terras de cá colunas de pedra de uma só peça tão grandes e compridas como lá vi. Os edifícios são muito amplos, mas com poucos andares e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fora como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra e em parte de terra vermelha como bolo arménio, que lhes serve de cimento. Quase todos têm jardins e quintais, mas não grandes, com poços dentro.*

*Quanto aos arrabaldes da cidade, há sete ou oito mui grandes e todos os seus edifícios, e de todo o resto da ilha, são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são magníficas e soberbas como as outras. Usam carretas puxadas a búfalos ou bois para conduzir materiais para edifícios, e estas carretas não são calçadas de ferro. No que toca às calçadas das ruas da cidade, são feitas de belas pedras largas e andam limpas, isto é, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove vêm-se regueiros por toda a cidade e a água corre por canais grandes, profundos, côncavos e calçados, de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sítios, mas os regueiros das ruas são tão grandes, que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, donde vem que em muitos lugares há pequenas pontes e passareiras, porque aliás seria impossível atravessar a rua.”<sup>1</sup>*

Esta descrição de Pyrard de Laval acerca da construção em Goa ao longo do séc. XVI e XVII<sup>2</sup> substancia algumas ideias que vale a pena enunciar;

- quem construía eram os nativos<sup>3</sup>, quer hindus, quer convertidos -o que significa que os materiais e técnicas eram fundamentalmente aquelas com que estavam familiarizados ainda que correspondessem a desenhos, objectivos e orientações de europeus (nomeadamente as construções mais exigentes).

- a construção da cidade de Goa, em particular das Igrejas e Conventos, obrigou à selecção, à uniformização e ao apuro de materiais e técnicas para que os modelos pudessem ser facilmente disseminados. Desta forma os poderes seriam confirmados e a cultura sobreposta com celeridade. A cidade experimentou e avaliou linguagens, escalas e estruturas, adequando o seu conhecimento à prática nativa.

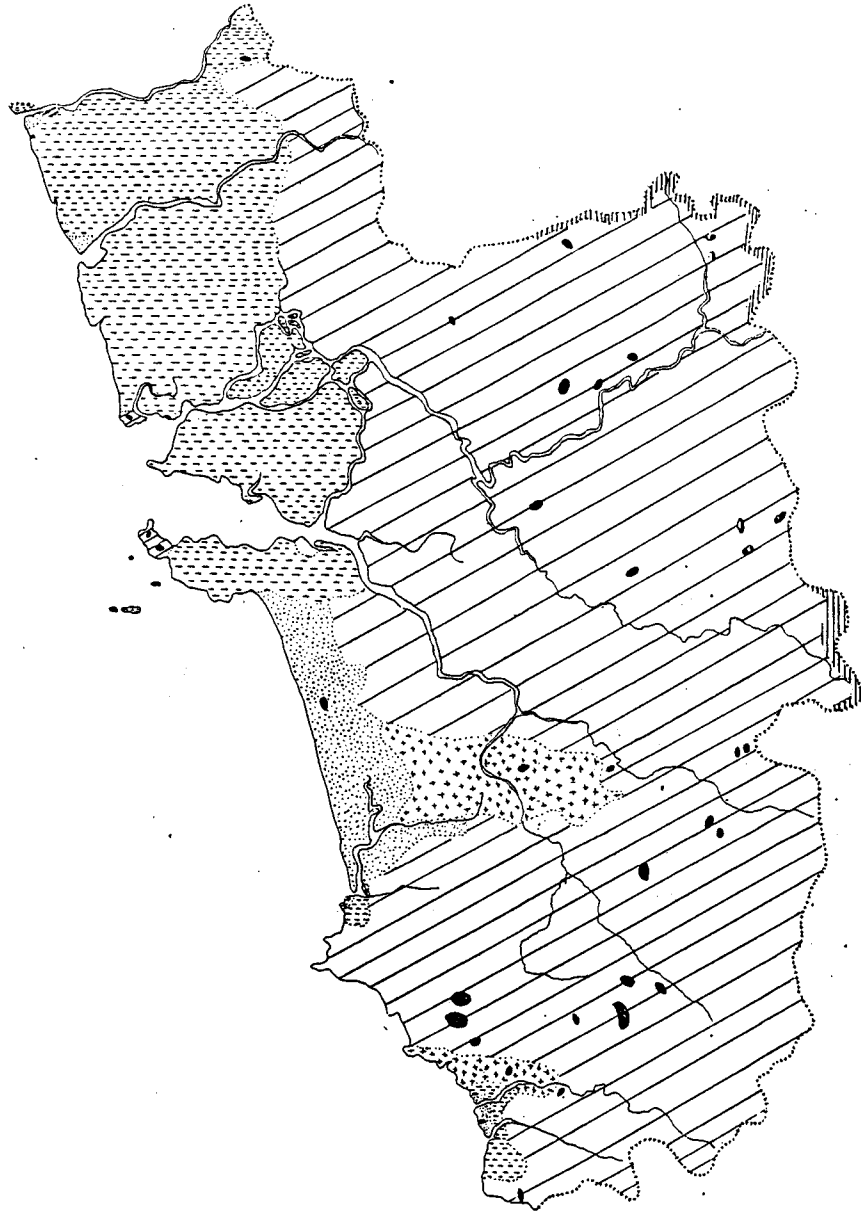
- Goa polarizou e projectou-se pelos mares mas diluiu-se sem alcance no continente.

É notória até ao séc. XVIII, a sua permeabilidade às fontes hindus, devidamente filtradas e por via dos construtores, em contraponto com uma certa indiferença hindu, ainda que decorrente e forçada, à influência portuguesa.

<sup>1</sup> Pyrard de Laval, in op. cit., p.49.

<sup>2</sup> As crónicas de viagem de Pyrard de Laval referem-se às primeiras décadas do séc. XVII.

<sup>3</sup> Canarins era o nome dado pelos portugueses às pessoas do Kanara, da costa do Concão.



■ PLANÍCIES ARENOSAS COSTEIRAS (RECENTE); ■ MACÍÇOS COSTEIROS LATERÍTICOS E PLANÍCIES  
 BAIXAS ARGILOSAS (PLEISTOCENO); ■ TRAPS DO DECAO (DANIANO A EOCENO); ■ ROCHAS BÁ-  
 SICAS E NEUTRAS (INTRUSÕES IGNEAS); ■ GRANITOS (INTRUSÕES IGNEAS); ■ SOCO FUNDA-  
 MENTAL METAMÓRFICO (ARCAICO).

Fig. 57 -Esboço geológico de Goa (77).

Os materiais que encontramos nas casas de Goa correspondem pois aos utilizados e conhecidos pelos hindus, ainda que condicionados ao atributo da construção, mas difundidos de há muito no Decão, em Vijayanagara e na costa do Malabar. Quisemos conhecê-los, tendo em vista a possibilidade de os reutilizar, para a conservação das casas que analisamos.

## 1 -Rochas

A maior parte do território de Goa é ocupado por formações que os geólogos habitualmente designam de *soco fundamental metamórfico* e que se encontra profundamente laterizado, ocultando as rochas subjacentes. Estas compõe-se na sua maioria de séries de xistos (Satari, Valpoi, Rivona, Canácona), gneisses (Canácona), granitos (Quepém, Satari, Canácona, Betul, Chaporá) e gabros (Colvale). Encontram-se ainda basaltos, em algumas zonas da fronteira dos Gattes, nos chamados “traps” do Decão<sup>4</sup>.

A rocha, senão a laterite, não era em Goa, profusamente utilizada na construção. Os hindus consideravam-na um material nobre pelo que o reservavam para as moradas dos deuses -os templos, explorando-o com conhecimento e destreza. Os portugueses não hesitavam em trazê-la de Baçaím, onde havia pedreiras de boa qualidade e com expressão, supondo-se que servisse também de lastro para os navios<sup>5</sup>.

Para a construção dos templos hindus os blocos eram em geral ultimados na pedreira e aparelhados em obra, embora também pudessem ser aparelhados em bruto para *in loco* serem esculpido.

*-As a rule the Indian masons prepared their building material not on the site of the structure, but in the quarry itself(...). Here the rough mass of stone, after being won from the living rock, was made into suitable sizes and shapes by cleavage. A groove was sunk along the line of required division, and holes jumped along this a few inches apart. Into the holes thus formed wooden wedges were driven, which, on being wet, swelled, and the blocks split off in this manner. The facing of this blocks was obtained by hammer-dressing, surfaces also being levelled by chiselling parallel lines with a large iron tool, afterwards with a finer one. From here the blocks (...)were assembled on the temple site, a staff of workmen being on the spot to lay the stones in their proper courses, and put the finishing touches to the joints in the sculpture. (...) While the forgoing was the general practice of the builders, the alternative process, was not unusual, as there are temples which indicate that the masonry was sometimes left boasted on the building, so that the carver could chisel it into pattern on the structure itself.”<sup>6</sup>*

---

<sup>4</sup> ““trap” é uma palavra sueca que significa degrau e corresponde ao manto vulcânico -basáltico, dolerítico, etc.-que cobre rochas de idades que vão do Daniano ao Eoceno, (...) Esses mantos extensíssimos no território da União Indiana, apenas bordejam certas secções da fronteira goesa...” cf. Oliveira Boléo in *Apointamentos para uma Geografia Física de Goa*, Lisboa, A.G.U., 1955, p.31.

<sup>5</sup> Alguns Conventos de Lisboa, (ex. Convento de Jesus), apresentam lajedos de pedra muito similar à que encontramos em algumas casas de Goa, provenientes algumas de Baçaím por via da Velha Cidade.

<sup>6</sup> Percy Brown, *Indian Architecture*, Bombay, A.E.S., 1978, p. 76.



Foto 66  
-Construção em taipa  
com o reforço estrutural  
a laterite.



## 1.1. a laterite

É contudo a laterite, o principal suporte da construção na Índia<sup>7</sup> e em Goa em particular, tendo em conta que é um produto abundante, disponível e de fácil extracção.

A laterite na construção é conhecida desde há muito. Rica em minerais e pobre em matéria orgânica, os seus solos são comuns aos trópicos (entre os 30°N e os 30° S), apresentando-se como uma faca de dois gumes ao facilitar a construção por um lado e opor-se à agricultura e conseqüentemente ao desenvolvimento de nações subdesenvolvidas, por outro<sup>8</sup>.

Não encontramos naturalmente uma menção específica à laterite nos textos sagrados, que evocam com frequência materiais como a madeira, a pedra (ainda que sem especificar) ou o tijolo cozido, como materiais simbolizados e hierarquizados.

Sabe-se que a sua existência era circunscrita, tinha propriedades físicas (porosidade, textura, côr, resistência) adversas à utilização que os povos (hindus, muçulmanos) habitualmente lhes davam (gravações, esculturas delicadas), tanto mais que tinham o hábito de não revestir o material simbólico<sup>9</sup>. É, por isso, mais fácil encontrarmos a laterite em arquitectura militar do que em templos e palácios, excluindo desde logo as casas do povo que como descrevem viajantes anteriores a Vasco da Gama, como o árabe Ibn Batuta (séc. XI) seriam na generalidade em terra ou em madeira com colmo ou olas<sup>10</sup>.

Em algumas construções e fortalezas pré-portuguesas, ou mesmo em civilizações anteriores de regiões similares<sup>11</sup> encontramos referências à laterite,

A laterite usada como tijolo, vai-se banalizando embora já fosse usada em construção mista (fundações, cunhais, pilares, lintéis...), sobrepondo-se à taipa com a chegada dos portugueses.

<sup>7</sup> Na Índia a laterite cobre praticamente toda a região costeira, com excepção para o sul do Tamil Nadu e para o Gujarate e aconpanhando a parte juzante do vale do rio ganges. De acordo com o Indian Standard Bureau, encontramos-la nos estados do Andhra Pradesh, Bihar, Kerala, Tamil Nadu, Maharashtra, Karnataka, Assam, Goa, Meghalaya e Orissa.

<sup>8</sup> Como resultado da laterização dos solos muitas destas áreas do globo converteram-se em depósitos de minérios, do tipo daqueles que encontramos na região de Bicholim em Goa.

Paradoxalmente, o solo laterítico que permitiu que se perpetuassem as obras de algumas civilizações mais antigas dos trópicos, como a dos Khmer no Camboja ou a dos Mayas na América Central, terá sido também uma das causas do seu prematuro desaparecimento, dada a sua economia eminentemente agrícola.

<sup>9</sup> *No effort was made to apply in their building productions the principles of the equilibrium of forces in action by means of the arch, vault or other mechanical devices, which instituted by the Romans were by this time, being put into universal practice by the architects of the western world. Instead the Indian craftsman, clinging to his own traditional technique and unmoved by the progress being made elsewhere, achieved his purpose solely by the judicious observance of the laws of gravity, strenght being obtained by mass supporting mass, and stability by the solid resistance of weights acting only vertically, all pressure being transmitted directly downwards. In these circumstances mortar was unnecessary because it would have been of no use for distributing the pressure between the courses of the structure; it was therefore very rarely employed, with the result that all Hindu masonry is described as of the "dry" order. The Indian builder knew architecture as a fine or liberal art, but not as a mechanical art.* Cf. Percy Brown in op.cit., p.76.

<sup>10</sup> folhas de palmeira entrelaçadas.

<sup>11</sup> Com efeito, em 1860, um naturalista francês encontrou a norte de Pnompenh, no Camboja, vestígios de construções de uma civilização que terá existido na região, do séc. IX ao séc. XVI, com contruções em laterite. Tratava-se da cidade murada de Angkor Thom e o seu espanto devia-se ao estado de conservação do material em clima tão adverso.

*-“The wooden parts of these structures had long since rotted away, but the walls, floors, stairs, towers and works of sculpture still stood virtually untouched by time (...). -They were built of sandstone and (...)laterite.”* Cf. artigo de Mary McNeil, Lateritic Soils, in *Scientific American*, California, Offprints, Nov. 1964.

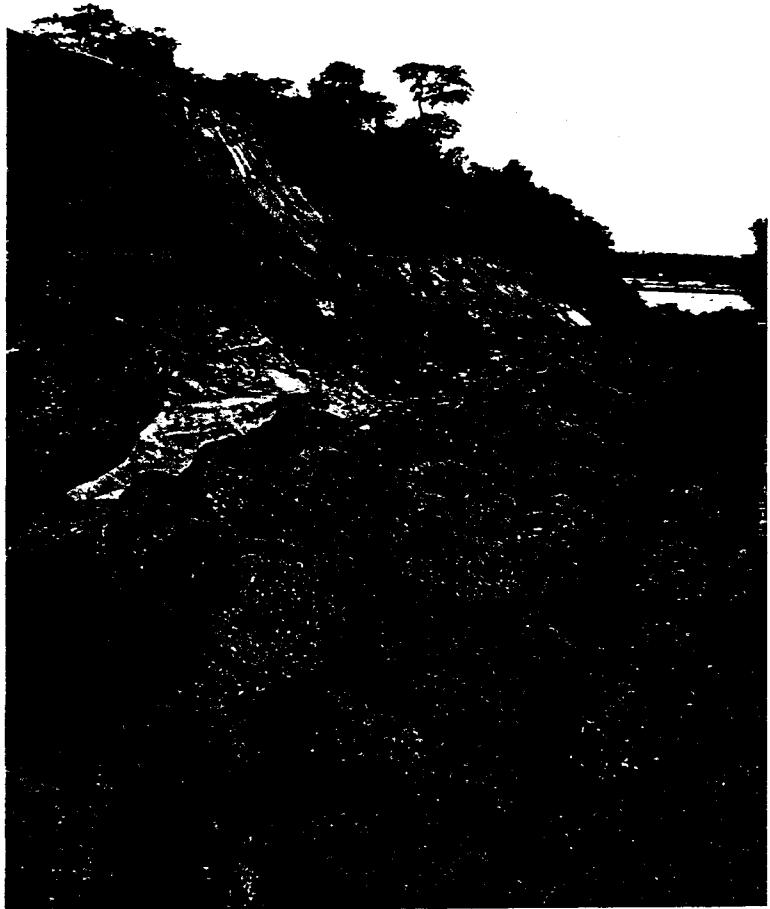


Foto 67 -Corte de terreno  
onde são visíveis  
diferentes composições lateríticas  
(em cima)  
e carapaça,  
que exposta ao ar reage  
tornando-se progressivamente mais escura.





A taipa, sendo uma construção mais morosa, era mais exigente em termos de mão de obra e de técnica, além de limitada em termos estruturais. A sua plasticidade não era neste caso e para a generalidade um trunfo, dada a hirteza e a rectícula a que o desenho hindu se submetia. A matéria era a terra argilosa apanhada próximo da construção a que se juntavam aparas de laterite, misturadas com água e batidas periódicamente, durante vários dias. O reforço era feito com pequenos seixos, bamboo ou tiras de tronco de areca e aplicado entre taipais de madeira de mangueira.

A análise<sup>12</sup> que efectuámos a um pedaço de taipa da casa Kamat em Panjim denuncia a existência de terra com abundância de ferro, de carbonato de cálcio, de grãos de pedras carbonosas e de um aglutinante proteico e gorduras, que derivam necessariamente dos aditivos naturais que se adicionavam.

A termo laterite<sup>13</sup> foi criado em 1807 por Buchanan:

*“Aquilo a que chamei argila endurecida (...) é um dos materiais mais úteis para a construção. Encontra-se espalhado em grandes massas, sem qualquer aspecto de estratificação (...) Está cheio de cavidades e poros e contém uma grande quantidade de ferro sob a forma de ocre vermelho e amarelo. Em massa, quando isolado do ar, é tão tenro que qualquer instrumento de ferro o corta facilmente e é arrancado em massas quadrangulares com uma picareta e talhado rapidamente segundo a forma desejada com uma colher de trolha ou grande navalha. Em pouco tempo torna-se duro como um tijolo e resiste ao ar e à água muito melhor que qualquer tijolo que observei na Índia. (...) como geralmente é talhado com a forma de tijolos para a construção, nos vários dialectos nativos é designado por “pedra para tijolo”, itica cullu. Onde contudo, por lavagem do solo, algumas das suas partes ficou exposta ao ar, e endureceu numa rocha, a sua côr torna-se preta e os seu poros e irregularidades dão-lhe uma espécie de semelhança com a pele de uma pessoa afectada por desarranjos cutâneos: por isso na língua tâmil é chamada shuri cull, ou “pedra de sarna”. ”<sup>14</sup>*

Laterites idênticas podem provir de rochas diferentes, como a mesma rocha-mãe, em função do clima, pode gerar solos distintos. A laterite é pois o resultado de *“...um conjunto de fenómenos de alteração das rochas eruptivas, sedimentares ou metamórficas, em climas quentes e húmidos, com alternância da estação seca e pluviosa, que conduz à lixiviação rápida e completa, de que resulta a libertação dos óxidos de ferro, dos óxidos de alumínio e da sílica.”*<sup>15</sup>

A camada superficial do solo sujeita a fortes chuvas, altas temperaturas e muita humidade facilita o desenvolvimento de organismos (insectos, vermes, bactérias) que liquidam a matéria orgânica (potássio, cálcio, fósforo essenciais às plantas) e vasculam o solo, facilitando a entrada do oxigénio e da água para a oxidação dos minerais, nomeadamente do ferro e do alumínio. *“Os silicatos são, assim, totalmente destruídos, as bases e a sílica solubilizadas e formam-se hidróxidos insolúveis de alumínio e ferro.”*<sup>16</sup>

<sup>12</sup> Ver amostra nº. 3 do ANEXO VI.

<sup>13</sup> Do latim “later”, que significa tijolo de construção.

<sup>14</sup> S.G. Fox, *Bauxite and Aluminous Laterite*, 2ª edição, Londres, 1932, p.393.

<sup>15</sup> Luís Aires de Barros, *Alteração e Alterabilidade das Rochas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, p.34.

<sup>16</sup> Luis Aires de Barros, in op. cit. p.32.

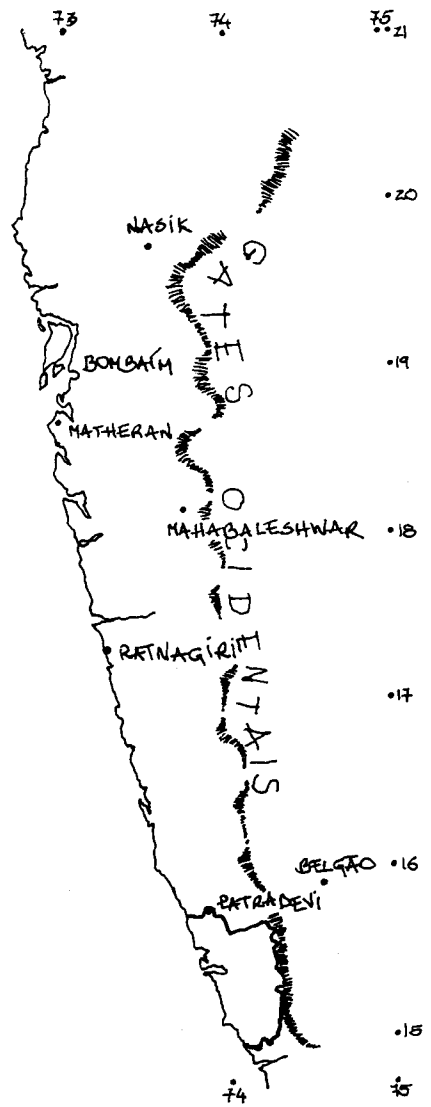


Fig. 58  
 -Mapa da costa ocidental da Índia,  
 onde estão assinaladas  
 as zonas com os melhores depósitos  
 de laterite do país (78).  
 Foto 68 - Antiga pedreira de laterite.



A rocha passa a compor-se de sílica, alumina, fracas percentagens de cal e magnésia e grande quantidade de peróxido de ferro distribuído irregularmente<sup>17</sup>, variando a cor de vermelho a castanho conforme nela predomine a hematite ou a limonite.

Em Goa pode dizer-se que a cor se torna mais carregada da costa para o interior e da profundidade para a superfície, o que se relaciona com o facto de nas zonas mais sujeitas às chuvas (que arrastam as substâncias solúveis) e à alternância seco-molhado haver maior aptidão para o ferro se fixar<sup>18</sup>.

A Laterite em Goa cobre cerca de  $\frac{3}{4}$  da sua superfície com uma formação interior e elevada que acompanha o rebordo ocidental do planalto do Decão e outra na linha de costa, com plataformas junto ao mar.

A primeira, oriunda de níveis altos, é compacta/maciça, com granulado homogéneo, composição uniforme e formada a partir da rocha subjacente. A segunda, de níveis mais baixos é mais vasicular e forma-se a partir dos materiais desagregados da outra pela acção erosiva dos agentes externos e que entretanto as águas carregaram para as terras mais baixas. Contém por isso fragmentos de rocha e pequenos seixos rolados<sup>19</sup>.

### ...da extracção

Era frequente, um grupo de casas abastecer-se para a sua edificação da pedreira de laterite que lhe ficava mais próxima. Estas proliferavam um pouco por todo o território como ainda hoje testemunhamos ao percorrê-lo. Crateras com água das chuvas, terreiros para jogos, sinuosas esculturas é o que resta dessas explorações, que não raramente se situavam junto de vias fluviais para assim escoar a pedra.

Com a facilidade de transportes terrestres, a lógica alterou-se. Hoje selecciona-se criteriosamente as zonas de extracção, cujas mais significativas se situam actualmente em territórios das novas conquistas. É de uma destas que daremos conta, por se situar num das formações mais qualificadas de toda a Índia.

*-“In its best and most typical development laterite occurs on the hills of Maharashtra and is found capping the highest flows of the Deccan trap at a height of 600 to 1500 m (above sea level) (...) Laterite deposits are found widely spread in the Indian Península, the more important of which occur near Belgaum, Midnapur, Mahabaleshwar, Matheran, Trichinopoly and Ratnagiri.”*<sup>20</sup>

Visitámos as pedreiras de Patradevi<sup>21</sup>, a menos de 50 Km de Belgaum e Ratnagiri, de onde se extrai a mais reputada pedra usada no território de Goa e em parte do Maharashtra.

Podemos constatar que na mesma pedreira, aberta há vinte anos, havia nuances que levavam a que os experimentados trabalhadores quando riscavam no chão o perfil a escavar, nunca sabiam dizer para que lado evoluiriam.

<sup>17</sup> ver Oliveira Boléo in op. cit., p.33.

<sup>18</sup> “...as soluções e suspensões coloidais ferruginosas, de maior mobilidade do que as aluminosas, tendem a ascender mercê das variações do nível hidrostático, por sua vez determinadas pela alternância da secura e da grande precipitação das duas épocas de clima tropical. Assim “há enriquecimento em ferro na parte superior do complexo laterítico” conduzindo, em bastos casos, à formação da couraça laterítica ou “chapéu de ferro”.” Cf. Oliveira Boléo, in op. cit., p. 34.

<sup>19</sup> Ver Oliveira Boléo in op. cit., p.36.

<sup>20</sup> B.S. Kapre, A.R. Kulkarni, e D.K. Joshi, *Laterite as a Construction Material*, Bombay, Maharashtra Engineering Research Institute - Nasik, s.d., p.51.

<sup>21</sup> Patradevi é a povoação mais a norte de Goa, na fronteira do estado. Estas pedreiras informaram-nos pertencer a Hanuman Tandel, um hindu de Goa.



Foto 68

-Aspecto geral da pedreira de Patradevi  
com as cabanas dos trabalhadores  
ao fundo (em cima)  
e com os blocos talhados,  
prontos a serem vendidos (em baixo).





Foto 69  
Aspecto do talhe dos blocos em obra.  
Neste caso e com base num molde  
são cortadas cornijas (em cima).  
À direita, em baixo,  
vista do processo de extracção  
e dos instrumentos utilizados para o feito.

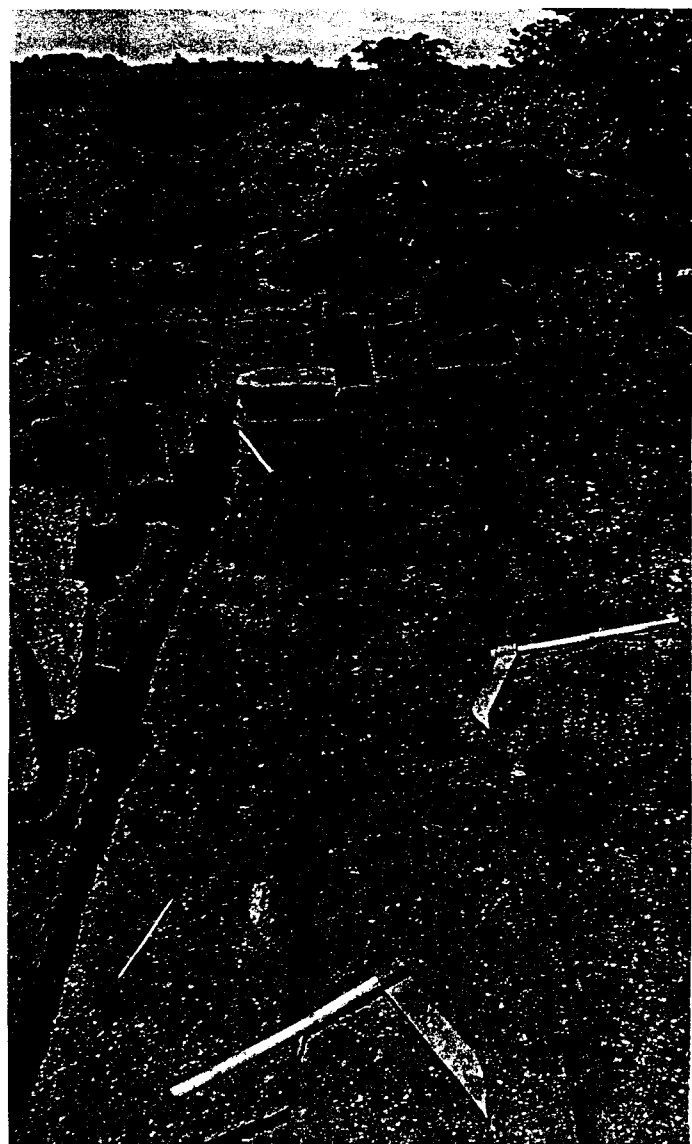
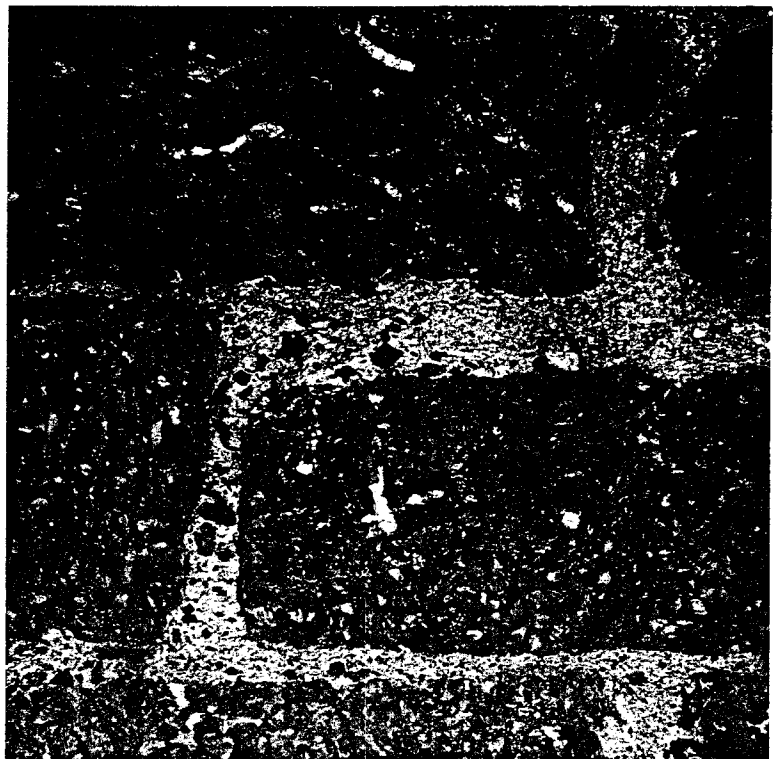
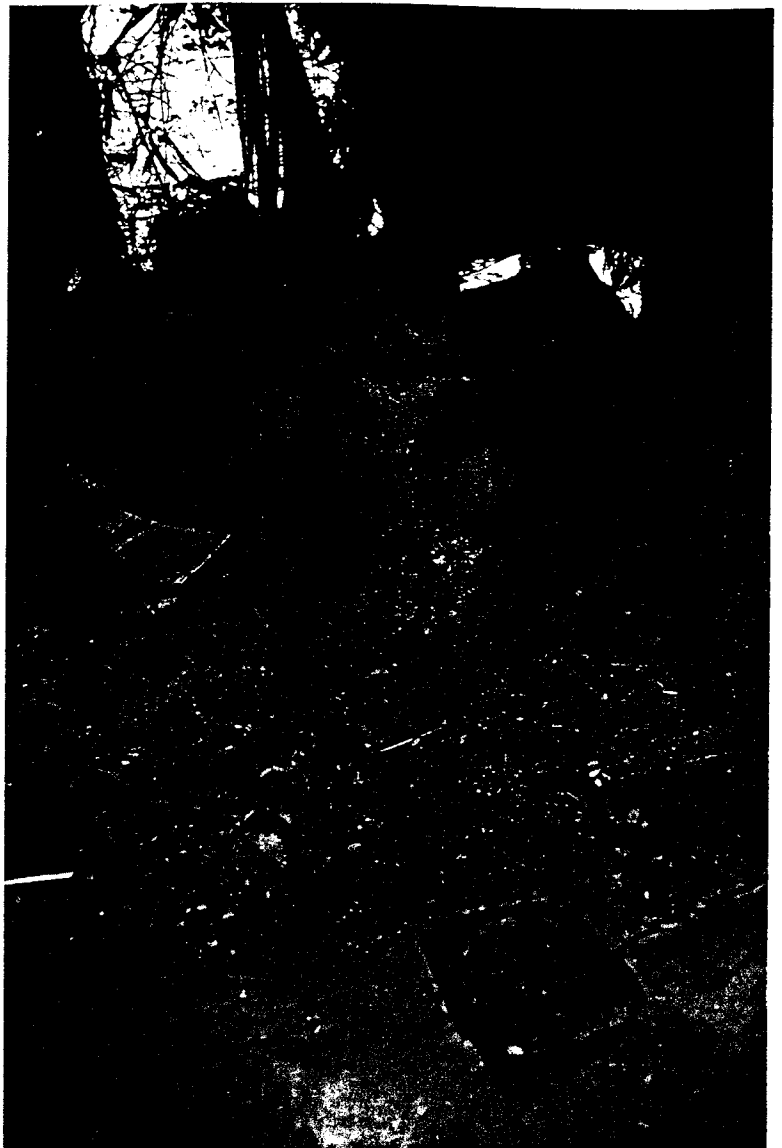


Foto 70  
-Interior da cabana  
onde são afinadas e corrigidas  
as lâminas de talhe,  
depois de aquecer o ferro  
até à incandescência (à direita).  
Em baixo dois aspectos  
de aparelho de pedra laterítica.



Despida de vegetação com uma regra sujeita à sensibilidade e conhecimento empírico dos operários, encetavam-se os desbastes, ora horizontais, ora verticais.

A dimensão das peças era “normalizada”, com margem para satisfazer encomendas específicas, efeitos particulares ou decorativos a exigirem acabamento em obra, como cornijas, degraus ou peitoris.

Os instrumentos são simples e em ferro, com facilidade de afinação no próprio local. Com efeito, uma das cabanas é reservada para esta tarefa, estando equipada com um aparelho rudimentar, a carvão, onde as peças de ferro são aquecidas até à incandescência para depois serem batidas e limadas.

O pessoal, hindus do Maharashtra, foram recrutados dos arredores de Belgão (150km a NE), onde subsistiam com a agricultura e a pastorícia pecária que faziam. Desde há dez anos que ali estavam instalados com as famílias, em pequenas cabanas circulares implantadas sobre as zonas já exploradas. Trabalham durante todo o ano, inclusive no período das monções e podem ir a casa duas vezes por ano.

Como vimos, exposta aos agentes externos, a rocha laterizada liberta-se das argilas e o ferro concentra-se tornando-a mais rija. *“Por isso ao empregarem-se os blocos de laterite na construção civil, é sempre de aconselhar deixar passar uma monção sobre as paredes erguidas, para obter o endurecimento da rocha,...”*<sup>22</sup> ou como é mais frequente ver-se expor os blocos depois de talhados e antes de os aparelhar.

Nem toda a laterite é de boa qualidade para ser usada na construção, pelo que é necessário conhecer a pedra empíricamente como a conhecem os pedreiros de Goa, mas também cientificamente como se começou a conhecer em meados deste século.

Com esse propósito foi conduzida pelo Maharashtra Engineering Research Institute de Nasik (150 Km NE de Bombaim) uma investigação sobre as capacidades da laterite como pedra para construção, como agregado miúdo de argamassas, como agregado de fino e médio grão para betão e como cimento depois de calcinado e moído.

Uma das motivações para a investigação, nomeadamente ao nível das argamassas, foi o facto de se saber que próximo dos depósitos de laterite em geral falta areia de rio de boa qualidade, pelo que seria conveniente uma alternativa.

*“As the laterite deposits generally occur on hill tops or in the coastal low lands, good river sands are generally not available near about them.”*<sup>23</sup>

As amostras foram colhidas de pedreiras em Matheran e Mahabaleshwar a 50 Km e a 250 Km a sul de Bombaim respectivamente, não muito distantes também, das pedreiras de Patradevi que visitámos.

As conclusões dessas experiências, que descrevemos pormenorizadamente em anexo<sup>24</sup>, foram as seguintes:

-(i) A laterite sazoadada, isto é depois de exposta aos agentes atmosféricos, pode ser usada como pedra de construção especialmente em esforços à compressão.

Deverá ser assegurada uma margem de segurança sempre que não estiver exposta.

-(ii) O ponto de ruptura da laterite é baixo quando comparado com o das rochas basálticas, pelo que não aguentam grandes cargas.

<sup>22</sup> Oliveira Boléo, in op. cit. p.34.

<sup>23</sup> B.S. Kapre, A.R. Kulkarni, e D.K. Joshi, in op. cit. p.52.

<sup>24</sup> ver ANEXO V.

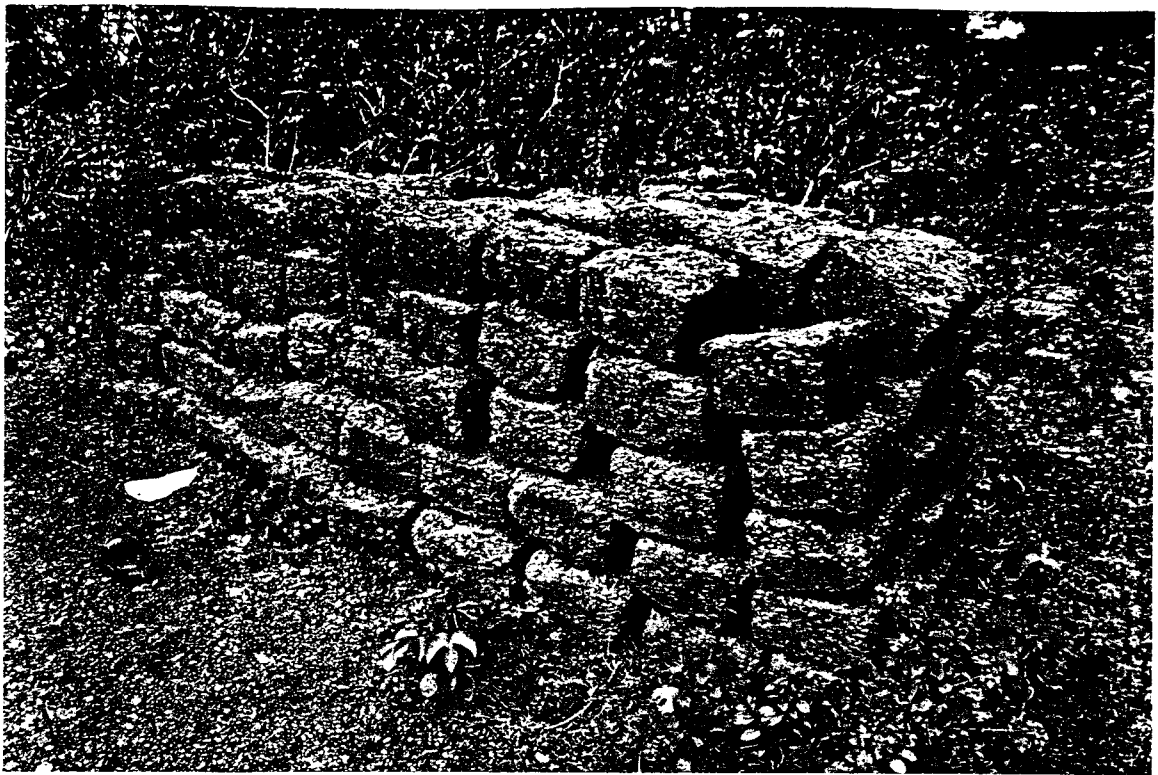


Foto 71  
-Um conjunto  
de blocos de laterite,  
exposto ao tempo  
já no local de obra,  
à espera de ser utilizado  
(em cima).  
Pormenor  
da parede esgrafitada  
da escadaria do Palácio  
dos Arcebispos  
na Velha Cidade (em baixo).





A laterite é permeável e a ser usada em estruturas a submergir, deve ser acautelada a sua impermeabilização com recurso, por exemplo, ao reboco das superfícies de contacto.

-(iii) Os agregados finos da laterite podem ser usados nas argamassas. A areia de laterite faz boas presas ao fim de 28 a 90 dias. O agregado mais grosso, usado na composição do betão faz boa presa logo ao fim de 28 dias sendo vantajosa a sua utilização.

-(iv) O betão de laterite é mais impermeável que a pedra por si e conseqüentemente do que uma alvenaria de laterite.

À espera de serem utilizados, junto das casas, encontrámos blocos de laterite com as dimensões aproximadas de 350x280x170mm em Assolná (Salcete), de 300x250x150mm em Chorão (Ilhas Tiswadi) e de 600x280x200mm/ 630x500x250mm em Patradevi (Perném), quando as normas do Bureau of Indian Standards<sup>25</sup> as exige com 390x190x190mm ou 490x190x190mm ou 590x290x290mm.

Apesar das normas existirem, dificilmente têm uma aplicação consistente, ampla e fiscalizada na Índia, permitindo-se alguma anarquia, que dificulta as abordagens científicas.

Os blocos podem portanto tomar as formas e as dimensões desejadas, na medida da sua resistência, da possibilidade da sua extracção, do transporte e do custo.

Um bloco para parede com 600x280x200mm pode custar 7 rp<sup>26</sup> enquanto um com 630x500x250mm para efeito decorativo pode custar 100 rp , ambos a preço de pedra.

## 2 - Argamassas

*“Basalt stone, which is easily available, is the building material with sand and lime mortar as the binding material. Conch shells were used for preparing the lime of the best variety.”<sup>27</sup>*

Não encontrámos registos de componentes, nem de métodos, mas lembraram-nos a propósito o facto da pedra do forte de Chandor ter sido aparelhada com cal, cozida em grandes fornos que então o local dispunha para o efeito e da areia para ali ter sido transportada de tonga.

Optámos por conversar<sup>28</sup> com antigos pedreiros, escolhidos por terem produzido e trabalhado argamassas tradicionais. Escassos, dispersos, com a memória distante, esvanecida pelas práticas correntes, sublinharam-nos o carácter intuitivo da fórmula, a disponibilidade da matéria, a hereditariedade do ofício até à presente geração e confirmaram a coincidência de serem oriundos da mesma taluka -Perném.

Seleccionámos ainda algumas casas de onde recolhemos amostras para análises de composição e estratigrafia. Em todas elas, de que se dá conta em anexo<sup>29</sup>, constata-se a existência de um suporte laterítico ou no caso do palácio dos Arcebispos (provavelmente a

<sup>25</sup> A primeira publicação do “Specification for Laterite stone block for Masonry” publicadas pela Stones Sectional Committee do Bureau of Indian Standards, data de 1966 e a primeira revisão foi efectuada em 1979.

<sup>26</sup> Uma rupia equivalia aproximadamente (em 1996) a 5\$00.

<sup>27</sup> D.K. Joshi, Defense Architecture in Goa, in *Indo-Portuguese History - old issues, new questions*, New Delhi, concept pub., 1985, p.285.

<sup>28</sup> Faz-se notar que as entrevistas foram feitas com tradutor de concanim - inglês.

<sup>29</sup> Ver ANEXO VI.

construção mais antiga), uma argamassa com restos de cerâmica sobre o qual é aplicada uma outra mais ligeira e onde escasseia areia, mas abundam matérias orgânicas e gorduras. Sobre esta são feitas as caiações.

I. Bapa Wadja - 70 anos/ Perném (actualmente em Panjim).

Argamassa para reboco: cal + areia + água

Num recipiente grande com água deixava-se durante 5 a 6 dias uma trepadeira (*Padkali*,<sup>30</sup> *conc.*), constantemente mexida por uma básica e rudimentar nora de búfalos. Findo esse período, retirava-se o que restava da planta e adicionava-se a cal, a areia, a jagra de cana e algum cairo, continuando-se a mexer por um período idêntico.

Nota: para aparelhar aumentava-se a quantidade de areia.

Argamassa para pavimentos: pó de laterite crivado + água

Mistura-se até ficar pastoso e aplica-se. Deixa-se secar e faz-se o polimento com pó de casca de côco assada, para escurecer<sup>31</sup>.

II. Manohar V. Niloji - 61 anos/ Perném (actualmente em Loutolim -Salcete).

Argamassa para aparelho e reboco: 1 de cal + 3 de areia de rio crivada (Usgão, Colvale, Dud Sagar) + 2 de aparas de laterite + 1 de água.

Bate-se tudo numa caixa de boas dimensões com dois paus, adicionando-se depois a planta *Padkali*, a jagra de cana, o cairo, aparas de areca (*Palmeae, lat.*) e a casca de arroz, para melhorar a aderência e fazer o isolamento com os seus vazios.

No caso de ser para pavimentos a receita é similar, devendo a manutenção ser feita sempre com areia e nunca com água.

III. Ramdas Lawande - 65 anos/ Perném (actualmente em Panjim)

Argamassa para aparelho e reboco: 1 de cal apagada durante 3 dias+ 3 de areia de rio crivada + água

Deixa-se 24h a apodrecer antes de proceder à aplicação. Um ou dois dias depois do reboco aplicado e seco deve impregnar-se a parede com água da cozedura de uma planta e do seu fruto (*hardi, conc.*)<sup>32</sup> para impermeabilização. Por fim aplica-se uma camada muito fina de 2 de cal e um de areia de rio crivada, sobre a qual se faz a pintura ainda a fresco

<sup>30</sup> É provável que se trate da *Ixora barbata, lat.* -uma planta trepadeira oriunda das ilhas de Andamão e Nicobar e que Van Rheede no seu *Hortus Indicus Malabaricus* diz que é costume mergulhar e pisar em água para que deixe sair o visco, a goma que contém.

<sup>31</sup> Recorda-se que a casca de côco assada também era misturada à bosta usada para os pavimentos.

<sup>32</sup> De acordo com o Dr. Dalgado no seu Catálogo da Flora de Goa e Savantvadi, *hardi* corresponde à *Terminalia Chebula (lat.)*, em português -mirobálano chebulico e era usado na tinturaria, fazendo-se dele tinta preta.

IV. Tukaram N. Mandrekar - 70 anos/ Perném (actualmente em Cansaulim -Mormugão)

Argamassa para reboco: 1 cesto de cal + 2 cestos de areia grossa + água q.b.

Deixava-se na água, o *padkalî* ou o *san*<sup>33</sup>, mexendo periodicamente durante dois dias. Findo este tempo juntava-se aproximadamente 4Kg. de jagra de cana.

Nota. Para as argamassas de aparelho devia-se juntar mais um cesto de areia.

V. Deu Harmalker - 66 anos/ Perném (actualmente nas Fontainhas -Panjim)

Argamassa para reboco e aparelho: cal + areia + aparas de laterite + água

Deixar “apodrecer” o preparado durante dois dias, adicionando água sempre que necessário. Juntar por fim o *padkalî*, a juta e a jagra, deixando descansar cerca de oito dias, findos os quais se pode proceder à aplicação.

V. Suryakant Lasso - 64 anos/ Perném (actualmente em Panjim)

Argamassa para reboco e aparelho: 1 de cal + 5 de areia de rio crivada + 1kg de jagra de cana ou demolhar determinadas plantas (de que não se lembrava o nome) viscosas na água antes de apagar a cal. Para as argamassas de revestimento diz aplicar-se apenas cal muito fina com jagra de cana.

Pavimentos de bosta<sup>34</sup>: Na primeira aplicação juntar 1 cesto de bosta + 2 terra de laterite crivada + 1 ou 2kg de breu em pasta. Nas aplicações posteriores que dependerão do uso e desgaste do pavimento deverá misturar-se à bosta, apenas água e fenol. O método pode ser à mão, fazendo-se a manutenção com uma vassoura de veios de folhas de palmeira -icls.

Fez-se uma análise a um destes pavimentos -o da casa Lima Fernandes em Chorão -Ilhas, onde se regista haver argila, fibras vegetais, proteínas e gorduras em abundância, sendo que são muito díspares as granulometrias.

Os pedreiros a residir em Panjim, encontram-se dependentes dos filhos, que entretanto enveredaram por outros negócios e já não exercem, nem esporadicamente, a sua actividade.

Os que moram em aldeias fazem-no pontualmente e rendidos aos novos materiais, orgulham-se das memórias mas não conseguem ser precisos, elencar e justificar determinados procedimentos.

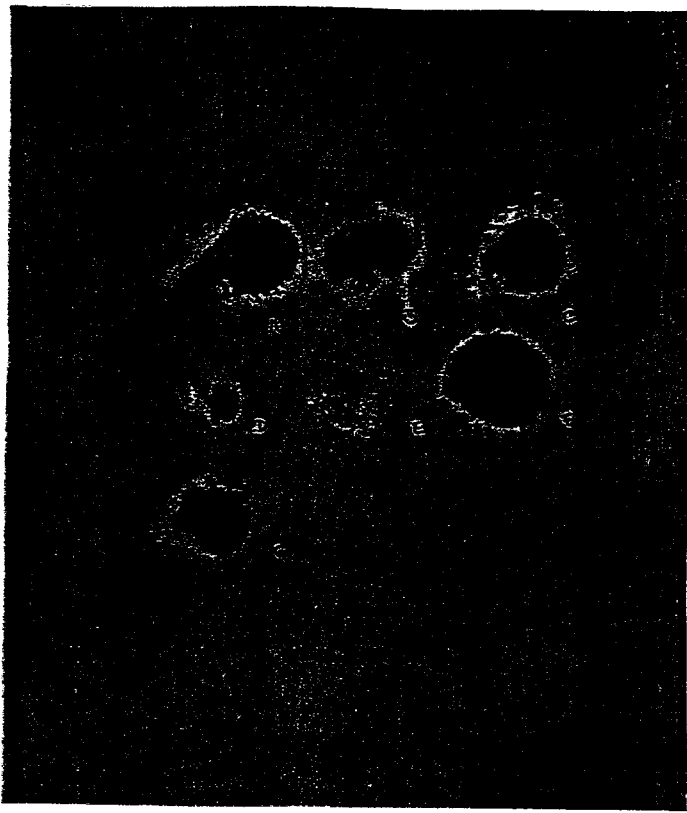
<sup>33</sup> *san* corresponde a *C. Juncea* (lat.) -cânhamo da Índia (linho) e substituiria aqui, com vantagens, o cairo que outros pedreiros referiram, uma vez que é mais fino, logo deixaria a superfície mais lisa.

<sup>34</sup> - “The floor is of the common type made by levelling broken stones to a fine level, over which a layer of clayish mud is laid which in turn is finished with thin layers of cowdung mixed with tar.” Cf. A. B. Almeida in Study of Hindu Domestic Architecture in Goa - 1947, (trabalho não publicado - 70pp.) p.37.



Foto 72  
-Processo de recolha,  
selecção  
e cozadura das conchas  
para a produção de cal,  
utilizando como combustível  
a casca do côco.  
Na foto ao lado a cal apagada,  
pronta a receber os pigmentos (à esquerda)  
ou a ser adicionado ani! (em baixo)  
para conferir maior brancura.





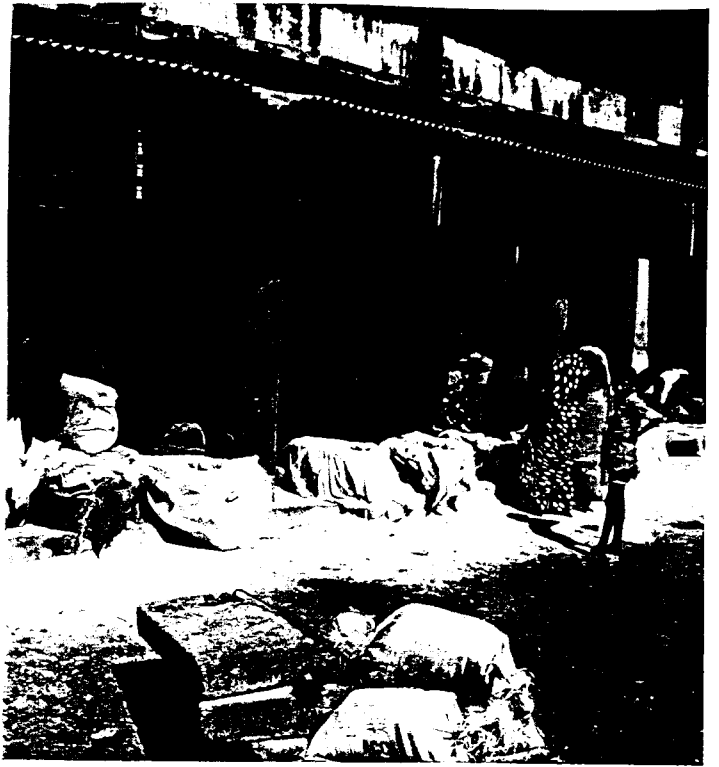


Foto 73  
-Venda das conchas cozidas  
e prontas a ser apagadas  
no mercado de Mapuçá (Bardez).

É unânime o reconhecimento das vantagens das argamassas de cal. Reconhecem a sua plasticidade ao longo do tempo, a adaptação às deformações, o baixo índice de retracção, a estanquicidade, a trabalhabilidade e o seu efeito benéfico sobre a saúde<sup>35</sup>.

Mas, para além da cal, das areias e da água que tiram dos poços, das nascentes ou das redes de abastecimento, apresentam-nos outros elementos, peculiares, de utilização tradicional, hereditária e arraigados à sua própria cultura -os aditivos.

## 2.1 -a cal (o ligante)

*“lime has been used in India from time immemorial.”*<sup>36</sup>

*“As construções eram de areia e cal de ostras.(...) As casas, caiadas de branco ou de vermelho alaranjado,...”*<sup>37</sup>

*“The lime plaster and mortar used in Goa, is very strong but not too fine this being due to the sea shells used in this type of mortar.”*<sup>38</sup>

Como já Pyrad de Laval escrevia, no texto transcrito no início deste capítulo, a cal de Goa era e é produzida a partir das conchas.

Estas são colhidas nas enseadas dos rios, principalmente nos das talukas do norte, lavadas em água corrente e cozidas em fornos cilíndricos de barro. As conchas são acamadas entre cascas de côco que também servem de combustível durante cerca de oito a doze horas dependendo da capacidade do forno. Depois de cozidas o produto é separado em função da sua granulometria que pode ir de um pó fino a cascas amolecidas e vendido nos mercados, pronto a ser apagado.

Todos estes trabalhos têm um carácter doméstico. São as mulheres que apanham as conchas, que as cozem nos quintais de suas casas e que as vendem. Visitámos algumas, na mais característica região, junto a Siolim, a norte de Bardez.

A cal servia não apenas para a produção de argamassas, mas também para caiar, o que segundo uma tradição regulamentada pelos Vice-Reis, ocorria após o período das monções. Facto que ainda hoje se regista pelos meses de Novembro e Dezembro, tendo em conta também o período das festas e das férias dos emigrantes.

### 2.1.1. - os pigmentos

Se a cal era para caiação, no caso de se pretender o branco misturava-se anil, realçando o efeito, no caso de se pretenderem côres, misturavam-se pigmentos, outrora naturais, de origem vegetal ou mineral, hoje também sintéticos.

Os vermelhos alaranjados, ou ferrosos a que vários autores se referem, seriam oriundos de uma mistura de terras lateríticas e teriam sido, as primeiras côres correntes na construção em Goa, inclusive através dos esgrafitados. A amostra<sup>39</sup> recolhida na casa Dessai (Borus - Canácona) para análise, revela um suporte de carbonato de cálcio, proteínas e gorduras dos aditivos e um pigmento à base de ferro, logo de origem laterítica.

<sup>35</sup> Através do processo de carbonatação, a cal hidratada  $\text{Ca}(\text{OH})_2$  absorve o dióxido de carbono  $\text{CO}_2$  da atmosfera transformando-se em carbonato de cálcio  $\text{CaCO}_3$  e água  $\text{H}_2\text{O}$  que se evapora.

<sup>36</sup> Gvt. of Maharashtra, *P.W.D. Handbook*, Bombay, Gvt. Central Press, 1980, p.84.

<sup>37</sup> Jaime Cortesão, *O Império Português no Oriente*, Lisboa, Portugalíia ed., 1968, p.250.

<sup>38</sup> A. B. Almeida in op. cit., p.34.

<sup>39</sup> ver a amostra 4 do ANEXO VI.

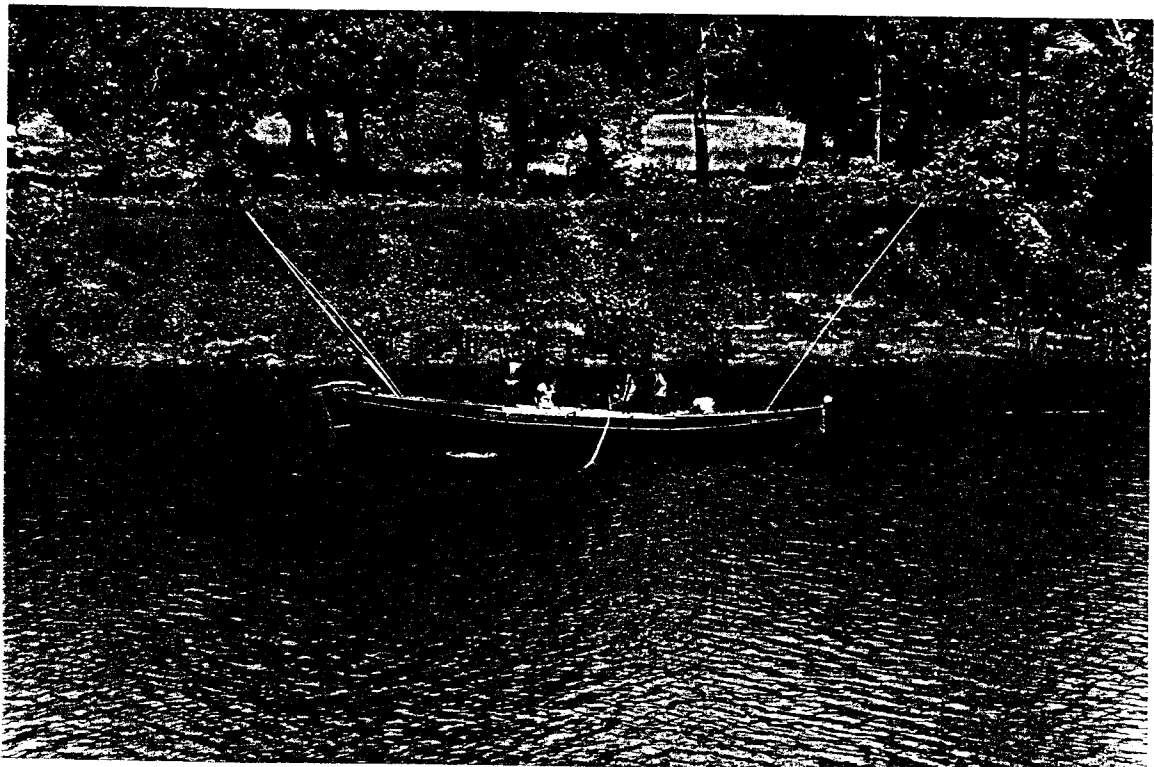


Foto 74 -A extracção de areias na praia de Colvá (Salcete) e no rio Tiracol (Perném), próximo de Nalbalga, fonteira com o estado do Maharastra. Às varas estão atados recipientes que os homens pressionam para a recolha das areias do fundo, trazendo-as para dentro do barco.



Também o ocre, como tivemos oportunidade de confirmar através de análises a uma amostra actual, refere-se a “*um pigmento de terras naturais, composto de sílica e argila e que deve a sua cor à presença do ferro. (...) um pigmento muito estável.*”<sup>40</sup>

Ambos de origem mineral depois de reduzidos a pó eram designados em concani por “*koss*” e “*sherh*” respectivamente, que com o preto e o azul seriam as cores mais comuns.

Isto mesmo nos confirmam as análises estratigráficas que efectuámos a rebocos antigos<sup>41</sup> e que nos dão para casos distintos<sup>42</sup> mas todos sobre um suporte de cal branca, sequências/sobreposições de caiações muito similares:

- (i) azul Prússia/ amarelo ferroso (casa Lima Fernandes-reboco);
- (ii) azul/ branco (alternado) (casa Kamat -taipa);
- (iii) amarelo/ vermelho ferroso (casa Dessai -reboco);
- (iv) amarelo ferroso -vermelho (Palácio dos Arcebispos -reboco);

Procurámos reunir os diferentes pigmentos que hoje se utilizam com a cal e ainda que alguns se apresentem de composição sintética, podemos dizer que praticamente todos já corresponderam a composições naturais, tal a diversidade e corrente utilização que tiveram desde sempre nos adornos femininos e festivos.

Gerados a partir de sínteses de plantas, de flores, de minerais, mesmo de elementos animais -algumas essências que pela sua dificuldade e onerosa extracção se foram substituindo por outros mais fáceis.

Um exemplo desta rendição é-nos dado através da análise<sup>43</sup> que fizemos a um pigmento actualmente utilizado em caiações - o vermelho carmim e que se nos revelou como um pigmento orgânico composto, do tipo Para-Red, isto é, derivado de “*paranitranilina*” e comercializado apenas a partir do final do século passado.

A sua qualidade é muito instável, não oferece a resistência dos pigmentos anteriores, escurecendo facilmente com a luz.

## 2.2. -as areias (os inertes)

Embora seja comum a utilização de areias de praia lavadas, como aliás vimos extrair na praia de Colvá -Salcete, encontram-se ainda zonas onde se procede à extracção em sistema de areias de rio. Encontrámos algumas nos rios Chaporá e Tiracol, limites inferior e superior respectivamente da taluka de Perném, a cerca de de 12 km da foz.

Uma pequena embarcação com cinco homens é ancorada no rio. Umhas longas e resistentes varas de madeira são atadas a um recipiente que os homens emergem para recolher a areia e a depositarem no barco. Quando a capacidade deste se esgota rumam para a margem e em cestas transferem a carga, até que um camião a transporte para os postos de venda.

Isentas de sais não serão com certeza, sabendo que a maré em altura de monções pode atingir os 20km a montante, contudo serão mais adequadas do que as das praias, ainda que também seja conveniente proceder à sua lavagem, ainda que esta lhes retire a goma, posteriormente compensada com aditivos.

Em todo o território não detectámos nenhum areeiro, o que se compreende dadas as características geológicas dos terrenos.

<sup>40</sup> ver a amostra 7 do ANEXO VI.

<sup>41</sup> ver a amostra 2, 4 e 5 do ANEXO VI.

<sup>42</sup> em termos geográficos, cronológicos, funcionais e religiosos.

<sup>43</sup> ver amostra 6 do ANEXO VI.

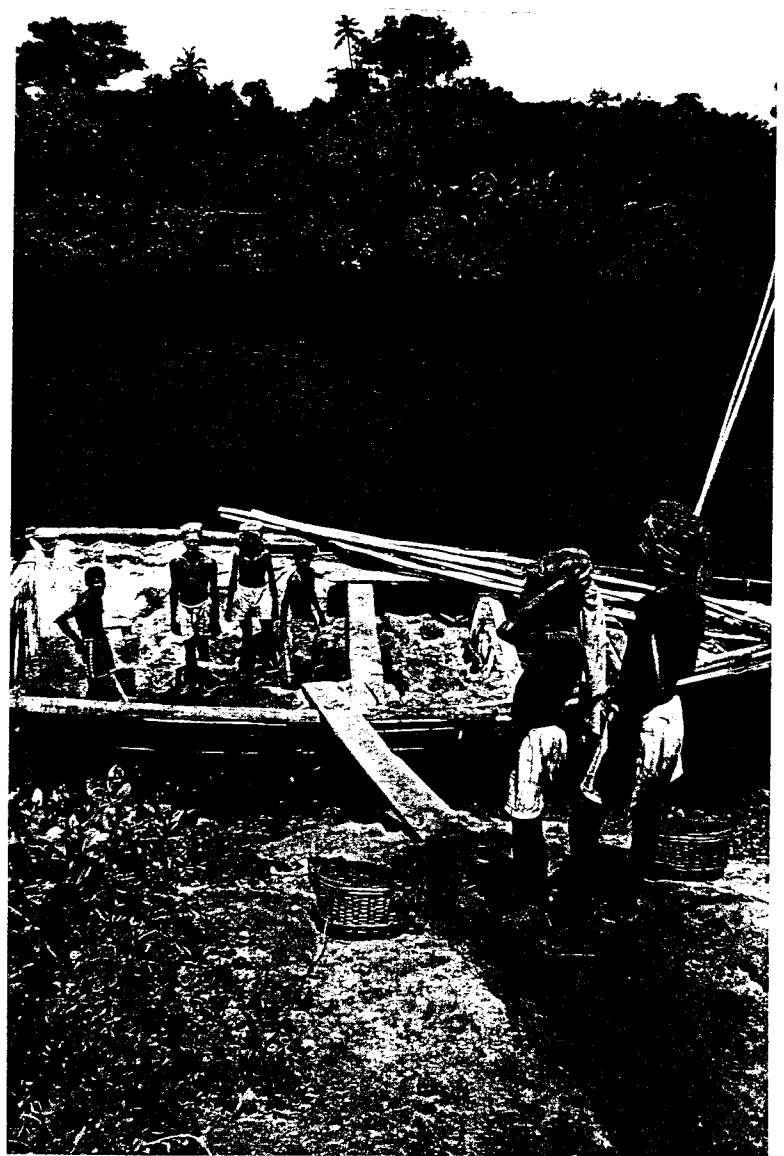


Foto 75  
-Depois de descarregada em terra  
a areia é transportada  
para os postos de venda mais acessíveis  
(em baixo),  
para que depois de crivada  
possa ser utilizada em obra,  
(em cima, à esquerda).



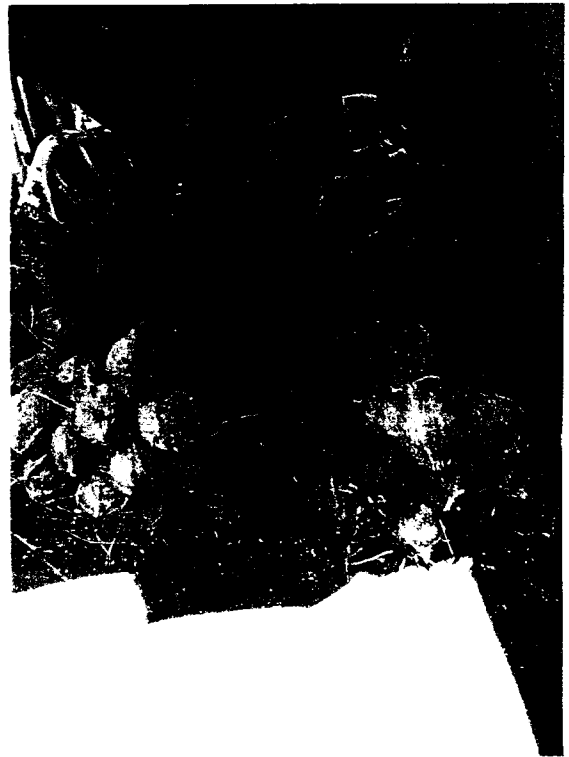
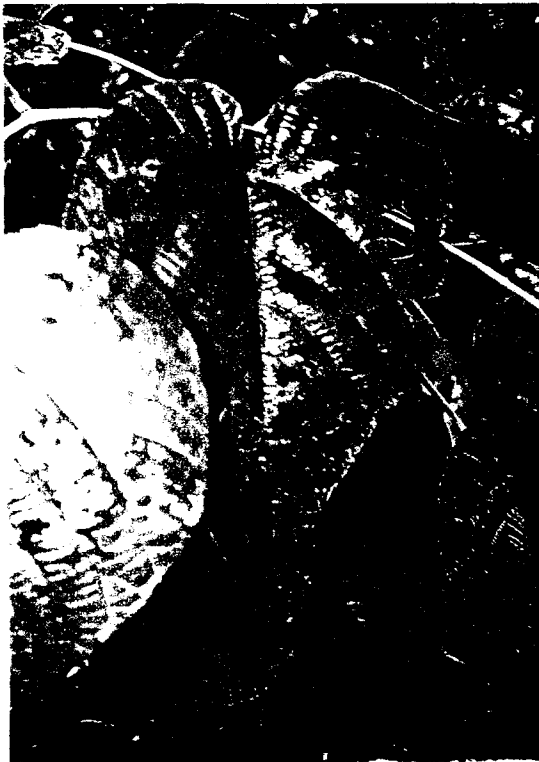


Foto 76 -Em cima, sistema de tracção animal, similar ao que era utilizado para dissolver e misturar os aditivos com a cal. Em baixo a trepadeira *Padkali* e os côcos de onde se extrai o cairo.

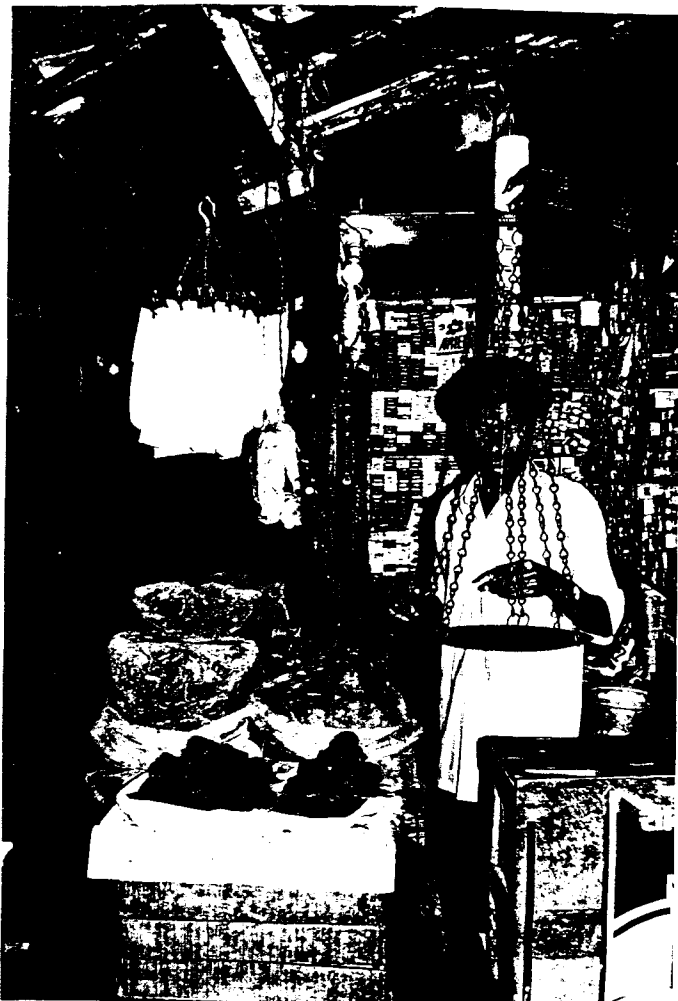


Foto 77  
-A jagra de cana de açúcar (mais clara)  
e de palmeira (mais escura)  
no mercado de Margão (em cima).  
Acabamento estucado  
de uma casa de Candolim (Bardez).

Pelo contrário encontrámos diversas barreiras de onde se extrai argila de boa qualidade e que por vezes se mistura às argamassas a fim de lhes conferir uma maior plasticidade.

Como abunda a laterite aproveita-se por vezes o pó desta rocha, convenientemente crivado, como inerte suplementar para as argamassas.

### 2.3 -os aditivos (o *padkalī*, a goma, as fibras, a jagra....)

Com frequência nos aludiram a plantas que pelo seu conteúdo viscoso eram introduzidas na água utilizada para apagar a cal e assim conferiam goma ao preparado, o que para além de facilitar a agregação actuava como impermeabilizante. O *Padkalī*, (*conc.*), que já caracterizámos em nota de rodapé era a mais divulgada, sendo possível a utilização de outras se considerarmos o conhecimento profundo que os nativos tinham da flora local e das suas potencialidades, na velha tradição das escrituras védicas, de respeito e complemento.

Também há referências à adição de outras gomas de que a mais comum seria a água de cozedura do arroz<sup>44</sup>, como se sabe elemento essencial e quotidiano da alimentação indiana.

Para conferir resistência física, criar uma teia, utilizavam-se fibras do tronco de arequeira, de cairo, ou ainda de cânhamo da Índia, em função do disponível ou do acabamento pretendido. A casca do arroz era também usada conferindo pelos seus vazios a propriedade de isolante.

A jagra de cana é outro dos ingredientes adicionais muito comum. As referências históricas a este produto na construção remetem-nos pelo menos a 1782, para as viagens do francês Sonnerat. Então, dizia ele:

*“Ce jagre est un sucre brut tiré du palmier. Il entre...dans beaucoup des remèdes, ainsi que dans composition du crépi fin et poli dont on enduit les maisons et les argamasses dans l’Inde.”*<sup>45</sup>

A jagra é um açúcar que pode ser extraído da palmeira ou da cana tomando respectivamente um aspecto negro ou amarelo. *“Os gentios, porém, não se servem de jagra de palmeira mas sómente da de cana.”*<sup>46</sup>. O facto de vermos apenas esta última associada à construção confirma a relação estreita entre os hindus e aquele ofício, em Goa.

O étimo da palavra vem do *“malayalam -chákkarã, que se liga ao sânscrito çarkarã por intermédio das formas neo-árnicas xākar, sākar, sākhar.”*<sup>47</sup>

Ambas as jagra são vendidas nos mercados em torrões sobre a forma de poliedros (*gód -conc.*) e dissolvidas quando utilizadas.

Uma descrição de 1872 de Bernardo Costa no Manual do Agricultor dá conta que para a conversão da sura da palmeira em jagra se pintava o interior do receptáculo com cal para que melhor se conservasse a sua doçura.

No caso das argamassas a cal conservava o açúcar no intuito de retardar a presa.

Alterada a composição da água, reduzida a sua capacidade de evaporação, a cura era lenta, o que num clima muito quente e sazonalmente seco, como o de Goa, era garantia para um bom reboco, ou pelo menos para reduzir as fissurações.

<sup>44</sup> Esta referência além de nos ter sido dada oralmente por alguns “curiosos”, foi-nos confirmada pelo P.W.D. Handbook do estado do Maharashtra (ver op. cit.) que, no capítulo dedicado aos materiais, refere: *“Rice water can also be added in place of gum.”* (p.83)

<sup>45</sup> ver Sonnerat in *Voyages*, Paris, 1782, vol. I, p.82.

<sup>46</sup> Sebastião Rodolpho Dalgado, *Glossário Luso-asiático*, 2ªed., Lisboa. 1988, vol.I, p.475.

<sup>47</sup> Ibidem

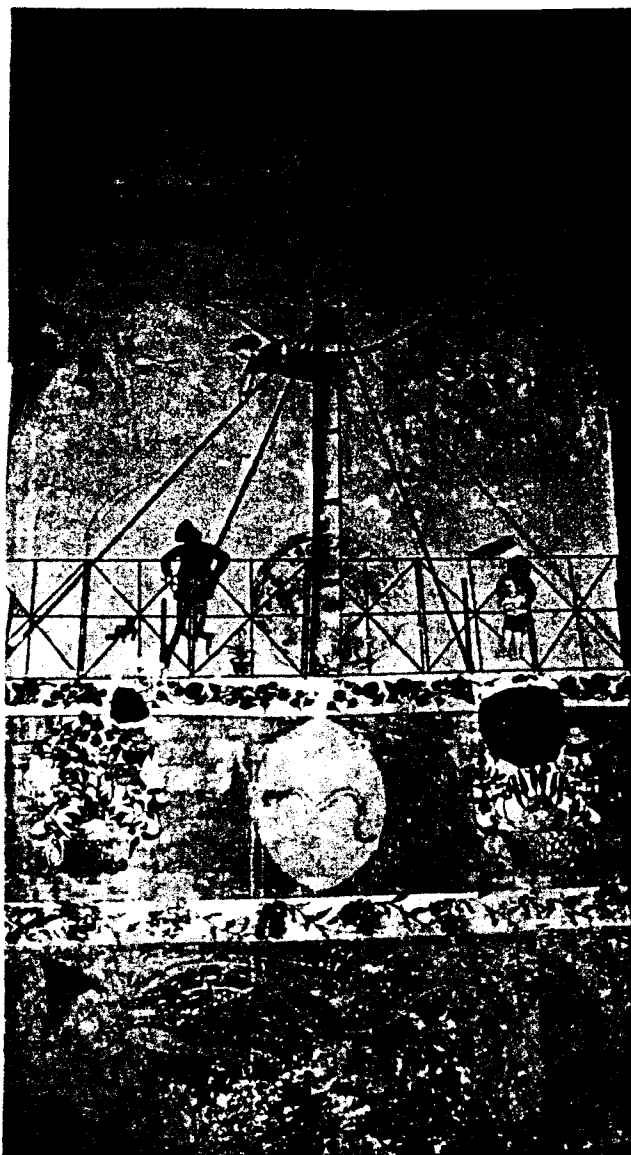


Foto 78

-Frescos em interiores de casas hindus.  
Casa Borus (Canácona) (à esquerda)  
e casas Kundaikar (Cundaím -Pondá)  
e Poi Raikar (Savoiverém -Pondá)  
(à direita de cima para baixo).

Note-se que o período de construção ia desde o fim das monções -Outubro/ Novembro até ao seu começo, em Junho, abrangendo os meses de menor humidade e de temperaturas mais elevadas.

Ao invés e para ajudar à presa, contava-se com o pau-ferro (*Acacia Catechu*) de que se obtinha pela sua decocção uma “*substância secca e friavel*” a que se chamava *catto*, *catechu* ou *terra japónica* “...*de muita applicação (segundo as qualidades) na pintura, na medecina, e na tinturaria;*”

Consideravam-se três qualidades de *catto*: -“*o branco-rosado pelo preço de prata com applicação na medecina, o vermelho-escuro de um quarto de valor do primeiro e de grande uso na mastigação e na pintura e o roxo quasi negro e de baixo preço, usado (...) como presa com a cal nos trabalhos de alvenaria.*”<sup>48</sup>

## 2.4 -os estuques<sup>49</sup>

A utilização de estuques, era um prática comum em certas regiões da Índia, nomeadamente em templos nos estados do Maharashtra e Karnataka. Com efeito, Stella Kramrisch evoca no seu estudo inscrições dos séc. X e XIII, de templos que seriam integralmente estucados<sup>50</sup>, constituísem ou não suporte para pinturas.

Refere-se especificamente a um estuque designado de *Vajralepa*<sup>51</sup>, composto à base de cal de conchas, ou terra branca (*caolin*), substâncias vegetais, gomas, resinas, viscos e substâncias animais como pó de chifres e peles. E acrescenta -“*vajralepa which means diamond plaster, is so called because it is speciallly durable and firm;*”<sup>52</sup>

A massa, depois das misturas, ficava a amadurecer durante cerca de dois a quatro meses, ganhando resistência e efeito para poder ser aplicada; -“*It is a rich and creamy white, discreetly shining, like polished ivory or some ancient enamel.*”<sup>53</sup>

Quando se queriam fazer pinturas sobre o estuque, derretia-se num pote de barro a goma da pele de búfalo cozida e entretanto concentrada em *stiks*, a que se misturava a água e o pigmento desejado. Preparava-se a superfície com o *vajralepa* e com uma camada de pasta de cal misturada com resinas e óleos, plana e polida, sobre a qual depois de seca se podia proceder às pinturas.

Como suporte dos estuques aparecem referências a superfícies de tijolo e de pedra, sendo de admitir que neste último caso se optaria por esta solução quando a pedra fosse de pior qualidade. A decisão de gerir os materiais e de lhes adequar funções, cabia a quem construía os templos e tinha a haver com relações de peso, de massa, de força e de equilíbrio estético.

Como vemos os templos constituíram desde cedo uma escola, em que se aliavam conhecimentos de áreas distintas, da botânica à física, da geologia à astronomia, tendo como fio condutor os textos sagrados, ou escritos por homens venerados que preconizam um entendimento global e relacionado do universo e a que cada região se adaptava em função das suas riquezas.

<sup>48</sup> Lopes Mendes, in op. cit. vol II, p.247.

<sup>49</sup> considerem-se rebocos mais delicados, que pelas suas características e componentes conferem o acabamento.

<sup>50</sup> Stella Kramrisch, *The Hindu Temple*, New Delhi, Motilal Banarsidass, 1991, vol.I, pp.123, 124.

<sup>51</sup> Idem, p.121.

<sup>52</sup> Ibidem

<sup>53</sup> Ibidem

Por exemplo no cap. XIV do livro sagrado *Silparatna* -refere aquela autora que aparece uma receita de vajralepa com 100 partes de cal, 2 de resina e pequenas quantidades de Ghee (manteiga de búfala), bananas muito maduras, água de côco, jagra de cana e seivas de árvores.

Manifesta variedade de opções que exige um domínio e controle de soluções.

### 3 - Madeiras

*-"Brahman was the wood, Brahman the tree from which they shaped heaven and hearth" (Taittiriya Brahmana II.8.9.6)"*

*-"It is a fact that in ancient India, for a very long time the stone architecture was prohibited for the residential houses of human beings. It was only for the abodes of Gods that the stone could be used. That is why the earliest Indian civil architecture was mainly of wood. But later on, as time passed, stone was permitted in the palace of Kings and other important buildings and gradually it was adopted in the other architecture too." <sup>54</sup>*

Restrita à morada dos deuses, a pedra deixa na arquitetura doméstica um lugar vago que é preenchido pela madeira, profundamente simbolizada e entendida como um elemento intermédio entre a pedra -substância divina e impenetrável e o tijolo, cozido pelo fogo mas produto do homem.

*-"Wood has primacy in the building of houses; (...) Brick belongs to man, the sacrificer, in his effort at reconstruction and winning back a wholeness of which he knows himself as part or token. Wood is known by him as a symbol of that wholeness. He clings to it during his fall." <sup>55</sup>*

*-"Wood (...) makes construction easy; it serves as support and cover; its employment is the building which admits space in its interior or encloses space, and not the compact monument. (...) The bulk of the timber on the other hand lends itself to being carved, to being cut into." <sup>56</sup>*

Tradicionalmente em madeira, as casas hindus alimentaram uma apurada técnica e conhecimento do material, que progressivamente se esvaneceu, com a construção em taipa e laterite que ofereciam uma maior resistência à agressão do clima. Conservaram-se memórias em elementos hoje de complemento, como escadas, guardas, sobrados, vãos e colunas.

A selecção da madeira correspondia a regras prescritas nos textos sagrados<sup>57</sup> que determinavam o momento e a forma do abate das árvores, rejeitando as oriundas de cemitérios, das ruas das aldeias, das margens de tanques ou das proximidades de templos. Também as mirradas e doentes, com buracos e habitadas por certos bichos ou aquelas que delimitam as propriedades, que dão fruto fora da época, que têm espinhos ou que são sagradas, não eram adequadas à construção. Quanto à sua idade não deviam ser nem muito jovens, nem muito velhas, mas rondar os 66 anos para que sejam abatidas.

O seu corte tinha dia e ritos próprios, não devendo nunca tombar para sul ou para oeste e sendo vantajoso que ocorresse de noite para facilitar uma pacífica transferência de espíritos.

Procuramos aqui elencar algumas das madeiras mais observadas nas casas -objecto do nosso estudo, caracterizá-las e avaliá-las em ordem às potencialidades para a sua reutilização.

<sup>54</sup> D. Muralidhar Rao, in op. cit., p.85.

<sup>55</sup> Stella Kramrsich, in op. cit., p.117.

<sup>56</sup> Ibidem

<sup>57</sup> Textos Védicos -Vishwakarma-Prakaasha XXIX, Matsya Puraana 257, Brihat Samhita 59.





Foto 79 -Aspecto de uma serração em Arlém (Salcete) (em cima)  
e de uma plantação de tecas (em baixo).

Para conhecermos as madeiras visitámos três carpintarias; -a Modulor Timbers em Corlim Industrial State (Ilhas Tiswadi), a do Sr. Rosário Ferrão em Sta. Inês e a Pushpraj Co. em Portais -Panjim e a Souza Timbers em Arlém -Salcete, onde encontrámos como madeiras mais utilizadas a teca, o sissó, a jaqueira, a marêta, o quinzol, a bemteka e a sâl wood.

Outras há porém que podem ser requeridas, se bem que já não seja tão comum a sua utilização. Estão entre estas o jambleiro, o edû e o pau-ferro.

As diversidades das espécies e os nomes que em cada região elas adoptam leva a que por vezes se confunda a sua identificação, razão pela qual optámos por nos basearmos no *Catálogo da Flora de Goa e Savantvadi* do Dr. Dalgado assinalando o nome latino.

Para cada uma das madeiras, correspondem funções construtivas de acordo com as suas características físicas mas com bastante flexibilidade e capacidade de substituição. No entanto a diminuição de empresas do ramo em Goa, já de si de pequena dimensão, tem vindo a obrigar à importação crescente da matéria-prima dos estados vizinhos o que encarece substancialmente as madeiras, levando a que os proprietários quando precisem optem por outras de inferior qualidade.

Esta situação, quando não controlada, tem consequências graves na medida em que pode pôr em causa o equilíbrio a que o edifício esteve continuamente sujeito.

Note-se que falamos de uma qualidade relativa já que globalmente as madeiras são todas muito boas, contudo de exploração mais ou menos difícil ou mais ou menos intensa<sup>58</sup>, de crescimento mais ou menos lento e de durabilidade face ao clima e às suas contingências mais ou menos extensa. Parâmetros de ponderação que não podem ser olvidados.

Considere-se então:

#### - Teca (*Tectona Grandis*)

A Teca é uma árvore oriunda de Burma mas espalhada por toda a Índia, Tailândia, Indonésia e mais tarde introduzida na África e América tropical. Hoje é considerada uma das “...19 of the best known woods used today.”<sup>59</sup> O nome vem do malaialam *Tekku*. Pertence à família das verbenáceas -*Tectona Grandis*, em latim, que Sebastião Dalgado caracteriza assim; -“A madeira é forte e mais durável do que qualquer outra, é muitíssimo apreciada para diversos usos; as folhas dão uma tinta vermelha; e as flores são diuréticas.”

A madeira tem igualmente a propriedade de não apodrecer na água, de resistir bem a tempestades<sup>60</sup> e de não ser roída por formiga branca, pelo que era particularmente utilizada na construção de navios<sup>61</sup>.

- “A teca (*Tectona grandis*) (...) é a mais apreciada para as construções navaes. Sua resistência é inferior a algumas outras árvores (...); porém nas suas qualidades geraes e especialmente na perfeita conservação por muitos annos, até mesmo exposta ao tempo é superior a muitas outras madeiras da Índia. A diferença em suas qualidades é notavel segundo as latitudes, natureza do solo e exposição, de forma que a téca do norte é commummente considerada superior á do Canará e á do território de Goa.

<sup>58</sup> Note-se que no Maharashtra, devido à durabilidade e facilidade de trabalho, a teca foi exaustivamente explorada, levando a que o governo tenha tomado medidas de protecção que induzem fundamentalmente ao consumo de espécies com características similares.

<sup>59</sup> Aidan Walker, *Identifying Wood - The new compact study guide and identifier*, London, Apple Press, 1997, p.12.

<sup>60</sup> - “Teke by the Portuguese; Sagwan by the Moors, is the finest wood they have for building, and on the account it resists Worms and Putrefaction, the best for that purpose in the world.” Cf. John Fryer in *A New Account of East India and Persia (1672-1681)*, New Delhi, A.E.S., 1992, vol.II, p.75

<sup>61</sup> - “Da madeira tambem ha muita copia de teca, por onde se fazem aqui todos os navios de remo, de que se servem na armada de Goa.” Cf. Antonio Bocarro, in livro III, 1634, p.248.



Foto 80 -Pormenor de mobiliário em rose-wood (em cima) e nó do vigamento de uma cobertura de varanda em teca (em baixo).

*São conhecidas pelos indígenas do Guzarathe quatro variedades de teca, a saberaguia ou de fogo, porque a sua serradura produz erupção na pelle; tellia ou de azeite, por ter uma apparencia oleosa; chicatia ou rija por ser mais difficil de trabalhar, finalmente govario ou ordinaria, porque é mais facil de trabalhar e de menos duração.”*<sup>62</sup>

Em geral a teca caracteriza-se por ser dura, densa, com fibras alongadas, grosseira e irregular. Tem uma resistência média à flexão, baixa resistência ao choque e alta resistência à compressão<sup>63</sup>. Cresce facilmente, é fácil de trabalhar, de moldar, de emalhetar e de dar acabamento. É muito durável devido à presença do seu aromático óleo<sup>64</sup> que a preserva nomeadamente dos ataques da formiga branca<sup>65</sup>.

A teca é utilizada genericamente em todos os tipos de construção. Em Goa distinguem-se actualmente dois tipos: -como sendo de primeira a de Dandeli (50 km E de Goa) usada para elementos estruturais e de segunda a do próprio território usada para mobiliário e caixilharia.

#### **- Rose Wood (*Dalbergia Latifolia*)**

Vulgarmente conhecida como pau-rosa, pau-santo, ou ainda sissó -do concani xisó, é indígena do sul da Índia, distinguindo-se da existente nas Américas. Considerada, com a teca, pelos Ingleses, a segunda de entre as madeiras reais<sup>66</sup>, é uma madeira pesada, densa e muito dura. Com um índice elevado de ruptura e flexão, é no entanto pouco rígida pelo que não é aconselhada para elementos estruturais, antes profusamente utilizada em mobiliário. Não é conveniente que seja emalhetada ou aparafusada sendo preferível a utilização de colas<sup>67</sup>. É uma madeira muito durável, pouco deformável e resistente ao bicho.

#### **- Jaqueira (*Artocarpus Integrifolia*)**

Identificada pelo Dr. Dalgado como *Artocarpus Integrifolia* é ainda hoje uma madeira muito utilizada e apreciada<sup>68</sup>. É uma árvore indígena muito cultivada tendo em conta que dá um fruto -a jaca, nutritivo e muito rentável<sup>69</sup>. O seu visco é utilizado como cola para concerto de louça quebrada. A sua madeira é amarelada, leve e macia pelo que facilmente esculpível. É usada especialmente para portas e janelas.

O Pe. Fernão de Queiroz sintetizava e ilustrava assim, em 1687, as qualidades da árvore -“...*A arvore he grande; a madeyra quasi vermelha, semelhante â de seregeyra de portugal; forte, duravel e excelente pera edificios.*”

<sup>62</sup> Lopes Mendes, in op. cit., p.245.

<sup>63</sup> ver Aidan Walker in op. cit.

<sup>64</sup> Cf. Gvt. of Maharashtra in op. cit., p.12. - Na falta desta propriedade era costume untar-se as madeiras com uma solução à base de folhas de alguns arbustos do mato.

<sup>65</sup> Ou *cariá* em concani, que deriva do tamil *kareyān*. Trata-se de uma térmita, “*impropriamente denominada formiga*”, que constrói os seus ninhos em barro duro, que resiste às chuvas e que destrói a madeira.

<sup>66</sup> Sebastião Dalgado, in op. cit., vol II, p.309.

<sup>67</sup> Aidan Walker, in op. cit., p.31.

<sup>68</sup> -“*A jaqueira cresce e desenvolve-se em toda a nossa India, e fornece excellente madeira de construcção, que é considerada a melhor depois da teca.*” Cf. L. Mendes, in op cit., vol. II, p.142.

<sup>69</sup> -“*A primeira planta que se costuma semear nos palmares pela sua grande utilidade, é a jaqueira, não só pela grandeza e eminente qualidade do seu fructo e rendimento, mas também pela qualidade da madeira.*” Cf. Fr. Clemente da Ressureição in Tratado, vol.II, 1782, p. 344.

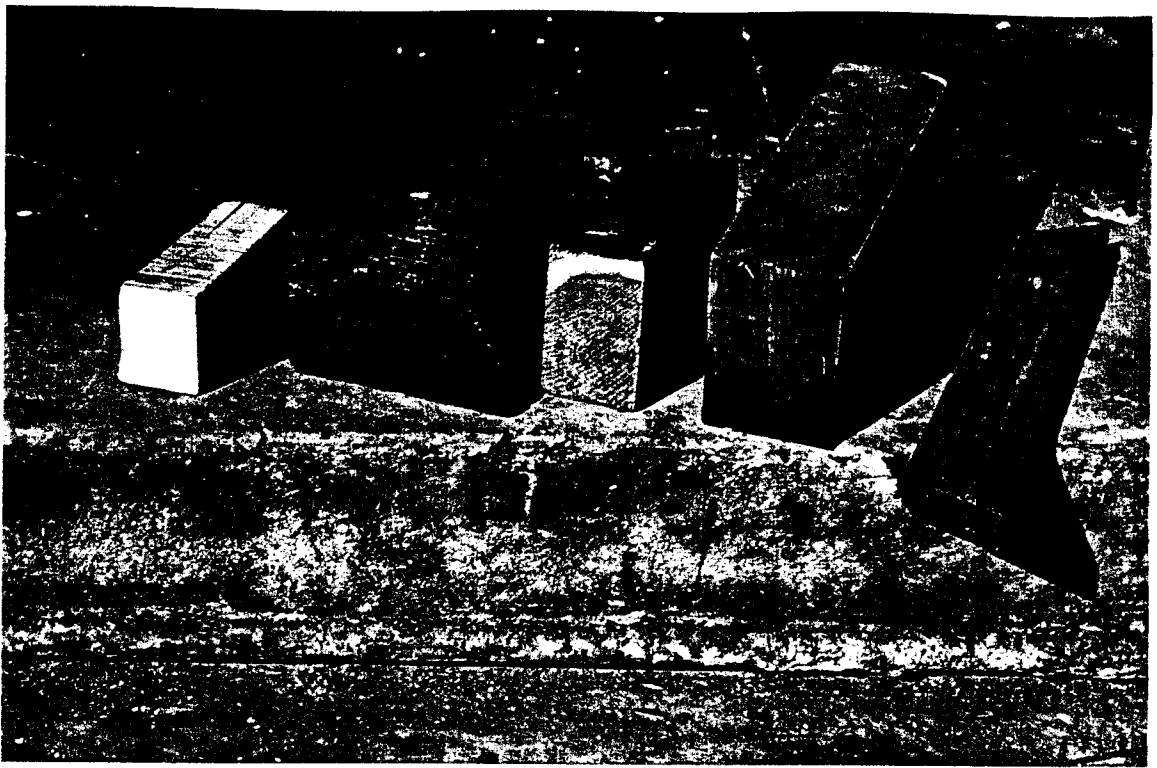
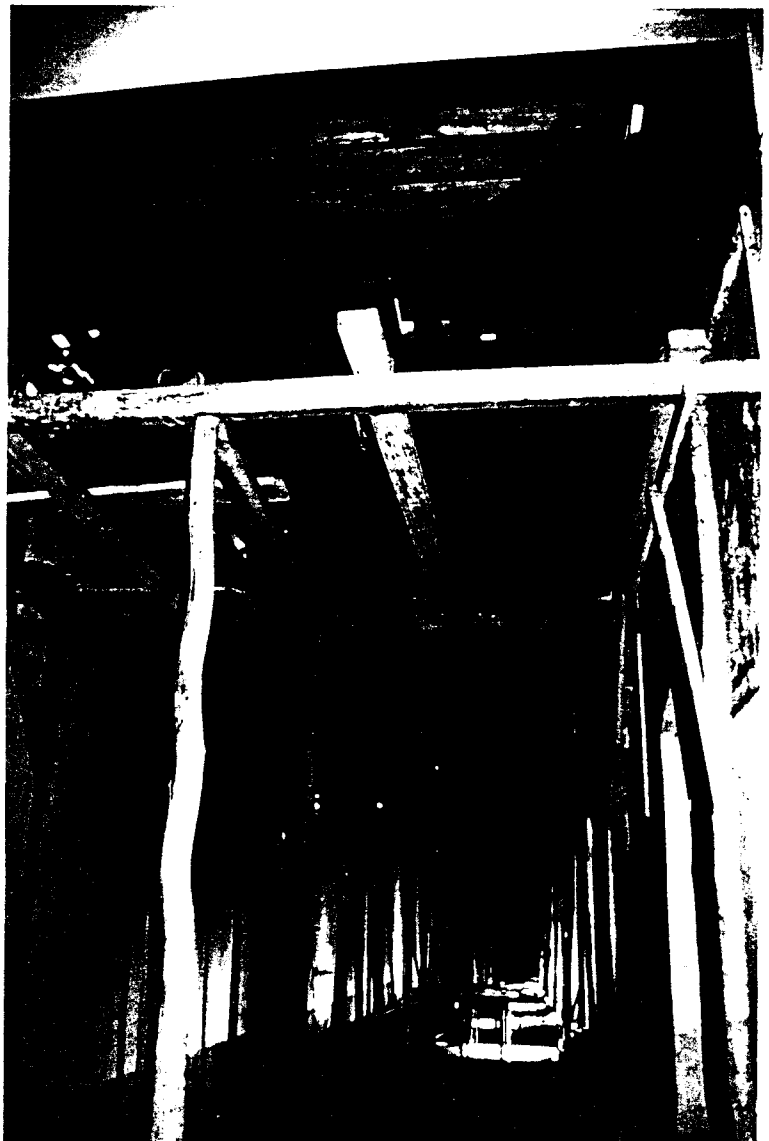


Foto 81

-Algumas das madeiras utilizadas  
na serração de Corlim.

Da esquerda para a direita:  
madeira da árvore da borracha,  
pau-rosa, teca local  
e de Dandeli (50 km E de Goa) e sâl.

Em baixo  
substituição/ reparação do tecto  
de uma das alas  
do seminário de Rachol (Salcete)



- **Mareta** (*Terminalia Tomentosa*)

A marêta -*Pentaptera Tomentosa*<sup>70</sup>, é uma árvore cuja madeira é muito apreciada pela sua dureza e durabilidade. -“*Os pescadores utilizam a casca para tingir as suas redes , e a cinza do tronco, que tem a apparencia de cal de branquear, é empregada no curtimento das pelles.*”<sup>71</sup> Lopes Mendes distingue ainda a marêta preta, mais difícil de trabalhar e mais pesada, da branca, que cresce mais rapidamente e próximo de cursos de água alertando que este facto “...*não confirma a sua resistência e duração.*”

O Dr. Dalgado, no seu catálogo, regista a dispersão da árvore pelo território e a qualidade e resistência da sua madeira que é particularmente utilizada para a estrutura dos telhados e também para tectos<sup>72</sup>.

- **Quinzol** (*Terminalia Paniculata*)

Reconhecida do concani como *kiñzol* ou *Kāndal*<sup>73</sup> -*Terminalia paniculata*, trata-se de uma madeira de qualidade inferior à marêta e abundante no território. É utilizada para forros dos tectos e ripados dos telhados.

- **Bemteka** (*Lagerstroemia Parviflora*)

Conhecida como *nāno* em concani, é uma árvore indígena, muito comum nas florestas de Goa. A madeira é avermelhada, forte, rija e com veios alongados e texturada. É utilizada preferencialmente em elementos estruturais, como asnas, vigas e colunas, mas também em mobiliário e caixilharia. É uma madeira que seca bem e é muito durável, particularmente quando imersa, pelo que é preferida para as armações dos poços.

- **Sâl Wood** (*Aporosa Lindleyana*)

Não sendo uma madeira que se utiliza em profusão, consta nas carpintarias que visitámos. De acordo com o Dr. Dalgado que a identifica como *Aporosa Lindleyana*, trata-se de uma madeira mole que se usa, “porém”, para a construção de casas. Esta indicação é contraditória com a dos carpinteiros, que a consideram dura e a utilizam mesmo para elementos estruturais.

- **Jambleiro** (*Eugenia Coryophyllata*)

Reconhecida como *Eugenia Coryophyllata* é uma árvore frondosa, cuja madeira, avermelhada e muito flexível, suporta bem a humidade e é por isso muito utilizada no ripado dos tectos e nas grades para poços. Um outra espécie -*Eugenia Jambolana* é usada para traves, contudo por “...*ser menos corada tem inferior duração.*”<sup>74</sup>

Já em 1782 o Fr. Clemente da Ressureição no seu Tratado aludia à utilidade desta madeira: -“...*a sua madeira serve para taboas, aguieiros e ripas de casas ordinarias.*”

- **Edú** (*Adina Cordifolia*)

Abunda no território de Goa, é branca ou amarelada, de grandes dimensões pelo que fornece tábuas largas e isentas de nós.

<sup>70</sup> Classificação de William Roxburgh na *Flora Indica* enquanto a classificação de Robert Wight nos *Icones Plantarum Indiae Orientalis* corresponde a *Terminalia Tomentosa*. Lopes Mendes considera a marêta preta como *Pentaptera Glabra* e a branca como *Pentaptera Arjuna*.

<sup>71</sup> Lopes Mendes in op. cit., vol. II, p.246.

<sup>72</sup> - “*A árvore de marêta, cuja madeira é summamente apreciada para tectos, etc., encontra-se nas matas da Índia muito densa e exuberante.*” - A Terra (periódico de Goa), 4 de Abril de 1917.

<sup>73</sup> Cf. Sebastião Dalgado in op. cit.

<sup>74</sup> Lopes Mendes, in op. cit., vol.II, p.249.

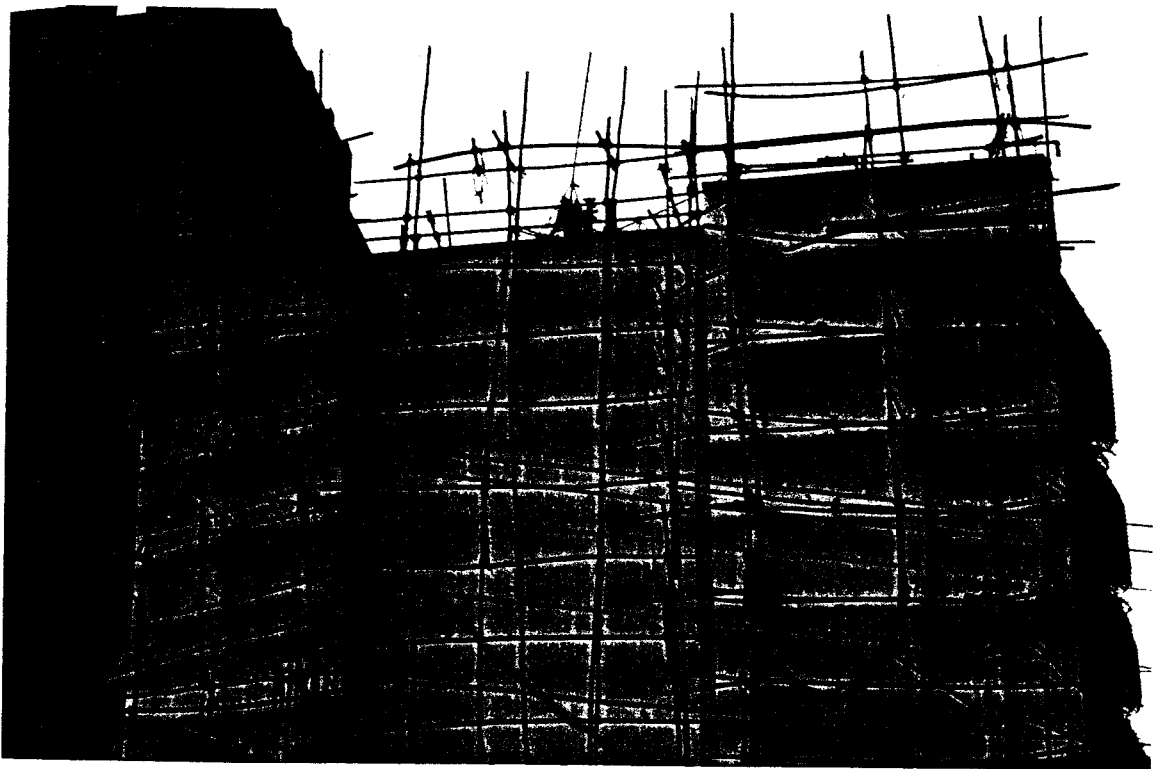


Foto 82 -Toros de madeira, numa serração à beira do rio Mandovi.  
Para que a madeira perca o seu visco excedentário e não seque abruptamente é mergulhada nesta represa,  
sujeita à variação das marés, antes de ser cortada (em cima).  
Aspecto de uma estrutura de andaimes de arequeira num edifício de Panjim (em baixo).

De textura fina, moderadamente resistente é pouco durável quando exposta, pelo que é comum o seu uso em interiores, nomeadamente em mobiliário, pavimentos e forros de tectos, “...onde adquire um bom branqueamento com a oleação.”<sup>75</sup>. É de fácil trabalho e acabamento.

**- Pau-ferro** (*Acacia Catechu*)

O Dr. Dalgado refere como sendo indígena dos Himalaias e cultivada noutras partes da Índia, nomeadamente no sul. É muito resistente, não é atacada pelos insectos e é muito durável, razão pela qual é utilizada para pilares e vigas de pavimento, para varandas e alpendres e ainda nas paredes para apoio das traves e das armações. Lopes Mendes acrescenta: “...não ha nora, cegonha, engenho par cana de assucar ou para azeite, que não requeira, como eixo ou pião, uma ou mais peças d’esta arvore, e em menores dimensões tem igualmente grandes usos, taes como para caixilhos de vãos de portas e janellas, cubos para rodas e outras applicações.”<sup>76</sup>

Dada a sua flexibilidade, a areca (*Palmeae* ou *Areca Catechu*) e o bambú são as madeiras utilizadas como armação de andaimes, atadas entre si com fibras vegetais.

Para a obtenção de uma boa peça de madeira, todo o processo é importante, desde a selecção e o abate da árvore, que na maioria das vezes não são controlados pelas serrações de Goa, até ao tratamento, cura e manuseamento. Depois de adquirido o toro deve ser mergulhado em água corrente para perder alguma da sua viscosidade e para que não seque antecipadamente.

Nesta operação superior a três semanas, os topos devem ser protegidos por uma solução à prova de água e que pode ser um óleo espesso, um betuminoso, parafina ou mesmo um xarope de açúcar e cal (3:1). Nem todas as carpintarias adoptam este sistema, contudo encontrámos nos arredores de Panjim, uma que aproveita a proximidade do estuário do rio mandovi, para ali depositar as madeiras, garantindo a renovação da água com a oscilação das marés.

A cura da madeira equivale a encontrar um ponto de equilibrio entre a porção de água que a madeira contém, e que é exagerada à altura do abate, e a humidade atmosférica. Em média corresponde a uma redução de água na ordem dos 80 a 85% e que permite que reaja bem às oscilações de dilatação-retracção a que estará sujeita. Esta secagem não deve nunca ser feita sob a acção do calor, de ventos quentes, ou com recurso a sistemas artificiais, sob pena de provocar deformações irreversíveis à madeira. É aconselhável que o processo seja feito à sombra, com ventilação abundante e durante pelo menos seis meses. As pranchas devem ficar separadas para que o ar circule entre elas.

Findo este tempo a madeira está apta a ser utilizada, devendo ser compatibilizadas as suas características físicas e biológicas com a função que lhe é requerida.

Num clima particularmente agressivo como o de Goa é conveniente proceder-se a um tratamento preventivo contra os insectos, o fogo e mesmo a abrasão mecânica. Ao que apurámos aquele pode corresponder a uma impregnação com óleos, com solventes orgânicos, ou com soluções solúveis em água, mais ou menos resistentes.

As ligações entre as peças de madeiras eram habitualmente feitas com recurso ao emalhetamento, a encaixes, com pinos de madeiras rijas ou de bambú e pregos.

---

<sup>75</sup> Idem, p.246.

<sup>76</sup> Ibidem.



Foto 83  
-Janela de carepas  
na fachada lateral da Igreja  
de Sant'Ana de Talaulim (Ilhas)  
(em cima).  
Reprodução de uma gravura  
do séc. XVIII,  
onde se destacam as pilastras,  
recuo do pano inferior das janelas  
e a sua utilização  
para suporte de pinturas  
ou esgrafitados,  
a sobreelevação,  
o embasamento laterítico  
e as janelas de carepas,  
largas com três folhas,  
sendo a central basculante.



Hoje as colas homologadas e os parafusos/pregos, desde que embebidos em anti-oxidante, são práticas comuns, nomeadamente porque há madeiras que aceitam mal outros métodos<sup>77</sup>.

#### 4 - Carepas

As carepas são indiscutivelmente um dos mais enigmáticos elementos acessórios de construção em Goa. Existem em muitas das casas visitadas e são usadas praticamente desde a chegada dos portugueses. Correspondem ao esforço de iluminar e preservar o interior dos aposentos, onde durante o dia podiam ocorrer acontecimentos sociais.

Se nas casas hindus toda a actividade ocorria com privacidade nos pátios e respectivas galerias, restringindo-se os compartimentos à utilização nocturna, o mesmo não se passava nas casas cristãs onde para além de haver um programa estrito, a cada aposento correspondia uma função específica, intimizada e encenada em que o ambiente, a decoração e o mobiliário passaram a ter expressão.

As carepas vêm pois sobrepôr-se ao sistema de portadas e gradeamentos (balaústres), então comum e são utilizadas também para as Igrejas como denunciam ainda os casos da galeria lateral da Capela da Mãe de Deus em Loutolim e de algumas janelas superiores da Igreja de Sant'Ana de Talaulim (1695).

Uma gravura do séc. XVIII que encontrámos numa casa de Betalbatim (Salcete), dá conta de uma janela larga dividida em três, sendo as partes laterais pivotantes e a central basculante. Sistema idêntico encontramos nas janelas do alçado lateral esquerdo e mais antigo da casa Costa Martins em Assolná (Salcete) ou com largura similar mas de guilhotina, na casa Rodrigues em Aldoná (Bardez) como no Palácio dos Arcebispos (Velha Goa). A casa Costa Frias de Candolim (Bardez) exhibe ainda um modelo inédito com janelas “de correr”, sobre calhas exteriores.

Estes exemplos além de mostrarem a persistência do sistema, convencem-nos da sua permeabilidade a desenhos distintos de caixilharias. O seminário de Rachol em Salcete (1580), apresenta também no seu claustro janelas de carepas com quatro secções, todas pivotantes, rematadas superiormente por um semi-círculo de grande efeito decorativo, que nos remete para a simbologia hindu da cauda de pavão. Este mesmo trabalho que aliás se repercute com frequência em janelas padronizadas e de pequenas dimensões, é particularmente efusivo em superfícies maiores, como nos panos laterais do alpendre da casa Lima Fernandes em Chorão (Ilhas Tiswadi). A utilização das carepas em alpendres vulgariza-se durante o século passado, contribuindo fortemente para o seu impacto.

Desde cedo que este sistema impressiona os viajantes que o registam, aliás, com assiduidade. Pyrard de Laval em 1616 diz: -“(em Goa) Não usam de vidraças, mas em vez dellas servem-se de cascas de ostra mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira; e deixam passar luz como se fossem papel ou chavelho, porque não são tão transparentes como o vidro.”<sup>78</sup>

Já Fra Paolino em 1786, localiza-nos a extracção na zona do cabo mais meridional da India -“Dalle conche di perle, chiamate Madre perla, si fanno le finestre nell'India, che servono come tra noi I vetri. Essi si lavorano al Capo Comori, ove si fà le pesche di perle.”<sup>79</sup>

<sup>77</sup> o pau-santo (sissó ou rose-wood) é uma das madeiras que deve ser colada.

<sup>78</sup> Ismael Gracias in op. cit., p.49.

<sup>79</sup> Cf. Sebastião Dalgado, in op. cit., vol. I, p.184.

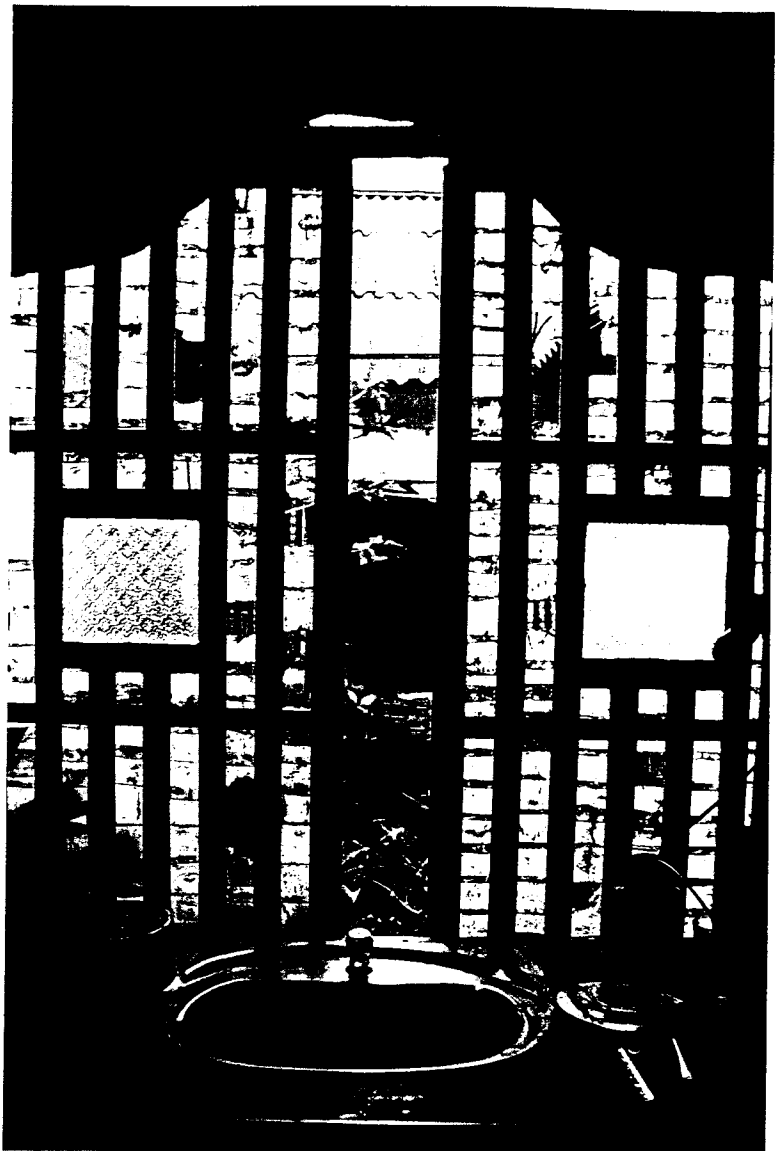
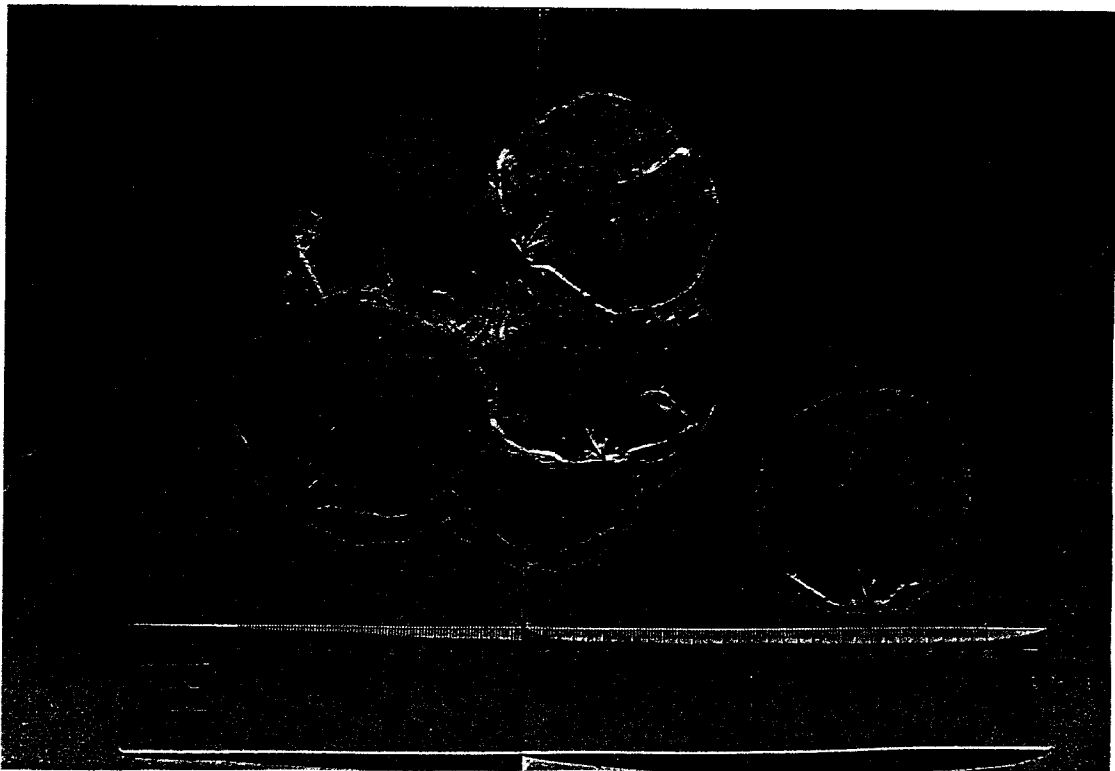


Foto 84 -Pormenor de janela de carepas,  
com vidro ao centro (em cima)  
e pormenor da concha  
conforme é apanhada nas praias.



Indagando acerca da origem das carepas, no território de Goa, eram constantes as referências à praia de Siridão, no estuário do Zuari, contudo e como podemos verificar in loco, já ninguém ali pratica esta actividade, que agora se encontra dispersa e com carácter sazonal em função directa das encomendas. A área priverligada persiste naquele estuário, actualmente em Chicalim, mas sujeita-se às correntes e à qualidade da água, esperando as mulheres que as conchas dêem à costa para as apanharem. Então e depois de lavadas são cortadas e aparadas, dependendo esta operação do efeito pretendido. O mais comum é o aparo regular rectangular, podendo também ser feito o crescente para o caso dos semi-círculos a que já aludimos.

A palavra carepa, do concani *Karap* (concha), designa especialmente a concha translúcida da ostra *Placuna placenta*, chamada *bhingati* em concani. Não são muito comuns as referências a este elemento fora de Goa.

Encontramos uma alusão de 1815 que refere a sua utilização no hospital de Manila<sup>80</sup> (Filipinas) e outra de 1907 referente aos edifícios do porto de Karachi<sup>81</sup> (actual Paquistão).

O facto de estar associado a regiões costeiras e de intenso comércio marítimo (Goa, cabo Comorim, Filipinas, Karachi), para o que corrobora a ausência desta prática no interior, onde a laterite às lascas ou as olas das palmeiras faziam de veda-luz<sup>82</sup>, induz-nos a defenir as zonas insulares do Índico, como centros priverligados de difusão das carepas, ainda que então usadas ou aproveitadas com outros intentos.

Só uma exaustiva abordagem das diferentes sub-culturas do Índico nos permitiria obter alguma conclusão.

## 5 - Telhas

A telha de Mangalore, substitui hoje grande parte dos telhados de telha de canudo, se bem que a sua utilização remonte já ao final do século passado, princípio deste<sup>83</sup>.

Trata-se de uma telha plana, do tipo da de Marselha, de barro cozido, fabricada industrialmente com as dimensões de 410x435(mm), 420x250(mm) ou 425x260(mm), pesando cada uma entre dois e três kg. São regulares, de matéria e de cozedura uniforme e têm, quando batidas, o som característico.

Contactada uma das fábricas do território (Sanvordém -Sanguém) que produz telhas de mangalore, descreveram-nos a matéria bruta como isenta de saibros, de elementos vegetais e composta por agregados finos, barros, e outras substâncias minerais entre as quais o ferro.

Sobre o processo caracterizaram-no em três fases, correspondendo a primeira à mistura e amassadura, a segunda à moldagem e a terceira à secagem feita previamente ao ar livre e posteriormente no forno à temperatura de 800-900°C, consoante a qualidade do barro.

<sup>80</sup> - "In the Philipppne islands sea-shells are used for window-pans in the same way that glass is used in other countries... The most magnificent sea-shells windows, however, are those of the General Hospital at Manila. In Manila alone no fewer than 5,000,000 Kapas shells -the largest of which are about 3 in square- are used each year for making windows." - cf. Glossário Luso-asiático, cf. Sebastião Dalgado, in op. cit., vol. I, p. 217.

<sup>81</sup> - "The window oister is very plentiful in Karachi harbour... It is still used for windows in Goa." - Gazetteer of Province of Sind, in Glossário Luso-asiático, vol. I, p.217.

<sup>82</sup> Perto da cidade de Bhatkal, no norte Kanara, um conjunto de templos em pedra apresenta lateralmente placas de pedra (laterite) dispostos horizontalmente como venezianas. "The construction of these temples is a frank copy of the domestic architecture of the locality, imitated in the laterite for permanence, is shown by the thatched houses of the people being of the same character with battens of palm stems for the screens." Cf. Percy Brown in op. cit., p. 156.

<sup>83</sup> - "A importação consta de ...madeira, telha de Mangalore, alguns metaesmarfim e tartaruga." Boletim da S.G. Lisboa, XX, 1901, p.22.

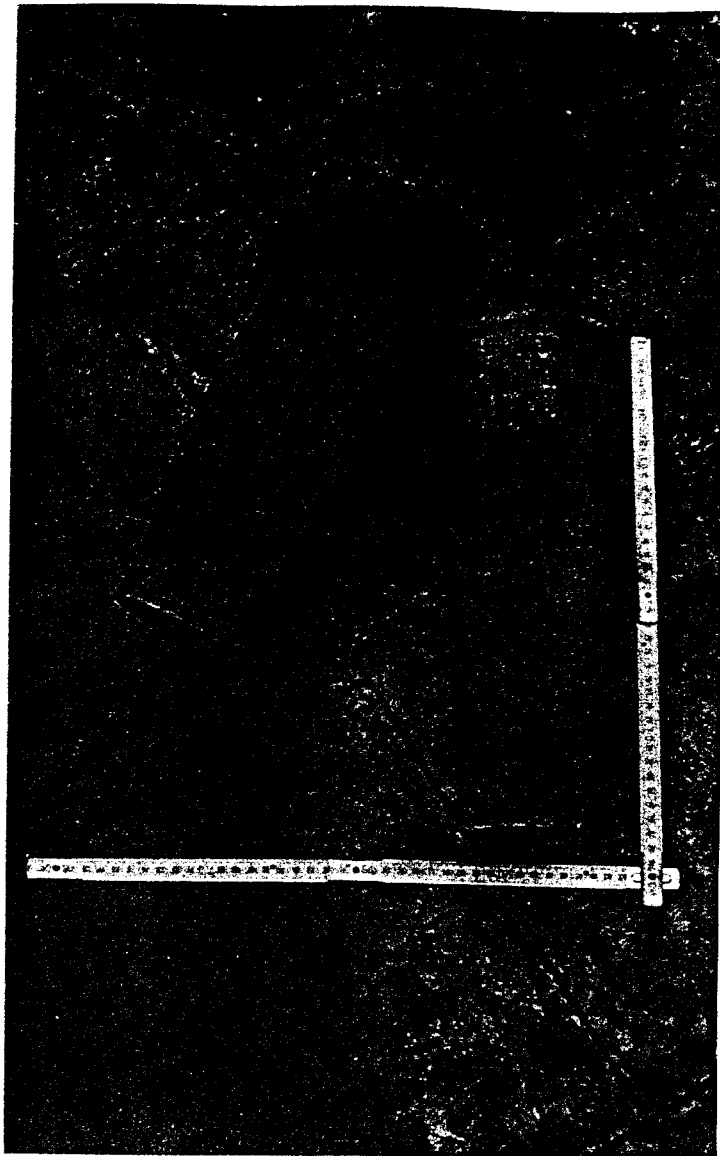
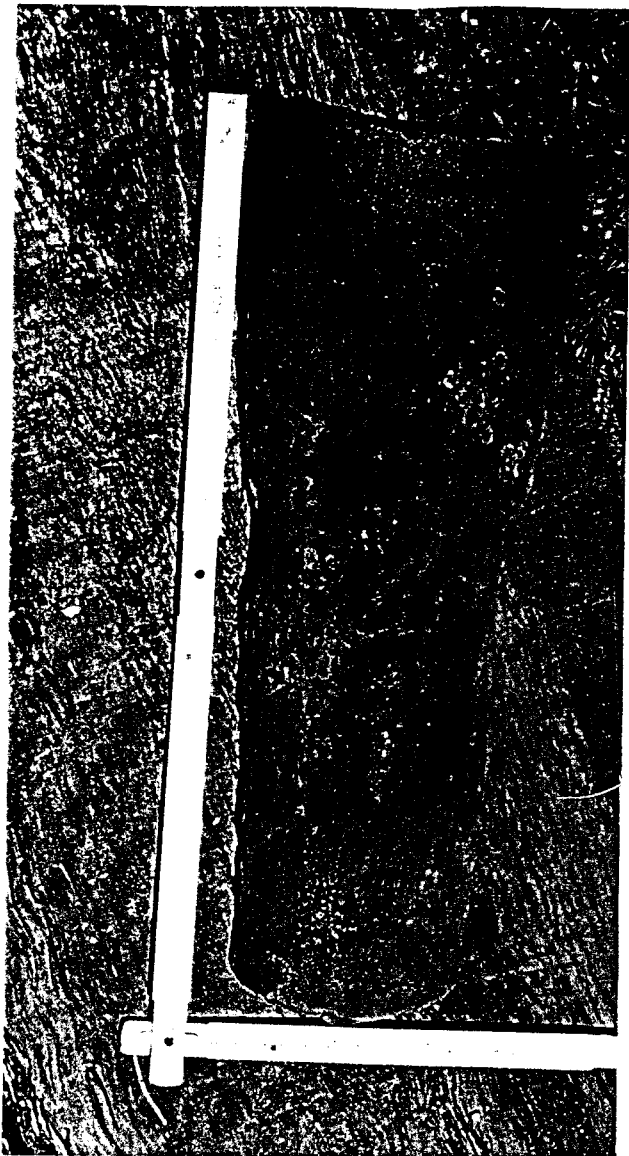


Foto 85

-A telha de canudo é cortada a partir de uma peça cilíndrica (em cima).

É hoje mais comum, a utilização da telha de mangalore (em baixo).



Em relação à sua colocação, são aconselhadas inclinações entre os 24° e os 45°, devendo a telha assentar sobre ripas com 50x15(mm), cujo afastamento deve rondar os 0.60m.

Sendo esta a telha, actualmente, mais comum, ela vem palautinamente substituindo a telha de canudo de que não encontrámos qualquer produção no território.

Com efeito, o seu fabrico restringe-se, hoje, a alguns focos artesanais de produção escassa -principalmente nas novas conquistas e no districto de Belgão (estado do Maharashtra), activados apenas durante a época seca (Março a Maio).

De acordo com um comerciante que adquire este tipo de telha e outros produtos cerâmicos com aquela proveniência, o barro utilizado é local, preparado em molde cilíndrico, vincado o meio com um fio e separadas as partes depois da cozedura.

A escassez do produto corresponde à falta de mercado que por sua vez não se expande por falta de *stoques*. Um ciclo vicioso para o qual contribui o descrédito generalizado da ineficiência técnica da própria telha.

À telha de canudo, sobreposta livremente sobre o ripado, esteve sempre associada a necessidade de uma limpeza anual e integral decorrente da permeabilidade a insectos e a pequenos animais mais ou menos prejudiciais, por intermédio das frestas.

A tarefa correspondia à remoção e limpeza individual das peças para posterior recolocação. Era demorada, dispendiosa e exigia pessoal -premiadas cada vez menos compatíveis com os novos modos de vida da população, o que induziu os proprietários a optarem por uma solução alternativa e mais duradoura.

A telha de mangalore sobrepõe-se assim às qualidades intrínsecas da telha de canudo e que se resumem a uma eficaz drenagem, à redução de superfície exposta ao sol e a uma conveniente recirculação do ar.

A telha de canudo, adaptação da *tegulae* (coberta côncava) e do *imbrex* (canal plano) romanos permite:

-(i) que as águas escoem com mais facilidade, que não se deponham ou refluem, uma vez que sem superfícies planas, o escoamento é restrito ao fundo da concavidade;

-(ii) que se reduza a superfície exposta aos raios solares, consequentemente da temperatura do telhado, devido à forma da telha;

-(iii) que se promova uma permanente renovação de ar, arrefecendo o quente que se concentra no topo, devido ao grande número de vazios que resulta das irregularidades do seu assentamento. Acresce a estas qualidades o efeito visual de um telhado com telha de canudo, perceptível pela sua expressão/textura mas também pelo seu cromatismo inerente à produção artesanal.

Nos nossos dias se é certo que não se podem descurar as razões dos proprietários ao optarem pela telha de marselha, também é certo que são válidos os méritos da telha de canudo em particular se pensarmos nas características climáticas de Goa, nas temperaturas elevadas, nos altos teores de humidade e nas fortes chuvas das monções.

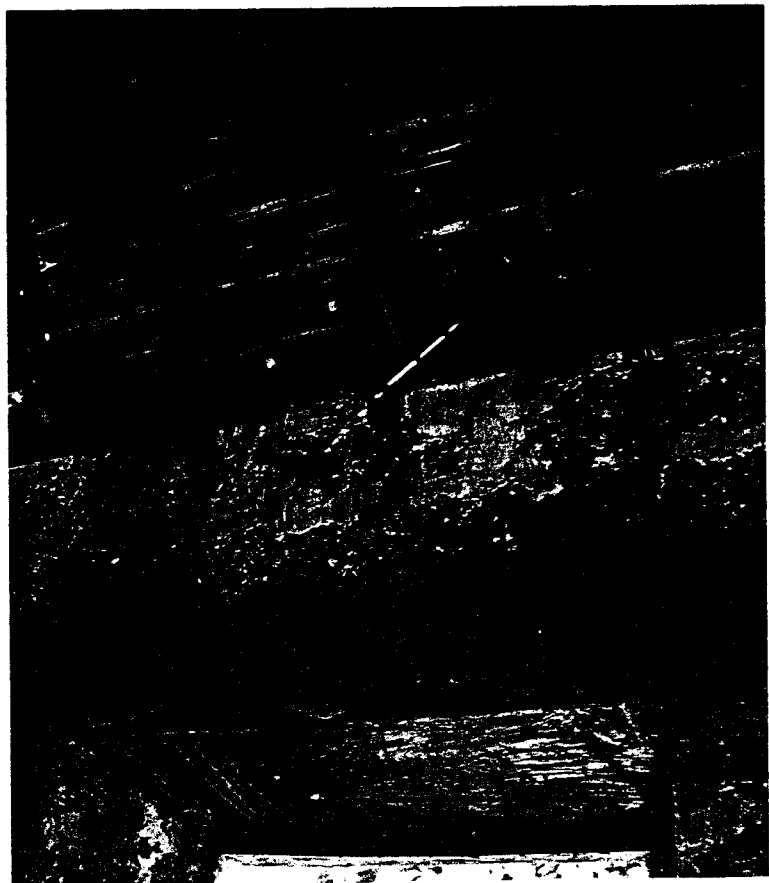
Exige-se uma solução de compromisso que anule com recurso a elementos impermeabilizantes os inconvenientes técnicos, mas simultaneamente um impulso institucional que divulgue e reactive a produção e a utilização da telha de canudo<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> Actualmente as telhas de canudo provenientes de demolições são compradas, a baixo custo, pelos grandes hotéis de Goa para coberturas de *bungalows*.



Foto 86  
-Pormenor do beirado  
de uma construção que,  
como na maioria,  
é feito com base numa cornija  
em pedra laterítica  
e progressivamente projectado  
com telhas de canudo,  
podendo em casos excepcionais  
atingir as cinco fiadas como  
casa Costa Martins (Assolná -Salcete).  
Em baixo vista interior do tecto,  
onde é visível a telha  
apoiada sobre um ripado de cana.



Quando os portugueses chegaram à Índia, não era comum a utilização da telha “*que se reservava apenas às sumptuosas moradas dos deuses e dos reis, proibindo estes o seu emprego nas habitações comuns.*”<sup>85</sup> pelo que as casas eram cobertas por folhas de coqueiro entrelaçadas -*olas*<sup>86</sup>, com que habitualmente se faziam as velas dos barcos no Índico<sup>87</sup>.

As telhas cerâmicas utilizadas então, eram chatas pois não se conheciam as de canudo e a par delas usavam-se também para coberturas especiais as lajes de pedra, de madeira e de metal<sup>88</sup> particularmente no norte da Índia.

---

<sup>85</sup> Orlando Ribeiro, in op. cit., p.116.

<sup>86</sup> As folhas do coqueiro “*servem para cobrir as casas e resistem à água por meio ano.*” Cf. Ludovico de Varthema in Itinerário, Lisboa, s.d., p.140-144.

<sup>87</sup> Ver Orlando Ribeiro in op. cit., p.117 (nota 108).

<sup>88</sup> Percy Brown in op. cit., p.156.



## **VIII -ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS SINGULARES**

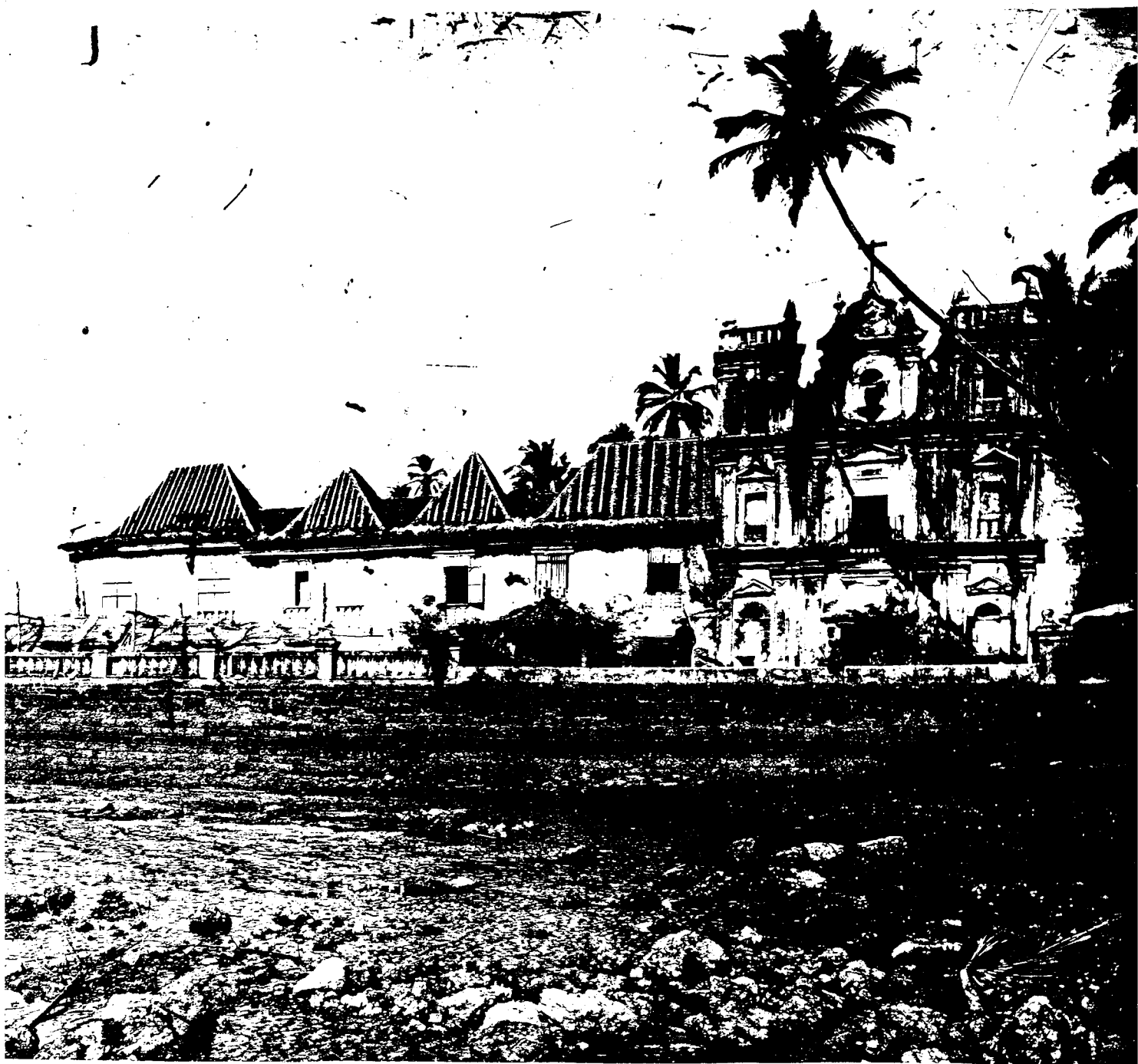


Foto 87 -Colégio dos Catecúmenos em Betim (sécs. XVI e XVII) (frente a Panjim), em finais do séc. XIX, onde são ainda visíveis os telhados múltiplos de tesoura. Nas superfícies mais inclinadas, as telhas eram seguras com argamassa de cal (as riscas brancas) e armadas por dentro (arquivo Paul and De Souza -Panjim).

## VIII. - ELEMENTOS ARQUITECTÓNICOS SINGULARES

Consideram-se aqui os elementos que integrando algumas das casas do nosso estudo, são de origem e análise complexa, privilegiados focos de aglutinação e transmissão de influências. Trata-se de sistemas que podem ter uma leitura autónoma, por vezes dissonante do conjunto, mas que persistem como temas principais das casas de Goa, especialmente em contextos mais alargados, mesmo universais de abordagem.

Consideramos dentro destes parâmetros os telhados de tesouro(a), os alpendres e as varandas.

### 1 - Telhados de tesouro(a)

Já escassos em Goa e em particular nas casas que estudamos<sup>89</sup>, os telhados de tesouro(a)<sup>90</sup> persistem como um elemento singular de grande efeito decorativo, arquitectónico e mesmo urbanístico. Abundantes até ao final do século passado em conventos, palácios ou casas apalaçadas encontramos-los hoje muito danificados ou mesmo substituídos.

Foi Orlando Ribeiro quem com pormenor e autoridade empreendeu uma saturada pesquisa a seu respeito, procurando justificar a sua existência no Algarve e particularmente em Tavira<sup>91</sup>.

Formulou então e a este propósito, duas hipóteses:

*-“se são reflexo de relações marítimas com o Oriente, devem ter-se conservado em outros portos tanto do Algarve como doutros lugares do continente, do Brasil ou da África; -se, pelo contrário, pertencem a um fundo de tradições muçulmanas na arte de construir (o telhado e a açoteia foram igualmente utilizados pelos mouros), não-de encontrar-se em cidades e vilas do interior, tanto no Algarve e Alentejo como na Andaluzia e no levante espanhol.”*<sup>92</sup>

A ausência dos telhados no interior e costa sul de Portugal e Espanha, em que as tradições islâmicas persistem bem conservadas, aliada ao facto da navegação espanhola com as Índias ocidentais não passar directamente pela Índia e pela China, constituem a prova e a contraprova em favor da primeira hipótese.

Os telhados de tesouro(a) pela sua dimensão e estrutura assemelham-se a alguns telhados de templos hindus -uma influência ingénua dos modelos gentios, enquanto a “maneira portuguesa não se afirmava”, e a tolerância ainda era uma realidade<sup>93</sup>.

<sup>89</sup> Encontra-mo-los com expressão na casa dos reis de Sundém em Bandorá -Pondá e na casa Eurico Silva em Bordá-Margão.

<sup>90</sup> De acordo com o prof. Orlando Ribeiro, baseado no *diccionário* de Moraes e no prof. Lindley Cintra, era frequente a mudança de géneros em coisas próximas mas diferentes e exemplifica: *ribeiro-ribeira, poço-poça, cesto-cesta*.

<sup>91</sup> A sua persistência em Tavira deve-se ao facto de esta, ao contrário das outras povoações algarvias, nomeadamente Silves, Loulé e Faro, (já que Lagos declina com a morte do Infante), ter resistido melhor aos diversos terramotos que abalaram o sul do país, incluindo o de 1755.

<sup>92</sup> Orlando Ribeiro, in op. cit., p.98.

<sup>93</sup> recorde-se que a seguir à tolerância de Afonso de Albuquerque, vieram as presseguições e o fanatismo que arrasaram todos os templos hindus das Ilhas (1540), de Salcete (1566) e de Bardez (1573).

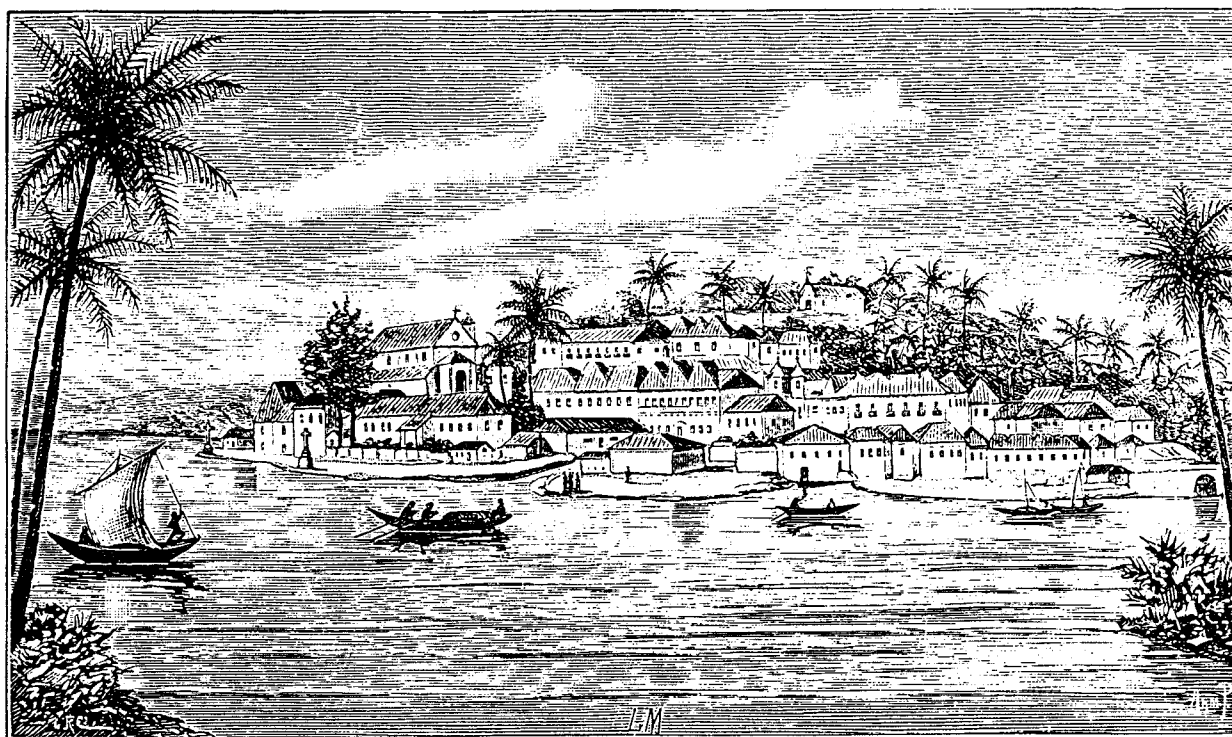
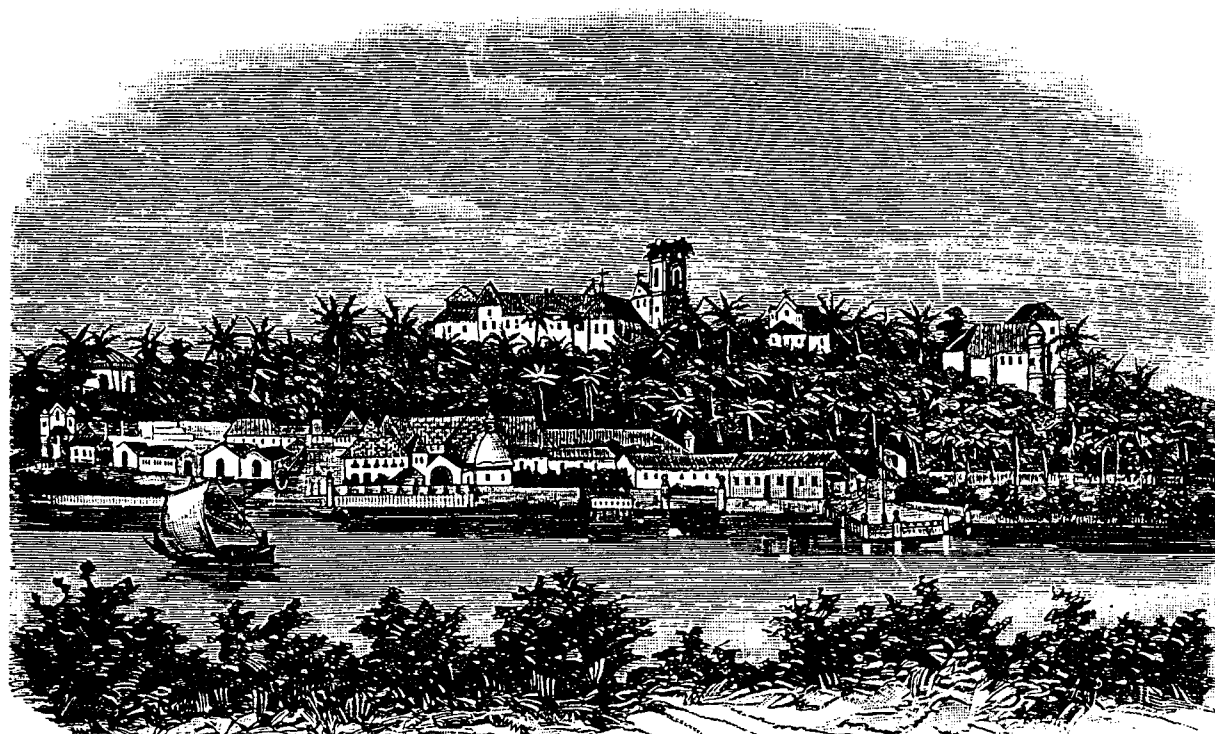


Fig. 59 -Vistas da Velha Cidade e Ribandar na segunda metade do séc. XIX , onde são constantes as silhuetas de telhados múltiplos de tesoura. (79)

Para Orlando Ribeiro, os telhados “...receberam da Índia a forte inclinação, a quebra da baratella, o efeito decorativo de um telhado para cada corpo (...). Da China parecem provir o encurvamento dos perfis, os beirais revirados e as “galantarias” que os rematam”.

De acordo com alguns autores, os pagodes e os telhados múltiplos do extremo-oriental seriam oriundos da Índia budista, onde em certas partes dos Himalayas persistiriam ainda alguns modelos.

Percy Brown nota ainda que há uma grande similitude entre a construção destes templos do norte, próximo do Nepal, e alguns do sul, nomeadamente da costa do Malabar;

-“...the most remarkable is located in the small seaport of Beypore, south of Calicut. Here is an ancient Siva temple roofed, the Mahadeva Kovil, which in both design and construction appears to be a deliberate copy of a double roofed Nepalese temple of the late mediaeval period.”<sup>94</sup>

A par deste exemplo evoca ainda o de outros templos Jainistas em Mudabidri (40 km a nordeste de Mangalore) datados do séc. XII ao XVI, que apesar de serem em pedra “...are clearly copies of wooden construction,” dos templos dos Newars do Nepal. E acrescenta, caracterizando -“...as may be seen in the shape and design of their verandhas, (...) sloping roofs imitating planks, and gables formed on the penthouse principle, with wide overhanging eaves.”<sup>95</sup>

Separados por mais de 2000 km, uns no interior, outros na costa, as semelhanças não são fáceis de explicar, podendo corresponder a factores antropológicos, comerciais e climatéricos.

Com efeito uma teoria aponta para semelhanças entre o povo *Nayar* do Malabar e o povo *Newar* do Nepal. Outras justificam as influências pelos intensos contactos comerciais que a costa do Malabar tinha com a China, como aliás ainda hoje provam as redes que ali se usam para a pesca.

Finalmente o facto de os climas de ambas as regiões serem semelhantes, com excepção para as temperaturas, pode ter sido determinante. Muita chuva, ventos fortes, sol forte podem ser motes para os telhados inclinados e os beirados salientes.

Ao exagerarem a escala das casas, os *telhados múltiplos*, como também eram conhecidos por corresponderem individualmente a cada uma das salas ou corpos do edifício, enalteciam os seus proprietários e contribuíam para o quadro da fausta e opulente Goa.

O telhado caracteriza-se pelas suas “...quatro águas, bastante inclinadas e assenta numa série de barotes divergentes, que sustentam a cumieira (madre), e cujo afastamento se mantém por meio de uma trave (nível ou aspa): ao conjunto dá-se geralmente o nome de asna ou tesoura; (...). Interiormente, (...) tanto mostram a armação como estão revestidos de caniço ou ocultos por um tecto de madeira, em forma de masseira, que se ajusta á parte que fica debaixo da aspa.”<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> Percy Brown, in op. cit., p.156.

<sup>95</sup> Ibidem

<sup>96</sup> Orlando Ribeiro, in op. cit., p.97.

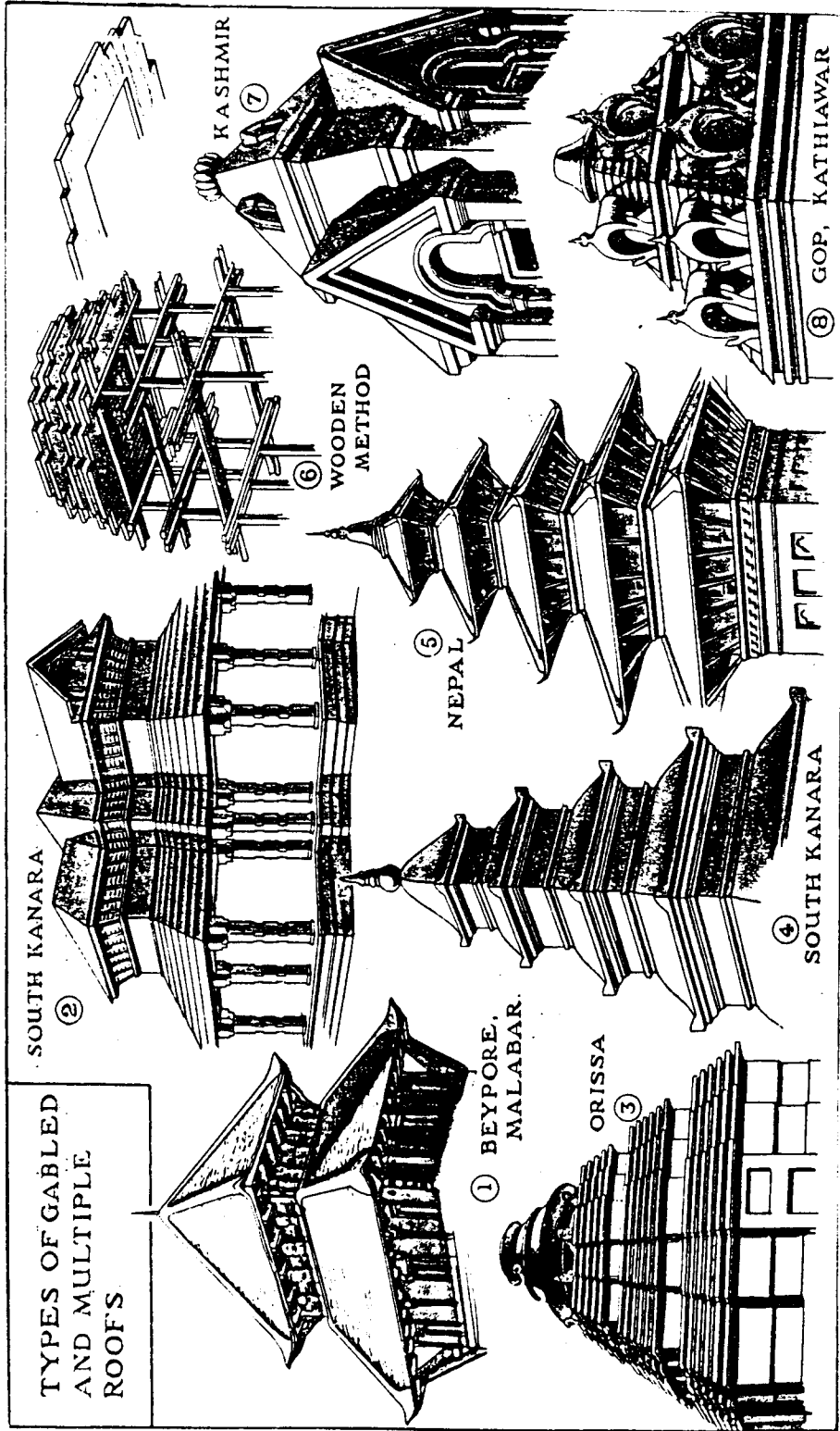


Fig. 60 -Reprodução de esquemas de telhados de diversas partes da Índia com destaque para os da região de Goa (1,2 e 4) e do Nepal (5) entre os quais se encontram correspondências formais e construtivas (80).

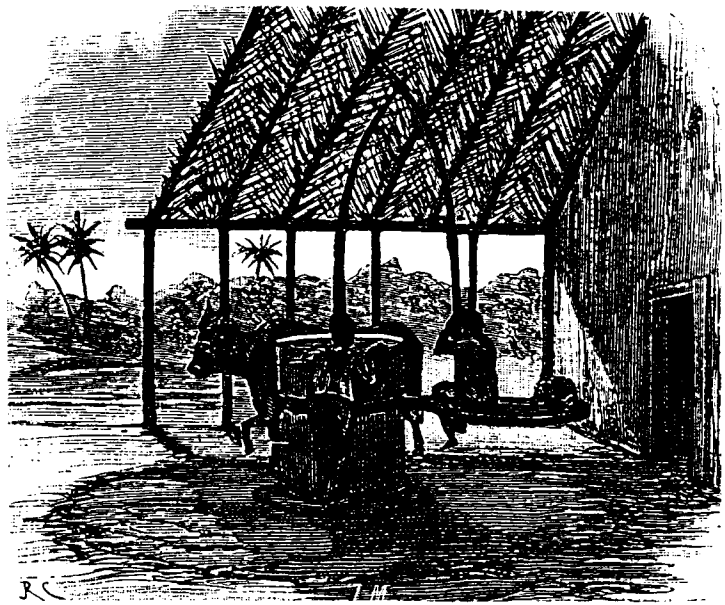


Fig. 61  
-Gravuras da segunda metade  
do século passado,  
de alpendres sazonais,  
que os hindus construíam  
em frente das suas casas  
e mantinham  
até à chegada das monções (81).

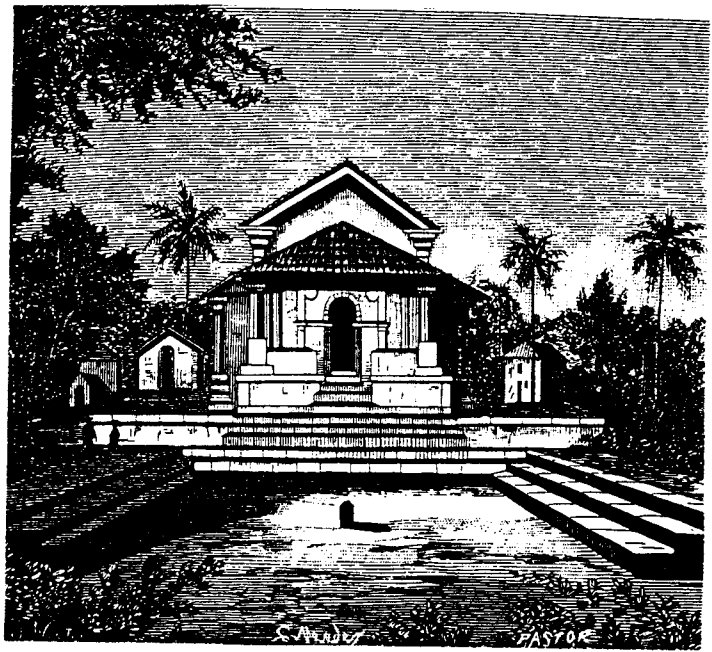


Fig. 62  
 -Exemplos de “alpendres”  
 na arquitectura erudita.  
 De cima para baixo  
 templo de Peligão (Bicholim)  
 e a Igreja do Pilar (Ilhas) (82).  
 Foto 88  
 -Fachada e “alpendre”  
 da Igreja da Mãe de Deus  
 (Loutolim -Salcete).

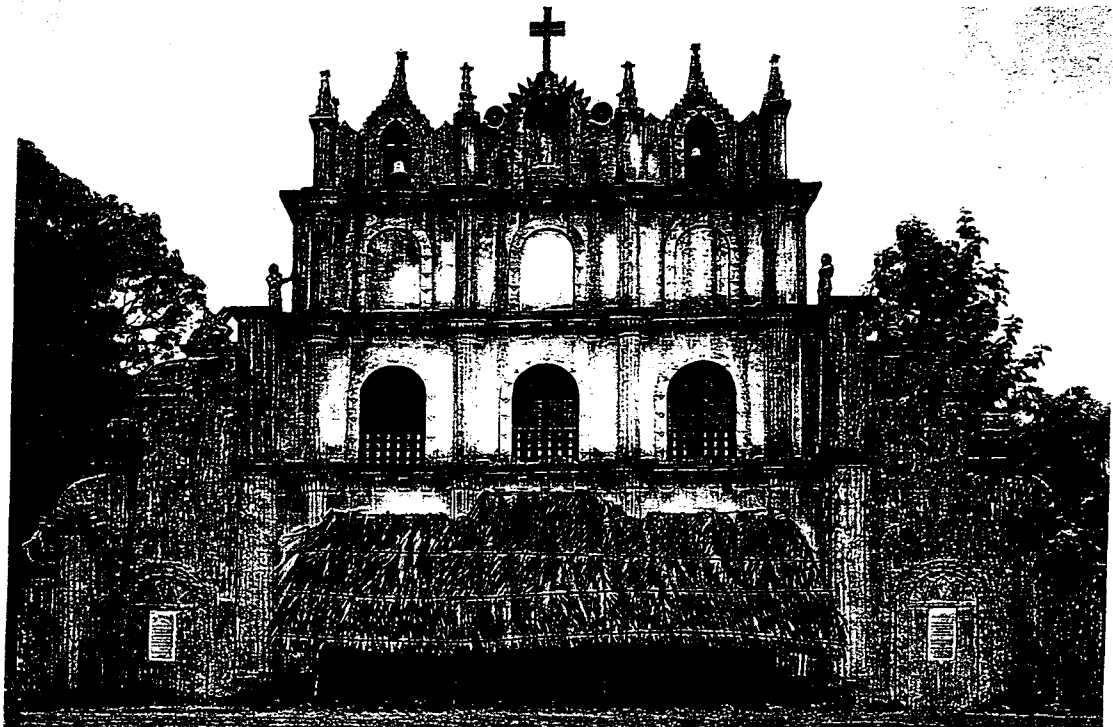
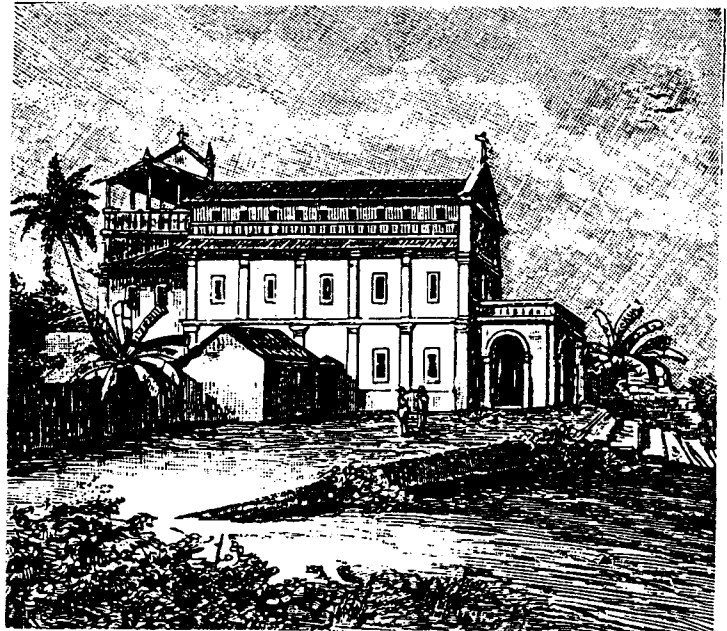
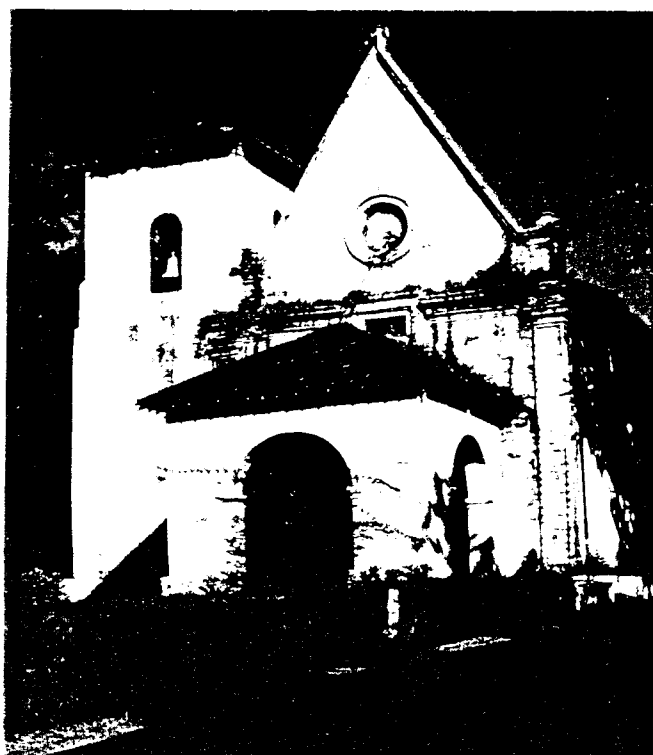
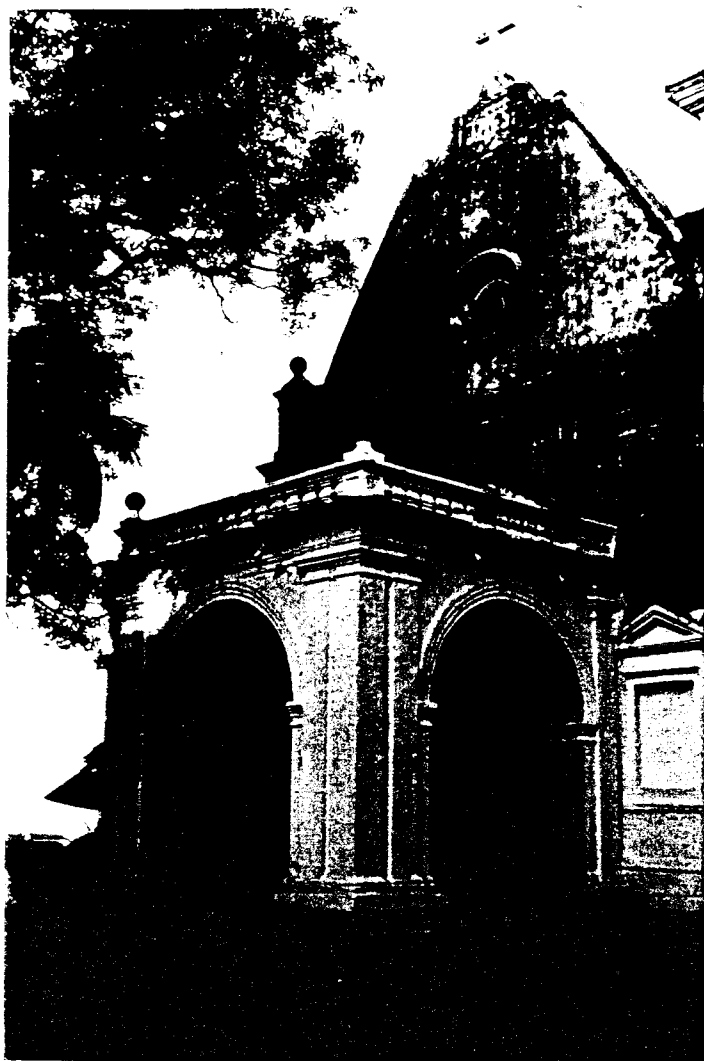
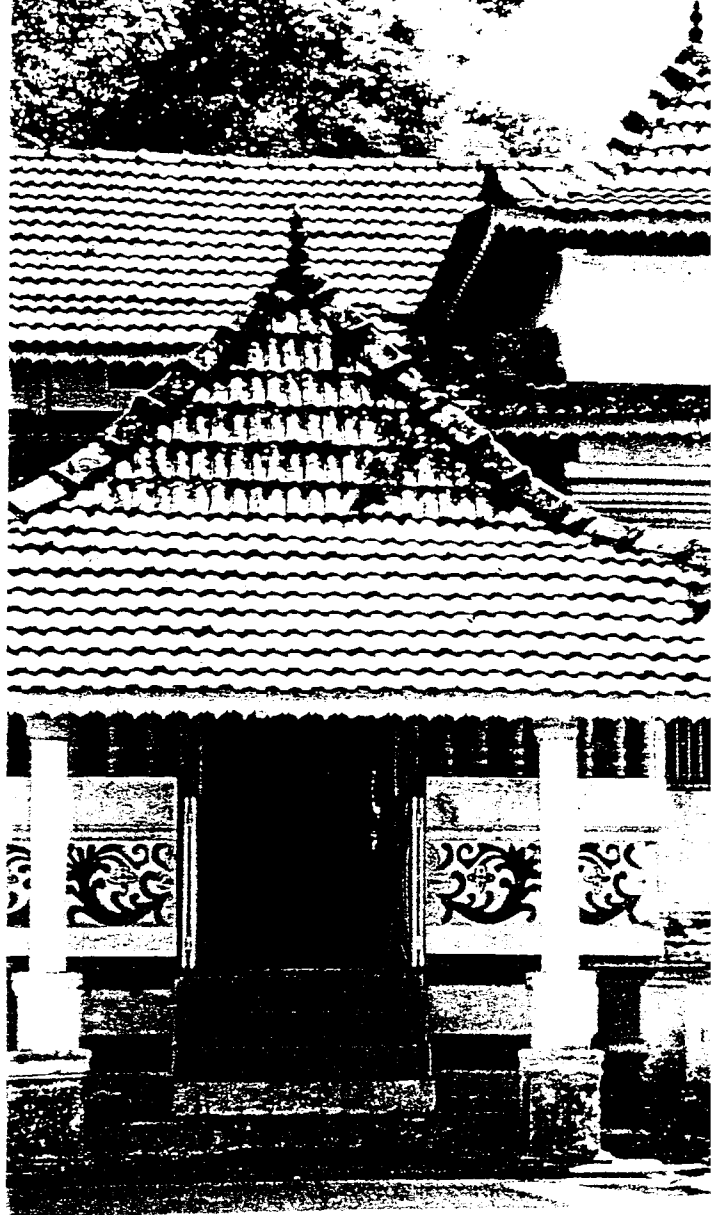




Foto 89  
-Alpendre do templo hindu  
de Shri Shantadurga (Pondá) (em cima)  
e "alpendres" (galilés)  
da igreja de Ribandar  
(em baixo à esquerda)  
e da Igreja de S. Pedro de Panelim  
(à direita).



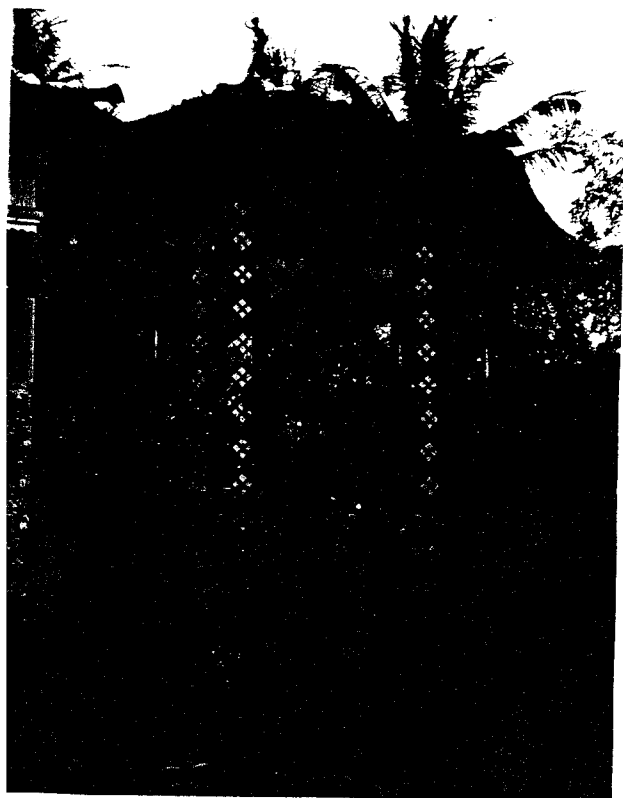
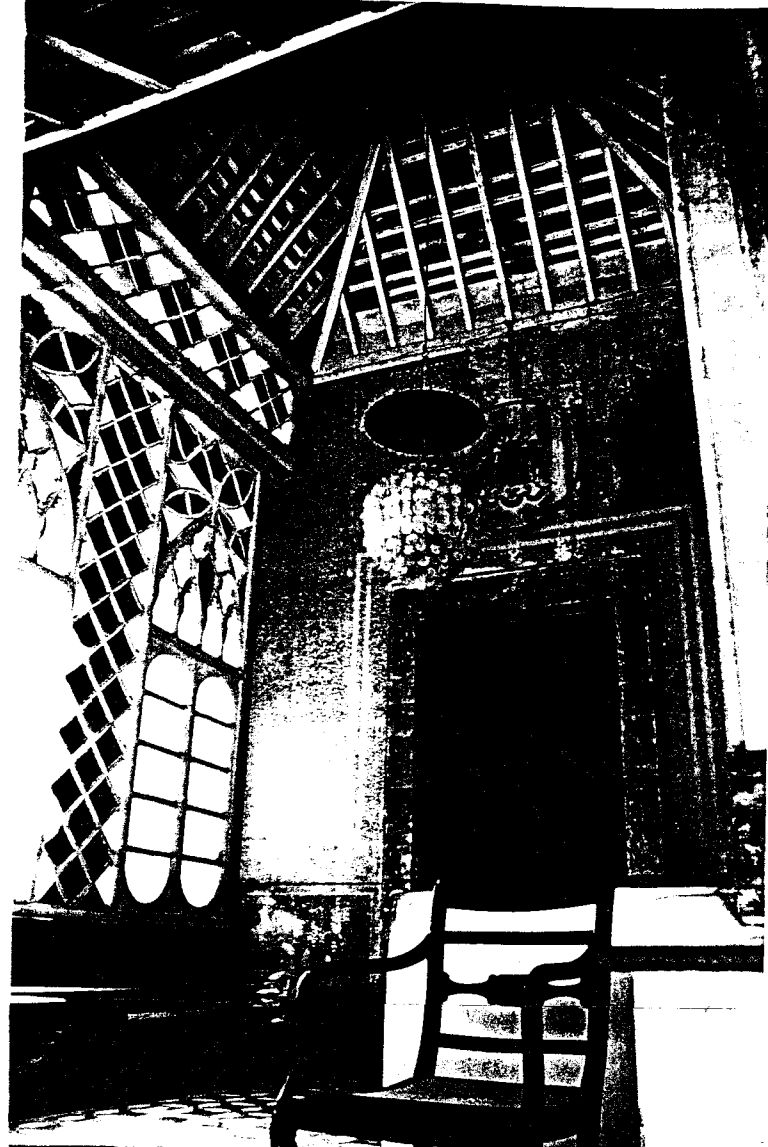


Foto 90 -Alpendres das casas-pátio de Goa.  
À esquerda dois exemplos  
no limiar do alpendre e da varanda:  
-em cima uma casa de prazer e de chá fechada  
com janelas de carepas  
e em baixo uma outra aberta.  
Em ambos os casos  
situadas no extremo das fachadas  
procurando a proximidade  
dos acontecimentos mundanos da rua.

## 2 - Alpendres

O alpendre é porventura o elemento mais apelativo das casas de Goa, o que significa que cumpre a sua função. É um elemento da casa mas é também um elemento que ressoa frequentemente na paisagem, singularizando-a. A sua forma, volumetria, composição decorativa e enquadramento permitem-lhe uma autonomia de desenho e construção, ao mesmo tempo que conferem alguma vibração à fachada em que se inserem, rompendo com a austeridade do plano.

O alpendre é por definição uma “*construção à frente de uma fachada ou porta, pouco profunda e normalmente sustentada por colunas, pilares ou muros laterais.*”<sup>97</sup>, contudo, em Goa, ele é vulgarmente designado por balcão, que em concani se diz *balkâm*<sup>98</sup>.

Entre nós e recorrendo novamente à mesma fonte, balcão corresponde a “*uma plataforma que se projecta da fachada de um edifício, ao nível do pavimento dos pisos, geralmente sustentada por colunas, cachorros ou mísulas, guarneçada de balaústrada ou grade.*”

Comprometido, o glossário luso-asiático aproxima os conceitos e caracteriza o balcão como sendo o que “*designa na Índia um alpendre...*”<sup>99</sup> e que é equivalente a um bailéu<sup>100</sup>.

Embora o nome tenha perdurado, o seu significado é inequívoco, e o que hoje encontramos nas casas de Goa aproxima-se muito mais de um alpendre do que de um balcão, se bem que possa eventualmente ter sido essa a sua génese.

A originalidade do alpendre de Goa, radica a nosso ver, nas fontes de origem vernácula e erudita que cumula. Com base na análise de casas rurais hindus, constata-se que é uma constante a existência de um espaço abrigado, em frente da entrada, onde se pode fazer a sesta, cavaquear, ou fazer trabalhos domésticos. Nestas casas não há uma intenção de organização no território circundante, tão pouco de assinalar axialidades, uma vez que estão isoladas entre plantações e acessíveis apenas por atalhos.

O alpendre nestes casos corresponde ao prolongamento do telhado da casa, geralmente em colmo e a carregar as suas vigas de tronco de coqueiro em pilares de taipa ou laterite, entre os quais se moldam os bancos.

A par destes modelos encontramos na arquitectura religiosa e civil, dita erudita porque mais racionalizada, manifestações precursoras dos alpendres do séc. XIX que encontramos em casas cristãs. As galilés das igrejas de Panelim e Ribandar, nos arredores da Velha Cidade, são a par dos alpendres do palácio dos arcebispos na velha Cidade, ilustrações inequívocas de influências que neste último caso apresentam mesmo uma réplica na casa Lima Fernandes em Chorão (Ilhas Tiswadi).

---

<sup>97</sup> Maria João M. Rodrigues et al, in op. cit., p.25.

<sup>98</sup> a expressão deriva directamente do português, já que em hindi tinha outra designação -*sop*.

<sup>99</sup> “*...quadrado em frente da casa de habitação, aberto de três lados e com bancadas de volta, onde a gente espairose ou palestra.*”

<sup>100</sup> Vocabulo português, que não consta fosse conhecido antes do séc. XV correspondendo a “*tribuna, alpendre, varanda, eirado de vista, sala de banquetes públicos, castelo raso ou estrado alto de navio.*” Cf. Sebastião Dalgado, in *Glossário luso-asiático*, vol. I, p.462.; “*Havia e ainda hoje há, na Índia e especialmente no arquipélago malaio, bailéus particulares, reais e comunais. Os primeiros de ordinário abertos de três lados, tem muitas serventias num clima tropical e em casas pequenas e de escassa luz: tomar o fresco, palrar, receber visitas familiares ou de pouca consideração, evitar o devassamento do lar. Os reais são mais amplos e vistosos e destinam-se à audiência pública (...). Os comunais ou públicos são construções no centro duma povoação com um vasto salão (...).*” Cf. Sebastião Dalgado in *Glossário luso-asiático*, vol. I, p.463.



Foto 91  
-Desenvolvimento  
das escadarias  
de aparato dos alpendres.



Nas casas hindus que visitámos, registámos alpendres bastante adulterados, muitos deles com recurso a betão, evidenciando a sua recente implantação. Uma excepção foi o da casa Sawardekar (Sanvordém -Sanguém), onde os panos laterais, acima dos bancos, eram preenchidos com balaústres de requintado torno.

Em regra geral as casas hindus, de programa elaborado, possuíam um alpendre rudimentar e sazonal, efémero. Era construído durante a estação seca, em frente da entrada, com recurso a uma armação de madeira, coberta de colmo. Servia para passar as tardes quentes até à chegada das monções num despojo que se compreende à luz dos princípios domésticos dos hindus, onde não há mobiliário, os armários são embutidos nas paredes e os revestimentos simples e contidos, em contraste absoluto com a óptica dos cristãos.

O alpendre, existindo desde sempre, mas sem relevância arquitectónica, é enfatizado apenas a partir de finais do séc. XVIII, quando surgem as tipologias de simbiose, de que a casa-pátio é a mais evidente. Emerge então na arquitectura doméstica, mormente na cristã, como símbolo da identidade goesa: -orgulhosa, competitiva e pretensiosa.

Os modelos que registámos como mais comuns caracterizam-se por serem menores que 4.00x4.00(m) ou situarem-se entre os 4.00x4.00 (m) e os 6.00x6.00 (m), por terem os planos laterais abertos, serem cobertos por telhados de quatro ou três águas, terem colunas circulares ou pilares quadrangulares, pavimento de betonilha e serem acessíveis por uma escada em forma de sino cujo número de degraus mais comum pode variar entre os cinco e os dez.

Ao alpendre acometiam-se diversas funções. Desde logo e pela sua proeminência e sobre-elevação, o carácter de distinção que não permitia que todas as castas a ele acessem<sup>101</sup>, em atitude e função similar à ante-câmara das casas hindus. Além de local privilegiado para conversas, intrigas e bisbilhotices, assume-se também como um importante polo de sociabilização familiar, comunitário e inter-geracional, onde adquire especial relevo o desempenho do *mandó*<sup>102</sup>.

### 3 - Varandas

Mais estritas no seu significado, as varandas são uma constante das casas cristãs de Goa, permitindo criar um espaço bivalente de desafogo, conveniente para a protecção das fachadas, consequentemente dos interiores, e adequado ao modo de vida local.

*“La véranda permet la création d’un salon et d’une chambre à coucher intermédiaires entre l’intérieur et l’extérieur (même quand il pleut), protège du soleil murs et fenêtres et permet de continuer à aérer la maison pendant des pluies violentes.”*<sup>103</sup>

<sup>101</sup> -“...the Portuguese balcao (setting porch) serves as waiting place where the jewels and the goldwork are shown to his clients; those wishing to go inside may do so up to the working hall...” cf. A.B. Almeida, in op. cit., p.52.

<sup>102</sup> dança-canção, expressão das castas mais elevadas e interpretada especialmente em cerimónias ou ambientes festivos; ver Susana Sardo, “Goa: Sons e Silêncios”, in *Oceanos*, n.º.19-20, Set.-Dez., 1994, pp.246-256.

<sup>103</sup> Amos Rapoport, in op. cit., p.121.

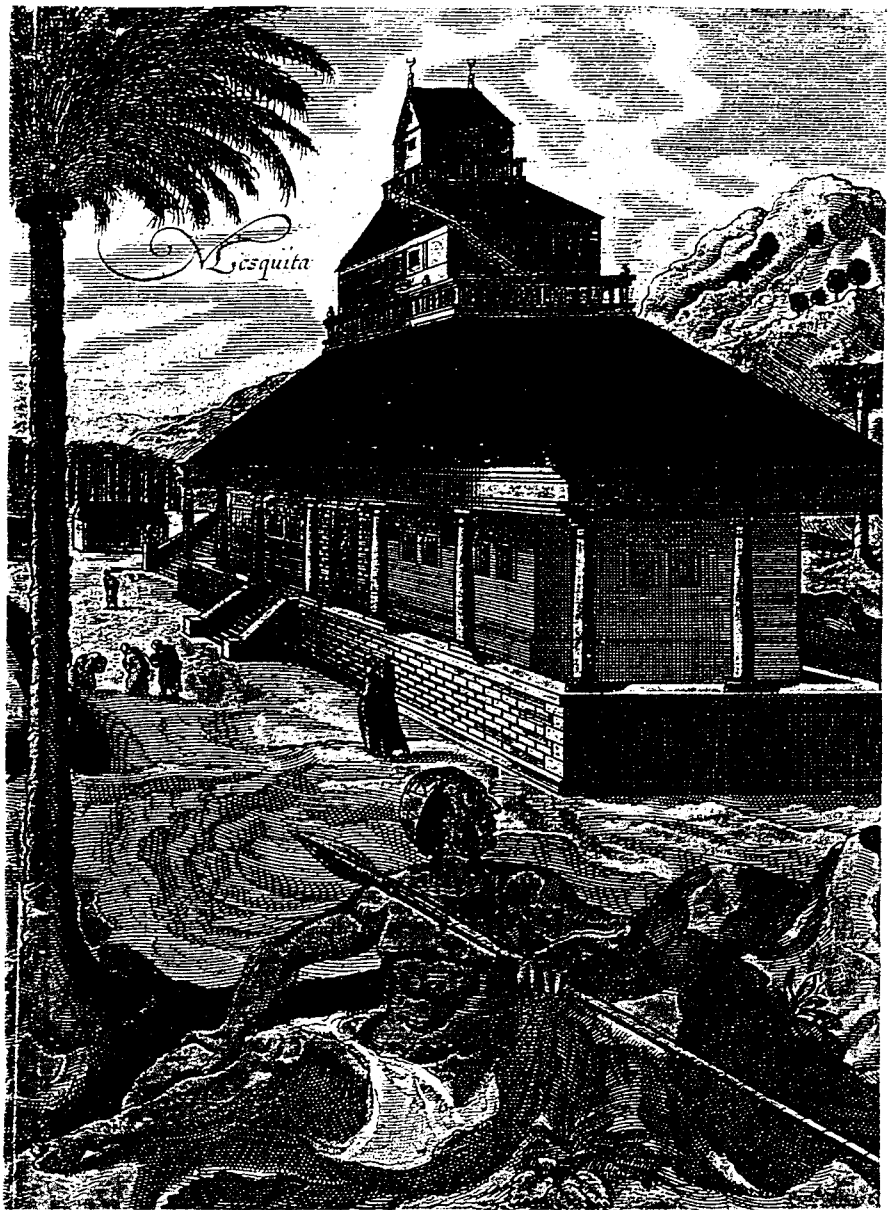
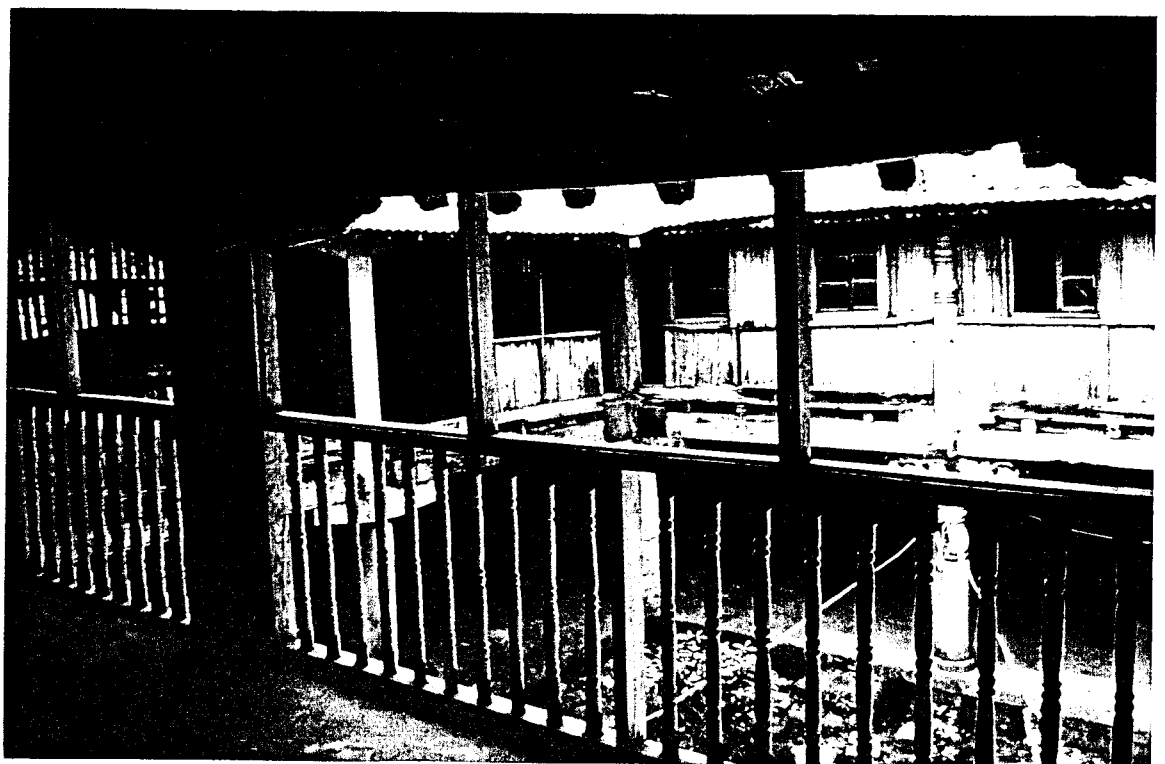


Fig. 63  
Mesquita da região de Goa  
na primeira metade  
do séc. XVII,  
de onde se assinala  
a varanda circundante (83).  
Foto 92  
-Galeria/ varanda  
sobre o pátio de uma casa hindu.



A varanda, embora possa ser entendida como uma criação autónoma -como o alpendre, profusamente adoptada ao longo do século passado em regiões como o “Québec, a Louisiana ou a Austrália”<sup>104</sup>, é no caso de Goa e prioritariamente, o resultado de um percurso evolutivo que analisaremos adiante.

Em ambos os casos comporta o manancial formal dos respectivos imigrantes ou colonos.

O recurso a varandas é ancestral. Ainda que de uma forma elementar e ambígua (varanda/alpendre), encontramos-las ainda no desenho das casas rurais hindus de Goa, mas também e como refere Rapoport, no Japão tradicional, em Aden, em Zanzibar, ou mesmo na Grécia antiga onde se tinha em conta os ângulos do sol no inverno e no verão.

-“*Em Malaisie, dans certaines maisons, des auvents descendant bas et des grandes vérandas protègent de la luminosité du ciel, du soleil et de la pluie tout en permettant la ventilation,...*”<sup>105</sup>

Em função da cultura em que se manifestam, adoptam expressões distintas, como bem ilustram as varandas com grelhas das casas islâmicas, que deixam ver do interior mas não permitem o inverso.

Nas casas hindus de Goa, atendendo também ao seu carácter intimista, não encontramos varandas para o exterior, como nas casas cristãs, mas encontra-mo-las sobre as galerias que circundam os pátios. São acessos, circulações, mas também zonas de sesta ou de mormúrio.

São estruturas de madeira, com pavimento tabuado, guardas e grelhas, caixilhos com carepas ou simplesmente olas no espaço entre as colunas, esculpidas ou não.

Em abstracto e na medida em que satisfazem as mesmas intenções, são expressões idênticas, contudo, contextualizadas e por condicionantes de ordem socio-religiosa, podem ser entendidas como o “negativo” uma da outra. O horizonte não é o exterior, ilimitado, indefinido, infinito, inesperado, mas tão só o pátio. A composição, a casa circunscreve o exterior em vez de ser circunscrita por ele.

Temos então que à varanda das casas cristãs de Goa, pode corresponder (i) esta transposição, exteriorização da varanda do pátio da casa hindu<sup>106</sup>, (ii) a assimilação eruditizada das casas rurais ou ainda (iii) a evolução do modelo da janela de sacada, profusamente difundido ao longo do séc. XVIII através das casas sobradadas, de raiz inequivocamente portuguesa e que passamos a expor.

A partir das janelas de sacada à face, protegidas pelo beirado/cornija, balançados tanto quanto possível<sup>107</sup>, evoluiu-se para pequenos balcões.

Estas estruturas, mais vulneráveis, mais expostas, apoiadas sobre mísulas ou sobre um elemento corrido, exigiam coberturas autónomas a que uma grade de madeira inicialmente revestida por olas e mais tarde por chapas metálicas, procurou dar resposta cabal.

<sup>104</sup> Ibidem

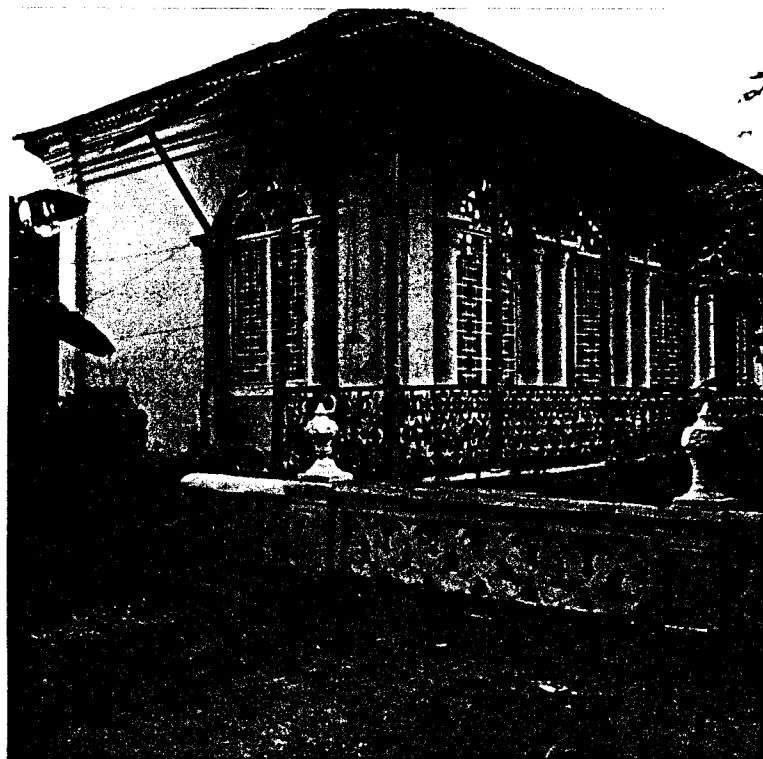
<sup>105</sup> Idem, p. 143.

<sup>106</sup> note-se que muitas das casas visitadas apresentaram inicialmente varandas de madeira, suspensas, que progressivamente foram sendo renovadas.

<sup>107</sup> -“*The Portuguese influence is seen in the wall ends below the roofs where instead of an eaves projection the top part of the wall is projected outwards about 1'-0" with the help of tiles and mortar and the roof tiles are made to finish over this.*” In A.B. Almeida in op. cit., p.37.



Foto 93  
-Varandas de casas-pátio cristãs  
onde está presente  
a gramática decorativa religiosa,  
nomeadamente no envolvimento das colunas  
com videiras -planta de forte conotação cristã.  
À esquerda  
a varanda da casa dos Noronha (Neurá -Ilhas),  
à direita dos Furtado Cabral (Nagoá -Salcete)  
e em baixo dos Antão (Betalbatim -Salcete).





Correspondia a uma solução sazonal, conseqüentemente amovível no fim da estação das chuvas, com inconvenientes graves para o período seco e de sol forte, para além de marcar a fachada e não constituir uma solução esteticamente integrada.

Em alternativa surgiram as varandas estreitas e corridas, ligando todos os vãos da fachada ao alpendre. Dadas as suas dimensões entendia-se como um elemento de grande efeito decorativo que cumpria o seu objectivo preventivo sobre a fachada. Por um lado evitava a fustigação directa das chuvas durante as monções e por outro, garantia o seu sombreamento durante o verão.

A cobertura era assegurada por um telhado que de largura não ultrapassava as quatro telhas. Sendo uma solução ainda insuficiente, condensava desde logo os atributos da varanda das casas cristãs de Goa, que evoluíram para larguras da ordem dos 3.00 a 4.00 (m) apresentando telhados autónomos ou na continuidade dos da casa.

Estes últimos não sendo os mais comuns, talvez porque em termos visuais ao enaltecer o telhado se subtraia e desvalorize a leitura da casa, evidencia vantagens técnicas, de conservação das estruturas e dos interiores.

Embora todo este processo possa não ter sido linear para todas as casas, é-o em termos cronológicos. Numa casa de Cuelim<sup>108</sup> (Mormugão) vê-se ainda subjacente à actual e note-se, ainda estreita varanda corrida, as bases das sacadas ou balcões pre-existentes para cada uma das janelas da fachada principal.

Os alpendres foram muitas vezes, no nosso conjunto de casas, elementos acrescentados, que progressivamente ganharam consistência e integração na medida em que se consolidaram, isto é, em que passaram a utilizar materiais irreversíveis, diluindo automaticamente as suas raízes.

---

<sup>108</sup> Casa Barbuno Menezes.

**IX -A RECUPERAÇÃO  
DAS CASAS-PÁTIO DE GOA**

# IX. - A RECUPERAÇÃO DAS CASAS-PÁTIO DE GOA

## 1 -Contexto

Sendo as famílias hindus mais numerosas, mais interdependentes, menos dispersas e mais assiduamente congregadas por festividades, do que as cristãs, é para estas ocasiões, em particular, que usam a casa de que são originários. Não se trata apenas de uma questão logística, de espaço, de tradição, antes a crença e a consciência da graça que dela emana. Daí que não seja frequente a sua demolição, preferindo o envelhecimento tranquilo, quantas vezes irregressivo, que vai restringindo o espaço vivencial como se a planta fosse secando até à raiz.

Mesmo a reconstrução, em grande escala, não é uma prática comum nas casas hindus, antes a adição de novas estruturas, de novas casas em torno da primitiva.

O diagnóstico das casas-pátio hindus e das casas-pátio cristãs coincide nos aspectos principais -reflexo de modos de vida cada vez mais interpenetrantes e que dificilmente se compatibilizam com a manutenção das casas.

Em traços gerais aponta como causas principais de degradação:

- (i) o envelhecimento dos materiais, aliado a rigorosos factores climáticos que alteram as suas características de base;
- (ii) as intervenções desadequadas de adaptação de espaços como a instalação de sanitários em quartos, de quartos em salas, de cozinhas em varandas;
- (iii) as infiltrações de água e de humidades, nomeadamente a partir dos telhados, dos vãos, das fundações e das redes de drenagem de águas;

Subjacente a estas causas temos a falta de uma manutenção sistemática que radica por um lado no abandono, ainda que sazonal, a que estão votadas as casas e por outro, na inexistência de uma cultura/consciência que as identifique como parte integrante do património goês.

A primeira razão encontra justificação nos processos de partilhas, na falta de descendência, na emigração crescente, na debilidade física ou na insegurança dos proprietários idosos, na escassez de pessoal ou mesmo num apelo crescente da vida urbana.

Já a segunda razão implica com uma cultura de fundo da população, que permita que a casa em lugar de ser olhada como um encargo, possa ser entendida como um sistema de múltiplas valias e capazes de ser rentabilizadas.

A par de intenções de casas-museu, de casas para tertúlias interculturais, de casas para representações ou prestações de serviços (aluguer para festas) temos como a mais corrente e apetecida vocação das casas a de turismo de habitação.

Entenda-se esta pretensão para uma casa com reconhecido valor arquitectónico e/ou cultural em que os proprietários manifestem desejo e sintam orgulho em partilhar, ou dar a conhecer um pouco do seu quotidiano. A casa sujeita-se naturalmente a algumas adaptações que nunca deverão pôr em casa a sua dignidade e carácter -trunfo desta operação.

Com este propósito alguns exemplos emergiram nos últimos anos, em especial nas zonas de costa, onde é grande a procura de alojamento nos meses de praia (Outubro a Maio).

Casos muito pouco abonatórios, se tivermos em conta que sacrificaram os quartos, habitualmente com áreas generosas, para os rentabilizar; que substituíram os materiais

tradicionais por outros incompatíveis além de esteticamente reprováveis; que criaram novas volumetrias de apoio ou de acesso, adjacentes às estruturas antigas ou ainda que não foram objecto de uma intervenção qualificada, mas antes resultaram de esboços dos proprietários e de “jeitos” de serventes.

Sendo esta uma das vocações reais de tantas das casas de Goa, deveria ser criteriada através de regulamentos e tanto quanto possível supervisionada por uma entidade isenta, edónea, tecnicamente competente e interdisciplinar, que aconselhasse programas e remodelações em função da especificidade de cada caso mas também do tipo e da oferta estimada.

Neste sentido esta entidade poderia funcionar como um veículo privilegiado de auscultação e angariação de mercados diferenciados, criar uma rede e oferecer serviços que podiam um dia especializar-se a tal ponto que providenciariam a manutenção periódica das casas.

A entidade podia ser governamental, privada ou mista podendo mesmo ser formada, parcialmente ou na íntegra, pelo próprios proprietários.

Se é, por tradição, ao longo da costa que a procura deste turismo específico é mais acentuada, o interior, irrigado e florestado, predominantemente hindu, apresenta-se com outra sorte de aliciantes para que possa ser considerado simultaneamente como alternativa e complemento. Conta para isso com um importante manancial de casas hindus ali implantadas.

## **2 - Método**

É reconhecida a necessidade de preservar o património que estas casas corporizam. São edifícios antigos, são parte integrante da paisagem goesa, abrigo de gerações que lhes imprimiram os seus hábitos e formas de vida. Significam ainda um dos testemunhos mais completos de como foi profundo o contributo de cada uma das culturas no seio da outra.

A generosidade das áreas, (a menos que a casa tenha sido sujeita a partilhas) a flexibilidade e a polivalência que os espaços demonstram e o interesse em preservar o carácter sujeitam qualquer intervenção a um saturado exercício prévio de ponderação, de equilíbrio de programa a que não deverá ser alheia uma compatibilização de técnicas e materiais.

Toda a análise que fizemos ao longo deste trabalho, quer em termos morfológicos, quer em termos construtivos e patológicos, visa auxiliar a desenvolver acções de conservação e restauro das casas em torno de um objectivo claro e determinado, que cada proprietário deve defenir e explicitar, desejamos nós, com o auxílio de uma equipa especializada e habilitada.

Quando falamos na recuperação das casas-pátio de Goa, falamos seguramente da sua conservação, que pode e deve corresponder a diferentes graus de intervenção.

Ensaíamos aqui uma metodologia possível de abordagem para a recuperação das casas-pátio de Goa, com base na análise e nas reflexões que apresentámos.

Entendemos como pressupostos:

- I. a existência de uma equipa multidisciplinar, ainda que integrando diferentes especialidades em fases distintas e que domine e se interesse pela realidade;
- II. o respeito pelo carácter intrínseco da casa, nomeadamente a estrutura, a forma e os materiais, ponderando a um nível interdisciplinar os elementos a conservar, a reconstruir ou a substituir. A conservação impede a degradação dos elementos e é um acto continuado. A reconstrução possibilita suprir lacunas, auxilia a percepção integral dos elementos, enquanto a substituição corrige as situações de limite, de colapso. Qualquer das atitudes pressupõe o recurso a documentação e/ou modelos, a materiais similares e compatíveis, a soluções que não sejam mais danosas que as precedentes, bem como o seu registo num caderno de obras que cada casa deveria passar a dispôr;
- III. cingir a intervenção ao essencial, evitando situações especulativas ou reservando-as para as zonas secundárias da casa. Em zonas nucleares deve-se optar por soluções reversíveis que não perturbem o entendimento e a organização primitiva.
- IV. o profissionalismo dos técnicos chamados a intervir e a sensibilização individual e colectiva para a causa ou mais realisticamente, para o problema.

Entendemos como método de intervenção:

- uma análise prévia da casa, do ponto de vista;
  - (i) histórico-arquitectónico (identificação das fases e dos sistemas de construção);
  - (ii) semiótico e morfológico (reconhecimento dos significados, dos circuitos e das relações de funções);
  - (iii) patológico (diagnóstico com a identificação das patologias existentes em elementos estruturais, alvenarias, coberturas, fundações, bem como a exploração das suas causas) com recurso a levantamentos gráficos, fotográficos, documentais, a análises laboratoriais e a ensaios;
- a identificação de zonas nucleares e secundárias, face aos acabamentos, ao carácter e ao tipo de construção, face a acessibilidades, face ainda a relações visuais com o exterior;
- a definição inequívoca do(s) objectivo(s) da intervenção tendo em conta as características da casa. Equivale à apresentação de um programa preliminar com as características gerais, os elementos topográficos e cartográficos a escalas convenientes e os dados sobre a exploração e o funcionamento pretendidos;
- o estudo prévio, o anteprojecto, o projecto de execução e a eficaz assistência técnica à obra.

**PLANTA  
GEOGRAPHICA**

1782

**ILHA DE GOA**

Com a Escala  
de 1:100,000



**LEGENDA DAS RUAS E EDIFICIOS**

- |   |  |
|---|--|
| <p>1. Ruas principais</p> <p>2. Ruas secundarias</p> <p>3. Ruas terciarias</p> <p>4. Ruas quaternarias</p> <p>5. Ruas quaternarias</p> <p>6. Ruas quaternarias</p> <p>7. Ruas quaternarias</p> <p>8. Ruas quaternarias</p> <p>9. Ruas quaternarias</p> <p>10. Ruas quaternarias</p> <p>11. Ruas quaternarias</p> <p>12. Ruas quaternarias</p> <p>13. Ruas quaternarias</p> <p>14. Ruas quaternarias</p> <p>15. Ruas quaternarias</p> <p>16. Ruas quaternarias</p> <p>17. Ruas quaternarias</p> <p>18. Ruas quaternarias</p> <p>19. Ruas quaternarias</p> <p>20. Ruas quaternarias</p> <p>21. Ruas quaternarias</p> <p>22. Ruas quaternarias</p> <p>23. Ruas quaternarias</p> <p>24. Ruas quaternarias</p> <p>25. Ruas quaternarias</p> <p>26. Ruas quaternarias</p> <p>27. Ruas quaternarias</p> <p>28. Ruas quaternarias</p> <p>29. Ruas quaternarias</p> <p>30. Ruas quaternarias</p> <p>31. Ruas quaternarias</p> <p>32. Ruas quaternarias</p> <p>33. Ruas quaternarias</p> <p>34. Ruas quaternarias</p> <p>35. Ruas quaternarias</p> <p>36. Ruas quaternarias</p> <p>37. Ruas quaternarias</p> <p>38. Ruas quaternarias</p> <p>39. Ruas quaternarias</p> <p>40. Ruas quaternarias</p> <p>41. Ruas quaternarias</p> <p>42. Ruas quaternarias</p> <p>43. Ruas quaternarias</p> <p>44. Ruas quaternarias</p> <p>45. Ruas quaternarias</p> <p>46. Ruas quaternarias</p> <p>47. Ruas quaternarias</p> <p>48. Ruas quaternarias</p> <p>49. Ruas quaternarias</p> <p>50. Ruas quaternarias</p> | <p>1. Edificios de governo</p> <p>2. Edificios de governo</p> <p>3. Edificios de governo</p> <p>4. Edificios de governo</p> <p>5. Edificios de governo</p> <p>6. Edificios de governo</p> <p>7. Edificios de governo</p> <p>8. Edificios de governo</p> <p>9. Edificios de governo</p> <p>10. Edificios de governo</p> <p>11. Edificios de governo</p> <p>12. Edificios de governo</p> <p>13. Edificios de governo</p> <p>14. Edificios de governo</p> <p>15. Edificios de governo</p> <p>16. Edificios de governo</p> <p>17. Edificios de governo</p> <p>18. Edificios de governo</p> <p>19. Edificios de governo</p> <p>20. Edificios de governo</p> <p>21. Edificios de governo</p> <p>22. Edificios de governo</p> <p>23. Edificios de governo</p> <p>24. Edificios de governo</p> <p>25. Edificios de governo</p> <p>26. Edificios de governo</p> <p>27. Edificios de governo</p> <p>28. Edificios de governo</p> <p>29. Edificios de governo</p> <p>30. Edificios de governo</p> <p>31. Edificios de governo</p> <p>32. Edificios de governo</p> <p>33. Edificios de governo</p> <p>34. Edificios de governo</p> <p>35. Edificios de governo</p> <p>36. Edificios de governo</p> <p>37. Edificios de governo</p> <p>38. Edificios de governo</p> <p>39. Edificios de governo</p> <p>40. Edificios de governo</p> <p>41. Edificios de governo</p> <p>42. Edificios de governo</p> <p>43. Edificios de governo</p> <p>44. Edificios de governo</p> <p>45. Edificios de governo</p> <p>46. Edificios de governo</p> <p>47. Edificios de governo</p> <p>48. Edificios de governo</p> <p>49. Edificios de governo</p> <p>50. Edificios de governo</p> |
|---|--|

**ILHA DE JUA DE MESITA**

### 3 -A casa Lima Fernandes: uma proposta de recuperação.

Considerámos um caso específico, ainda que virtual, com que se pretende ilustrar o método de abordagem e em que o objectivo da proposta é o de habitação, como casa de fins de semana para a família que sempre a possuiu.

Seleccionámos a casa Lima Fernandes (Chorão -Ilhas Tiswadi) por ser representativa do modelo, estar habitada embora com apenas uma pessoa, ter uma localização de excepção, manifestar sinais de degradação correntes, apresentar tecnologias e materiais representativos, ter uma escala adequada à formalização do estudo, oferecer um manancial de aproveitamento e de utilização apreciável.

Relativamente à informação documental, a família negou a existência ou a posse de qualquer documento que nos pudesse interessar, pelo que sustentámos o nosso trabalho na análise específica e comparativa da casa, nos testemunhos da residente e nos registos gráficos, fotográficos e laboratoriais que fizémos.

A desconfiança dos propósitos, o alheamento face ao património que detêm e a inércia à sua abordagem constituem e ilustram uma vez mais, o paradigma de uma mentalidade que poderá constituir um dos obstáculos à recuperação destas casas.

Para uma análise histórica-arquitectónica importa salientar:

- a relação com a envolvente;

Dispõe em seu redor das principais fontes de produção agrícola de uma casa de Goa: -a várzea em frente, a propriedade (pomar/ mata) nas traseiras, a horta em terreno lateral acessível por portão próprio e o jardim à entrada. É servida por três poços sendo um para o abastecimento da casa e os restantes para a horta e para o jardim, o que significa não apenas a abundância de água no terreno, mas o empenho contínuo da casa naquelas explorações.

Assinala-se ainda a presença de um cruzeiro no jardim o que evidencia o significado da casa junto da comunidade, do *vaddo* (bairro) -freguesia de S. Bartolomeu. Por tradição é em seu redor que por altura das novenas os fiéis se congregam para rezarem o terço, as ladainhas e queimarem os foguetes da festa.

- o registo do alpendre;

Trata-se de um elemento característico das casas indo-portuguesas de Goa, nomeadamente das casas-pátio. Neste caso tem uma expressão singular por se encontrar na fachada lateral direita e em conjunto com a varanda quase ofuscar a leitura do corpo da casa. Acresce o facto da sua formalização ser idêntica à do alpendre do Palácio dos Arcebispos na Velha Cidade (séc. XVII) de que mostramos o levantamento, a que acrescenta as janelas com carepas e em cauda de pavão com um guarnecimento inédito e evocativo.

Pelo seu desenho elaborado e proporcionado em contraponto com uma fachada principal lisa privada de elementos decorativos, com uma métrica de vãos irregular, com a cimalha e tratamento de pilastras dissonante é de crer que pertencesse a uma fase precedente à actual casa.

Também as colunas da varanda, em “gota” ou o muro de vedação finjindo cantarias salientes remetem para modelos construtivos das primeiras décadas deste século como quer a casa Saldanha em Mapuçá, quer a Leão Fernandes em Panjim, ilustram respectivamente.

É pois provável que a casa tenha sofrido alterações de fundo nas primeiras décadas deste século, aproveitando estruturas primitivas entre as quais estaria o alpendre e que remontariam à primeira metade do século passado.

- a identificação de dois núcleos na casa;

Embora apresente um plano muito regular no seu todo, notam-se dissonâncias entre o corpo das salas e o de serviços (que envolve o pátio), nomeadamente na volumetria, nos telhados, no tratamento exterior em que o corpo nuclear apresenta pilastras e na abertura de vãos de ligação entre eles -quer a porta para a galeria que circunda o pátio, quer a janela deste são excêntricas, quando todas as outras estão centradas.

A frente com o seu telhado proeminente, rasgado horizontalmente pela varanda, lembra as composições dos templos hindus e realça o “conflito” com o alpendre.

Para uma análise morfológica:

A casa dispõe de duas entradas, diagonalmente opostas, sendo uma delas de serviço e directamente relacionada com os serviços domésticos da casa.

Entende-se o espaço hierarquizado, definidas duas zonas vivenciais que são, como vimos anteriormente, materializadas de forma distinta e que importa preservar.

Todos os quartos tinham comunicação com os espaços que lhes estão adjacentes, permitindo a sua polivalência -útil nomeadamente em altura de festas quando os transportes eram difíceis e os familiares tinham de pernoitar.

Uma das virtudes destes “corredores” inter-quartos era por um lado a ventilação que forçavam através de correntes de ar e por outro a vigilância que permitiam, especialmente a partir dos ângulos da casa. Com efeito a partir da cozinha, que se situa no ângulo SO e onde estava sempre uma criada, era possível controlar ambas as entradas, segundo linhas de visão perpendiculares entre si.

Hoje na sua maioria estes vãos foram preenchidos ou convertidos em armários de parede. Toda a casa, em especial em torno do pátio e na sala de refeições, apresenta aliás este tipo de arrumos, muito frequente nas casas hindus, que conservava os produtos a uma temperatura constante e fresca devido à inércia térmica das alvenarias, ao mesmo tempo que prescindia de mobiliário.

A este nível a casa não evidencia peças de excepcional valor, até porque se apresenta muito “despida” e segundo nos confirmou a residente, parte do seu espólio foi já transferido para a casa que a família possui por casamento em Panjim. Esta atitude é frequente em particular quando o agregado da casa se transfere para outra localidade e ali se estabelece ou quando há riscos de segurança.

Destaca-se ainda assim, entre as melhores peças, o oratório que foi transferido da sala de refeições para um dos quartos e escamoteia um dos vãos fechados, a mesa da sala de estar em pau-rosa trabalhado e a cama de dossel no quarto contíguo à sala.

O abastecimento de água é feito a partir de um poço acessível do interior da casa, actualmente de extracção motorizada e a drenagem de águas residuais é feita para uma fossa séptica localizada a meio da fachada lateral esquerda.



Para uma análise patológica, importa destacar:

#### I. as coberturas;

- os telhados apresentam-se com telha de canudo nas zonas posteriores e com telha de mangalore (tipo marselha) nas restantes zonas, correspondendo esta a uma substituição para obviar limpezas. São detectáveis ainda, especialmente nos rincões e nas projecções sobre o pátio, chapas onduladas de zinco.

As telhas estão justapostas pelo que com facilidade se soltam ou se quebram, não sendo eficazes. Nota-se também a falta de passadeiras no telhado proeminente.

Os tectos sujeitos a infiltrações de água pelos telhados apresentam-se pontualmente deteriorados. Com a secção reduzida, a madeira não só tem um comportamento diferente em termos de resistência, como é mais vulnerável às deformações, sujeitando a elas todo o telhado e facilitando por sua vez o fissuramento de telhas, a abertura de folgas e de juntas que a água e o vento saberão aproveitar.

Os tectos pregados às estruturas de madeira sofrem directamente os efeitos do acréscimo de humidade, manifestando-se através de empolamentos, de fissuras, de destacamentos ou de manchas, de alterações para o que contribui naturalmente a qualidade da peça em causa.

#### II. os vãos;

As janelas de sacada são de vidro, enquanto as de peito e guilhotina são de carepas. Em ambas os caixilhos, os peitos, as vergas e as ombreiras são de madeira, tal como as portadas. Nas janelas de carepas há muitas falhas e o pó acumulado obscureceu-as.

Relativamente à madeira constata-se folgas, empenos e apodrecimentos pontuais que convirá corrigir, bem como a corrosão das ferragens.

Os módulos decorativos da varanda apresentam-se também descobertos, com falhas diversas de apoios e desgaste de corrimãos.

#### III. as alvenarias

- expostas aos agentes atmosféricos, ou sujeitas a esforços em particular em zonas sensíveis como as dos vãos, as alvenarias abrem fendilhações que podem conduzir a desagregações de maior gravidade.

As fendilhações no nosso caso resultam por um lado da incapacidade de resistência da estrutura de guarnecimento de madeira de certos vãos e por outro da retracção de argamassas de revestimento -rebocos- incompatíveis com as das alvenarias existentes. Não detectamos problemas de fissuras resultantes de assentamentos diferenciais das fundações -aliás um dos elementos estruturais das casas de Goa que, na generalidade, goza de melhor saúde.

As fendilhações quando não atalhadas a tempo, podem dar origem a desagregações como constatamos em particular no exterior da casa. Aqui para além da agressão dos fenómenos atmosféricos há que contar também com incautas acções mecânica do homem. O transporte de volumes, o roçar contínuo de uma mangueira de rega ou uma brincadeira infantil de arremessos podem abrir brechas e iniciar processos irreversíveis de debilitação, agravados em relação ao interior pelo facto de estarem expostos à *intemperie*.

As dilatações das matérias resultam da acumulação e da evaporação alternada da água que existe no seu seio. Entre os vazios dos materiais e muitas vezes impelida pela diferença de pressão e pelo vento, a água penetra, dissolve os sais solúveis das argamassas e dos constituintes das alvenarias e transporta-os até onde as condições do ambiente sejam desfavoráveis e a água se evapora.

A gravidade deste fenómeno pode ser maior ou menor em função da composição desta águas, que podem ser de chuvas mais ou menos contaminadas, de arrastamento de superfícies ou de canalizações.

Quando os sais se depositam entre o reboco e a alvenaria ou entre o reboco e a caiação/pintura inicia-se a face visível do processo com a desagregação de películas.

Foi feita uma análise estratigráfica a um pedaço de reboco desagregado do alpendre desta casa (ver a amostra 1 do ANEXO VI), em que se detectam camadas sucessivas com as seguintes composições do interior para a superfície: (i) camada castanha com areias de grão grosso, fibras naturais, carbonato de cálcio e ferro em abundância que denuncia um suporte laterítico; (ii) capa branca com areias finas, grãos negros, carbonato de cálcio, fraco teor de ferro, aglutinantes orgânicos e gorduras que indiciam uma argamassa de cal; (iii) capa de cor branca, sem areias, tipo pasta aplicada em duas fases e composta por carbonato de cálcio, gesso, sulfato de cálcio e aglutinante proteico; (iv) caiação com pigmento azul e aglutinante proteico (fixador) a que foi sobreposta uma outra caiação de ocre -pigmento laterítico, também com aglutinante proteico.

Temos pois uma sucessão de camadas que se vão aligeirando a partir de uma argamassa para a alvenaria de laterite até à caiação, recorrendo a elementos naturais como aditivos de incorporação.

#### IV. as fundações

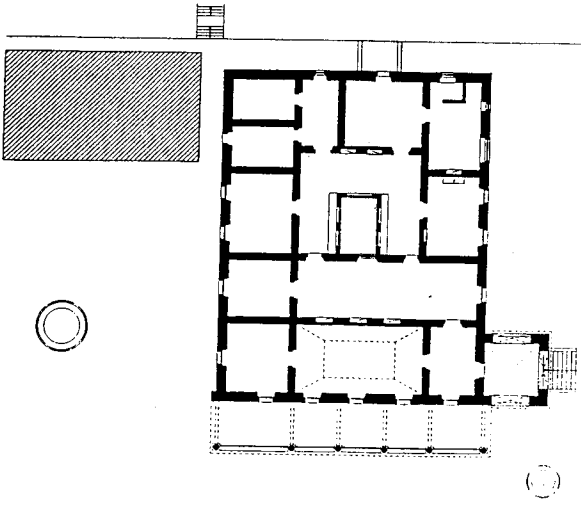
- Não se detectam situações anómalas em todo o embasamento, senão no pátio impermeabilizado com laterite. Neste caso a acumulação de águas e a violência da queda num espaço definido provocam o salpisco das paredes onde com o decorrer do tempo se acumularam musgos e conseqüentemente humidades e salitres cujas manchas são perceptíveis no interior.

Os pavimentos são em tijoleira tradicional (hall, sala, varanda e quarto), em bosta (sala de refeições, cozinha, sala do poço e quarto de passagem para a horta) e em betonilha esquartelada nos restantes aposentos, pelo que será conveniente a sua uniformização.

Foi feita uma análise ao pavimento de bosta (ver amostra 5 do ANEXO VI) que revelou uma composição à base de terras argilosas, muito ferro, suave presença de carbonatos, fibras vegetais, proteínas e uma grande quantidade de gordura.

### **3.1 - Levantamento fotográfico**

N

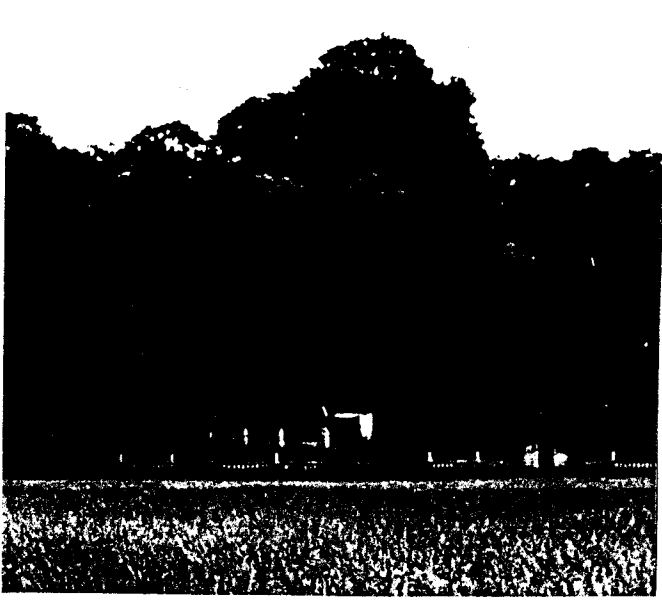


✕ 4



✕ 1, 2, 3

1



2



3

Foto 95 -  
 Envolvente e acesso  
 à casa Lima Fernandes.



4

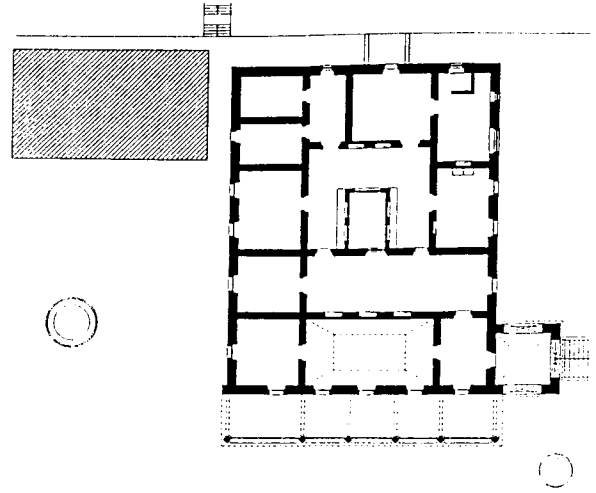
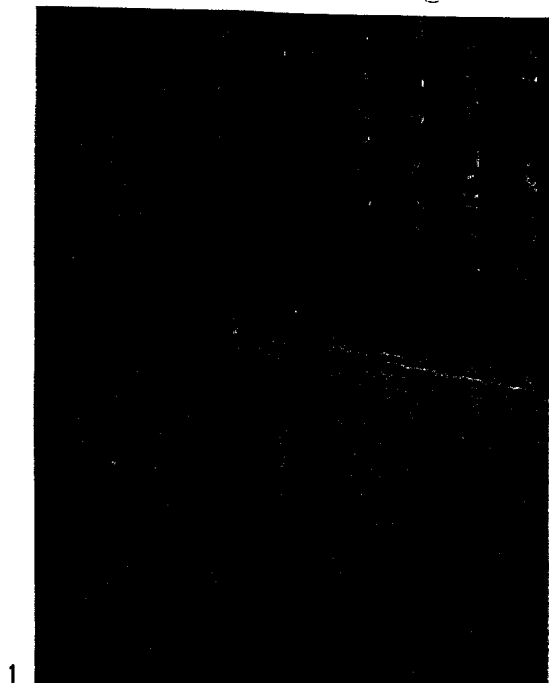
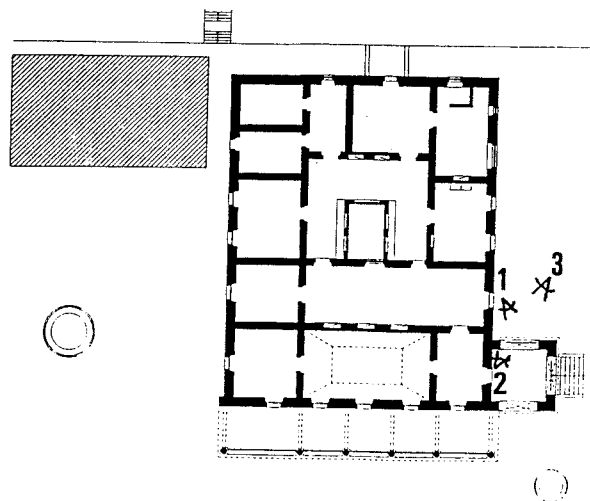


Foto 96 -  
Aspecto geral do alpendre  
da casa (em baixo)  
e do alpendre do palácio dos Arcebispos  
na Velha Cidade  
que evidencia grandes similitudes.

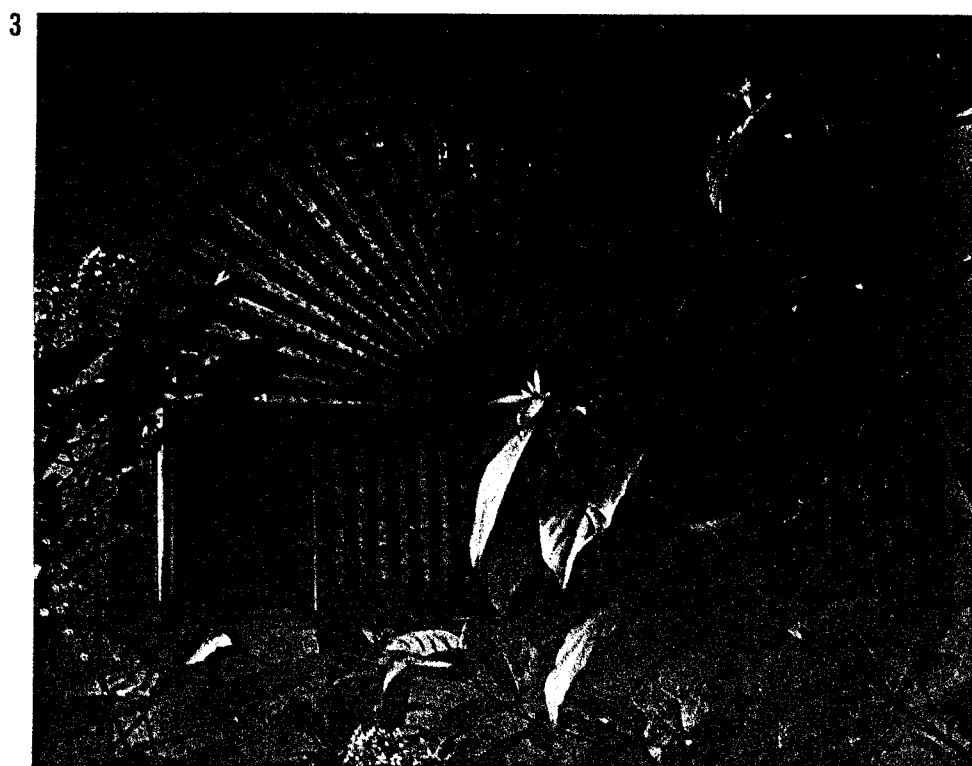




1



2



3

Foto 97  
 -Pormenor da janela de carepas  
 do alpendre (à direita),  
 da moldura exterior  
 em parede com empolamentos  
 (à esquerda)  
 e um aspecto de conjunto  
 visto do exterior (em baixo).

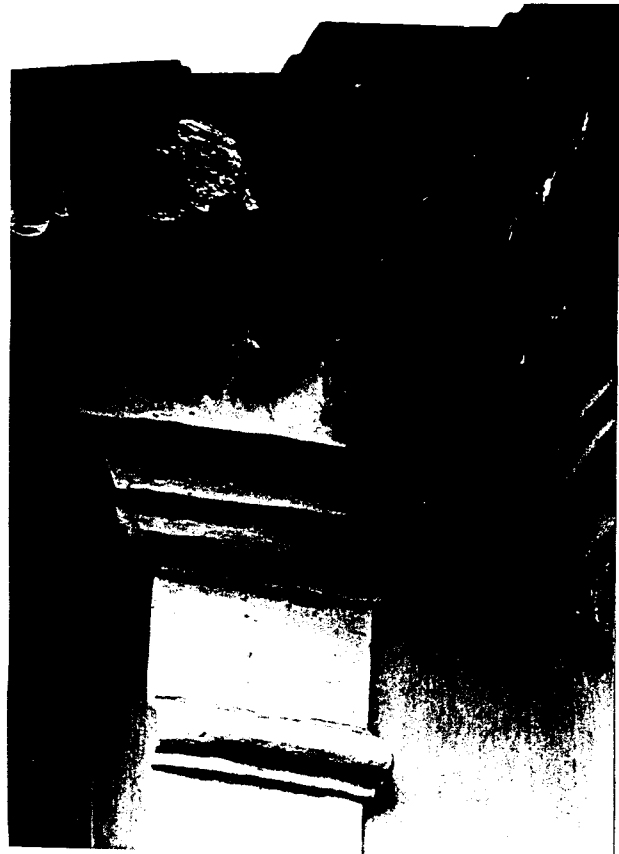
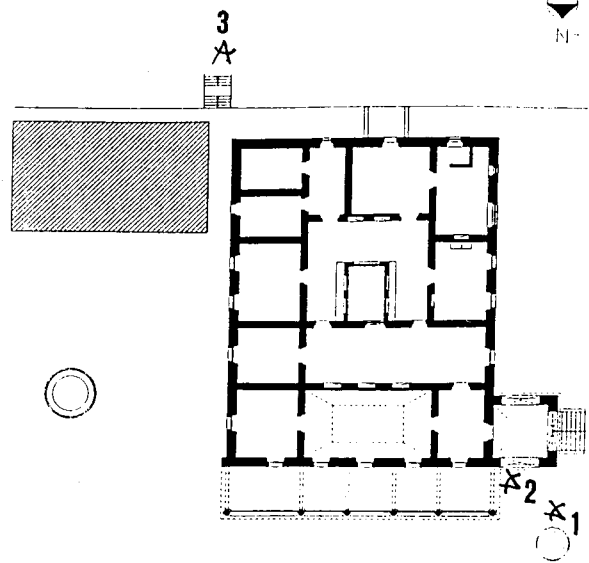
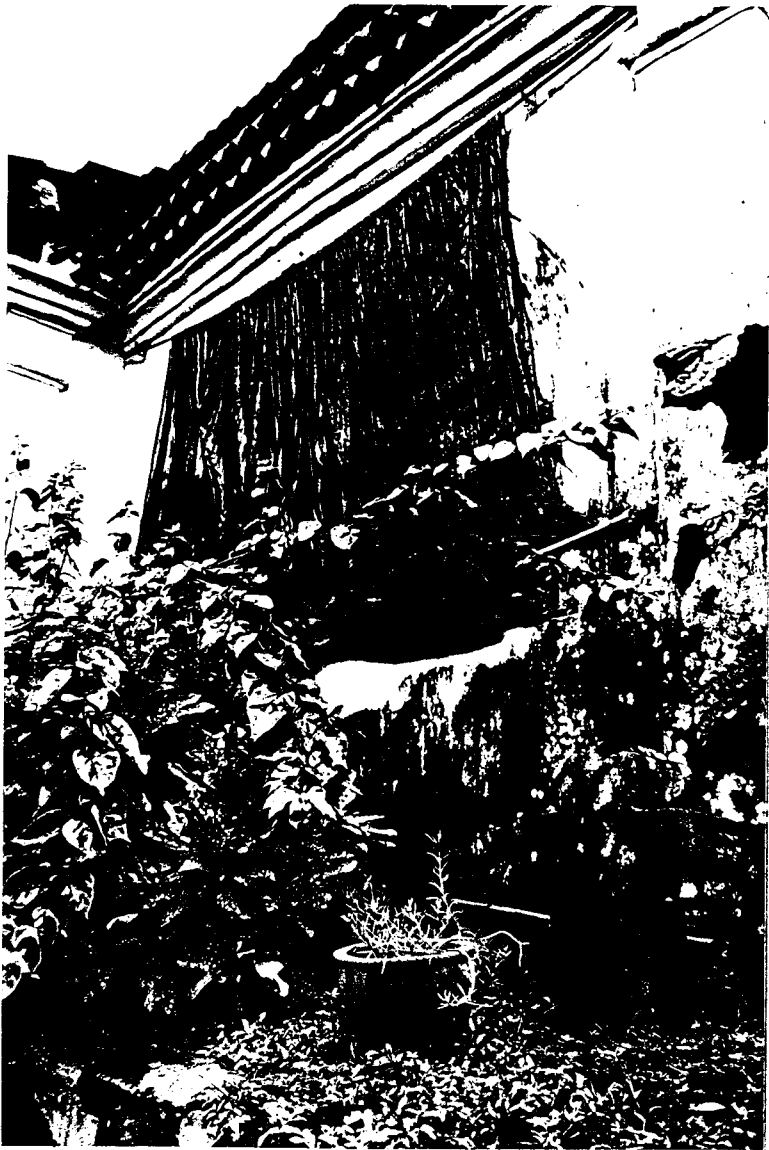


Fig. 98

-Pano lateral esquerdo do alpendre, bastante lavado pelas águas, com o vão coberto devido às chuvas das monções e o cruzeiro revestido de musgos (em cima). À direita pormenor da cornija e beirado onde se sobrepõem as duas qualidades de telhas e onde há alguma anarquia de remates. Em baixo aspecto das coberturas, dissonantes e com telhas partidas e soltas.

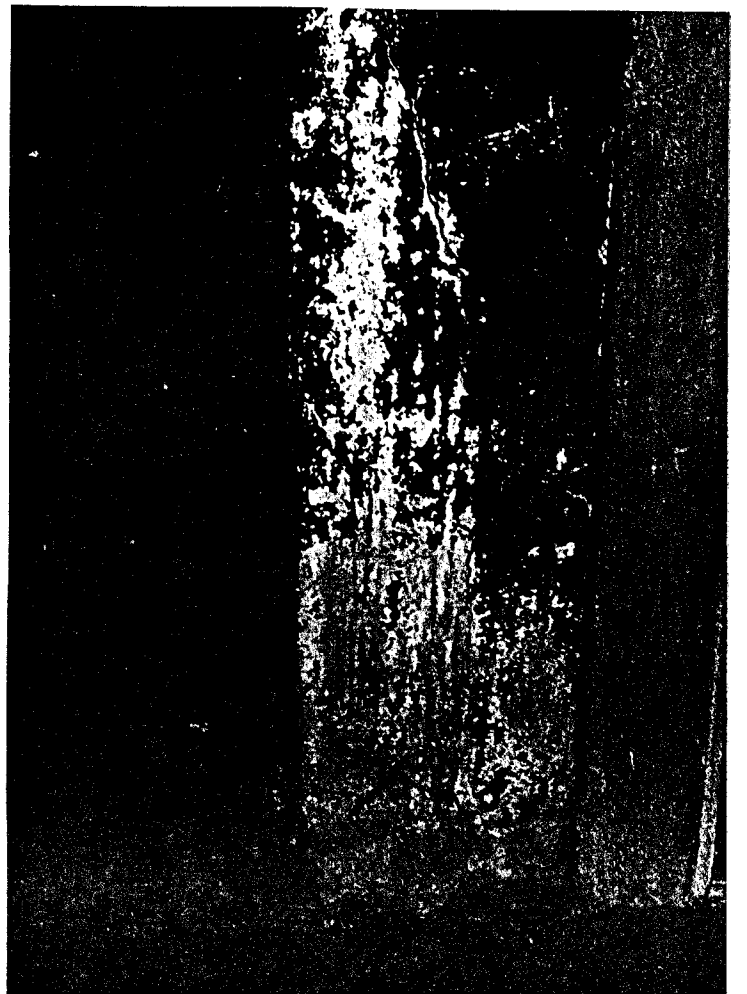
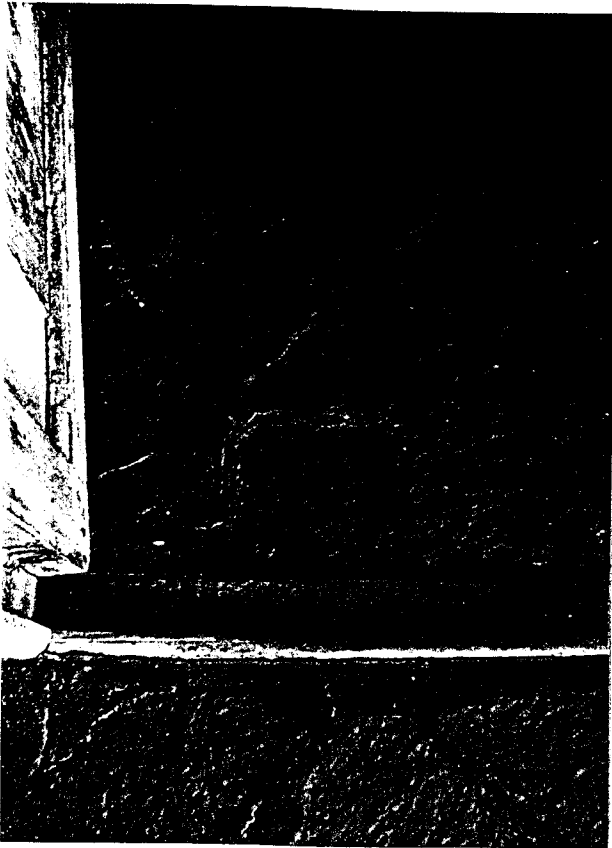
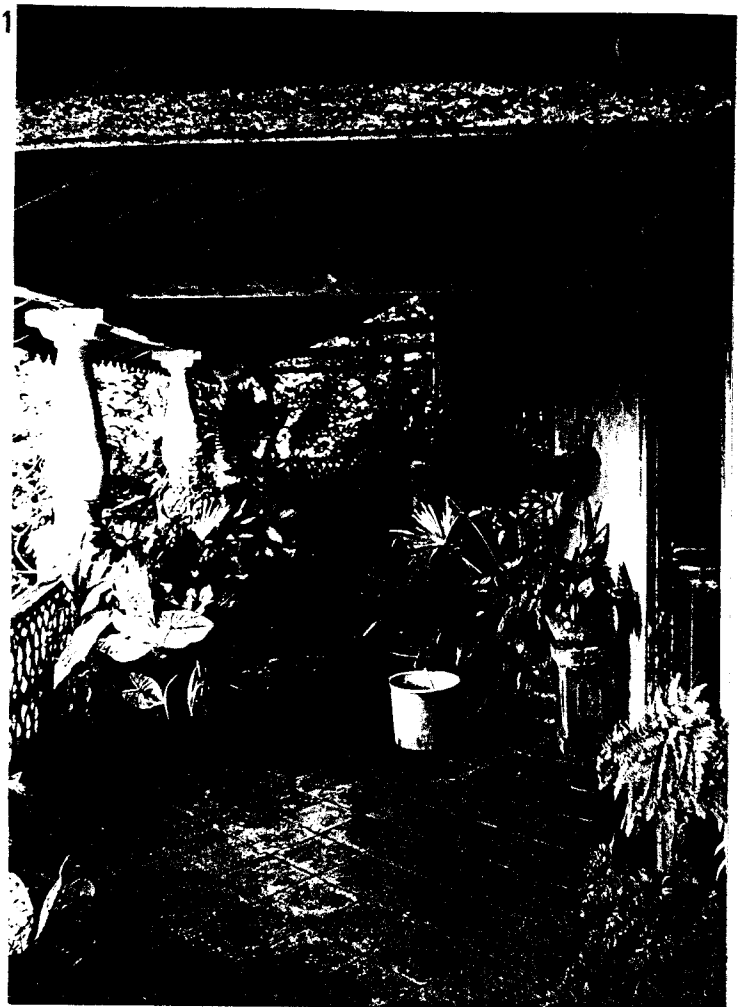
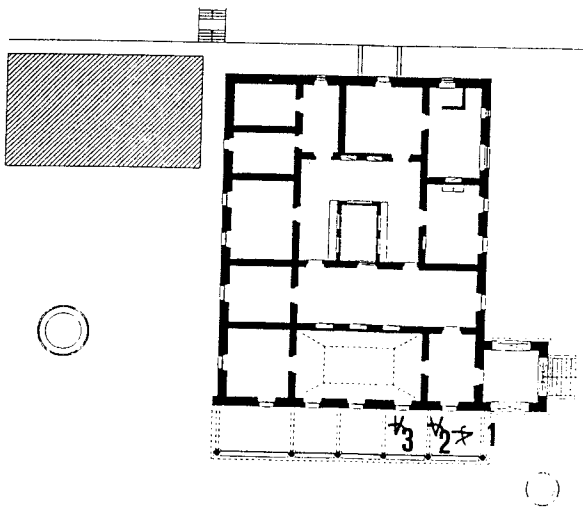
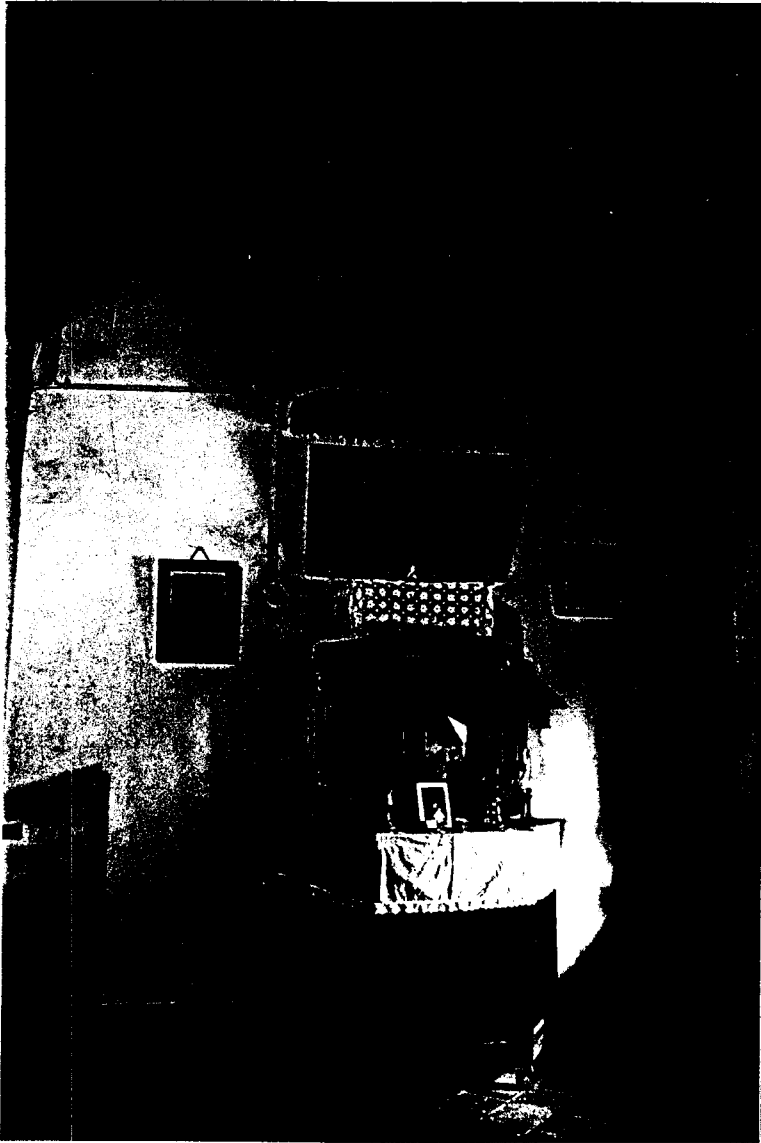


Foto 99  
 -Aspecto geral da varanda  
 de onde se realça o desgaste  
 de troços de vigamento da cobertura,  
 do pavimento em tijoleira tradicional  
 e de fendilhações associadas  
 aos guarnecimentos dos vãos  
 e à utilização  
 de argamassas de cimento.





1

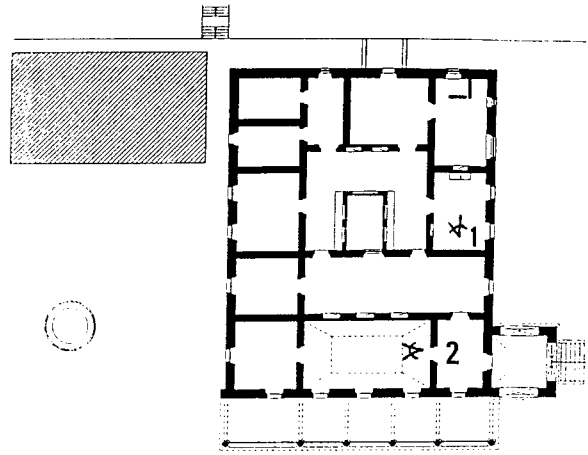
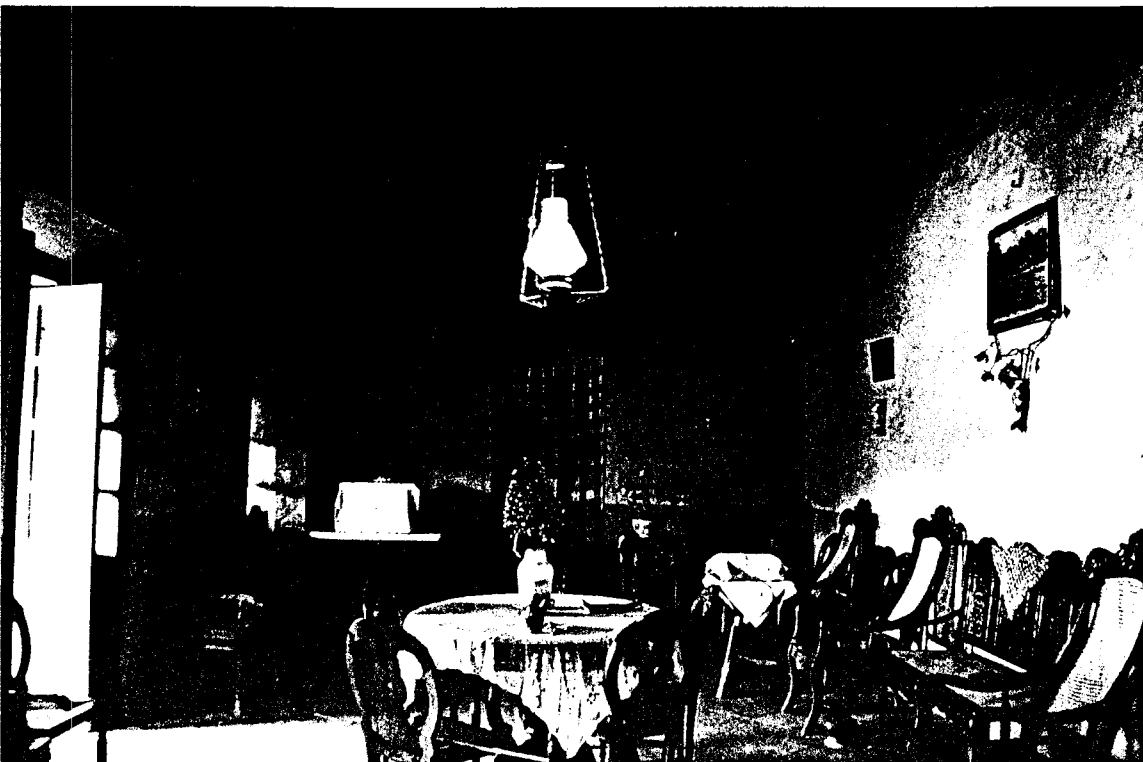


Foto 100  
 -vista do quarto com oratório  
 e com o telhado à vista (em cima)  
 e aspecto geral da sala  
 com tecto de masseira (em baixo).



2

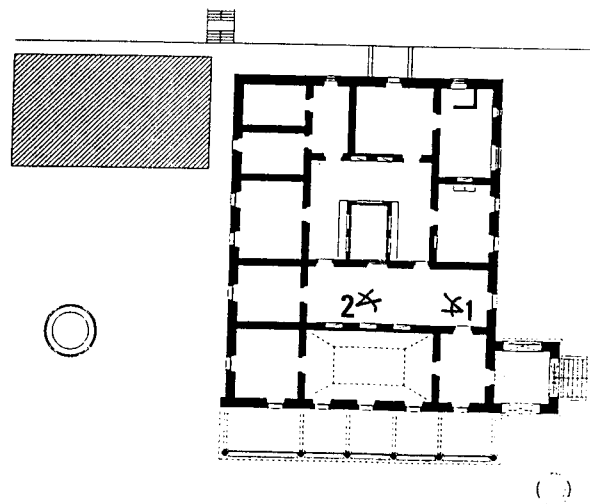
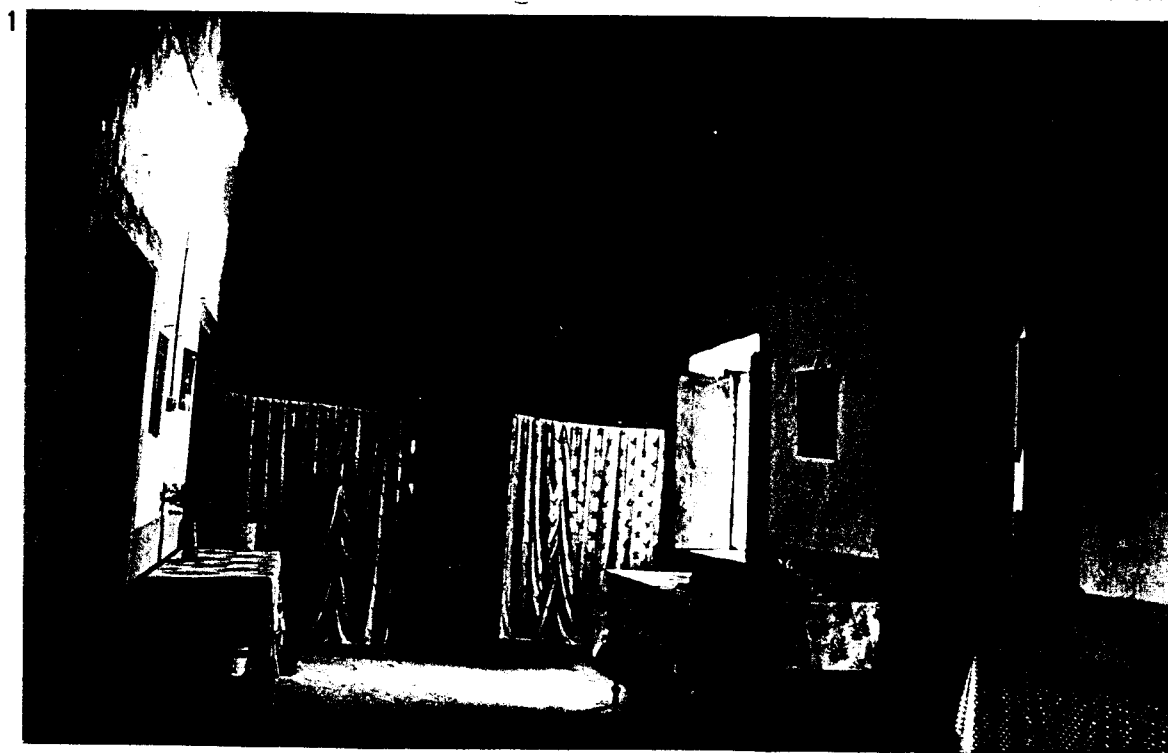


Foto 101  
-aspectos da sala de refeições  
com pavimento embostado,  
hoje utilizada  
para o armazenamento sazonal do arroz,  
colheita das propriedades.  
Detectam-se folgas no telhado  
cujo tecto foi inicialmente revestido.



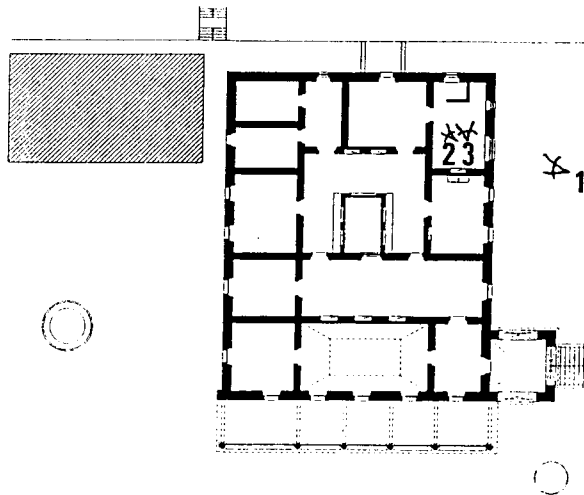


Foto 102

-Vista da cozinha

com pavimento embostado

onde é visível a acumulação de foligem nas paredes, produzidas não apenas pela lenha do fogo da comida mas também pela do aquecimento da água do banho (à direita ao fundo).

Em cima a saída de fumos no telhado.



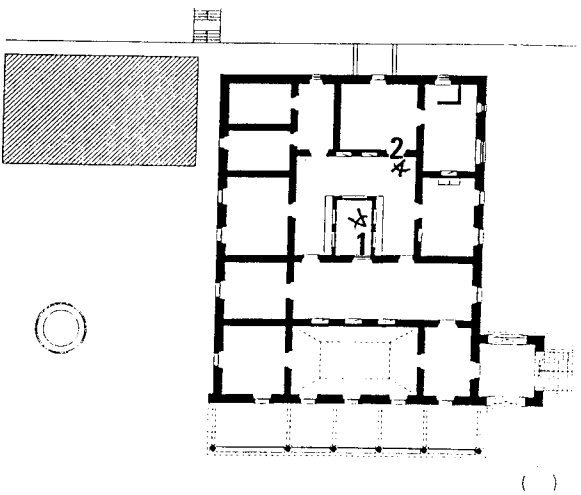


Foto 103  
 -Aspectos do pátio,  
 sendo visíveis os efeitos no interior  
 da humidade acumulada no musgo  
 que reveste as zonas inferiores  
 das paredes exteriores.



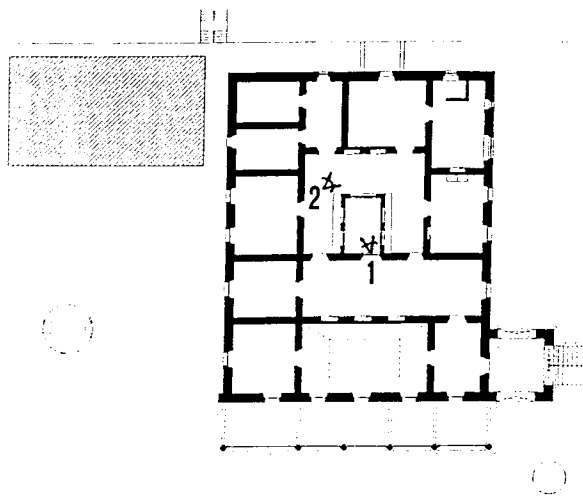


Foto 104

-A inexistência de caleiras e a exiguidade do pátio favorecem o ensopamento das paredes contribuindo também para a degradação das caixilharias (em cima).

Em baixo a galeria do pátio também utilizada como zona de refeições onde se salientam os armários embutidos nas paredes.

1



2

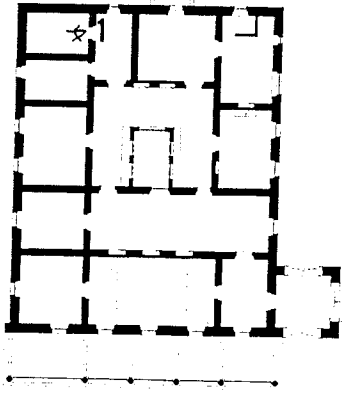


Foto 105  
-Aspecto do interior do antigo cumão,  
hoje adaptado  
e vista do alçado lateral esquerdo  
onde se localiza a fossa séptica.



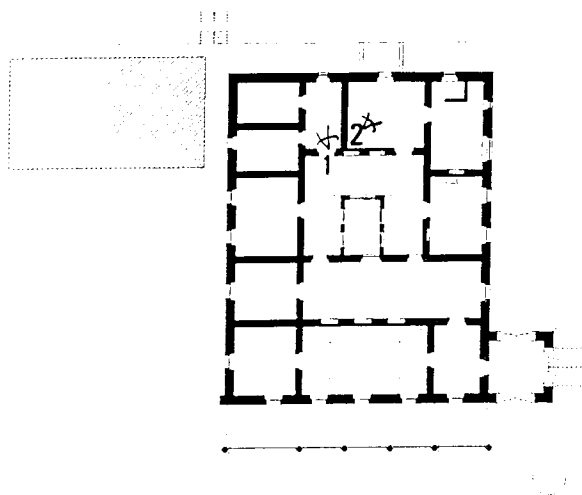
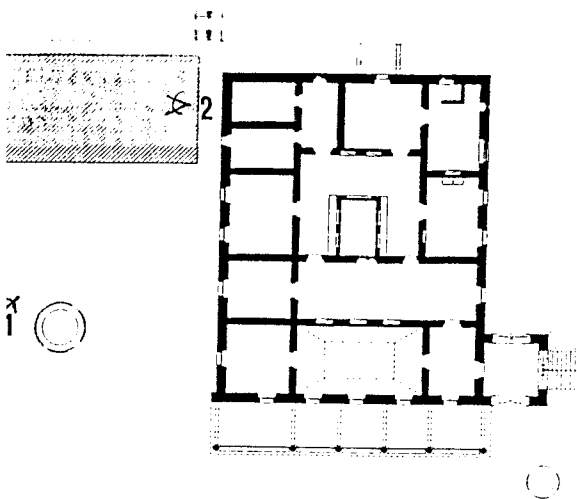


Foto 106  
-A ante-câmara do cumão  
com um buraco no pavimento onde se moía a pimenta  
com o tempero (em cima) e a sala do poço  
com a janela sobre o mesmo (em baixo).





2



Foto 107  
-Vistas do interior e do exterior  
da casa de apoio à horta/ pomar,  
onde actualmente se guarda a lenha.



1



### **3.2 - Programa de intenções**

## Memória descritiva e justificativa

Em termos de organização e distribuição interna identificam-se os dois núcleos, considerando para um a dimensão semi-pública e para outro a dimensão privada da casa.

Neste sentido o aposento oposto ao hall de entrada, hoje quarto com sanita e lavatório, será adaptado para quarto de hóspedes com o compartimento ao lado a servir de instalação sanitária com banho. Esta que beneficia da proximidade da fossa, manterá ainda a outra porta de acesso à sala de refeições.

A zona nobre da casa passará assim a dispôr do hall, de uma sala de visitas, de uma sala de refeições, de um quarto de hóspedes e de uma instalação sanitária completa, para além da varanda e do alpendre entendidos como espaços de estar complementares.

Na zona doméstica mantêm-se os dois quartos, removendo de um deles a sanita e lavatório ali existentes.

A galeria subsiste como espaço de circulação e de refeições menores e íntimas, da mesma forma que o pátio como espaço polarizador. A cozinha e a sala do poço serão entendidos como espaços dependentes e complementares, pelo que a zona do banho, actualmente na cozinha, será removida e assegurada a conveniente evacuação de fumos, com a sua canalização.

Os primitivos sanitários -cumão, serão reactivados, como instalações completas e tirando partido da sala precedente onde ficará instalado um lavatório, conveniente pela proximidade da saída para a horta e para a propriedade.

Esta saída passa a dispôr também de um hall para mudança de calçado e guarda de utensílios.

Os telhados deverão ser removidos, analisada a estrutura de madeira, reparada com recurso ao entalamento ou substituídos pontualmente por outros de igual qualidade e impregnados na íntegra e em ambos os casos com produto anti-xilófago. A telha deverá ser de canudo na coberta e no canal, aramada e argamassada apenas nas sobreposições. Pelo interior deverá forrar-se os tectos entre vigas ou sob aquelas conforme as conveniências de pé direito, com tábuas de *marêta* ou *quinzol* tratadas, mantendo-se o tecto de caixotão na sala.

Em ambos os casos o telhado disporá superiormente de telhas de ventilação e inferiormente de orifícios/ grelhas em composição que possam garantir a renovação vertical do ar.

Na cozinha, sobre o fogo, deverá manter-se a abertura no telhado, sendo o fumo canalizado por um apanha-fumos até à saída e esta convenientemente protegida.

Nas zonas que apresentem fissuras, desagregações, salitres ou empolamentos, as alvenarias deverão ser picadas até ao osso e refeitas com argamassas previamente testadas e à base de cal, areia lavada e laterite moída, sendo a cal apagada em água com goma. Como acabamento as paredes deverão ser caiadas e nunca utilizadas tintas impermeáveis.

Os pavimentos serão todos em tijoleira tradicional idêntica à existente nas sala de estar e varanda, onde se substituirão as desgastadas e que deverá ser mantida regularmente com cera. Deverá ainda providenciar-se um rodapé no mesmo material.

Todos os vãos deverão ser reparados tendo em conta a madeira, o translúcido e as ferragens. No caso das janelas de carepas, quer as de guilhotina, quer as pivotantes, deverão ser desmontadas e limpas, colmatadas as falhas de carepas e afinadas.

Também as ferragens deverão ser substituídas ou limpas da oxidação e tratadas com produto adequado. As madeiras deverão ainda ser protegidas com tinta de óleo.

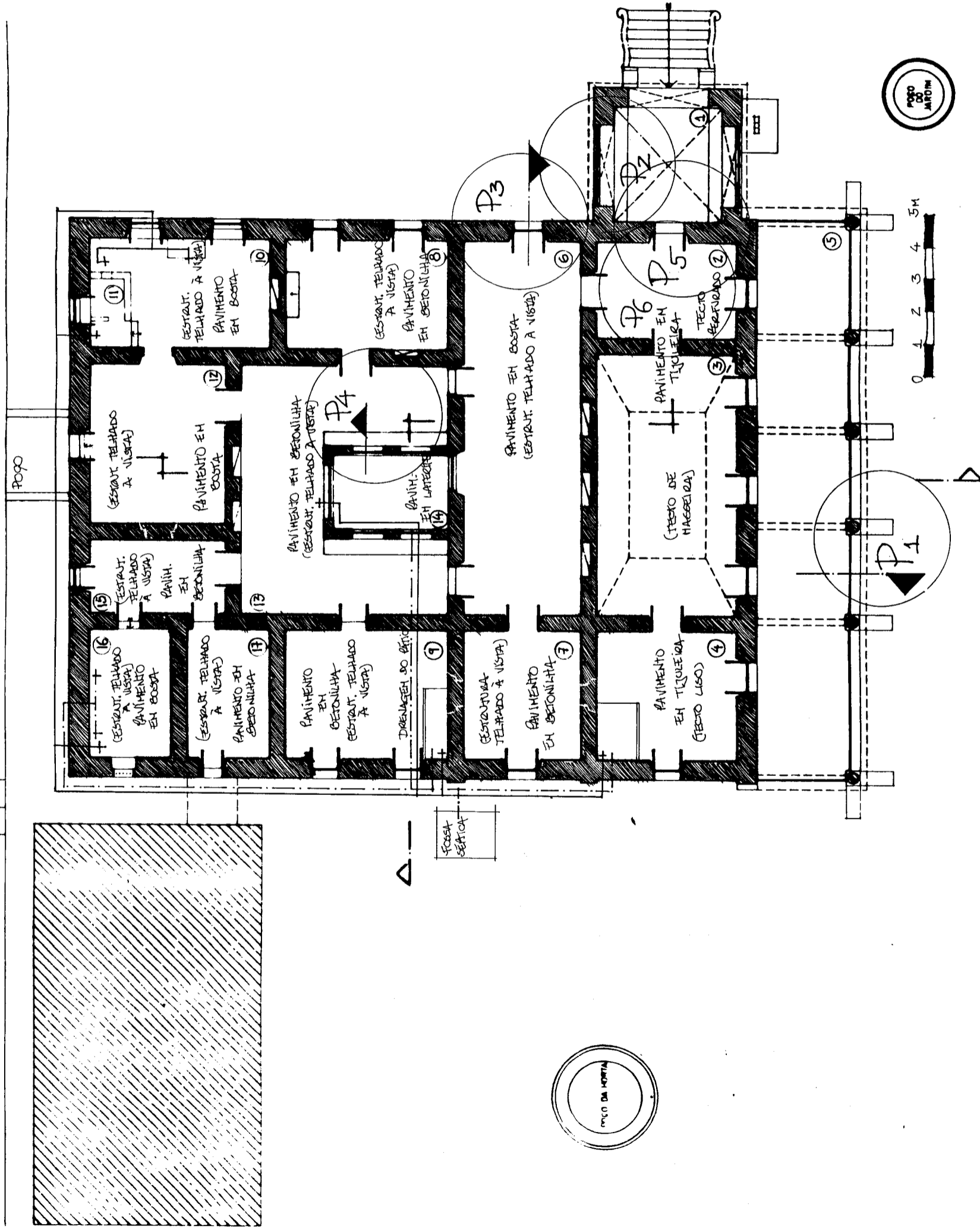
Exteriormente dever-se-ão manter os alpendres individuais sobre cada janela e recuperar-se a reentrância inferior, provável suporte de um esgrafitado ou de um relevo.

Na varanda toda a guarda terá de ser desmontada, limpa, reparada ou substituída pontualmente e remontada para ser tratada e pintada.

Uma nota ainda para a actual casa da lenha ligada a partir da porta que dá para a horta e com potencial para extensão/ complemento funcional da casa como por exemplo casa de chá, apoio hortícola, atelier, ou mesmo quartos autónomos para aluguer.

### **3.3 - Levantamento Gráfico**

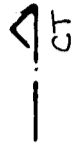
C.L. ↓

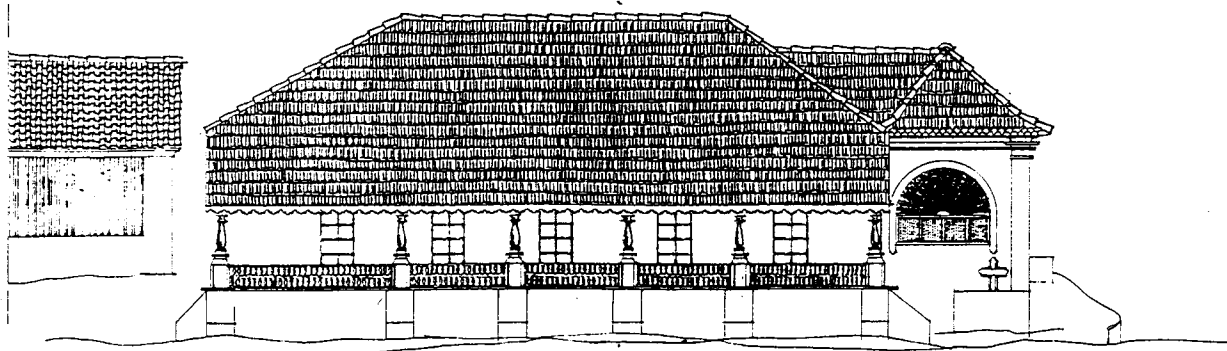


LEGENDA

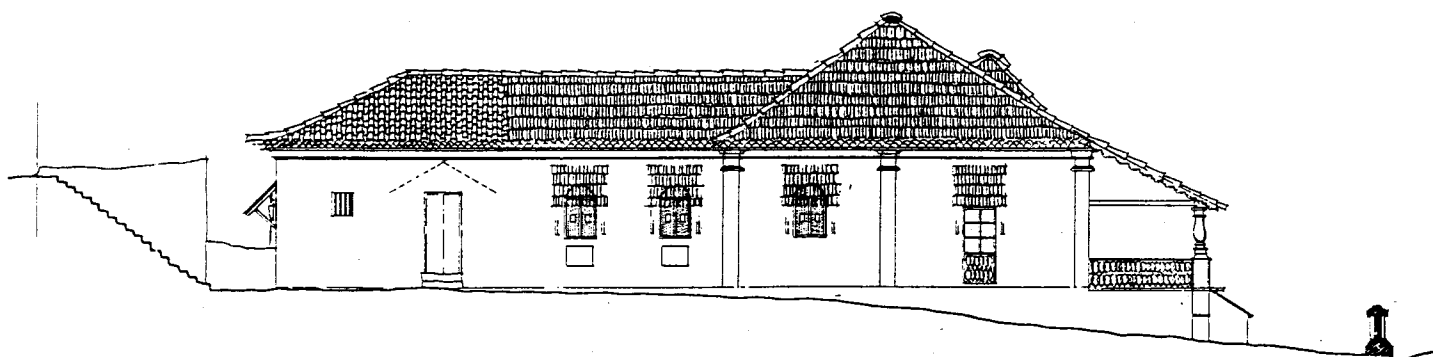
- 1. alpendre
- 2. hall
- 3. sala de visitas
- 4. quarto com sanita e lavatório
- 5. varanda
- 6. sala de refeições
- 7. quarto de arrumos
- 8. quarto com oratório
- 9. quarto com sanita e lavatório
- 10. cozinha
- 11. zona de banho
- 12. sala de acesso ao poço
- 13. galeria
- 14. pátio
- 15. ante-câmara dos sanitários
- 16. sanitários (cumão)
- 17. arrumos/ passagem para o exterior

— REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA DO POÇO  
 - - - REDE DE DRENAGEM DE ÁGUAS RESIDUAIS





ALÇADO ANTERIOR



ALÇADO LATERAL ESQUERDO

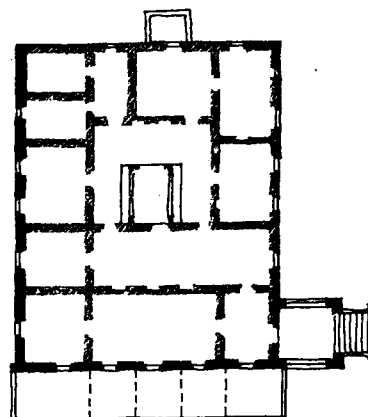


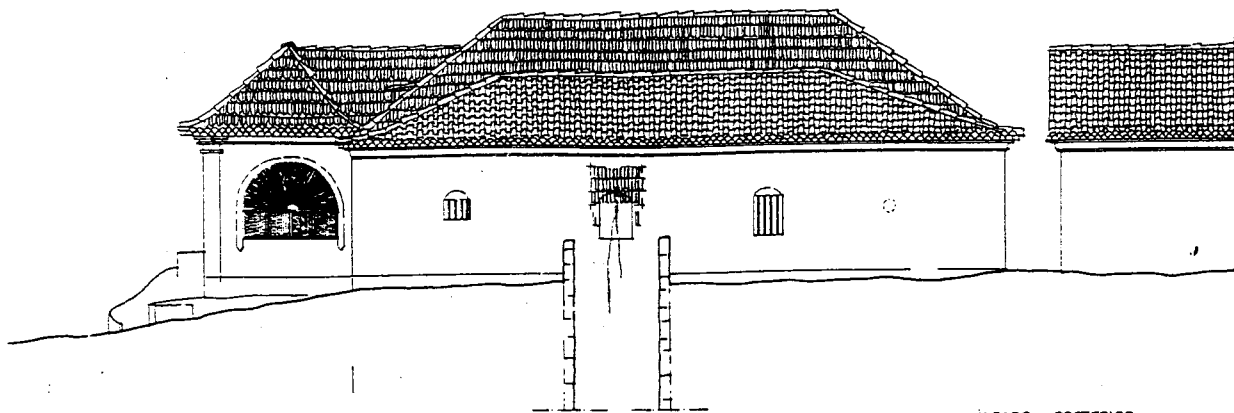
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

uma proposta de recuperação

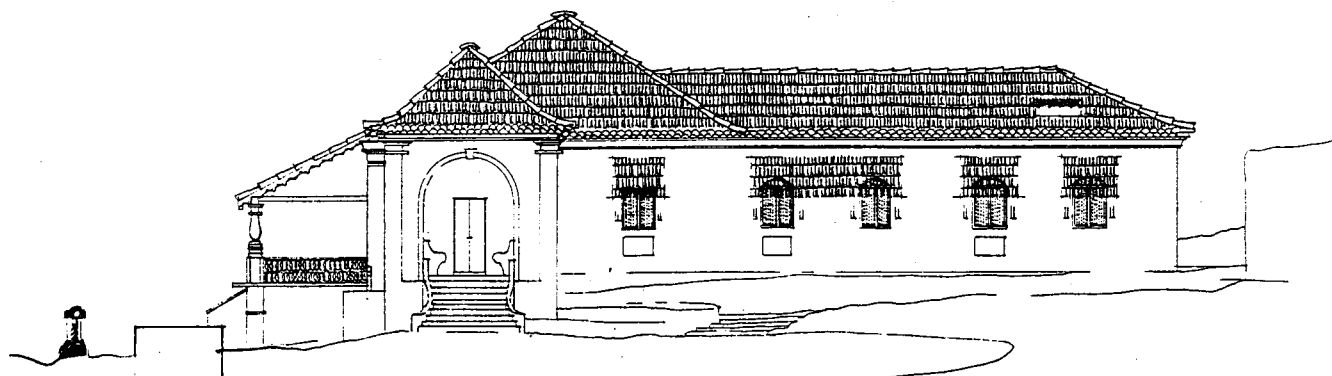
EXISTENTE

SET.96

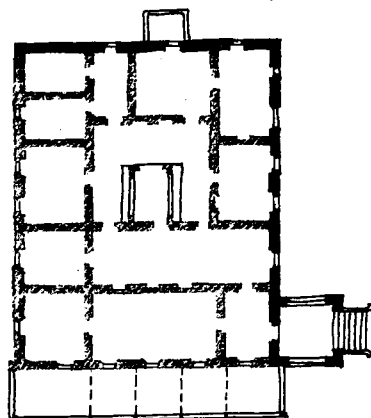




ALÇADO POSTERIOR



ALÇADO LATERAL DIREITO

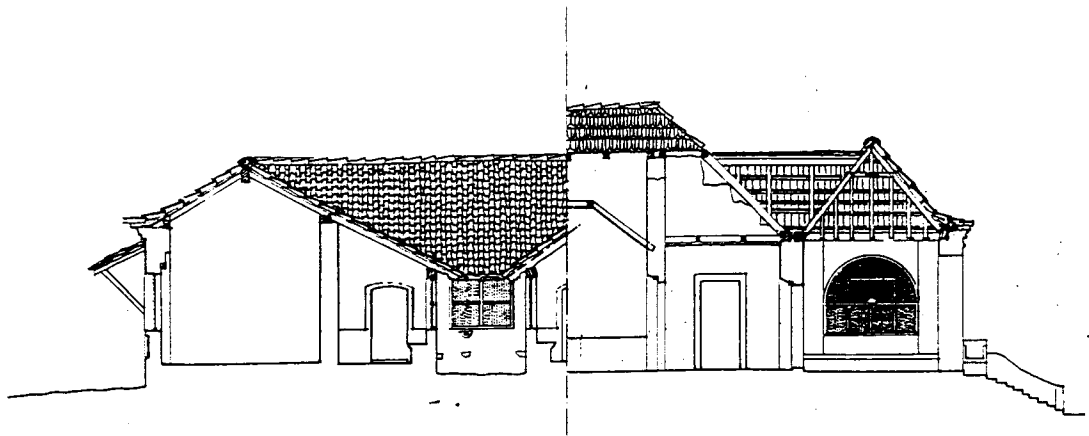


CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

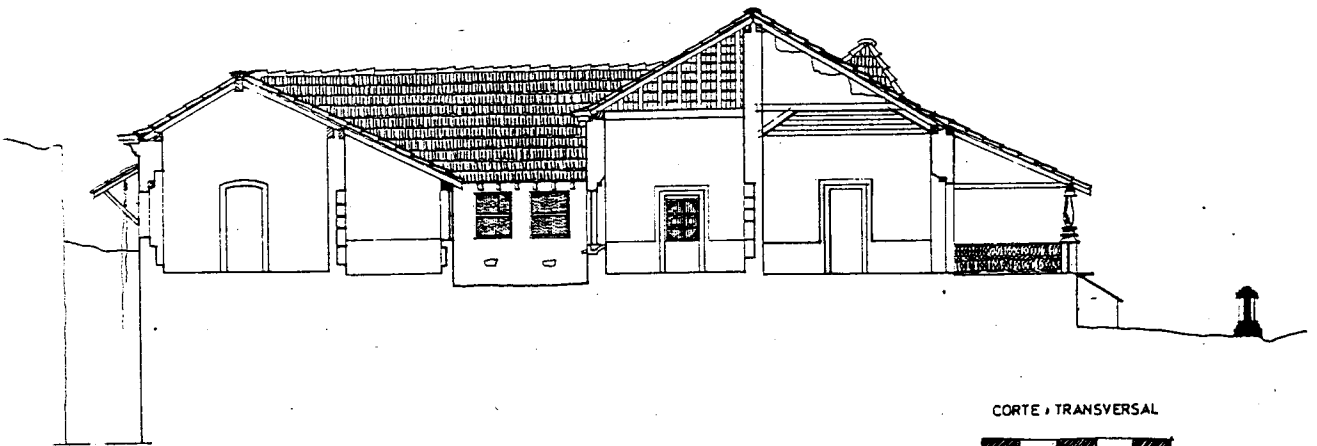
u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o

EXISTENTE

SET.96



CORTE LONGITUDINAL



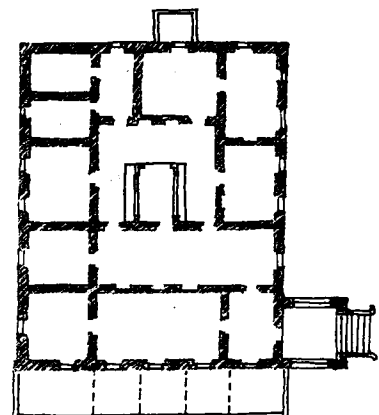
CORTE TRANSVERSAL

0 5M

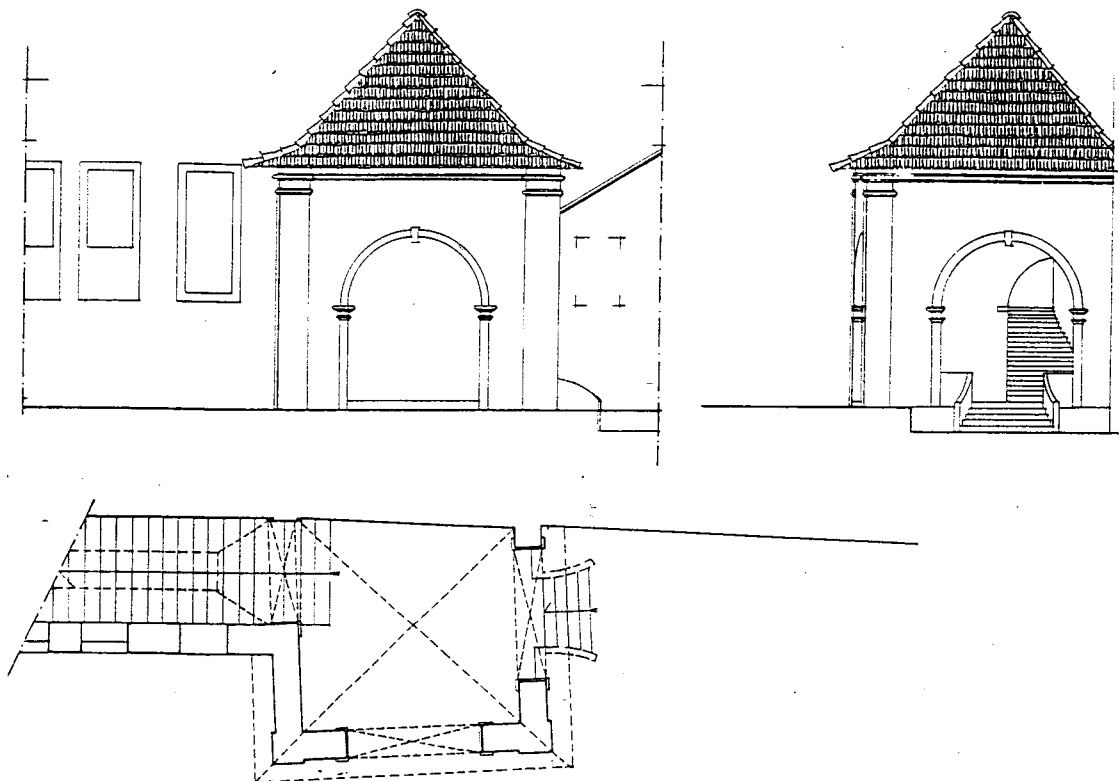
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

uma proposta de recuperação  
EXISTENTE

SET. 96



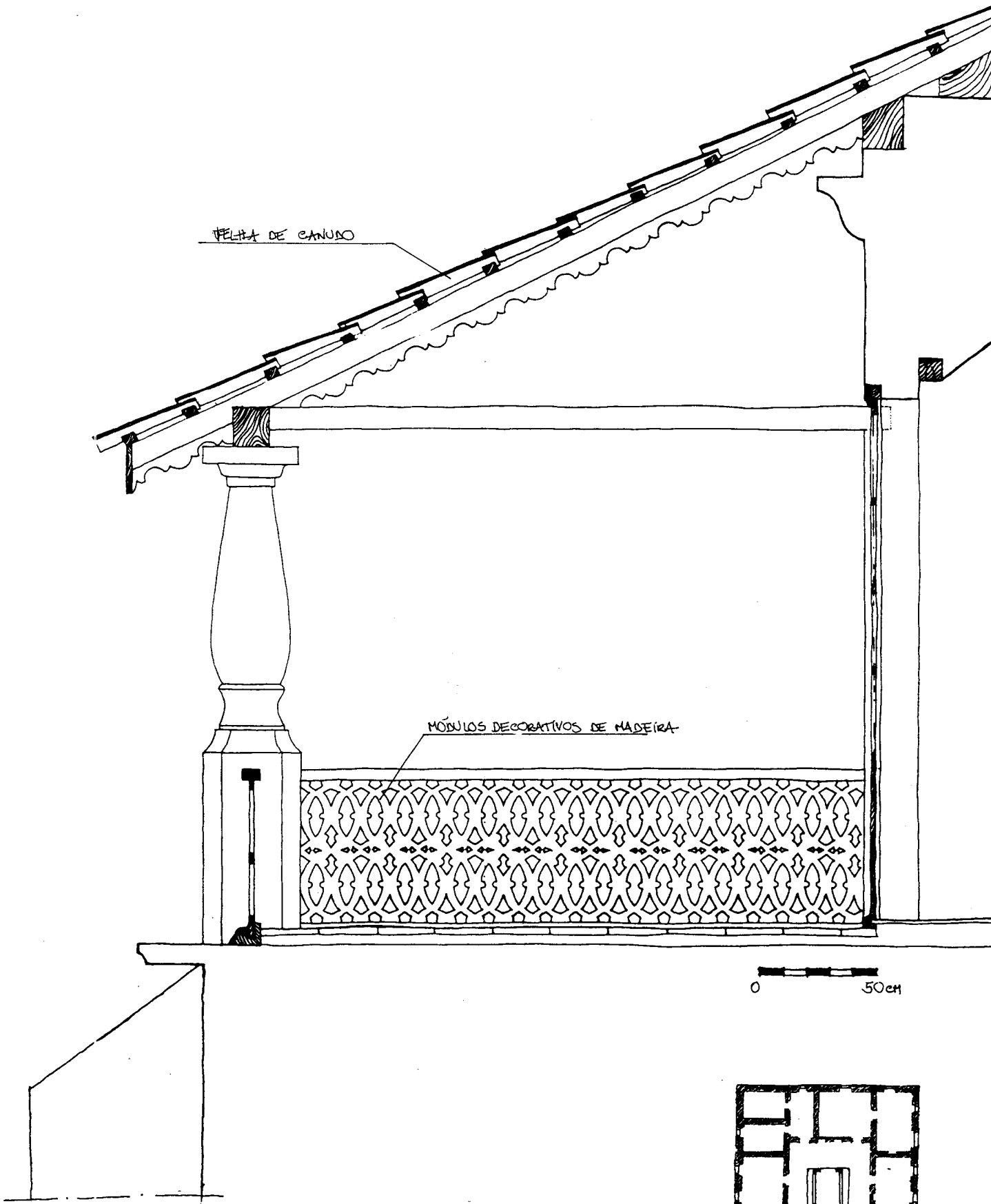




CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

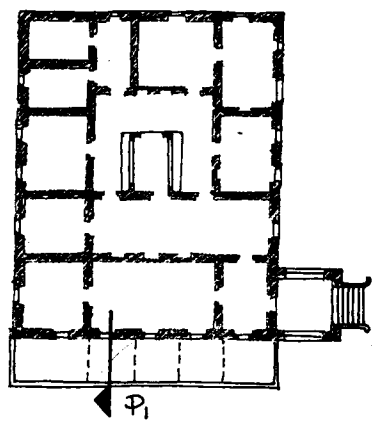
u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o

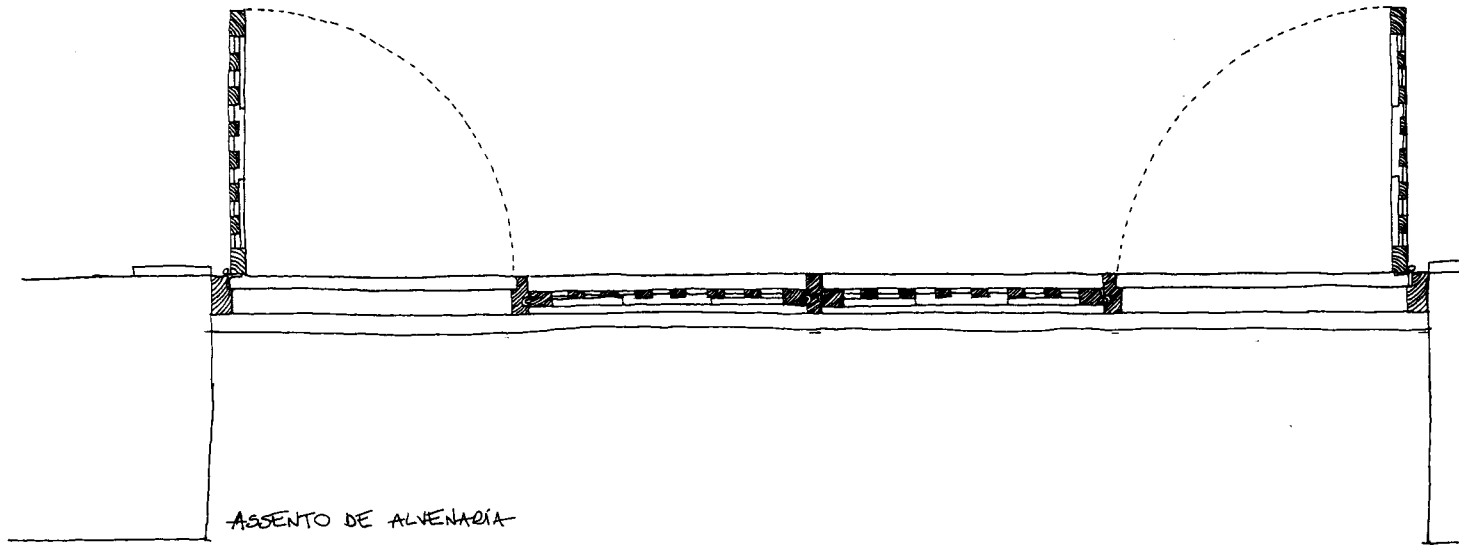
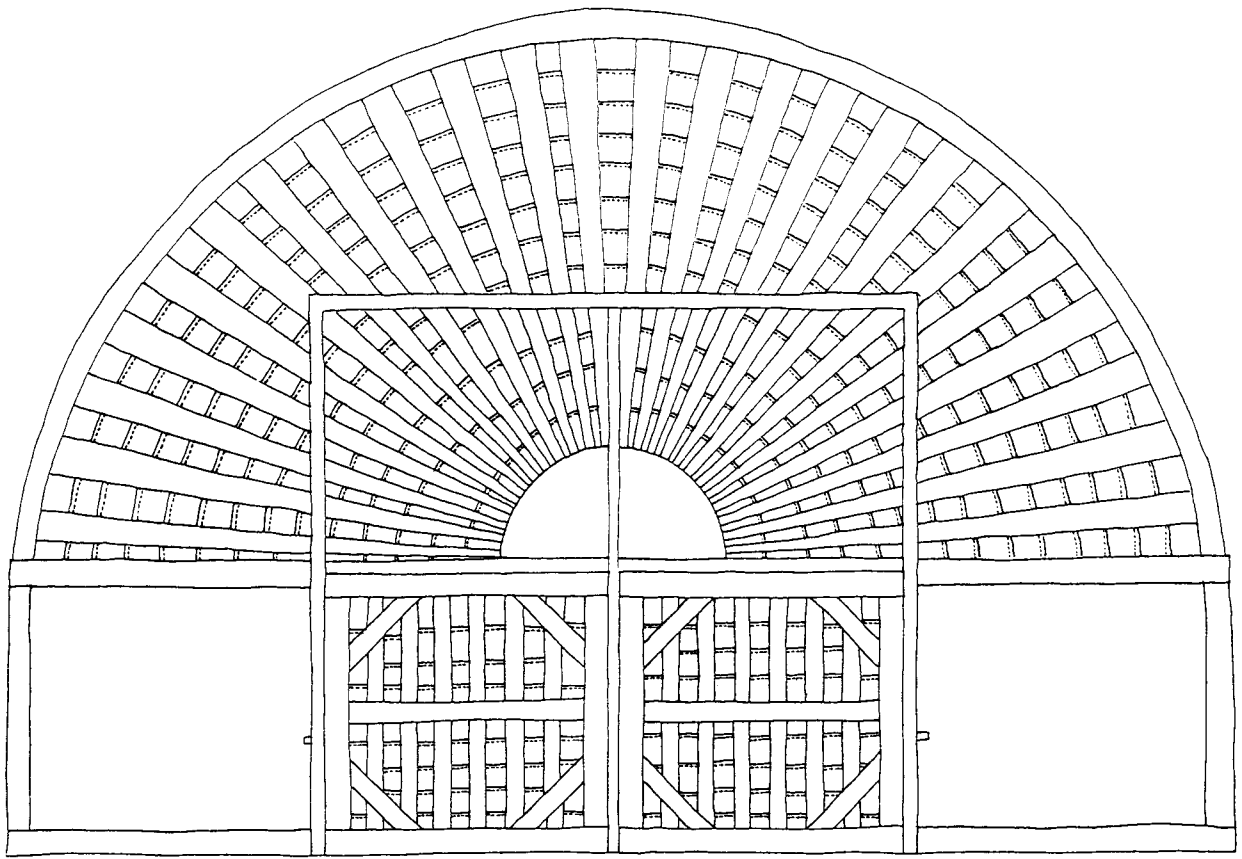
LEVANTAMENTO DO ALPENDRE DO PALÁCIO DOS ARCEBISPOS  
-VELHA CIDADE - GOA ; ELEMENTO DE COMPARAÇÃO - SET.96



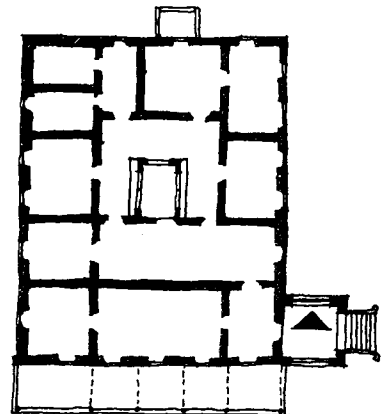
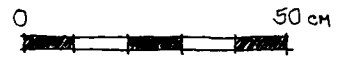
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
 u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o  
 C O R T E T R A N S V E R S A L D A V A R A N D A - P 1

SET. 96





ASSENTO DE ALVENARIA

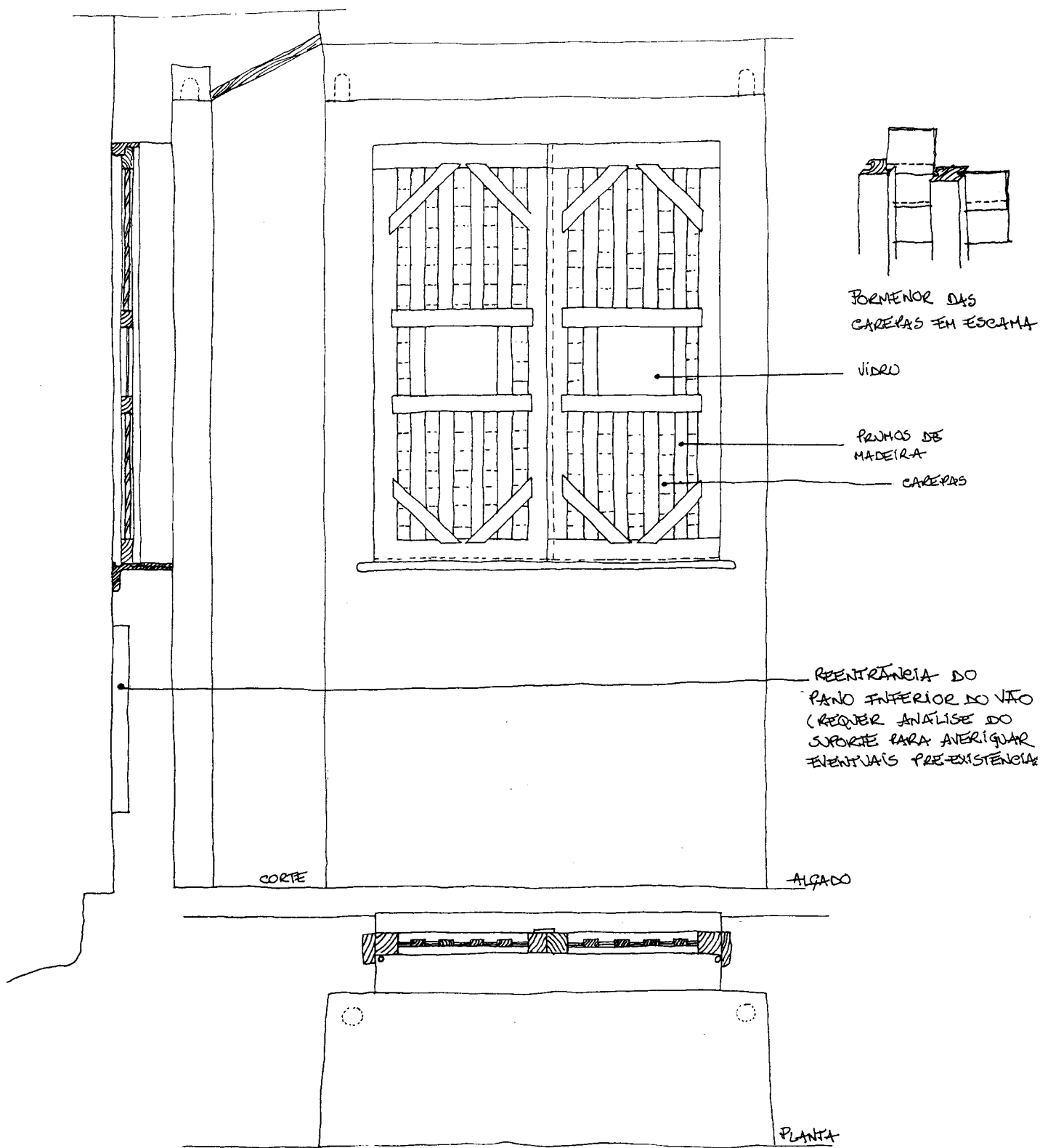


CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o

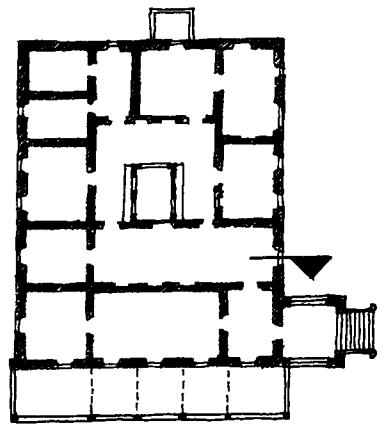
VÃO DO ALPENDRE - P2

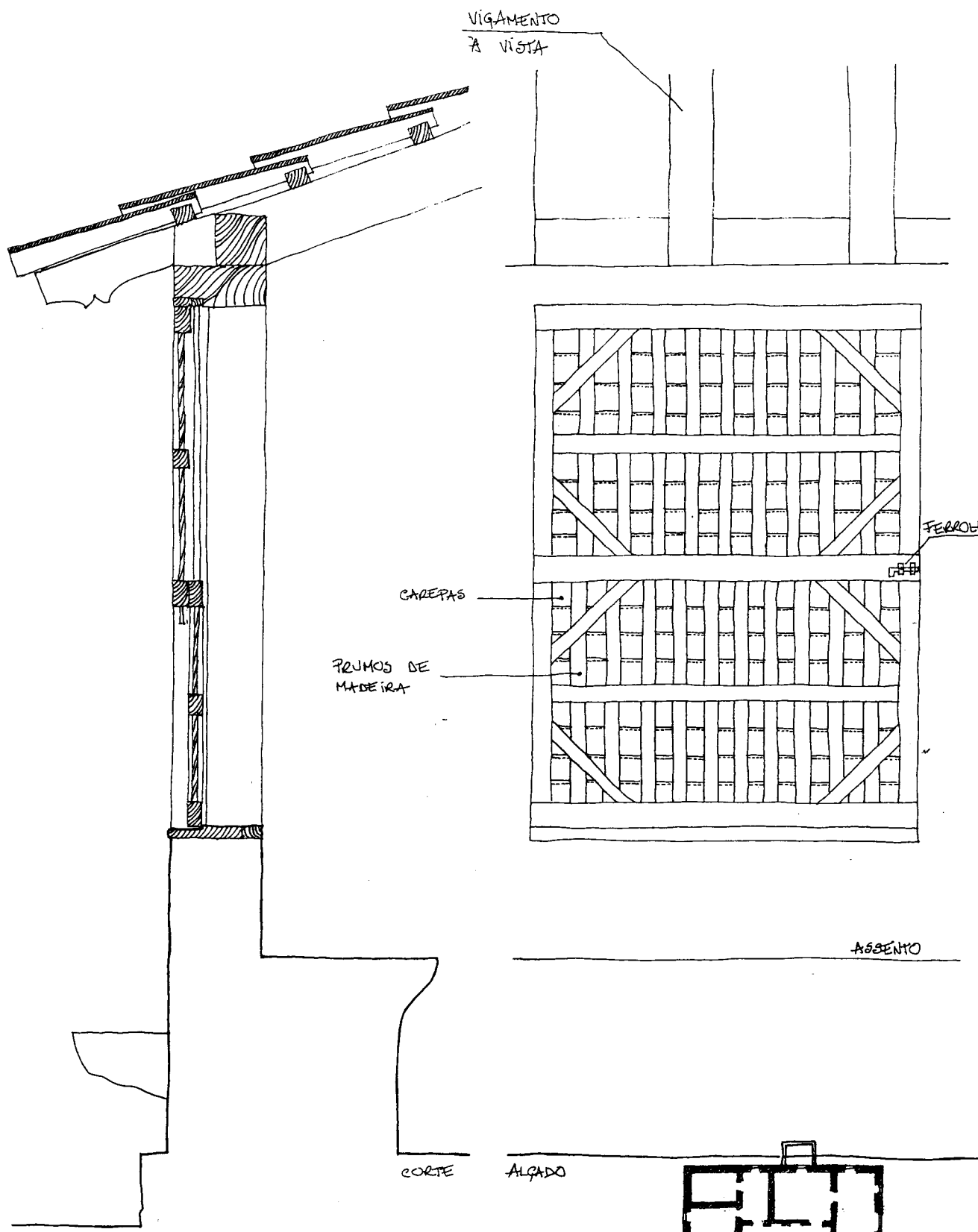
SET. 96



CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
 u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o  
 JANELA PIVOTANTE - P3

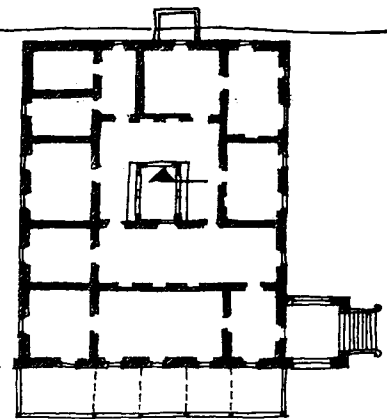
SET. 96

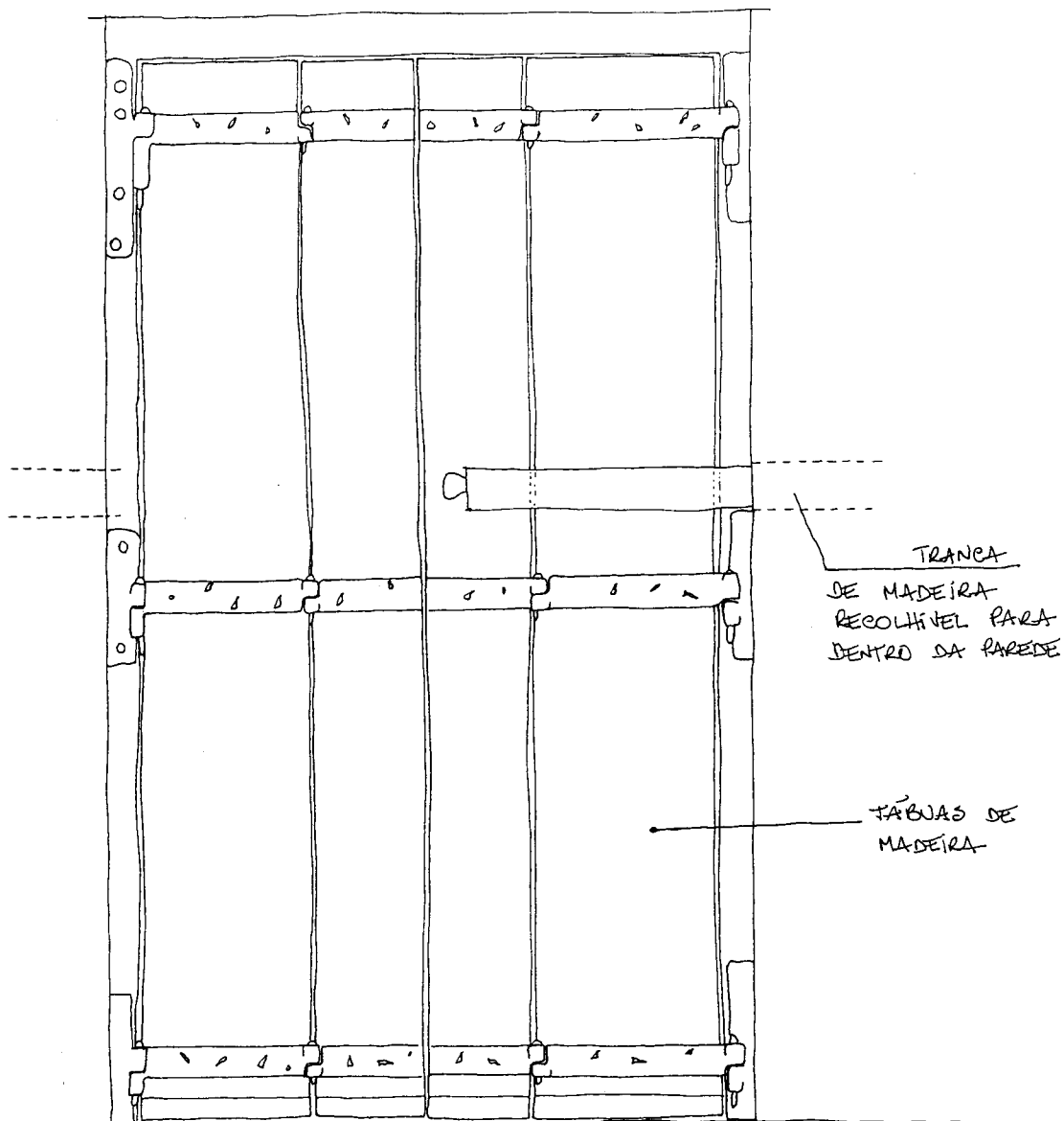




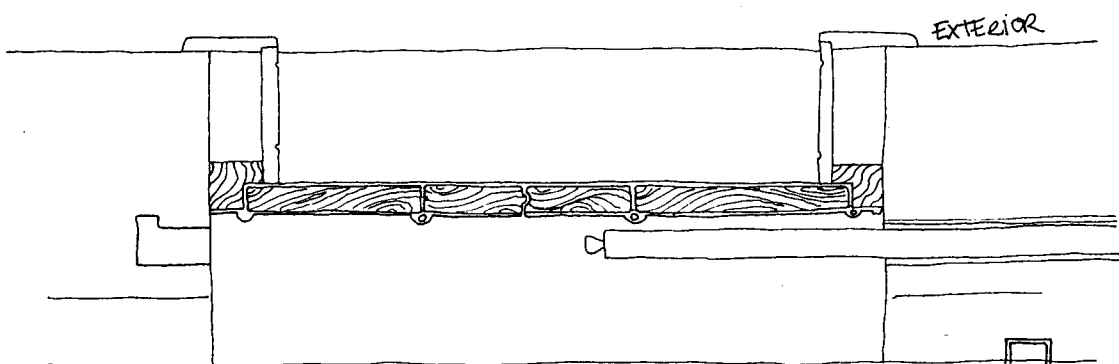
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
 uma proposta de recuperação  
 JANELA DE QUILHOTINA SOBRE O PÁTIO - P4

SET.96

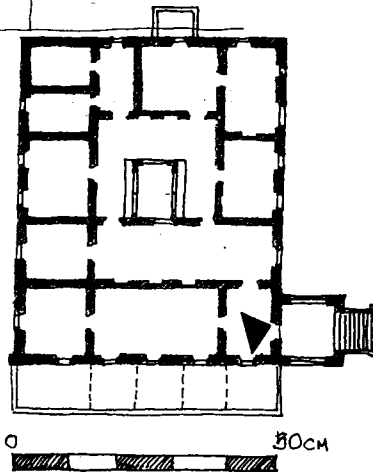




ALÇADO



PLANTA



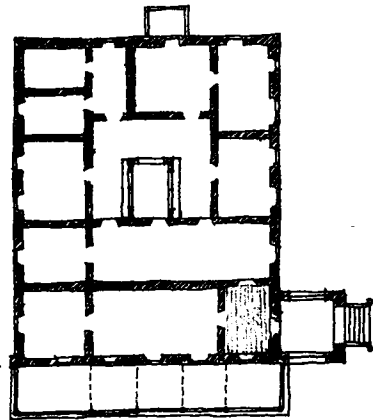
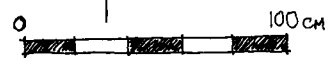
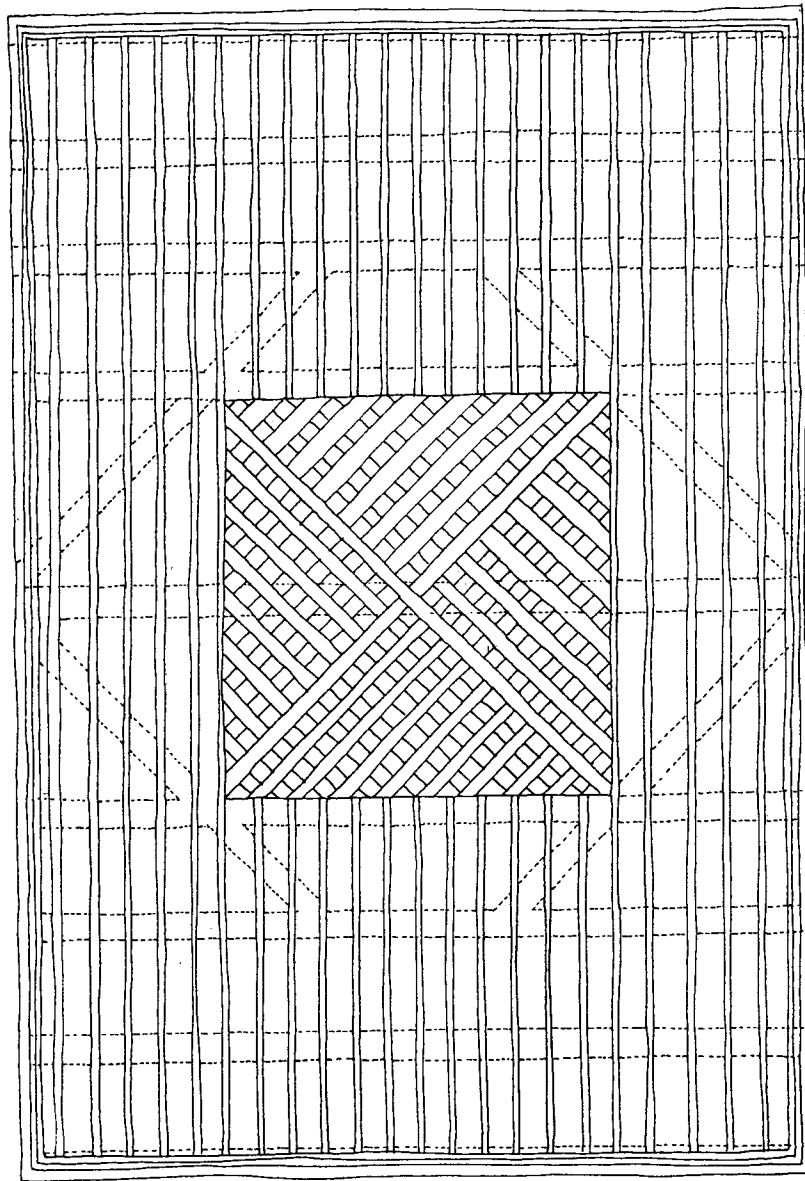
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

uma proposta de recuperação

PORTA DE ENTRADA - P5

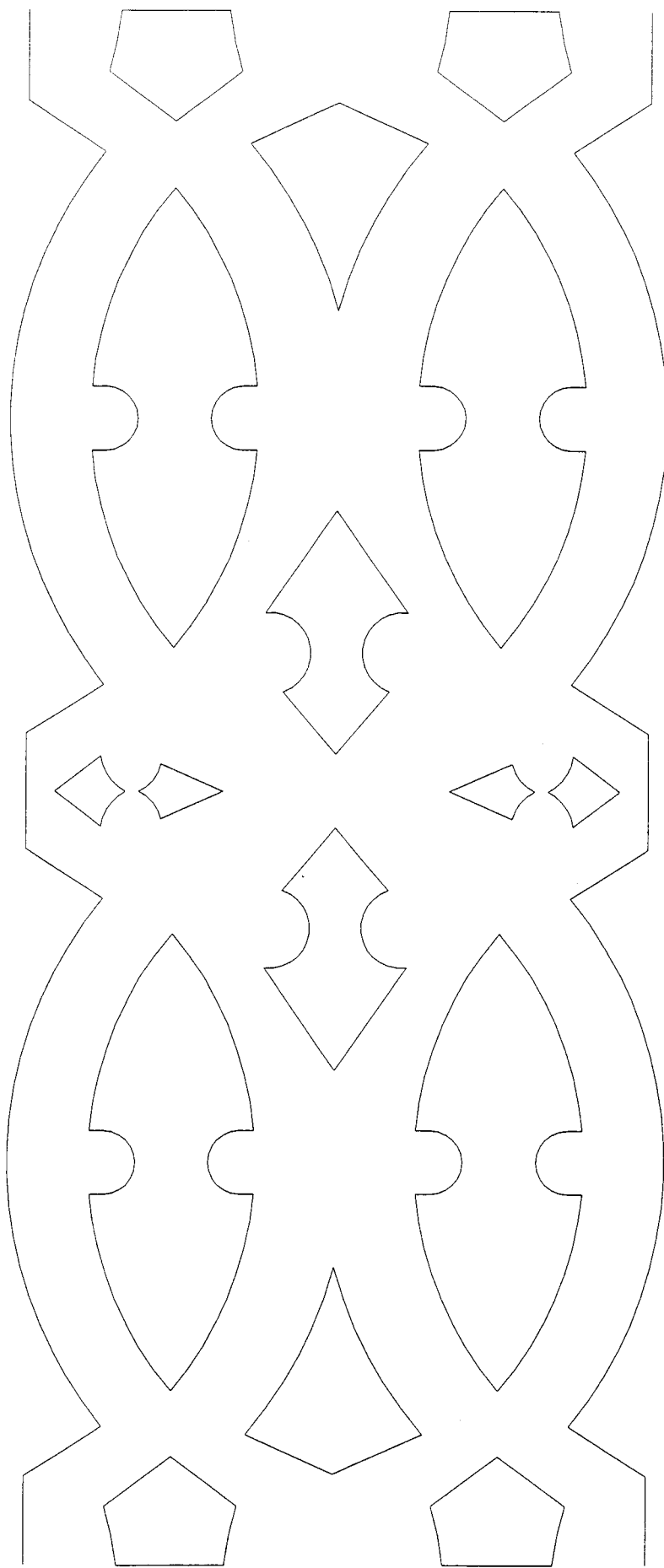
SET. 96

0 30cm



CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o  
T E C T O D O H A L L D E E N T R A D A - P 6

SET. 96



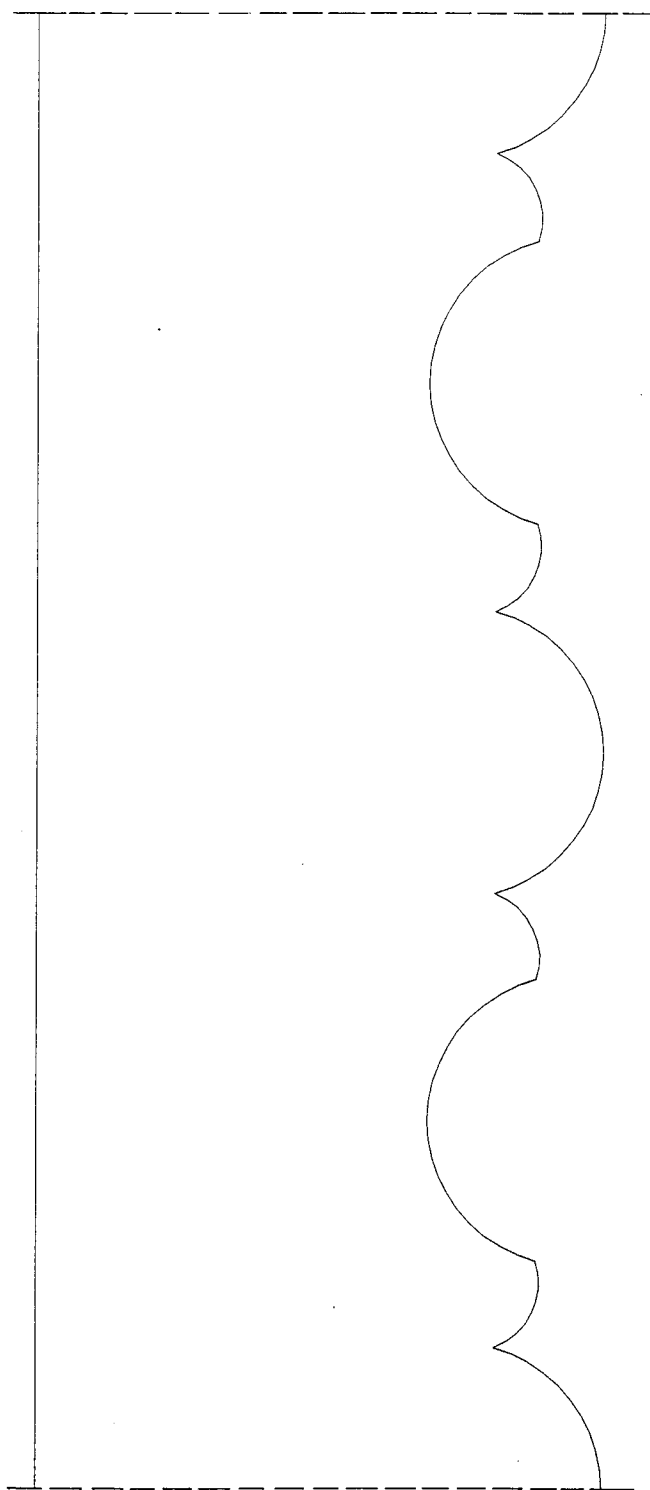
CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHAS TISWADI . GOA

u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o

MÓDULO DECORATIVO DA GUARDA DA VARANDA • ESC. 1/2.

SET. 96

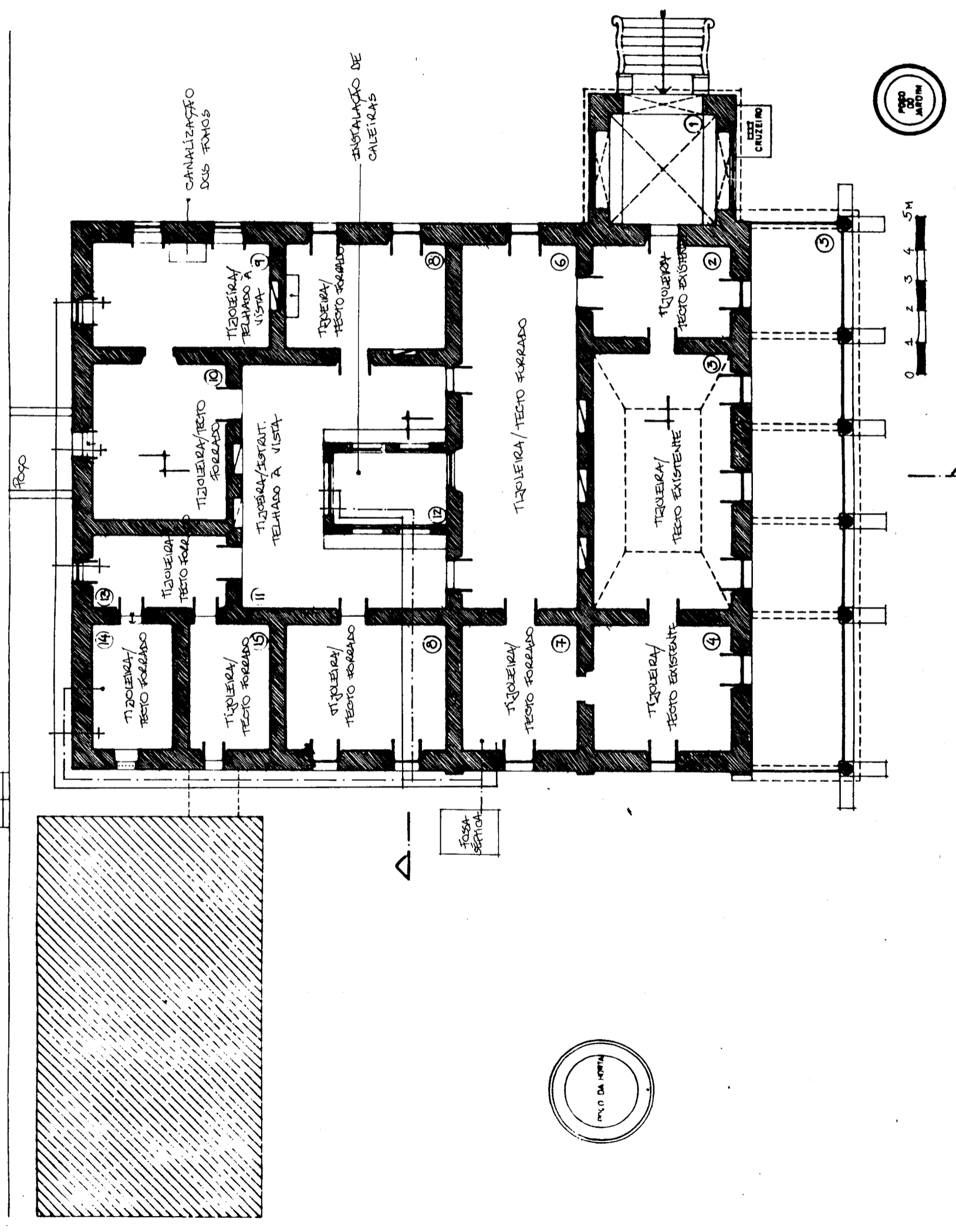




CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHAS TISWADI . GOA  
u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o  
MÓDULO DECORATIVO PARA O REMATE DO TORO DAS VIGAS DA VARANDA . - SET. 96  
ESC. 1/2.



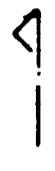
PROPRIEDADE PLANTAS

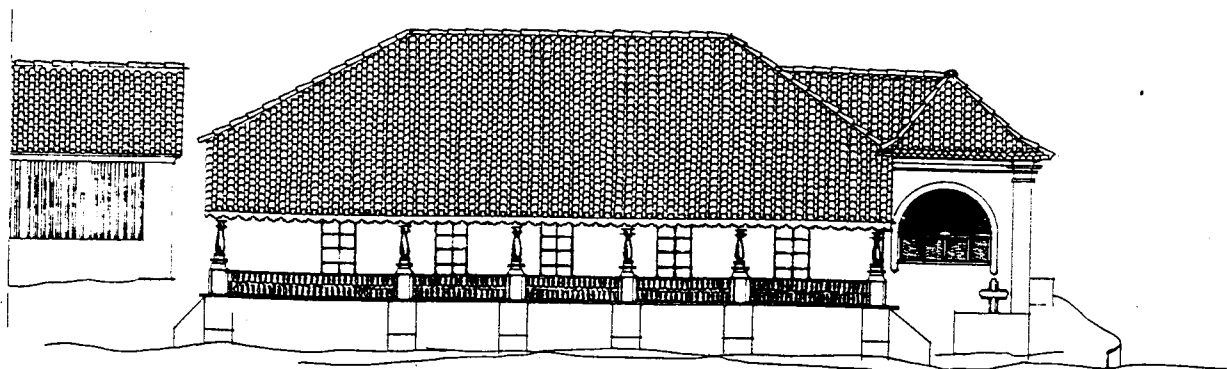


LEGENDA

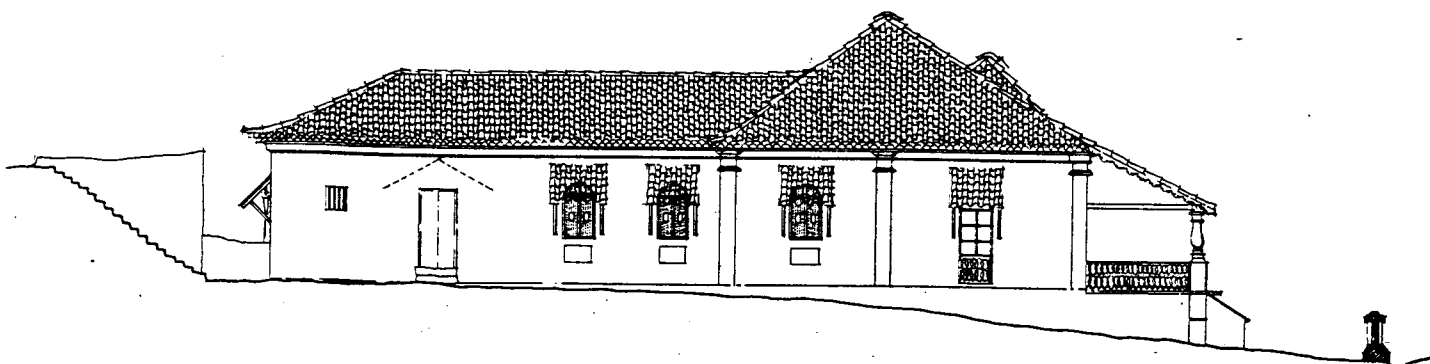
1. alpendre
2. hall
3. sala de visitas
4. quarto de hóspedes
5. varanda
6. sala de refeições
7. instalação sanitária com banho
8. quarto
9. cozinha
10. sala de acesso ao poço e apoio à cozinha (copa)
11. galeria
12. pátio
13. ante-câmara com lavatório
14. instalação sanitária com banho
15. arrumos/ passagem para o exterior

- REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA
- - - REDE DE DRENAGEM
- PAVIMENTO / TECTO

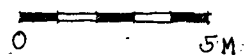




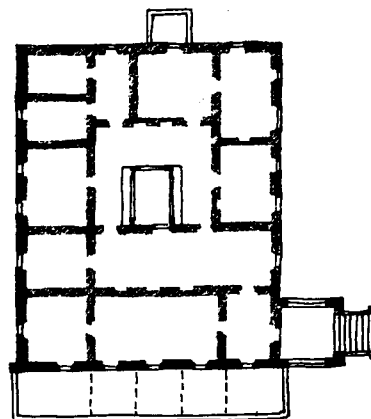
ALCADO ANTERIOR

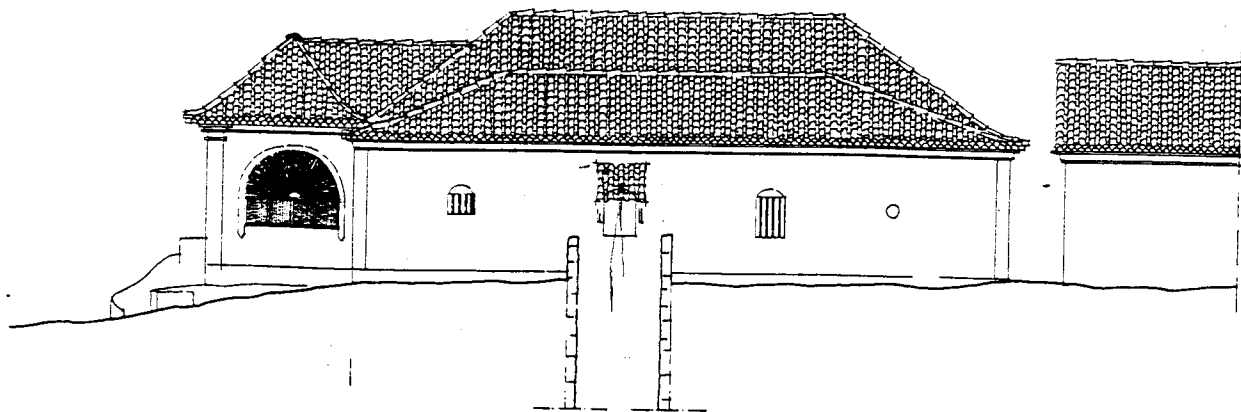


ALCADO LATERAL ESQUERDO

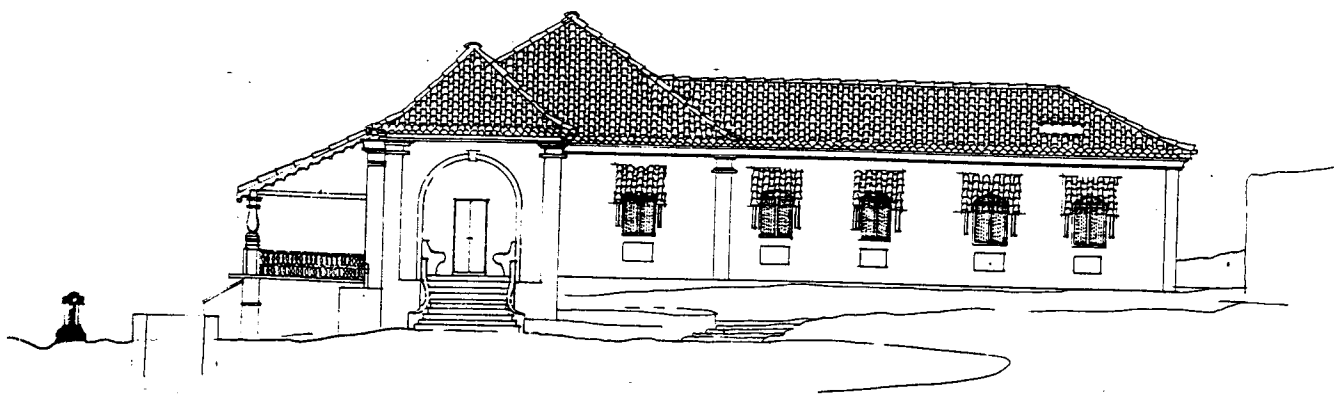


CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o  
P R O P O S T A

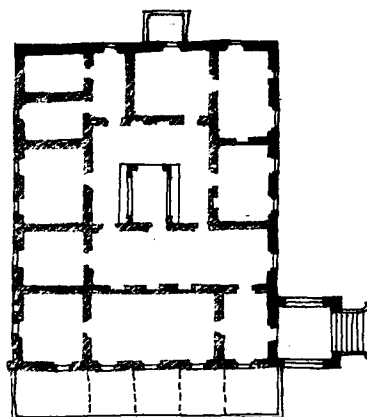




ALÇADO POSTERIOR



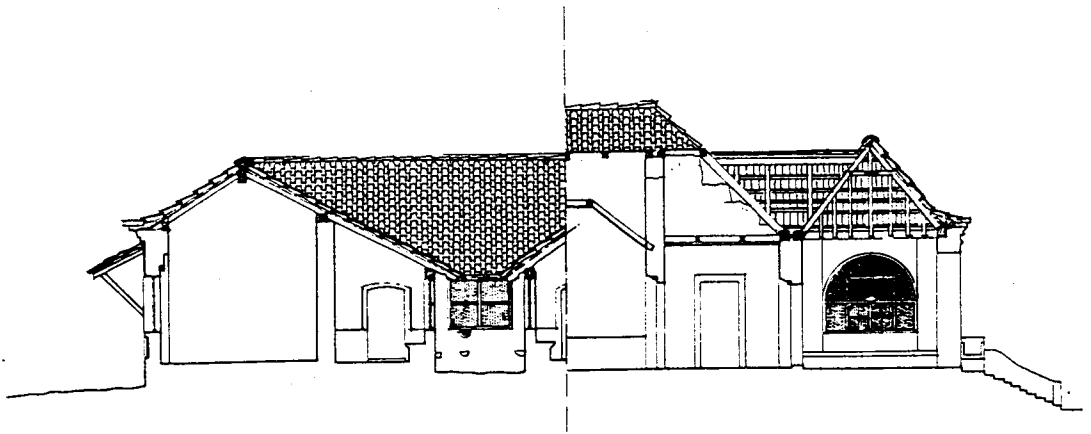
ALÇADO LATERAL DIREITO



CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA

u m a p r o p o s t a d e r e c u p e r a ç ã o

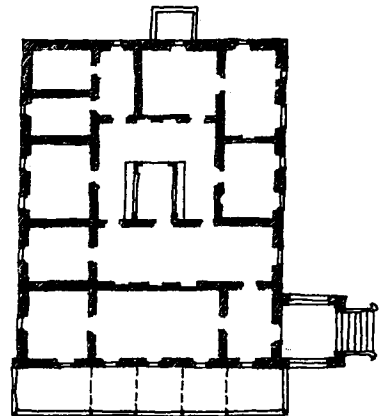
*PROPÓSTA*



CORTE LONGITUDINAL



CORTE TRANSVERSAL



CASA LIMA FERNANDES . CHORÃO . ILHASTISWADI . GOA  
uma proposta de recuperação  
 PROPOSTA

## CONCLUSÕES

A casa-pátio na Índia é um modelo de inspiração sagrada, corresponde a uma realidade social que circuncreve a vida privada e adequa-se com vantagem aos climas meridionais.

A sua origem remonta à civilização do vale do rio Indo (cerca de 2500 a.C.), aos primórdios do hinduismo que através dos seus textos promovem a conduta, a actividade do homem e da sociedade em todas as suas dimensões.

A construção da casa, como do templo, é um aspecto de particular acuidade na medida em que pode pôr em causa toda a felicidade e destino da família que a ocupar. O sítio, o plano, as orientações, a ocupação, os acessos, são defenidos em conjunto por um sacerdote hindu e pelo “arquitecto” que deve ser sempre um homem de conhecimentos inexcedíveis e confirmado em todas as áreas. Procura-se encontrar um ponto de equilíbrio em que a construção tire o partido máximo das forças da natureza -da terra, da atmosfera, da água, do sol e das outras forças celestes além de se celebrarem as diferentes etapas até à conclusão da obra.

A um dos pátios reserva-se ainda o direito de veneração do tulsi -a planta sagrada.

Até finais do séc. XVIII este modelo em Goa é explícita e maioritariamente hindu. Se então aparece em casas cristãs refere-se a casos de conversões aparentes de famílias hindus, que mantiveram entre a vida privada as práticas da sua religião. Consumidos pelo tempo, são contudo muito escassos estes registos e na sua maioria foram abandonados, sobrepostos ou acrescentados.

Sendo um modelo conotado, só é despudorada a sua aceitação entre os cristãos quando em termos sociais e políticos passa a haver paridade entre as duas culturas o que corresponde ao período mencionado. Então da mesma forma que o vocabulário arquitectónico ocidental é utilizado nos templos hindus, a utilização de conceitos, nomeadamente espaciais, e expressões hindus passam a ser utilizados na arquitectura doméstica cristã. Com o decorrer do tempo também as casas hindus vão absorver formas cristãs, como ilustra o corpo da entrada, onde podem dar as festas e receber os convidados portugueses, ainda que não assinalem nunca a porta ao centro, nem sobreelevem o pavimento. Ao contrário dos modelos cristãos, que se diluêm com os hindus, os modelos hindus, afirmam-se como menos permeáveis, antes aglutinam as partes o que é notório até ao nível da escala.

Neste sentido o modelo cristão de casa-pátio corporiza pela primeira vez um modelo de arquitectura doméstica indo-portuguesa.

Esta permeabilidade manifesta-se fundamentalmente ao nível morfológico, onde os hábitos e comportamentos sociais são diferentes e ao nível decorativo. Não se manifestam significativamente ao nível dos materiais e tecnologias de construção onde a prática era conhecedora e diversa, através nomeadamente dos grandes reinos vizinhos de Vijayanagara e do Decão.

A casa-pátio cristã rasga as frestas até serem varanda, organiza e axializa a fachada desenvolvendo e elegendo o alpendre como elemento de poder. Cria ritmo com alternância de formas, de vazios mas também de côr. Aproveita o domínio indígena dos materiais, analisa, interpreta as estruturas nativas e recria expressões com a imunidade que a sua cultura confere.

A utilização das carepas, a corporização das varandas ou a adaptação dos telhados de tesouro(a) são exemplos inequívocos dessa liberdade que os hindus não ousavam porque não possuíam.

Com a casa do avesso, o pátio cristão passa a ser o perímetro envolvente, persistindo e valorizando-se o vazio interior como câmara de ventilação, propulsor de circuitos de ar, aliado a uma componente lúdica e cenográfica. As suas dimensões reduzem-se a menos que lhe esteja adstrita uma construção.

A casa-pátio cristã, ao contrário da hindu, requiere para o seu interior padrões de cuidado acabamento o que confere requintados aposentos com imaginativas soluções de simulação que estimulam o desenvolvimento de outras artes. A pintura decorativa das paredes, os tectos perfurados, as portas esculpidas, os pavimentos de “argamassas” pigmentadas ou os módulos decorativos dos gradeamentos das varandas são alguns exemplos evidentes.

Toda a análise que fizemos visou sobretudo o conhecimento mais profundo da história, morfologia e sistemas construtivos das casas-pátio de Goa em ordem à sua preservação, conservação e reabilitação.

Recuperar estas casas é neste caso afirmar a sua memória, individual e colectiva, substanciar o encontro de culturas e projectá-las para um novo ciclo de vida, com outros apelos certamente, mas com a mesma capacidade de germinar.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo dos dois anos em que desenvolvemos este trabalho, pudemos contar com o apoio e mesmo o entusiasmo de diversas instituições, professores, colegas, amigos e familiares que com o seu acompanhamento crítico permitiram um constante aperfeiçoamento a uma forma que queremos que seja um contributo para o conhecimento da arquitectura doméstica de Goa.

Agradecemos em primeiro lugar à Fundação Oriente pela bolsa que nos concedeu e sem a qual o trabalho teria sido gorado, bem como à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nas pessoas dos Srs. eng. Vasco Costa e arq. José Fernando Canas pela compreensão e solidariedade demonstradas.

A todos os proprietários das casas visitadas, universidades e instituições da Índia estamos gratos pelos esforços que desenvolveram para nos auxiliarem e facilitarem o nosso trabalho. Uma particular palavra de apreço para com os arquitectos Edgar Ribeiro, Nalini Thakur e Frederick Ribeiro da School of Planning and Architecture de Nova Delhi pelas facilidades concedidas no acesso à documentação.

Correndo o risco de uma involuntária omissão, mencionamos ainda:

Na Índia (Goa/ Nova Delhi): D. Lurdes Bravo -Central Library -Goan and Rare books section; Ashish Rege, arq. -College of Architecture of Goa.; F. Valaulicar, eng<sup>o</sup>.(Panjim); Jim Manjooran, arq<sup>o</sup>.(Panjim); J. Kamat, eng<sup>o</sup>.(Panjim); K. Sadhale, arq<sup>o</sup>. (Pondá); Lúcio Miranda, arq<sup>o</sup>. (Pangim); Mariano Dias (Pangim); Mortó Dessai, Dr. (Lisboa/ Panjim); Sr.Percival Noronha(Pangim); Ralino de Sousa, arq<sup>o</sup>. (Pangim); Raya Shankwalker, arq<sup>o</sup>. (Pangim); Sarto Almeida, arq<sup>o</sup>. (Margão); B. Godinho, arq<sup>o</sup>. (Pangim); Carmo Azevedo, Dr. (Pangim); Fernando Colaço, Dr. (Pangim); Armínio R. Santana, arq. (Pangim) e ainda os Estúdios de Fotografia Paul and De Souza (Pangim) e o Town Planning Dpt. (Pangim).

Em Portugal: José Manuel Fernandes, arq. que com paciência e entusiasmo nos orientou; Augusto Brandão, prof.; Virgolino Jorge, prof.; José Nunes, técnico superior de restauro, Alvaro Martinez de Haro, arq<sup>o</sup>. (Madrid); Rui Ribeiro, técnico de CAD e outros a que pontualmente e no curso do trabalho pedimos conselhos, esclarecimentos e bibliografia específica.

Uma última palavra de consideração para os amigos José Luís, Ana Lúcia, Miguel, Helena, Madalena, Luisa, Marta, António e Leonor, para os colegas de mestrado e para a família que paciente e resignadamente contribuíram para que chegássemos ao fim.



## BIBLIOGRAFIA

- AAVV, *Epigraphia Indica: Archeological Survey of India*, Calcutta, s.d., vol.XIII.
- AAVV, *Países e Povos do Mundo - Índia*, Librairie Larousse, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 1993.
- Abram, David, *Goa; The Rough Guide*, London, Rough Guides Ltd, 1995.
- Afonso, John Correia, *Indo-Portuguese History. Sources and Problems*, Bombay, B. Oxford Univ., 1981.
- Aires de Barros, Luis, *Alteração e Alterabilidade das Rochas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1991.
- Alarcão, Jorge, *Introdução ao estudo da Casa Romana*, Coimbra, Instituto de Arqueologia - Faculdade de Letras de Coimbra, 1985.
- Albuquerque, Teresa, *Santa Cruz - Calapor - Profile of a Village in Goa*, Goa, Fernandes pub., 1989.
- Almeida, A.B., *Study of Hindu Domestic Architecture in Goa*, (trabalho não publicado) s.l., 1947.
- Anthropological Survey of India, *People of India - Goa*, Bombay, Pop. Prakshan, 1993.
- Appleton, João Augusto da S., *Edifícios Antigos - Contribuição para o estudo do seu comportamento e das Acções de Reabilitação a Empreender*, Lisboa, LNEC, 1991.
- Ayyangar, S. Ivasa, *The Stone Age in India*, s.l., Asian Ed. Services, 1988.
- Ayyar, V., *Town Planning in Ancient Dekkan*, New Delhi, AES, 1994.
- Azevedo, Carmo, "Goan Aristocratic Houses II" in *Navind Times*, Goa, Outubro de 1970.
- Barrucand, Marianne e Bednorz, Achim, *Arquitectura Islâmica en Andalucia*, Madrid, Taschen, 1992.
- Bhembró, Keshav, *The Hindus of Goa and The Portuguese*, in International Seminar on Indo-Portuguese History, Bombay, Examiner Press, 1978.
- Boléo, Oliveira, *Apontamentos para uma Geografia Física de Goa*, Lisboa, AGU, 1955.
- Bragança Pereira, A. de, *Etnografia da Índia Portuguesa*, New Delhi, ed. AES, 1991, vol. I (cap.IX).
- Brion, Hipácio de, *A Índia Portuguesa*, s.l., 1908.
- Brown, Percy, *Indian Architecture*, Bombay, 1978.
- Bureau of Indian Standards, *Specifications for Laterite Stone Block for Masonry*, s.l., B.of Indian Standards, 1966 (rev. em 1979).
- Burton, Richard F., *Goa and the Blue Mountains, or six months of sick leave*, New Delhi, AES, 1991.
- Carita, Hélder, *Palácios de Goa*, Lisboa, ed. Quetzal, 1995.
- Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, ed. Teorema, 1994.
- Cortesão, Jaime, *O Império Português no Oriente*, Lisboa, ed. Portugalia, 1968.
- Cambi, Di Cristina e Steiner, *Viviendas Unifamiliares con Patio*, México, ed. Gustavo Gili, s.d.
- Crowther, G. et al, *India - Travel Survival Kit*, 5ª ed., Hong-Kong, Lonely Planet, 1993.
- Dalgado, Sebastião Rodolpho, *Glossário Luso-Asiático*, 2ªed., Lisboa, 1988, vol. I.
- « », Sebastião Rodolpho, *Diccionario Português-Konkani*, New Delhi, AES, 1986.

- Dalgado, D. G., *Flora de Goa e Savantvadi - Catalogo Methodico das Plantas Medicinaes, Alimentares e Industriaes*, Lisboa, Imp.Nacional, 1898.
- Dantas, Norman (organizado por), *W(h)iter Goan Architecture*, s.l., Goa Today, 1986.
- Department of Information and Publicity, *Forgotten Art*, Gvt. Goa, 1988/91.
- Dubois, Abbe J. A., *Hindu Manners. Customs and Ceremonies*, New Delhi, AES, 1906/1992
- Duby, George, *Atlas Historico Mundial*, Barcelona, ed. Debate, 1989.
- Eco, Humberto, *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, 3ª ed., Lisboa, ed. Presença, 1984.
- Enfeterre, Henri Van, *A Idade Grega 550 a 270 a.C.*, História Universal, Lisboa, publ. D. Quixote, 1979.
- Faria de Morais, A., *A Índia e as Castas*, Lisboa, Ag Geral das Colonias, 1944.
- Fernandes, I. P. Newman, *St. Francis Xavier and Old Goa: a Historical Guide*, s.l., Koinia pub., 1994.
- Fernandes, José M., *A Arquitectura*, Col. Síntese da Cult. Portuguesa-Europália 91, Lisboa, INCM, 1991.
- Feio, Mariano, "Problemas da Geomorfologia de Goa" in *Garcia de Orta*, Lisboa, 1956.
- Fonseca, José Nicolau da, *An Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*, 2<sup>nd</sup> ed., New Delhi, A.E.S., 1994.
- Fox, S. G., *Bauxite and Aluminous Laterite*, 2ª ed. Londres, 1932.
- Furtado, António, "The Comunidades of Goa" in *International Seminar on Indo-Portuguese History*, Bombay, Examiner Press, 1978..
- Fryer, John, *A New Account of East India and Persia*, Madras, AES, 1992, vol.I.
- Fehrista's, Mohamed K., *History of the Rise of the Mahomedan Power in India*, Calcutta, 1909, vol.I.
- Government Dpt., *Gazetteer of The Union Territory of Goa, Daman and Diu (District Gazetteer - part one: Goa)*, Panjim, 1979.
- «                   , *Gazeteer of the Bombay Presidency*, Bijapur, s.d., vol. XXIII.
- Government of Maharashtra, *P.W.D. Handbook*, Bombay, Gvt. Central Press, 1980.
- «    of Goa, *Conservation of Buildings and Sites of Historical and Aesthetic Importance*, Panjim, 1991.
- «    of Goa, *Goa Cultural Trends*, s.l., Gvt. Of Goa, 1988.
- Goitia, Chueca, *Breve História do Urbanismo*, 2ª ed., Lisboa, ed.Presença, 1989.
- Grimal, Pierre, *A Vida em Roma na Antiguidade*, Lisboa, pub.Europa-América, s.d.
- Harvey, Paul, *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, s.l., ed. J. Zahar, 1987.
- Ismael Gracias, J.A. (comp.), *A Índia em 1623-24. Excertos das Memórias do Viajante Pietro della Valle*, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1915.
- Jooshi, D.K., "Defense Architecture in Goa" in *Indo-Portuguese History - old issues, new questions*, New Delhi, pub.Concept, 1985.
- Jouveau-Dubrevil, G., *Dravidian Architecture*, New Delhi, AES, 1987.
- Kapre, B.S., Kulkarni, A.R. e Joshi, D.K., *Laterite as a Construction Material*, Bombay, Maharashtra Engineering Research Institute-Nasik, s.d.
- Kincaid, C.A., *The Tale of Tulsi Plant and Other Studies*, New Delhi, AES, 1994.

- Kloguen, Denis L. Cottineau de, *An Historical Sketch of Goa*, s.l., Asian Ed. Services, 1995.
- Kramrsich, Stella, *The Hindu Temple*, New Delhi, Motilal Banarsidass, 1980, vol.I.
- Levy, Sylvain et al, *Pre-Aryan and Pre-Dravidian in India*, s.l., AES, 1993.
- Lobato, Alexandre, "Notas sobre a Índia Portuguesa", in *Panorama*, 2ª série, nº. 13/14, Lisboa, 1965.
- Longworth Dames, Mansel, *The Book of Duarte Barbosa*, New Delhi, AES, 1989, vol.II.
- Lopes, Mª de Jesus dos Mártires, *Goa Setecentista: tradição e modernidade*, Lisboa, Univ. Católica Portuguesa, 1996.
- Madeira Rodrigues, Maria João et al, *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra, ed. Quimera, 1990.
- Macauley, David, *A Cidade: planificação e construção de uma cidade romana*, 2ªed., Lisboa, pub. D.Quixote, 1982.
- McNeil, Mary, "Lateritic Soils" in *Scientific American, California*, Offprints, Nov. de 1964.
- Mendes, Lopes, *A Índia Portuguesa*, Lisboa, ed. Fundação Oriente (facsimilada da ed. de 1886), 1992.
- « », Lopes, *Annaes do Conselho Ultramarino*, s.l., s.d., vol.VI.
- Miranda, Lúcio de, *Índia e Indianos*, Açores (S.Miguel), Papelaria Âmbar, 1936.
- Morais, Carlos Alexandre de, *Cronologia Geral da Índia Portuguesa*, Macau, ed. ICM/Instituto Rainha D. Leonor, 1993.
- Moura, José de Stº Antº, *Viagens Extensas e Dilatadas do Célebre Árabe Abu-Abdallah mais conhecido por Ben-Batuta*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1840.
- Morzer Bryuns, Willem, "A Época de Ouro das Descobertas Holandesas: 1594 - 1644" in *Oceanos*, nº22, s.l., Abril-Junho de 1994.
- Nagar, Shanti Lal, *Protection, Conservation and Preservation of Indian Monuments*, New Delhi, Aryan Books International, 1993.
- Navarro Palazón, Julio, *Una casa islâmica en Múrcia - estudios de su ajuar (séc.XIII)*, Múrcia, Centro de Estudios Árabes e Arqueológicos *Ibu Arabi*, s.d..
- Oaten, E. F., *European Travellers in India*, New Delhi, Asian Ed. Services, 1991.
- Oliveira Marques, A.H., *Breve História de Portugal*, Lisboa, ed.Presença, 1995.
- Pereira, Gerald, *An Outline of Pre-Portuguese History of Goa*, Panjim, 1973.
- « », José, *Baroque Goa - The Architecture of Portuguese India*, New Delhi, ed. Books and Books, 1995.
- Rao, D. Muralidhar, *Hidden Treasure of Vaastre Shilpa Shaastra and Indian Traditions*, Bangalore, Pub. Dist., 1995.
- « », C. Hayavadana, *Indian Caste System - A study*, s.l., AES, 1988.
- Rapoport, Amos, *Pour une Anthropologie de la Maison*, Paris, ed. Dunod, 1972.
- Rai, Yash, *Holy Basil Tulsi (a herb)*, Ahmadabad, Navneet pub., s.d.
- Renou, Louis, *O Hinduísmo*, Lisboa, pub. Europa-América, s.d.
- Ressurreição, Fr. Clemente, *Tratado*, s.l., 1782, vol.II.
- Ribeiro, Orlando, *Geografia e Civilização - Temas Portugueses*, Lisboa, Livros Horizonte, s.d.

- Richards, J. M., *Goa*, s.l., Vikas pub., 1982.
- Rocha Pereira, M<sup>a</sup> Helena da, *Estudos da Cultura Clássica*, 5<sup>a</sup>ed., Lisboa, ed.FCG, 1980, vol. II.
- Saldanha, M. J. Gabriel, *História de Goa*, Nova Goa, 1926, vol.II.  
Secretaria da Indústria e do Comércio, *Inventário de Protecção do Acervo Cultural da Bahia (Monumentos e Sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina)*, Salvador, 1980 .
- Saletore, R. N., *Vijayanagara Art*, Bombay, AES, 1981.
- Sardo, Susana, "Goa: Sons e Silêncios" in *Oceanos*, nº 19-20, Lisboa, 1994.
- Soeiro de Brito, Raquel, *Goa e as Praças do Norte*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1966.
- Sonnerat, A., *Voyages*, Paris, 1782, vol.I.
- Sousa, Teotónio R. de, *Goa - Roteiro Histórico Cultural*, Lisboa, ed. Grupo de Trabalho do M.E. para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1996.
- Tavernier, J. Baptiste, *Travels in India*, New Delhi, Munshiran Manoharlal pub., 1995.
- Thomaz, Luis Filipe, "Goa uma sociedade luso-indiana" in *De Ceuta a Timor*, Lisboa, ed. Difel, 1994
- Varthema, Ludovico de, *Itinerário*,(trad. de V. Spinelli), Lisboa, s.d.
- Viñuales, Julian e Martinez, Juan Maria (dirs), *Atlas Culturales del Mundo: El Mundo Islámico*, Madrid, ed. Folio e del Prado, 1992, vol.III.
- Walker, Aidan, *Identifying wood - The New Compact Study Guide and Identifier*, London, Apple Press, 1997.
- Xavier, P. D., *Goa - A Social History (1510-1640)*, s.l., Prabhakar Bhide, 1993.

## ÍNDICE DE FIGURAS

- (1) *in* Raquel Soeiro de Brito, op. cit.
- (2) *in* Oliveira Boléo, op. cit.
- (3) *in* G. Crowther et al., op. cit.
- (4) *in* Raquel Soeiro de Brito, op. cit.
- (5) *in* Raquel Soeiro de Brito, op. cit.
- (6) *in* Georges Duby, op. cit.
- (7) *in* Georges Duby, op. cit.
- (8) *in* Georges Duby, op. cit.
- (9) *in* Georges Duby, op. cit.
- (10) *in* Georges Duby, op. cit.
- (11) *in* John Fryer, op. cit., vol. I.
- (12) *in* Merle Severy, “Três Homens em Goa”, *Oceanos*, nº.19/20, Lisboa, Set. -Dez., 1994.
- (13) *in* Victor Luís Gaspar Rodrigues, “As Companhias de Ordenança no estado Português da Índia 1510-1580 -ensaios de criação do insucesso”, *Oceanos*, nº.19/20, Lisboa, Set. -Dez., 1994.
- (14) *in* Manuel Filipe Canaveira, “Goa Dourada”, *Oceanos*, nº.19/20, Lisboa, Set. -Dez., 1994.
- (15) *in* Maria de Jesus dos Mártires Lopes, op. cit.
- (16) *in* Lopes Mendes, A Índia Portuguesa, Lisboa, ed. Fundação Oriente (facsimilada da ed. de 1886), 1992, vol. I.
- (17) *in* David Abram, op. cit.
- (18) *in* Carlos Alexandre Morais, op. cit.
- (19) -adaptação do autor.
- (20) -autores identificados.
- (21) -idem.
- (22) -idem.
- (23) -idem.
- (24) *in* Marianne Barricand, Achim Bednorz, op. cit.
- (25) *in* Secretaria da Indústria e do Comércio, op. cit.
- (26) *in* G. Crowther et al., op. cit.
- (27) *in* Lopes Mendes, op. cit., vol.I.
- (28) adaptação do autor.
- (29) *in* D. Muralidhar Rao, op. cit.
- (30) adaptação do autor.
- (31) *in* D. Muralidhar Rao, op. cit.
- (32) *in* D. Muralidhar Rao, op. cit.
- (33) adaptação do autor.
- (34) arquivo do autor.
- (35) idem.
- (36) idem.
- (37) idem.
- (38) idem.
- (39) idem.
- (40) idem.
- (41) idem.
- (42) adaptação do autor.

- (43) *in* Helder Carita, op. cit.  
(44) a (75) arquivo do autor.  
(76) *in* Oliveira Boléo, op. cit.  
(77) *idem*.  
(78) adaptação do autor.  
(79) *in* Lopes Mendes, op. cit.  
(80) *in* Percy Brown, op. cit.  
(81) *in* Lopes Mendes, op. cit.  
(82) *idem*.  
(83) *in* Sanjay Subrahmanyam, “O Gentio Indiano visto pelos Portugueses no séc. XVI”,  
*Oceanos*, n.º.19/20, Lisboa, Set. -Dez.,1994.